AGOSTINHO DE JESUS DOMINGUES

OS CLÁSSICOS LATINOS NAS ANTOLOGIAS ESCOLARES DOS JESUÍTAS NOS PRIMEIROS CICLOS DE ESTUDOS PÓS-ELEMENTARES NO SÉCULO XVI EM PORTUGAL

PORTO, 2002

AGOSTINHO DE JESUS DOMINGUES

OS CLÁSSICOS LATINOS NAS ANTOLOGIAS ESCOLARES DOS JESUÍTAS NOS PRIMEIROS CICLOS DE ESTUDOS PÓS-ELEMENTARES NO SÉCULO XVI EM PORTUGAL

Dissertação para Doutoramento em História Moderna, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Orientador de tese: Professor Doutor Francisco Ribeiro da Silva

Porto, 2002

Índice

I Parte - Os textos antologizados

Introdução 7

Capítulo I - Poesia

Ovídio 16

A . Metamorfoses, 16; B. *Heroides,* 41; C. *Amores, 61*;
D. *Ars Amatoria* e *Remedia Amoris*, 85; E. *Fasti,* 103;
F. *Tristia* e *Ex Ponto,* 112

Tibulo 128

Propércio 141

Estácio 147

Juvenal 151

Marcial 154

Capítulo II - Epistolografia, Oratória e Ensaísmo

Cícero 168

A . *Cartas*, 170; B. *Discursos*, 179; C. Ensaios filosóficos, 195

Plínio-o-Jovem 177

Capítulo III - Dramaturgia

Introdução 203

Plauto 204

Aulularia, 206; Captivi, 211; Stichus, 212; Trinummus, 216

Terêncio 225

I - Extractos de três peças 225

Ândria, 225; Eunuco, 228; O Castigador de si mesmo, 233;

II - Prólogos 238

Séneca 242

Tiestes, 242; Troianas, 245; Hércules Furioso, 249; Medeia, 251

Capítulo IV - Historiografia

Tito Lívio 256

Salústio 268

Quinto Cúrcio 272

Floro 274

Capítulo V - Ciências Naturais

Plínio-o-Velho 280

II Parte - Os textos em contexto

Introdução 287

Capítulo I - A Companhia de Jesus e o Ensino 290

1. O "julgamento" do ensino da Companhia e a campanha anti-jesuíta 290
2. Das "Constituições" da Ordem ao *Ratio*: objectivos, métodos e conteúdos 294

Capítulo II - Sociedade e cultura no século XVI português 306

1. O estado cultural da nação: a experiência dos marinheiros e o saber escolar; espírito crítico e erasmismo; algumas personalidades relevantes da cultura portuguesa do tempo 306
2. Reforma e Contra-Reforma 321

Capítulo III - Autores latinos clássicos e géneros literários no ensino "secundário" dos Jesuítas 337

A) **Os manuais escolares**

1. Os manuais escolares e o sentido da selecção de autores e textos 337
2. Orientações contidas em prefácios, num posfácio e em outras anotações 340

B) **Géneros literários e autores escolhidos** 352

I - **Os géneros e os autores** 357

1. Poesia: Ovídio 357; Tibulo 365; Propércio 367; Estácio 368; Juvenal 368; Marcial 369
2. Epistolografia, Ensaio e Oratória: Cícero 370; Plínio-o-Jovem, 373
3. Teatro: Plauto 376; Terêncio 379; Séneca 380
4. Historiografia: Tito Lívio 382; Salústio 384; Cúrcio 385 ; Floro 385
5. Ciências da Natureza - Plínio-o-Velho 386

II - **Temas e *exempla* nos clássicos latinos** 390

1. Competitividade e emulação: do *Ratio* aos extractos *das sylvae* 391
2. Sexualidade 406
3. Outros temas e "lições" 421

Conclusão 440

Bibliografia 447

Anexos 462

I parte: Os textos antologizados

Introdução

É unanimemente reconhecida a importância para a língua portuguesa do contacto directo, por parte das elites intelectuais da Nação, com os textos clássicos latinos a partir do século XV. Ninguém ignora o alcance dos esforços dos eruditos da "Ínclita Geração", como D. Duarte e D. Pedro, que abriram caminho ao enriquecimento da nossa língua graças ao retorno aos melhores modelos da língua-mãe.

Criada a consciência da necessidade de aprofundar o estudo dos autores e dos textos clássicos, particularmente o dos latinos, não hesitaram os monarcas portugueses em chamar ao País bons latinistas estrangeiros, ao mesmo tempo que concediam bolsas a estudantes portugueses que se mostrassem aptos para a frequência de universidades europeias prestigiadas. De D. Afonso V a D. João III há uma progressiva intensificação da renovação literária e cultural, pelo reforço e expansão da latinidade. A língua portuguesa é a primeira beneficiária da reaproximação ao latim clássico. O resultado imediato, como prova insofismável, é o nível da língua nacional alcançado no tempo de Camões e evidenciado na sua obra, particularmente na poesia.

Mas as vantagens do renascimento literário em Portugal, por via de uma maior familiaridade com autores e textos clássicos latinos, não se fizeram sentir apenas na nossa língua. Inerentes à própria língua do Lácio ou de forma autónoma, os valores da civilização greco-romana iam-se paulatinamente insinuando na *inteligentzia* portuguesa, em boa harmonia ou em conflito, tácito ou declarado, com os valores cristãos tradicionais[1].

A polémica religiosa suscitada por Martinho Lutero, no início do século XVI, ao mesmo tempo que reforçou os estudos filológicos e o consequente interesse pelos textos, provocou na Igreja de Roma uma maior vigilância e precaução relativamente a valores e ideias exógenos do Catolicismo. Uma severa disciplina do pensamento seria então estabelecida pelo Concílio de Trento, que reuniu entre 1545 e 1563[2].

Em plena vigência do Concílio tridentino, a Companhia de Jesus, recém-criada, toma conta do "ensino secundário" oficial em Portugal. Que lugar ocuparam os clássicos

---

1 No Renascimento, o Latim era a língua oficial dos Humanistas. Por isso, o Latim estudava-se por interesse directo em dominar a língua de Cícero. Mas uma língua é sempre veículo duma cultura. E, no caso do Latim, a cultura veiculada era não só a cultura romana mas ainda muita da cultura grega assimilada pelos Romanos.

2 Um ensaísta insuspeito como é Jorge de Sena considera relativamente flexível a ortodoxia católica portuguesa anterior ao Concílio de Trento: "(...) até ao Concílio de Trento (...) não há absoluta rigidez dogmática, canónica e disciplinar da Igreja católica (ao contrário do que a historiografia «oficial» faz crer mesmo aos que não acreditam nela" Ver Sena, 1977)

latinos[3] nos estudos dos Jesuítas nessa segunda metade do século XVI? O prestígio das Humanidades alcançado nos reinados de D. Manuel I (m. 1521) e de D. João III (m. 1557) sofre declínio? Ou apenas se assiste, com os Jesuítas, a uma reorientação dos estudos dos autores latinos?

O Prof. Sebastião da Silva Dias aflora essas questões, tendo estudado em profundidade o tempo de D. João III, como a seu tempo porei em evidência. Mas em vida do Piedoso o ensino dos Jesuítas estava nos seus primórdios. Apesar disso, o catedrático de Coimbra avança algumas conclusões. Por outro lado, Silva Dias não fez o estudo das antologias jesuíticas adoptadas no ensino. Importa dar-lhes agora o devido relevo. Assim, procurarei responder às questões atrás formuladas a partir de dois tipos de textos: as orientações teóricas relativas aos estudos clássicos latinos contidas na IV Parte das «Constituições» da Companhia de Jesus e no "Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu"[4]; as antologias de autores latinos organizadas e/ou adoptadas pelos Jesuítas.

As antologias serão objecto de análise na I Parte do trabalho. Começo desde já por esclarecer de que antologias se trata, o que se traduz na explicitação do *corpus* documental que foi objecto da minha investigação específica.

São selectas de textos latinos clássicos usadas nas aulas dos docentes da Companhia de Jesus, designadas umas pelo termo latino *sylva*[5] e organizadas pelo jesuíta Cosme de Magalhães, e outras sem designação específica mas que são verdadeiras antologias adoptadas pelos docentes jesuítas e organizadas, na sua maioria, "sob a égide da própria

---

3 Aplico aqui o conceito de "clássico" a todos os autores romanos não cristãos tomados como modelos de latinidade, assim agrupando autores que, em linhas gerais, vão do século segundo antes de Cristo ao segundo depois de Cristo. No fundo, adopto a abrangência de Aulo Gélio (séc. II d.C.), citado pelo Prof. Aguiar e Silva: "Aulo Gélio entende por escritor clássico aquele que, devido sobretudo à correcção da sua linguagem, pode ser tomado como modelo" (Cf. Silva, 1988, p. 505).

4 Em Portugal está mais generalizado o género masculino do que o feminino na designação do célebre método jesuíta. O masculino justifica-se pela preferência em sublinhar o conceito de "método ou sistema" em vez do género feminino da palavra "ratio". Os Jesuítas, a começar por historiadores da Ordem, como o português Francisco Rodrigues e o francês François de Dainville, adoptam normalmente o género masculino. O mesmo critério de opção pelo sentido da expressão em detrimento do género da palavra inicial segue o Prof. Joaquim Ferreira Gomes. O consagrado biógrafo do Padre António Vieira, Lúcio de Azevedo, citado por Hernâni Cidade, escreve "a Ratio" (Cf. Cidade, 1985, p. 11). O género feminino é ainda o adoptado na recente edição francesa do *Ratio Studiorum* das Éditions Bélin, assim se pronunciando os seus autores quanto à opção feita: "On peut admettre l'emploi du masculin pour désigner le livre qui porte ce titre, et certains ouvrages ont retenu cet usage. Nous avons adopté le féminin puisque le terme latin *ratio* est un féminin (Cf. Ratio Studiorum, 1997, p. 12).

Fiel ao princípio de que a língua é um organismo vivo de sujeitos falantes, em permanente evolução, e defendendo que a norma linguística emana da autoridade da classe média culta dum povo esclarecido, empregarei, ao longo do meu texto, o artigo masculino aplicado a "Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu".

5 Segundo o dicionário etimológico de Ernout e Meillet, a forma com *y* concorreria com a forma com *i*, sendo as duas de origem itálica. A primeira terá resultado, segundo esses autores, de influência grega. O

Companhia de Jesus", como afirma Rómulo de Carvalho. Os textos e autores escolhidos já vinham sendo adoptados antes das respectivas publicações[6].

Passo a referenciá-las a partir dos frontispícios das respectivas edições quinhentistas, de que apresento fotocópias na secção "Anexos":

- Sylvae variorum autorum, qui inferioribus classibus idonei sunt, tomus secundus. Lisboa, 1593 (Anexo A). Contém poemas das "Metamorfoses", das "Heróides", dos "Amores", da "Arte de Amar" e dos "Remédios do Amor" de Ovídio; extractos da "Ândria", do "Eunuco" e do "Heautontimorúmenos" de Terêncio; extractos dos "Cativos" e do "Estico" de Plauto; e poemas de Tibulo e de Propércio.

- Ovidii Nasonis, Fastorum lib. VI, Tristium lib. V, De Ponto lib. IIII. Lisboa, 1575 (Anexo B). Contempla a parte restante da obra de Ovídio.

- Sylvae illustrium autorum, qui ad usum collegiorum Societatis Jesu selecti sunt, volumen primum. Lisboa, 1588 (Anexo C). Contém 23 "Sentenças" de Ovídio, destinadas à memorização dos jovens estudantes. Segue-se de imediato (na mesma encadernação dos Reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa sob o nº 3070 P.) o título "Sylvae diversorum autorum solutae orationis, qui ad usum inferiorum classium selecti sunt liber primus", contendo vários discursos de Cícero, seguidos dum "liber tertius in quo continentur nonnulla opuscula ex philosophia Cic. et diversis historiarum autoribus collecta, quae mediis classibus inservire possunt". São textos das "Tusculanas" de Cícero, do "Da Conjuração de Catilina" de Salústio, e um texto atribuído a Quinto Cúrcio. A este volume (dos Reservados 3070 P) segue-se um segundo volume, atrás mencionado (Anexo A). Os extractos das "Tusculanas" de Cìcero constam ainda das edições de 1593 e 1595, ambas com monograma da Companhia de Jesus, com encadernação danificada.

- M. Val. Martialis Epigrammaton selectorum lib. XIIII. Coimbra, 1569 (Anexo D).

- Epistolarum selectarum Ciceronis libri 3. Lisboa, 1566 (Anexo E).

- M. Accii Plauti comoediae quatuor: Aulularia, Captivi duo, Stichus, Trinummus. Coimbra, 1568 (Anexo F).

- L. Annei Senecae Cordubensis tragoediae duae. Coimbra, 1559 (Anexo G). São as tragédias "Tiestes" e "As Troianas".

- L. Annei Senecae Cordubensis tragoediae duae: Hercules Furens et Medea. Coimbra, 1560 (Anexo H).

---

termo, designativo de antologia, vem sempre escrito com *y*, assim se distinguindo do vocábulo designativo do subgénero poético *silva* (Ver Ernout, 1959).

[6] Ver Carvalho, 1986, pp. 338-339.

- L. Flori De Gestis Romanorum libri IIII. Coimbra, 1576 (Anexo I).

- Sylva diversorum autorum, qui ad usum scholarum selecti sunt. Lisboa, 1587 (Anexo J). Contém textos da "História Natural" de Plínio, da "História Romana" de Tito Lívio e dos "Paradoxos" de Cícero; as peças " As Troianas" de Séneca e a "Aululária" de Plauto; os "Prólogos" das várias peças de Terêncio; uma sátira de Juvenal e duas silvas de Estácio.

- T. Livii Patavini Historiarum ab Urbe condita decadae primae liber primus. Lisboa, 1593. É uma edição com monograma da Companhia de Jesus, de cujo frontispício não pude obter fotocópia em tempo útil. Ao contrário do que o título indica, contém os livros 1, 21 e 40 da "História Romana" de Tito Lívio, e não apenas o livro I.

Há um notório desequilíbrio entre o número de páginas que consagro à Poesia (cap. I) e aos restantes géneros abordados. Diversas são as ordens de razões. Por um lado, não só é maior o número de poetas antologizados (seis), como ainda um deles - Ovídio - é de todos os escritores clássicos antologizados o mais representado nas antologias. Por outro lado, a poesia prestava-se bem ao aproveitamento de "lições" para a vida. Acresce ainda uma razão maior: foi minha preocupação dominante desvendar, na medida do possível, o tipo de extractos e temas abordados na sua directa relação com o originais. Quando se trata de obras transcritas na íntegra, isto é, sem mutilações, quase bastaria indicar a selecção feita. Os cortes, as omissões, as manipulações de textos, praticados pelos organizadores das antologias, são da maior importância para avaliar o peso da censura em geral. Esta quase não tem lugar na Historiografia e nas Ciências Naturais, razão que em parte explica a menor atenção prestada a esses géneros.

Numa II Parte, abordo o contexto epocal, incluindo as orientações da Companhia de Jesus para o ensino. Tento dar aí o devido relevo à época directamente focada - a segunda metade do século XVI - sem a desligar do conjunto do século. Por sua vez, para os autores latinos e os géneros literários das obras e extractos antologizados igualmente se procura o necessário enquadramento temporal. Daí que diversas épocas se sobreponham neste trabalho:

- O século XVI, com a segunda metade do século em plano principal:

- O tempo dos autores romanos antologizados: c. 200 a.C. a 150 d. C;

- O tempo do investigador, cujos horizontes de valores interferem na análise do passado[7].

---

[7] Na introdução à II Parte assumo o subjectivismo e a não neutralidade da minha própria investigação e dos juízos de valor.

Cabe aqui uma palavra sobre a génese deste trabalho. O seu ponto de partida está na obra de Rómulo de Carvalho "História do Ensino em Portugal". Leitor entusiasta da poesia de António Gedeão, quis o Destino ou a Providência que viesse a encontrar no autor empírico de "Pedra Filosofal" a inspiração para uma tese de doutoramento. Nele recolhi a informação da existência de edições quinhentistas de várias antologias de textos clássicos latinos[8].

Tendo feito os meus estudos básicos do secundário durante seis anos nos seminários dos Jesuítas, à curiosidade científica juntava-se-me, no outono da vida, a curiosidade pessoal em confrontar o ensino dos Jesuítas nos anos 50 do século XX com as orientações seguidas quatro séculos antes. De alguma forma, tratou-se para mim dum certo regresso às origens da minha formação intelectual. Mesmo na pesquisa mais objectiva do saber constantemente nos redescobrimos a nós próprios, mais que não seja pelo facto de tudo passar pelas lentes pessoais do pesquisador.

Pretendo mostrar o lugar reservado pelos Jesuítas do século XVI ao estudo dos autores clássicos latinos, nos colégios sob orientação da Companhia de Jesus. O meu estudo teve de incidir essencialmente em três domínios: a época, nas suas coordenadas sócio-culturais; os textos da Companhia relativos ao ensino, e os prefácios e posfácios das antologias; os extractos antologizados, bem como as obras completas.

Embora se trate duma dissertação no âmbito da História Moderna, importa averiguar da fidelidade dos antologizadores aos originais romanos, matéria que pertence ao domínio da filologia. Impôs-se, por isso, o confronto dos textos das antologias com os respectivos originais. Hoje dispomos de edições científicas rigorosas. Pela confiança que merecem e pela sua relativa acessibilidade, as edições francesas da colecção das *Belles Lettres* constituíram o meu principal apoio para o cotejo com os textos das antologias e para a tradução de passagens por mim seleccionadas. A minha tradução, de que assumo inteira responsabilidade, é feita directamente do latim, tendo presente a interpretação do tradutor da respectiva edição consultada, sempre devidamente mencionada. Procuro uma tradução que, respeitando, na medida do possível, a índole do latim e do português actual, permita a conhecedores básicos da língua latina ajuizar do rigor da versão. Essa a razão de ter tentado, por princípio, encontrar um meio termo entre a tradução literal e a tradução

---

[8] Na secção B) da Bibliografia vão devidamente assinaladas as diversas "sylvae", bem como obras completas de autores romanos editadas com o monograma da Companhia de Jesus. Pude consultá-las nos *Reservados* da Biblioteca Nacional de Lisboa, excepto duas tragédias de Séneca, que analisei na Biblioteca de Évora. Os catálogos de Joaquim Anselmo (1926) e a sua actualização por Alzira Simões (Ver *Catálogos*,

literária, sendo esta última a adoptada normalmente nas edições das *Belles Lettres*. No caso dos prefácios e posfácios das antologias, desconheço qualquer tradução dos mesmos, sendo, portanto, as respectivas traduções da minha exclusiva responsabilidade.

Como se sabe, as letras *j* e *v*[9] só foram introduzidas no século XVI. Por isso, a sua extensão aos textos latinos clássicos sempre enferma de anacronismo, embora as chamadas pronúncias tradicionais ou nacionais delas tenham feito uso por razões didáctico-pedagógicas. Os filólogos, fiéis à pronúncia restaurada, que tem por modelo o período áureo da literatura latina - o século I a. de C. - adoptam sempre as semivogais *i* e *u*. Os antologizadores jesuítas oscilam entre os dois critérios, mas, dum modo geral, respeitam as semivogais nos textos tirados dos originais, e preferem as consoantes nos textos seus - anotações, sumários, prefácios e posfácios. Daí o meu critério na adopção das semivogais e das letras ramistas: *i* e *u* nos textos latinos originais, *j* e *v* nos textos dos Jesuítas. Assim como seria incorrecto colocar o significante *juventus* na pena de Cícero, provavelmente um Jesuíta do séc. XVI, nos seus textos correntes em latim, escreveria *juventus*, de acordo com a pronúncia tradicional portuguesa, como parece demonstrar a ortografia adoptada.

A leitura de tantos textos latinos - quer os dos autores romanos quer os dos antologizadores - só foi possível graças à preparação académica que recebi no âmbito da licenciatura em Filologia Românica, complementada com as disciplinas de opção de Latim III e Literatura Latina I e II da Faculdade de Letras de Coimbra. Quero aqui expressar a minha homenagem e reconhecimento aos excelentes professores coimbrãos das humanidades clássicas, na década de sessenta, com merecido destaque, no respeitante à língua latina, para o insigne latinista e pedagogo Prof. Doutor Walter de Medeiros.

Cinco anos de investigação, de estudo e de reflexão vão materializados no texto escrito de várias centenas de páginas. Valeu a pena? Sem imodéstia ou vanglória, sinceramente penso que o meu trabalho pode prestar algum apoio a novos estudiosos, tanto na área dos estudos latinos como na da história da educação. De qualquer forma, sempre é de História que se trata. (E de Filologia também). Alguns dirão, com maior ou menor intenção depreciativa, que tudo isto é "erudição". Os tempos de hoje estão mais voltados para matérias contemporâneas, que favorecem mais a criatividade, ao passo que os

---

1990) prestaram-me as informações complementares. Em "Anexos" junto fotocópias do rosto das antologias jesuíticas utilizadas no meu trabalho.

[9] Chamadas "letras ramistas", por se deverem ao humanista francês Petrus Ramus ou Pierre de la Ramée (1515-1572).

historiadores do passado não podem evitar a repetição e a citação[10]. O cineasta João Botelho, em recente entrevista, refere-se à felicidade que dá a leitura dum texto clássico[11]. É remar um pouco contra a maré embrenhar-se em épocas recuadas. Mas é aí que mergulham as raízes da Modernidade. Por isso, confiro relevo à cultura clássica. Mais do que colher lições para o nosso tempo e para a construção do futuro, a leitura dos clássicos permite avaliar quão velhos, ou antes, quão intemporais são muitas das reflexões dos nossos antepassados. A essa luz terão de ser lidas as notas de rodapé que apontam para o cotejo de várias épocas. Não escondo que, em muitos casos, alimento o propósito de fornecer sugestões para outras pesquisas no âmbito da intertextualidade. Nem se estranhem, em particular, as referências a textos bíblicos, sobretudo neotestamentários. Embora desprovido de conhecimentos especializados de exegese escriturística, tenho o maior interesse pela relação da cultura cristã com a cultura greco-romana, tão presente nos pensadores cristãos desde os primórdios do Cristianismo. Daí as referências nomeadamente a posições doutrinárias do Concílio Vaticano II. A divulgação do pensamento de autores romanos, como Plauto, Terêncio, Cícero, Séneca e outros - pensamento não raro coincidente com princípios eclesiais só aceites no concílio convocado por João XXIII - poderá contribuir para ajudar a eliminar resquícios de fundamentalismo só com o Concílio Vaticano II oficialmente rejeitados. Confio que este meu trabalho fornecerá modestos materiais para o combate contra a estreiteza ideológica e a intolerância religiosa, contribuindo para as novas "luzes" do espírito humano a que os progressos da Ciência e do Humanismo cristão e laico abrem horizontes de esperança.

Agradecimentos

Quero deixar aqui bem expressa toda a minha gratidão ao Senhor Prof. Doutor Ribeiro da Silva, orientador da presente dissertação. Quando se escolhe um orientador de tese, contamos com o especialista em determinada matéria, vamos à procura duma mão segura que ajude a apontar os caminhos certos e a desviar dos percursos falaciosos. Tudo isso me foi facultado na pessoa de Francisco Ribeiro da Silva. Sendo isso o que é normal encontrar-se, apraz-me realçar sobretudo o muito que veio por acréscimo. Nele deparei

10 Assumo conscientemente o risco de ser acusado de excesso de citações. Talvez seja uma forma extremista de reagir a certa tendência moderna de apropriação abusiva do pensamento alheio sem o devido cuidado de enunciar as fontes. Prefiro a atitude escrupulosa, que aprendi com o mestre coimbrão Prof. Paiva Boléo.

com total disponibilidade, abertura de espírito, empatia, comunhão humana - e ainda uma mundividência humana e cristã muito próxima da minha. Foi um privilégio ímpar o nosso encontro. As entrevistas foram sempre conversas intelectuais humanizadas, em que as matérias históricas passavam pela fieira de muitas das nossas próprias vivências.

O Senhor Professor Ribeiro da Silva foi-me sugerido e aconselhado como orientador de tese pelo meu antigo mestre de História da Educação na Faculdade de Letras de Coimbra, o Senhor Prof. Joaquim Ferreira Gomes, a quem dirijo a segunda palavra de agradecimento. Procurei-o para saber se o tema que havia descoberto em Rómulo de Carvalho estava por investigar, e se justificava uma dissertação de doutoramento. Ferreira Gomes não se limitou a responder afirmativamente , mas ainda enalteceu o interesse do assunto. Indo mais longe, espontaneamente me aconselhou como pessoa de sua inteira confiança científica o Senhor Prof. Ribeiro da Silva. Compreende-se, assim, a minha dívida de gratidão para com o ilustre catedrático jubilado da Universidade de Coimbra.

A todos quantos me ajudaram, com generosas palavras de estímulo ou com apoios directos, quero deixar aqui o meu testemunho de gratidão, na impossibilidade de pessoalmente os nomear. Desejo mencionar expressamente o contributo recebido da biblioteca da Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica. Biblioteca muito bem apetrechada, graças ao esforço de várias gerações de Jesuítas, proporcionou-me a consulta de boa parte das obras especializadas.

---

[11] "As pessoas poderão ser mais felizes se lerem um texto clássico, se não perderem as suas raízes, a sua memória, a sua formação" (João Botelho, em entrevista ao «Expresso-Revista» de 17 Nov. 2001, p. 70).

Capítulo I: Poesia[12]

Ovídio, Tibulo, Propércio, Estácio, Juvenal e Marcial

[12] Horácio e Virgílio - os dois maiores poetas da latinidade clássica - não constam das antologias jesuíticas do século XVI. Isso não significa que os dois autores não fossem objecto de estudo nos colégios dos Jesuítas. Com efeito, vêm expressamente mencionados no currículo do *Ratio Studiorum*, mais concretamente, as *Éclogas de Virgílio* ao nível do curso de gramática superior, e *Odes* ("selectas") de Horácio no curso de humanidades. Pergunta-se: porque não aparecem então textos de Horácio e de Virgílio nas *Sylvae* ? Avanço uma explicação: tratando-se de autores sempre presentes nos estudos da época, não faltariam boas edições a que sempre podiam recorrer os docentes dos colégios da Companhia.

Ovídio

A. As Metamorfoses

Os textos seleccionados das Metamorfoses de Ovídio constam do segundo tomo da "Sylvae variorum autorum qui inferioribus classibus idonei sunt tomus secundus", edição de 1593, que inclui ainda extractos das seguintes obras de Ovídio ou a ele atribuídas: De Nuce (hoje não considerada da autoria de Ovidio[13]) e Philomela ("Elegia incerti autoris"). Para a tradução de extractos por mim seleccionados oriento-me pela edição das Belles Lettres[14].

1. Advertências "ad lectorem"

O antologista, num prefácio em latim[15], invoca a autoridade de Platão para justificar a selecção - e censura, diríamos nós - de poemas de Ovídio e de textos de outros autores:

> [...] Plato [...] admonuit ne fabulae quae adolescentibus traderentur legendae aliquid vitii continerent, quod in mores redundare posset. ([...] *advertiu Platão que os textos[16] dados a ler aos jovens não deveriam conter vícios susceptíveis de afectar os [bons] costumes).*

E logo explica os objectivos da antologia:

> *Non minus ad commoditatem librorum, quam ad mores tenerae aetatis exemplo antiquae virtutis, pie et caste informandos instituta est. (Foi elaborada com os olhos postos tanto na utilidade das obras [escolhidas], como na piedosa e casta formação dos [bons] costumes da tenra idade, através do exemplo da virtude antiga).*

Daí decorre o critério da selecção dos poemas:

> [...] ea potissimum carmina [...], quae non eruditioni et latinitati prodessent solum, sed vitae

---

13 Ver Marmorale, 1974, I, p. 259). Paratore limita-se à dúvida: "Sotto il suo nome alcuni manuscritti hanno tramandato il carme elegiaco nux [...]" (1962, p. 500).

14 Ver Bib. B) Ovide, 1980.

15 Dado o interesse do prefácio, reproduzo-o integralmente na 2ª parte, traduzindo-o e comentando-o. Aqui ficam apenas as passagens julgadas necessárias à selecção operada pelos antologistas na obra de Ovídio. A seguir ao prefácio vem a 15ª elegia do livro I dos *Amores*.

etiam puritati aliquam afferre possent accessionem. *([...] sobretudo aqueles poemas que não apenas se impusessem pelo seu carácter instrutivo e pela pureza da latinidade, mas também pudessem proporcionar algum acréscimo à pureza da vida).*

Reconhecendo a dificuldade da tarefa, propõe-se o autor conciliar objectivos da fruição da beleza das obras com o propósito da formação dos educandos. Os professores poderão assim levar até aos alunos poetas de refinada poesia (poetas elegantissimos) mas expurgados de qualquer impureza (detersa omni impuritate). Por sua vez, os instruendos, ávidos de uma literatura mais culta (cultioris literaturae avidi), são convidados a fundir numa só a pureza da linguagem e a pureza dos costumes (ut [...] cum puritate sermonis morum copulent puritatem.).

E o mesmo propósito de conciliar a utilidade das obras com os bons costumes é reiterado à cabeça dos extractos de Ovídio, imediatamente antes da apresentação dos textos das Metamorfoses:

In quem [*librum primum sylvae*] ex ovidianis carminibus ea potissimum contulimus, quae et scholis prosint et moribus non obsint. (*Dos poemas de Ovídio recolhemos particularmente aqueles que possam ser úteis ao exercício escolar, sem atentarem contra os [bons] costumes)*

Para mostrar até que ponto os leitores se poderão deleitar com a beleza de poemas de bons poetas, a advertência "Ad lectorem" conclui pela transcrição da 15ª elegia do Livro I dos Amores de Ovídio[17].

A 15ª elegia dos Amores foi uma boa escolha para motivar a leitura de Ovídio, já que fornece dados interessantes da biografia do poeta (recusa da carreira das armas e da advocacia e dedicação total à poesia), ao mesmo tempo que faz a apologia da arte e da imortalidade da fama, oferecida pela mesma arte:

---

16 Traduzo o original *fabulae* por "textos", já que a palavra latina aponta para "narrativas", comuns à poesia épico-lírica (Ovídio) e dramática (Plauto e Terêncio).

17 Dos 42 versos do original faltam os versos 17-18 e 29-30, omitidos certamente pela referência á mulher celebrada pelo poeta Galo. O primeiro dos dísticos é uma homenagem a Menandro; o segundo celebra o poeta Cornélio Galo e sua amada, uma escrava liberta. Eis os versos em falta na antologia:

Dum falax seruus, durus pater, improba lena/ Viuent, dum meretrix blanda, Menandrus erit. / Gallus et Hesperiis et Gallus notus Eois, / Et sua cum Gallo nota Lycoris erit. (*Enquanto houver escravo manhoso, pai severo, alcoviteira desonesta, meiga meretriz, Menandro permanecerá. Enquanto Galo for conhecido dos habitantes da Hispânia e do Oriente, também conhecida será a sua Licóride).*

Ergo etiam cum me supremus adusterit ignis / Vivam, parsque mei magna superstes erit (*Quando, pois, a derradeira chama me tiver consumido, continuarei vivo: sobreviverei em grande parte de mim mesmo).*

2. **Os poemas das Metamorfoses: selecção e cortes**

O texto das Metamorfoses vem antecedido do seguinte título destacado em maiúsculas: "Descriptiones aliquot" da restante epígrafe em caracteres minúsculos: "ex Ovidii libris Metamorphoseon selectae" (*Algumas descrições escolhidas nos livros das Metamorfoses de Ovídio).*

Parece-me importante dar o devido relevo a essa anotação: trata-se, a meu ver, de privilegiar nas Metamorfoses os textos de carácter descritivo. Da formação retórica dos alunos fazia parte o desenvolvimento das capacidades de observação e de descrição, imprescindíveis na formação do bom orador. Integra-se essa preocupação nos propósitos que presidiram, no espírito de Inácio de Loyola, à criação da própria Companhia de Jesus, como procurarei demonstrar na II Parte.

Ainda a anteceder os versos de Ovídio vem um segundo título: " EX LIBRO PRIMO DESCRIPTIO [assim, em caracteres maiúsculos] nascentis mundi, juxta opinionem quorundam philosophorum". A criação do mundo, no poema de Ovídio, é desta forma interpretada como "opinião de alguns filósofos", e não como mera ficção ou visão poética e mítica das origens.

Para confronto dos poemas da *sylva* jesuítica com o texto original das Metamorfoses, sigo as edições das "Belles Lettres" (Paris) e do "Consejo Superior de Investigationes Científicas" (Madrid), citadas na bibliografia. Não faço referência às diferenças de textos entre a *sylva* e os originais, quando se trata apenas de divergências resultantes de diferentes manuscritos, devidamente assinalados nas edições das *Belles Lettres*, salvo quando me parece haver interesse em assinalar o contraste.

2.1. Do Livro I

2.1.1. Os textos seleccionados

Do Livro I são transcritos na íntegra os primeiros 451 versos do total de 779. É o mito das origens do mundo e do aparecimento dos seres vivos, à base de sucessivas metamorfoses. Eis os primeiros versos:

> In noua fert animus mutatas dicere formas / Corpora[18]. Dii, coeptis (nam uos mutastis et illas) / Adspirate meis: primaque ab origine mundi / Ad mea perpetuum deducite tempora carmen. (*É meu propósito contar as metamorfoses dos corpos em novos corpos. Ó deuses (já que essas mudanças também a vós se devem), favorecei a minha empresa e conduzi sem interrupção este poema, desde os primórdios do mundo até ao meu tempo).*

Um deus cria o mundo, pondo termo ao conflito entre os elementos - v. 21:

> Hanc deus et melior natura diremit[19] (*Um deus e uma natureza mais perfeita terminaram com esta luta).*

A descrição das quatro idades mereceu uma epígrafe, com a primeira parte em caracteres maiúsculos: *EX EODEM LIB. DESCRIPTIO aetatum mundi* (*Do mesmo livro, a descrição das idades do mundo*).

O texto da *sylva* é fiel ao original - vv. 89-90:

> Aurea prima sata est aetas, quae uindice nullo / Sponte sua sine lege fidem rectumque colebat. (*Surgiu primeiro a idade do ouro, a qual, sem qualquer repressão, espontaneamente, sem leis, guardava a lealdade e praticava o bem).*

---

[18] O antologista (ou o editor) não respeitou, nos primeiros quatro versos, a autonomia de cada verso, tendo-os disposto como se de prosa se tratasse. Só a partir do 5º verso se cumpre a norma de um verso por linha, excepto quando, pela sua extensão, tem de continuar na linha seguinte.

Forneço o texto da *sylva*, incluindo a pontuação sempre que é aceitável, mas respeito a autonomia de cada hexâmetro.

[19] Às iniciais maiúsculas da *sylva* correspondem, em edições modernas, minúsculas em deus e natura. Pretenderia o antologista levar o leitor a identificar deus com o Deus judeo-cristão?

A semelhança com os relatos do Génesis não constituiu obstáculo, quer neste caso (idade do ouro vs paraíso terreal), quer noutros, como no episódio dos Titãs - vv. 151-153, a seguir reproduzidos - que escalam o céu, e na descrição do dilúvio:

> Neue foret terris securior arduus aether, / Affectasse ferunt regnum coeleste Gigantes / Altaque congestos struxisse ad sidera montes[20] *(Nem o alto éter seria mais seguro que a terra, pois consta que os Gigantes quiseram apoderar-se do reino celeste, e, para chegarem até aos astros, colocaram montanhas umas sobre as outras).*

Os ecos da decadência moral - v. 211 - chegam a Júpiter:

> Contigerat nostras infamia temporis aures *(A má reputação do mundo chegara aos meus ouvidos).*

Neptuno associa-se à cólera do deus do Olimpo - vv. 274-275:

> Nec coelo contenta suo est Iovis ira, sed illum / Caeruleus frater iuuat auxiliaribus undis. *(A cólera de Júpiter não se circunscreve ao seu domínio celestial, mas o irmão do reino cerúleo colabora com as ondas do mar).*

A narrativa de Deucalião e Pirra, pela sua aproximação possível ao par primordial da Bíblia, podia ter suscitado reservas. Não assim: consta integralmente na antologia (vv. 313 a 415). Ao contrário de idênticas passagens da lírica ovidiana, suprimidas, como a seu tempo veremos, aqui fica bem expressa a ternura do par amoroso - vv. 361-362, da fala de Deucalião a Pirra:

> Namque ego (crede mihi) si te quoque pontus haberet, / Te sequerer, coniux, et me quoque pontus haberet. *(Quanto a mim, podes crer, se tivesses sido sepultada nas ondas, seguir-te-ia, minha esposa, e também o mar seria a minha tumba).*

As hesitações do casal em cumprir as instruções do oráculo, que mandava lançar as pedras para trás das costas, não fariam pensar na perplexidade de Adão e Eva diante da árvore do Éden? De qualquer forma, não houve aqui censura ou corte relativamente ao original - vv. 395-397:

> Coniugis augurio quanquam Titania mota est: / Spes tamen in dubio est: adeo caelestibus ambo/

Diffidunt monitis: sed quid tentare nocebat[21] ? (*Embora o vaticínio tenha perturbado a filha do Titã [Pirra], esta fica em dúvida expectante, tão grande é a desconfiança de ambos quanto às instruções celestes. Mas que lhes custava tentar ?*

O antologista interessou-se, sem dúvida, pela descrição da recriação da vida na terra nos dias pós-diluvianos - vv. 416 a 421:

Caetera diuersis tellus animalia formis / Sponte sua peperit, postquam uetus humor ab igne / Percaluit Solis, caenumque udaeque paludes/ Intumuere aestu, fecundaque semina rerum/ Viuaci nutrita solo, ceu matris in aluo, / Creuerunt, faciemque aliquam cepere[22]. (*A terra deu à luz, espontaneamente, os outros animais, sob formas diversas, quando a humidade anterior aqueceu graças ao fogo solar; o lodo e as águas pantanosas engrossaram com o calor; e as férteis sementes das coisas, alimentadas por um sol vivificante, como um ventre materno, cresceram e revestiram entretanto uma outra fisionomia).*

Vai agora aparecer a serpente Píton contra a vontade da terra-mãe - vv.38-40

Illa quidem nollet: sed te quoque maxima Python / Tum gemuit; populisque nouis incognita[23] serpens / Terror eras: tantum spatii de monte tenebas. (*A terra bem não queria, mas teve de te gerar também a ti, colossal Píton; para os povos recém-criados, serpente então desconhecida, eras um terror, tão grande era o espaço da montanha que ocupavas).*

O extracto acaba no triunfo de Apolo sobre a serpente e consequentes instituição dos jogos píticos e razões da denominação desses jogos - vv. 445-447:

Neue operis famam possit delere uetustas, / Instituit sacros celebri certamine ludos, / Pythia perdomitae serpentis nomine dictos. *(Para que o tempo não pudesse apagar a memória desta façanha, Apolo instituiu, sob a forma de concursos solenes, jogos sagrados que receberam o nome de "píticos" com base no nome da serpente vencida).*

---

20 Na *sylva* vem *mones*, que é clara gralha por *montes*.

21 As *BellesLettres*, adoptando um outro manuscrito, trazem *nocebit*. Quanto à pontuação da tradução, procuro adequá-la a uma maior legibilidade da passagem.

22 A *sylva* traz *cepére*, indicando pelo acento a sílaba tónica, o que releva do interesse quanto à pronúncia correcta.

23 Na *sylva* vem *incognite*, de acordo com manuscrito diferente do seguido pelas *Belles-Lettres*.

2.1.2. Das omissões

Nem sempre é fácil - e às vezes torna-se no mínimo arriscado - descortinar razões plausíveis da omissão deste ou daquele trecho ou poema. Alguma objectividade de juízo de valor parece-me, no entanto, resultar do conhecimento genérico do conjunto das *sylvae* na sua relação com os originais latinos.

Tal é o caso da temática da sexualidade. Raros são os textos latinos originais com referências amorosas explícitas a passarem no crivo do antologista. É bem elucidativa a passagem - omitida - dos amores de Apolo e a ninfa Dafne - vv. 452-3:

> Primus amor Phoebi Daphne Peneia, quem non / Fors ignara dedit, sed saeua Cupidinis ira. (*O primeiro amor de Febo foi Dafne Peneia, amor que não nasceu por mero acaso, mas resultou duma violenta cólera de Cupido).*

O resto do livro I das Metamorfoses ocupa-se fundamentalmente de amores entre deuses e mortais. Não tendo encontrado até ao verso 451 qualquer passagem digna da sua censura, o antologista pôde tratar bem este primeiro livro, apesar da supressão de 328 versos. É que não houve corte de versos intermédios, donde pudesse resultar ambiguidade de sentido por falta de contexto verbal.

Vale a pena transcrever uma cena de amor (omitida, evidentemente) que, como muitas outras, ajuda a perceber as palavras do mencionado prefácio "ad lectorem", quanto à dificuldade experimentada pelos "doutos e religiosos homens" (são termos do prefácio) da Companhia de Jesus ao depararem com tais "torpezas". Selecciono os versos 490-492 e 495-496 do mesmo livro I:

> Phoebus amat uisaeque cupit conubia Daphnes / Quodque cupit sperat suaque illum oracula fallunt / Vtque leues stipulae demptis adolentur aristis, / [...] Sic deus in flammas abiit, sic pectore toto / Vritur et sterilem sperando nutrit amorem. (*Febo está apaixonado e, à vista de Dafne, deseja possuí-la. Espera satisfazer os próprios desejos e deixa-se enganar pelos seus oráculos. Assim como ardem os delgados caules depois de retiradas as espigas [...], assim se inflama o deus, assim lhe arde o coração inteiro e alimenta a esperança dum amor estéril).*

2.2. Do Livro II

2.2.1. Os textos seleccionados

Do 2º livro das Metamorfoses temos na *sylva* os primeiros 332 versos mais os versos que vão do 769 até ao meio do verso 782. Assim, dos 875 versos do total do livro, foram escolhidos 354 e meio, ou seja, menos de metade. Trata-se, basicamente, de duas descrições: do palácio do Sol e do antro da Inveja.

2.2.1.1. DESCRIPTIO REGIAE SOLIS et[24] lapsus Phaetontis

À escolha deste texto presidiu certamente o deslumbramento pela magnífica descrição (será essa a razão do uso das maiúsculas?!) do palácio do Sol - vv. 1-2 :

> Regia Solis erat sublimibus alta columnis, / Clara micante auro, flammasque imitante Pyropo. (*O palácio do Sol erguia-se sobre altas colunas, resplandecendo com o brilho do ouro e do piropo semelhante ao fogo).*

Que peso terão tido na selecção desta passagem o espírito de ambição de Faetonte - vv. 47-48 - os conselhos dum pai preocupado - vv. 54-56 - e a rebeldia do filho perante as advertências do pai - vv. 103-104 ?

> Vix bene desierat: currus rogat ille paternos, /Inque diem alipedum ius et moderamen equorum. (*Mal [o Sol] acabara de falar, quando [Faetonte] pede o carro do pai e autorização para guiar por um dia os cavalos de pés alados*).

E o pai responde:

> - Magna petis, Phaeton, et quae nec uiribus istis / Munera conueniunt, nec tam puerilibus annis./ Sors tua mortalis; non est mortale quod optas. (*Pedes uma elevada função, Faetonte: não é adequada às tuas forças nem à tua pouca idade. Dum mortal é a tua condição; próprio dum imortal, aquilo que pedes).*

E o narrador retoma o discurso:

Finierat monitus: dictis tamen ille repugnat, / Propositumque premit, flagratque cupidine currus. (*Terminara as advertências. Mas o filho rejeita os conselhos, insiste no projecto e arde no desejo de subir ao carro).*

Impressionante também o vão arrependimento na hora da tragédia - vv. 182-3:

Et iam mallet equos nunquam tetigisse paternos; / Iam cognosse genus piget, et ualuisse rogando. (*Preferiria agora nunca ter tocado nos cavalos do pai; lamenta agora ter confirmado a paternidade e feito valer o seu pedido).*

O texto da antologia vai até ao fim (v. 332) da manifestação da dor do pai perante o filho aniquilado - vv. 329-330:

At pater obductos ductu miserabilis aegro / Condiderat uultus [...] (Mas o desgraçado pai escondera o rosto em sinal de luto carregado [...]).

2.2.1.2. EX EODEM LIB. DESCRIPTIO Inuidiae

São os versos 760 a 782 ao meio do 2º livro das Metamorfoses. Neste caso, parece ter sido determinada a escolha pelo interesse da descrição em si mesma. Não houve o cuidado de mencionar o nome de Minerva, personagem mitológica importante no contexto - vv. 760 -764:

Tecta petit: domus est imis in uallibus huius / Abdita, sole carens, non ulli peruia uento. / Tristis, et ignaui plenissima frigoris, et quae / Igne uacet semper[25], caligine semper abundet. ([*Minerva]* *dirige-se logo aos aposentos da Inveja, que deixam escorrer um líquido negro e pútrido. É uma moradia escondida no fundo dum vale, sem sol, inacessível a qualquer vento, triste, inteiramente cheia dum frio paralisante, e destinada a ficar sempre privada de fogo, e a abundar sempre em escuridão).*

O retrato psicológico da Inveja não terá merecido menor interesse ao antologista do que o retrato físico - vv. 778 a 781:

---

24 Na *sylva* vem *ET*, sendo as maiúsculas, naturalmente, gralha tipográfica.

25 A *sylva* coloca a vírgula antes do advérbio. A sua repetição, enriquecida pela figura do quiasmo, indica que o advérbio afecta os dois verbos (uacare e abundare), devendo, portanto, ser colocada depois, como fazem edições modernas. Respeito na tradução o processo quiasmático.

Risus abest, nisi quem uisi mouere dolores: / Nec fruitur somno uigilantibus excita curis, / Sed uidet ingratos, intabescitque uidendo / Successus hominum [...]. (*Desconhece o sorriso, excepto o provocado pela dor alheia; não desfruta do sono, agitada por vivos cuidados, mas olha com desagrado os êxitos dos outros e fica mirrada ao vê-los [...]).*

2.2.2. Os textos omitidos

Não foi certamente por acaso que a narrativa de Faetonte se interrompeu no verso 332. A seguir entram em cena a mãe e as irmãs do trágico herói. No entanto, os mitos clássicos até não abundam em episódios de expressão do amor fraterno. Versos como os seguintes deveriam constar - vv. 340-41:

Nec minus Heliades lugent et inania morti / Munera dant lacrimas [...] (*Não é menor a dor das [irmãs] Heliades; oferecem à morte o vão tributo das suas lágrimas [...]).*

Também a dor de uma mãe [Climene] mereceria destaque - vv. 356-357:

Quid faciat mater, nisi, quo trahit impetus illam, / Huc eat atque illuc et, dum licet, oscula iungat? (*Que mais poderia fazer a mãe do que saltar dum lado para o outro, ao ritmo da sua inquietação e, na medida do possível, acrescentar os seus beijos?)*

Relativamente à inveja, compreende-se a concisão do extracto fornecido, mas outras passagens mereceriam atenção, como é o caso dos vv. 789 a 792:

Indoluit baculumque capit, quod spinea totum / uincula cingebant, adopertaque nubibus atris, / Quacumque ingreditur, florentia proterit arua / Exuritque herbas et summa papauera carpit. ([...] e *toma um bastão todo coberto por anéis espinhosos e, envolta em nuvens negras, por onde passa esmaga as flores dos campos, queima as plantas e decapita as papoilas).*

Supressão na lógica da censura das *sylvae* é a da paixão de Júpiter, disfarçado em bezerro, por Europa - vv. 862-863:

Gaudet amans et, dum ueniat sperata uoluptas, / Oscula dat manibus; uix iam, uix cetera differt. (*O apaixonado não cabe em si de contente, e, enquanto aguarda pelo prazer previsto, beija-lhe as mãos; a custo, muito a custo, remete o resto para depois).*

2.3. Do Livro III

2.3.1. Os poemas escolhidos

2.3.1.1. DESCRIPTIO CONGRESSUS Cadmi cum serpente.

É a descrição do encontro de Cadmus com a serpente. Cadmus, irmão de Europa, tinha recebido do pai o encargo de procurar a irmã. O texto da antologia começa no verso 14. Parece predominar, também aqui, o interesse pela pura descrição, como mostram os versos seguintes - vv. 28 a 34:

> Silua uetus stabat nulla uiolata securi, / Et specus in medio, uirgis[26]ac uimine densus, / Efficiens humilem lapidum comagibus arcum, / Vberibus foecundus aquis: ubi conditus antro / Martius anguis erat, cristis praesignis, et auro / Igne micant oculi: corpus tumet omne ueneno: / Tresque micant[27] linguae, triplici stant ordine dentes. (*Estendia-se uma antiga floresta, virgem de qualquer machado. No meio havia uma caverna, sombreada por ramadas de salgueiros, formando uma pequena abóbada de pedras amontoadas, com águas abundantes, onde se escondia uma serpente do deus Marte, espectacular pelo dourado da crista; os olhos brilham-lhe em chamas; todo o corpo está cheio de veneno; brilham três línguas e três são as fileiras de dentes).*

O texto da *sylva* termina com Cadmus transformado em serpente - vv. 99-100:

> Ille diu pauidus pariter cum mente colorem / Perdiderat gelidoque comae terrore rigebant . (*Longamente tomado de pavor, perdera tanto o controlo de si como a [própria] cor, e os cabelos eriçavam-se-lhe de gélido terror).*

2.3.2. Dos poemas omitidos

A cena que se segue no original refere-se à tão nova quanto efémera geração humana nascida dos dentes de Cadmo[28], e à fundação da cidade de Tebas. Vem depois o

---

26 A *sylva* traz a vírgula depois de *uirgis*, pontuação que anularia o efeito estilístico da hendíadis presente em *uirgis ac uimine*.

27 Vibrant é a palavra das *Belles Lettres*, que seguem um manuscrito diferente.

28 Camões em Os Lusíadas (VII, 9) tira partido poético do mito de Cadmo perguntando aos Cristãos, em guerra fratricida, se são os dentes de Cadmo "que uns aos outros se dão à morte dura".

mito de Actéon, que inspirou Camões[29]. A gruta de Diana, pela sua beleza descritiva, justificava uma bela página antológica. Mas o erotismo da cena era incompatível com o pudor dos discípulos dos Jesuítas. Vejamos os vv. 155-6 e 163-4:

> Vallis erat piceis et acuta densa cupressu, / Nomine Gargaphie, succintae sacra Dianae/ [...]
> Hic dea siluarum uenatu fessa solebat / Virgineos artus liquido perfundere rore.
> (*Aí se estendia um vale, frondoso pelos abetos e ciprestes pontiagudos, chamado Gargáfia, consagrado a Diana, de casta veste cingida. [...] Aí a deusa das florestas, [quando estava] cansada da caça, costumava derramar um límpido orvalho sobre os virgens membros*).

Actéon transformado em veado não podia passar na censura do antologista - vv. 200-201:

> Vt uero uultus et cornua uidit in unda: / «Me miserum», dicturus erat. Vox nulla secuta est. (*Quando viu a sua figura e os chifres reflectidos na água, ia gritar: «Desgraçado de mim!». Mas não lhe saiu uma palavra).*

2.4. Do Livro IV

2.4.1. Dos textos escolhidos

Dos 803 versos que integram o 4º livro a *sylva* transcreve apenas 54 (vv. 432 a 485). É mais uma descrição, assim intitulada, em maiúsculas: DESCRIPTIO INFERORUM. Começa assim o texto - vv. 432 a 435:

> Est uia decliuis funesta nubila taxo, / Ducit ad infernas per multa silentia sedes: / Styx nebulas exhalat iners, umbraeque recentes / Descendunt illac simulacraque functa sepulcris. (*Há um caminho em declive, ensombrado pelo teixo funesto. Entre silêncios profundos conduz às moradas infernais. O estagnado Estige exala vapores; e sombras recém-formadas e espíritos que receberam as honras da sepultura descem por lá).*

Diferente é a sorte dos novos inquilinos - vv. 443-446:

---

29 "Via Actéon na caça tão austero, / De cego na alegria bruta, insana, / Que, por seguir um feio animal fero, / Foge da gente e bela forma humana" (*Lusíadas*, IX, 26).

Errant exsangues sine corpore et ossibus umbrae: / Parsque forum celebrant, pars imi tecta tyranni. / Pars aliquas artes, antiquae imitamina uitae, / Exercent, aliam partem sua poena coercet.
(Vagueiam sombras exangues sem corpo e sem ossos: umas acumulam-se no fórum, outra parte, no palácio do tirano das regiões profundas; umas entregam-se a trabalhos diversos, imitações da vida anterior; a outras atormenta-as o devido castigo).

2.4.2. Dos textos suprimidos

Deixando para trás histórias amorosas, como a de Píramo e Tisbe (vv. 55-166) e a dos amores adulterinos de Vénus e Marte (vv. 171-189), o antologista só se interessou pela descrição dos Infernos. Mas mesmo este texto fica desenquadrado do seu contexto verbal: a descida de Juno ao reino das trevas. Os alunos deviam ter dificuldade em compreender a intromissão da deusa no meio do texto: v. 473:

Sic haec Iunone locuta (*Tendo assim falado Juno*)

Depois do extracto dos Infernos, temos no original belos textos, como o de Perseu e Andrómada.

2.5. Do Livro VIII

2.5.1. Dos textos escolhidos

Continuam as descrições. Deste livro vêm as do voo de Dédalo e Ícaro e a da Fome.

2.5.1.1. DESCRIPTIO VOLATUS Daedali et Icari.

São os versos 152 a 235. Trata-se dos mitos do Minotauro, de Teseu e Ariadne, de Dédalo e Ícaro. Dédalo, o construtor do labirinto de Creta, é-nos assim apresentado: vv. 159-160:

Daedalus ingenio fabrae celeberrimus artis / Ponit opus [...] (*Dédalo, celebérrimo pelo seu talento na arte de construir, executa a obra [...]*)

Para fugir de Creta, onde Minos o retém por não querer prescindir da sua habilidade, Dédalo inventa asas para voar - vv. 188-189:

> Dixit et ignotas animum dimittit in artes, / Naturamque nouat: nam ponit in ordine pennas [...]. (*Tendo assim falado, entrega-se a uma arte então desconhecida e inova a natureza: com efeito, dispõe as penas por ordem [...]).*

Ícaro, criança ainda, observa com atenção a arte do pai - vv. 195-196:

> [...] Puer Icarus una / Stabat et ignarus sua se tractare pericla [...] ([...] *Com ele estava o jovem Ícaro, e, sem saber que manejava os próprios perigos [...]).*

Pai e filho preparam-se para o voo. Entretanto, Dédalo exorta o filho a maior prudência. Sobretudo, indica-se como rota a ser seguida por Ícaro - vv. 208 a 209:

> «Me duce , carpe uiam». Pariter praecepta uolandi / Tradit et ignotas umeris accomodat alas. (*«Toma-me por guia da rota a seguir». Simultaneamente, ensina-lhe as regras do voo e adapta-lhe aos ombros asas desconhecidas).*

Dédalo é um pai preocupado e atento - vv. 215-216:

> Hortaturque sequi damnosasque erudit artes / Et mouet ipse suas et nati respicit ales. (*Encoraja-o a segui-lo, ensina-lhe a ousada arte, e, agitando as próprias asas, lança para trás os olhos sobre as asas do filho).*

Mas o entusiasmo juvenil vai apoderar-se de Ícaro - vv. 123 -125:

> [...] Cum puer audaci coepit gaudere uolatu, / Deseruitque ducem, coelique cupidine tractus, / Altius egit iter. (*Quando o jovem entrou em delírio com o voo audacioso, largou o guia e, arrastado pelo prazer do céu, voou mais alto*).

A cera das asas de Ícaro derrete-se com a demasiada proximidade do Sol. Foi o desastre que o pai em vão chorou, restando-lhe apenas sepultar o filho: - vv. 234-35:

> Demouitque suas artes corpusque sepulcro / Condidit; et tellus a nomine dicta sepulti. (*Amaldiçoou a sua arte e confiou o corpo à sepultura; a terra recebeu o nome do sepultado*).

2.5.1.2. EX EODEM LIB. DESCRIPTIO Famis

É bem notório o interesse pela descrição, assinalado logo nos primeiros versos transcritos - vv. 788-791:

> Est locus extremis Scythiae glacialis in oris, / Triste solum, sterilis, sine fruge, sine arbore tellus; / Frigus iners illic habitat, Pallorque tremorque / Et ieunia Fames. (*Há nos confins da Cítia um lugar glacial, solo desolado, terra estéril, sem searas, sem vegetação. Habitam aí o frio entorpecedor, a Palidez, o Tremor e a Fome em jejum).*

Por sua vez, a fome é assim descrita - vv. 801-806:

> Hirtus erat crinis, caua lumina, pallor in ore, / Labra incana situ, scabri rubigine dentes / Dura curis, per quam spectari uiscera possent; / Ossa sub incuruis extabant arida lumbis, / Ventris erat pro uentre locus, pendere putares /Pectus et a spinae tantummodo crate teneri. (*Tinha os cabelos eriçados, olhos cavos, rosto pálido, lábios esbranquiçados pela sujidade, os dentes imundos de sarro e a pele rija, através da qual se podiam ver as vísceras; os ossos descarnados sobressaíam na curva dos rins; do estômago só restava o sítio; o peito parecia suspenso e seguro apenas pelas costelas).*

O surgimento da personagem Erisícton, no meio do texto, fica sem enquadramento contextual - vv. 823-825:

> Leuis adhuc somnus placidis Erysichtona pennis / Mulcebat; petit ille dapes sub imagine somni / Oraque uana mouet dentemque in dente fatigat. *(O sono suave ainda acariciava Erisicton nas suas asas prazenteiras, quando [este] já reclama alimentos, em sonhos, em vão move os maxilares e cansa os dentes uns contra os outros*).

E logo a seguir - vv. 828-829:

> Vt uero est expulsa quies, furit ardor edendi / Perque auidas fauces immensaque uiscera regnat. (*Uma vez afastado o repouso, surge uma imperiosa necessidade de comer, que lhe domina a garganta e as entranhas sem fundo).*

E termina assim o extracto - vv. 843-846, ao meio:

> Iamque fame patrias altique uoragine uentris / Attenuarat opes; sed inattenuata manebat / Tum quoque dira fames implacataeque uigebat / Flamma gulae. (*Já devastara o património para*

satisfazer a fome e a voracidade do ventre sem fundo, mas insaciável continuava a fome cruel , e palpitante o fogo da gula).

2.5.2. Dos textos suprimidos

Dos 5°, 6° e 7° livros não há extractos na antologia. Não foram, portanto, fornecidos episódios como o de Ceres e o rapto de Proserpina (V, 341-8), Filomela e sua metamorfose em rouxinol (VI, 447 ss.), a expedição dos Argonautas e a personagem Medeia (VII, 1 ss.) e muitos outros.

Quanto aos extractos do livro VIII, na sequência do episódio de Dédalo e Ícaro vem a história da perdiz - nada menos do que, metamorfoseado, o sobrinho de Dédalo por este precipitado do alto de uma cidadela - vv. 236-237:

Hunc miseri tumulo ponentem corpora nati / Garrula limoso prospexit ab elice perdix. (*Quando ele depunha no túmulo o corpo de seu desgraçado filho, avistou-o, do fundo de uma regueira lamacenta, uma palradora perdiz).*

O extracto sobre a fome releva, também ele, da importância da descrição. Mas não deixa de ser significativa a omissão da narrativa central desse episódio, em que o protagonista é Erisícton. Trata-se dum crime ecológico[30] - vv. 741-742:

Ille etiam Cereale nemus uiolasse securi / Dicitur et lucos ferro temerasse uetustos. (*Diz-se mesmo que ele profanara um bosque de Ceres à machadada e destruíra pelo ferro velhos arvoredos).*

O castigo de Ceres, a deusa da agricultura, não se fez esperar - vv. 782-784:

Moliturque genus poenae miserabile, / Si non ille suis esset nulli miserabilis actis, / Pestifera lacerare Fame. [...]. (*Concebe um género de castigo capaz de provocar a compaixão pelos seus actos: dilacerá-lo por meio da perniciosa Fome*).

Devorado tudo à sua volta, Erisícton devora-se a si mesmo - vv. 877-878:

Ipse suos artus lacero diuellere morsu / Coepit et infelix minuendo corpus alebat. (*Começou a rasgar à dentada os seus próprios membros; o desgraçado alimentava o corpo ao mesmo tempo que o reduzia).*

---

30 Como vemos, as preocupações com a preservação da natureza são bem antigas. Mas, neste caso, os Jesuítas não parece terem sido especialmente sensíveis a esses valores.

2.6. Do Livro XI

2.6.1. Dos textos seleccionados

2.6.1.1. *Descriptio mortis Orphei*

O mito de Orfeu, com toda a sua carga simbólica, não podia faltar. Mas, mais uma vez, surge um texto subordinado à *descriptio*, embora agora venha o título em caracteres minúsculos. O extracto reproduz os primeiros 84 versos do livro XI. Vejamos algumas passagens - vv. 1-5:

> Carmine dum tali siluas animosque ferarum / Threïcius uates et saxa sequentia ducit[31], / Ecce nurus Ciconum tectae lymphata ferinis / Pectora uelleribus tumuli de uertice cernunt / Orphea percussis sociantem carmina neruis. (*Enquanto com tal canto o vate trácio leva atrás de si os bosques, os animais ferozes e as penedias que o acompanham, eis que as jovens mulheres dos Cícones, cobertos os peitos em desalinho com peles de animais, avistam do alto dum outeiro Orfeu, que associava o canto ao som das percutidas cordas [da lira].*

Assim conseguem essas mulheres em delírio calar para sempre a melodiosa voz de Orfeu, chorado até pelas aves e pelas feras - vv. 44-46:

> Te maestae uolucres, Orpheu, te turba ferarum, / Te rigidi silices, tua carmina saepe secutae, / Fleuerunt siluae [...]. (*Chararam-te, Orfeu, as aves entristecidas, todos os animais ferozes, as rochas duras, os bosques, que sempre se associaram ao teu canto).*

O espírito de Orfeu desce ao reino subterrâneo, onde encontra a esposa Eurídice vv. 61-63:

> Vmbra subit terras et, quae loca uiderat ante, / Cuncta recognoscit quaerensque per aua piorum / Inuenit Eurydicem cupidisque amplectitur ulnis. (*A sombra de Orfeu desce ao mundo subterrâneo e reconhece todos os lugares que antes havia visto. Procurando nos campos dos bem-aventurados, encontra Eurídice e estreita-a nos braços ansiosos).*

---

31 Na *sylva* vem *traxit*, que respeita a quantidade exigida pelo hexâmetro, mas o pretérito perfeito não faz aqui sentido. Adopto, por isso, a lição das *Belles-Lettres*.

O extracto termina com a metamorfose em árvores das mulheres da Trácia que, ocasionalmente, haviam testemunhado o crime - vv. 67-70:

> Non impune tamen scelus hoc sinit esse Lyaeus: / Amissoque dolens sacrorum uate suorum, / Protinus in siluis matres Aedonidas omnes , / Quae uidere nefas, torta radice ligauit. (*Mas não tolera Baco que este crime fique impune, e, deplorando a perda do vate dos seus ritos, logo aprisionou nos bosques, com retorcidas raízes, todas as mulheres da Trácia que haviam presenciado o acto sacrílego).*

2.6.1.2. *Descriptio navigationis Ceycis*

O extracto dá-nos os vv. 455 a 572. Sendo a descrição duma violenta tempestade marítima o motivo predominante da escolha, o antologista também não omitiu versos significativos da expressão da ternura do casal Ceix e Alcíone.

Perdido de vista o barco pilotado por Ceix, a esposa Alcíone recolhe a casa cheia de dor - vv. 471-73:

> Vt nec uela uidet, uacuum petit anxia lectum / Seque toro ponit: renouat lectusque locusque / Alcyonae lacrimas et quae pars admonet absit. (*Quando já nem as velas avista, dirige-se angustiada para o seu leito vazio e estende-se na cama. O leito e o local renovam as lágrimas de Alcione e trazem-lhe à lembrança a parte ausente).*

No meio da tempestade, o pensamento de Ceix está centrado em Alcíone - vv. 544-546:

> Alcyone Ceyca mouet, Ceycis in ore / Nulla nisi Alcyone est et, cum desideret unam, / Gaudet abesse tamen. [...]. (Alcíone preocupa Ceix, e nenhuma outra [mulher] há na boca de Ceix, e, embora só dela tenha saudades, reconforta-se, todavia, por ela ali não estar).

E a mesma nota é reforçada nos versos 562-567:

> [...] nam plurima nantis in ore est / Illius ante oculos ut agant sua corpora fluctus, / Optat, et exanimis manibus tumuletur amicis. / Dum natat, absentem, quotiens sinit hiscere fluctus, / Nominat Alcyonem ipsisque inmurmurat undis. ([...] *Pois o nome da esposa Alcíone soa constantemente na boca do náufrago. Dela se lembra e a ela menciona, e o seu anseio é que as*

ondas levem seu corpo até diante dos olhos dela e que, sem vida, seja enterrado por suas mãos amigas. Enquanto vai nadando, pronuncia o nome da ausente Alcíone, todas as vezes que as ondas lhe permitem abrir a boca, e murmura-o às próprias águas).

2.6.1.3. *Descriptio somni*

A descrição do palácio do sono é parte integrante da narrativa de Ceix e Alcíone. No extracto vai do verso 583 a 632:

Est prope Cimmerios longo spelunca recessu, / Mons cauus, ignaui domus et penetralia Somni. (*Há junto dos Cimérios uma cova em profundo esconderijo, um monte oco, habitação e santuário do Sono preguiçoso).*

Por meio de Íris, Juno pede ao Sono que mande avisar Alcíone da morte de Ceix - vv. 627-628:

Trachine iube sub imagine regis / Alcyonem adeant simulacraque naufraga fingant. *(Manda que, em Traquine, sob o disfarce do rei, visitem Alcíone e representem perante ela a imagem do naufrágio).*

2.6.2. Dos textos suprimidos

Na selecção dos textos do livro XI, parecendo continuar a prevalecer o interesse pela descrição, não há dúvida de que outros motivos seduziram o organizador da *sylva.* Isso explica o desenvolvimento da narrativa da morte de Orfeu, por um lado, e uma atenção maior do que é usual ao episódio amoroso do casal Ceix-Alcíone, por outro. De qualquer forma, não se compreende a supressão de 10 versos (573 a 582), entre a descrição da "navegação de Ceix" e a descrição "do Sono". O leitor fica sem o fio condutor do segundo texto, dada a omissão da referência à súplica de Alcíone à deusa Juno - vv. 577 - 582:

Omnibus illa quidem superis pia tura ferebat. / Ante tamen cunctos Iunonis templa colebat, / Proque uiro, qui nullus erat, ueniebat ad aras, / Vtque foret sospes coniux suus utque rediret, / Optabat, nullamque sibi praeferret; at illi / Hoc de tot uotis poterat contingere solum. (*Levava ela piedoso incenso a todos os deuses. Mas, antes de todos, venerava Juno nos seus templos e, para pedir pelo marido, já morto, acudia aos altares e suplicava que o seu esposo estivesse em*

segurança e regressasse, e que nenhuma outra [mulher] ele lhe preferisse. Mas a ele só este último voto podia dizer respeito).

A força do amor, que, em Ovídio, dá asas a Ceix e Alcíone transformados em aves, não mereceu o acolhimento do antologista - vv. 742-746:

[...] Fatis obnoxius isdem / Tunc quoque mansit amor, nec coniugale solutum est / Foedus in alitibus. Coeunt fiuntque parentes, / Perque dies placidos hiberno tempore septem / Incubat Alcyone pendentibus aequore nidis. (Vítima dos mesmos destinos, o seu amor perdurou ainda então; nem foi solvido o pacto conjugal naqueles pássaros: unem-se e tornam-se pais e, durante sete aprazíveis dias da estação hibernal, Alcíone choca em ninhos pendentes da água).

2.7. Do Livro XII

O extracto do livro XII traz o título DESCRIPTIO EXPEDITIONIS Graecorum in Troianos, et Famae. São os primeiros 81 versos.

A primeira parte do texto deverá porventura justificar-se pela referência aos preparativos da guerra de Tróia - vv. 24-25:

Permanet Aoniis Nereus uiolentus in undis / Bellaque non transfert [...]. (*Continua impetuoso Nereu e não permite o transporte dos meios bélicos [...]).*

Mas a maior motivação na escolha no texto terá, porventura, residido na descrição da Fama. São os versos 39 e seguintes. Vejamos os versos 39-40 e 43:

Orbe locus medio est inter terrasque fretumque / Caelestesque plagas, triplicis confinia mundi. [...] Fama tenet summaque domum sibi legit in arce. (*Há um lugar no meio do mundo, entre a terra, o mar e as regiões celestes, fronteira do tríplice universo [...]. Ocupa-o a Fama e ela estabeleceu a sua morada no cimo de uma cidadela).*

A magnífica caracterização ovidiana do palácio dos mexericos e rumores mereceu certamente a maior atenção - vv. 53 a 58:

Atria turba tenet: ueniunt, leue uulgus, euntque / Milia rumorum confusaque uerba uolutant. / E quibus hi uacuas implent sermonibus aures. / Hi narrata ferunt alio, mensuraque ficti / Crescit, et auditis aliquid nouus adicit auctor. / Illic Credulitas, illic temerarius Error [...]. (*Uma multidão enche o átrio. Gente inconstante vai e vem, e, à mistura com a verdade, vagueiam por ali mil invenções e rumores e pairam no ar notícias confusas. De entre aquela gente, uns enchem de*

relatos os ávidos ouvidos de outros, que transmitem a terceiros o que escutaram, e vai crescendo o tamanho do inventado, enquanto cada novo contador acrescenta um ponto ao conto anterior. Mora ali a Credulidade, mora ali o Erro irresponsável [...]).

A ligação entre as duas partes do extracto está bem estabelecida. Com efeito, é a Fama que, pela divulgação das notícias permite aos Troianos não serem surpreendidos pelo ataque dos Gregos - vv. 64-66:

Fecerat haec notum Graias cum milite forti / Aduentare rates, neque inexpectatus in armis / Hostis adest [...]. (*Fizera ela saber que se aproximavam os navios gregos com valentes guerreiros, e não foi imprevista a aparição do inimigo armado* [...]).

2.8. Do Livro XIII

2.8.1. *Descriptio Contentionis Aiacis et Ulyssis* (*Descrição da polémica entre Ájax e Ulisses)*

O extracto reproduz os primeiros 406 versos do livro XIII. É a disputa entre Ájax e Ulisses pela posse das armas de Aquiles, morto em combate. O que está em causa é saber qual vale mais: a eloquência ou as armas, ou, por outras palavras, a força da persuasão ou a valentia na guerra? O tema foi muito debatido no Renascimento, dele havendo já ecos, por exemplo, no nosso Gomes Eanes de Azurara[32] . O antologista foi ainda sensível à dor do vencido [Ájax], dando-nos o suicídio do herói - vv. 382-383:

Mota manus procerum est, et, quid facundia posset, / Tum patuit , fortisque uiri tulit arma disertus. / Hectora qui solus, qui ferrum ignesque Iouemque / Sustinuit totiens, unam non sustinet iram, Inuictumque uirum uicit dolor: arripit ensem [...]. (*Ficou impressionada a assembleia dos chefes, e o resultado patenteou o poder da eloquência, e as armas do valente varão levou-as o orador [Ulisses]. Quem tantas vezes resistira sozinho a Heitor, ao ferro, ao fogo e a Júpiter, só não conseguiu resistir à ira. Arranca da espada [...]).*

---

32 Nesse sentido se pode interpretar a valorização por Zurara do papel do cronista que celebra, pelas letras, os feitos heróicos, como afirma A. José Saraiva (1980-82, I, pp. 157-158). Camões já assume a sua superioridade de cronista-poeta relativamente à matéria cantada: "Às Musas agradeça o nosso Gama" (Lus., V, 99).

2.9. Do Livro XV

2.9.1. Dos textos escolhidos

2.9.1.1. *Complexio dogmatum Pythagorae*

O longo extracto, que ocupa os vv. 60 a 480, está centrado no pensamento de Pitágoras. Agora não é a descrição mas certamente as ideias e a celebridade da personagem histórica que motivam o antologista. Vejamos algumas passagens - vv. 60 - 64:

> Vir fuit hic ortu Samius; sed fugerat una / Et Samon et dominos odioque tyrannidis exul / Sponte erat; isque licet caeli regione remotos / Mente deos adiit et , quae natura negabat / uisibus humanis, oculis ea pectoris hausit. (*Viveu ali um homem, sâmio de nascimento, mas fugido simultaneamente de Samos e dos seus governantes, e, por ódio à tirania, era um exilado voluntário. E este homem chegou pelo espírito até aos deuses, apesar de estarem eles afastados na região celeste, e as coisas que a razão negava à observação humana, percebeu-as ele com os olhos da alma).*

Eis o vegetarianismo de Pitágoras - vv. 72-73 e 83-84:

> [...] primaque animalia mensis / Arguit imponi [...] / Carne ferae sedant ieunia, nec tamen omnes: / Quippe equus et pecudes armentaque gramine uiuunt. ([...] *Foi o primeiro que proibiu que se servissem animais à mesa [...] Com carne satisfazem a fome as feras, e nem todas o fazem, já que o cavalo, os bois, os rebanhos alimentam-se de ervas)*

Justifica Pitágoras a sua teoria com os usos antigos - vv. 96-98:

> At uetus illa aetas, cui fecimus aurea nomen, / Fetibus arboreis et, quas humus educat, herbis / Fortunata fuit nec polluit ora cruore. (*Mas aquela idade antiga, a que chamámos doirada, era feliz com os frutos das árvores e com as ervas que a terra cria, e não manchava a boca com sangue).*

Aparece, bem explícita, a crença na metempsicose - vv. 158-159:

> Morte carent animae semperque priore relicta / Sede nouis domibus uiuunt habitantque receptae. (*As almas estão livres da morte, e, abandonando a morada anterior, são recebidas em novos domicílios em que habitam).*

Para Pitágoras, a privação de carne de animais fundava-se em razões da transmigração das almas - vv. 173-175:

> Ergo, ne pietas sit uicta cupidine uentris, / Parcite, uaticinor, cognatas caede nefanda / Exturbare animas; nec sanguine sanguis alatur. (*Portanto, para que a pietas*[33] *não seja vencida pelos apetites do ventre, abstende-vos - eu vos exorto - de expulsar, por sentença criminosa, almas que vos são afins; e que de sangue o sangue se não alimente).*

2.9.1.2. *[...] de morte Iulii Caesaris et de felicitate Augusti*

Este 2º extracto vai do v. 762 a 870, e tem por protagonistas Júlio César e César Augusto. No original, o v. 762 é inseparável dos versos anteriores. O antologista torneou a questão substituindo uma palavra por outra - *quoque* por *ut* - sem desrespeitar a medida do hexâmetro. Vejamos os versos 760 a 764 (início) no original:

> Ne foret hic igitur mortali semine cretus, / Ille deus faciendus erat; quod ut aurea uidit / Aeneae genetrix, uidit quoque triste parari / Pontifici letum et coniurata arma moueri, / Palluit [...]. (*E assim, para que este [César Augusto] não proviesse de uma semente mortal, àquele [Júlio César] era necessário fazê-lo deus. Quando assim isso viu a dourada mãe de Eneias e percebeu também que ao pontífice se preparava uma morte sinistra e estava em curso uma conjuração armada, empalideceu [...]).*

Na *sylva* o verso 762 tem a seguinte redacção:

> Aeneae genetrix ubi uidit triste parari[34] [...].(*Logo que a mãe de Eneias viu preparar-se uma sinistra [...]).*

No episódio da morte de César terá interessado mais a descrição - vv. 787-88:

---

33 *Pietas* era, antes de mais, o sentimento de respeito pelos deuses, mas extensivo aos homens. À falta de termo adequado em português, parece preferível manter o vocábulo latino. Maria Helena Rocha Pereira (1990: 328 ss.), depois de desenvolver o conceito, mantém a palavra latina nomeadamente em tradução de fragmentos de Cícero e de Virgílio.

34 O verso alterado não infringiu as regras do hexâmetro: ´_ _ / ´_ v v / ´_ v v / ´_ _ / ´_ v v / ´_ _.

Saepe uisae mediis ardere sub astris, / Saepe inter nimbos guttae cecidere cruentae. (*Muitas vezes parecia que ardiam archotes por entre os astros, muitas vezes caíram gotas de sangue no meio da chuva)*

Compreendeu, porém, o antologista que Ovídio fez de Augusto, o imperador reinante, a coroa das suas metamorfoses. Por isso não podia faltar a apoteose de Augusto em ligação estreita com seu pai adoptivo - vv. 818-820:

Vt deus accedat caelo templisque colatur, / Vt facies natusque suus, qui nominis heres / Impositum feret unus onus [...]. (*Tu [Vénus] farás com que, na qualidade de deus , ele [Júlio César] penetre no céu e receba culto em templos, e assim também fará seu filho [Octávio Augusto], que, enquanto herdeiro do seu nome, suportará sozinho a carga imposta* [...]).

Consta ainda da antologia o relevo dado por Ovídio ao papel civilizador de Augusto - vv. 832-33:

Pace data terris, animum ad ciuilia uertet. / Iura suum legesque feret iustissimus auctor . (*Uma vez dada a paz ao mundo, voltará a sua atenção para os direitos civis e será o mais justo promotor de legislação)*[35].

2.9.2. Dos textos suprimidos

Se o antologista estivesse preocupado com o rigor da interpretação do original, não remataria o texto sobre Pitágoras a meio do verso 480. De facto, o leitor fica sem saber quem é o sujeito do infinito perfeito *remeasse*: Numa Pompílio, que se havia deslocado a Crotona para ouvir Pitágoras.

Significativo é o facto da omissão dos versos 760 a 62, com a consequente alteração do v. 762, conforme ficou acima referido. As alusões à procriação (*mortali semine*) eram de excluir.

---

35 Deste passo haverá, porventura, influência em *Os Lusíadas*, III, 96: "Com este [D. Dinis] o Reino próspero floresce / (Alcançada já a paz áurea, divina), / Em constituições, leis e costumes, / na terra já tranquila claros lumes".

Mas a omissão mais estranha relativamente ao livro XV é a do célebre epílogo, que ocupa no original os vv. 971 a 879, e de que transcrevo os dois primeiros e os dois últimos versos:

> Iamque opus exegi, quod nec Iouis ira nec ignis / Nec poterit ferrum nec edax abolere uetustas [...] Ore legar populi perque omnia saecula fama, / Siquid ueri habent uatum praesagia, uiuam. (*Já concluí uma obra que nem a sanha de Júpiter, nem o fogo, nem o ferro, nem o tempo devorador poderão destruir [...]. Estarei na voz do povo e viverei por todos os séculos graças à fama, se é que algo de verídico há nos presságios dos poetas).*

B. As Heroides

Das vinte e uma cartas que integram as Heroides de Ovídio, a *sylva* traz extractos de sete. Acrescenta uma carta de Ovídio para Lívia Augusta, que não faz parte da obra.

Na análise dos extractos, sigo o original ovidiano pelo texto da edição das Belles Lettres[36].

Nas Heroides, Ovídio "finge" cartas de amor, sobretudo de mulheres, retiradas da história ou da lenda, da tradição literária ou não literária, endereçadas a heróis míticos. Predominam as queixas pela ausência e o abandono, e exprimem os mais variados sentimentos: tristeza, ciúme, saudade, desespero. Algumas das heroínas já então eram célebres - Penélope, Medeia, Ariadne, Dido ..., bem como os seus pares masculinos: Ulisses, Jasão, Teseu, Eneias ...

Em perspectiva geral, cabe salientar que o antologista suprime mesmo as mais ligeiras alusões aos prazeres do amor, tendo embora o cuidado de fazer os cortes sem desrespeitar a métrica dos versos, que se distribuem em dísticos elegíacos formados por um hexâmetro dactílico e um pentâmetro, segundo o esquema seguinte;

´_ vv / ´_ vv / ´_ vv / ´_ vv / ´_ vv / ´_ v // ´_ vv / ´_ vv / ´_ / ´_vv / ´_ vv _ //

1. Carta de Penélope a Ulisses

1.1. Da selecção feita pela *sylva*

Dos 116 versos do texto original constam 112.

1.1.1. A esposa, saudosa do marido, anseia pelo seu regresso e insinua uma acusação à sua pouca pressa em regressar (*lento tibi*) - vv. 1-2

> Hanc tua Penelope lento tibi mittit, Ulixe; / Nil mihi rescribas attamen; ipse ueni. (*Esta [carta] manda-ta a tua Penélope, Ulisses; a ti, pouco apressado [no regresso]. Mas não me respondas, vem antes em pessoa).*

1.1.2. Recorda Penélope os temores pelo marido, experimentados durante a guerra de Tróia - vv. 12-14:

Quando ego non timui grauiora pericula ueris ? / Res est solliciti plena timoris amor. / In te fingebam uiolentos Troas ituros. (*Não receei eu, por vezes, perigos mais terríveis que os reais ? O amor é um sentimento carregado de temor solícito. Eu imaginava os Troianos, violentos, avançarem sobre ti)*

1.1.3. Felizmente, Ulisses escapou aos perigos da guerra - vv. 23-24:

Sed bene consuluit casto deus[37] aequus amori: / Versa est in cineres sospite Troia uiro. (*Mas um deus justo olhou bem pelo nosso casto amor. Tróia foi reduzida a cinzas, enquanto o meu esposo escapou incólume).*

1.1.4. Embora vitorioso, Ulisses está longe - vv. 57-58:

Victor abes nec scire mihi quae causa morandi / Aut in quo lateas ferreus orbe, licet. (*Vitorioso, estás ausente, e não me é dado saber a razão da demora, ou em que lugar te escondes, insensível).*

1.1.5. A fidelidade de Penélope tem de resistir aos argumentos do próprio pai - vv. 81-84:

Me pater Icarius uiduo discedere lecto / Cogit et immensas increpat usque moras. / Increpet usque licet! / Tua sum, tua dicar oportet; / Penelope coniux semper Vlixis ero. (*Meu pai Icário pressiona-me para rejeitar o leito de viúva, e insurge-se contra tão longa espera. Que barafuste à vontade! Tua sou, tua importa que me considerem. Serei sempre Penélope a esposa de Ulisses).*

1.1.6. Não falta a referência à corte dos pretendentes - vv. 87-89:

Dulichii Samiique et quos tulit alta Zacynthos / Turba ruunt in me luxuriosa proci[38]/ Inque tua regnant nullis prohibentibus aula. (*Dulíquios, Sâmios e os naturais da montanhosa Zacinto caem*

---

36 Ver Bibl. B) Ovide, 1965.

37 *Deus* (com maiúscula) na sylva. No v. 26, também no plural aparece a maiúscula: *Deos*. Não poderá, assim, deduzir-se que no v. 24 o antologista pretendesse identificar o deus de Penélope com o Deus judaico-cristão.

38 Turbarunt substitui na sylva turba ruunt, deixando luxuriosa sem substantivo com que concorde, já que a métrica implica considerar a terminação desta palavra como breve (nominativo), só podendo referir-se a turba, aposto do sujeito composto. Aliás, as sílabas finais integram o último pé do pentâmetro: luxuriosa proci. É natural que turbarunt seja gralha, uma vez que proci foi colocado pelo antologista entre vírgulas, o que parece acertado: tratar-se-á de um nominativo de plural com função de aposto de Dulichii etc. e não de um genitivo do singular ou determinativo de turba.

sobre mim qual chusma descarada de pretendentes, e dão ordens no teu palácio, sem que alguém os refreie).

1.1.7. E uma nota final, muito humana, da esposa que prepara o marido para contar, à chegada, com uma mulher entretanto envelhecida - vv. 115-116:

> Certe ego, quae fueram, te discedente puella, / Protinus ut uenias, facta uidebor anus. (*Quanto a mim, que era uma jovem quando partiste, por muito depressa que agora regresses, estarei feita uma velha).*

1.2. Dos cortes

Como sabemos, Ovídio recolhe de Homero a protagonista desta carta. É como mulher casada, portanto, que escreve ao marido. Mas isso não basta para justificar aos olhos do antologista a referência à saudade pela companhia do esposo amado no leito comum.

1.2.1. Daí a supressão dos vv. 7-8:

> Non ego deserto iacuissem frigida lecto; / Non quererer tardos ire relicta dies. ([*Dessa forma] não teria eu experimentado o frio na cama deserta; nem me queixaria, no meu abandono, da lentidão do tempo).*

1.2.2. E Penélope prolonga o seu lamento censurando o marido pela sua ausência. Esta passagem consta da *sylva* com a substituição da inicial *nec* [e não] por *non* [não], assim ficando patente a consciência do corte por parte do antologista, sem que disso se possa o leitor aperceber. Reproduzo os versos originais - vv. 9-10:

> Nec mihi quaerenti spatiosam fallere noctem / Lassaret uiduas pendula tela manus. (*Nem, para tentar iludir a extensão da noite, uma teia inacabada fatigaria as minhas mãos de viúva).*

1.2.3. Até o justificado receio de Penélope de que Ulisses caia nos braços de outra mulher fica omitido - vv. 75-76:

> (Haec ego dum stulte metuo, quae uestra libido est, / Esse peregrino captus amore potes. (*Enquanto eu, feita tolinha, sofro com os perigos que te ameaçam, conhecendo eu as tuas inclinações, arriscas-te tu a cair nas malhas de um outro amor).*

1.2.4. No entanto, o antologista mantém inalteráveis os versos seguintes, apesar de deixarem de fazer sentido[39] em face da omissão da referência contextual à concorrente amorosa - vv. 77-78:

> Forsitan et narras quam sit tibi rustica coniux, / Quae tantum lanas non finit esse rudes. (*E vais, talvez, dizendo [à amante] quão rústica é a tua esposa, talhada à medida para fiar lãs grosseiras).*

De qualquer forma, Penélope até não saiu muito mal tratada na antologia jesuítica, em consideração, provavelmente, pelo prestígio da própria fonte literária donde Ovídio a extraiu[40].

2. Carta de Hipsípile a Jasão

A personagem mítica Hipsípile enquadra-se na aventura de Jasão em demanda do célebre Velo de Oiro, a bordo da nau Argos. Na carta de Ovídio aparece como esposa de Jasão.

2.1. Do texto seleccionado

Dos 164 versos do original só foram suprimidos quatro.

2.1.1 Depois de se queixar da falta de carta do marido embarcado, Hipsípile procura resignar-se - vv. 17-18:

> Quid queror[41] officium lenti cessasse mariti? / Obsequium, maneo si tua, grande tuli. (*Porque queixar-me de que um marido preguiçoso tenha descurado o seu dever? Se continuo a ser tua, grande é já o meu privilégio).*

---

39 É curioso atentar nesta questão: de um modo geral, observa-se maior cuidado em respeitar a métrica do que o sentido. Até que ponto os alunos, pelo menos os mais inteligentes, não pediriam esclarecimentos para passagens de impossível interpretação, exactamente por lhes faltar o integral contexto verbal ?

40 Na poesia portuguesa contemporânea, Penélope e Ulisses permanecem como fecundas fontes de inspiração de poemas de primeira grandeza. Basta lembrar a poesia de Sophia de Mello. Fora das nossas fronteiras, podemos mencionar um autor que viria a ficar célebre: o papa João Paulo I. Enquanto cardeal-patriarca de Veneza, entre outras cartas, dirigidas a diversas personalidades, reais ou fictícias, redigiu uma missiva "a Penélope", datada de 1972. Não faltam aí alusões bem precisas a pormenores da *estórea* de Penélope, como poderá ver-se por esta passagem:

"Aqueles enfadonhos pretendentes dos Proces, metendo-se-vos em casa e banqueteando-se alegremente à vossa custa, incitam-vos a que escolhêsseis entre eles um novo marido, mas vós, firme! Eles banqueteavam-se em baixo, e vós, nos aposentos de cima, com as vossas criadas, fazíeis de dia e desfazíeis de noite aquele vosso famoso tecido para os entreter e para defenderdes a fidelidade do vosso amor".

(Cf. Luciani, 1978, pp. 79-85).

2.1.2. Mas os rumores que lhe chegam aos ouvidos despertam-lhe o ciúme - vv. 19-20:

> Barbara narratur uenisse uenefica tecum, / In mihi promissi parte recepta tori. (*Uma bárbara envenenadora*[42], *ao que consta, veio contigo, acolhida numa parte do leito que me estava reservado).*

2.1.3. A rival rouba-lhe o marido usando poções mágicas - vv. 93-94:

> [...] Male quaeritur herbis; / Moribus et forma conciliandus amor. (*Perversamente se conquista o amor à base de ervas; deve ele nascer da virtude e da beleza).*

2.1.4. Mais não deseja, afinal, do que, no regresso, tê-lo ainda como marido -vv. 111-112:

> Vir meus hinc ieras, uir non meus inde redisti[43]; / Sim reducis coniunx, sicut euntis eram! (*Partiste daqui como meu marido; não voltaste de lá como meu marido. Quem me dera ser a esposa do homem que regressa, como o era do que partiu!)*

2.2. Dos cortes

Os quatro versos cortados têm de comum a referência ao leito conjugal. No entanto, ainda escaparam à censura algumas alusões à alcova, como vimos acima.

2.2.1. A primeira passagem suprimida - vv. 95-96 - segue-se à menção das capacidades de Medeia para enfeitiçar os homens:

> Hanc potes amplecti thalamoque relictus in uno / Impauidus somno nocte silente frui? (*Podes abraçar uma tal mulher, e, ficando sozinho com ela numa mesma cama, gozar tranquilo o silêncio da noite?).*

2.2.2. Os últimos versos suprimidos - 153 a 154 - integram um conjunto de votos de vingança sobre a rival. Apesar de enquadrados por uma condicional[44], presente na *sylva*, o

---

41 *Querar* na *sylva*, futuro que não altera o sentido.

42 Refere-se a Medeia, apelidada de "bárbara" por falar uma língua estrangeira.

43 O segundo hemistíquio está alterado na sylva: cur non meus inde redisti ? (*Porque não regressaste de lá como meu?).*

44 Eis a subordinada condicional (vv. 151-152): [...] Quodsi quid ab alto / Iustus adest uotis Iuppiter

antologista não se preocupou com a perda parcial de sentido resultante da supressão dos versos:

> Quod gemit Hypsipyle, lecti quoque subnuba nostri / Maereat et leges sentiat ipsa suas. (*O que sofre Hipsípile oxalá o sofra também a usurpadora do meu leito e que ela mesma sinta o peso das suas leis).*

2.2.3. Não foram, certamente, as imprecações, mas sim as notas eróticas, que provocaram o corte. De facto, versos como os que de imediato se seguem (155-156) são bem elucidativos e constam da antologia:

> Vtque ego destituor coniunx materque duorum, / A totidem natis orba sit atque uiro. (*Já que sou abandonada, esposa e duplamente mãe, que ela venha a ser privada de igual número de filhos e do marido*)

2.2.4. E a carta remata por uma nota sarcástica, que não foi omitida na antologia apesar da referência ao leito conjugal - v. 164:

> Viuite deuoto nuptaque uirque toro! (*Vivei, mulher e homem, num leito maldito*!)

3. Carta de Dido a Eneias

A mítica rainha de Cartago, imortalizada por Virgílio na Eneida, inspirou também Ovídio. Igualmente deve ter seduzido o nosso antologista[45], que lhe deu grande relevo.

3.1. Dos textos seleccionados

3.1.1. Dido lembra a Eneias que ele troca o certo pelo duvidoso - vv. 17 a 19:

> Vt terram inuenias, quis eam tibi tradet habendam? / Quis sua non notis arua tenenda dabit? / Alter amor tibi restat? Habenda est altera Dido? (*Se encontrares [outra] terra, quem te dará a sua posse?*

---

ille meis [...] (Se, lá do alto, o justo Júpiter de alguma forma apoia os meus votos [...])

[45] Na edição das *Belles-Lettres,* a carta começa por dois versos considerados necessários ao sentido, já que constituem o primeiro termo de comparação subentendido pelo *sic* inicial do texto original latino: Accipe, Dardanide, moriturae carmen Elissae; / Quae legis, a nobis ultima uerba legis. (*Acolhe, Dardânio, o lamento de Elisa moribunda; as palavras que lês, lê-las como as minhas derradeiras palavras).*

Sigo a numeração do texto francês, que faz a contagem a partir desses versos.

Quem entregará os seus campos a desconhecidos para os possuirem? Está-te reservado um outro amor? Terás uma outra Dido?)

3.1.2. De qualquer forma, Eneias não encontrará um amor igual ao de Dido - vv. 23 a 24:

Omnia si ueniant, nec di[46] tua uota morentur, / Vnde tibi, quae te sic amet, uxor erit? (*Se tudo isso acontecer e os deuses não retardarem a satisfação dos teus desejos, donde te advirá uma esposa que te ame desta maneira?).*

3.1.3. Recorda o acolhimento feito ao náufrago Eneias - vv. 89-90:

Fluctibus eiectum tuta statione recepi / Vixque bene audito nomine regna dedi. (*Sacudido pelas águas, acolhi-te em asilo seguro. Mal tinha ainda ouvido o teu nome e logo te entreguei um reino).*

3.1.4. Roga a Eneias que, ao menos, adie a partida. Senão, porá termo à vida. - vv. 179-81:

Dum freta mitescant et amorem temperet usus[47]/ Fortiter ediscam tristia posse pati. / Si minus, est animus nobis effundere uitam. (*Enquanto os mares se acalmam e o hábito modera a paixão, aprenderei a sofrer com coragem as contrariedades. Caso contrário, estou decidida a matar-me).*

3.1.5. E desabafa assim com a irmã - vv. 191-92:

Anna soror, soror Anna, meae male conscia culpae, / Iam dabis in cineres ultima dona meos. (*Ana minha irmã, minha irmã Ana, tristemente testemunha do meu erro, em breve prestarás às minhas cinzas as últimas homenagens).*

3.1.6. Pretende Dido que do seu epitáfio conste a culpa de Eneias no seu suicídio - versos finais (195-196) - assim redigido:

Praebuit Aeneas et causam mortis et ensem; / Ipsa sua Dido concidit usa manu[48]. (*Foi Eneias quem forneceu a razão da morte e a espada. A mesma Dido tombou vítima do seu braço).*

---

[46] O texto da *sylva* traz *te* em vez de *di* seguindo um manuscrito diferente. Nesse caso, *tua uota* em vez de compl. directo, seria sujeito de *morentur*: [se] os teus desejos te não retiverem.

[47] [...] *et amor dum temperat usum* é a leitura da *sylva*, apoiada, parcialmente, num manuscrito diferente. Note-se o cuidado em respeitar a integridade do hexâmetro pelo acrescento de *dum* assim suprindo a falta da sílaba final de *amorem*.

[48] A escansão do pentâmetro ajuda à interpretação: _ VV / _ _ / _ / _ VV / _ VV _ . Daí se conclui que *ipsa* integra o sujeito ("ipsa Dido"), sendo o predicado concidit, do verbo concido (de *con + cado)* e não concido (de *con + caedo*).

3.2 Dos cortes

Dos 196 versos (incluindo o dístico inicial) foram suprimidos 28 versos, todos eles referentes ao romance amoroso de Dido e Eneias.

3.2.1. Dido recorda os momentos da fogosa paixão - vv. 25-26:

> Vror, ut inducto ceratae sulpure taedae; / Aenean animo noxque diesque refert. (*Ardo qual tocha de cera impregnada de enxofre; a noite e o dia trazem-me Eneias ao pensamento).*

3.2.2. O antologista cortou a confissão das dádivas de Dido a Eneias, omitindo a entrega do seu amor - vv. 91 a 94:

> His tamen officiis utinam contentam fuissem, / Et mihi concubitus fama sepulta foret! / Illa dies nocuit, qua nos decliue sub antrum / Caeruleus subitis compulit imber aquis. (*Oxalá me tivesse eu limitado, entretanto, a essas dádivas, e ficasse enterrada para mim a memória da nossa relação carnal. Dia funesto esse em que uma chuva marítima, de águas súbitas, nos fez descer a uma gruta).*

3.2.3. A supressão dos versos 133-4 torna obscuros os versos que vêm depois:

> Forsitan et grauidam Dido, scelerate, relinquas, / Parsque tui lateat corpore clausa meo. (*Talvez seja a grávida Dido, criminoso, que tu abandonas, talvez uma parte de ti esteja encerrada no meu ventre).*

Vejamos agora os versos 135-138, transcritos na *sylva:*

> Accedet fatis matris miserabilis infans / Et nondum nati funeris auctor eris, / Cumque parente sua frater morietur Iuli, / Poenaque conexos auferet una duos. (*Uma criança desgraçada partilhará o destino da mãe; e serás tu o autor da sua morte, antes ainda do seu nascimento. Com a sua progenitora morrerá o irmão de Iulo; e um mesmo castigo far-nos-á desaparecer ligados um ao outro).*

Sem a referência ao estado de gravidez de Dido (v. 133), como é que o leitor interpretará, no v. 137, frater Iuli (irmão de Iulo ou Ascânio, filho de Eneias)?

3.2.4. A supressão dos versos 163 a 168 dever-se-á, antes de mais, à menção dos amores de Dido a Eneias, como fica bem expresso no v. 164:

> Quod crimen dicis praeter amasse meum? (*Que crime me atribuis além de te ter amado?*)

3.2.5. Mas mais chocantes para o antologista seriam os vv. 167-8:

> Si pudet uxoris, non nupta, sed hospita dicar; / Dum tua sit, Dido quodlibet esse feret. (*Se tens vergonha de me desposar, que me não considerem casada contigo mas tua hospedeira. Contanto que seja tua, Dido suportará ser qualquer coisa).*

4. Carta de Dejanira a Hércules

Dos 168 versos do original foram suprimidos 22.

A carta de Dejanira, esposa de Hércules, tem como referência o mito das façanhas de Hércules.

O texto da antologia, vindo logo truncado dos dois primeiros versos iniciais, deixa na obscuridade o sentido da carta. Dejanira queixa-se de uma rival - a filha do rei da Ecália, cidade da Eubeia -, prisioneira que cativou o coração do herói. Importa começar por transcrever os referidos versos originais, para tornar a carta compreensível:

> Gratulor Oechaliam titulis accedere nostris; / Victorem uictae subcubuisse queror. (*Felicito-te por teres juntado Ecália às nossas glórias; [mas] lamento que o vencedor se tenha rendido a uma vencida).*

4.1. Do texto seleccionado

4.1.1. Assim, já se compreendem os versos 5-6:

> Quem nunquam Iuno seriesque immensa laborum / Fregerit, huic Iolen imposuisse iugum. (*Aquele que nem Juno nem uma infinda quantidade de trabalhos conseguiram quebrar, Íole impôs-lhe o jugo - diz-se*).

4.1.2. Os versos transcritos têm natural complemento em versos como os versos 11-12:

> Plus tibi quam Iuno nocuit Venus; illa premendo / Sustulit, haec humili sub pede colla tenet. (*Vénus foi-te mais nociva do que Juno: esta, acabrunhando-te, elevou-te; aquela mantém-te o pescoço debaixo do seu fraco pé).*

4.1.3. Para melhor vincar a fraqueza de Hércules em face de uma mulher, Dejanira recorda os feitos gloriosos dele - vv. 15 a 16:

> Se tibi pax terrae, tibi se tuta aequora debent; / Implesti meritis solis utramque domum. (*A paz da terra a ti se deve; deve-se a ti a segurança dos mares. Encheste com teus altos feitos as duas casas do Sol).*

4.1.4. As vitórias de Vénus, quando expressas de modo mais ou menos vago no original, vêm mencionadas - vv. 25-26:

> Quem non mille ferae, quem non Stheneleius hostis, / Non potuit Iuno uincere, uicit amor. (*Aquele que não puderam vencer mil monstros, nem Eristeu, nem Juno, venceu-o o amor).*

4.1.5. Não falta na *sylva* a menção de casada com Hércules - vv. 27-28:

> At bene nupta feror quia nominer[49] Herculis uxor / Sitque socer rapidis qui tonat altus equis. *(Entretanto, consideram-me bem casada, já que me designam como esposa de Hércules, e meu sogro é aquele que troveja, erguido sobre os seus cavalos rápidos).*

4.1.6. Não é fácil ser esposa de um herói - vv. 33 a 36:

> Vir mihi semper abest, et coniuge notior hospes / Monstraque terribiles persequiturque feras; / Ipsa domo uidua uotis operata pudicis / Torqueor, infesto ne uir ab hoste cadat. (*O meu marido está sempre fora; conheço-o melhor como hóspede do que como esposo. Persegue monstros e feras terríveis. E eu, na casa vazia[50], formulando castos votos, atormento-me [a pensar] que o meu marido possa sucumbir sob os golpes de um adversário).*

---

[49] *Nominor* na *sylva* parece ser gralha, já que no verso seguinte surge o conjuntivo do original na coordenada: *sit.* O conjuntivo justifica-se pela expressão de uma causa subjectiva, ou seja, dá a razão de a considerarem casada.

[50] Vidua está em ablativo, a concordar com domo, como se pode comprovar pela escansão do verso: _ vv/ _ vv/ _ _/ _ vv/ _ vv/ _ _/.

4.1.7. E jura jamais ter atentado contra a vida do marido - vv. 159-60:

Deprecor hoc unum per iura sacerrima lecti, / Ne uidear fatis insidiata tuis. (*Apenas te peço isto: em nome dos sagrados direitos da nossa união carnal não acredites que alguma vez armei ciladas contra a tua vida).*

4.2. Dos cortes

4.2.1. Já foi referida a supressão dos dois primeiros versos.

4.2.2. Versos 19-20:

Quid nisi notitia est misero quaesita pudori, / Si maculas stupri facta priora nota? (*Que outra coisa é senão tornar pública uma vergonha deplorável o facto de manchares as [tuas] façanhas anteriores com uma marca de estupro?).*

4.2.3. Do corte dos versos 47 a 52 transcrevo os dois primeiros (47-48):

Haec mihi ferre parum. Peregrinos addis amores / Et mater de te quaelibet esse potest. (*Leve me é suportar essas provas. Juntas-lhes, [porém], amores de ocasião, e qualquer mulher pode conceber de ti).*

4.2.4. Versos 109-110:

Illi procedit rerum mensura tuarum; / Cede bonis, heres laudis amica tuae. (*A ela aproveita a grandeza das tuas acções. Experimenta renunciar aos teus bens: a tua amiga herda a tua glória).*

Mas o antologista, sempre atento às consequências de amores pecaminosos, não omitiu, por exemplo, os versos 113-114:

Falleris et nescis; non sunt spolia illa leonis, / Sed tua, tuque feri uictor es, illa tui. (*Enganas-te e não compreendes: não são despojos de um leão, mas teus, e, se venceste o animal, ela venceu-te a ti).*

A *sylva* dá conta da presença da amante na vida de Hércules - vv. 121 a 122:

Ante meos oculos adducitur aduena paelex, / Nec mihi, que patior, dissimulare licet. *(Diante dos meus olhos é trazida a concubina estrangeira; e não posso esconder o que sofro).*

4.2.5. Fica omisso, isso sim, é o à-vontade da cativa a passear-se pela cidade - vv. 125 a 128 (o corte estende-se até ao verso 134):

> Nec inuenit incultis captarum more capillis, / Fortunam uultu fassa iacente suam; / Ingreditur late lata spectabilis auro, / qualiter in Phrygia tu quoque cultus eras. (*E não anda com os cabelos em desalinho à maneira das prisioneiras, a confessar a sua sorte de olhos baixos: avança, bem visível pelo brilho do muito ouro, ornamentada tal como tu andavas na Frígia*).

5. Carta de Ariadne a Teseu

Dos 150 versos do original ficam 108, a que devem somar-se dois versos iniciais que parecem ser da responsabilidade do antologista:

> Illa relicta feris etiam nunc, improbe Theseu, / Vivit, et haec aequa mente tulisse velis[51] (*Essa [mulher], abandonada às feras, ó malvado Teseu, ainda agora vive. Bem gostarias de ter suportado serenamente estas censuras!).*

5.1. Do texto seleccionado

Uma espécie de introdução: Teseu abandona Ariadne enquanto ela dorme.

5.1.1. Seguem-se versos descritivos da natureza - vv. 3 a 8:

> Quae legis, ex illo, Theseu, tibi litore mitto, / Vnde tuam sine me uela tulere ratem, / In quo me somnusque meus male prodidit et tu / Per facinus somnis insidiate meis. / Tempus erat, uitrea quo primum terra pruina / Spargitur et tectae fronde queruntur aues. (*O que lês, Teseu, envio-to desta costa, donde, sem mim, as velas arrastaram o teu navio, onde fui indignamente traída tanto pelo meu sono funesto como por ti, que, criminosamente, montaste uma armadilha ao meu sono. Era o tempo em que a terra começa a cobrir-se de brilhante geada e as aves murmuram protegidas pela ramagem).*

5.1.2. Dando pela falta de Teseu, Ariadne sai no seu encalço - vv. 17 a 20:

> Luna fuit; specto si quid nisi litora cernam; / Quod uideant oculi, nihil nisi litus habent. / Nunc huc, nunc illud, et utroque sine ordine, curro / Alta puellares tardat harena pedes. (*Havia luar. Olho a ver*

se vislumbro algo mais do que a costa. Ora para um lado, ora para outro, num e noutro sentido, sem tino, corro. A espessura da areia retarda os [meus] passos de jovem mulher).

5.1.3. Os rochedos ecoam os gritos de Ariadne - vv. 21 a 24:

Interea toto clamaui in litore «Theseu»; / Reddebant nomen concaua saxa tuum. / Et quotiens ego te, totiens locus ipse uocabat; / Ipse locus miserae ferre uolebat opem[52]. (*Entretanto, por toda a costa, eu gritava: - Teseu! As cavidades dos rochedos devolviam-me o teu nome; e todas as vezes que eu te chamava, outras tantas te chamavam esses sítios. A própria natureza queria socorrer esta desgraçada).*

5.1.4. Avistando a nau ao longe, do cimo dum rochedo procura comunicar com o fugitivo - vv. 41-42:

Candidaque imposui longae uelamina uirgae, / Scilicet oblitos admonitura mei. (*A uma vara comprida atei panos brancos, para me fazer notada de quem sem dúvida se esquecera de mim).*

Assim abandonada, a morte é para ela o menor dos males - vv. 81-82:

Occurrunt animo pereundi mille figurae. / Morsque minus poenae quam mora mortis habet. (*Mil maneiras de perecer me vêm ao espírito, e a morte é menos penosa do que o seu retardamento).*

5.1.5. E já pressente a solidão da própria morte, em terra estranha - vv. 119 a 123:

Ergo ego nec lacrimas matris moritura uidebo, /Nec, mea qui digitis lumina condat, erit. / Spiritus infelix peregrinas ibit in auras /Nec positos artus unguet amica manus. / Ossa superstabunt uolucres inhumata marinae? (*Assim, não verei, ao morrer, as lágrimas duma mãe, nem haverá uns dedos para me fechar os olhos. O meu pobre espírito evolar-se-á em céus estrangeiros, e não haverá uma mão amiga para perfumar os meus membos abandonados. As aves do mar virão pousar nos meus ossos insepultos?).*

---

51 O dístico respeita a métrica: hexâmetro + pentâmetro : _ VV / _ VV / _ VV / _ _ / _ VV / _ _ // _ VV / _ _ / _ / _ VV / _ VV _

52 Textos como este poderão ter servido de inspiração para o episódio camoniano da "Partida das Naus", em Os Lusíadas (IV, 84 ss.). O verso 22º tem bom discípulo neste verso da Epopeia: *Os montes de mais perto respondiam* (Lus. IV, 92,5).

5.1.6. Que, ao menos, no seu triunfo, Teseu a associe à sua glória - vv. 129-130:

Me quoque narrato sola in tellure relictam. / Non ego sum titulis subripienda tuis. (*Conta também o meu abandono numa terra deserta. Não devo ser omitida entre os teus títulos de glória*).

5.1.7. E, num apelo final a que regresse - vv. 148 a 150:

Per lacrimas oro, quas tua facta mouent, / Flecte ratem, Theseu, uersoque relabere uelo. / Si prius occidero, tu tamen ossa feres. (*Por estas lágrimas, que o teu comportamento provoca, rogo-te: inverte a marcha, volta as velas e regressa. Se eu tiver morrido antes, pelo menos levarás os meus ossos*).

5.2. Dos cortes

5.2.1. Surpreendida, Ariadne dá pela falta de Teseu no leito de amor - vv. 9 a 14:

Incertum uigilians, a somno languida, moui. / Thesea prensuras semisupina manus; / Nullus erat. Referoque manus iterumque retempto / [...] / Membraque sunt uiduo praecipitata toro. (*Meio acordada, amortecida pelo sono, e sentada de costas, movi as mãos à procura de Teseu; não estava lá. Uma e outra vez recolho as mãos e tento de novo. [...] De imediato, os meus pés saltaram abaixo do leito vazio*).

5.2.2. Do longo corte dos versos 43 a 78, vejamos os vv. 39 a 42:

Quid faciam ? Quo sola ferar? Vacat insula cultu; / Non hominum uideo, non ego facta boum. / Omne latus terrae cingit mare; nauita nusquam, / Nulla per ambiguas puppis itura uias. (*Que fazer? Onde levar a minha solidão? A ilha é deserta. Não vislumbro trabalho de gente nem de animais. O mar cinge a costa por todos os lados; não há marinheiros em parte alguma; não há qualquer barco a percorrer estes trilhos incertos*).

5.2.2.1. Não espanta a omissão dos juramentos de amor por parte de Teseu e agora evocados por Ariadne - vv. 73-74:

Cum mihi dicebas: «Per ego ipsa pericula iuro / Te fore, dum nostrum uiuet uterque, meam». (*Dizias-me então: - Juro pelos próprios perigos que tu serás minha enquanto ambos vivermos*).

6. Carta de Laodamia a Protesilau

Esta carta tem por cenário a guerra de Tróia. Protesilau parte para a guerra. A esposa Laodamia reivindica os direitos do coração conjugal que, em sua opinião, devem prevalecer sobre os deveres do cidadão chamado a combater.

O antologista teve o cuidado de enquadrar o tema através dum sumário em prosa a anteceder o texto, o qual passo a reproduzir:

> Profecto in bellum troianum Protesilao, suadere nititur coniux Laodemia, ut a pugnis abstineat. (*Partindo Protesilau para a guerra de Tróia, a esposa Laodamia procura convencê-lo a não se envolver nos combates).*

6.1. Do texto seleccionado

O mesmo vento que facilita a partida para a guerra contraria os interesses do coração - vv. 8 a 11:

> Raptus es hinc praeceps, et qui tua uela uocaret, / Quem cuperent nautae, non ego, uentus erat. / Ventus erat nautis aptus, non aptus amanti. / Soluor ab amplexu, Protesilae, tuo (*Foste precipitadamente arrancado daqui. O vento que chamava as tuas velas era o que os marinheiros desejavam, mas não eu; favorável aos marinheiros, contrariava o meu coração. Arrancam-me dos teus braços, Protesilau*).

Mergulhada em dor, Laodamia vê afastar-se o navio - vv. 17-18 e 23-24:

> Dum potui spectare uirum, spectare iuuabat / Sumque tuos oculos usque secuta meis. / Lux quoque tecum abiit, tenebrisque exsanguis obortis / Succiduo dicor procubuisse genu. (*Enquanto pude ver o marido, consolava-me vê-lo, e os meus olhos seguiram continuamente os teus. Contigo foi-se-me também a luz: surgidas as trevas, dizem-me que os meus joelhos vergaram e que caí desfalecida).*

Recuperados os sentidos, aumentou o sofrimento - vv. 29-30:

> Vt rediit animus, pariter rediere dolores; / Pectora legitimus casta momordit amor. (*Quando retomei a consciência, com ela regressou a angústia. Um amor legítimo atormentou o meu coração casto).*

Decide descuidar o seu aspecto físico enquanto o marido estiver na guerra - vv. 41-42:

Qua possum, squalore tuos imitata labores / Dicar et haec belli tempora tristis agam. (*Tanto quanto eu puder, dir-se-á que, através do meu desalinho, imitei os teus sofrimentos, e passarei em tristeza estes tempos de guerra*).

Em combate, deve Protesilau procurar preservar a vida - vv. 69-70:

Et facito ut dicas, quotiens pugnare parabis: / - Parcere me iussit Laodamia sibi. (*E procura dizer, de cada vez que te preparares para combater: - Laodamia recomendou-me que me poupasse para ela).*

6. 2. Dos cortes

6.2.1. A supressão dos versos iniciais deve-se certamente à referência aos beijos da despedida do casal - vv. 7-8:

Oscula plura uiro mandataque plura dedissem, / Et sunt quae uolui dicere multa tibi. (*Teria dado mais beijos ao meu homem e feito mais recomendações. E muitas coisas te quis [ainda] dizer).*

6.2.2. Já menos se compreende a omissão dos vv. 45-46, que aludem à recíproca atracção de Páris e Helena:

Aut te Taenariae faciem culpasse maritae, / Aut illi uellem displicuisse tuam. (*Oxalá tivesses achado defeituoso o rosto da tua companheira, ou o teu lhe tivesse desagradado a ela).*

6.2.3. Os versos 75 a 84 - omitidos - são um bom documentário do pensamento de Ovídio traduzido no slogan do Maio/68: "Faz o amor e não a guerra". Os vv. 75-76 introduzem o tema. Transcrevo-os, fazendo-os anteceder dos dois anteriores que constam, esses, da antologia. Eis, pois, os versos 73 a 76:

Pugnet et aduersos tendat Menelaus in hostis; / Hostibus e mediis nupta petenda uiro est[53]. / Causa tua est dispar; tu tantum uiuere pugna / Inque pios dominae posse redire sinus. (*Que Menelau*

[53] Entre estes dois versos (o 73 e o 74 do original) a *sylva* intercala os dois versos seguintes (um pentâmetro mais um hexâmetro), que transcrevo: *Ut rapiat Paridi, quam Paris ante sibi. /Irruat, et causa quem uincit, uincat et armis. (Para roubar a Páris aquela que Páris antes lhe roubara. Avance e àquele que*

combata e corra a afrontar os inimigos. Cabe ao marido ir buscar a esposa ao meio dos adversários. A tua causa é diferente. Luta só para viveres e poderes regressar aos fiéis braços da tua senhora).

6.2.3.1. O verso 82 é bem eloquente por si mesmo:

Bella gerant alii, Protesilaus amet. (*A guerra façam-na os outros; Protesilau ocupe-se do amor).*

6.2.4. O longo corte dos vv. 103 a 120 diz respeito à intimidade do casal, evocada pela esposa saudosa. Vejamos alguns versos.

6.2.4.1. Transcrevo os versos 101 a 106 (os dois primeiros constam da *sylva*) -

Siue latet Phoebus seu terris altior exstat, / Tu mihi luce dolor, tu mihi nocte uenis, / Nocte tamen quam luce magis; nox grata puellis, / Quarum suppositus colla lacertus habet. / Aucupor in lecto mendaces caelibe somnos; / Dum careo ueris, gaudia falsa iuuant. (*Quer Febo se esconda, quer paire bem alto sobre a terra, de ti durante o dia, de ti durante a noite me nasce o sofrimento. Mais de noite, porém, do que de dia. A noite é doce para as mulheres jovens cujo pescoço repousa sobre um braço nele enlaçado. Persigo no meu leito de celibato o sono enganador. À falta de prazeres verdadeiros, deleito-me com prazeres imaginários).*

6.2.4.2. Versos 113 a 116:

Quando ego te reducem cupidis amplexa lacertis, / Languida laetitia soluar ab ipsa mea, / Quando erit ut lecto mecum bene iunctus in uno / Militiae referas splendida facta tuae? (*Quando te voltarei a ter, bem apertado, nos meus braços apaixonados? Quando, lânguida, me deixarei dissolver na minha própria alegria? Quando será que, juntinho a mim no leito comum, me contarás as tuas brilhantes façanhas da guerra?).*

6.2.5. Finalmente, o corte dos versos 135 a 162: Laodamia inveja as mulheres troianas, a quem a guerra não impede a vida conjugal. Mais uma vez, é a evocação da intimidade conjugal - imaginada - que pode justificar a supressão da passagem referida.

---

ele tem razões para vencer, vença-o também pelas armas). A edição das *Belles Lettres* não aponta divergências que justifiquem o acrescento desses versos.

6.2.5.1. Laodamia conjectura sobre o quotidiano de uma jovem mulher troiana com o seu marido guerreiro, antes e depois do combate - vv. 139-140 e 145-146:

> Arma dabit, dumque arma dabit, simul oscula sumet. / (Hoc genus officii dulce duobus erit). / [...] / Exuet haec reduci clipeum galeamque resoluet / Excipietque suo corpora lassa sinu. (*Ela dar-lhe-á as armas, e, enquanto lhe dá as armas, colherá os seus beijos. Esta ocupação será doce para ambos. No regresso, ela lhe retirará o escudo e desprenderá o elmo, e receberá no seu seio o corpo cansado)*

6.2.5.2. Sorte diferente e ingrata têm as mulheres gregas como ela - diz Laodamia - vv. 147-148:

> Nos sumus incertae, nos anxius omnia cogit, / Quae possunt fieri, facta putare timor. (*A nós resta-nos a incerteza: um medo ansioso leva-nos a tomar como concretizado tudo aquilo que [apenas] pode acontecer).*

7. Carta de Hipermnestra a Linceu

A "autora" da carta é uma das Danaides, mulheres célebres da mitologia grega. Ao contrário das outras 49 irmãs, não cumpriu o projecto, imposto pelo pai, de matar o marido na noite de núpcias. Conseguiu fazer prevalecer o dever - pietas - sobre a obediência filial.

7.1. Do texto seleccionado

Dos 132 versos da carta original foram suprimidos 42.

A personagem masculina da mitologia e que consta do original é Linceu, que aparece na *sylva* como Lino. O antologista conferiu especial relevo a este texto, já que fornece um sumário da história, nestes termos:

> Linum patruelem, eundemque maritum, quem contra Danai patris sui praeceptum a morte servaverat[54], Hypermnestra rogat ut vel opem ferat vinculis ligatae, vel saltem moriturae corpus honorifice sepeliat. (*Hipermnestra pede a Lino, seu primo e marido, a quem salvara da morte*

[54] Tratando-se aqui de texto do antologista, adopto as letras *j* e *v*. O antologista adopta ora as letras ramistas ora as semivogais.

contra as ordens de Dánao, pai dela, que a socorra, já que está presa com cadeias, ou que, pelo menos, estando prestes a morrer, sepulte o seu corpo condignamente).

Tanto a edição francesa como a *sylva* trazem dois versos iniciais considerados subentendidos no original:

[Mittit Hypermnestra de tot modo fratribus uni / (Cetera nuptarum crimine turba iacet)] (*Hipermnestra envia [esta carta] ao único de entre tantos irmãos, que o haviam sido até recentemente. Os restantes - uma multidão - estão mortos, vítimas do crime das esposas).*

Hypermnestra paga por ter cumprido o dever, recusando-se a matar o marido - vv. 3-6:

Clausa domo teneor grauibusque coercita uinclis. / Est mihi supplicii causa fuisse piam. / Quod manus extimuit iugulo demittere ferrum, / Sum rea; laudarer, si scelus ausa forem. (*Estou presa em casa e carregada com pesadas cadeias. A causa do meu tormento foi ter cumprido o meu dever. Sou acusada de me ter recusado a estrangular; louvar-me-iam, se tivesse ousado cometer o crime*).

O peso de consciência cabe ao pai e às irmãs - vv. 15-16:

Paeniteat sceleris Danaum saeuasque sorores. / Hic solet euentus facta nefanda sequi. (*Remorso pelo crime devem ter Dánao e as cruéis irmãs. Essa costuma ser a consequência de acções abomináveis*).

Recorda Hipermnestra ao marido a noite fatídica e as palavras então proferidas - vv. 49-50 e 55-56:

Et timor et pietas crudelibus obstitit ausis, / Castaque mandatum dextra refugit opus. [...] Femina sum et uirgo[55], natura mitis et annis; / Non facient molles ad fera tela manus (*O receio e o sentimento do dever opuseram-me à audácia cruel, e a minha casta mão recusou o acto prescrito [...] Sou mulher e virgem, terna por natureza e idade; umas mãos delidadas não se prestam a armas cruéis*).

---

[55] De acordo com o plano gizado por Dánao, os maridos recolheram aos leitos nupciais embriagados, o que lhes impediu a relação sexual. Esta confissão de virgindade, por parte de Hipermnestra, vai de par com o tratamento de "irmão" (frater), dado ao marido no verso 115, adiante transcrito, e noutros como o verso 130,

7.2. Dos cortes:

7.2.1. Enquanto ela hesita em cumprir as ordens paternas de assassinato do marido, este, meio desperto, tenta abraçá-la, quase se ferindo - vv. 69-70:

> Dum petis amplexus sopitaque bracchia iactas, / Paene manus telo saucia facta tua est. (*Enquanto tentas abraçar-me e agitas os braços entorpecidos, a tua mão ia-se ferindo no punhal).*

7.2.2. O maior corte vai do verso 85 a 122. A maioria dos versos omitidos exprime uma dolorosa queixa contra a deusa Juno, insaciável de vingança pelas traições adulterinas de Júpiter - vv. 85 - 88:

> Scilicet ex illo Iunonia permanet ira, / Cum bos ex homine est, ex boue facta dea. / At satis est poennae teneram mugisse puellam, / Nec, modo formosam, posse placere Ioui. (*Sem dúvida que a cólera de Juno dura desde o dia em que uma mulher se tornou bezerra e de bezerra passou a deusa. Mas foi punição suficiente ter feito mugir uma donzela e ter deixado de agradar a Júpiter, perdida a beleza primitiva).*

Se a supressão dos versos 85-110 encontra, assim, justificação nos amores adulterinos de Júpiter, já não se compreende a omissão dos versos 111 a 122. Transcrevo os vv. 115 a 118:

> De fratrum populo pars exiguissima restat. / Quique dati leto, quaeque dedere, fleo. / Nam mihi quot fratres, totidem periere sorores; / Accipiat lacrimas utraque turba meas. (*Do conjunto dos irmãos resta uma pequeníssima parte. Choro tanto aqueles que foram entregues à morte, como aquelas que executaram as mortes. De facto, perdi tantos irmãos quantas irmãs. Que a multidão de uns e de outras aceite as minhas lágrimas).*

---

que integra o texto do epitáfio que Hipermnestra propõe para o seu túmulo. Importa ter presente que "frater" significava em latim clássico tanto "irmão" como "primo" por parte do pai.

C. Os Amores

Os Amores de Ovídio, assim designados modernamente, têm na *sylva* o nome de "Elegias". O epigrama inicial, de Ovídio, a justificar a passagem dos 5 livros da primeira edição para 3, também consta. Como orientação da minha tradução de extractos sigo a edição das Belles Lettres[56].

1. Do Livro I

1.1. 1ª elegia

1.1.1. Do texto seleccionado

A elegia original é formada por 30 versos; são suprimidos 4.

Ovídio explica como tentou cantar gestas bélicas, fazendo-o, como impunham as artes poéticas, em hexâmetros. Mas Cupido atraiçoou-o - diz o poeta -, roubando um pé ao segundo verso. Dessa forma, o poema que deveria ser em hexâmetros passou a dísticos de um hexâmetro seguido de um pentâmetro - vv. 1 a 4:

> Arma graui numero uiolentaque bella parabam / Edere, materia conueniente modis. / Par erat inferior uersus; risisse Cupido / Dicitur atque unum surripuisse pedem. (*Preparava-me para celebrar, em verso solene, as armas e as violentas guerras, num tema adequado ao metro. O segundo verso era igual ao primeiro. Dizem que Cupido desatou a rir e subtraiu-lhe um pé*).

Queixa-se o poeta, mas o deus do Amor domina-o atingindo-o com as setas da sua aljava, e assim lhe garantindo inspiração lírica - vv. 23-24:

> Lunauitque genu sinuosum fortiter arcum: / - Quodque canas, uates, accipe - dixit - opus. (*Dobrou com força sobre o joelho, o arco recurvado: - Toma lá , ó poeta, - disse - matéria para o teu canto*).

Assim explica a adopção do dístico elegíaco e o abandono dos temas épicos[57] - vv. 27- 30:

---

56 Ver Bibl. B) Ovide, 1968.

57 Ovídio andava empenhado na elaboração de uma Gigantomaquia ou epopeia de Gigantes.

Sex mihi surgat opus numeris, in quinque residat! / Ferrea cum uestris bella ualete modis / Cingere litorea flauentia tempora myrto, / Musa, per undenos emodulanda pedes. (*Comece o meu poema por versos de seis pés e fixe-se em cinco! Adeus, guerras cruéis, juntamente com vossos ritmos. Musa, guarnece a fronte amarelecida, com a murta das margens, tu que tens de cantar em onze pés*[58])

1.1.2. Dos cortes

São suprimidos versos com referências explícitas à paixão amorosa. São os versos 19-20 e 25-26, que passo a transcrever:

Nec mihi materia est numeris leuioribus apta, / Aut puer aut longas puella comas. (*Não disponho de matéria apropriada a um ritmo mais ligeiro, [como seja], um rapaz ou uma rapariga bem arranjada na sua longa cabeleira*).

Me miserum ! Certas habuit puer ille sagittas! / Vror, et in uacuo pectore regnat Amor. */Pobre de mim! Ardo, e no meu coração, [antes] livre, reina [agora] o Amor*).

1.2. 2ª elegia

Esta elegia está reduzida a menos de metade: 22 versos dos 52 do original.

Significativo mau exemplo de falta de respeito pelo original temo-lo neste texto antológico. Sendo o assunto da elegia "materia non grata" para o leitor antológico, porque não foi simplesmente passada adiante? Em vez disso, preferiu o antologista manipular o texto: colocou em epígrafe o tema efectivo da elegia - "Do triunfo de Cupido"- mas completado com uma oração relativa que lhe altera o sentido: De triumpho Cupidinis a quo se trahi aliquando recusauit (*Do triunfo de Cupido pelo qual algumas vezes [Ovídio] recusou ser arrastado)*. Mesmo que traduzamos aquele aliquando por "um dia, outrora", o texto de Ovídio não prova a excepção. O poeta confessa que nunca resiste ao amor, até porque, como demonstra, através de boas comparações, o amor é mais tirânico para com aqueles que lhe resistem.

---

[58] O v. 29 tem diferente redacção na *sylva* : Cinge age littora flauentia tempora myrto. Além do mais, o hexâmetro está errado no 4º pé: _ vv / _ vv / _ _ / vv / _ vv / _ _. Sendo metricamente possível substituir cingere por cingere age, já não é viável trocar litorea (_ vv _) por litora (_ vv).

O antologista, omitindo logo os primeiros oito versos, despista o leitor, que não chega a aperceber-se inteiramente de que o protagonista do texto é o Amor (sempre maiusculado no original, ao contrário da *sylva*)

1.2.1. Sem amor à vista, o leito de dormir é duro, e insuportáveis as insónias - vv. 1 a 4:

> Esse quid hoc dicam, quod tam mihi dura uidentur / Strata, neque in lecto pallia nostra sedent, / Et uacuus somno noctem, quam longa peregi, / Lassaque uersati corporis ossa dolent? (*Como hei-de explicar isto: a cama parece tão dura, os cobertores não param quietos, a noite, na falta do sono, nunca mais acaba e doem-me os ossos num corpo às voltas?*

Será daqui que o antologista deduziu a resistência do poeta ao amor : aliquando?

Afinal, a causa da noite mal dormida está já no amor, que se insinua - vv. 7-8:

> Sic erit; haeserunt tenues in corde sagittae, / Et possessa ferus pectora versat Amor. (*É isso: as suas setas subtis fixaram-se no meu peito e o impetuoso Amor agita-me o coração*).

1.2.2. O antologista faz começar o texto (vv. 9 ss.) na argumentação ovidiana de que, quanto mais se resiste ao amor, mais este se impõe. Mas, como o texto se constrói à base de comparações, o leitor da antologia terá de contentar-se com o formalismo dos símiles. É o caso da subjugação dos bois ao arado - vv. 9-10:

> Verbera plura ferunt, quam quos iuuat usus aratri, / Detractant pressi dum iuga prima boues. (*Sofrem mais açoites os bois que pela primeira vez são sujeitos ao jugo, do que os que aceitam com gosto o serviço do arado*).

1.2.2.1. As comparações usadas - o touro sem treino de trabalho, e o cavalo fogoso dispõem no original (vv. 17-18) dum termo comparativo, omitido na antologia, o qual vem seguido da confissão da rendição do sujeito lírico ao amor - vv. 19-20:

> Acrius inuitos multoque ferocius urget, / Quam qui seruitium ferre fatentur, Amor. / En ego confiteor: tua sum noua praeda, Cupido; / Porrigimus uictas ad tua iura manus. (*O Amor persegue com maior crueza e ferocidade os que são constrangidos do que os que declaram [espontaneamente] ser seus servidores. E eu declaro-o: sou a tua nova presa, Cupido. Estendo as mãos vencidas perante as tuas leis*).

1.2.3. Suprimido o objecto da obediência - o Amor -, gera-se a equivocidade: obediência a quê? O leitor pode admitir vários objectos da obediência, ou até absolutizá-la, desde que não pense no amor. E o antologista teve o cuidado de retirar-lhe um signo que poderia servir-lhe de pista: no verso 23 substituiu myrto (*mirto* ou *murta*, o arbusto consagrado a Vénus) por lauro (*loureiro*, a árvore de Apolo, com cujos ramos se faziam coroas para poetas e heróis, incluindo, portanto, os guerreiros). Metricamente o verso ficou correcto. O poeta fala com Cupido, mas o leitor da *sylva* ignora tal identidade - vv. 23-24:

> Necte comam myrto, maternas iunge columbas; / Qui deceat, currum uitricus ipse dabit. (*Coroa de mirto a tua cabeleira. Atrela as pombas da tua mãe. O carro que te convém, o teu padrasto*[59] *em pessoa to dará*).

1.2.4. Torna-se também possível deixar passar os versos de referência à mãe, já que o leitor ignora tratar-se de Vénus - vv. 39-40:

> Laeta triumphanti de summo mater Olympo / Plaudet et adpositas sparget in ora rosas. (*Contente com o [teu] triunfo, lá do alto Olimpo [tua] mãe aplaudirá e espalhará rosas postas a jeito*).

1.2.5. Mesmo os dois versos finais (51-52) foram silenciados, não fosse um aluno mais curioso indagar do parentesco de César[60] com Cupido, interlocutor no texto, ou deduzir que, afinal, Ovídio estava a implorar compaixão como vencido, ele próprio, pelo amor:

> Aspice cognati felicia Caesaris arma; / Qua uicit, uictos protegit ille manu. (*Repara como são generosos os triunfos bélicos de César: protege os vencidos com a [mesma] mão com que os venceu*).

1.3. 3ª elegia

O tratamento dado a esta elegia revela grande mestria no aproveitamento dum texto. Este poema interessa sobretudo como autobiografia ovidiana. Pois bem: teria bastado suprimir os quatro primeiros versos, que contêm a dedicatória à amada, para que o texto pudesse ficar intacto(?). Mas a ousadia foi maior: a elegia leva por título na sylva

---

[59] Muito menos decifrará o leitor o referente de uitricus, *padrasto*: trata-se de Vulcano, marido de Vénus, o ferreiro dos reinos subterrâneos.

[60] César Augusto, de acordo com a tradição, poetizada por Virgílio na Eneida, pertencendo à *gens iulia*, entroncava em Eneias, filho da deusa Vénus.

"Ad amicum" (e não "Ad amicam), como se imporia). Suprimidos, pois, os quatro primeiros versos e masculinizado o destinatário, o leitor fica com um texto diferente.

1.3.1. Vejamos os primeiros versos suprimidos - vv. 1 a 4:

> Iusta precor: quae me super praedata puella est / Aut amet aut faciat cur ego semper amem. / A, nimium uolui! Tantum patiatur amari, audierit nostras tot cytherea preces. (*Sou razoável na petição: que a mulher que recentemente me cativou me ame ou consiga que eu a ame sempre. Ah, pedi demasiado! Basta que se deixe amar; [então] Vénus terá ouvido todas as minha preces).*

1.3.2. Seguem-se informações sobre a vida do poeta, que interessariam aos alunos. Segundo Ovídio, os seus melhores pergaminhos estão na poesia - vv.7 a 11:

> Si me non ueterum commendant magna parentum / Nomina, si nostri sanguinis auctor eques / Nec meus innumeris renouatur campus aratris, / Temperat et sumptus parcus uterque parens, / At Phoebus comitesque nouem uitisque repertor[61]. (*Se não me recomendam grandes nomes de velhos parentes, se o meu antepassado mais recuado era [apenas] um cavaleiro, se os meus campos não são revolvidos por inúmeros arados, se os meus pais têm de ser moderados nas despesas, em compensação tenho por associados Febo, as [suas] nove companheiras e o inventor da vinha [Baco].*

1.3.3. Juramentos de fidelidade no amor escapam à censura, uma vez omitida a menção da mulher - vv. 17-18:

> Tecum, quos dederint annos mihi fila sororum, / uiuere contingat teque dolente mori. (*Contigo aconteça viver eu os anos que me concederem os fios das [três] irmãs [Parcas], e que sejas tu a chorar a minha morte).*

1.3.4. De registar, a referência às metamorfoses de Io, Leda e Júpiter - histórias que normalmente são suprimidas nas antologias - vv. 21 a 24:

> Carmine nomen habent exterrita cornibus Io / Et quam fluminea lusit adulter aue, / Quaeque super pontum simulato uecta iuuenco / Virginea tenuit cornua uara manu. (*Pela poesia são célebres Io, espantada com os chifres, aquela [Leda] que o adúltero [Júpiter] simulou na forma dum cisne e*

---

[61] Apolo, as nove musas e Baco (o "inventor" da vinha), também ele protector da poesia, são o verdadeiro motivo de orgulho de Ovídio.

aquela [Europa] que, levada sobre as águas do mar num falso touro, segurou os chifres recurvados com a sua mão de donzela).

1.3.5. É notória a preocupação de Ovídio em acentuar o papel da poesia enquanto garante da posteridade. O antologista terá sido sensível a esse aspecto dominante nesta elegia - vv. 25 - 26:

Nos quoque per totum pariter cantabimur orbem, / Iunctaque semper erunt nomina nostra tuis (*Também eu serei igualmente cantado por toda a parte, e o meu nome ficará sempre unido ao teu).*

1.4. 4ª elegia

Na edição das *Belles Lettres* esta elegia é a 12ª.

No título da *sylva* lê-se: "Execratur tabellas a se missas, quod repulsae significationem retulerunt" (*Profere imprecações contra as tabuinhas por si enviadas, pelo facto de terem trazido de volta a indicação de uma recusa).*

A originalidade do texto ovidiano está na riqueza das imprecações do poeta contra a própria madeira das tabuinhas e contra a cera, as quais tornaram possível uma recusa de encontro por parte da mulher amada. O antologista não deixou perder nada dos elementos descritivos e informativos sobre aquele material de escrita. Bastou-lhe, para isso, dessexualizar o texto. Do confronto entre passagens exemplificativas do texto seleccionado e os versos suprimidos será possível confirmar quanto fica dito.

1.4.1. Do texto seleccionado

1.4.1.1. O poeta convida a partilhar a sua dor e indica o motivo - vv. 1-2:

Flete meos casus: tristes rediere tabellae. / Infelix hodie littera posse negat. (*Chorai os meus infortúnios: tristes regressaram as tabuinhas. Um escrito lamentável diz que hoje não é possível).*

1.4.1.2. Ao repudiar a resposta negativa ao pedido de encontro, o poeta recorda o material da escrita - vv. 7-8:

> Ite hinc, difficiles, funebria ligna, tabellae, / Tuque, negaturis cera referta notis [...] (*Ide-vos daqui, penosas tabuinhas, madeira fúnebre, e [também] tu, cera, cheia de indicações de recusa [...]).*

1.4.1.3. Dando vazão à sua cólera, imagina outros serviços prestados pela árvore que produziu a madeira das tabuinhas - vv. 17 a 20:

> Praebuit illa arbor misero suspendia collo; / Carnifici diras praebuit illa cruces; / Illa dedit turpes raucis bubonibus umbras, / Vulturis in ramis et strigis oua tulit. (*Essa árvore ofereceu a um desgraçado os meios para se enforcar; ela ofereceu ao carrasco cruzes infames; ela deu aos roucos mochos as sombras funestas; suportou nos seus ramos os ovos dos abutres e dos vampiros).*

1.4.1.4. Uma informação sobre a organização das tabuinhas tinha também o seu interesse cultural - vv. 27-28:

> Ergo ego uos rebus duplices pro nomine sensi: / Auspicii numerus non erat ipse boni. (*Percebi, portanto, que, na realidade, éreis duplas, de acordo com a designação[62]: o próprio número não augurava nada de bom).*

1.4.2. Dos cortes

1.4.2.1. O primeiro corte abrange os versos 3 a 6, centrados na escrava Nape, portadora da mensagem. Logo ao sair ela de casa, surgiram presságios de mau desfecho - vv. 3-4:

> Omina sunt aliquid: modo cum discedere uellet / Ad limen digitos restitit icta Nape. (*Os presságios valem algo: quando se preparava para sair, Nape bateu com os dedos [dos pés] no degrau da entrada e ficou ferida).*

---

62 Da organização física das tabuinhas - duas sobrepostas - parte o poeta para o sentido figurado de duplex, 'fingido', 'hipócrita'. É curioso verificar que essa acepção moderna da nossa palavra "dúplice" já existia entre os clássicos latinos.

1.4.2.2. Mais significativo, porém, é o corte dos versos que indicam a destinatária da mensagem - vv. 21-22:

> His ego commisi nostros insanus amores / Molliaque ad dominam uerba ferenda dedi! (*A tais [tabuinhas] confiei, insensato, os meus amores e entreguei doces palavras para chegarem à [minha] senhora!).*

1.5. 5ª elegia

É a 13ª nas *Belles Lettres*. A elegia é uma bela descrição da madrugada. Mas é mais do que isso: o poeta roga à Aurora (assim personalizada) que não se apresse a substituir a noite, essa sim, mais querida dos amantes. Retirada a referência ao amor, ficava só a descrição do amanhecer.

Dos 48 versos do original passaram 30.

1.5.1. A alba irrompe sobre o oceano - vv. 1-2:

> Iam super oceanum uenit a seniore marito / Flaua pruinoso quae uehit axe diem. (*Já, por cima do oceano, vem, de junto do idoso[63] marido, a dourada [Aurora] que traz o dia no [seu] carro gelado).*

1.5.2. Os versos 5-6, a seguir transcritos, foram omitidos. Sem eles, o leitor não está nas melhores condições para compreender o elogio da noite contido nos versos seguintes:

> Nunc iuuat in teneris dominae iacuisse lacertis, / Si quando, lateri nunc bene iuncta meo est. (*É o momento em que gosto de ficar nos ternos braços da minha amada, quando ela está bem juntinha ao meu seio).*

1.5.3. Suprimida a referência mais forte ao amor, já podem passar os versos 9-10:

> Quo properas, ingrata uiris, ingrata puellis? / Roscida purpurea supprime lora manu. (*Para onde corres, desagradável [como és] aos homens e às jovens mulheres? Detém, com a mão de púrpura, as rédeas orvalhadas).*

1.5.4. O elogio à noite só faz pleno sentido por ela favorecer o amor - vv. 11-12:

> Ante tuos ortus melius sua sidera seruat / Nauita nec media nescius errat aqua [64]. (*Antes do teu aparecimento, o piloto observa melhor os seus astros e não vagueia perdido no meio das águas).*

1.5.5. A manhã obriga as crianças a partir para a escola - vv. 17-18:

> Tu pueros somno fraudas tradisque magistris / Vt subeant tenerae uerbera saeua manus. (*Tu roubas os meninos ao sono e entrega-los aos mestres, para que as tenras mãos sofram cruéis reguadas*[65]*).*

1.5.6. Mas a referência directa ao amor é suprimida - vv. 25-26:

> Omnia perpeterer; sed surgere mane puellas, / Quis, nisi cui non est ulla puella, ferat? (*Tudo mais suportaria; mas levantar cedo jovens mulheres quem o admitirá, a não ser alguém que não tenha qualquer mulher?*).

1.5.7. No entanto, a passagem mais longa que fica de fora refere-se aos amores de Aurora e Céfalo. Eis os primeiros desses versos - vv. 37 a 40:

> Illum dum refugis, longo quia grandior aeuo, surgis ad inuisas a sene mane rotas. / At si, quem mauis, Cephalum complexa teneres, / Clamares : «Lente currite, Noctis equi.». (*Foges dele [Titon], por ser demasiado velho; levantas-te cedo para tomares a odiada carruagem. Se, pelo contrário, estivesses abraçada a Céfalo, que tu preferes, gritarias: «Avançai lentamente, cavalos da Noite»).*

1.5.8. Há, da parte do antologista, o cuidado de rematar a elegia, fornecendo, por isso, os últimos, versos - vv. 47 a 48:

> Iurgia finieram; scires audisse: rubebat. Nec tamen adsueto tardius orta dies[66]. (*Havia eu terminado as censuras; pensar-se-ia que ela as tinha acatado, [já que] corava. Todavia, o dia não amanheceu mais tarde do que habitualmente).*

---

63 Como Títon, marido de Aurora, era velho, a deusa levantava-se cedo. No original percebe-se bem o contraste pela menção de Céfalo, o jovem por quem ela se apaixonou. Mas esses versos referentes a Céfalo não constam.

64 O final do verso na *sylva* tem a seguinte redacção: nescit an erret aqua, a qual respeita a métrica e o sentido do original.

65 A condenação, implícita nestes versos, dos castigos corporais infligidos às crianças na escola primária terá marcado as orientações dadas pelo próprio Inácio de Loyola, que proibia a sua aplicação pelas pessoas dos jesuítas (Cf. Rodrigues: 1931, t. I, v. I, p. 287). Mas o fundador da Companhia podia colher idênticas advertências nos Padres da Igreja, como é o caso de Santo Agostinho (Cf. Confissões, I, 9).

66 Este verso apresenta-se assim na *sylva*: *Nec tamen est solito orta dies.*

1.6. De algumas elegias omitidas

A omissão da maior parte das elegias do Livro I deve-se certamente às referências explícitas aos amores de Ovídio e Corina. Não se esperaria que, por exemplo, o conluio amoroso ou uma espécie de "ménage à trois" (4ª elegia), o apelo ao porteiro de Corina para lhe abrir a porta da amante (6ª), a descrição da sabedoria engenhosa duma alcoviteira (8ª) , etc., figurassem na antologia.

Admira, porém, que não fosse retomada a 15ª elegia, apesar de ter surgido, quase integralmente, a encabeçar os extractos de Ovídio. É que o leitor estaria agora mais preparado para conferir o devido relevo à exaltação da arte, tema central dessa elegia.

1.6.1. Convém recordar aqui os termos da mencionada advertência "Ad lectorem", que antecede a transcrição de 38 versos dum total de 46 desta elegia ovidiana:

> Quia vero laus poetarum voluptatem aferre potest iis qui poematum varietate delectantur, Ovidii versus ex primo elegiarum libro subjiciam, in quibus praeclara inest, et elegans illustrium quorundam auctorum commendatio. (*Uma vez que o elogio dos poetas pode proporcionar prazer a quem se deleita com a variedade dos poemas, apresentarei versos do primeiro livro das elegias de Ovídio, nos quais há uma notável e elegante recomendação de alguns autores).*

1.6.2. À crítica malévola (Liuor edax) que o censura por ter desprezado as honras da vida militar (Praemia militiae pulueruleuta [non] sequi, v. 4), bem como a verborreia da advocacia e a "prostituição"do foro (Nec me uerbosas leges ediscere nec me / Ingrato uocem prostituisse foro, vv. 5-6), objecta Ovídio nos vv. 7-8:

> Mortale est, quod quaeris, opus; mihi fama perennis / Quaeritur, in toto semper ut orbe canar. (*Passageira é a obra que persegues. Eu pretendo renome imortal: ser celebrado para sempre no mundo inteiro).*

1.6.3. Entre os poetas romanos cuja fama Ovídio considera indelével está Virgílio Marão, lírico (das Bucólicas - "Tityrus" - e Geórgicas - "fruges") e épico, o cantor de Eneias - vv. 25-26:

> Tityrus et fruges Aeneiaque arma legentur, / Roma triumphati dum caput orbis erit. (*Títiro, as searas, Eneias e [seus] combates serão lidos enquanto Roma for a capital do mundo dominado).*

A superioridade da arte sobre os feitos havia sido um tópico renascentista, já glosado por Camões[67]. Mas o antologista não terá sido sensível a esse valor humanista.

2. Do Livro II

2.1. 1ª elegia

É a 6ª elegia das *Belles Lettres*. São apenas omitidos dois versos do total de 62.

O interesse da elegia está no seu motivo central: o papagaio. A ave falante não era novidade na nossa cultura . Basta lembrar o seu tratamento poético num autor como o rei D. Dinis, cuja pastorela "Ua pastor ben talhada" é justamente considerada uma pequena obra-prima.

2.1.1. No poema de Ovídio, chora-se a morte dum papagaio - vv. 1-2:

> Psittacus, Eois imitatrix ales ab Indis, / Occidit; exequias ite frequenter, aues. (*O papagaio, ave imitadora [da voz humana], vinda das Indias de Aurora, morreu; aves, ide em massa às suas exéquias*).

2.1.2. O papagaio era ave de estimação de uma mulher. Essa referência aparece em Ovídio nos versos 19-20, omitidos na *sylva*. Mas esta omissão tem por efeito atenuar a mensagem de efemeridade e inutilidade dos atributos físicos, dada pelo original. Transcrevo os versos 17 a 20 (só os dois primeiros constam da *sylva*):

> Quid tamen ista fides, quid rari forma coloris, / Quid uox mutandis ingeniosa sonis, / Quid iuuat, ut datus es, nostrae placuisse puellae? / Infelix, alium gloria, nempe iaces ! (*Para quê, porém, essa lealdade, para quê a beleza de uma rara plumagem, para quê uma voz engenhosa em sons diversos? De que [te] aproveita teres caído nas boas graças da senhora, logo que lhe foste entregue?).*

---

67 Cf. *Lus.* V, 93 ss.

2.1.3. A elegia termina num epitáfio da sepultura do papagaio, aí posto como fala sua. Apesar de conter menção da dona, os versos passaram - vv. 61-62:

> «Colligor ex ipso dominae placuisse sepulcro; / Ora fuere mihi plus aue docta loqui». («*Deduz-se da própria sepultura que agradei à minha senhora. A minha boca foi mais sábia a falar do que [qualquer outra] ave*»).

2.2. 2ª elegia

É a 11ª do original. Dos 56 versos de Ovídio constam 32.

A selecção da elegia obedeceu certamente à fortuna do tópico epicurista, tão divulgado no Renascimento, de condenação dos riscos da vida marítima. A Camões inspirara o célebre episódio do "Velho do Restelo": "Oh, maldito o primeiro que, no mundo, / Nas ondas vela pôs em seco lenho !" (Lus., IV, 102).

A *sylva* atribui um título elucidativo à elegia: "Execratur navigationem" (*Abomina a navegação).*

2.2.1. Ovídio dá como 1ª navegação a da nau Argos em busca do velo de oiro - vv.5-6:

> O utinam, nequis remo freta longa moueret, /Argo funestas pressa bibisset aquas! (*(Oxalá que, para que ninguém voltasse a agitar com os remos os extensos mares, Argos, afundada, tivesse bebido as águas funestas!).*

2.2.2. Se fica assim salvo o tópico da condenação da ousadia humana, a antologia apaga a protagonista: Corina, que se prepara para uma viagem arriscada - vv. 7-8 (omitidos):

> Ecce fugit notumque torum sociosque Penates / Fallacisque uias ire Corinna parat. (*Eis que Corina foge do leito conhecido e dos aliados Penates e prepara-se para percorrer caminhos enganosos).*

Os versos 35 a 56 (omitidos) são um voto de feliz regresso da mulher amada.

2.3. 3ª elegia

Os 52 versos originais estão reduzidos a 16. Fica quase uma paisagem sem gente, ao gosto de um árcade como Alberto Caeiro[68]. Nada, porém, mais contrastante com a elegia de Ovídio: a bela e fértil terra sulmonense, torrão natal do poeta, perde todo o seu interesse e encanto na ausência da mulher amada.

Mas a descrição de Sulmona vale, antes do mais, como terra de Ovídio. Pesaram certamente, em seguida, os dados descritivos em si mesmos.

2.3.1. Sulmona não se mede aos palmos - vv. 1-2:

> Pars me[69]Sulmo tenet Paeligni tertia ruris, / Paruua, sed irriguis ora salubris aquis. (*Sou de Sulmona: é um dos três cantões do território dos Pelignos, região pequena mas saudável graças às águas que a irrigam.)*

2.3.2. Nada, porém, de amores: a longa passagem, de que transcrevo os dois primeiros versos (vv. 11-12), não consta:

> At meus ignis abest. Verbo peccauimus uno. / Quae mouet ardores est procul; ardor adest. (*Mas o meu incêndio [de amor] está ausente. [Perdão]: enganei-me só numa palavra: está longe a que provoca a chama; mas o fogo está presente).*

2.3.3. Curiosamente, o antologista inclui os versos finais, onde aparece referência a uma mulher, através da marca gramatical de feminino (ipsa, v. 50). Se atentarmos ainda no facto de ter sido dado um título ao extracto (Invitat ad praedium suum: *convida para a sua propriedade*), porventura teremos de admitir que o antologista estava distraído ou em hora de maior benevolência para com os pares amorosos - vv. 49 a 52:

> Paruaque quamprimum rapientibus esseda mannis / Ipsa per admissas concute lora iubas. / At uos, qua ueniet, tumidi, subsidite, montes, / Et faciles curuis uallibus este, uiae. (*E, o mais depressa possível, [te traga] um carro ligeiro conduzido por póneis velozes, e tu própria sacode as rédeas*

---

68 "Toda a paz da Natureza sem gente / Vem sentar-se a meu lado." (F. Pessoa-A.Caeiro, «O Guardador de Rebanhos», I).

69 Na *sylva* temos "Me pars", talvez para dar relevo ao sujeito lírico. Como a edição das *Belles Lettres* não indica divergências, neste caso, de manuscritos, a alteração será da responsabilidade do antologista. Note-se que daí não resulta qualquer infracção à métrica do verso.

através das crinas flutuantes. Mas vós, à sua passagem, abaixai-vos, soberbas montanhas; e, nos vales profundos, sede-lhe fáceis, ó caminhos).

2.4. De algumas elegias omitidas

Entre as várias elegias do Livro I integralmente omitidas, ponho em relevo a 4ª, que um cristão de hoje poderia comprazer-se a anotar como boa matéria de reflexão e cuja ideia central resumo assim: a força quase irresistível das paixões. Há versos nesta elegia aptos a influenciar um Paulo de Tarso[70]. Transcrevo os primeiros seis versos da elegia:

> Non ego mendosos ausim defendere mores / Falsaque pro uitiis arma mouere meis. / Confiteor, siquid prodest delicta fateri; / In mea nunc demens crimina fassus eo. / Odi, nec possum cupiens non esse, quod odi: / Heu! quam, quae studeas ponere, ferre graue est! (*Não ousaria justificar meus costumes abandalhados nem usar falsas armas a favor de meus vícios. Confesso, se a confissão dos erros traz algum proveito. [Mas] agora, na minha demência, após ter confessado, passo aos mesmos crimes. Detesto, mas não consigo evitar o que detesto! Ai de mim! Quão difícil é suportar o que se deseja evitar!).*

Deixo no ar uma pergunta: teria o antologista receio de "cristianizar" esta delicadíssima confissão dum poeta do paganismo?

3. Do Livro III

3.1. 1ª elegia

Há coincidência de numeração entre a *sylva* e as *Belles Lettres*.

O extracto regista 44 versos dos 70 do original. Depois de uma breve descrição da gruta onde o poeta se recolhia em busca de inspiração, segue-se uma interessante disputa entre a Elegia e a Tragédia (personalizadas, logo, grafadas com iniciais maiúsculas).

Deve ter sido a temática dos géneros literários a motivar a selecção desta elegia. Aliás, comprova-o o título anteposto ao extracto: Deliberat Poeta utrum Elegiarum scriptio Tragoediis sit anteponenda (*Reflecte o Poeta sobre se deve dar à composição de elegias prioridade sobre a de tragédias).*

3.1.1. Do texto seleccionado

3.1.1.1. Da descrição inicial - vv. 1 a 4:

Stat uetus et multos incaedua silua per annos; / Credibile est illi numen inesse loco; / Fons sacer in medio speluncaque pumice pendens, / Et latere ex omni dulce queruntur aues. (*Há uma floresta antiga, sem qualquer corte há longo tempo. Julga-se que habita nesse sítio uma divindade. No meio, uma fonte sagrada e uma caverna pendente dum rochedo. E, de cada um dos lados, melodiosamente, murmuram aves).*

3.1.1.2. Aí lhe surgem a Elegia e a Tragédia. Assim se caracteriza a primeira - vv. 7-10:

Venit odoratos Elegia nexa capillos, / Et, puto, per illi longior alter erat. / Forma decens, uestis tenuissima, uultus amantis, / Ex pedibus uitium causa decoris erat. (*Chegou a Elegia, de cabelos presos e perfumados. E, - julgo eu - um dos pés era mais comprido do que o outro. A sua beleza era graciosa, a veste ligeiríssima, a expressão de amorosa. Mesmo o defeito nos pés era motivo de graciosidade).*

3.1.1.3. Apresenta-se então a Tragédia - vv. 11-12:

Venit et ingenti uiolenta passu, / Fronte comae torua, palla iacebat humi. (*Chegou também, em grandes passadas, a violenta Tragédia, de cabelos espalhados pelo rosto perturbado e a veste a arrasar o solo).*

3.1.1.4. A Tragédia quer fazer de Ovídio o trágico romano - vv. 29 - 30:

Nunc habeam per te, Romana Tragoedia, nomen! / Implebit leges spiritus iste meas. (*Que eu, Tragédia Romana, receba nome através de ti! A tua inspiração seguirá as minhas leis).*

3.1.1.5. E Ovídio não fecha as portas à musa trágica, assim mostrando reconhecer a sua superioridade sobre a lírica amorosa - vv. 67-68:

Exiguum uati concede, Tragoedia, tempus: / Tu labor aeternus; quod petit illa, breue est. (*Concede algum tempo ao poeta, Tragédia. Tu [implicas] um esforço permanente; o que pede ela [a Elegia] dura pouco).*

---

[70] Ocorre-me a Carta aos Romanos (7, 19): "Não faço o bem que eu quero, mas faço o mal que não quero".

3.1.2. Dos cortes

Sendo prioritária, neste caso, a atenção a dois géneros literários em confronto, mais rigorosa se torna a pena censória do antologista.

3.1.2.1. Basta uma alusão a mulheres, mesmo sem nomeação de pessoas, para omitir uma fala essencial da Tragédia, dirigida ao poeta - vv. 27-28:

> - Quod tenerae cantent, lusit tua Musa, puellae / Primaque per numeros acta iuuenta suos. (*A tua Musa tem-se divertido com o que cantam ternas meninas, e a tua primeira juventude foi gasta nos seus ritmos).*

3.1.2.2. O extenso corte (vv. 41 a 60) é a autodefesa da Elegia, texto em que não faltam referências a Cupido, Vénus e Corina. Vejamos um fragmento da fala da Elegia em que ressalta a astúcia de Corina, a amada de Ovídio:

> Per me decepto didicit custode Corinna / Liminis adstricti sollicitare fidem / Delabique toro tunica uelata soluta / Atque impercussos nocte mouere pedes. (*De mim aprendeu Corina a iludir o guarda, a abalar a fidelidade de uma porta bem trancada, e a descer do leito, vestida com uma túnica ondulante, e a caminhar no escuro em pés de lã).*

3.2. 2ª elegia

É a 6ª das *Belles Lettres* e traz o seguinte título na *sylva*: Alloquitur fluvium quem trajicere volebat. (*Fala com um rio que ele pretendia atravessar).*

O título encontrado releva da importância concedida à figura retórica da animização.

O original tem 46 versos, dos quais só são transcritos os 20 primeiros. À primeira vista, tratar-se-ia de uma escolha inocente, visando apenas encurtar o texto original e tomando a segunda parte como dispensável. E um leitor menos atento não se aperceberá de uma subtil (mas significativa) alteração no 2° verso, que passo a transcrever : Ad dominam propero; siste parumper aquas. O antologista substituiu "Ad dominam" por "Ad uillam". Desta forma, o poeta, chegado junto de um rio caudaloso, sente-se impedido de se dirigir ... à casa de campo! (uillam) em vez de cair nos braços da amante (dominam). Habilidosa manipulação dum texto!

A sedução pela originalidade da elegia - imprecações do poeta contra as águas que lhe impedem a passagem - justifica a escolha do texto, mesmo que tenha de sofrer alterações.

3.2.1. Também a temática da mudança, tão glosada pelos nossos quinhentistas (Sá de Miranda, Bernardim Ribeiro, Camões) terá despertado a atenção - vv. 5 a 8:

> Paruus eras, memini, nec te transire refugi / Summaque uix talos contigit unda meos. / Nunc ruis apposito niuibus de monte solutis / Et turpi crassas gurgite uoluis aquas. (*Lembro-me bem de que eras pequeno e não evitei atravessar-te [a pé]; as tuas águas mais profundas apenas me tocavam os calcanhares. Agora precipitas-te com as neves do monte derretidas e revolves no feio abismo espessas águas).*

3.3. 3ª elegia

É a 8ª das *Belles Lettres*. Suprimem-se 38 dos 66 versos do original.

O antologista escolheu um título atractivo: Dolet diuitias ingenio anteferri (*Lamenta que se ponham as riquezas acima do talento)*. O tópico clássico enunciado no título está presente nos Lusíadas [71]. Mas Ovídio não faz aqui a apologia da arte; apenas vocifera contra o facto de que as mulheres lhe prefiram amantes de maior consideração social. É que os dotes poéticos afinal valem pouco na disputa da alcova!

O antologista soube mutilar o original de forma a orientar a leitura do texto a seu bel-prazer.

3.3.1. Antigamente é que era bom![72] - vv. 1-4:

> Et quisquam ingenuas etiamnunc suspicit artes, / Aut tenerum dotes carmen habere putat? / Ingenium quondam fuerat pretiosius auro; / At nunc barbaria est grandis habere nihil. (*Quem agora faz caso das artes liberais ou pensa em atribuir valor a um poema lírico? O talento outrora era mais precioso que o ouro; mas, agora, sinal de grande barbárie é ser pobre).*

---

[71] Lembremos, por exemplo, este eloquente dístico: *Este* [o dinheiro] *deprava às vezes as ciências, / Os juízos cegando e as consciências.* (Lus. VIII, 98, 7-8).

[72] Esta reflexão, ouvida em todos os tempos, da parte da geração mais idosa, surge aqui na boca do jovem Ovídio.

3.3.2. São, porém, os primeiros versos suprimidos que permitem descortinar as razões do protesto do jovem cioso.

3.3.2.1. Uma mulher fecha-lhe a porta na cara, mas abre-a a outro socialmente mais considerado - vv. 9-10:

> Ecce recens diues parto per uulnera censu / Praefertur nobis sanguine pastus eques. (*Aí está um novo-rico, que obteve a categoria pelas feridas recebidas, e, cavaleiro alimentado de sangue, passa-me à frente).*

3.3.2.2. E passa a denegrir o rival no amor - vv. 15-16:

> Laeua manus, cui nunc serum male conuenit aurum, / Scuta tulit. Dextram tange; cruenta fuit. (*A [sua] mão esquerda, em que fica mal o oiro serôdio, [antes] transportou o escudo. Toca-lhe na mão direita: esteve manchada de sangue).*

3. 3.3. Só a passagem suprimida confere pleno sentido aos versos seguintes (presentes na *sylva*) - vv. 23-24:

> Ille ego Musarum purus Phoebique sacerdos / Ad rigidas canto carmen inane fores? (*Então eu, límpido sacerdote das Musas e de Apolo, canto um poema inútil diante da [tua] porta insensível?).*

3.3.4. O elogio da idade do ouro ou de Saturno é feito neste contexto da elegia - vv. 35-36:

> At cum regna senex caeli Saturnus haberet, / Omne lucrum tenebris alta premebat humus. (*Mas, quando o velho Saturno reinava nos céus, todas as riquezas o solo profundo as retinha comprimidas nas trevas).*

3.3.4.1. E versos como os seguintes fazem a condenação da ambição desmedida dos homens - vv. 49-50:

> Quid tibi cum pelago? Terra[73] contenta fuisses! / Cur non et coelum tertia regna facis? (*Que tinhas a ver com o mar? A terra devia ter-te bastado! Porque não assaltas também o céu como um terceiro reino?)*

---

[73] *Contenta* concorda em género com *natura* (*hominum natura*, v. 45). A métrica ajuda a decifrar o verso: a terminação de *terra* (em ablativo) *é longa,* a de *contenta* (em nominativo) é breve.

3. 3. 5. Mas, no fundo, a verdadeira condenação das riquezas, das honras e das ambições surge em nome da desvalorização dos dons poéticos na conquista das mulheres. Isso é bem explícito nos últimos versos suprimidos (59 a 66), de que transcrevo os dois últimos:

> O si neglecti quisquam deus ultor amantis / Tam male quaesitas puluere mutet opes! (*Oh, se algum deus vingador dum amante desprezado transformasse em poeira riquezas tão mal buscadas!).*

3.4. 4ª elegia

É a 9ª do Livro III. Ovídio chora a morte do poeta e amigo Tibulo.

Dos 68 versos originais apenas faltam 8. A elegia exalta Tibulo como poeta do amor. A sua arte garante-lhe a imortalidade junto das gerações futuras. Mas igualmente lhe terá proporcionado entrada nos Campos Elísios (Elysia ualle, v. 60). Os versos suprimidos (31-32 e 53-58) dizem respeito às mulheres amadas por Tibulo.

3.4.1. Cupido está de luto - vv. 9-12:

> Aspice, demissis ut eat miserabilis alis / Pectoraque infesta tundat aperta manu; / Excipiunt lacrimas sparsi per colla capilli, / Oraque singultu concutiente sonant. (*Vê como caminha triste, de asas caídas, e fere o peito descoberto com mão cruel. Os cabelos espalhados pelos ombros recolhem as lágrimas e os seus lábios ressoam em agitados soluços).*

3.4.2. Afinal, os poetas também morrem. Nem mesmo Orfeu escapou - vv. 17-22:

> At sacri uates et diuum cura uocamur[74]. Sunt etiam qui nos numen habere putent / Scilicet omne sacrum mors importuna profanat. Omnibus obscuras inicit illa manus. / Quid pater Ismario, quid mater profuit Orpheo ? / Carmine quid uictas obstipuisse feras ? (*Mas chamam-nos seres sagrados, a nós os poetas, e cuidado dos deuses. Há mesmo quem nos atribua poder divino. A verdade é que a morte implacável profana quanto há de sagrado: ela lança as mãos tenebrosas sobre toda a gente. A Orfeu da Trácia, que lhe valeram [tais] pai e mãe, ou o facto de ter imobilizado e vencido as feras com o seu canto ?).*

---

[74] Este verso tem na sylva a seguinte redacção: At sacri uatis, et diu crura uocamur. "Crura"(*pernas*) deve ser gralha por "cura"(*cuidado*), sendo, nesta hipótese, uatis nominativo do singular: "Chamam-nos poeta do sagrado". Acontece que a desinência *-is* do nominativo *uatis* é breve, quando a métrica exige aí uma sílaba longa.

3.4.3. Só a poesia persiste para além da morte - v. 28:

> Defugiunt auidos carmina sola rogos (*Só os poemas escapam à avidez da pira).*

3.4.4. Mas Tibulo terá entrado nos Campos Elísios - vv. 59-60:

> Si tamen e nobis aliquid nisi nomen et umbra / Restat, in Elysia ualle Tibullus erit. (*Se, porém, resta de nós algo mais do que um nome e uma sombra, Tibulo estará nos Campos Elísios).*

3.5. 5ª elegia

É a 10ª elegia do Livro III. O extracto dá-nos 22 dos 48 versos de Ovídio.

A elegia celebra as festas anuais de Ceres. Aliás, essa referência vem logo nos primeiros versos, ausentes da antologia, dada, naturalmente, a referência às jovens nos seus leitos:

> Annua uenerunt Cerealis tempora sacri; / Secubat in uacuo sola puella toro. (*Chegou o aniversário da festa sagrada de Ceres. A jovem mulher dorme sozinha no seu leito vazio).*

Deplora o poeta que uma deusa tão generosa para com os humanos não proporcione verdadeira alegria aos seus devotos, já que impõe a castidade. O pudor do antologista desvirtua o original, privando o leitor dos incitamentos à celebração do amor.

3.5.1. Suprimidos os dois primeiros versos, acima transcritos, os vv. 3 a 6 perdem vigor:

> Flaua Ceres, tenues spicis redimita capillos, / Cur inhibes sacris commoda nostra tuis? / Te, dea, munificam gentes ubiquaque loquuntur / Nec minus humanis inuidet ulla bonis. (*Loira Ceres, de finos cabelos cingidos de espigas, porque nos impedes os prazeres nas tuas festas sagradas? Por todo o lado, os povos falam da tua magnanimidade e nenhuma outra [divindade]quer melhor aos homens).*

3.5.2. Depois de enumerar muitos dos benefícios de Ceres, pergunta o poeta à deusa porque não permite também o amor. Mas estes versos (15 a 30) não constam. Transcrevo das *Belles Lettres* os quatro primeiros - vv. 15-18:

Hanc quisquam lacrimis laetari credit amantum / Et bene tormentis secubituque coli? / Nec tamen est, quamuis agros amet illa feraces, / Rustica nec uiduum pectus amoris habet. (*Pode alguém ficar a pensar que esta [Ceres] se regozija com as lágrimas dos amantes e que é devidamente venerada com os tormentos e castidade [deles]. No entanto, embora ame os campos férteis, ela não é rústica nem possui um coração vazio de amor [humano]).*

3.5.3. Igualmente suprimidos ficam os versos 41 a 48, com que termina a elegia. Eis os dois últimos:

Festa dies ueneremque uocat cantusque merumque; / Haec decet ad dominos munera ferre deos. (*Os dias festivos convidam a amar, a cantar e a beber. São essas as dádivas que convém oferecer aos deuses e senhores).*

3.6. 6ª elegia

É a 13ª do original e foi integralmente transcrita. O título dado pelo antologista - "Describit Junonis festum" ("Descreve a festa de Juno") - mostra a consciência de que o modo descritivo é relevante na elegia.

3.6.1. Referência à paisagem, tão do gosto de Ovídio - vv. 7-8:

Stat uetus et densa praenubibus arbore lucus; / Aspice, concedas numen inesse loco. (*Vê-se um antigo bosque sagrado, sombrio devido ao arvoredo. Se bem se reparar, é fácil admitir que aí habita uma divindade).*

3.6.2. Descrição minuciosa da procissão em honra de Juno (vv. 11 a 30), assim iniciada:

Huc, ubi praesonuit sollemni tibia cantu, / It per uelatas annua pompa uias. (*Para ali [o altar de Juno], logo que a flauta fez soar o canto solene, o cortejo anual avança, pelas ruas enfeitadas).*

Dá-nos a impressão de assistir ao desfile: niuiae iuuencae (*vitelos cor de neve*), v. 13; porcus, v. 16; capella (*uma cabrinha*), v. 19; iuuenes timidaeque puellae (*rapazes e tímidas donzelas)*, v. 23, etc.

3.6.3. E remata assim a descrição - vv. 29-30:

Ora fauent populi tunc cum uenit aurea pompa, / Ipsa sacerdotes subsequiturque suas. (*O povo faz silêncio quando chega o brilhante cortejo, e a própria [deusa Juno] segue atrás das suas sacerdotisas).*

3.6.4. Ovídio, que começara a elegia pela localização da acção no espaço - na terra dos Faliscos, povo da Etrúria, torrão natal de sua mulher (Cum mihi pomiseris foret orta Faliscis) - remata-a de forma perfeita, o que deve ter deleitado o antologista - vv. 35-36:

> Ille suos docuit Iunonia sacra Faliscos. / Sint mihi, sint populo semper amica suo. (*Foi ele [Haleso, filho de Agamémnon] quem ensinou aos Faliscos o culto de Juno. Que o culto [da deusa] me seja sempre propício, a mim e ao seu povo).*

3.7. 7ª elegia

É a 15ª do original, sendo o mesmo o número de versos: - 20.

A *sylva* traz um título sugestivo: Paenitet uatem res lasciuas scripsisse (*O poeta está arrependido de ter escrito poemas lascivos).*

De uma grande subtileza é a manipulação do texto. Não hesito em afirmar que o antologista quis fazer do autor da elegia um poeta arrependido dos versos obscenos contidos nos Amores. É como se, em vez de Ovídio, um leitor de hoje estivesse perante o Bocage do célebre soneto "Já Bocage não sou...". O encaminhamento do aluno (ou do leitor) processa-se logo a partir do título, de intenção moralizante. Depois, bastam pequenas alterações ao texto (sempre no respeito pela métrica), para conduzir ao objectivo desejado: o arrependimento de Ovídio. Assim:

3.7.1. O 2º verso da elegia - Raditur hic elegis ultima meta meis (*É aqui tocada a última meta pelos meus versos elegíacos)* - , em linguagem metafórica desportiva, de alusão às quadrigas, é substituído por: Traditur haec elegis ultima charta meis (*Ponho termo às minhas elegias com este último livro).*

3.7.2. No 9º verso, uma substituição de quam (antecedente: gentis, v. 8) por quem (antecedente: ego) também parece intencional. Vejamos o texto - vv. 7 a 10:

> Mantua Vergílio, gaudet Verona Catullo / Paelignae dicar gloria gentis ego / Quam sua libertas ad honesta coegerat arma, / Cum timuit socias anxia Roma manus. (*Mântua orgulha-se de Virgílio, Verona de Catulo; eu serei celebrado como a glória do povo dos Pelignos, a quem a [defesa de] a liberdade forçara a uma guerra honrosa, num momento em que Roma, perturbada, temeu as forças aliadas [contra si]).*

3.7.3. Finalmente, no 15º verso há alterações de vulto. Vejamos os versos 15-16 do original:

> Culte puer puerique parens Amathusia culti, / Aurea de campo uellite signa meo. (*Venerado menino [Cupido] e tu, a de Amatona [Vénus], mãe do menino venerado, afastai do meu campo vossos brilhantes estandartes).*

Na *sylva* mantém-se na íntegra o pentâmetro, mas o hexâmetro tem a seguinte redacção: Culte puer, puerique parens mihi tempore longo. A supressão (tão inocente!) de Amathusia (*de Amatona,* cidade de Chipre onde havia um templo consagrado à deusa Vénus) permitia interpretar puer como "menino" em geral, e não identificá-lo com Cupido, seu verdadeiro referente textual. Por outro lado, a expressão mihi tempore longo poderá convergir no sentido pretendido para o novo texto. Proponho a seguinte tradução do verso alterado: "Venerado menino e tu, progenitor(a) do menino, num tempo que me foi [demasiado] longo"...

Ressalve-se o cuidado posto no respeito pelo hexâmetro, como normalmente acontece nas alterações introduzidas.

Concluindo: uma elegia ovidiana, de despedida da poesia erótica no intuito de procurar voos poéticos mais altos - como a poesia trágica -, aparece aqui "cristianizada", a partir de simples retoques do texto. Reconduzindo o leitor a uma interpretação forçada da elegia, foi possível ao antologista manter fielmente o dístico final (vv. 19-20) do original:

> Imbelles elegi, genialis Musa, ualete, / Post mea mansurum fata superstes opus. (*Pacíficas elegias, Musa nupcial, adeus; adeus, poemas que haveis de sobreviver após a minha morte).*

3.8. De algumas elegias omitidas

Das quinze elegias do Livro III, o antologista fez extractos, maiores ou menores, de sete. Qualquer juízo de valor sobre as razões da rejeição é sempre subjectivo, mas sobressai uma razão frequente: a presença da mulher e a relação amorosa.

Umas vezes, trata-se de simples enamoramento, por exemplo, como na 2ª elegia, vv. 1-6:

Non ego nobilium sedeo studiosius equorum; / Cui tamen ipsa faues, uincat ut ille, precor. / Vt loquerer tecum, ueni, tecumque sederem / Ne tibi non notus, quem facis, esset amor. Tu cursus spectas, ego te; spectemus uterque / Quod iuuat atque oculos pascat uterque suos. (*Não me venho sentar aqui por entusiasmo dos garbosos cavalos. De qualquer forma, desejo que vença o que tem o teu apoio; vim para falar contigo, para estar sentado a teu lado, para te não passar despercebido o amor que em mim fazes nascer. Tu olhas a corrida, eu olho-te a ti. Contemplemos ambos o que nos agrada e cada um deleite o olhar a seu bel-prazer)*

Outras vezes, são cenas amorosas que ainda hoje não passam em antologias respeitáveis do Ensino Secundário. É o caso da 7ª elegia: incapaz de erecção com uma mulher que tudo faz, entretanto, para o excitar, o poeta censura o seu próprio órgão genital. Nem a lembrança de noites fogosas com outras mulheres, incluindo a sua Corina, remedeia a situação - vv. 23-26:

At nuper bis flaua Chlide, ter candida Pitho, / Ter Libas officio continuata meo est; / Exigere a nobis angusta nocte Corinnam, / Me memini numeros sustinuisse nouem. *(No entanto, há pouco, desempenhei a função ininterruptamente, duas vezes com a loira Clide, três vezes com a branca Pito, três vezes com Líbade. E lembro-me de que, numa curta noite, Corina reclamou-me nove vezes e eu cumpri a minha obrigação).*

Digno de uma antologia erótica (ou pornográfica) do nosso tempo é, na mesma elegia, o diálogo com o próprio pénis - vv. 69 a 72:

Quin istic pudibunda iaces, pars pessima nostri? / Sic sum pollicitis captus et ante tuis; / Tu dominum fallis, per te deprensus inermis /Tristia cum magno damna pudore tuli. (*Como não estás aí coberto de vergonha, parte mais vil da minha pessoa? Afinal, fui apanhado nas tuas promessas prévias: enganas o teu dono: surpreendido por ti, sem armas, sofri forte vexame, para enorme vergonha minha*).

Dando ao leitor, na última elegia dos Amores, um Ovídio arrependido - paenitet uatem - o antologista teria particularmente vivos na memória versos da 7ª elegia. Quase merecerá, por isso, a nossa desculpa! ...

D. Ars Amatoria e Remedia Amoris

1. Ars Amatoria

A Ars Amatoria de Ovídio é um "tratado" sobre o modo de convencer as mulheres à prática amorosa. O termo "ars" é intencionalmente colhido por Ovídio nas artes retóricas ou compêndios de eloquência persuasiva: de técnicas de persuasão efectivamente se trata, relativas ao amor.

O antologista, por sua vez, confere às artes retóricas o mesmo relevo. Aliás, nessa segunda metade do século XVI, mantém-se o interesse renascentista pela retórica. É mesmo um jesuíta - o padre Cipriano Soares, espanhol, professor do colégio de Sto Antão, em Lisboa, e da Universidade de Évora - o autor de "De Arte Rhetorica"[75], que marcou a formação académica da população culta de Portugal nesse período.

Não quis o organizador dos textos da antologia prescindir em absoluto da Ars Amatoria de Ovídio. Mas que fazer para evitar os "conselhos" escabrosos sobre o amor? Muito simplesmente: manter tudo quanto seja "ars" ou técnicas de persuasão, desde que fiquem no vago, isto é, desligadas da temática amorosa. Dessa forma, o leitor dispõe de um "tratado" de pura arte retórica em abstracto e não de procedimentos a adoptar na conquista do sexo feminino.

A manipulação do texto começa logo pela amputação do título. Em vez de "Ars Amatoria", temos: «P. Ovidii carmina ex tribus libris, quos de arte scripsit, selecta» (*Poemas escolhidos dos três livros de Ovídio, os quais escreveu sobre a arte*). Segue-se um sumário dos extractos, nestes termos:

> Utilitates innumeras in hominum genus redundare posse poeta statuit: si quisque artis, obsequii et aetatis viridioris opportunitate utatur. (*O poeta considerou que imensas vantagens podem advir ao género humano, se cada um aproveitar a oportunidade da arte, da complacência e de uma idade mais jovem*).

Imagine-se, por ironia, que um leitor assim estimulado a ler Ovídio tinha acesso ao original: ficaria escandalizado com a apologia feita pelo jesuíta! Mas a censura era demasiado eficaz para que tal fosse possível ...

---

[75] Ver Júnior, 1976.

Para a minha tradução de extractos da "Arte de Amar" e de "Remédios do Amor", sigo as edições das Belles Lettres[76].

1.1. Ovídio enuncia o tema logo nos dois primeiros versos, suprimidos na *sylva*:

> Siquis in hoc artem populo non nouit amandi, / Hoc legat et lecto carmine doctus amet. (*Se há alguém neste povo que ignore a arte de amar, leia este poema e, instruído pela sua leitura, passe a amar).*

1.2. Vejamos agora como os dois versos seguintes, transcritos na antologia, secundarizam o amor pela falta do necessário enquadramento textual:

> Arte citae ueloque rates remoque mouentur; /Arte leuis currus[77]. Arte regendus Amor[78]. (*Graças à arte se movem, pela vela e pelo remo, as rápidas naus; graças à arte [desliza] o carro ligeiro. A arte deve governar o Amor)*

1.3. Nos versos seguintes - suprimidos - Ovídio apresenta-se como mestre no amor - v. 7:

> Me Venus artificem tenero praefecit Amori. (*Vénus fez-me preceptor do jovem Amor).*

1.4. Ovídio disserta sobre o modo de vencer as resistências ao amor, recorrendo à linguagem metafórica para explicitar o seu pensamento. Vai demonstrando como a persistência faz vencer obstáculos. Mas, onde Ovídio fala dos corações que resistem ao Amor (qui mihi saepe repugnet, v. 9), o leitor só poderá ver resistência à "arte" em geral. Para isso, o antologista dá o salto do verso 4 para os versos 19 e 20, logo omitindo os seguintes a estes:

> Sed tamen et tauri ceruix oneratur aratro, / Frenaque magnanimi dente teruntur equi, / Et mihi cedit Amor, quamuis mea uulneret arcu / Pectora iactatas excutiatque faces. (*Todavia, também a cerviz do touro se subjuga ao arado, os freios são triturados pelos dentes do ardoroso cavalo, e o Amor obedece-me, embora me trespasse o coração com as suas flechas e arremesse [contra mim] as suas tochas).*

---

[76] Ver Bibl. B) Ovide, 1967 e 1961, respectivamente.

[77] As *Belles Lettres* destacam a arte do amor fazendo ponto em "currus". Pelo contrário, na sylva há uma simples vírgula, assim retirando ao amor o lugar central que ocupa na Ars Amatoria.

[78] *Amor* com maiúscula nas *Belles Lettres* e minúscula na *sylva.*

1.5. O 5° verso da antologia corresponde ao 93° do original. O poeta incita os homens a procurarem mulheres em Roma, em locais onde elas abundam: teatro, foro, rua. Aí elas são numerosas e não falta por onde escolher. Recorre Ovídio a uma comparação com as formigas e as abelhas. Só o primeiro termo da comparação - vv. 93 a 96 - fica explícito, não curando sequer o antologista de suprir a falta do sic (*assim como*) do verso 97, omitido:

> Vt redit itque frequens longum formica per agmen, / Granifero solitum cum uehit ore cibum, / Aut ut apes saltusque suos et olentia nactae / Pascua per flores et thyma summa uolant, / Sic ruit ad celebres cultissima femina ludos. (*Assim como as formigas, em grande multidão, vão e vêm, transportando na boca o grão, seu habitual alimento, ou como as abelhas que, tendo encontrado os seus bosques e pastos odoríferos, voam através das flores e por cima dos tomilhos, assim a mulher, com a máxima elegância, avança em alvoroço para os espectáculos frequentados).*

1.5.1. Em vez do verso 97 (atrás transcrito) vejamos os versos que o substituíram - vv. 349-350 (grande salto!):

> Fertilior seges est alienis semper in agris / Vicinumque pecus grandius uber habet. (*A seara é sempre mais fértil no campo alheio, e o rebanho do vizinho tem as tetas mais cheias).*

No original, os versos 349-50 têm o seguinte enquadramento contextual: mesmo as mulheres mais esquivas terminam por ceder, até porque suscita mais a nossa cobiça aquilo que pertence ao vizinho.

1.6. Nos versos 351 e seguintes, o poeta aconselha a usar as serviçais domésticas como o caminho mais directo para chegar às patroas. O antologista avança para os versos 359-60, mas suprime, obviamente, os dois seguintes. Reproduzem-se aqui no seu conjunto - vv. 359 a 362:

> Mens erit apta capi tum, cum laetissima rerum, / Vt seges in pingui luxuriabit humo. / Pectora dum gaudent nec sunt adstricta dolore, / Ipsa patent; blanda tum subit arte Venus. (*Um coração estará pronto para ser aprisionado quando estiver delirante com a vida, como a seara desabrochará num solo fértil. Quando o espírito está feliz e não oprimido pela dor, abre-se por si próprio. Então Vénus insinua-se com técnicas subtis).*

1.7. Do v. 360 salta o antologista para o v. 469, de modo a não perder uma apetecida comparação - vv. 469-70:

> Tempore difficiles ueniunt ad aratra iuuenci; / Tempore dura pati frena docentur equi. *(Com o tempo, os touros rebeldes acomodam-se ao arado; com o tempo, os cavalos aprendem a aguentar os duros freios).*

O leitor da antologia ignora que o símile se aplica à mulher.

1.8. Do v. 484 avançamos na antologia para o dístico 625-26, que deverá, porventura, a sua presença à necessidade de estímulos para o progresso pessoal, no espírito preconizado pelo Ratio Studiorum:

> Laudatas ostendet auis Iunonia pinnas. / Si tacitus spectas, illa recondit opes. (*A ave de Juno [o pavão] mostra as penas [quando] elogiada. Se a olharmos em silêncio, oculta a sua riqueza).*

1.8.1. Já a omissão do dístico seguinte, à primeira vista inofensivo, se deverá ao receio de desvendar um pouco do referente: as mulheres vistosas - vv. 627-28:

> Quadrupedes inter rapidi certamina cursus / Depexaeque iubae plausaque colla iuuant. (*Aos cavalos envolvidos nas disputas de veloz corrida estimula-os a crina bem penteada e os pescoços aplaudidos).*

1.9. O Livro I da Ars Amatoria estende-se até ao verso 768, com mais dois versos de conclusão. Na *sylva*, sem qualquer indicação de mudança de livro, salta-se do v. 626 do Livro I para o verso 13 do Livro II. Esse dístico (v. 13-14) remata em Ovídio a introdução ao Livro II, na qual o poeta lembra ao "conquistador" que lhe está a dever a ele, poeta, os méritos dos conselhos recebidos e dos sucessos no amor, incitando-o a ler a segunda parte da obra:

> Nec minor est uirtus, quam quaerere, parta tueri; / Casus inest illic, hoc erit artis opus. (*Não há menor mérito em guardar as conquistas do que em obtê-las. Aqui funciona o acaso, acolá estará a obra da [minha] arte).*

Desenquadrados do conjunto, estes versos serão compreendidos como incitamento do poeta à leitura do 2º livro: conquistada a mulher, importa observar regras para a não deixar escapar outra vez.

Vejamos agora os extractos do II Livro.

1.10. Os versos 113 a 118 devem ter agradado pela expressão da efemeridade da beleza física:

> Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos, / Fit minor et spatio carpitur ipsa suo: / Nec uiolae semper nec hiantia lilia florent[79], / Et riget amissa spina relicta rosa. / Et tibi iam uenient cani, formose, capilli, / Iam uenient rugae, quae tibi corpus arent. (*A beleza é um bem frágil. E, à medida que os anos avançam, diminui, sendo devorada no seu próprio percurso. Nem as violetas nem os lírios de corola aberta estão sempre em flor, e, uma vez caída a [flor da] rosa, enrijece o restante caule espinhoso. Também tu, belo [adolescente], em breve te virão os cabelos brancos; vão chegar as rugas, que te sulcarão o corpo).*

1.11. Passa ao verso 145, que enuncia uma sentença. Retirada a referência amorosa, o leitor só pode dar-lhe uma interpretação genérica: vv. 145-146:

> Dextera praecipue capit indulgentia mentes; / Asperitas odium saeuaque bella mouet. (*Uma hábil condescendência é o que melhor ganha os corações; a aspereza gera o ódio e as guerras cruéis).*

1.11.1. Esta passagem exprime a recusa da violência. Os versos 151-152 contrapõem o amor à conflitualidade e vêm na antologia:

> Este procul, lites et amarae proelia linguae! / Dulcibus est uerbis mollis alendus amor. (*Afastai-vos para longe, disputas e quezílias de língua azeda! De doces palavras se deve alimentar o terno amor).*

1.12. As comparações desligadas do contexto amoroso fornecem bons extractos. Assim acontece nos vv. 177 a 184, sendo, no entanto, os dois primeiros omitidos:

> Si nec blanda satis nec erit tibi comis amanti, / Perfer et obdura. Postmodo mitis erit. / Flectitur obsequio curuatus ab arbore ramus; / Frangis, si uires experiere tuas. / Obsequio tranantur aquae, nec

---

[79] O verso tem a seguinte redacção na *sylva*: Nec semper uiolae, nec semper lilia florent. (*Nem sempre florescem as violetas, nem sempre florescem os lírios*). A preocupação em reiterar a fugacidade da beleza conduziu à repetição do advérbio semper, sem que ficassem respeitadas as regras do hexâmetro.

uincere possis / Flumina, si contra quam rapit unda nates. / Obsequium tigrisque domat Numidasque leones;/ Rustica paulatim taurus aratra subit. (*Se ela não for macia bastante nem delicada, relativamente ao teu amor, sofre e aguenta. Depressa amolecerá. Com precaução, verga-se um ramo recurvado da árvore; parte-lo, se aplicares toda a tua força. Com precaução, transpõem-se as águas a nado, mas não poderás vencer o rio se nadares contra a corrente. A paciência doma os tigres e os leões da Numídia; pouco a pouco, o touro vai aguentando o arado agrícola).*

1.13. Múltiplos conselhos sobre a forma de conquistar a mulher estão nos versos 185 a 437, que o antologista omitiu. Escolho como amostra os vv. 273 a 276:

Quid tibi praecipiam teneros quoque mittere uersus? / Ei mihi! Non multum carmen honoris habet. / Carmina laudantur, sed munera magna petuntur; / Dummodo sit diues, barbarus ipse placet. (Porquê *preceituar-te que [lhe] mandes também delicados versos? Oh, que direi?! A poesia não está muito valorizada. Louvam-se os poemas, mas exigem-se valiosos presentes. Contanto que seja rico, até um rústico cai nas boas graças).*

1.14. A colagem dos versos que no texto original nenhuma relação mantêm entre si permite formular sentenças gerais, moralizantes, totalmente alheias ao espírito de Ovídio. É o caso da fusão dos dísticos 437-38 e 537-38, que passo a reproduzir:

Luxuriant animi rebus plerumque secundis, / Nec facile est aequa commoda mente pati. / Ardua molimur sed nulla, nisi ardua uirtus[80] / Difficilis nostra poscitur arte labor. (*Geralmente, os espíritos embriagam-se no meio da prosperidade, e não é fácil aguentar a felicidade com espírito [sempre] igual. Empreendemos projectos difíceis, mas não há mérito a não ser nas dificuldades. Um trabalho difícil é o reivindicado pela minha arte).*

1.14.1. Vejamos agora os dísticos do original, que foram omitidos, fazendo a ligação com o dístico respectivo - vv. 435-36 e 535-36:

Sunt quibus ingrate timida indulgentia seruit./ Et, si nulla subest aemula, languet amor. (*Algumas há com quem não resulta uma receosa obediência [dos maridos], e o amor enlanguesce à falta de uma rival).*

---

[80] O antologista substituiu uirtus por uincunt, dando, pois, outra interpretação ao verso: *empreendemos projectos difíceis; mas só vencem os projectos difíceis.*

Quid moror in paruis? Animus maioribus instat. / Magna canam; totoque pectore, uulgus, ades! (*Porque me detenho em questões menores? O espírito incita-me a subir mais alto. Vou cantar assuntos elevados. Povo, presta-me toda a atenção!).*

O poeta vai aconselhar paciência aos maridos atraiçoados. As "coisas grandes" que anuncia (magna canam) são, por exemplo, os amores de Vénus e Marte (em que o atraiçoado é o deus Vulcano, marido de Vénus) e Ceres (cujos rituais amorosos são objecto de sigilo).

1.15. Na antologia, o dístico 603-604 vai desligado do anterior. Da leitura do conjunto - 601 a 604 -, facilmente concluímos da alteração de sentido resultante da supressão do primeiro dístico:

Quis Cereris ritus ausit uulgare profanis, / Magnaque Threicia sacra reperta Samo? / Exigua est uirtus praestare silentia rebus; / At contra grauis est culpa tacenda loqui. (*Quem ousaria revelar aos profanos os rituais de Ceres e as augustas cerimónias engendradas na Samotrácia? Pouco mérito há em guardar um segredo, mas é um grande erro revelar o que deve ser silenciado).*

Afinal, como se vê, o segredo em causa refere-se aos rituais amorosos clandestinos da deusa Ceres.

1.16. Ovídio mostra ter compreendido uma máxima hoje tão divulgada pelos sexólogos: o prazer sexual não está vedado às mulheres menos jovens. Dessa questão se ocupa nos vv. 663 ss. Fazendo tábua rasa do problema, o antologista transcreveu o dístico 669-70. Da transcrição aqui dos vv. 667 a 670 poderá depreender-se a interpretação isolada dos vv. 669-70:

Vtilis, o iuuenes, aut haec aut serior aetas:/ Iste feret segetes, iste serendus ager. / Dum uires annique sinunt, tolerate labores;/ Iam ueniet tacito curua senecta pede. (*Jovens*[81]*, esta idade ou [mesmo] uma outra mais avançada tem a sua utilidade. Este campo proporcionará frutos; este campo é apto para a sementeira. Enquanto as forças ou os anos o permitirem, enfrentai os trabalhos. Em breve chegará a velhice recurvada, no seu passo silencioso).*

[81] Ovídio incita os homens mais novos a não rejeitarem o leito de mulheres mais velhas. A experiência sexual compensa nelas a falta de juventude.

1.17. Mais curioso é o (des)enquadramento do dístico 732-33 da antologia:

> Cum mora non tuta est, totis incumbere remis utile et admisso subdere calcar equo. (*Quando o retardar se torna arriscado, convém fazer toda a força nos remos e aplicar a espora ao cavalo lançado na corrida).*

Da linguagem figurada, em metáforas de natureza náutica e equestre, o leitor não pode adivinhar a realidade focada: o procedimento a adoptar pelo homem no acto sexual. Para ajudar a compreender os versos transcritos, vejamos a sua ligação aos versos 717-18, que iniciam o trecho:

> Crede mihi; non est Veneris properanda uoluptas, / Sed sensim tarda prolicienda mora. (*Acredita em mim: não se deve apressar o termo do prazer, mas estimulá-lo moderadamente, através de lenta demora).*

1.17.1. Mas os referidos versos 732-33 estão articulados na antologia, através de dois pontos, com os vv. 59-60 do Livro III[82] :

> Venturae memores iam nunc estote senectae; / Sic nullum uobis tempus abibit iners. (*Desde já, lembrai-vos da velhice que vai chegar; dessa forma, não desperdiçareis momento algum).*

1.17.2. No entanto, estes últimos versos formam sentido com os seguintes - vv. 61-62 - omitidos:

> Dum licet et uernos etiamnum editis annos,/ Ludite; eunt anni more fluentis aquae. (*Enquanto podeis e ainda estais na flor da idade, diverti-vos; os anos passam como a água corrente).*

1.18. O extracto termina no v. 80 do Livro III. Onde Ovídio aconselha a aproveitar os prazeres do amor enquanto a idade facilita, o antologista sugere um aproveitamento virtuoso do tempo. Mas o dístico 79-80 é o mesmo do original, com, apenas, a substituição do possessivo inicial nostra por uestra:

---

82 O Livro III tem as mulheres por destinatárias. Apesar dessa diferença de fundo, o antologista não indica sequer a mudança de livro.

Nostra sine auxilio fugiunt bona; carpite florem, / Qui, nisi carptus erit, turpiter ipse cadet. (*Os nossos bens desaparecem sem o [nosso] consentimento. Colhei a flor; se não for colhida, ela própria cairá sem proveito).*

A Ars Amatoria de Ovídio só termina no v. 812 do Livro III. Desse livro nada mais traz a sylva para além do verso 80.

1.19. Com a indicação de "Ex eisdem libris" (*"Dos mesmos livros"*), seguem-se dois extractos, do Livro II e do Livro I, respectivamente.

1.20. O primeiro extracto tem o seguinte título: "Descriptio volatus Daedali et Icari: aliam invenies lib. I. Sylvae huic non dissimilem" (*"Descrição do voo de Dédalo e Ícaro: uma outra encontrarás no Livro I da sylva*[83]*, não diferente desta).*

Este extracto é formado pelos versos 21 a 96 do Livro II sem qualquer corte. Sobre os versos iniciais, já me pronunciei acima, no ponto 1.9.

O voo audacioso de Dédalo e Ícaro aparece na antologia como prova da "arte" no sentido de `invenção`. Nada aí transparece da articulação do episódio com o amor. Para isso teria sido necessário transcrever, entre outros, os versos 17-20, que antecedem imediatamente o extracto e que vão aqui:

Magna paro: quas possit Amor remanere per artes, / Dicere tam uasto peruagus orbe puer. / Et leuis est et habet geminas, quibus auolet, alas; / Difficile est illis imposuisse modum. (*Preparo um grande empreendimento: dizer por que meios se pode reter o Amor, esse menino tão errante no vasto universo. Ele é leve e dispõe de duas asas, com que se escapa. Difícil é regular-lhes os movimentos).*

O que interessou ao antologista foi a descrição da viagem aérea da dupla pai-filho. Tal é o gosto da descrição que não hesita em recontar a história.

1.20.1. Os vv. 21 a 96 - transcritos na antologia - constituem uma espécie de parênteses. O leitor precisa de conhecer os versos anteriores - acima referidos - bem como os seguintes, para entender o a-propósito da evocação do mito de Dédalo e Ícaro. Eis os versos 97-98, não oferecidos pela sylva:

---

83 Ver acima, As Metamorfoses, 2. 5.

Non potuit Minos hominis compescere pinnas; / Ipse dum uolucrem detinuisse paro. (*Minos não pôde travar as asas de um homem, enquanto eu tento reter um deus alado).*

1.21. O extracto do Livro I são os versos 171-172 e 177-228. Alude-se aí a uma naumaquia ou descrição de um imaginado combate naval. Mas o tema central é a exaltação antecipada das façanhas do então jovem Tibério. O episódio vem na sequência do texto enunciado acima, no ponto 1.5. : menção de lugares apropriados a encontrar mulheres. A supressão de quatro versos (173-176) no trecho mostra a intenção do antologista - vv. 171 a 176:

Quid, modo cum belli naualis imagine Caesar / Persidas induxit Cecropiasque rates? / Nempe ab utroque mari iuuenes, ab utroque puellae /Venere, atque ingens orbis in Vrbe fuit. / Quis non inueniet turba, quod amaret, in illa? / Eheu! Quam multos aduena torsit Amor! (*E não é que, há pouco, César ofereceu-nos o espectáculo de um combate naval, onde apareceram navios persas e atenienses?! De um e de outro mar, dos dois lados, vieram rapazes e raparigas, e houve um rodopio em Roma. Nessa multidão, quem não encontraria alguém para amar? Oh! Quantos um amor estrangeiro não moldou!)*

1.21.1. Exaltação de Tibério como digno herdeiro de César Augusto - vv. 191-2:

Auspiciis animisque patris, puer, arma mouebis, / Et uinces animis auspiciisque patris. (*Sob os auspícios e com a alma de teu pai [César Augusto], jovem, conduzirás os exércitos, e vencerás sob os auspícios e com a alma de teu pai).*

1.21.2. Embalado na imaginação dos feitos de Tibério, Ovídio parece esquecer o objectivo da narrativa - vv. 213-214:

Ergo erit illa dies, qua tu, pulcherrime rerum, / Quattuor in niueis aureus ibis equis. (*Por conseguinte, virá aquele dia em que tu, o mais belo de [todas] as coisas, avançarás, [brilhante] como o ouro, numa branca quadriga).*

1.21.3. Deve reconhecer-se a habilidade do organizador da antologia num caso como este : suprimidos os versos iniciais, a presença de mulheres no triunfo de Tibério não poderá ser interpretada como ocasião propícia ao exercício amoroso - vv. 217-18:

Spectabunt laeti iuuenes mixtaeque puellae, / Diffundetque animos omnibus ista dies. (*Assistirão ao espectáculo, cheios de alegria, jovens e donzelas, e um tal dia a todos dilatará o coração).*

Os alunos dos colégios jesuítas chegavam ao fim da leitura e interpretação dos extractos da Ars Amatoria sem a mínima ideia do que era essa obra ovidiana. Como ao professor estava vedado fazer comentários que ultrapassassem os textos, os discípulos pensariam até, porventura, que Ovídio escrevera um tratado de retórica! ... E neste domínio, não há dúvida de que os trechos escolhidos forneciam excelentes materiais para a sua formação de futuros pregadores da Companhia ou de homens do foro. Assim, aquilo que, em Ovídio, era retórica do amor, é agora reorientado em arte persuasiva em geral. De qualquer forma, há que salientar o interesse dos Jesuítas pela arte retórica. Por outro lado, o namoro não obedecerá, também ele, a uma certa dose de retórica? Mas disso não se ocupavam os mestres da Companhia de Jesus.

2. Remedia Amoris

Ovídio escreveu os "Remédios do Amor" em parte para atenuar as muitas críticas do público contra a "Arte de Amar". A obra surgiu nos primeiros anos da era cristã.

Mais uma vez, oriento-me pela edição das *Belles Lettres*[84], em texto estabelecido e traduzido por Henri Bornecque.

À semelhança do tratamento dado pelo antologista à obra anterior, também aqui o título vai truncado: "De Remedio", sem mais, isto é, de amor não se fala. Os extractos vêm assim enunciados: "P. Ovidii carmina ex duobus libris, quos de remedio scripsit, selecta". (*Poemas escolhidos de P. Ovídio, os quais escreveu sobre o remédio).*

O texto de Ovídio é um livro só, constituído por 814 versos, ou seja, 407 dísticos elegíacos. A *sylva* seleccionou apenas 108 versos. O antologista orientou a selecção no sentido de mostrar os bons efeitos da "medicina", o que surge reforçado com o seguinte sumário, colocado à cabeça do primeiro extracto: "Nascentibus vitiis medicina adhibita[85] captandam diligenter esse Poeta docet rei bene gerendae opportunitatem" (*Aplicado o remédio à raiz dos vícios, ensina o Poeta a ser diligente no aproveitamento das circunstâncias, para se alcançar o objectivo*).

---

84 Ver Bibl. B) Ovide, 1961.

85 Corrijo a palavra *abhibita,* que é certamente gralha por adhibita.

2.1. O primeiro extracto, formado por 48 versos, começa no v. 45 e, de salto em salto, termina no v. 522.

2.1.1. A justificação da obra, dada por Ovídio, é omitida - vv. 13 a 16:

> Siquis amans, quod amare iuuat, feliciter ardet, / Gaudeat et uento nauiget ille suo; / At siquis malle fert indignae regna puellae, / Ne pereat, nostrae sentiat artis opem. (*Se um apaixonado arde em felicidade, porque se deleita no amor, alegre-se e oxalá ele navegue com vento favorável; mas se alguém suporta em suplício o domínio de uma mulher indigna [do seu amor], receba o auxílio da minha arte para evitar a perdição).*

2.1.2. À semelhança do procedimento adoptado na Ars Amatoria, vai o antologista aproveitando sobretudo as comparações e metáforas, e omitindo todas as referências ao amor. Atente-se na importância dos vv. 41 a 44, omitidos na *sylva:*

> Ad mea, decepti iuuenes, praecepta uenite, / Quos suus ex omni parte fefellit amor. / Discite sanari, per quem didicistis amare; / Vna manus uobis uulnus opemque feret. (*Vinde às minhas lições, jovens defraudados, a quem o amor enganou de toda a maneira. Aprendei a curar-vos com quem vos ensinou a amar. A mesma mão vos trará a ferida e o curativo*).

2.1.3. Os versos 45-46 da antologia ficam sem sentido, uma vez desenquadrados:

> Terra salutares herbas eademque nocentes / Nutrit et urticae proxima saepe rosa est. (*É a mesma a terra que produz ervas benéficas e nocivas, e, muitas vezes, a rosa é vizinha da urtiga*).

2.1.4. Como pode o leitor compreender os versos 53-54, transcritos na *sylva* ?

> Vtile propositum est saeuas extinguere flammas / Nec seruum uitii pectus habere sui . (*É minha benéfica intenção apagar chamas violentas e não manter corações sujeitos ao seu vício).*

2.1.5. À compreensão do texto original fazem falta versos como os vv. 69 a 72, omitidos:

> Me duce, damnosas, homines, compescite curas, / Rectaque cum sociis, me duce, nauis eat. /
> Naso legendus erat cum didicistis amare; / Idem nunc uobis Naso legendus erit. (*Sob minha orientação, ó mortais, afastai os cuidados funestos, e que, tendo-me por piloto, o vosso navio navegue direito com os seus passageiros. Devieis ter lido Ovídio quando aprendestes a amar; o mesmo Ovídio devereis ler agora*).

2.1.6. De lamentar ainda é a omissão da invocação de Apolo, na sua dupla qualidade de deus da poesia e da medicina - vv. 75-76:

> Te precor incipiens, adsit tua laurea nobis, / Carminis et medicae, Phoebe, repertor opis. (Desde já *te invoco, Febo: o teu loureiro me assista, ó inventor da poesia e dos recursos médicos).*

2.1.7. O excerto da antologia obedece claramente ao propósito de convencer o leitor de que se trata de resistir aos vícios em geral, e não aos vícios do amor. É o que demonstram os vv. 79-88, de que transcrevo os primeiros quatro:

> Dum licet et modici tangunt praecordia motus, / Si piget, in primo limine siste pedem. / Opprime, dum noua sunt, subiti mala semina morbi, / Et tuus incipiens ire resistat equus. (*Enquanto é possível, e impulsos moderados te sacodem o coração, se estás hesitante, ainda no início [da pista], detém o passo no primeiro degrau. Abafa à nascença as más sementes da doença súbita, e que o teu cavalo, logo à partida, se recuse a avançar).*

2.1.7.1. Vejamos agora os vv. 89-90, omitidos:

> Quale sit id, quod amas, celeri circunspice mente / Et tua laesuro subtrahe colla iugo. (*Examina com mente célere qual seja o objecto do teu amor, e retira o pescoço ao jugo prestes a oprimir-te*).

2.1.7.2. Ao mesmo propósito de ocultação das referências ao amor obedeceu certamente a supressão dos vv. 95-96:

> Verba dat omnis amor reperitque alimenta morando; / Optima uindictae proxima quaeque dies. (*A paixão amorosa fornece sempre palavras [justificativas] e angaria alimentos na demora: o dia seguinte é que se apresenta sempre como o mais adequado para o rompimento*).

2.1.8. Bem acolhidas, como sempre, são as comparações - vv. 97-98:

> Flumina pauca uides magnis de fontibus orta; / Plurima collectis multiplicantur aquis. *(Poucos rios encontras surgidos de grandes nascentes; a maior parte multiplica-se graças às águas recebidas).*

2.1.9. Que proveito não poderiam tirar alunos não destinados à carreira sacerdotal de lições preventivas como as dos vv. 103-106, obviamente suprimidos?!

Sed quia delectat Veneris decerpere fructum, / Dicimus adsidue: cras quoque fiet idem. / Interea tacitae serpunt in uiscera flammae / Et mala radices altius arbor agit. *(Mas, porque nos agrada colher o fruto de Vénus, vamos dizendo: amanhã ainda irei a tempo [de romper]. Entretanto, as chamas silenciosas trepam ao coração, e a planta daninha mergulha mais a fundo as raízes).*

2.1.10. No original, os vv. 117 a 120 constituem um encadeado de comparações. Como o primeiro desses dísticos pode mais facilmente conotar a paixão amorosa - incendia -, é suprimido. Vão aqui os seis versos:

Aut noua, si possis, sedare incendia temptes, / Aut ubi per uires procubuere suas; / Cum furor in cursu est, currenti cede furori; / Difficiles aditus impetus omnis habet / Stultus, ab obliquo qui cum descendere possit, / Pugnat in aduersas ire natator aquas. (*Procura apagar, se possível, o incêndio no seu começo ou quando ele se abate por sua própria violência. Quando a fúria explode, deixa passar a torrente da cólera; é difícil barrar o caminho a qualquer tempestade. É insensato o nadador que, podendo atravessar [um rio] em derivação oblíqua, avança contra a corrente).*

2.1.11. Não faltam neste extracto as advertências morais de Ovídio - vv. 225-226:

Dura aliquis praecepta uocet mea; dura fatemur / Esse, sed, ut ualeas, multa dolenda feres. (Alguém *dirá que os meus preceitos são pesados. Confesso que sim, mas, para teu bem, suportarás muitos incómodos).*

2.1.12. Já se não compreende a omissão dos versos 229-232, de sabor cristão:

Vt corpus redimas, ferrum patieris et ignes. / Arida nec sitiens ora leuabis aqua; / Vt ualeas animo, quicquam tolerare negabis? / At pretium pars haec corpore maius habet. (*Para restabelecer o corpo, és capaz de suportar o ferro e o fogo; e, apesar da sede, não aliviarás com água os lábios ressequidos. Para dar saúde ao espírito, recusar-te-ás a sofrer um pouco? No entanto, esta parte [de ti] vale mais do que o corpo).*

2.1.13. Os "remédios" para fugir a uma paixão escravizadora, segundo os conselhos de Ovídio, consistem em ocupar o corpo e o espírito em tarefas absorventes. O tema é desenvolvido a partir do verso 135. Alguns desses versos constam do extracto seguinte. O antologista salta do v. 228 ao 419, sem qualquer preocupação com o sentido, apesar de aí se aludir aos meios preconizados para evitar as más paixões - vv. 419-20:

Forsitan haec aliquis (nam sunt quoque) parua uocabit, / Sed quae non prosunt singula, multa iuuant. (*Talvez alguém diga que estes são fracos [remédios](e são-no de facto); mas, se não aproveitarem aplicados isoladamente, resultam em conjunto).*

2.1.14. No extracto, seguem-se os vv. 421-22, que exemplificam a tese exposta nos versos anteriores. Mas daí passa-se para os vv. 521-22, que rematam o extracto. Vejamos esses dois dísticos:

Parua necat morsu spatiosum uipera taurum; / A cane non magno saepe tenetur aper. / Posse pati facile est, ubi, ni sapientia desit, / Protinus ex facili gaudia ferre licet. (*Uma pequena vespa com uma mordedura mata um boi corpulento; muitas vezes, um javali é dominado por um cão mediano. É fácil poder aguentar quando, se não faltar a lucidez, é possível rápida e facilmente obter o prazer*).

2.1.14.1. O antologista desvirtua em absoluto o original: Ovídio aconselha o apaixonado a fazer-se rogado, para evitar que a mulher se faça cara. Dou agora os versos 519-520, para permitir compreender o dístico seguinte (atrás transcrito) :

Ianua forte patet; quamuis reuocabere, transi. Est data nox; dubita nocte uenire data. (*Casualmente, ela tem a porta aberta: mesmo que te chame, segue o teu caminho. Há uma noite marcada para o encontro: finge não te comprometer para a noite proposta).*

2.2. Integram o 2º extracto 34 versos, vindo seguidos os versos 169 a 190, e havendo depois alguns saltos até terminar no verso 210.

É significativo o título dado ao extracto: "Elegans uitae rusticanae descriptio (*Descrição elegante da vida do campo)*". A descrição assim separada da exposição ovidiana emancipa-se. Em vez de ancilla narrationis (neste caso, expositionis), surge como elemento decorativo, segundo a terminologia de Gérard Genette[86].

2.2.1. Os versos 169-70 justificam a descrição, posta ao serviço da tese a confirmar, ou seja, a necessidade de desviar o espírito de uma paixão obsessiva:

---

[86] Sigo aqui Gérard Genette na classificação das funções diegéticas da descrição. Sobre a função decorativa, escreve este autor: "On sait que la rhétorique traditionnelle range la description , au même titre que les autres figures de style, parmi les ornements du discours: la description étendue et détaillée apparaît ici comme une pause et une récréation dans le récit, de rôle purement esthétique, comme celui de la sculpture dans un édifice classique" (Sublinhado meu) (Cf. Genette, 1966, p. 157). Na retórica clássica, a descrição era considerada mais própria do género epidíctico ou demonstrativo (Cf. Varga, 1989, p.223).

Rura quoque oblectant animos studiumque colendi; / Quaelibet huic curae cedere cura potest. (*Também os campos e a aplicação ao cultivo da terra recreiam os espíritos; qualquer preocupação pode dar lugar a essoutra*).

2.2.1.1. Mas os versos transcritos só no original têm o seu pleno significado: quem está inactivo fica à mercê do assalto das paixões - vv. 167-168 (omitidos na sylva):

Quod potuit, ne nil illic ageretur, amauit. / Sic uenit ille puer, sic puer ille manet. (*Para não ficar para ali sem fazer nada, fez o que pôde: entregou-se ao amor. É assim que avança aquele menino [Cupido], é assim que o menino se instala*).

2.2.1.2. Os vv. 197-198 - suprimidos - são a confirmação da tese acima formulada:

Cum semel haec animum coepit mulcere uoluptas, / Debilibus pinnis inritus exit Amor. (Logo *que este prazer começou a seduzir o espírito, o Amor [Cupido] foge, malogrado, com as asas debilitadas).*

2.2.2. Os vv. 199-200 introduzem a descrição da caça enquanto ocupação sugerida para voltar o espírito noutro sentido. Também eles são suprimidos:

Vel tu uenandi studium cole; saepe recessit / Turpiter a Phoebi uicta sorore Venus. (*Podes ainda entregar-te à ocupação da caça. Muitas vezes Vénus bateu em retirada, humilhantemente vencida pela irmã de Febo [Diana].*

2.2.3. Assim, a descrição que, no original, é uma pausa ao serviço da exposição de ideias, surge na antologia como simples ornamento[87] - vv. 201-202:

Nunc leporem pronum catulo sectare sagaci, / Nunc tua frondosis retia tende iugis. (*Lança-te em perseguição duma lebre em corrida à frente dum cão sagaz; ou então estende as tuas redes nos montes frondosos*).

---

87 Para os conceitos de descrição como pausa e ornamento , bem como o seu papel global num texto coeso, apoio-me em Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (Cf. Reis, 1978, pp. 87 ss.).

2.2.3.1. Os vv. 205-206 - suprimidos - dão pleno sentido à descrição:

> Nocte fatigatum somnus, non cura puellae / Excipit et pingui membra quiete leuat (*À noite, fatigado, acolhe-te o sono e não a preocupação com uma mulher, o qual alivia os membros com um pacífico repouso).*

2.2.3.2. Falta igualmente o remate do fragmento ovidiano - vv. 211-212:

> Aut his aut aliis, donec dediscis amare, / Ipse tibi furtim decipiendus eris. (*Por estes ou outros meios, até conseguires desaprender de amar, deves iludir-te às escondidas de ti próprio).*

2.3. O 3° extracto, de 26 versos, começa no v. 365 e prolonga-se até ao 396, omitindo de permeio seis versos.

O antologista deu-lhe a seguinte introdução: "Invehitur in Homeromastigas, et elegiarum suarum importunos censores" (*Invectiva os críticos de Homero e os importunos detractores das sua elegias).*

Como no original o texto constitui uma espécie de parêntesis, não se pode dizer, neste caso, que haja significativos desvios por parte do antologista. De qualquer forma, o leitor da *sylva* fica sem saber a que propósito vem falar da inveja. A explicação está nos vv. 361-362, omitidos:

> Nuper enim nostros quidam carpsere libellos, / Quorum censura Musa proterua est. (Com efeito, *ainda há pouco alguns criticaram os meus livros. De acordo com esse juízo, a minha Musa é libertina).*

2.3.2. Nem Homero nem Virgílio escaparam à crítica malévola - vv. 365-369:

> Ingenium magni liuor detractat Homeri; / Quisquis es, ex illo, Zoile, nomen habes. / Et tua sacrilegae laniarunt carmina linguae, / Pertulit huc uictor quo duce Troia deos. (*A inveja deita abaixo o génio do grande Homero; dela recebes a nomeada, quem quer que tu sejas, Zoilo. E os teus poemas línguas sacrílegas os criticaram, a ti [Virgílio] por cuja mão Tróia trouxe até cá os deuses vencidos).*

2.3.3. Ovídio disserta depois sobre o tipo de verso que convém a cada género poético, incluindo, portanto, o verso apropriado a celebrar o amor. Mas essa referência é omitida - vv. 379-380:

Blanda pharetratos elegeia cantet Amores / Et leuis arbitrio ludat amica suo. (*Que a branda elegia celebre os Amores providos de aljava, e que uma amiga inconstante [aí] se divirta a seu bel-prazer).*

2.3.4. Ovídio defende-se das críticas à poesia libertina da Ars Amatoria, argumentando que não são as senhoras mas as mulheres fáceis as destinatárias dos seus poemas - vv. 385-386, omitidos:

Thais in arte mea est; lasciuia libera nostra est. / Nil mihi cum uitta; / Thais in arte mea est. (É Taide[88] quem celebro na minha obra. Tenho *plena liberdade para me divertir. Não viso a bandolete[89]: é Taide quem está na minha arte).*

2.3.5. Mas consta a insistência na vitória do poeta sobre a inveja, vitória conseguida graças ao desejo de fama imortal. Transcrevo os vv. 389 e 393:

Rumpere, liuor edax; magnum iam nomen habemus. / [...] / Nam iuuat et studium famae mihi creuit honore (*Estoira de despeito, inveja mordaz: já tenho um grande nome. [...] Com efeito, o desejo de fama dá-me satisfação e cresceu em mim com as honrarias [vislumbradas]).*

2.3.6. E termina o extracto com a consciência, por parte de Ovídio, dos méritos da sua elegia amorosa, que ele ousa comparar com os da Eneida - vv. 395-396:

Tantum se nobis elegi debere fatentur, / Quantum Vergilio nobile debet epos. (*As elegias confessam ser-me devedoras, quanto a nobre epopeia é devedora a Virgílio).*

---

88 Taide era o nome próprio de algumas meretrizes célebres.

89 A uitta era uma espécie de cinta para os cabelos, só usada pelas mães de família. Ovídio diz que se não dirigiu às mulheres honestas na sua Ars Amatoria.

E. Fasti

A antologia agrupa num mesmo volume as três obras ovidianas do tempo do exílio em Tomes: *Fastorum Lib. VI*, *Tristium Lib. V* e *De Ponto Lib. IIII*, publicadas em Lisboa por Antonius Riberius, a expensas de Joannis Hispanus, em 1575.

Esta antologia levanta alguns problemas que importa esclarecer. Como pode ver-se pela fotocópia do rosto da edição, aos extractos dos *Fastos* de Ovídio juntaram-se textos de Ptolomeu. Acontece que na antologia os textos de Ptolomeu vão antecedidos dum prefácio datado de Lião (*Lugduni*), de 1534, sem indicação de autor. O início do prefácio de 1534 condiz com o rosto da edição portuguesa de 1575:

> Non abs te, Lector, Ptolomaei libellum de stellis inerrantibus ad hunc extremum Ovidii tomum adiunxi. (*Não é alheio ao teu interesse, Leitor, que eu tenha acrescentado a este último tomo de Ovídio um opúsculo de Ptolomeu sobre as estrelas fixas*).

Tudo leva a crer que António Ribeiro e João Hispano - editor e financiador, respectivamente, da edição portuguesa de 1575 - fizeram uma reimpressão duma edição anterior ou só dos *Fastos* ou das três obras em conjunto, sem, contudo, fornecerem qualquer indicação de tratar-se de reimpressão e não de obra original.

Não estamos, pois, perante uma *sylva* mas uma antologia das três obras de Ovídio adoptada, naturalmente, no ensino dos Jesuítas, já que o exemplar dos Reservados da Biblioteca Nacional traz a indicação de ter sido pertença do Colégio jesuíta de Angra do Heroísmo. Por outro lado, há nesta antologia, no respeitante aos *Fastos*, textos eróticos que certamente não passariam no crivo censório da Companhia. Como procederiam os docentes jesuítas perante tais extractos? Omitiam-nos? Não sabemos. A antologia continuaria a justificar-se pelo facto de os *Tristia* e *Ex Ponto* não levantarem problemas.

Contrariamente aos *Fastos*, estas duas obras líricas de Ovídio são tratadas na antologia com especial preocupação didáctica. Com efeito, cada uma das elegias vem antecedida de uma espécie de sumário muito no estilo do que é habitual nas antolgias organizadas pelos Jesuítas: indicação do destinatário - *ad uxorem*, *ad amicum* -, resumo do tema tratado, etc. Sou mesmo inclinado a crer que tenham sido os Jesuítas a organizar a selecção. Neste caso, só os *Fastos* viriam da edição francesa com prefácio de 1534. Vejamos alguns desses sumários:

Supplicatio ad Deos, ut ab imminenti naufragio eum incolumen servent (Súplica *aos Deuses para que o preservem incólume dum iminente naufrágio*).

Ad amicum, qui etiam in adversis fidus permanserat. *(A um amigo, que mesmo na adversidade permanecera fiel).*

In amicum, qui illi pollicitam fidem fregerat. *(A um amigo, que quebrara a lealdade que lhe havia prometido).*

Queritur[90] se in exilium missum *(Queixa-se de ter sido mandado para o exílio).*

Ad amicum, ut magnorum virorum consuetudinem fugiat *(A um amigo, [aconselhando-o] a que evite a intimidade dos homens importantes).*

Mandat epistolae ut Perillam adeat *(Encarrega a carta de ir ter com Perila).*

*Patriam et suos videre desiderat (*Deseja ver a Pátria e os seus).

Quibus cum gentibus vivat ([*Informa sobre] com que tipo de povos vive*).

Rogat mitiorem exilii locum *(Pede um lugar de exílio mais suave).*

Ad amicum, ut librum suum tueatur *(A um amigo para que proteja o seu livro)*

Excusat libros suos , si quid vitii habeant *(Desculpa os seus livros por qualquer defeito que tenham).*

Ad amicum, cuius nomen tacet, ne noceat *(A um amigo, cujo nome omite para o não prejudicar).*

De duas coisas há certeza: a antologia passou na censura e foi adoptada, pelo menos parcialmente, pelos Jesuítas. A autorização de publicação é de Frei Bartolomeu Ferreira (o benevolente censor da 1ª edição de *Os* Lusíadas) e tem a data de 1561. A confiança que aos censores mereciam os Jesuítas não poderá explicar que tais textos tenham escapado à vigilância da censura?

Num prefácio ao "benévolo leitor", João Hispano pede-lhe que acolha o livro "corrigido com todo o cuidado" (*Accipe igitur candide Lector librum quam maxima fieri potuit diligentia correctum*). Não diz por quem foi corrigido (*correctum*), mas acentua a sua participação na obra, naturalmente a nível financeiro - *expensis Ioannis Hispani*, como

---

90 O texto traz *quaeritur*, que não pode deixar de ser gralha.

reza o rosto da edição. Para a minha tradução de extractos dos *Fastos, Tristes* e *Ex Ponto*, sigo as edições das *Belles Lettres*[91].

Cada livro dos *Fastos* corresponde a um mês do calendário, a partir de Janeiro.

O interesse do antologista pelos *Fastos* estaria na preocupação de fornecer aos alunos preciosas informações sobre o mundo romano evocado por Ovídio.

Como sabemos, os dias fastos eram os dias úteis na antiga Roma; nefastos eram os dias consagrados aos deuses e interditos, portanto, a actividades profanas. Com os *Fastos* Ovídio visava, sobretudo, celebrar as glórias e as tradições romanas. Embora a obra se aproxime muito do género épico, o lirismo é aí marcante, já que Ovídio, como escreve Henri Bonniec na edição das Belles Lettres, "l´[le poème] a nourri de son expérience vécue". Também por isso o poema é em dísticos elegiacos.

A antologia fornece seguidos os primeiros 330 versos do livro I, retomando depois no verso 466 e seguindo até ao fim do livro.

1. À maneira das epopeias, os primeiros versos constituem a proposição, logo seguida da dedicatória ao imperador Germânico César - I, 1-4:

> Tempora cum causis Latium digesta per annum, / Lapsaque sub terras, ortaque signa, canam. / Excipe pacato, Caesar Germanice, uultu / Hoc opus; et timidae dirige nauis iter. (*Cantarei os tempos repartidos pelo ano romano, com suas origens, e as constelações, quando aparecem e quando se escondem. Acolhe, com semblante sereno, esta obra, Germânico César, e orienta o percurso do meu tímido navio).*

2. vejamos agora uma passagem bem elucidativa do tema tratado nos *Fastos*, neste caso relativa ao deus Jano[92] - I, 89-92:

> Quem tamen esse deum te dicam, Iane biformis? / Nam tibi par nullum Graecia numen habet. / Ede simul causam, cur de coelestibus unus, / Sitque quod a tergo, sitque quod ante, uides. (*Que tipo de deus, porém, te direi seres, Jano de dupla forma? A Grécia não tem qualquer divindade que se te assemelhe. Revela-nos porque é que, de entre os celestes, só tu vês o que te fica atrás e o que está adiante).*

---

91 Ver Bibl. B) Ovide, 1990, 1968a e 1977, respectivamente.

92 Jano seria o deus que etimologicamente explicaria, segundo Ovídio, o nome de *Janeiro*. Como o deus, também o mês olha para o passado (o ano anterior) e o futuro (o novo ano). Os meses de Janeiro e Fevereiro só foram introduzidos pela reforma do calendário efectuada por Júlio César.

2.1. E, logo a seguir, a relação etimológica Ianus/ianua - I, 135-136:

> Omnis habet geminas, hinc atque hinc, ianua frontes; / E quibus haec populum spectat, at illa Larem. (*Qualquer porta tem duas faces, uma dum lado, outra do outro; com uma delas observa a rua, com a outra o Lar).*

3. A supressão dos vv. 331 a 465 terá a ver, por exemplo, com a referência a sátiros e a ninfas, de que transcrevo uma passagem - I, 399-400:

> Venerat et senior pando Silenus asello, / Quique rubro pauidas inguine terrat aues. (*O velho Sileno viera também, [montado] num jumento de cabeça inclinada, e o [deus] que, com o rubro membro genital, aterroriza as tímidas aves).*

3.1. Procura o antologista retomar o texto ovidiano de forma a estabelecer uma relação de sentido entre o texto cortado e o texto retomado. Para isso, reinicia o texto no segundo verso dum dístico, já que o primeiro verso deste aponta noutro sentido. Vejamos o dístico constituído pelos versos 465-466, incompleto na antologia:

> Vnde petam causas horum moremque sacrorum? Dirigat in medio quis mea uela freto? *(Onde procurarei as origens e a tradição destes rituais? Quem guiará o meu barco em pleno mar?).*

3.1.1. Pela supressão do 1° verso, o leitor interpreta a pergunta do v. 466 em relação com os versos anteriores da antologia, nos quais o poeta procura a razão etimológica das *Agonales*, festas em honra de Jano. Entre as várias explicações, vem a dos versos 329-330, em que recai o corte:

> Pars[93] etiam fieri solitis aetate priorum / Nomina de ludis Graia tulisse diem. (*Outros ainda [pensam que] o dia recebeu o nome grego dos jogos que costumavam ter lugar no tempo dos antigos).*

4. Uma referência ao leito conjugal de Júpiter não foi suprimida - I, 649-650:

> Haec tua constituit genitrix et rebus et ara [Junoni], / Sola toro magni digna reperta Iouis. (*A tua mãe [de Germânico César] instituiu estes [presentes expressos] em dádivas e num altar, [em honra dela, Juno], a única considerada digna do leito do grande Júpiter).*

5. O Livro I termina pela exaltação da paz de Actium - I, 709-712:

Ipsum nos carmen deducit Pacis ad aram. / Haec erit a mensis fine secunda dies. / Frontibus Actiacis comptos redimita capillos. / Pax, ades, et toto mitis in orbe mane. (*O próprio poema nos conduz ao altar da Paz. Estamos no segundo dia antes do fim deste mês. Vem, ó [deusa da] Paz, com a fronte ornada pelas ramagens de Actium, e conserva-te, com a tua doçura, no universo inteiro.*

5.1. A atitude pacifista de Ovídio está bem patente em I, 715-16:

Sola gerat miles, quibus arma coerceat, arma; / Canteturque fera nil, nisi pompa, tuba. (*Que o soldado só pegue em armas para repelir [outras] armas, e a trombeta bélica apenas celebre a festa).*

6. O segundo livro, consagrado ao mês de Fevereiro, consta integralmente da antologia. A explicação da etimologia do nome do mês vem quase no início - II, 19-20:

Februa Romani dixere piamina patres; / Nunc quoque dant uerbo plurima signa fidem. (*Os nossos antepassados Romanos chamaram Februa às cerimónias expiatórias; ainda agora vários indícios atestam a confiança n[essa] etimologia).*

7. Exaltação do papel civilizador de César, que suplantou Rómulo - II, 141:

Vis tibi grata fuit; florent Caesare leges. (*A ti [Rómulo] agradou-te a violência; com César florescem as leis).*

8. O antologista não omite a explicação da nudez dos Faunos - II, 303-304:

Sed cur praecipue fugiat uelamina Faunus, / Traditur antiqui fabula plena ioci (*Mas a razão principal por que o Fauno rejeita as roupas é-nos transmitida por uma lenda cheia de velha graciosidade).*

8.1. E passa igualmente a cena erótica da frustração do Fauno - II, 343-348:

Inde tori, qui iunctus erat, uelamina tangit / Mollia, mendaci decipiturque nota. / Adscendit, spondaque sibi propiore recumbit; / Et tumidum cornu durius inguen erat. / Interea tunicas ora

---

93 Na antologia vem *Fas*, que deve ser gralha, já que se trata de uma enumeração: *Pars .... Pars ... Pars...*, a iniciar três dísticos seguidos.

subducit ab ima: / Horrebant densis aspera crura pilis. (*Toca então nas suaves roupas da cama [de Hércules], que estava ao lado, e é enganado por este falso indício [a suavidade dos tecidos]. Sobe e estende-se no leito mais à mão; e o seu membro erecto estava mais duro do que um chifre. Entretanto, levantou a túnica [de Hércules] desde a base: pernas ásperas, cobertas de densos pêlos deixavam-no horrorizado).*

9. O Livro III vem integralmente na antologia. Ocupa-se do mês de Março, dedicado ao deus Marte - III, 1-2:

Bellice, depositis clypeo paulisper et hasta, / Mars, ades; et nitidas casside solue comas. (*Ó [deus] belicoso, abandonados por algum tempo o escudo e a lança, sê-me propício; e liberta do capacete a brilhante cabeleira).*

10. A lenda de Rómulo, fruto da violação da vestal Reia Sílvia por Marte, não ficou omitida - III, 21-24:

Mars uidet hanc, uisamque cupit, potiturque cupitam, / Et sua diuina furta fefellit ope. / Somnus abit, iacet illa grauis, iam scilicet intra / Viscera, Romanae conditor urbis, eras. (*Marte avista-a [Sílvia], deseja-a e possui-a, tendo ocultado o seu roubo mediante poder divino. Quando acorda, ela está grávida. Quer dizer: já estavas nas suas entranhas, ó fundador de Roma).*

10.1. Aí se encontra a razão que levou Rómulo a fazer começar o ano em Março - III, 75--76:

A te principium Romano ducimus anno, / Primus de patrio nomine mensis erat. (*Abrimos em ti o ano romano e [queremos] que o primeiro mês parta do teu pátrio nome).*

11. A superioridade dos Romanos sobre os Gregos, na arte militar - III, 101-4:

Nondum tradideras uictas uictoribus artes, / Graecia: facundum, sed male forte genus. / Qui bene pugnaret, Romanam nouerat artem; / Mittere qui poterat pila, disertus erat. (*Ó Grécia, ainda não tinhas transmitido aos vencedores [Romanos] as artes vencidas: génio eloquente, mas pouco corajoso. Em ser bravo na guerra consistia toda a arte romana; eloquente era quem fosse capaz de arremessar os dardos).*

12. Deve-se a J. César a instituição do ano de 365 dias e seis horas - III, 163-64:

Is decies senos ter centum et quinque diebus / Iunxit, et e pleno tempora quarta die. (*Aos trezentos e cinco dias juntou ele [Júlio César] sessenta mais a quarta parte dum dia inteiro).*

13. O Livro IV é dedicado a Vénus. Dos seus 1004 versos só foram suprimidos dois - os versos 136-137:

Demite diuitias: tota lauanda dea est. / Aurea siccato redimicula reddite collo. (*Retirai os adornos [à estátua de Vénus]: toda a deusa deve ser lavada. Devolvei [depois] ao pescoço [dela] enxuto os colares de oiro).*

14. O poeta justifica o assunto do livro - IV, 13-14:

Venimus ad quartum, quo tu celeberrima, mensem: / Et uatem, et mensem scis, Venus, esse tuos. (*Chegámos ao quarto mês, em que és celebérrima. E tu bem sabes, Vénus, que são teus tanto o poeta como o mês).*

15. Vénus está na origem de todos os seres vivos - IV, 99-100:

Quid genus omne creat uolucrum nisi blanda uoluptas? / Nec coeant pecudes, si leuis absit amor. (*O que é que faz reproduzir todo o género de aves, senão o suave prazer? Se o leve amor estiver ausente, os rebanhos não se multiplicam).*

16. Vénus deu origem aos primeiros versos - IV, 109-112:

Primus amans carmen uigilatum nocte negata / Dicitur ad clausas concinuisse fores. / Eloquiumque fuit duram exorare puellam: / Proque sua causa quisque disertus erat. (*Consta que foi um apaixonado o primeiro que declamou um poema de vigília em frente da porta encerrada durante uma noite de recusa [por parte da mulher requestada]. Convencer uma dama cruel foi a [primeira] eloquência: cada um era persuasivo em causa própria).*

17. Sobre a designação de *Maio* - objecto do Livro V - o poeta também tem dúvidas -V, 1-2.

Quaeritis unde putem Maio data nomina mensi? / Non satis est liquido cognita causa mihi. (*Perguntais donde penso [vir] o nome dado ao mês de Maio? A origem não me é claramente conhecida).*

18. Com *Maio* está relacionada a *Maiestas* - V, 25-26:

Hinc sata Maiestas; hos est dea censa parentes[94] / Quaque die partu est edita, magna fuit. (*Daqui [de Honor e Reuerentia] nasceu a Majestade; a deusa reconheceu-os como seus progenitores, e surgiu grande no próprio dia em que foi dada à luz).*

19. Juno admite conceber Marte sem interferência masculina - V, 239-242:

Si pater est factus neglecto coniugis usu / Iupiter, et nomen solus utrumque tenet, / Cur ego desperem fieri sine coniuge mater, / Et parere intacto, dummodo casta, uiro? (*Se Júpiter se tornou pai sem intervenção da esposa, e detém sozinho um e outro nome [de pai e mãe], porque devo perder a esperança de me tornar mãe sem o [meu] esposo e de dar à luz, permanecendo casta, sem ser tocada por um homem?).*

19.1. Juno concebeu Marte ao ser tocada por uma flor - V, 255-266:

Protinus haerentem decerpsi pollice florem: / tangitur, e tacto concipit illa sinu. (*Imediatamente, com o polegar, arranquei do caule a flor fixa: [Juno] é tocada [com a flor], e, atingido o ventre, ela concebe).*

20. Também o Livro VI consta integralmente. Começa Ovídio por dissertar sobre a origem do mês de Junho - VI, 1-2:

Hic quoque mensis habet dubias in nomine causas: / Quae placeant, positis omnibus, ipse leges. (*Também o nome deste mês tem origens duvidosas: podereis escolher as que vos agradarem, uma vez apresentadas todas).*

21. Os poetas, por inspiração divina, podem desvendar mistérios - VI, 5-8:

Est deus in nobis: agitante calescimus illo; / Impetus hic sacrae semina mentis habet. / Fas mihi praecipue uultus uidisse deorum; / Vel quia sum uates, uel quia sacra cano. (*Há um deus em nós:*

---

[94] O 2º hemistíquio do verso tem outra redacção na antologia: quae mundum temperat omnem (*que governa todo o mundo).*

graças ao seu impulso, inflamamo-nos. Este ardor contém as sementes dum espírito divino. Sobretudo a mim foi-me concedido contemplar a face dos deuses, ou por ser poeta ou por cantar as coisas sagradas).

22. A deusa Juno louva o poeta por ter ousado cantar grandes temas no dístico elegíaco, e explica a origem do nome do mês de Junho - VI, 21-26:

Namque ait: - O uates, romani conditor anni, / Ause per exiguos magna referre modos, / Quum placuit numeris condere festa tuis. / Ne tamen ignores, uulgique errore traharis: / Iunius a nostro nomine nomen habet. (*Ó poeta, autor do ano romano, tu que ousas abordar grandes assuntos em ritmos modestos, conquistaste o direito de contemplar as divindades celestes, quando decidiste celebrar as suas festas nos teus versos. Não quero, portanto, que desconheças [isto] e caias no erro do vulgo: Junho recebe a [sua] designação a partir do meu nome).*

23. A violação por Jano da ninfa Carna (ou Carda), depois feita deusa dos fechos das portas, não é omitida na antologia - VI, 123-128:

Stulta, uidet Ianus quae post sua terga gerantur; / Nil agis, en latebras respicit ille tuas. / Nil agis, en dixi! Nam te sub rupe latentem / Occupat amplexu, teque potitus, ait: / - Ius pro concubitu nostro tibi cardinis esto; / Hoc pretium positae uirginitatis habe. (*Ó Insensata, Jano vê quanto possa acontecer atrás das suas costas. Perdes o teu tempo: ele desvenda os teus esconderijos. Perdes o teu tempo, te digo eu, pois, escondida na rocha, ele estreita-te nos seus braços, possui-te e proclama: - Em recompensa do nosso acto amoroso e da virgindade perdida, concedo-te poder sobre os fechos das portas).*

F. Tristia e Ex Ponto

1. Tristia[95]

Segundo a crítica, os Tristia foram redigidos entre os anos 8 e 12 da nossa era, tendo o primeiro livro sido escrito durante a viagem a caminho do exílio em Tomes. A 1ª elegia do Livro I foi escrita depois das restantes, à laia de introdução da obra.

Sendo essencialmente a expressão das queixas do poeta exilado, com escasso lugar para desabafos amorosos, os poemas adequavam-se bem ao ensino dos Jesuítas.

1.1. Do Livro I

As 11 elegias do original constam integralmente na antologia, embora não seja absoluta a correspondência da numeração das elegias (é o caso do nº 4 original, que vai integrado na 3ª da antologia, o que faz alterar os números seguintes até à 9ª do original; por sua vez, esta desdobra-se em duas na antologia, fazendo com que as elegias 10 e 11 coincidam de novo aí e nas *Belles Lettres*).

1.1.1. A 1ª elegia traz o seguinte sumário na antologia: "Alloquitur librum, ut Romam vadat, et quid ei faciendum sit admonet" (*Fala com o livro, para que vá ter a Roma, e aconselha-o sobre o que deve fazer*).

1.1.1.1. O tom elegíaco é dado logo nos primeiros versos:

> Parue - nec inuideo - sine me, liber, ibis in Vrbem: / Ei mihi! quod domino non licet ire tuo.
> (*Livrinho - e não tenho ciúmes - irás sem mim a Roma. Que desgraçado que eu sou, já que ao teu mestre não é permitido ir!*).

1.1.1.2. Segue-se uma descrição, com algum pormenor, do papiro e seu tratamento, o que muito interessaria para a formação dos alunos. Vejamos os vv. 7-8:

---

[95] O título do conjunto dos cinco livros de *Tristia* é Tristium Libri V (*Cinco Livros dos Tristes*). *Tristia* é um título sintético, que supõe ou a substantivação do adjectivo (*Coisas tristes*) ou o substantivo subentendido (*Poemas tristes*). A tradução francesa das *Belles Lettres* apresenta o título Tristes (*Os Tristes*). Também em latim se pode adoptar o título Tristes subentendendo, nesse caso, a palavra Elegiae (*Elegias tristes*), já que, de facto, de cinco livros de elegias se trata.

Nec titulus minio nec cedro charta notetur, / Candida nec nigra cornua fronte geras! (*Nem se marque com zarcão o título, nem a folha com óleo de cedro, nem se ponham cantos brancos na base negra*[96]*!*).

1.1.1.3. Surge também, logo no começo, a saudade de Roma - vv. 15-16:

Vade, liber, uerbisque meis loca grata saluta! / Contingam certe quo licet illa pede. *(Vai, livro, e saúda em meu nome os lugares queridos! Tocá-los-ei assim com o pé que me é consentido*[97]*).*

1.1.1.4. Igualmente aparece logo formulada a esperança, depois tantas vezes reiterada, de obter a clemência de Augusto - vv. 27-30:

Inuenies aliquem qui me suspiret ademptum / Carmina nec siccis perlegat ista genis, / Et tacitus secum, ne quis malus audiat, optet / Sit mea lenito Caesare poena leuis. (*Encontrarás, porventura, alguém que, suspirando sobre a minha perda, leia estes versos, com as faces banhadas em lágrimas, e, em silêncio, para que nenhum malvado o oiça, faça votos por que, apaziguado César, o meu castigo seja aliviado).*

1.1.1.4.1. E, logo, a esperança dum regresso à Pátria- v.34:

Sedibus in patriis det mihi posse mori! (*Oxalá me conceda o poder morrer no seio da Pátria!).*

1.1.1.5. As circunstâncias da viagem marítima são pouco propícias à inspiração poética - vv. 39-42:

Carmina proueniunt animo deducta sereno: / Nubila sunt subitis tempora nostra malis. / Carmina secessum scribentis et otia quaerunt: / Me mare, me uenti, me fera iactat hiems. (Os versos surgem do fluxo dum espírito sereno. *[Mas] a minha vida está ensombrada por desgraças repentinas. A poesia requer o sossego e a solidão do escritor. [Ora] eu sou o joguete do mar, dos ventos e da invernia feroz).*

1.1.1.6. A sua produção poética apontada como causa do exílio - motivo tão repetido ao longo dos *Tristia* - já aparece no verso 56: "[...] Ingenio sic fuga parta meo" ([...] *Assim, o exílio teve origem no meu talento*).

---

[96] Para marcar o luto do autor exilado, o papiro não iria adornado como era costume: brilhante por acção do óleo de cedro, e com as bases do cilindro, formado pelo rolo do papiro, devidamente cuidadas.

1.1.1.6.1. A reforçar a ideia estão os vv. 67-68, dirigidos ao livro:

> Inspice, dic, titulum: non sum praeceptor amoris; / Quas meruit, poenas iam dedit illud opus. (*Vê o título - diz-lhe : não sou mestre de amor. Essa obra [Ars Amatoria] já sofreu o castigo que merecia).*

1.1.1.7. Nos versos finais há indicação de que o livro I - de que esta elegia constitui uma espécie de introdução - foi escrito durante a viagem a caminho do exílio. Ovídio redigiu a 1ª elegia do Livro I depois das outras, como deixa bem expresso - vv. 123-24 e 127-28:

> Plura quidem mandare tibi, si quaeris, habebam, / Sed uereor tardae causa fuisse uiae. / [...] / Longa uia est, propera! Nobis habitabitur orbis / Vltimus, a terra terra remota mea. (*Se queres saber, tinha ainda muitas coisas a confiar-te, mas receio ter-te já retardado a partida). O caminho é longo, despacha-te! Quanto a mim, vou habitar nos confins do universo, uma terra afastada da minha terra).*

1.1.2. Agora as descrições não precisam de ser descontextualizadas -vv. 19-22:

> Me miserum! Quanti montes uoluuntur aquarum! / Iam iam tacturos sidera summa putes! / Quantae diducto subsidunt aequore ualles! / Iam iam tacturas Tartara nigra putes! (*Pobre de mim! Quantas montanhas de água se revolvem! Parece que vão atingir os altos astros. Quantos vales se cavam quando as águas se separam! Parece que vão logo roçar o negro Tártaro!).*

1.1.3.1. São famosos os quatro primeiros versos da 3ª elegia:

> Cum subit illius tristissima noctis imago / Qua mihi supremum tempus in Vrbe fuit, / Cum repeto noctem, qua tot mihi cara reliqui, / Labitur ex oculis nunc quoque gutta meis. (*Quando me vem à mente a imagem tristíssima daquela noite dos meus últimos momentos em Roma, quando recordo a noite em que deixei tudo quanto me era querido, desliza dos meus olhos uma lágrima, como [acontece] ainda agora).*

---

97 Na impossibilidade de pisar o solo pátrio com os pés físicos, faz-se substituir pelos pés do verso.

1.1.3.2. A recordação da despedida da esposa vem na antologia - vv. 18-19:

> Vxor amans flentem flens acrius ipsa tenebat / Imbre per indignas usque cadente genas. (*Minha terna esposa, chorando ela mais intensamente, abraçava-me lacrimoso, enquanto uma chuva de lágrimas continuava a correr-lhe pelas faces inocentes).*

1.1.4. As descrições de tempestades marítimas seriam particularmente bem acolhidas - vv. 23-28:

> Dum loquor, et timeo pariter cupioque repelli, / Increpuit quantis uiribus unda latus! / Parcite, caerulei, uos parcite, numina ponti, / Infestumque mihi sit satis esse Iouem! / Vos animam saeuae fessam subducite morti, / Si modo, qui periit, non periisse potest! (*Enquanto falo - e simultaneamente tenho medo e desejo afastar-me - com que violência uma onda se arremessou contra o flanco [do navio]! Clemência, clemência, ó divindades do mar azul! Baste-me [já] incorrer no ódio de Júpiter! Por vosso lado, poupai a uma morte cruel uma alma cansada, se, pelo menos, é possível não morrer quem já morreu!).*

1.1.5. A 5ª elegia (4ª na antologia) tem, segundo a edição das *Belles Lettres*, por título no manuscrito F (não adoptado pela edição francesa): "Ad amicum". O antologista reteve esse título e acrescentou: [...] "qui etiam in aduersis fidus permanserat" (*que se mantivera fiel mesmo na adversidade).*

1.1.5.1. Significativos são, por exemplo, os vv. 25-26:

> Scilicet ut fuluum spectatur in ignibus aurum, / Tempore sic duro est inspicienda fides. / Atque haec exemplis quondam collecta priorum / Nunc mihi sunt propriis cognita uera malis. *(Na verdade, como o fulvo oiro se põe à prova pelo fogo, assim a fidelidade se comprova nos momentos difíceis. E estas verdades, que antes eu encontrava nos exemplos antigos, agora conheço-lhes a realidade nas minhas próprias desgraças).*

1.1.6. A 6ª elegia traz na antologia (aqui é a 5ª) o título "Ad uxorem" (*À esposa*).

1.1.6.1. Reconhecido à esposa por tudo quanto tem feito por ele, garante-lhe a imortalidade através dos seus versos, mau grado, segundo ele, os versos já não terem o vigor de outros tempos - vv. 35-36:

Quantumcumque tamen praeconia nostra ualebunt, / Carminibus uiues tempus in omne meis. (*De qualquer forma, seja qual for o valor dos meus pregões, viverás eternamente nos meus versos).*

1.1.7.1. A 7ª elegia (6ª na antologia) tem por título, dado pelo antologista, "Ad amicos, qui imaginem auro insculptam habent" (*Aos amigos, que conservam a sua memória esculpida em oiro*). Recorda o poeta que lançou ao fogo as Metamorfoses, num acto de desespero, quando partia para o exílio - vv. 13-16:

Carmina mutatas hominum dicentia formas, / Infelix domini quod fuga rupit opus. / Haec ego discedens, sicut bene multa meorum, / Ipse mea posui maestus in igne manu. (*Poema que cantava as metamorfoses dos homens, a desafortunada obra interrompida pelo exílio do autor. Na partida, desesperado, lancei-a ao fogo, por minha própria mão, como bem [fiz] a muitos outros dos meus poemas).*

1.1.7.2. Já que as Metamorfoses puderam sobreviver por existirem mais cópias (Pluribus exemplis scripta fuisse reor, v. 24), que o leitor seja indulgente perante as imperfeições dum poema não corrigido pelo autor - vv. 29-32:

Ablatum mediis opus est incudibus illud / Defuit et scriptis ultima lima meis, / Et ueniam pro laude peto, laudatus abunde, / Non fastiditus si tibi, lector ero. (*Essa obra foi retirada do meio da bigorna, e faltou à minha escrita a última lima. Peço indulgência e não louvor; por bem louvado me terei, se me não desdenhares, leitor).*

1.1.8.1. A 8ª elegia (7ª na antologia) tem o título antológico: "In amicum, qui illi pollicitam fidem fregerat. (*Ao amigo, que quebrara a lealdade que lhe havia jurado*). O poeta acusa a espantosa insensibilidade perante o sofrimento do queixoso - vv. 41-42:

Et tua sunt silicis circum praecordia uenae, / Et rigidum ferri semina pectus habet. (*As tuas entranhas estão envolvidas por veios de pedra, e o teu duro coração tem sementes de ferro).*

1.1.9.1. A 9ª elegia (8ª na antologia) traz por título na antologia: "Ad amicum, quod uulgus fortunam sequitur" (*A um amigo [lembrando-lhe] que o vulgo segue a roda da sorte).* Esse título terá sido deduzido do v. 13. Eis os versos que o enquadram - 11-14:

Vtque comes radios per solis euntibus umbra est, / Cum latet hic pressus nubibus, illa fugit, / Mobile sic sequitur fortunae lumina uulgus, / Quae simul inducta nube teguntur, abit. (*Assim como a sombra acompanha os nossos passos aos raios do sol, e desaparece logo que ele fica retido pelas nuvens,*

assim o vulgo inconstante segue as luzes da fortuna, desaparecendo quando elas ficam eclipsadas pela cobertura de uma nuvem).

1.1.9.2. E prossegue assim nas queixas contra as traições à amizade - vv. 17-20:

Dum stetimus, turbae quantum satis esset habebat / - Nota quidem, sed non ambitiosa domus; / At simul impulsa est, omnes timuere ruinam / Cautaque communi terga dedere fugae. (*Enquanto estive de pé, bom número de amigos frequentava a minha casa, conhecida, sem dúvida, mas não faustosa. Mas, logo que ela foi abalada, todos recearam a ruína e, em conjunto, por prudência, viraram as costas).*

1.1.9.3. Os vv. 40 a 66 constituem a 9ª elegia da antologia, com o seguinte título: "Amico gratulatur, quod studio et doctrina magnam sit laude, consecutus; rogatque ut sibi patrocinetur". (*Felicita um amigo por ter granjeado grande glória graças ao empenhamento na instrução, e pede-lhe que o proteja).*

É de registar o relevo concedido a esta parte da elegia, destacando-a como um todo. Trata-se, por um lado, de acentuar o regozijo em face dos êxitos do amigo, e, por outro, de valorizar as artes liberais.

1.1.9.3.1. As alegrias do amigo aliviam as suas próprias dores - vv. 39-40:

At mea sunt, proprio quamuis maestissima casu, / Pectora processu facta serena tuo. (*Mas, embora a minha vida seja tristíssima pela situação pessoal, com o teu êxito o [meu] coração serenou).*

1.1.9.3.2: À vida pessoal exemplar e às artes liberais deve o amigo o merecido prestígio - vv. 43-46:

Siue aliquod morum seu uitae labe carentis / Est pretium, nemo pluris emendus erat; / Siue per ingenuas aliquis caput extulit artes, / Quaelibet eloquio fit bona causa tuo. (*Se os costumes, se uma vida sem mancha têm algum valor, ninguém deveria ser mais estimado do que tu; se alguém algum dia se assinalou graças às artes liberais,[tu mais do que ninguém, já que] qualquer causa se torna boa pela tua eloquência).*

1.1.9.3.3. Se a arte do amigo o exaltou, ao poeta valeu-lhe, [pelo contrário], o exílio - vv. 57-58:

> Vtque tibi prosunt artes, facunde, seuerae, / Dissimiles illis sic nocuere mihi. (*E assim como a arte a ti te traz proveito, eloquente [amigo], assim uma arte [a* Ars Amatoria*], diferente dessa, me foi prejudicial).*

1.1.10. A 10ª elegia é a descrição dum bom navio, conforme o antologista destaca pelo título encontrado: "Navem laudat, quam in Corinthiaco sinu habuit" (*Louva o navio, de que pôde dispor no istmo de Corinto).*

1.1.10.1. Esse navio leva vantagem a todos os outros - vv. 3-6:

> Siue opus est uelis, minimam bene currit ad auram; / Siue opus est remo, remige carpit iter. / Nec comites uolucri contenta est uincere cursu; / Occupat egressus quamlibet ante rates. (*Se tem de navegar à vela, desliza bem à mais ligeira brisa; se precisa de remos, com remadores se põe a caminho. Não se contenta com vencer em corrida veloz os parceiros [de partida]; alcança os navios que arrancaram antes dele com qualquer avanço).*

1.1.11. A 11ª elegia figura como conclusão do Livro I, a que o antologista deu o seguinte título: "Ad lectorem, quod in itinere hunc primum librum confecerit" (*Ao leitor, [informando-o] de que compôs em viagem este primeiro livro*) . Os dois primeiros versos justificam o título:

> Littera quaecumque est toto tibi lecta libello, / Est mihi sollicito tempore facta uiae. *(Todas as peças deste pequeno livro que acabas de ler, compu-las durante uma viagem acidentada).*

1.1.11.1. E, quase a terminar, vem um apelo ao bom acolhimento do leitor - vv. 35-36:

> Quo magis his debes ignoscere, candide lector, / Si spe sunt, ut sunt, inferiora tua. (*Sê, portanto, mais indulgente para com estes [versos], benévolo leitor, se, tais como são, de facto inferiores à tua expectativa).*

1.2. Dos Livros II a V

Os Tristia são considerados pela crítica como uma obra monótona, em que Ovídio repete incansavelmente as suas queixas e lamentações, na esperança de apiedar o imperador romano. Lido atentamente o Livro I, não são muitas as novidades trazidas pelos restantes. Tratarei, por isso, estes em conjunto, pondo em relevo uma ou outra passagem mais significativa.

Como o autor, penitenciado pela licenciosidade de obras anteriores, evita agora ocupar-se do amor, o antologista acolheu na íntegra o texto dos cinco livros do original ovidiano. Salta à vista na antologia uma espécie de sumário de cada elegia, mediante um título apropriado.

1.2.1. Referência à pena aplicada por César Augusto, a qual incluiu a ordem de retirar das bibliotecas públicas a Ars Amatoria - II, 1ª,7-8:

> Carmina fecerunt ut me moresque notaret / Iam demi iussa Caesar ab Arte meos. (*Os meus poemas fizeram com que César reparasse em mim e nos meus costumes, por causa da Arte, já por ele mandada retirar).*

1.2.2. Para além dos versos licenciosos, Ovídio menciona um "error", ainda hoje por decifrar, o qual esteve na origem directa do seu exílio - II, 207-208:

> Perdiderint cum me duo crimina, carmina et error, / Alterius facti culpa silendi mihi *(Embora duas faltas tenham causado a minha perdição - um poema e um erro - , sobre a culpa de uma delas devo calar-me).*

1.2.3. Prossegue o poeta com alegações em sua defesa - II, 1ª, 307-308:

> Nec tamen est facinus uersus euoluere molles; / Multa licet castae non facienda legant. (Mas *não é um crime desdobrar os rolos de versos lascivos; é lícito que as mulheres castas leiam muitas coisas que [no entanto] não devem praticar).*

1.2.4. Com uma bela metáfora, justifica-se por ter escrito sobre o amor, em vez de escolher temas mais elevados - II, 1ª, 329-330:

Non ideo debet pelago se credere, si qua / Audet in exiguo ludere cumba lacu. (*Porque ousa brincar num pequeno lago, nem por isso uma canoa se deve aventurar no alto mar).*

1.2.5. Adverte que não deve confundir-se a vida do autor com o fingimento poético: - II, 353-358:

Crede mihi, distant mores a carmine nostro / - Vita uerecunda est, Musa iocosa mea - / Magnaque pars mendax operum est et ficta meorum . / Plus sibi permisit compositore suo. / Nec liber indicium est animi, sed honesta uoluntas / Plurima mulcendis auribus apta ferens. (*Crê-me: os meus versos não correspondem aos meus costumes. A minha vida é digna, [mas] a Musa é divertida. As minhas obras são, em grande parte, mentiras e ficções; tomaram para si mais liberdade do que o seu autor tomou para si mesmo. O meu livro não reflecte a minha alma, mas exprime o desejo inocente de apresentar muitos [versos] capazes de deleitar os ouvidos).*

1.2.6. Avança um argumento de peso: outros poetas, como Tibulo, celebraram o amor libertino, sem que, por isso, tivessem sido castigados - II, 1ª, 461-62:

Multaque dat furti talis praecepta docetque / Qua ruptae possint fallere ab arte uiros. (*Dá [Tibulo] muitas lições de tal artimanha, e ensina às mulheres a arte de enganar os maridos).*

1.2.7. Aconselha um amigo a evitar a ambição - III, 4ª, 25-26:

Crede mihi, bene qui latuit bene uixit, et intra / Fortunam debet quisque manere suam. (*Acredita: viveu feliz aquele que soube esconder-se; cada um deve manter-se nos limites da sua sorte).*

1.2.8. Dor pela ausência da esposa - III, 4ªb[98], 13-14:

Coniugis ante oculos sicut praesentis imago est; / Illa meos casus ingrauat, illa leuat. (*Tenho diante dos olhos, como se ela estivesse presente, a imagem da minha esposa; é ela quem agrava os meus tormentos, é ela quem os alivia).*

1.2.9. César não tem poder algum sobre o seu espírito - III, 7ª, 45-48:

En ego, cum caream patria uobisque domoque / Raptaque sint adimi quae potuere mihi, / Ingenio tamen ipse meo comitorque fruorque: Caesar in hoc potuit iuris habere nihil. (*Eis que eu, privado da*

[98] Sigo a numeração das *Belles Lettres* que desdobram a 4ª elegia do Livro III em 4 e 4b. Na antologia o texto forma um todo.

Pátria, de vós e da minha casa, despojado de tudo quanto me puderam tirar, desfruto, no entanto, da companhia do meu espírito: aí nenhum direito cabe a César).

1.2.10. É esse espírito criador que lhe garante a imortalidade - III, 7ª, 49-52:

Quilibet hanc saeuo uitam mihi finiat ense, / Me tamen extincto fama superstes erit, / Dumque suis uitrix omnem de montibus orbem / prospiciet domitum Martia Roma, legar. (*Pode pôr-se fim à minha vida, com um golpe cruel, mas, após a minha extinção, o meu renome permanecerá, e enquanto, vitoriosa, a Roma de Marte contemplar, do alto das suas colinas, o universo inteiro a seus pés, eu serei lido).*

1.2.11. A 10ª elegia do Livro III tem um título elucidativo na antologia: Quibus cum gentibus uiuat" (*Com que povos lhe é dado viver).* Ovídio lamenta-se por ter de viver "in media barbaria", v. 4 - *no meio de bárbaros.* E menciona esses povos - III, 10ª, 5-6 e 19--20:

Sauromatae cingunt, fera gens, Bessique Getaeque, / Quam non ingenio nomina digna meo! [...] Pellibus et sutis arcent mala frigora bracis, / Oraque de toto corpore sola patent. (*Rodeiam-me os Sármatas, povo feroz, os Bessos e os Getas, nomes bem indignos da minha inspiração! Peles e panos cosidos protegem-nos dos frios perigosos, e de todo o corpo só o rosto é visível).*

1.2.12. A 11ª elegia do mesmo livro é dirigida a alguém que passa o tempo a destruir o seu nome. Já que tem um coração de pedra (Et dicam silices pectus habere tuum, v. 4), que ao menos se lembre que também pode cair em desgraça - III, 11ª, 67-68:

Humanaeque memor sortis, quae tollit eosdem / Et premit, incertas ipse uerere uices. (*Pensa na sorte humana, que levanta e abaixa os mesmos [homens], e teme tu próprio as suas incertas vicissitudes).*

1.2.13. Monologa sobre a saudade que tem da esposa, certamente por esta correspondido - IV, 3ª, 17-18:

Esse tui memorem, de qua tibi maxima cura est, / Quodque potest, secum nomen habere tuum. (*Ela lembra-se de ti, ela que é o teu maior cuidado, e, tanto quanto pode, guarda o teu nome no seu coração).*

1.2.14. As referências ao leito conjugal passam na antologia - IV, 3ª, 23-26:

> Tunc subeunt curae, dum te lectusque locusque / Tangit et oblitam non sinit esse mei, /Et ueniunt aestus, et nox immensa uidetur / Fessaque iactati corporis ossa dolent? (*Assaltam-te os cuidados, quando de comove a visão do nosso leito e do meu lugar e [isso] não te permite esquecer-me? Sentes a agitação do espírito, e a noite parece não ter fim e doem-te os ossos cansados num corpo agitado?).*

1.2.15. O tempo tudo resolve, menos os seus tormentos - IV, 6ª, 17-18:

> Cuncta potest igitur tacito pede lapsa uetustas / Praeterquam curas attenuare meas (*Portanto, o tempo, que desliza com pés silenciosos, tudo consegue, menos aliviar os meus cuidados),*

1.2.16. A 10ª elegia do IV Livro é considerada autobiográfica. Assim a compreendeu certamente o antologista, a avaliar pelo título atribuído: "De seipso ad posteritatem" (*Acerca de si próprio para a posteridade).* Começa assim:

> Ille ego qui fuerim, tenerorum lusor amorum, / Quem legis, ut noris, accipe, posteritas. / Sulmo mihi patria est gelidis uberrimus undis, / Milia qui nouies distat ab Vrbe decem. (*Quem fui eu, o poeta jocoso dos ternos amores, a quem tu lês, aprende a conhecê-lo, ó posteridade! Minha terra é Sulmona, onde abundam águas frescas, a noventa milhas de Roma).*

1.2.16.1. Conviveu com outros poetas do seu tempo - IV, 10ª, 49-52:

> Et tenuit nostras numerosus Horatius aures, / Dum ferit Ausonia carmina culta lyra. / Vergilium uidi tantum, nec auara Tibullo / Tempus amicitiae fata dedere meae. (*O harmonioso Horácio encantou meus ouvidos cantando odes eruditas na lira ausónia. Apenas avistei Virgílio, e o destino avaro não concedeu a Tibulo tempo de ser meu amigo).*

1.2.17. Ovídio considera-se perdido entre selvagens - V, 7ª[99], 17-18 e 47-48:

> Vox fera, trux uultus, uerissima Martis[100] imago; / Non coma, non ulla barba resecta manu. [...] / Non metunt leges, sed cedit uiribus aequum / Victaque pugnaci iura sub ense iacent. (*A voz é selvagem, o rosto feroz, retrato vivo de Marte. Nenhuma mão cortou aqueles cabelos e barba. [...] Não receiam as leis, mas a justiça cede à força, e a espada dos combates esmaga o direito vencido).*

---

99 Na antologia é a 8ª elegia.

100 Na antologia vem *mortis.*

1.2.18. O poeta procura refúgio na poesia:

Carminibus quaero miserarum obliuia rerum; / Praemia si studio consequar ista, sat est. (*Procuro na poesia o esquecimento para as minhas misérias; se conseguir esta recompensa por [tal] ocupação, fico satisfeito).*

1.2.19. Lentidão do tempo: o tempo psicológico - V, 10[a][101], 5-6:

Stare putes, adeo procedunt tempore tarde / Et peragit lentis passibus annus iter. (*Parece que o tempo pára, tão lentamente avançam as horas, e com tão lentos passos o ano faz o seu percurso)*

1. 2.20. A fidelidade de Penélope deve servir de modelo à esposa do poeta - V, 14[a][102], 35-36:

Aspicis ut longo teneat laudabilis aeuo / Nomen inextinctum Penelopea fides? (*Vês como a fidelidade de Penélope, louvada ao longo dos tempos, conserva imperecível o seu nome?).*

2. Ex Ponto

O título original é Epistulae ex Ponto, abreviadamente Ex Ponto. A antologia designa a obra por De Ponto.

Trata-se de 46 cartas de Ovídio, distribuídas por 4 livros, redigidas entre os anos 13 e 16 da nossa era, no exílio em Tomes, e endereçadas à esposa, a amigos e a algumas altas personalidades romanas, cujos nomes são mencionados.

À semelhança de Tristia, Ex Ponto consta integralmente na antologia. Apenas a numeração é diferente no Livro I: a 3ª carta está desdobrada em duas (3ª até ao verso 67, e 4ª em diante); consequentemente, no Livro III, a partir da 4ª das *Belles Lettres* corresponde sempre na antologia o número seguinte. Sigo a numeração das *Belles Lettres*.

2.1. A 1ª carta, endereçada a Brutus, funciona como uma espécie de introdução, como se pode concluir dos dois versos iniciais: I, 1, 1-2:

---

101 Com o número 11 na antologia

102 Tem o número 15 na antologia.

Naso Tomitanae iam non nouus incola terrae / Hoc tibi de Getico litore mittit opus. (*Nasão, que já não é habitante recente da terra tomitana, manda-te esta obra da costa gética).*

2.2. Continuam as lágrimas do exilado - I, 2, 37-38:

Viuimus ut nunquam sensu careamus amaro, / Et grauior longa fit mea poena mora. (*De tal modo vivo que nem um momento estou liberto da amargura, e a sua duração torna mais pesado o meu castigo).*

2.3. Tão-pouco morreu a esperança na clemência de Augusto - I, 2, 59-60:

Cum subit Augusti quae sit clementia credo mollia naufragiis litora posse dari. (*Quando me lembro quão grande é a clemência de Augusto, admito que possa oferecer-se ao náufrago um porto acolhedor).*

2.4. Mantém-se também a saudade de Roma - I, 3, 35-37:

Nescio qua natale solum dulcedine cunctos / Ducit et immemores non sinit esse sui. / Quid melius Roma? [...]. (*Não sei mediante que doçura o solo natal nos atrai a todos e não nos deixa esquecê-lo. O que há melhor do que Roma?*).

2.5. Imagina-se de regresso e acolhido pela esposa também envelhecida - I, 5, 49-51:

O! ego - di faciant! - talem te cernere possim, / Caraque mutatis oscula ferre comis / Amplectique meis corpus non pingue lacertis. (*Ah, se assim aprouvesse aos deuses, pudesse eu ver-te tal como estás, depor ternos beijos nos cabelos embranquecidos, e apertar nos meus braços o teu magro corpo!).*

2.6. A poesia é a única ocupação que lhe resta - I, 5, 53-56:

Cum bene quaesieris quid agam, magis utile nil est /Artibus his quae nil utilitatis habent, / Consequor ex illis casus obliuia nostri: / Hanc messem satis est si mea reddit humus. (*Se bem reflectires sobre o que faço, nada é mais útil do que estes exercícios desprovidos de qualquer utilidade. Encontro neles o esquecimento da minha situação: já fico contente se o meu chão me fornece uma tal colheita).*

2.7. Continua forte de espírito - II, 7, 75-76:

Omnia deficiunt. Animus tamen omnia uincit; / Ille etiam uires corpus habere facit. (*Tudo falha. Mas o meu espírito de tudo triunfa e até dá forças ao meu corpo).*

2.8. A fama persiste para lá da morte - III, 2, 31-32:

Corpora debentur maestis exsanguia bustis, / Effugiunt structos nomen honorque rogos. (*Os corpos exangues são devidos à triste fogueira, mas o nome e a glória escapam à lenha empilhada).*

2.9. Falando com Cupido, o poeta reafirma quem eram as mulheres visadas na *Ars Amatoria* - III, 3, 49-52:

Scis tamen et liquido iuratus dicere possis / Non me legitimos sollicitasse toros. / Scripsimus haec illis quarum nec uitta pudicos / contingit crines nec stola longa pedes. (*Tu sabes, todavia, - e poderás dizê-lo e jurá-lo em consciência - que eu não aliciei uniões legítimas. Escrevi os meus versos para aquelas cujos cabelos castos não prende uma bandolete, nem uma longa túnica cobre os pés).*

2.10. Considerações sobre a inveja - III, 4, 73-74:

Scripta placent a morte fere, quia laedere uiuos / Liuor et iniusto carpere dente solet. (*Normalmente, é depois da morte que as obras agradam, já que a inveja costuma prejudicar os vivos e dar-lhes injustas dentadas).*

2.11. O género poético deve estar adequado ao tema - III, 4, 85-86:

Ferre etiam molles elegi tam uasta triumphi / Pondera disparibus non potuere rotis. (*A suave elegia também não podia aguentar sobre as suas rodas desiguais o peso enorme dum triunfo).*

2.12. É capaz de ver os defeitos dos seus próprios livros - III, 9, 7-8 e 11-12:

Ipse ego librorum uideo delicta meorum, / Cum sua plus iusto carmina quisque probet. / [...] Iudicium tamen hic nostrum non decipit error, / Nec quicquid genui protinus illud amo. (*Eu próprio vejo os defeitos dos meus livros, embora cada um avalie os seus poemas acima do seu mérito. [...] Todavia, tal erro não falseia o meu julgamento, nem gosto logo de tudo quanto escrevi).*

2.12.1. Mas confessa o seu enfado para a auto-correcção - III, 9, 19-20:

> Saepe piget - quid enim dubitem tibi uera pateri? - / Corrigere et longi ferre laboris onus. (*Muitas vezes - porque hesitar, pois, em confessar-te a verdade? - sinto enfado em corrigir e em suportar o peso dum longo esforço).*

2.13. Os estímulos para escrever - IV, 2, 35-36:

> Excitat auditor studium laudaque uirtus / Crescit et immensum gloria calcar habet. (*Um ouvinte excita o esforço, os elogios acrescentam o mérito, e a glória tem um grande aguilhão).*

2.14. A 3ª carta é endereçada a um amigo da infância, a quem acusa de o ter abandonado nas horas de desgraça. Nas *Belles Lettres* traz o título "Ad ingratum" (*Ao ingrato*), enquanto o antologista preferiu "In amicitiam dissimulantem" (*Ao que dissimula a amizade).* Este último título foi certamente sugerido pelos versos 9 a 12:

> Dissimulas etiam nec me uis nosse uideri / Quisque sit audito nomine Naso rogas. / Ille ego sum, quamquam non uis audire, uetusta / Poene puer puero iunctus amicitia. (*Até disfarças, não queres dar a impressão de que me conheces, e, ao ouvir o meu nome, perguntas quem é Nasão. Eu sou, embora não queiras ouvir, aquele que uma velha amizade uniu quase criança à criança [que tu eras]).*

2.15. A 6ª carta do Livro IV, endereçada ao seu amigo Brutus, tem particular importância por permitir dar-lhe uma data posterior à morte de Augusto, ocorrida a 19 de Agosto do ano 14 d.C. - IV, 6, 15-16:

> Coeperat Augustus deceptae ignoscere culpae, / Spem nostram terras deseruitque simul. (*Augusto tinha começado a perdoar o erro da minha falta, quando abandonou, ao mesmo tempo, a minha esperança e o mundo).*

2.16. Morto Augusto, volta-se Ovídio para o seu sucessor Tibério, como o mostra a carta 8ª do Livro IV, dirigida a Suílio - IV, 8, 23-24:

> Di tibi sint Caesar iuuenis: tua numina placa! / Hac certe nulla est notior ara tibi. (*Que os teus deuses sejam o jovem César [Tibério]: aplaca a sua divindade. Sem dúvida, nenhum altar te é mais conhecido do que esse).*

2.16.1. O poeta tem consciência do valor da poesia - IV, 8, 43-46:

> Nec tamen officio uatum per carmina facto / Principibus res est aptior ulla uiris. / Carmina uestrarum peragunt praeconia laudum / Neue sit actorum fama caduca cauent. (*No entanto, nada é mais digno dos príncipes do que a homenagem prestada pelos poetas nos seus versos. Os versos são os arautos da vossa glória e impedem que pereça a fama das vossas façanhas).*

2.16.2. E conclui, naturalmente para convencer Tibério a protegê-lo - vv. 47-51:

> Carmine fit uiuax uirtus expersque sepulcri / Notitiam serae posteritatis habet. / Tabida consumit ferrum lapidemque uetustas / Nullaque res maius tempore robur habet. / Scripta ferunt annos [...] (*Pela poesia, o mérito revigora-se, livra-se do túmulo e prolonga-se para a posteridade. A velhice destruidora consome o ferro e a pedra, e nada tem mais força do que o tempo. Os escritos triunfam dos anos [...]*).

2.17. A última carta é dirigida a um invejoso ("Ad inuidum), mais parecendo uma diatribe contra a inveja em geral, de que se sente vítima impotente - IV, 16, 47-48:

> Ergo submotum patria proscindere, Liuor, / Desine neu cineres sparge, cruente, meos! (*Cessa, pois, de dilacerar um homem banido da [sua] pátria e não vás espalhar, cruel, as minhas cinzas!).*

Tibulo

Não admira que os poemas de Tibulo seleccionados para os colégios jesuítas venham na mesma *sylva* em que predomina Ovídio (ver Introdução). É que não só se trata de poetas do mesmo género literário - lirismo -, como acresce o facto de terem sido amigos, como o demonstra a elegia por Ovídio dedicada a Tibulo, incluída na mesma antologia (ver secção C, Os *Amores*, ponto 3.4.).

Os extractos de Tibulo começam na mesma folha onde termina o Stichus de Plauto, sob o título *Carmina ad usum scholarum collecta ex Tibullo* (*Poemas para uso dos estudantes, selecionados de Tibulo)*. Segue-se a seguinte introdução:

> Hic auctor cum ingenio et genio facili foret nobilissimos sibi uiros conciliauit: inter quos princeps fuit Messala Coruinus, cuius laudes inuenies in hoc opere insigni carmine celebratas. Mortem Tibulli immaturam lamentatur Ouidius Elegiarum lib. 2. Sylu. Fol.77. (*Este autor, sendo de engenho e génio fáceis, atraiu a si homens nobilíssimos, o principal dos quais foi Messala Corvino, cujo encómio se poderá encontrar nesta obra, celebrado num poema notável. Ovídio chora a morte prematura de Tibulo no livro 2º das Elegias, folha 77 da sylva).*

Para a minha tradução apoio-me nas *Belles Lettres*[103].

1ª elegia do livro I

Esta elegia de Tibulo é formada por 78 versos, ou seja, 39 dísticos elegíacos. A *sylva* suprime os vv. 45-46, 51-52 e 55 à 74. O antologista elaborou um curto sumário, que antecede o texto, do seguinte teor:

> Amoenioris Vitae otia, diuitijs omnibus, et gloria militari anteponit. *(Prefere o ócio de uma vida relativamente tranquila a quaisquer riquezas e à glória militar).*

1.1. Busquem outros as riquezas e o consequente desassossego - vv. 1-6:

> Diuitias alius fuluo sibi congerat auro / Et teneat culti iugera multa soli, / Quem labor adsiduus uicino terreat hoste, / Martia cui somnos classica pulsa fugent: / Me mea paupertas uita traducat inerti, / Dum meus adsiduo luceat igne focus . *(Que um outro amontoe para si riquezas em oiro*

[103] Ver Bibl. B) Tibulle, 1950.

fulvo, e possua milhares de metros quadrados de terreno, vivendo aterrado, no meio do seu trabalho árduo, com o inimigo na sua vizinhança e em [permanente] insónia [provocada] pela trombeta de guerra. Por mim, que a minha pobreza me transporte numa vida de ócio, contanto que a minha lareira esteja permanentemente acesa).

1.2. Com pouca coisa faz o poeta a sua felicidade - vv. 43-44:

Parua seges satis est, noto requiescere lecto / Si licet et solito membra leuare toro. (*Uma pequena terra arável me basta, desde que me seja consentido repousar num leito familiar e relaxar os membros no colchão habitual).*

1.2.1. Mas a felicidade do poeta compreende uma presença feminina, em versos suprimidos pelo antologista - vv. 45-46:

Quam iuuat immites uentos audire cubantem / Et dominam tenero continuisse sinu. (*Que prazer ouvir, estendido [no leito], os ventos bravios, enquanto ternamente aconchego ao coração a minha querida).*

1.2.2. Saberá evitar derramar lágrimas femininas - vv. 51-52 (suprimidos):

O quantum est auri pereat potiusque smaragdi, / Quam fleat ob nostras ulla puella uias. (*Mais vale perder-se todo o oiro do mundo e todas as pedras preciosas do que uma amiga chorar por causa das minhas viagens).*

1.2.3. Os vv. 53-56 são dois dísticos que formam uma unidade, mas a *sylva* suprime o 2º dístico:

Te bellare decet terra, Messala, marique, / Vt domus hostiles praeferat exuuias: / Me retinent uinctum formosae uincta puellae, / Et sedeo duras inanitor ante fores. (*A ti, Messala, convém-te fazer a guerra em terra e mar, fazendo com que a tua casa ostente os troféus conquistados ao inimigo. A mim retêm-me preso os laços de uma bela amiga, e, [qual] porteiro, sento-me diante da porta insensível [aos meus rogos para se abrir].*

1.3. A supressão dos vv. 55 a 74 impede a apreensão do sentido essencial do ócio reclamado pelo poeta: a fruição do seu amor com Délia.

1.3.1. Não procura a glória mas o amor - vv. 57-60:

> Non ego laudari curo, mea Delia. Tecum / Dum modo sim, quaeso segnis inersque uocer; / Te spectem, suprema mihi cum uenerit hora, / Te teneam moriens deficiente manu! (*Não me preocupo com a fama, minha Délia. Contanto que tenha a tua companhia, consinto que me chamem cobarde e ocioso. Que eu possa contemplar-te, quando chegar a minha hora derradeira; que, ao morrer, tenha na tua a minha mão enfraquecida!).*

1.3.2. Importa fruir o amor enquanto ele é possível - vv. 69-72:

> Interea, dum fata sinunt, iungamus amores. Iam ueniet tenebris Mors adoperta caput; / Iam subrepet iners aetas, nec amare decebit, / Dicere nec cano blanditias capite. (*Entretanto, enquanto os fados o consentem, amemo-nos um ao outro. Em breve chegará a Morte, com a cabeça coberta de trevas; em breve avançará a idade entorpecida, e não será bonito, de cabelos brancos, fazer amor ou dizer palavras ternas).*

3ª elegia do livro I

A elegia de Tibulo tem 94 versos, tendo o antologista suprimido os vv. 21-22, 25-26, 63-66, 81-82 e 89-92. Na *sylva* tem o número 2 e vem antecedida do sumário seguinte:

> Relictum se propter morbum a Messala, quem comitabatur in Corcyra insula poeta dolet: mortem vero idcirco timet, quod molestissima esse solet praesidio amicorum destitutis. (*Na ilha de Corfu, o poeta lamenta-se por, devido a uma doença, se ter afastado de Messala, com quem ele estava alistado: de facto, nessas circunstâncias, receia a morte, já que esta costuma ser muito penosa para os que estão privados do arrimo dos amigos).*

A doença fá-lo pensar na morte e, consequentemente, no além-túmulo. Daí a descrição dos Campos Elísios (vv. 59-66) e do Tártaro (vv. 67-80) .

2.1. Tendo adoecido na viagem, depois de ter resistido a Délia, que o retinha por amor, agora arrepende-se de ter partido. Conclui que não deve resistir-se ao amor - vv. 21-22 (suprimidos):

Audeat invito ne quis discedere Amore, / Aut sciat egressum se prohibente deo. (*Ninguém ouse afastar-se contrariando o Amor, ou ficará a saber que partiu contra a vontade do deus).*

2.2. Nostalgia da Idade do Oiro ou reinado de Saturno - vv. 35-36 - por contraste com o reinado de Júpiter - vv. 49-50:

Quam bene Saturno uiuebant rege, priusquam / Tellus in longas est patefacta uias! / [...]
Nunc Ioue sub domino caedes et uulnera semper, / Nunc mare, nunc leti mille repente uiae. (*Que bem se vivia no reinado de Saturno, antes de a terra ter sido rasgada em extensas vias! [...] Agora, sob o domínio de Júpiter, aí estão sempre os assassinatos e os ferimentos, aí está o mar, aí estão [abertos] de repente mil caminhos mortais!).*

2.3. Se morrer, apaixonado como está, a própria Vénus o levará aos Campos Elísios - vv. 57-58 (versos surpreendentemente presentes na antologia):

Sed me, quod facilis tenero sum semper Amori[104], / Ipsa Venus campos ducet in Elysios. (*Mas eu, em virtude de ter sido sempre dócil ao terno Amor, a própria Vénus me conduzirá aos Campos Elísios).*

2.4. Figuram na antologia as descrições dos Campos Elísios e dos Infernos, mas o antologista suprime a referência aos pares amorosos entretidos na fruição do amor no Além - vv. 63-66:

Ac iuuenum series teneris immixta puellis / Ludit, et adsidue proelia miscet Amor. / Illic est, cuicumque rapax Mors uenit amanti, / Et gerit insigni myrtea serta coma. (*E uma longa fila de jovens à mistura com delicadas raparigas brincam, e o Amor renova constantemente os seus combates [de amor]. Ali se encontram os que a Morte ávida surpreendeu no amor, e eles trazem coroas de murta na cabeleira enfeitada).*

2.4.1. Às cavernas de Tântalo pretende o poeta remeter todos quantos prejudicaram os seus amores[105] - vv. 81-82 (suprimidos):

---

104 *Amori* (inicial minúscula) na antologia.

105 O castigo eterno como voto de vingança dos humanos projectado nos deuses, é, como se vê, bem antigo. No entanto, mesmo na visão pré-cristã, a existência do Tártaro ou Infernos era recusada, por exemplo, pelos discípulos de Epicuro, que professavam a mortalidade da alma. Lucrécio (94 - 51 ou 50 a.C.), notável poeta epicurista, interpreta os mitos relativos aos Infernos como projecções da mente humana no Além: «Atque ea nimirum quaecumque Acherunte profundo / Prodita sunt esse, in uita sunt omnia nobis. (*E,*

Illic sit quicumque meos uiolauit amores, / Optauit lentas et mihi militias. (*Oxalá estejam aí todos quantos traíram os meus amores e me desejaram demoradas campanhas militares).*

2.5. O antologista deixa passar uma referência a Délia, naturalmente porque o poeta apela à sua castidade - vv. 83-84:

At tu casta precor maneas, sanctique pudoris / Adsideat custos sedula semper anus. (*Mas tu, [Délia], mantém-te casta: que uma senhora idosa, [tua] guardiã, te vigie em permanente atenção).*

2.5.1. Mas a supressão da referência a um imaginado reencontro com Délia - a companheira evocada na elegia - empobrece o poema. É o que pode comprovar-se lendo os três últimos dísticos da elegia, sabendo, à partida, que os dois primeiros não constam na antologia - vv. 89-94:

Tunc ueniam subito, nec quisquam nuntiet ante, / Sed uidear caelo missus adesse tibi; / Tunc mihi, qualis eris longos turbata capillos, / Obuia nudato, Delia, curre pede. / Hoc precor, hunc illum nobis Aurora nitentem / Luciferum roseis candida portet equis. (*Aparecerei então de repente, sem ninguém me anunciar, mas parecendo surgir-te [como] caído do céu. Vem logo ao meu encontro, Délia, de pés descalços, tal como estiveres, com os longos cabelos em desordem. Eis a minha súplica: esse dia tão belo, esse dia radioso, possa a branca Aurora trazer-no-lo com os seus cavalos róseos).*

7ª elegia do livro I

Na *sylva* tem o nº 3. É o elogio do seu amigo Messala Corvino. Consta de 64 versos, quase integralmente reproduzidos na antologia.

Max Ponchont, na sua introdução à tradução desta elegia nas *Belles Lettres* escreve:

Sa pièce reste d'un élégiaque épicurien, plus lyrique qu'épique, faite d'effusion et de visions pacifiques ou aimables plus que de tableaux de guerre ou d'histoire. [...].

L'élégie 7 procède donc de la poésie intime en même temps qu'elle touche à la poésie nationale: elle est révélation d'âmes et peinture d'un temps, et elle annonce dans l'art de Tibulle les possibilités qui font songer à un Virgile, à un Horace, à un Properce[106].

---

certamente, as coisas, quaisquer que sejam elas, que se diz existirem no profundo Aqueronte, encontramo-las todas na vida.»). (De Rerum Natura, III, 978/79).

[106] Cf. *Belles Lettres*, 1950, pp. 50-55.

3. O antologista encabeçou o texto com o seguinte sumário:

> Messalae adulatur auspicio natalium, qui triumphos et victorias nascenti puero sunt polliciti. (*Congratula-se com o presságio dos génios natalícios de Messala, que prometeram triunfos e vitórias ao menino que vinha ao mundo*[107]).

3.1. As Parcas previram a celebridade de Messala - vv. 1-2:

> Hunc cecinere diem Parcae fatalia nentes / Stamina, non ulli dissoluenda deo[108]. (*Cantaram este dia as Parcas, que urdem os fios do destino, os quais nenhum deus pode dissolver).*

3.2. As descrições da natureza despertavam sempre o interesse dos organizadores das antologias jesuíticas - vv. 13-14:

> An te, Cydne, canam, tacitis qui leniter undis Caeruleus placidis per uada serpis aquis (...)? (*Porventura é a ti, Cidno, que cantarei, tu que, suavemente, sem ruído, serpenteias, azul, através de* um *leito de águas tranquilas (...)?).*

3.3. Tibulo canta o deus egípcio Osíris, assim exaltando, indirectamente, Messala que, aquando de uma campanha militar no Egipto, se terá deixado seduzir pela religião dos habitantes do Nilo - vv. 29-32:

> Primus aratra manu sollerti fecit Osiris / Et teneram ferro sollicitauit humum. / Primus inexpertae commisit semina terrae / Pomaque non notis legit ab arboribus. (*Osíris foi o primeiro a construir charruas, com mão engenhosa, e a rasgar a jovem terra com a relha. Foi o primeiro a confiar sementes à terra sem experiência, e a colher frutos das árvores [ainda] não conhecidas).*

3.3.1. Bastou, porém, uma referência, mesmo que vaga, ao amor, para o antologista suprimir os versos 43-44:

> Non tibi sunt tristes curae nec luctus, Osiri, / Sed chorus et cantus et leuis aptus amor (...). (*Tu não conheces os tristes cuidados nem os lutos, Osíris, mas a dança, o canto e o amor suave e conveniente (...)).*

---

107 Ver adiante nota aos versos 63-64 desta elegia.

108 *Deo* (com inicial maiúscula) na antologia.

3.3.2. Não quis o antologista perder os versos seguintes, dado, talvez, o seu poder descritivo. Para fazer o corte sem que o texto perdesse nexo, substituiu a adversativa *sed* pela forma verbal *sunt* no início do dístico, e por *quoque* no 2° verso. Reproduzo o dístico do original - vv. 45-46:

> (...) Sed uarii flores et frons redimita corymbis / Fusa sed ad teneros lutea palla pedes. ((...) *Mas as variadas flores e a fronte coroada de cachos de hera e o vestido amarelo estendido até aos delicados pés*[109]).

3.4. Dirigindo-se a Messala, o poeta deseja-lhe uma descendência capaz de perpetuar a sua glória - vv. 55-56:

> At tibi succrescat proles quae facta parentis / Augeat et circa stet ueneranda senem. (*E que te cresçam filhos que ampliem a gesta do pai e piedosamente te acompanhem na velhice).*

3.5. A partir dos versos finais - 63-64 - deve o antologista ter elaborado o sumário:

> At tu, Natalis[110]multos celebrande per annos, / Candidior semper, candidiorque ueni. (*Mas tu, ó Génio natalício, que hás-de ser celebrado durante muitos anos, vem mais radioso, sempre mais radioso).*

10ª elegia do livro I

Ocupa o n.° 4 na antologia, que suprime os vv. 53-66. Poema de exaltação da paz, assim o compreendeu o antologista, que fornece o seguinte sumário:

> Gladios et pugnas execratur, laudatque vitae parvo contentae frugalitatem. (*Profere imprecações contra espadas e combates, e louva a frugalidade de uma vida relativamente feliz).*

---

109 Tibulo cruza o egípcio deus Osíris com o romano Baco. O antologista pôde aproveitar a fusão dos dois deuses para estabelecer a ligação directa do verso 45 ao v. 42 e anteriores, que tratam de Baco.

110 Na antologia a palavra vem grafada com minúscula. Mas o facto de, no sumário, aparecer uma oração relativa de verbo no plural tendo o relativo por antecedente *natalium* faz pressupor que o antologista tomou *natalis* no sentido de 'génio natalício' ou, simplesmente, 'aniversário'.

Neste caso, foi possível suprimir vários versos seguidos sem alterar o sentido de fundo da elegia. Trata-se de uma divagação erótica, assim caracterizada por Max Ponchont nas *Belles Lettres*[111]:

> Le thème érotique n'y apparaît encore qu'incidemment, en un tableau (v. 53-66) qui s'encadre dans le thème pacifique et qui révèle plutôt une imagination naturellement voluptueuse qu'un coeur déjà épris.

4.1. O 1° dístico dá logo o tom dominante do poema:

> Quis fuit, horrendos primus qui protulit enses? / Quam ferus et uere ferreus ille fuit! (*Quem foi o primeiro a fabricar as horrorosas espadas? Que ser feroz e verdadeiramente cruel foi tal homem!).*

4.1.1. Mas talvez os culpados sejamos nós pelo uso dado às armas - vv. 5-6:

> An nihil ille miser meruit, nos ad mala nostra / Vertimus, in saeuas quod dedit ille feras? (*Ou será que esse desgraçado não teve culpa, já que somos nós que desviamos para nossa destruição as armas que ele inventou contra as terríveis feras?).*

4.2. A Paz é a aliada natural da fecundidade dos campos - vv. 45-46:

> Interea Pax arua colat: Pax candida primum / Duxit araturos sub iuga curua boues. (*Que, entretanto, a Paz fecunde os nossos campos: a branca Paz começou por levar os bois, sob o jugo recurvo, a lavrar os campos).*

4.3. A elegia termina por uma súplica à Paz - vv. 67-68:

> At nobis, Pax alma, ueni spicamque teneto, / Praefluat et pomis candidus ante sinus. (*Mas vem a nós, Paz benfazeja, vem e traz uma espiga e que a branca prega da frente [do vestido] se derrame em frutos).*

---

111 Ver Bibl. B) Tibulle, 1950, p. 71.

1ª elegia do livro II

Tem a mesma numeração do original. Dos 90 versos da elegia foram suprimidos 18 (vv. 11-12 e 67-82).

O poeta celebra a festa da purificação ou *lustratio*, provavelmente em honra de Ceres, cuja finalidade era purificar as terras, os rebanhos e os camponeses. Invocando Ceres e Baco, como divindades em destaque na vida rústica, surge o elogio do vinho.

O antologista, através do sumário, orienta a seu modo a leitura da elegia, suprimindo as referências ao papel do Amor. Eis o sumário apresentado:

> Vitae rusticae exercitationes et voluptates persequitur. (*Busca o exercício e os prazeres da vida do campo).*

5.1. Era dia de repouso para a natureza e os homens. Mas os que se tinham confiado aos prazeres de Vénus na noite anterior não podiam tomar parte na *lustratio*. O antologista suprime esses versos (11-12), retomando logo a seguir porque aí se exalta a castidade - vv. 11-14:

> Vos quoque abesse procul iubeo, discedat ab aris, / Cui tulit hesterna gaudia nocte Venus. / Casta placent superis: pura cum ueste uenite / Et manibus puris sumite fontis aquam. (*E mando-vos ficar longe, mando afastar dos altares aqueles a quem, na noite de ontem, Vénus ofereceu prazeres. A castidade agrada aos deuses: vinde com veste pura e colhei a água da fonte com mãos puras).*

5.2. Saboreando o prazer do vinho, Tibulo ergue a taça à saúde de Messala, seu amigo ausente - vv. 31-32:

> Sed «bene Messalam» sua quisque ad pocula dicat. / Nomen et absentis singula verba sonent. (*Mas, - «à saúde de Messala» - diga cada um à sua taça, e que cada uma das palavras faça ressoar o nome do ausente).*

5.3. O antologista avança as referências ao papel de Cupido, como o mostram os versos iniciais do trecho omitido - vv. 67-68:

> Ipse quoque inter agros interque armenta Cupido / Natus et indomitas dicitur inter equas. (*Também o próprio Cupido nasceu nos campos entre os rebanhos e as éguas indomáveis, segundo se diz).*

5.4. Um claro exemplo de distorção do texto temo-lo no tratamento dado aos vv. 83-84. Tendo suprimido os versos relativos a Cupido, agora o antologista, escrevendo *Deum* em vez de *deum [Cupido]* e *pecoris* em vez de *pecori* no v. 83, e *Palem* [deusa dos pastores e das pastagens] em vez de *palam [publicamente]*, no v. 84, conduz a outra leitura. Reproduzo os versos de acordo com o original, com as variantes da *sylva* entre parênteses:

> Vos celebrem cantate deum (Deum) pecorique (pecorisque) uocate / Voce; palam (Palem) pecori, clam sibi quisque uocet. (*Exaltai o deus (Deus) célebre e invocai-o em alta voz a favor do vosso rebanho (invocai ...Pales, [deusa] do rebanho); em público, invocai-o pelo rebanho, em privado invoque-o cada um a favor de si mesmo).*

5ª elegia do livro II

A antologia distribui esta elegia por duas: a 2ª - com os primeiros 32 versos - e a 3ª, que começa no v. 39.

Tibulo escreve esta elegia para celebrar a nomeação do jovem filho de Messala para o alto cargo de guarda-mor dos livros sibilinos. Daí ele começar pela invocação ao deus Apolo, deus dos oráculos. O antologista seleccionou para os primeiros 32 versos um sumário simples mas expressivo e adequado: *Invocat Apollinem* (*Invoca Apolo*), e para a 2ª parte um sumário mais extenso, mas também apropriado: *Pollicetur Romanis qui ab Aenea originem ducunt victorias et felicitatem.* (*Promete aos Romanos, que vão buscar a sua origem a Eneias, vitórias e felicidade).*

6.1. A elegia começa por uma invocação do deus, um pouco à maneira das epopeias - vv. 1-4:

> Phoebe, faue: nouus ingreditur tua templa sacerdos; / Huc age cum cithara carminibusque ueni. Nunc te uocales impellere pollice chordas, / Nunc precor ad laudes flectere uerba meas. (*Febo, concede a tua protecção: entra um novo sacerdote nos teus santuários. Vem até nós com a [tua] cítara e [teus] poemas. Suplico-te: faz agora vibrar as cordas harmoniosas sob os teus dedos; faz agora adequar as palavras aos meus louvores).*

6.2. Referência directa às novas funções do jovem - vv. 17-18:

> Phoebe, sacras Messalium sine tangere chartas /Vatis, et ipse, precor, quid canat illa doce. (*Febo, permite a Messalino tocar nos livros da profetisa [Sibila], e tu mesmo - suplico-te - ensina-lhe o que ela anuncia).*

6.3. As promessas a que alude o sumário da 2ª parte constam da longa fala da Sibila (vv. 39-64).

6.3.1. Mas da menção dos amores de Marte com Reia Sílvia só consta na antologia o 1º dístico - vv. 51-54:

> Te quoque iam uideo, Marte placitura sacerdos / Ilia, Vestales deseruisse focos. / Concubitusque tuos furtim uittasque iacentes / Et cupidi ad ripas arma relicta dei. (*Também te vejo já, sacerdotisa Ília - que vais agradar a Marte - abandonar o fogo aceso de Vesta, [vejo] os teus encontros amorosos, em segredo, as [tuas] bandoletes caídas por terra, e as armas do deus libidinoso abandonadas nas margens).*

6.4. Novo corte surge nos vv. 101 a 104:

> Ingeret hic potus iuuenis maledicta puellae, / Postmodo quae uotis inrita facta uelit: / Nam ferus ille suae plorabit sobrius idem / Et se iurabit mente fuisse mala. (*Então o jovem, tocado pelo álcool, dirá à amiga palavras desagradáveis, que logo desejaria não ter pronunciado. Com efeito, recuperada a lucidez, arrepender-se-á de ter sido cruel para com ela, e jurará que tinha perdido a cabeça).*

6.5. A supressão dos vv. 107 a 114 explica-se também por referência ao amor, apesar da pudicícia dos versos.

4ª elegia do livro III

Figura na antologia como 1ª elegia do livro III. As elegias deste livro têm por "autor" Lygdamus, que divide os estudiosos: trata-se de pseudónimo de Tibulo ou é um autor distinto deste? Para o estudo dos textos da *sylva* apenas releva o facto de o antologista ter incluído elegias de Lygdamus sob o nome de Tibulo - sem qualquer menção de Lygdamus.

Dos 96 versos do original a antologia traz os 50 primeiros e os 2 últimos. O corte incide sobre as profecias de Apolo e sobre a relação do poeta com a mulher cortejada - Neera. Eis o sumário da antologia:

> Apollinem secum in somnio loquentem inducit. (*Introduz Apolo a falar consigo num sonho).*

7.1. Não correspondido nos seus amores, o poeta deseja ter sonhos mais tranquilizadores - vv. 1-2:

> Di meliora ferant, nec sint mihi somnia uera, / Quae tulit hesterna pessima nocte quies. (*Que os deuses me tragam melhores sonhos e não sejam realidade os que, na noite anterior, uma péssima insónia me proporcionou).*

7.2. Apolo garante a veracidade dos seus presságios - vv. 49-50:

> Quare ego quae dico non fallax accipe uates / Quodque deus[112] uero cynthius ore feram. (*Por isso, escuta o que eu digo, eu profeta verídico; [escuta] o que direi, como deus [do monte] cíntio, em expressão de verdade).*

7.3. Como, porém, as revelações são sobre a não correspondência de Neera aos amores do poeta, toda a passagem é suprimida. E isso apesar de os versos serem perfeitamente inocentes.

7.3.1. O leitor da antologia não fica em condições de compreender o dístico final - vv. 95-96:

> Haec deus[113] in melius crudelia somnia uertat / Et iubeat tepidos inrita ferre Notos. (*Que o deus transforme em melhor realidade os sonhos cruéis e mande os tépidos Notos declará-los nulos).*

---

[112] Como habitualmente, a antologia regista *Deus* (com inicial maiúscula). No entanto, o leitor está prevenido pelo enunciado do sumário de que se trata de Apolo.

[113] Os alunos leriam agora *deus* (com inicial maiúscula na antologia) como *Deus* ?

5ª elegia do livro III

Texto integral na *sylva,* subordinado ao sumário, em título: *Mortem timet immaturam* (*Receia uma* morte *prematura).*

8.1. Não tem pressa em habitar os Campos Elísios - vv. 23-24:

> Elysios olim liceat cognoscere campos / Lethaeamque ratem Cimmeriosque lacus. (*Que só mais tarde me seja permitido conhecer os Campos Elísios, a barca do Letes e os lagos Cimérios).*

8.2. Entretanto, que os amigos vivam felizes, mas se lembrem dele - vv. 31-32:

> Viuite felices, memores et uiuite nostri, / Siue erimus seu nos fata fuisse uelint. (*Vivei felizes, e vivei lembrando-vos de mim, quer eu esteja vivo, quer os fados determinem que pertenço ao passado).*

7ª elegia do livro III ou 1ª do livro IV

Na antologia vem mencionada como pertencendo ao livro IV e tem por sumário ou título: *Carmen in laudem Messalae* (*Poema em louvor de Messala).* Nas *Belles Lettres,* o título é *Panegyricus Messalae,* e é atribuído a um autor desconhecido, mas sem dúvida não identificável com Tibulo:

> Il montre vis-à-vis de son protecteur une humilité qui était étrangère à Tibulle. La composition du poème manque de la souplesse tibullienne: elle est chargée de rhétorique, gauche, faite de pièces et de morceaux et comme à tiroirs[114].

A elegia original é formada por 211 versos. A *sylva* contém os primeiros 51 versos e remata com a menção *Caetera consulto omittuntur* (*Intencionalmente se omite o restante*).

114 Ver Bibl. B) Tibulle, 1950, p. 155.

Propércio

Propércio é autor de elegias, subgénero literário característico do lirismo. Mas o livro IV aproxima-se mais do género épico, pelo cunho laudatório. O antologista, ao seleccionar apenas elegias deste livro, quis, certamente marcar, na recolha de poemas de Propércio, a sua preferência pelo "estilo" épico do autor.

É isso que parece demonstrar a introdução da antologia:

> Extant quattuor libri Elegiarum Propertij: nos ex quattuor duntaxat, quae idonea visa sunt carpsimus. Huius poetae egregiae laudes apud Quintilianum notissimae sunt. Cum enim Tibullum maxime comendaverit, non deesse tamen, inquit, qui Propertium malint. (*Existem quatro livros de Elegias de Propércio. Só recolhemos [poemas] do livro IV, os quais [nos] pareceram apropriados. São muito conhecidos os notórios elogios de Quintiliano a este poeta. Efectivamente, tendo recomendado sobretudo Tibulo, observou contudo que não faltava quem preferisse Propércio).*

Para a tradução sigo as *Belles Lettres*[115].

4ª elegia do livro IV

É a primeira a figurar na antologia com o seguinte sumário:

> Explicatur historia Tarpeiae ingestis Sabinorum armis occisae. (*Conta-se a história de Tarpeia, assassinada pelas armas dos Sabinos, com eles introduzidas [dentro de portas].*

Dos 94 versos do original foram suprimidos 44 (vv. 29 a 72).

1.1. Como é próprio do livro IV, esta elegia começa em tom épico - vv. 1-2:

> Tarpeium nemus et Tarpeiae turpe sepulcrum / Fabor et antiqui limina capta Iouis. (*Cantarei o bosque de Tarpeia e o vergonhoso sepulcro de Tarpeia, e como foi tomada a porta do antigo Júpiter).*

1.2. Tarpeia apaixona-se pelo inimigo [Tácio, rei dos Sabinos] - vv. 21-22:

> Obstipuit regis facie et regalibus armis / Interque oblitas excidit urna manus. (*Ficou deslumbrada pela beleza do rei e pelas armas reais, e a vasilha cai-lhe de entre as mãos esquecidas).*

1.2.1. Mas a confissão de amor, em monólogo de Tarpeia, é suprimida.

1.3. Tácio, uma vez obtida a vitória, não premeia a traição de Tarpeia - vv. 91-2:

> Dixit et ingestis comitum super obruit armis: / Haec, uirgo, officiis dos erat apta tuis. (*Assim falou ele [Tácio] e esmagou-a com as armas dos companheiros introduzidas [no interior]. Ó donzela, este era o dote apropriado aos teus serviços!).*

6ª elegia do livro IV

Ocupa o 2º lugar na antologia. São 86 versos, integralmente reproduzidos com o seguinte sumário:

> Describitur insignis victoria ab Augusto ad Actium promontorium reportata. (*Descreve-se a célebre vitória alcançada por Augusto junto do promontório de Ácio).*

2.1. A elegia é, antes do mais, um poema destinado a celebrar, em honra de Augusto, o templo de Apolo no Monte Palatino - vv. 11-14:

> Musa, Palatini referemus Apollinis aedem: / res est, Calliope, digna fauore tuo. / Caesaris in nomen ducuntur carmina: Caesar / Dum canitur, quaeso, Iuppiter ipse uaces. (*Musa, celebraremos o templo de Apolo. A matéria é digna da tua inspiração. É em homenagem ao nome de César que se produzem [estes] versos. Enquanto se celebra César, tu próprio, Júpiter, - suplico-te - concede [--me] a tua atenção).*

2.2. César Augusto e Apolo conjugam esforços - vv. 55-56:

> Dixerat, et pharetrae pondus consumit in arcus: / Proxima post arcus Caesaris hasta fuit. (*Acabou de falar, e toda a carga da aljava passa para o arco. Depois, a lança de César é complementar do arco [de Apolo]).*

---

115 Ver Bibl. B) Properce, 1929.

2.3. Apolo é sobretudo um deus da paz e da música - vv. 69-70:

> Bella satis cecini; citharam iam poscit Apollo / Victor et ad placidos exuit arma choros. (*Cantei suficientemente as guerras; agora, Apolo reclama a cítara e troca as armas por suaves coros).*

9ª elegia do livro IV

É a 3ª na antologia. Dos 74 versos originais suprimem-se apenas 2 (vv. 49-50).

A escolha da elegia dever-se-á, porventura, ao facto de os mitos relativos a Hércules estarem muito divulgados. Outro motivo de interesse estará na busca de explicação para a origem do fórum romano, erguido na planície onde pastavam, segundo a lenda, os bois de Hércules, filho de Júpiter ou Anfitrião (o deus disfarçado de marido de Alcmena, para assim partilhar o leito da esposa do mortal).

3. Não deixa de ser estranha a supressão dos vv. 49-50, referentes a um dos duros trabalhos a que foi submetido o herói: teve de fazer trabalhos próprios de mulher:

> Mollis et hirsutum cepit mihi fascia pectus / Et manibus duris apta puella fui. (*E uma suave faixa envolveu-me o peito cabeludo, e, com as minhas mãos rudes, fui [como que] uma hábil rapariga).*

10ª elegia do livro IV

Ocupa o 4º lugar na antologia, antecedida do seguinte sumário:

> Rationem reddit poeta cur Iuppiter Feretrius sit appellatus. (*O poeta fornece a razão de se chamar "Ferétrio" a Júpiter).*

De facto, para além do interesse pela etimologia, não ressalta outra razão para a escolha desta elegia de 48 versos, integralmente reproduzidos.

4.1. Propõe-se cantar Júpiter Ferétrio - vv. 1-2:

> Nunc Iouis incipiam causas aperire Feretri / Armaque de ducibus trina recepta tribus. (*Agora, começarei a desvendar as origens de Júpiter Ferétrio e as triplices armas arrancadas aos três chefes).*

4.2. O desejo de glória incute-lhe coragem - vv. 3-4:

> Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria uires: / Non iuuat e facili lecta corona iugo. *(Escalo um caminho difícil, mas a glória dá-me forças: não há prazer em ganhar uma coroa numa encosta fácil).*

4.3. A explicação etimológica - vv. 45-48:

> Nunc spolia in templo tria condita: causa Feretri, / Omine quod certo dux ferit ense ducem; / Seu, quia uicta suis umeris haec arma ferebant, / Hinc Feretri dicta est ara superba Iouis. (*Hoje, os três troféus conservam-se no templo. A origem de "Ferétrio" está ou no facto de ter sido sob os auspícios de [Júpiter] que um chefe feriu um outro, por um golpe certeiro da espada, ou pelo facto de [os vencedores] transportarem sobre os seus ombros as armas vencidas - daí [resultou] este altar soberbo chamar-se [altar] de Júpiter Ferétrio).*

11ª elegia do livro IV

Última elegia do livro IV e última da antologia. Dos 102 versos que a compõem foram suprimidos 6 (79 a 84).

O sumário da antologia resume bem a elegia:

> Inducit poeta Corneliam honestissimam matronam, quae paucis ante diebus immatura morte sublata fuerat, loquentem cum Paulo marito suo et dolentis animum oratione lenientem. (*O poeta põe Cornélia, senhora honestíssima, - que alguns dias antes tinha sido arrebatada por uma morte prematura -, a falar com o seu marido Paulo e a procurar, com essas palavras, aliviar o espírito do [homem] sofredor).*

5.1. Cornélia não receia o julgamento de Minos - vv. 27-28:

> Ipsa loquor pro me: si fallo, poena sororum / Infelix umeros urgeat urna meos. (*Eu própria advogo a minha causa: se minto, que [eu sofra] o castigo das Danaides, que a vasilha funesta pese sobre os meus ombros*[116]).

5.2. Cornélia diz ter vivido uma vida irrepreensível - vv. 45-46:

> Nec mea est mutata aetas, sine crimine tota est: / Viximus insignes inter utramque facem. (*Nem a idade me fez mudar: toda [a minha vida] foi sem mancha. Vivi ilustre entre o berço e a tumba).*

5.3. Recomenda ao pai que redobre de cuidados pelos filhos comuns - vv. 73-76:

> Nunc tibi commendo communia pignora natos: / Haec cura et cineri spirat iniusta meo. / Fungere maternis uicibus, pater: illa meorum / Omnis erit collo turba ferenda tuo. (*E agora é a ti que eu recomendo os filhos, nossos comuns penhores. A preocupação com eles mantém-se viva nas minhas cinzas. Pai, procura fazer as vezes da mãe. Os meus queridos vão agora - todos eles - dependurar-se-te ao pescoço).*

5.4. Não se compreende, à luz dos critérios seguidos pelo antologista, a supressão dos versos 79 a 84, particularmente do 1° dístico, a seguir transcrito:

> Et si quid doliturus eris, sine testibus illis; / Cum uenient, siccis oscula falle genis. (*Se tiveres de chorar, fá-lo sem a presença deles. Se aparecerem, despista-os com beijos, de faces enxutas).*

5.5. Mas passa na antologia a referência a novo casamento do viúvo - vv. 85-88:

> Seu tamen aduersum mutarit ianua lectum / Sederit et nostro cauta nouerca toro, / Coniugium, pueri, laudate et ferte paternum: / Capta dabit uestris moribus illa manus. (*Mas se a porta mudar o leito de lugar e uma prudente madrasta ocupar a minha cama, ó filhos, aprovai e aceitai o casamento de vosso pai: cativada pelas vossas atitudes, ela [madrasta] entregar-se-vos-á).*

---

116 Referência ao mito das Danaides - mulheres assassinas condenadas, nos Infernos, a transportar água em vasilhas furadas.

Um posfácio

No fim da última elegia de Propércio, com a menção expressa de "Finis Propertij", a *sylva* inclui um texto do máximo interesse como explicação das dificuldades e dos critérios da selecção dos textos dos autores contemplados: Ovídio, Plauto, Terêncio, Tibulo e Propércio. Eis o referido "posfácio", que traduzo para português[117]:

> Si quisquam est, cui fortasse non placeat ratio, quam innisi[118] sumus in Terentij, Plauti, Ovidij, Tibulli, & Propertij carminibus seligendis, is cogitet apud se quam difficile sit autoris, vitiosum argumentum sibi proponentis servata phrasi, honestam aliquam sententiam tueri; atque ad virtutis laudem, quae aliorsum fortasse dicta sunt conformare. Et tamen non ita ieiune & insulse quod maxime timeri potuit, dispersae operum diversorum partes in unum corpus coaluerunt, ut vitium ab ijs animadvertit[119] possit, qui sciunt institutum huius sylvae praelo comittendae fuisse, detersa impuritate, quae honesta essent, quoquo modo excribere. Vident enim aliquem praeterea ordinem, & methodum servari, atque adeo quotidianis scholis uberiorem, quam hactenus fuit, librorum copiam suppeditari. Ab humaniorum literarum professoribus interim enixe petimus, ne inter explicandum , quae omissa sunt occasione unius vel alterius verbi in medium afferant, sed ad honestatem potius, quod non est difficile omnia revocent & accommodent (*Se houver alguém a quem possa, porventura, não satisfazer o critério em que nos estribámos para a selecção de poemas de Terêncio, Plauto, Ovídio, Tibulo e Propércio, esse admita para consigo quão difícil é conservar alguma proposição honesta dum autor que, na frase acolhida [na antologia], apresenta um argumento vicioso; e, consequentemente, [quão difícil é] orientar em louvor da virtude textos que, provavelmente, foram produzidos com outro fim. E, todavia, não foi tão seca e insipidamente - o que sobretudo pôde recear-se - que se reuniram num só corpo partes dispersas de diversos autores ao ponto de poder ser notado o erro por aqueles que sabem que o projecto de confiar ao prelo esta* sylva *foi o de, uma vez apagada a impureza, transcrever de algum modo os textos que fossem honestos. Com efeito, observam que se respeita, além de alguma ordem, a metodologia, e se reforça a quantidade de livros, mais abundante principalmente para os exercícios escolares diários do que até aqui foi possível. Entretanto, aos professores de humanidades, rogamos afincadamente que, no meio da explanação, não introduzam, nas entrelinhas, as palavras que foram omitidas por motivo desta ou daquela palavra, mas que, pelo contrário, reconduzam e acomodem o texto à honestidade - o que não é difícil).*

---

[117] No texto latino da antologia há notórias confusões entre as letras ramistas e as semivogais *i* e *u*. Procedo à necessária uniformização.

[118] No texto parece estar initus e não innisus. Acontece que initi sumus é uma forma passiva inaceitável no sentido do texto. Suponho, portanto, tratar-se de gralha: será o verbo innitor e não *ineo*. De qualquer forma, falta a preposição *in:* in quam.

[119] Deve, sem dúvida, tratar-se de gralha: o texto exige o infinito passivo animaduerti.

Estácio

Da Sylva diversorum autorum, de 1587, constam integralmente duas *silvae* de Estácio: a 1ª do livro I e a 1ª do livro III.

Estácio é um poeta menor da 2ª metade do século I da era cristã, datando a sua produção poética dos últimos anos desse século.

O primeiro desses poemas é uma descrição da estátua equestre de Domiciano no fórum romano, podendo, ou não, identificar-se, segundo as *Belles Lettres*, com a "statua triumphalis" descrita na obra "De uita Caesarum" de Suetónio. O outro é dedicado à reconstrução e ampliação dum templo de Hércules em Surrento, na Campânia[120].

Para o confronto com os originais, sigo a edição das *Belles Lettres*[121].

1. Da 1ª *silva* do livro I

1.1. A impressão de grandeza provocada pela estátua vem assinalada no início:

> Quae superimposito moles geminata colosso / Stat Latium complexa Forum? Caelone peractum[122]/ Fluxit opus? (*Que massa volumosa é esta que, duplicada pelo colosso colocado em cima, abraça todo o fórum romano? Esta obra deslizou, porventura, do céu de forma acabada ?)*

---

120 Como sabemos, Estácio entra na *Divina comédia* de Dante: "Stazio la gente ancor di lá mi noma" (*Purgatório*, XXI, 91). Aí pode residir a razão fundamental da inclusão de Estácio nas antologias jesuíticas. Mas é interessante verificar o apreço de Estácio por parte do genial poeta alemão - Goethe -, que faz expressa referência aos trechos seleccionados pelo antologista do século XVI: "Estácio é um poeta que merece grande elogio, um poeta digno de ser estudado assiduamente. Não me molestam essas coisas que procedem de certo excesso de engenho; em contrapartida, admiro nele a arte com quanto cuidado descreve o cavalo de Domiciano, com que exactidão pinta a coluna de Hércules e de que modo tão acertado menciona a situação das casas de campo e o adorno dos banhos. Tudo aquilo que descreve com palavras parece apresentar-se diante de nossos olhos: tal é a sua arte de captar e de representar as imagens". (Citado por Curtius, 1955, pp. 36-37, em texto em espanhol, de que dou a tradução em português).

121 Ver Bibl. B) Stace, 1961.

122 Na edição das *Belles Lettres* vem "perá..", sendo a palavra truncada seguida da indicação de sílaba final de verso longa ou breve, e assinalando-se em nota de rodapé a forma peractum de um outro manuscrito; esse ou outro será, naturalmente, o seguido pelo antologista da Companhia de Jesus, que assim nos deu a palavra imprescindível.

1.2. Mas talvez a estátua de Domiciano, denominado "O Germânico", tenha saído das mãos da deusa Palas Atena - vv. 5-7:

> An te Palladiae talem, Germanice, nobis / Effecere manus, qualem modo frena tenentem / Rhenus et attoniti uidit domus ardua Daci? (*Ou será que as mãos de Palas te moldaram para nós exactamente como em tempos te viram a segurar as rédeas [do cavalo] o Reno e a morada escarpada do Dácio atónito?).*

1.3. Leva vantagem ao cavalo de Tróia - vv. 14-16:

> Adde, quod ille nocens saeuosque amplexus Achiuos, / Hunc mitis commendat eques: iuuat ora tueri / Mixta notis belli placidamque gerentia pacem. (*Além disso, o outro [o de Tróia] foi pernicioso, já que estava repleto de gregos cruéis; a este abona-o um suave cavaleiro: é aprazível contemplar [--lhe] as faces em que se misturam as marcas da guerra e a respiração de uma paz tranquila).*

1.4. O cavalo parece ter vida - vv. 46-47:

> At sonipes habitus animosque imitatus equestris / Acrius attolit uultus cursumque minatur. (*Mas o cavalo, imitando a postura e a respiração dum cavalo real, ergue a cabeça com maior fogosidade e ameaça partir).*

1.5. É a custo que o solo aguenta o peso do monumento - vv. 56-58:

> Vix sola sufficiunt insessaque pondere toto / Subter anhelat humus; nec ferro aut aere, laborant / Sub genio (...). (*O solo aguenta com dificuldade e a terra está ofegante, ocupada por todo esse peso; e não é o peso do ferro e do bronze que suportam, mas o do teu génio (...)).*

1.6. Os autores dum monumento digno da paleta de Apeles - vv. 99-100:

> Vtere perpetuum populi magnique senatus / Munere. Apelleae cuperent te scribere cerae. (*Desfruta [Domiciano]para sempre do presente do povo e do grande senado. Apeles gostaria de [ser ele a] gravar-te na cera).*

1.7. Voto de apego aos encantos terrenos - vv. 105-107:

> Certus ames terras et quae tibi templa dicamus / Ipse colas; nec te coeli iuuet aula, tuosque / Laetus huic dono uideas dare thura nepotes. (*Ama determinadamente a terra e habita tu próprio os templos*

que te dedicamos; não te deixes seduzir pela corte celeste[123]*, e oxalá possas ter a satisfação de ver os teus descendentes a oferecer incenso a esta [nossa] dádiva.).*

2. Da 1ª "silva" do livro III

O poeta, visando celebrar o culto de Hércules em Tirinto, exalta também o seu amigo Pólio Félix.

2.1. Pólio fez uma reconstrução do templo de Surrento digna de Hércules - vv. 1-4:

Intermissa tibi renouat desidis anni, / Quod coleris maiore tholo nec litora pauper / Nuda tenes tectumque uagis habitabile nautis. (*Pólio restabelece o teu culto interrompido, ó Tirintio [Hércules], e aponta as razões da interrupção por um ano: és [agora] venerado sob uma cúpula maior e já não habitas na costa deserta uma morada miserável e procurada por marinheiros errantes).*

2.2. O poema assume um tom épico pela invocação de Calíope - vv. 49-51:

Sed quaenam subiti, ueneranda, exordia templi, / Dic age, Calliope; socius tibi grande sonabit / Alcides tensoque modos imitabitur arcu. (*Mas diz-nos, veneranda Calíope, quais os súbitos começos deste templo; Alcides [Hércules] vai acompanhar-te com sua voz pomposa e reproduzir os teus ritmos no seu tenso arco).*

2.3. Para descrever uma súbita tempestade, o poeta compara-a com a borrasca que forçara Dido e Eneias a refugiarem-se numa gruta, aí consumando o seu amor[124] - vv. 73-75:

[...] ; qualem Libyae Saturnia nimbum / Attulit, Iliaco dum diues Elissa marito / Donatur testesque ululant per deuia nymphae. (*[...]: semelhante à tempestade que desencadeou a filha de Saturno [Juno] sobre a Líbia, enquanto a rica Elisa [Dido] se entregava ao companheiro troiano e as ninfas, como testemunhas, ululavam por aqueles lugares solitários).*

---

123 Sem insinuar qualquer influência desta passagem em Miguel Torga, ocorre lembrar a reivindicação telúrica num poema como "S. Leonardo de Galafura" do Diário IX: **Ancorado e feliz no cais humano**.

2.4. O próprio deus se revela a Pólio, pedindo-lhe o seu empenhamento - v. 114:

Incipe et Herculeis fidens hortatibus aude. (*Começa e sê ousado, tendo confiança nas exortações de Hércules).*

2.5. E Hércules está grato a Pólio Félix - vv. 166-170:

Macte animis opibusque meos imitate labores, / Qui rigidas rupes infecundaeque pudenda / Naturae deserta domas et uertis in usum / Lustra habitata feris foedeque latentia profers / Numina. Quae tibi nunc meritorum praemia soluam? (*Glorificado sejas no teu coração e nos teus bens, tu que imitaste os meus trabalhos, subjugando rochas escarpadas e horríveis desertos duma terra estéril, dando [bom] uso aos covis habitados pelas feras, e engrandecendo a [minha] divindade indignamente escondida. Como poderei dar-te agora a paga pelos [teus] benefícios?).*

---

124 Convém notar que esta passagem vem integralmente reproduzida na antologia.

Juvenal

Juvenal está representado na "Sylva Diversorum autorum ...", de 1587, por uma única sátira: a Sátira VII.

Mais do que o tema central da sátira - a dependência dos intelectuais de mecenatos imprescindíveis ao exercício da profissão liberal -, terá motivado a escolha do texto a atenção concedida por Juvenal à situação dos mestres de gramática e de retórica.

Os 243 versos do original são integralmente reproduzidos na *sylva*. Para confronto com o original e em apoio da minha tradução de extractos, sigo a edição das Belles Lettres[125].

1. O primeiro verso resume o sentido do poema, considerando o Imperador o mecenas por excelência:

> Et spes et ratio studiorum in Caesare tantum. (*A esperança e a razão de ser do trabalho intelectual residem apenas em César*[126]).

2. Estimula os jovens a confiarem na generosidade do Imperador[127] - vv. 20-21:

> Hoc agite, o iuuenes. Circunspicit et stimulat uos / Materiamque sibi ducis indulgentia quaerit. (*Coragem, jovens. A benevolência do Imperador está vigilante, estimula-vos e aguarda a sua oportunidade [de actuar]).*

---

125 Ver Bibl. B) Juvénal, 1951.

126 Só o conjunto do poema permite tomar studium no sentido de *trabalho intelectual.* Os tradutores franceses das *Belles Lettres* - Pierre Labriolle e François-Villeneuve - fornecem uma tradução bem expressiva: "La haute culture n' a plus d' espoir, de raison d' être, qu' en César".

3. O escritor não resiste à paixão da escrita - vv. 48-52:

> Nos tamen hoc agimus tenuique in puluere sulcos / Ducimus et litus sterili uersamus aratro. / Nam si discedas, laqueo tenet ambitiosi / Consuetudo mali, tenet insanabile multos / Scribendi cacoethes et aegro in corde senescit. (*Nós, porém, procedemos assim, abrimos sulcos numa leve poeira e com a nossa estéril charrua lavramos a praia. De facto, se se é tentado a fugir, o laço do hábito duma paixão ambiciosa segura[-nos]. A incurável paixão da escrita domina a muitos e envelhece no seu coração doente).*

4. Em defesa da justa recompensa para os historiadores - vv. 103-104:

> Quae tamen inde seges? Terrae quis fructus apertae? / Quis dabit historico quantum daret acta legenti ? (*Mas que colheita [vos vem] daí? Que fruto da terra rasgada? Quem dará a um historiador quanto ele daria ao leitor dos textos?).*

5. Também os advogados são mal pagos em relação ao seu ofício trabalhoso - vv. 106-7:

> Dic igitur quid causidicis ciuilia praestent / Officia et magno comites in fasce libelli. (*Vejamos, pois, o que os serviços cívicos rendem aos advogados, e [como] dossiers de grande volume os acompanham).*

6. Mas a pior situação é ainda a dos professores de gramática e de retórica, de quem os alunos tanto exigem, e que não são devidamente pagos - vv. 155-7

> Quis color et quod sit causae genus atque ubi summa / Quaestio, quae ueniant diuersae forte sagittae, / Nosse uolunt omnes, mercedem soluere nemo. (*Qual será o estilo, qual a natureza da causa, onde estará o centro da questão, que ataques poderão porventura surgir da parte do adversário - todos o querem saber, mas ninguém [quer] pagar o serviço prestado).*

---

127 Os tradutores das *Belles Lettres* admitem tratar-se do Imperador Adriano, "grand admirateur de littérature" (p.87).

6.1. Para muitos a docência foi ingrata - v. 203:

Paenituit multos uanae sterilisque cathedrae. (*Muitos arrependeram-se da cátedra, vã e estéril).*

6.2. O poeta tem saudades dos tempos em que os preceptores eram respeitados - vv. 207--10:

Di, maiorum umbris tenuem et sine pondere terram / Spirantesque crocos et in urna perpetuum uer, / Qui praeceptorem sancti uoluere parentis / Esse loco. *(Ó deuses, que a terra seja delicada e sem peso para as sombras dos [nossos] antepassados, e que na sua urna respire o açafrão e [haja] uma perpétua primavera - eles que quiseram que o preceptor ocupasse o lugar de um pai).*

6.3. Preceptor semelhante ao oleiro, num ofício paternal - vv. 237-239:

Exigite ut mores teneros ceu pollice ducat, / Vt si quis cera uoltum facit; exigite ut sit / Et pater ipsius coetus, ne turpia ludant (...). (*Exigi vós que ele [o preceptor] modele, como se fosse com o polegar, os tenros caracteres, como alguém que esculpe um rosto na cera. Exigi que seja também um pai da própria turma, para que [os alunos] não se entreguem a brincadeiras desonestas (...).*

Marcial

Marco Valério Marcial nasceu na Espanha Tarragonesa por volta do ano 40 da era cristã. O seu nome literário está indissociavelmente ligado ao género poético do epigrama. Não deixa de ser curioso o interesse dos antologistas jesuítas por um autor como Marcial. Sendo ele um "pintor" realista da sociedade do seu tempo, com agudo sentido do concreto e do quotidiano, o relevo que lhe é conferido antecipa, de certa forma, os ideais estéticos dos Árcades do século XVIII. É que, como escreve o tradutor das Belles Lettres[128], sobre os Epigramas de Marcial,

> Il n'est pas d'ouvrage où la société contemporaine se reflète avec plus d'intensité que dans les poèmes de Martial.

Um outro crítico francês - Jean Bayet - pronuncia-se assim sobre Marcial:

> Le maître-don de Martial est la justesse de l'observation: la vue, l'ouïe, l'odorat sont chez lui d'une égale finesse, et il sait rendre ses impressions, d'un mot, avec toute leur force ou leur fraîcheur[129].

A antologia jesuíta: "Martialis Epigrammaton Selectorum Libri" (ver Introdução) contém textos expurgados do "Livro dos Espectáculos" dos cinco primeiros livros - com uma justificação final do seguinte teor:

> Omnes XIIII libri parati erant ad imprimendum: sed visum est hos quinque solum nunc excudere. (*Todos os 14 livros tinham sido preparados para impressão, mas tornou-se conveniente publicar agora só estes cinco).*

Como balanço geral da selecção feita dos cinco primeiros livros de Marcial, pode dizer-se que uma boa parte dos poemas excluídos são epigramas obscenos, grosseiros ou que referem situações amorosas; noutros casos, mandam razões de espaço.

A publicação mereceu especial atenção da parte dos organizadores. Começa por uma nota de duas páginas sobre a vida de Marcial, seguida dum prefácio do gramático P.e Manuel Álvares a justificar os expurgos operados nos epigramas. A nota biográfica tem por título. "M. Val. Martialis vita ex Petro Crinito". Aí constam dados que encontramos em

---

128 Ver Bibl. B) Martial, 1969.
129 Cf. Bayet, 1958, p. 556.

actuais histórias da literatura latina, como a de Ettore Paratore e outras. Destaco algumas linhas:

> Marcus Valerius Martialis genere Hispanus fuit, Bilbili natus haud ignobili oppido Celtiberio (...). (*Marco Valério Marcial foi espanhol por nascimento, tendo nascido em Bílbili, cidade nada desprezível da Celtibéria).*
>
> Sub primam aetatem profectus est ad urbem Romam quo facilius in literarum studio versari posset: suumque ingenium erudire. (*Na infância partiu para a cidade de Roma para mais facilmente se entregar ao estudo das letras e ilustrar o seu talento)*
>
> Omnem operam atque diligentiam retulit ad scribenda epigrammata: in quibus magnopere Excelluit iudicio ueterum. (*Entregou-se de alma e coração à escrita de epigramas, em que grandemente se distinguiu, na opinião dos veteranos).*

O prefácio do P.e Manuel Álvares, o célebre autor da gramática latina, que viria a manter-se como gramática oficial dos colégios jesuítas até ao século XVIII, esse merece atenção mais demorada. Desse texto me ocuparei na 2ª parte deste trabalho.

Para a tradução de algumas passagens seleccionadas guio-me pela edição das *Belles Lettres*[130]. Passo a assinalar o livro dos epigramas com numeração romana, e o epigrama e respectivos versos em numeração árabe (não faço menção específica de versos quando transcrevo todo o o pigrama). O "Livro dos Espectáculos" menciono-o pela letra L.

1. Do livro comummente chamado *Epigrammaton Liber* (designado por alguns editores como *Liber Spectaculorum*, já que exalta os jogos e as maravilhas do Anfiteatro Flaviano - o actual Coliseu). O antologista atribui um título, como uma espécie de sumário do seu conteúdo, a cada um destes epigramas.

1.1. No 1º epigrama, para além de pequenas variantes, devidas a diferentes manuscritos e assinaladas na edição francesa, aparecem no dístico final formas de conjuntivo em contraposição com as formas correspondentes de indicativo nas *Belles Lettres*. Terá o antologista pretendido acentuar o tom épico? Eis o dístico da antologia: L, 1, 7-8:

---

130 Ver Bibl. B) Martial, 1969.

Omnis Caesareo cedat labor amphitheatro: / Vnum pro cunctis fama loquatur opus[131]. (*Toda a obra [humana] fique em desvantagem perante o amfiteatro de César: que a fama só esta obra celebre em vez de todas as outras).*

1.2. O 1° corte temo-lo no epigrama n° 5, com a supressão do primeiro dístico. Na antologia tem o sugestivo e pedagógico título "Blanditur Caesari" (*Adula César)*: L, 5, 1-4:

Iunctam Pasiphaen Dictaeo credite tauro: / Vidimus, accepit fabula prisca fidem. / Ne se miretur, Caesar, longaeua uetustas: / Quidquid fama canit, praestat harena tibi:. (*Crede que Pasífae se juntou por amor ao toiro de Creta: nós vimos, [e] a fábula antiga confirmou a [nossa] crença. César, deixe a antiguidade de se maravilhar de si mesma: tudo o que a fama canta, a arena o realiza para ti).*

1.3. Referência a Vénus passa no n° 6, do mesmo título do anterior - L, 6, 1-2 :

Belliger inuictis quod Mars tibi seruit in armis, / Non satis est, Caesar; seruit et ipsa Venus. (*Não basta que o belicoso Marte te sirva pelas armas; também a própria Vénus está ao teu serviço).*

1.4. Os epigramas numerados nas Belles Lettres por XVI e XVI b não constam na antologia. A explicação estará no facto de XVI b se referir ao rapto de Europa por Júpiter. E omite os epigramas finais - XIX a XXXIII - naturalmente por razões de economia de espaço.

2. Do Livro I

Numa introdução em prosa, Marcial justifica, entre outras coisas, a linguagem licenciosa tolerada no género poético do epigrama. Mas essa passagem é omitida na antologia. Reproduzo-a parcialmente:

2.1. Lasciuam uerborum ueritatem, id est, epigrammaton linguam, excusarem, si meum esset exemplum: sic scribit Catullus, sic Marsus, sic Pedo, sic Gaetulicus, sic quicumque perlegitur. (*Quanto ao realismo lascivo das palavras, isto é, quanto ao estilo próprio dos epigramas, eu pediria desculpa se fosse o primeiro a dar o exemplo, mas assim escrevem Catulo, Marso, Pedo e Getúlico e todo aquele que se dá a ler).*

131 Cedit e loquetur nas *Belles Lettres*, sem assinalar divergências nos manuscritos confrontados.

2.2. Apresentando-se ao leitor como poeta célebre, Marcial justifica, involuntariamente, a sua leitura por parte de futuras gerações. O antologista após o título "Ad lectorem" - I, 1, 1-3:

> Hic est quem legis ille, quem requiris / Toto notus in orbe Martialis / Argutis epigrammaton libellis. (*Aqui está aquele [poeta famoso] que tu lês, que solicitas, esse Marcial conhecido em todo o universo pelos seus volumes de distintos epigramas).*

2.3. Que César se digne ler os seus versos, apesar do carácter lascivo. É esse o sentido do 4° epigrama, omitido na antologia naturalmente pela referência à licenciosidade[132] - I, 4, 7-8

> Innocuos censura potest permittere lusus: / Lasciua est nobis pagina, uita proba. (*A censura pode tolerar jogos inocentes: os meus versos são lascivos, mas a [minha] vida é honesta).*

2.4. O epigrama n° 10 foi transcrito na antologia mas vem rasurado, linha a linha, só conseguindo ler-se o título: "De Gemello et Maronilla". Trata-se de censura exercida após a publicação? Transcrevo-o na íntegra pela edição francesa:

> Petit Gemellus nuptias Maronillae / Et cupit et instat et precatur et donat. / Adeone pulchra est ? Immo foedius nil est. / Quid ergo in illa petitur et placet? Tussit. (*Gemelo aspira à mão de Maronila. Deseja-a, insiste com ela, suplica-lhe, dá-lhe presentes. Ela será assim tão bela ? Pelo contrário, nada há de mais feio. Que há então nela que se busca e agrada ? Tosse[133]).*

2.5. Os epigramas n°s 15 a 47 são omitidos. Merecem referência os n°s 15, 34 e 35, o primeiro pela apologia do *carpe diem* horaciano, o segundo pela condenação da desvergonha de uma prostituta, e o último pela justificação da licenciosidade dos epigramas - I, 15, 9-12; I, 34, 1-4; I, 35, 1-5:

> Haec [gaudia] utraque manu complexuque adsere toto: / Saepe fluunt imo sic quoque lapsa sinu. / Non est, crede mihi, sapientis dicere «uiuam»: / Sera nimis uita est crastina: uiue hodie. (*Agarra-os [os prazeres] com ambas as mãos e aperta-os em estreito abraço. Mesmo assim, muitas vezes escapam-se deslizando-nos do seio. Não é sensato, acredita-me, dizer: «Tenho tempo para viver». Demasiado tardia é a vida de amanhã; vive hoje).*

---

132 Pressente-se a intenção de esconder ao leitor que se trata dum poeta licencioso.

Incustoditis et apertis, Lesbia, semper / Liminibus peccas nec tua furta tegis, / Et plus spectator quam te delectat adulter / Nec sunt grata tibi gaudia si qua latent. (*É sempre de porta aberta e sem guardas, Lésbia, que fazes amor, e nem ocultas as tuas relações ilícitas. Um espectador dá-te mais prazer do que um amante, e os prazeres não te satisfazem quando permanecem secretos).*

Versus scribere me parum seueros / Nec quos praelegat in schola magister, / Corneli, quereris: sed hi libelli, / Tanquam coniungibus suis mariti, / Non possunt sine mentula placere. (*Escrevo - queixas-te tu, Cornélio -, versos demasiado livres, os quais um professor não pode ler na escola. Mas estes pequenos volumes são como os maridos para as esposas: eles não podem agradar-lhes se forem castrados).*

2.6. Epigrama bastante extenso (42 versos) é o nº 49, a que a antologia dá o título "Ad Licianum de Hispaniae locis", assim apontando para o interesse descritivo de paisagens da Bílbilis natal do poeta. Relevo referência ao rio Tejo (vv.15-16) e apologia do prazer epicurista a fruir uma vez alcançado o necessário prestígio (vv.41-2):

Aestus serenos aureo franges Tago / Obscurus umbris arborum. (*[Mergulhando] no Tejo [rico] em ouro*[134]*, amortecerás o calor dum céu límpido, protegido pelas sombras das árvores*).

Non impudenter uita quod relicum est petit, / Cum fama quod satis est habet. (*a nossa vida reivindica sem vergonha [gozar] o que lhe resta, quando o renome já foi satisfeito*[135]*).*

2.7. Os epigramas nºs 52 e 53 visam um plagiador dos seus versos, contra quem pede a protecção a um amigo de nome Quintiano - I, 52, 6-9:

Et, cum se dominum uocabit ille, / Dicas esse meos manuque missos. / Hoc si terque quaterque clamitaris, / Impones plagiario pudorem. (*E, quando se nomear dono [dos versos] , dirás que são meus e mandados de minha mão. Se gritares isto várias vezes, incutirás vergonha ao plagiador*).

2. 8. O breve epigrama (4 versos) nº 57 não podia constar da antologia:

Qualem, Flacce, uelim quaeris nolimue puellam. / Nolo nimis facilem difficilemque nimis. / Illud quod medium est atque inter utrumque probamus. / Nec uolo quod cruciat nec uolo quod satiat. (*Perguntas-me, Flaco, que tipo de amante quero ou rejeito. Não gosto de demasiado fácil nem de*

---

133 Segundo a explicação das *Belles Lettres*, estando ela doente, "a herança não tardará".

134 A tradução de Tagus aureus por "Tejo rico em ouro" colho-a nas *Belles Lettres*, cujo tradutor naturalmente se apoia em outros autores da Antiguidade Clássica para não traduzir à letra por "Tejo doirado".

135 É um convite a um amigo para aproveitar o tempo disponível a fruir a beleza e a tranquilidade das terras da Celtibéria, bem longe das canseiras urbanas.

demasiado difícil. Aprovamos o que está no meio [termo]: não quero o que atormenta nem quero o que satura).

2. 8.1. Menos espanta ainda a supressão do nº 58: tendo recusado comprar um belo jovem, dado ser demasiado caro, o seu órgão sexual protesta (Hoc dolet et queritur de me mea mentula secum).

2. 9. Assim como Mântua para sempre recordará Virgílio, Pádua Tito Lívio, Sulmona Ovídio, Córdova os dois Sénecas, etc, também Bílbilis o não esquecerá (Nec me tacebit Bilbilis). Tal é o sentido do epigrama nº 61, reproduzido na antologia.

2. 10. Epigramas tão inocentes como os dos nºs 64 e 68 são omitidos - LXIV, 1-4 (total) e LXVIII, 1-4:

Bella es, nouimus, et puella, uerum est, / Et diues, quis enim potest negare? / Sed cum te nimium, Fabulla, laudas, / Nec diues neque bella nec puella es. (*És bonita - sabemo-lo - e jovem, sem dúvida, e rica - quem poderá negá-lo? Mas quando te vanglorias em excesso, Fabula, [já] não és rica, nem bela, nem jovem).*

Quidquid agit Rufus, nihil est nisi Naeuia Rufo. / Si gaudet, si flet, si tacet, hanc loquitur. / Cenat, propinat, poscit, negat, innuit: una est / Naeuia; si non sit Naeuia, mutus erit. (*O que quer que faça Rufo, nada há no mundo para Rufo além da sua Névia. Se está contente, se chora, se se cala, dela fala. Se janta, faz saudações, pede, recusa, faz um sinal: só Névia existe. Se Névia não estiver, fica mudo).*

Do livro II

3.1. No 1º epigrama, Marcial, advogando o pequeno volume dos seus livros, evoca, entre várias razões, a de não maçar o leitor, e conclui assim - II, 1, 11-12:

Esse tibi tanta cautus breuitate videris? / Ei mihi quam multis sic quoque longus eris! (*Julgas-te, [meu livrinho], protegido por tão grande concisão? Infelizmente, para muitos, mesmo assim ainda serás extenso!).*

3.2. Desculpando os seus versos com eventuais erros do copista - II, 8, 1-4:

> Si qua uidebuntur chartis tibi, lector, in istis / Siue obscura nimis siue latina parum, / Nonmeus est error: nocuit librarius illis / Dum properat uersus adnumerare tibi. (*Se algumas coisas nestas folhas te parecerem, leitor, obscuras ou dum latim duvidoso, o erro não é meu: estragou-as o copista com a pressa em copiar até ao fim os versos para ti).*

3.3. No epigrama nº 48, o antologista optou por fornecer o poema suprimindo a referência a uma companheira do agrado do escravo. O poeta, entre as várias coisas de que precisa para a sua felicidade, menciona a posse dum escravo e, para este, de uma companheira (et caram puero meo puellam).

3.4. Ditos bem apanhados, desde que não obscenos, recebem acolhimento. O epigrama nº 55 é disso um bom exemplo:

> Pexatus pulchre rides mea, Zoile, trita. Sunt haec trita quidem, Zoile, sed mea sunt. (*Vestido de longa toga de lã, Zoilo, zombas das minhas roupas usadas. São, de facto, usadas, mas são minhas).*

3. 5. Homenagem a Quintiliano[136] e o gozo da vida - II, 90, 1-4:

> Quintiliane, uagae moderator summe iuuentae, / Gloria Romanae, Quintiliane, togae, / Viuere quod propero pauper nec inutilis annis, / Da ueniam: properat uiuere nemo satis. (*Quintiliano, o educador por excelência da juventude volúvel, ó Quintiliano, glória da eloquência romana, se eu me apresso a gozar a vida, embora seja pobre e ainda não inútil pela idade, perdoa-me: nunca ninguém se apressa o suficiente para gozar a vida).*

3. 5. 1. Entre as poucas exigências pessoais que formam a sua "mediania dourada", Marcial inclui uma non doctissima coniunx (*uma esposa não letrada demais).*

3. 6. Exalta Domiciano, dando ao epigrama o título "Ad Caesarem Domicianum"[137] - II, 91, 1-2:

> Rerum certa salus, terrarum gloria, Caesar, / Sospite quo magnos credimus esse deos (...) (*Garantia segura das coisas, glória do Universo, ó César, por cuja segurança acreditamos na grandeza dos deuses (...)*

---

136 Marcial contava entre os seus amigos o célebre autor da De Institutione Oratoria.

4. Do Livro III.

Dos 100 epigramas deste livro o autor seleccionou apenas 21.

4.1. Apresentação do novo livro, enviado da Gália - III, 1, 1-2:

Hoc tibi quidquid id est longinquis mittit ab oris / Gallia Romanae nomine dicta togae. (*Isto [o livrinho], seja qual for o seu valor, te envia, dos seus confins, a Gália, de seu nome chamada "Da toga romana"*[138]).

A sátira de determinados comportamentos sociais - III, 12:

Vnguentum fateor bonum dedisti / conuiuiis here, sed nihil scidisti. / Res salsa est bene olere et esurire. / Qui non cenat et unguitur, Tabulle, / Hic uere mihi mortuus uidetur. (*Reconheço que tu ofereceste ontem um bom perfume aos teus convidados, mas nada nos serviste. É coisa patusca cheirar bem e morrer de fome. Quem não ceia e está perfumado, Fabulo, esse, na verdade, parece-me que está morto*[139]).

4.3. Compaixão pelo cozinheiro - III, 94:

Esse negas coctum leporem poscisque flagella. / Mauis, Rufe, cocum scindere quam leporem. (*Afirmas que a lebre está mal cozida e reivindicas um castigo. Preferes, Rufo, trinchar o cozinheiro a trinchar a lebre).*

4. 4. Pede tolerância para as suas sátiras - III, 99, 1-2:

Irasci nostro non debes, Cerdo, libello: / Ars tua, non uita, est carmine laesa meo. (*Não deves zangar-te, Cerdo, com o meu livrinho. Foi a tua profissão, não a tua vida, que foi atacada pelos meus versos).*

---

137 O imperador Flávio Domiciano governa de 81 a 96 d.C., o que nos permite datar, aproximadamente, a escrita deste epigrama.

138 A parte meridional da Gália Cisalpina havia recebido de Roma a designação de "Gallia togata" (Cf. Martial, 1969: 251).

139 A piada de Marcial só se entende bem tendo presente o costume de perfumar os cadáveres.

5. Do Livro IV

5. 1. Saudação ao dia de anos de Domiciano - IV, 1, 9-10:

> Magna quidem, superi, petimus, sed debita terris: / Pro tanto quae sunt improba uota deo[140]? (*Grandes dons, vos pedimos, deuses supremos, mas que deveis [conceder] à terra: que votos serão excessivos para um só grande deus?)*

5. 2. Um homem pobre e íntegro não singra em Roma. O poeta lembra a um tal Faviano o que os seus bons princípios lhe não permitirão fazer em Roma. O antologista viu tal interesse no epigrama que o transcreveu, mesmo tendo de suprimir os versos 5-6 - IV, 5, 1-2 e 5-6:

> Vir bonus et pauper linguaque et pectore uerus, / Quid tibi uis urbem qui, Fabiane, petis ? (...) Nec potes uxorem cari corrumpere amici, / Nec potes algentes arrigere ad uetulas (...). (*Homem honesto e pobre, sincero de palavra e de coração, que vens procurar em Roma, Fabiano ? (...) Nem podes seduzir a mulher dum amigo querido, nem podes excitar velhas frígidas).*

5. 3. Há vários epigramas que fornecem aspectos técnicos dos livros. Tal é o caso do nº 10. Vejamos os versos 1-4:

> Dum nouus est adhuc rasa mihi fronte libellus, / Pagina dum tangi non bene sicca timet, / I, puer, et caro perfer leue munus amico / Qui meruit nugas primus habere meas. (*Enquanto o meu livro está fresco e as suas margens não foram ainda polidas, vai, moço, e leva este pequeno presente ao amigo querido que merece ser o primeiro a receber as minhas bagatelas).*

5. 4. Digno de aplauso, por ser pouco frequente este género nas antologias jesuíticas, é o epigrama nº 13 - um epitalâmio de plena actualidade, com alguns versos bem arrojados para a época. Vai na íntegra:

> Claudia, Rufe, meo nubit Peregrina Pudenti: / Macte esto taedis, o Hymenaee, tuis. / Tam bene rara suo miscentur cinnama nardo, / Massica Theseis tam bene uina fauis; / Nec melius teneris iunguntur uitibus ulmi, / Nec plus lotos aquas, litora myrtus amat. / Candida perpetuo reside, Concordia, lecto, / Tamque pari semper sit Venus aequa iugo: / Diligat illa senem quondam, sed et ipsa marito / Tum quoque, cum fuerit, non uideatur anus. (*Rufo, Cláudia Peregrina desposa o meu [amigo] Pudente.*

---

[140] Deo (com maiúscula) na antologia. Inclino-me mais a considerar gralha de impressão do que erro do antologista.

Bendito sejas, com teus archotes, ó Himeneu. Os raros cinamomos não se misturam tão perfeitamente com o seu nardo, nem os vinhos de Mássico com os favos [de mel] de Teseu. Os ulmeiros não se entrelaçam melhor [do que este casal entre si] com as tenras videiras, nem o lódão ama mais as águas, ou a murta as margens [dos regatos]. Bela Concórdia, habita para sempre no seu leito, e que Vénus seja sempre favorável a uma união tão perfeita. Que ela o ame [mesmo] quando ele já for velho, e que ela, quando também for velha, tal não pareça ao marido).

5.5. Um epigrama tão expressivo como o nº 21, que é uma pretensa prova de ateísmo, é pena ter sido omitido:

Nullos esse deos, inane caelum / Affirmat Segius: probatque, quod se / Factum, dum negat haec, uidet beatum. (- *Não há quaisquer deuses, o céu está vazio - afirma Ségio. E comprova-o, pois enquanto profere estas afirmações, verifica que vive próspero).*

5.6. Mas uma anedota de mau gosto passa no epigrama nº 24:

Omnes quas habuit, Fabiane, Lycoris amicas, / Extulit: uxori fiat amica meae. (*Todas as amigas que Licórides teve, ó Fabiano, deu cabo delas. Oxalá ela se torne amiga de minha mulher!).*

5.7. Do epigrama nº 24 avança a antologia para o nº 69. Salvo para um ou outro epigrama, a justificação do longo corte só pode estar na economia de espaço.

5.8. Submetendo-se a uma crítica exigente dos seus poemas - IV, 86, 1-5:

Si uis auribus Atticis probari, / Exhortor moneoque te, libelle, / Vt docto placeas Apollinari: / Nihil exactius eruditiusque est, / Sed nec candidius benigniusque. (*Se desejas aprovação de ouvidos [dignos] da Ática, exorto-te e aconselho-te, meu livrinho, que procures agradar ao douto Apolinário. Não há ninguém mais rigoroso nem mais instruído, nem tampouco mais leal e mais benevolente).*

5.9. Saudação ao livro, que chega ao fim - IV, 89, 1-2:

Ohe, iam satis est, ohe, libelle, / Iam peruenimus usque ad umbilicis. (*Olá, basta, olá, livrinho, já chegámos quase ao cilindro*[141]*)*

---

141 Umbilicus significa aqui o cilindro, em torno do qual se enrolava o papiro.

6. Do Livro V

Depois de, no primeiro poema, ter dedicado o volume a César Domiciano (Tu tantum accipias: ego te legisse putabo: *digna-te somente acolhê-lo; pensarei que o leste)*, é às mães de família, rapazes e raparigas, que se dirige. Mas o poema não consta na antologia, talvez sobretudo pelo convite, formulado no 5° verso, à leitura dos livros lascivos anteriores (Lasciuos lege quattuor libellos) e apesar da promessa de limpeza do volume quinto. Vejamos alguns versos - V, 2, 1-2 e 7-8:

> Matronae puerique uirginesque, / Vobis pagina nostra dedicatur / (...) Quem Germanicus ore non rubenti / Coram Cecropia legat puella. (*Mães de família, jovens e donzelas, é a vós que o presente volume é dedicado. (...) Que Germânico [César] o possa ler sem corar perante a donzela de Cécrope).*

6.2. O epigrama n° 6 contém preciosos pormenores técnicos da feitura do livro nesse tempo. O poeta pede ao secretário de Domiciano a entrada do volume no palácio real - V, 6, 12-15:

> Non est quod metuas preces iniquas: / Nunquam grandia nec molesta poscit / Quae cedro decorata purpuraque / Nigris pagina creuit umbilicis. (*Não tens que recear pedidos injustos: nunca pede enormidades ou embaraços um livro que, perfumado de óleo de cedro e tingido de púrpura, engrossou graças a uma baguete enegrecida nas extremidades*[142]).

6.3. No epigrama n° 10, Marcial queixa-se de que os leitores prefiram os autores antigos e menosprezem os contemporâneos. Assim já acontecera - diz o poeta - com Homero, Menandro, Virgílio e Ovídio. Este último só o conhecia bem - continua ele - a sua Corina (Norat Nasonem sola Corinna suum). Mas o dístico relativo a Ovídio (vv. 9-10) não consta da antologia - V, 10, 1-4 e 10-12:

> Esse quid hoc dicam uiuis quod fama negatur / Et sua quod rarus tempora lector amat? / Hi sunt iuidiae nimium, Regule, mores. / Praeferat antiquos semper ut illa nouis. / (...) / Vos tamen o nostri ne festinate libelli; / Si post fata uenit gloria, non propero. *(Como explicar que a glória seja recusada aos vivos e que poucos leitores apreciem o seu tempo? Sem dúvida, Régulo, são os*

142 "Quand le rouleau de papyrus était terminé, on fixait à la dernière page une baguette (*umbilicus*), dont les deux bouts (*umbilici*) étaient peints en noir ou ornés de disques (*cornua)*" (Cf. Bibl. B) Martial, 1969, p. 251).

comportamentos da inveja: ela prefere sempre os antigos aos modernos. (...) Vós, porém, ó meus pequenos volumes, não vos impacienteis; se a glória chegar depois da morte, não me apresso).

6.4. Aviso a um advogado - V, 33:

Carpere causidicus fertur mea carmina: qui sit / Nescio. Si sciero, uae tibi, causidice! (*Dizem que um advogado censura os meus versos. Ignoro quem seja. Mas se o vier a saber, ai de ti, advogado!).*

6.5. Os epigramas nºs 34 e 37 evocam a terna memória duma menina falecida aos seis anos. Do primeiro desses poemas diz o tradutor da edição francesa que se trata dum "dos mais ternos e mais delicados epigramas de Marcial". É, aliás, bem expressivo o 1º verso do epigrama nº 37: Puella senibus dulcior mihi cycnis: *Menina de voz mais harmoniosa ao meu ouvido do que o último cântico do cisne.*

6.6. Viver no futuro ?! Mas que futuro? - V, 58, 1-2 e 7-8:

Cras te uicturum, cras dicis, Postume, semper: / Dic mihi, cras istud, Postume, quando uenit? (...) Cras uiues? Hodie iam uiuere, Postume, serum est. / Ille sapit quisquis, Postume, uixit heri. («- *Amanhã, quero viver amanhã» - dizes tu constantemente, Póstumo. Mas diz-me: esse amanhã quando chega? (...) Viverás amanhã? Viver hoje, Póstumo, já é tarde. Sábio só é , Póstumo, aquele que viveu [desde] ontem).*

6.7. O epigrama nº 68 vem na antologia apesar do traço amoroso:

Artoa de gente comam tibi, Lesbia, misi, ut scires quanto sit tua flaua magis. (*Mandei-te, Lésbia, uma cabeleira da raça nórdica, para ficares a saber quanto a tua é mais loira).*

6.8. No epigrama 69, Marcial retoma o acontecimento do assassinato de Cícero por Marco António, já abordado antes no L. III, 66, mas agora é mais expressivo o sentimento da perda do grande orador romano - V, 69, 3-4 e 7-8:

Quid gladium demens Romana stringis in ora? / Hoc admisisset nec Catilina nefas. (...) Quid prosunt sacrae pretiosa silentia linguae? / Incipient omnes pro Cicerone loqui. (*Que demência te levou, [António], a puxar da espada contra a eloquência de Roma? Nem Catilina teria admitido um tal crime. (...) De que te aproveita, [pago] a esse preço, o silêncio duma língua sagrada? É que todos hão-de começar a falar no lugar de Cícero)*

6.9. O epigrama nº 78 - um convite do poeta a um amigo para uma ceia em família - é do maior interesse para o conhecimento dos hábitos alimentares dos Romanos daquela época, não faltando pormenores culinários. É um poema de 32 versos, que o antologista reduziu aos primeiros 25, para assim omitir a referência a provocantes bailarinas, que costumavam exibir o corpo nos banquetes. De registar ainda o costume de ler textos durante a refeição (v. 25: Nec crassum dominus leget uolumen: *nem o anfitrião lerá um grosso volume*), tranquilizando, desta vez o convidado contra uma leitura maçadora.

6.10. Termina o 5º Livro com o epigrama nº 84, parcialmente transcrito na antologia - V, 6-9:

> Saturnalia transiere tota / Nec munuscula parua nec minora / Misisti mihi, Galla, quam solebas. (*Acabaram de todo as festividades de Saturno sem que tu, Gala, me tivesses mandado os pequeninos presentes, nem sequer os mais insignificantes que costumavas mandar-me)*

Capítulo II: Epistolografia, Oratória, Ensaísmo

Cícero e Plínio-o-Jovem

Cícero

Na secção de reservados da Biblioteca Nacional, com o nº 1753 P, há um volume intitulado "Epistolarum Selectarum Ciceronis, Libri 3", com o emblema da Companhia de Jesus, editado em Lisboa por Marcos Borges, em 1566. Traz a indicação de ter pertencido à livraria pública do colégio da Angra do Heroísmo (ver Introdução).

Na Biblioteca Pública de Braga existe um livrinho em formato de 9 X 14, com encadernação em carneira, muito deteriorado, a que falta a folha inicial e, consequentemente, a indicação da editora e a data de impressão, com o título do seguinte teor para o primeiro "livro":

> Sylvae Diversorum Autorum Solutae Orationes, qui ad usum inferiorum classium selecti sunt, Liber primus. (*Primeiro livro da sylva, de prosa de diversos autores, que foram escolhidos para uso das classes inferiores).*

Este exemplar da Biblioteca de Braga corresponde inteiramente (excepto nas folhas que lhe faltam) ao "liber primus" do 1º vol. dos reservados nº 3070 da Biblioteca Nacional de Lisboa, já descrito na Introdução.

Consta o volume de quatro livros, sendo o primeiro constituído por cartas de Cícero por uma carta de Plínio-o-Jovem (ver *Apêndice* à Secção A, imediatamente a seguir); o segundo por discursos de Cícero; o terceiro por dois livros das "Tusculanas" (o II e o III), de Cícero, pelo "De Coniuratione Catilinae", de Salústio, e por um extracto do "De rebus Alexandri Magni Regis Macedonum", de Q. Cúrcio; e o quarto por vários textos de autores cristãos em latim, rematando pelo discurso em latim proferido pelo jesuíta Pedro Perpinhão aquando da visita do papa Pio IV ao colégio da Companhia de Jesus em Roma.

O cabeçalho do segundo livro traz a seguinte referência:

> In quo ex Cic. Orationibus nonnulae continentur, quae inferioribus et nonnunquam superioribus classibus inservire possunt. (*Em que se contêm alguns dos discursos de Cícero, que podem servir para as classes inferiores e, alguns deles, para as classes superiores).*

No terceiro livro, os textos são expressamente destinados *mediis classibus* (às classes médias).

A razão da escolha dos textos do quarto livro é referida nestes termos:

> Ut habeant adolescentes in gymnasiis, unde eloquentiam simul et pietatem hauriant (P*ara que [os] possuam os adolescentes nos ginásios, [e] dos quais possam haurir simultaneamente a eloquência e a edificação religiosa).*

O quarto livro, que se ocupa de autores cristãos, sai fora do âmbito deste trabalho.

Na Sylva Diuersorum Autorum, qui ad usum scholarum selecti sunt, de 1587, temos de Cícero: Paradoxa Aliquot ad Marcum Brutum.

A. As Cartas

Naturalmente, as cartas de Cícero, sobretudo as dirigidas à esposa, prestavam-se bem aos objectivos do ensino do latim e à formação dos alunos mais jovens.

Destaco algumas passagens mais dignas de relevo de cartas contidas no mencionado volume de reservados da Biblioteca Nacional. Para a tradução sigo as edições das *Belles Lettres*[1]. Como há divergência na numeração das cartas "Ad Familiares", adopto o seguinte critério: menciono em primeiro lugar a numeração da antologia jesuítica, e em segundo lugar a das *Belles Lettres*, separando por barra vertical as duas numerações; no caso de coincidência entre as duas numerações, fica uma só menção (mesmo nos casos em que as Belles Lettres repetem a numeração com a indicação de *bis*).

1. As cartas à esposa

1.1. Preocupação com a saúde da esposa - *Fam.* 14, 8.:

> Valetudinem tuam uelim cures diligentissime. Nam mihi et scriptum et nuntiatum est te in febrim subito incidisse. (*Gostaria que cuidasses ao máximo da tua saúde, pois escreveram-me a informar que tiveste um súbito acesso de febre).*

1.2. Inquieta-o a saúde da filha (Túlia) - *Fam.* 14, 16/19:

> In maximis meis doloribus excruciat me ualetudo Tuliae nostrae[2]. (*No meio das minhas aflições, atormenta-me a saúde da nossa Túlia).*

1.3. Um pai atento aos problemas da filha - *Fam.* 14, 11:

> Tulia nostra uenit ad me pridie Idus Iunii, cuius summa uirtute et singulari humanitate grauiore etiam sum dolore adfectus nostra factum esse neglegentia ut longe alia in fortuna esset atque eius pietas ac dignitas postulabat. (*A nossa Túlia veio ter comigo no dia 12 de Junho. A sua enorme coragem e excepcional gentileza agravaram o meu remorso de a ter colocado, por negligência minha, em situação bem diferente da que mereciam a sua ternura filial e a sua posição social).*

---

1 Ver Bibl. B) Cicéron, 1969 e 1971.

2 Na sylva vem *uostrae*, certamente gralha.

2. As cartas ao irmão Quintus Cicero

Na *sylva* constam duas longas cartas de Cícero, dirigidas ao irmão Quinto, a exercer as funções de procônsul na Ásia. Não trazem numeração. Trata-se das cartas da secção "Ad Quintum Fratrem", cuja numeração nas Belles Lettres é I, 1 e I, 2, incluídas no 1º volume da Correspondência de Cícero. São duas longas cartas, integralmente reproduzidas na *sylva.*

Na primeira, Cícero dá conselhos ao irmão sobre a melhor forma de exercer o poder. Como bem diz a "Notice" das *Belles Lettres*, essa carta pode ser considerada uma espécie de tratado sobre o governo das províncias romanas[3].

A segunda também é longa, incluindo muitas recomendações sobre protegidos de Cícero, que este apresenta ao irmão. Adiante me ocuparei dela.

Para mais fácil localização e verificação dos extractos exemplificativos, aponto o volume e a página das Belles Lettres.

2.1. Da 1ª carta (I, 1)

2.1.1. Almas bem formadas resistem nas dificuldades - I, 199:

> (...) sed tamen nostros animos maximis in rebus et gerendis et sustinendis exercitatos frangi et debilitari molestia non oportet. (*No entanto, importa que almas como as nossas, exercitadas pela acção e pela responsabilidade em pesadíssimas tarefas, não se deixem abater e enfraquecer por uma contrariedade).*

2.1.2. Necessidade de coragem - I, 200:

> Quapropter hoc te primum rogo necontrahas ac demittas animum neue te obrui tanquam fluctu sic magnitudine negotii sinas contraque erigas ac resistas siue etiam ultro occurras negotiis. (*Por isso te peço em primeiro lugar que não te voltes sobre ti próprio, abandonando-te ao desânimo, nem te deixes submergir como que por uma onda e pela grandeza da tarefa; mas que te levantes e resistas, e que mesmo te antecipes às dificuldades).*

---

[3] Cf. Bibl. B) Cicéron, 1969, p. 186.

2.1.3. Um chefe tem de saber controlar as próprias paixões - I, 201:

> Quid est enim negotii continere eos quibus praesis, si te ipse contineas? (*Onde está a dificuldade em conter as paixões dos subordinados, se te controlares a ti mesmo?).*

2.1.4. Essa capacidade de autodomínio vem-lhe da educação recebida, que se acrescentou a um bom temperamento - I, 202:

> (...) cuius natura talis est ut etiam sine doctrina uideatur moderata esse potuisse; ea autem adhibita doctrina est quae uel uitiosissimam naturam attolere[4] possit (*A natureza de tal maneira te dotou que, mesmo sem uma educação [adequada], creio eu, serias capaz de te controlar ; ora, tu recebeste uma educação capaz de suprir a natureza mais defeituosa).*

2.1.5. Exige-se dum procônsul uma vigilância activa, a começar nos subalternos imediatos - I, 203:

> His autem in rebus iam te usus ipse profecto erudiuit nequaquam satis esse ipsum has te habere uirtutes, sed esse circunspiciendum diligenter ut in hac custodia prouinciae non te unum sed omnes ministros imperii tui sociis et ciuibus et rei publicae praestare uideare. (*Mas a própria experiência certamente já te ensinou que nestas coisas não basta que pessoalmente tenhas estas qualidades: [importa] estar activamente vigilante, a fim de que, na custódia da província, apareçam, não só tu mas todos os subalternos às tuas ordens, como defensores dos aliados e dos cidadãos romanos da república).*

2.1.5.1. Mesmo o questor, cuja nomeação não era da confiança do procônsul, devia receber influência das orientações de fundo para a sua actuação - I, 203:

> Hunc oportet et sua sponte esse moderatum et tuis institutis ac praeceptis obtemperare. (*É preciso que ele se reja pela sua vontade, mas se conforme com as tuas orientações e recomendações),*

---

[4] Na sylva vem *excolere, p*or se apoiar em manuscrito diferente. Como quase sempre, prefiro as fontes adoptadas pelas Belles Lettres, embora, neste caso, *attolere (levantar)* e *excolere (aperfeiçoar)*sejam equivalentes no contexto verbal.

2.1.5.2. A vigilância deve estender-se aos que prestam serviços em casa do procônsul - I, 204:

> Sed habes eos tecum, quos possis recte facientes facile diligere, minus consulentes existimationi tuae facillime coercere. (*Aliás, tens contigo homens a quem facilmente podes dedicar afeição se se portarem bem, ou, se forem negligentes, reconduzir ao bom caminho).*

2.1.6. O exercício do poder não é manifestação de arrogância, antes serviço a prestar aos administrados - I, 204-205:

> Sit lictor non suae sed tuae leuitatis apparitor, maioraque praeferant fasces illi ac secures dignitatis insignia quam potestatis. Toto denique sit prouinciae cognitum tibi omnium quibus praesis salutem, liberos, famam, fortunas esse carissimas. (*Que o lictor seja a manifestação da tua brandura e não da dele; que os feixes de varas e machadas levem adiante de ti mais o símbolo das tuas funções do que do teu poder. Finalmente, deve ser sabido da província inteira que nada te é mais querido do que a vida dos teus administrados, que os seus filhos, a sua reputação, os seus bens).*

2.1.7. Um chefe deve ser confiante mas não ingénuo - I, 205:

> Sed si quis est in quo iam offenderis, de quo aliquid senseris, huic nihil credideris, nullam partem existimationis tuae commiseris. (*Se houver algum em quem já tenhas encontrado motivos de reparo, de quem suspeites, não lhe dês qualquer crédito, não lhe confies qualquer parcela da tua estima).*

2.1.8. Entre os que se mostram amigos, cabe distinguir os que são "amigos" do chefe pelo poder que este possui, e os que são de facto amigos da pessoa. Os últimos são raros e, quando muito, poderá Quinto encontrá-los na elite dos Gregos - I, 206:

> Atque etiam e Graecis ipsis diligenter cauendae sunt quaedam familiaritates praeter hominum perpaucorum si qui sunt uetere Graecia digni. (*Até com os Gregos se deve ter o cuidado de evitar familiaridades, excepto [as] de muito poucos homens, se os houver dignos da Grécia antiga).*

2.1.9. A equidade sustenta o rigor na administração da justiça - I, 208:

> Quare sit summa in iure dicendo seueritas, dummodo ea ne uarietur gratia sed conseruetur aequalis. (*Por isso, haja o maior rigor na [tua] administração da justiça, desde que o favor não venha fazer concessões, antes esse rigor se mantenha igual para com todos).*

2.1.10. O objectivo do exercício do poder é dar felicidade aos súbditos - I, 210:

Ac mihi quidem uidentur huc omnia esse referenda iis qui praesunt aliis, ut ii qui erunt in eorum imperio sint quam beatissimi. (*Na minha opinião, num objectivo devem convergir todos os actos dos que governam pessoas: que sejam o mais felizes possível os que estão sob a sua alçada).*

2.1.10.1. A preocupação com a felicidade dos governados deve ser maior quando se trata de descendentes de antigos Gregos, os pais da civilização - I, 212:

Cum uero ei generi hominum praesimus, non modo in quo ipsa sit sed etiam a quo ad alios peruenisse putetur humanitas, certe iis eam potissimum tribuere debemus a quibus accepimus. Non enim me hoc iam dicere pudebit (...) nos ea quae consecuti sumus iis studiis et artibus esse adeptos quae sint nobis Graeciae monumentis disciplinisque tradita. Quae praeter communem fidem quae omnibus debetur, praeterea nos isti hominum generi praecipue debere uidemur ut, quorum praeceptis sumus eruditi, apud eos ipsos quod ab iis didicerimus uelimus expromere. (*Mas, quando está sob o nosso comando aquele género de pessoas em quem não apenas reside a própria civilização mas de quem se considera ter esta irradiado para outros, então devemos sobretudo retribuí-la a esses de cujas mãos a recebemos. Não terei vergonha de dizer (...) que aquilo que conseguimos o obtivemos por esses estudos, ciências e artes*[5]*, que nos foram transmitidas pelas obras e ensinamentos da Grécia. Por isso, para além da protecção geral devida a todos, temos um dever específico para com esta raça de homens, que foram os nossos preceptores: devemos espelhar, nas nossas relações com eles, o que com eles aprendemos).*

2.1.11. O perfil do pretor romano - I, 214:

Nam esse abstinentem, continere omnes cupiditates, suos coercere, iuris aequabilem tenere rationem, facilem te in rebus cognoscendis, in hominibus audiendis admittendisque praebere praeclarum magis est quam difficile. (*Com efeito, ser desinteressado, dominar todas as paixões próprias, ter na mão os subordinados, fazer com que a justiça seja igual para todos, mostrar-se disponível para o estudo das questões, para as recepções e as audiências, é mais maravilhoso do que difícil).*

2.1.12. Um verdadeiro chefe tem de controlar a cólera - I, 216:

Quod uitium [iracundia] cum in hac priuata cotidianaque uita leuis esse animi atque infirmi uidetur, tum uero nihil est tam deforme quam ad summum imperium etiam acerbitatem naturae adiungere. (*É um defeito [a cólera] que nesta vida particular e do dia a dia passa por um sinal de ligeireza e de*

---

5 As três palavras em português dão mais facilmente o conceito contido no par *studium - ars*. Adopto, por isso, a tradução das Belles Lettres.

fraqueza; mas, quando se exerce o poder supremo, nada há tão disforme como juntar [à dureza inerente à autoridade] a acidez do temperamento).

2.1.12.1. Esse é o único defeito do irmão - I, 217:

Sic ad nos omnes fere deferunt: nihil, cum absit iracundia, dicere solent te fieri posse iucundius (...) (*Eis o que quase todos me vêm dizer: ninguém há mais gentil do que tu, desde que te não deixes arrebatar pela cólera (...)).*

2.1.13. Manifestações de amor fraterno - I, 221:

Id facillime facies, si me cui semper uni magis quam uniuersis placere uoluisti tecum semper esse putabis et omnibus iis rebus quas dices et facies interesse. (*Isso conseguirás muito facilmente, se pensares que o teu irmão, a quem sempre quiseste comprazer mais do que a qualquer outra pessoa, está sempre a teu lado e é parte interessada em tudo quanto disseres e fizeres).*

2.2. Da 2ª carta ao irmão Quintus (I, 2)

A carta começa pela referência à pessoa do escravo *Statiuus*, em quem, segundo Cícero, o irmão deposita excessiva confiança

Cícero recebe *Statiuus* e fornece a impressão que lhe ficou da personalidade do escravo. Outros assuntos dominantes na carta respeitam a pessoas recomendadas por Cícero ao irmão.

2.2.1. Os receios de Cícero têm a ver com a eventualmente excessiva influência do escravo no espírito de Quinto - I, 264-5:

Quod autem me maxime mouere solebat, cum audiebam illum plus apud te posse quam grauitas illius tuae aetatis, imperii, prudentiae postularet (...). (*Mas causava-me sobretudo preocupação ouvir dizer que ele exercia sobre ti uma influência superior àquela que exigiam a dignidade da tua idade, as tuas funções, a [mesma] prudência).*

2.2.2. Cícero sente-se na necessidade de se justificar em face da acusação que o irmão lhe faz de defender demasiado os Gregos - I, 266:

At enim Graecis solis indulgeo. Quid? L. Caecilium nonne omni ratione placaui? Quem hominem, qua ira, quo spiritu! (Com efeito, *[dizes tu], só sou indulgente para com os Gregos. Quê? Não acalmei eu, por todos os meios, L. Cecílio? E que homem, que cólera, que temperamento!)*

2.2.3. Insiste com o irmão na necessidade de controlar o temperamento irascível - I, 267:

Ac si omnium mearum litterarum praecepta repetes, intelleges esse nihil a me nisi orationis acerbitatem et iracundiam (...). (*Se recordares as recomendações de todas as minhas cartas, perceberás que nada mais [te censurei] do que a aspereza da linguagem e o [teu] arrebatamento (...).*

2.2.4. Cícero não hesita em pedir desculpa por uma carta anterior - I, 270:

Litteras ad te parum fraterne scripsissem (...). Huic tu epistulae non fraterne scriptae fraterne debes ignoscere. (*A minha carta tinha um estilo pouco fraterno. Tal carta, escrita em termos nada fraternais, deves fraternalmente perdoá-la).*

2.2.5. Mas, finalmente, Cícero fala de si e da situação política - I, 272:

Nostrae tamen causae non uidentur homines defuturi; mirandum in modum profitentur, offerunt se, pollicentur. Equidem cum spe sum maxima tum maiore etiam animo (...). (*Parece, entretanto, que não faltam homens [a apoiar] à minha causa; é admirável [verificar] como o declaram, se oferecem, fazem promessas. Na verdade, estou possuído da maior esperança e de maior coragem ainda (...)).*

2.2.5.1. Vão bem as relações com Pompeu e com César, mas não deixará de ser prudente - I, 272-3:

Pompeius omnia pollicetur et Caesar; quibus ego ita credo ut nihil de mea comparatione deminuam. *(Pompeu promete-me tudo, e César igualmente. [Mas] a minha confiança neles não me leva a descurar as minhas defesas).*

3. Cartas a outras pessoas

O mencionado volume da Biblioteca Nacional, além de 9 cartas à esposa Terência, insere cerca de uma centena de cartas, na sua maioria da autoria de Cícero, e algumas de outras personalidades. O número é significativo do interesse do antologista pelo género epistolar.

As cartas são valiosas para o conhecimento da época e do papel desempenhado por Cícero nos acontecimentos do seu tempo. Mas, faltando na antologia referências cronológicas, aí as cartas estariam subordinadas a um objectivo menos ambicioso: o estudo do latim por si mesmo. E isso até pelo propósito enunciado no frontispício do volume:

> Quae ob perspicuitatem sententiarum et rerum varietatem, litterariis ludis, congestae sunt[6] (...) (*Elas foram reunidas em atenção à clareza dos pensamentos e à variedade dos temas, para exercícios escolares (...)).*

Apêndice

O livro I da *Sylva* termina por uma carta de Plínio-o-Jovem, assim intitulada: "Caii Plinii Caecilii Secundi, ex lib.V. epist. Epistola ad Apollinarem, in qua villam describit".

O antologista deve ter obedecido ao propósito de compensar a aridez e o pragmatismo das cartas de Cícero com a frescura e a gratuitidade de uma bela carta de Plínio. De facto, salta à vista a preocupação em seleccionar um texto modelar do ponto de vista descritivo (in qua villam describit).

Para a tradução de extractos, sigo as *Belles Lettres*[7].

O amigo [Apolinário] tentara dissuadir o escritor de partir para a Etrúria no verão, por receio dos ares insalubres. Plínio contrapõe com a beleza da região:

> Atque adeo ut omnem pro me metum ponas, accipe temperiem coeli, regionis situm, uillae amoenitatem (...) (*E até para pores de lado qualquer receio a meu respeito, vou informar-te sobre a natureza do clima, a situação da localidade, a comodidade da mansão).*

---

[6] Dou o texto na forma que me parece correcta, ultrapassando algumas gralhas, a meu ver evidentes, tais como: *perspicuitatim*, vírgula depois de *litterariis*, etc.

[7] Ver Bibl. B) Pline Le Jeune, 1967.

Após referir a dureza do inverno, encarece a doçura do verão na zona da sua casa de campo na Toscana:

> Aestatis mira clementia. Semper aer spiritu aliquo mouetur, frequentius tamen auras quam uentos habet. (*É notável a benignidade do verão. O ar é constantemente agitado por algum sopro, mas são mais frequentes as brisas do que os ventos).*

Mas compensa obter uma perspectiva a partir da montanha:

> Magnam capies uoluptatem, si hunc regionis situm ex monte prospexeris. Neque enim terras tibi, sed formam aliquam ad eximiam pulchritudinem pictam uideberis cernere[8]: ea uarietate, ea descriptione, quocumque inciderint oculi, reficientur. (*Colherás o maior prazer se observares o conjunto da região a partir da montanha. Com efeito, não te parecerá avistar [quaisquer] terras, mas antes um quadro de excepcional beleza: os olhos deleitar-se-ão nessa variedade, nessa feliz disposição, seja qual for a direcção em que se voltem).*

Depois de ter descrito e louvado em pormenor a sua casa de campo na Toscana, justifica assim, quase a terminar, a sua preferência por essa *uilla* :

> Nam super illa quae rettuli altius ibi otium et pinguius eoque securius[9]: nulla necessitas togae, nemo accessitor ex proximo[10]. Placida omnia et quiescentia (...). (*A todas essas razões, acima aduzidas, [acresce] uma tranquilidade maior e, por isso, mais garantida: não há obrigação de [trazer] toga, não aparece nenhum vizinho maçador. Tudo está em calma e em repouso (...)".*

Como se vê, bem razão teve o antologista em escolher um texto alheio a Cícero, mas não indigno do seu valor literário. Não fosse a exiguidade do espaço disponível, até se justificava a transcrição na íntegra de toda a carta - tão valiosa é a descrição. Bem se compreende que o antologista a tenha incluído integralmente.

---

8 A edição das *Belles Lettres* adopta aqui o ponto e vírgula; os dois pontos da *Sylva* são mais conformes com o sentido do texto.

9 Ao adoptar os dois pontos, o antologista mostra ter a noção do carácter explicativo da segunda parte da frase. Nas *Belles Lettres* há ponto e vírgula.

10 Também aqui sigo a pontuação da antologia (ponto e vírgula nas *Belles Lettres*), por tornar o texto mais compreensível.

B. Os Discursos

O segundo livro do volume da *Sylva* acima mencionado contém os seguintes discursos de Cícero:

Pro M. Marcello (Oratio XLI), *Pro Q. Ligario ad C. Caesarem* (Oratio XLII), *Pro A. Licinio Archia Poeta* (Oratio XXVI), *In L. Catilinam in senatu* (Oratio XIX), *In L. Catilinam, ad Quirites (*Oratio XX), *In M. Antonium Philippica prima* (Oratio XLIV), *In M. Antonium Philippica nona* (Oratio LII), *Ad Quirites post reditum* (Oratio XXVIII).

Os dois primeiros, conjuntamente com um outro (*Pro rege Deiotaro)* omisso na antologia, formam as chamadas "Cesarianas", por terem sido proferidos na presença de César. Para a tradução destes dois sigo as edições das *Belles Lettres*[11]; para a tradução de extractos do *Pro Archia* sigo *a* Editorial Verbo[12] e a Editorial Inquérito[13].

1. *Pro M. Marcello*

O discurso "a favor de Marcelo" enquadra-se num contexto sócio-político da maior importância: ditadura de Júlio César após ter vencido Pompeu. Foi pronunciado por Cícero no Senado, na presença do próprio Júlio César, no ano de 46 a.C. A escolha deve-se, certamente, tanto às demonstrações de clemência por parte do vencedor [César] quanto à riqueza do pensamento político do orador. Vejamos algumas passagens:

1.1. Cícero justifica a quebra do longo silêncio que a si mesmo se impusera, pela necessidade de exaltar a clemência e outras qualidades do Ditador:

> Tantam enim mansuetudinem, tam inusitatam inauditamque clementiam, tantum in summa potestate rerum omnium modum, tam denique incredibilem sapientiam ac paene diuinam, tacitus praeterire nullo modo possum. (*Uma tal mansidão, uma clemência tão fora do habitual e desconhecida, uma tão grande moderação no auge do poder supremo, uma sabedoria, finalmente, tão incrível que parece divina - aí está a razão por que não posso, de forma alguma, ficar em silêncio).*

---

11 Ver Bibl. B) Cicéron,1968.
12 Ver Bibl. B) Cícero, 1974.

1.2. Os méritos de Marcelo estavam à vista:

> Quis enim est illo nobilitate, aut probitate, aut optimarum artium studio, aut innocentia, aut ullo genere laudis praestantior? (*Onde está alguém que lhe seja superior, por nobreza ou por probidade, por dedicação às humanidades, por pureza de costumes ou por qualquer outra qualidade?)*

1.3. César soubera - segundo Cícero - vencer-se a si mesmo, superando senti- mentos de vingança:

> Et ceteros quidem omnes uictores bellorum ciuilium iam antea aequitate et misericordia uiceras: hodierno uero die te ipse uicisti. (*Já antes tinhas superado todos os vencedores das guerras civis, graças à tua justiça e perdão; hoje venceste-te a ti mesmo).*

1.4. O orador vai desenvolvendo conceitos de homem de Estado:

> Noli igitur in conseruandis uiris bonis defatigari, non cupiditate praesertim aliqua aut prauitate lapsis, sed opinione officii stulta fortasse, certe non improba, et specie quadam rei publicae (...).(*Não te canses, pois, de proteger os bons cidadãos que erraram, não tanto por ambição ou perversidade mas antes talvez por convicção estulta, embora não desonesta, do próprio dever, e por alguma ilusão do interesse público).*

1.5. Cícero estimula César à máxima ambição - a imortalidade:

> Nec uero haec tua uita ducenda[14] est, quae corpore et spiritu continetur: illa, inquam, illa uita est tua quae uigebit memoria saeculorum omnium, quam posteritas alet, quam ipsa aeternitas semper tuebitur . (*Nem, de facto, hás-de considerar tua verdadeira vida a que está limitada pelo corpo e pelo sopro vital: a tua verdadeira vida, digo-to eu, é aquela que há-de vigorar na memória de todos os séculos, aquela que a posteridade alimentará, que a própria eternidade terá sempre presente).*

1.6. O empenho em contribuir para refazer Roma dos estragos da guerra civil leva Cícero a lembrar a César que deve juntar às façanhas bélicas obras de civilização, só assim garantindo a firmeza da glória no âmbito das futuras gerações:

> Sed nisi haec urbs stabilita tuis consiliis et institutis erit, uagabitur modo tuum nomen longe atque late[15]: sedem stabilem et domicilium certum non habebit. (*Mas se esta cidade não for restaurada*

---

13 Ver Bibl. B) Cícero, 1986.

14 Na antologia vem *dicenda*, seguindo diferente manuscrito.

15 Pontuação da antologia, em vez da vírgula das *Belles Lettres*.

pelos teus critérios e leis, o teu (re)nome andará errante ao longe e ao largo: não terá um lugar fixo, um domicílio certo).

2. *Pro Ligario*

A defesa de Ligário demonstra a capacidade de Cícero numa causa difícil. Estavam à prova os dotes do famoso advogado. Ligário não só se batera em África pelo partido de Pompeu, adversário de César, como se aliara ao rei da Numídia[16], inimigo do povo romano, para melhor combater o adversário do momento. Acusado Ligário de traição à Pátria, não podia o advogado de defesa negar os factos. Mas é nas causas aparentemente impossíveis que se mostra, afinal, a fibra de um verdadeiro causídico ... Por outro lado, Cícero, ao defender Ligário, estava também a justificar-se a si mesmo, já que apoiara a causa de Pompeu, embora de forma pacífica.

O antologista tinha boas razões para a selecção integral do discurso. Há neste algumas passagens dignas de relevo:

> Habes, igitur, Tubero, quod est accusatori maxime optandum confitentem reum, sed tamen hoc confitentem se in ea parte fuisse quam te, qua uirum omni laude dignum patrem tuum[17]. (*Satisfizeste, pois, Tuberão, o máximo desejo de um acusador: um réu que confessa, mas confessa ter seguido o mesmo partido que tu, o mesmo [que seguiu] um homem digno de todo o louvor - o teu pai).*

2.2. Como no *Pro Marcello*, o orador faz apelo sobretudo à clemência de César:

> O clementiam admirabilem atque omnium laude, praedicatione, litteris monumentisque decorandam! (*Ó clemência admirável, digna da estima e do louvor de todos, que as letras e as artes deviam ilustrar!*).

2.3. Cícero, já perdoado por César, procura justificar as diferentes posições assumidas durante a guerra civil que opôs partidários dos dois rivais:

---

16 Corresponde à Argélia actual. Foi anexada ao império romano por Júlio César.

17 Tuberão, também ele partidário de Pompeu, movido certamente por vingança pessoal, é, no processo, o acusador de Ligário.

Secessionem tu illam existimauisti, Caesar, initio, non bellum, nec hostile odium, utrisque cupientibus rem publicam saluam, sed partim consiliis partim studiis a communi utilitate aberrantibus. (*A princípio, tu próprio, Cesar, consideraste isso uma insurreição e não uma guerra, não um ódio entre inimigos mas uma discórdia entre cidadãos, já que os dois partidos queriam ambos o bem-estar da República, embora se afastassem do interesse colectivo, em parte por [diferença de] conceitos, em parte pelas [diversas] paixões).*

2.4. César, que fora misericordioso no Senado (caso de Marcelo), agora no Fórum, diante do povo, gostaria, certamente, de se mostrar ainda mais generoso:

Vt concessisti illum senatui, sic da hunc populo, cuius uoluntatem carissimam semper habuisti (...).. (*Assim como foste condescendente com aquele [Marcelo] em atenção ao Senado, usa com este do mesmo critério por respeito do povo, cuja vontade sempre te foi muito querida).*

2.5. E insiste no seu conceito predilecto de que só é verdadeiramente grande quem sabe perdoar:

Nihil est tam populare quam bonitas, nulla de uirtutibus tuis plurimis nec admirabilior nec gratior misericordia est. Homines enim ad deos nulla re propius accedunt quam salutem hominibus dando. (*Nada é tão popular como a bondade, [e] nenhuma das tuas múltiplas qualidades é mais admirada e mais agradecida do que a [tua] compaixão. É que os homens nunca se colocam tão perto dos deuses como quando salvam [outros] homens).*

3. *Pro Archia*

O célebre discurso de Cícero, centrado na apologia das humanidades, "conheceu grande voga nas orações de sapiência do Renascimento", como acentua o Prof. Costa Ramalho[18]. Não admira, assim, que tenha sido integralmente acolhido na *sylva* da segunda metade do século XVI.

O original de Cícero pode ser consultado em boas traduções portuguesas, como a de Louro Fonseca na Editorial Verbo[19] e a de Maria Isabel Rebelo Gonçalves na Editorial Inquérito[20], nas quais me apoio para a minha tradução de alguns extractos:

---

18 *In* Prefácio à edição de vários discursos de Cícero da Edit. Verbo (Ver Bibl. B) Cícero, 1974, p. 21)

19 Ver Bibl. B), Cícero I, 1974.

20 Ver Bibl. B), Cícero, 1986.

3.1. Do exórdio:

> (...) quaeso a uobis, ut in hac causa mihi detis hanc ueniam, accomodatam huic reo, uobis, quemadmodum spero, non molestam, ut me pro summo poeta atque eruditissimo homine dicentem (...) patiamini de studiis humanitatis ac litterarum paulo loqui liberius ((...) *rogo-vos que me concedais nesta causa um privilégio apropriado ao réu, e para vós não pesado, como espero, qual é o de consentirdes que, ao falar em defesa de um eminente poeta e homem de vasta erudição, (...) eu discorra um pouco mais livremente sobre os estudos humanísticos e literários (...)).*

3.2. Árquias, oriundo da Grécia, foi acolhido em casa dos Luculos em atenção ao seu talento e ao bom carácter que manteve pela vida fora:

> Statim Luculli, cum praetextatus etiam tum Archias esset, eum domum suam receperunt. Sed erat hoc non solum ingenii ac litterarum, uerum etiam naturae atque uirtutis, ut domus, quae huius adulescentiae prima fuerit, eadem esset familiarissima senectuti. (*Logo os Luculos, embora Árquias ainda usasse a toga pretexta, o acolheram em sua casa. Isso ficava a dever-se não apenas ao seu talento, mas ainda ao seu excelente carácter, a tal ponto que, [essa] primeira casa a recebê-lo na juventude continuaria a ser-lhe familiar na velhice).*

3.3. Cícero confessa o seu empenhamento no estudo das humanidades, das quais extrai benefícios para a comunidade:

> Ego uero fateor me his studiis esse deditum; ceteros pudeat, si qui ita se litteris abdiderunt, utnihil possint ex iis neque ad communem adferre fructum neque in aspectum lucemque proferre. (*Confesso, de facto, ter-me consagrado a esses estudos. Envergonhem-se aqueles que se embrenharam nas letras sem nada delas extraírem para o benefício geral, e sem nada apresentarem à opinião pública).*

3.4. As letras[21], fonte de honra e glória, alimentam a coragem para lutar pelo bem comum:

> Nam, nisi multorum praeceptis multisque litteris mihi ab adulescentia suasissem nihil esse in uita magno opere expetendum nisi laudem atque honestatem (...), nunquam me pro salute uestra in tot ac tantas dimicationes atque in hos profligatorum hominum quotidianos impetus obiecissem. (*De facto, se eu não me tivesse convencido, desde a juventude, de que nada se deve mais pertinazmente ambicionar na vida do que glória e honra (...), nunca eu teria enfrentado, apenas para vosso bem, tantas e tamanhas lutas e estas investidas diárias de homens tão depravados).*

---

[21] Aulo Licínio Árquias, notável poeta grego de acordo com o testemunho de Cícero neste processo judicial, tinha sido mestre de Cícero.

3.5. As letras transmitem modelos às gerações seguintes:

Quam multas nobis imagines non solum ad intuendum, uerum etiam ad imitandum fortissimorum uirorum expressas scriptores et graeci et latini reliquerunt! Quas ego mihi semper in administranda republica proponens, animum et mentem meam ipsa cogitatione hominum excellentium conformabam. (*Quantas figuras de homens valorosos nos deixaram gravadas escritores tanto gregos como romanos, não apenas para as contemplarmos mas ainda para as imitarmos! Tendo eu presentes esses modelos no exercício das minhas funções públicas, moldava o meu sentir e pensar pelo pensamento de homens excelentes).*

3.6. Não podia faltar o elogio dos poetas e da poesia:

Sit igitur, iudices, sanctum apud uos, humanissimos homines, hoc poetae nomen, quod nulla unquam barbaria uiolauit. Saxa et solitudines uoci respondent, bestiae saepe immanes cantu flectuntur atque consistunt: nos instituti rebus optimis non poetarum uoce moueamur? (*Seja, pois, sagrado para vós, juízes, homens de cultura tão humana, este nome de poeta, que jamais qualquer barbárie profanou. Os rochedos e os ermos respondem à [sua] voz; os animais selvagens impressionam-se com o canto e imobilizam-se*[22]*. [E] nós, instruídos nas melhores disciplinas, não nos comoveremos com a voz dos poetas?)*

3.7. Os poetas imortalizam os homens e seus feitos:

Neque enim quisquam est tam auersus a Musis, qui non mandari uersibus aeternum suorum laborum facile praeconium patiatur. (*Em boa verdade, ninguém é tão avesso às Musas que, de livre vontade, se resigne a não confiar aos versos o pregão eterno dos seus feitos).*

3.8. Os poetas satisfazem desejos de imortalidade dos mais ousados:

(...) quod cum ipsis populis, de quorum rebus scribitur, haec ampla sunt, tum iis certe, qui de uita gloriae causa dimicant, hoc maximum et periculorum incitamentum est et laborum . ((...) *sendo isso importante para os próprios povos cujos feitos se descrevem, sem dúvida que representa o maior estímulo, no meio dos perigos e trabalhos, para aqueles que arriscam a vida pela glória).*

3.9. Todos nós - assim generaliza Cícero - buscamos honra e glória:

Neque enim est hoc dissimulandum, quod obscurari non potest, sed prae nobis ferendum: trahimur omnes studio laudis et optimus quisque maxime gloria ducitur. (*Nem, com efeito, deve disfarçar-se o*

que não pode ficar oculto, antes deve ser patenteado: todos somos arrastados pelo desejo do louvor, e são os melhores os mais seduzidos pela glória).

3.10. Num testemunho pessoalíssimo, Cícero confessa ter ficado lisonjeado pelo facto de Árquias prometer pôr em verso episódios do seu consulado:

> Nullam enim uirtus aliam mercedem laborum periculorumque desiderat praeter hanc laudis et gloriae: qua quidem detracta, iudices, quid est quod in hoc tam exiguo uitae curriculo et tam breui tantis nos in laboribus exerceamus? (*O valor não deseja outra recompensa para os perigos e trabalhos além da do louvor e da glória. Na verdade, se essa [nos] for retirada, juízes, que motivo fica para, neste percurso tão estreito e tão breve da vida, nos entregarmos a tão vultuosos trabalhos?).*

4. *As Filípicas*[23]

O sentido da importância do 1° discurso de Cícero visando Marco António explica a sua inclusão integral na antologia. Os responsáveis pela organização e tradução do texto para francês nas *Belles Lettres* - André Boulanger e Pierre Wuileumier - classificam-no como "uma obra-prima de habilidade"[24]. São especialistas do nosso tempo a confirmar o juízo acertado do antologista do séc. XVI. Quanto à 9ª filípica, também integralmente reproduzida, talvez a sua escolha se deva ao juízo crítico de Quintiliano - citado por Wuilleumier nas *Belles Lettres* - que via nesse discurso "um bom exemplo de *suasoria*"[25].

4.1. *Philippica prima*

Dirigindo-se a Marco António, ausente nessa sessão do Senado de 2 de Setembro do ano de 44 a.C, é ainda em tom amigável que Cícero dá lições de ética política na difícil conjuntura.

---

22 Cícero refere-se aos mitos de Orfeu e Anfion, poetas-músicos cujas melodias operavam maravilhas.

23 As duas filípicas reproduzidas na *sylva* (1ª e 9ª) seguem-se à célebre catilinária "Quousque tandem", aqui tratada mais adiante.

24 Ver Bibl. B) Cicéron, 1998, p. 50.

25 Ver Bibl. B) Cicéron, 1973.

4.1.1. Introdução à matéria central do discurso:

> Antequam de re publica, patres conscripti, dicam ea quae dicenda hoc tempore arbitror, exponam uobis breuiter consilium et profectionis et reuersionis meae. (*Antes de me pronunciar, Senadores, sobre a situação política no que julgo dever ser dito nas presentes circunstâncias, dar-vos-ei conta, concisamente, das razões que me levaram a deixar Roma e, depois, a voltar atrás*[26]).

4.1.2. O orador denuncia os atropelos à legalidade democrática:

> Ecce enim Kalendis Iuniis, quibus ut adessemus edixerat [Marcus Antonius], mutata omnia: nihil per senatum, multa et magna per populum[27] et absente populo *et* inuito *(...). (Eis, pois, que nas calendas de Junho, dia em que [Marco António] convocara a nossa presença, tudo estava mudado: o Senado não mandava nada; muitas deliberações importantes eram tomadas em nome do povo, tanto na ausência do mesmo povo como contra a sua vontade (...)).*

4.1.3. Perante a informação de que M. António prometera restabelecer a autoridade do Senado, apressa-se Cícero a retomar o seu lugar:

> Tum uero tanta sum cupiditate incensus ad reditum ut mihi nulli neque remi neque uenti satis facerent, non quo me ad tempus occursurum non putarem, sed ne tardius quam cuperem rei publicae gratularer. (*Fui então tomado por um tão vivo desejo de regresso que nenhuma justificação de remos ou de ventos me satisfazia. Não é que eu pensasse não chegar a tempo, mas queria regozijar-me com a ordem democrática*[28] *o mais depressa possível).*

4.1.4. Pergunta Cícero a Marco António as razões de tanta insistência em reclamar a sua presença na sessão anterior:

> Quid tandem erat causae cur in senatum hesterno die tam acerbe cogerer? (*Que razão havia, pois, para me coagir tão rudemente a vir ontem ao Senado?).*

---

[26] Por insistência dos amigos, Cícero que havia decidido refugiar-se nas suas propriedades da Campânia, regressa ao palco da vida pública, cumprindo as suas obrigações de senador, em mais um período perturbado da vida republicana de Roma. Como sabemos, começa aqui o acto final da sua vida, que viria a terminar com o seu assassinato às ordens de Marco António em 7 de Dezembro do ano 43 a. C.

[27] Na antologia vem *per se ipsum*, o que não contraria a versão seguida pelas *Belles Lettres*: as decisões eram tomadas - abusivamente - por M. António em nome do povo (*per populum*).

[28] *Gratulari rei publicae* significa à letra "alegrar-se com o bem público". No contexto, corresponde, em termos modernos, ao normal funcionamento da democracia, conceito e doutrina tão caros a Marco Túlio Cícero.

4.1.4.1. Habilmente, o orador insinua as intenções de M. António, deixando perceber as verdadeiras razões da não comparência nessa célebre sessão senatorial:

> An me censetis, patres conscripti, quod uos inuiti secuti estis, decreturum fuisse ut parentalia cum supplicationibus miscerentur, ut inexpiabiles religiones in rempublicam inducerentur (...)? (*Pensais vós, senadores, que eu teria votado o decreto que vós, contrariados, subscrevestes, o qual misturava o culto dos mortos com as preces públicas, que introduzia na religião oficial práticas sacrílegas*[29] *(...)?).*

4.1.5. Quanto ao problema de manter ou revogar a legislação de César, importa apurar o verdadeiro legado do Ditador:

> Equidem existimo nihil tam esse in actis Caesaris quam leges Caesaris. (*Por mim penso que só as leis de César contam como documentos legais de César).*

4.1.6. Dirigindo-se ao cônsul Dolabela, lembra-lhe que a verdadeira glória não a dá o dinheiro ou a tomada do poder pela violência, mas a afeição dos concidadãos:

> Est autem gloria laus recte factorum magnorumque in rem publicam meritorum, quae cum optimi cuiusque tum etiam multitudinis testimonio comprobatur[30]. (*Mas a glória resulta justamente do louvor pelos grandes feitos e pelos serviços prestados à Pátria, [glória] que é confirmada pelo testemunho dos melhores [cidadãos] e pelo das massas populares).*

4.1.7. Sendo M. António quem mais precisava de evitar a falsa glória e conquistar a autêntica, assim o exorta o senador:

> Illud magis uereor, ne, ignorans uerum iter gloriae, gloriosum putes plus te unum posse quam omnis, et metui a ciuibus tuis quam diligi malis. Quod si ita putas, totam ignoras uiam gloriae: carum esse ciuem[31], bene de re publica mereri, laudari, coli, diligi gloriosum est; metui uero et in odio esse inuidiosum, detestabile, imbecillum, caducum. (*O meu maior receio é o de que, desconhecendo tu o verdadeiro caminho da glória, consideres honroso ter sozinho mais poder do que toda a gente, e prefiras ser temido em vez de amado pelos teus concidadãos. Se pensas assim, ignoras em absoluto o caminho da glória. Ser um cidadão amado, servir bem o Estado, ser louvado, honrado, amado - isso é glorioso; mas ser temido e estar exposto ao ódio é abominável, pusilânime, efémero).*

---

[29] Por oportunismo político, M. António levou o Senado a decretar a divinização de César, culto que Cícero categoricamente rejeitava.

[30] Na antologia a frase começa pelo demonstrativo *ea*, que apenas realça o sentido de *gloria*.

4.1.7.1. Cícero não podia ser mais directo nas advertências contra as tentações ditatoriais de Marco António:

> Sed quid oratione te flectam? Si enim exitus C. Caesaris efficere non potest ut malis carus esse quam metui, nihil cuiusquam proficiet nec ualebit oratio. Quem qui beatum fuisse putant, miseri ipsi sunt. Beatus est nemo qui ea lege uiuit ut non modo impune, sed etiam cum summa interfectoris gloria interfici possit. Quare flecte te, quaeso, et maiores tuos respice atque ita guberna rem publicam ut natum esse te ciues tui gaudeant. Sine quo nec beatus nec clarus nec tutus quisquam esse omnino potest. (*Mas como dobrar-te com um discurso? Se o desfecho de C. César não basta para te convencer a preferires ser amado a temido, qualquer discurso ficará sem efeito e sem poder. Os que julgam que ele foi feliz também eles são infelizes. Ninguém pode ser feliz em condições tais que esteja sujeito a ser morto não só impunemente mas ainda [deixando] o assassino coberto de glória*[32]*. Por isso, retrocede, [Marco António], peço-te, e põe os olhos nos teus antepassados, e governa o Estado de maneira que os teus concidadãos se felicitem por teres nascido. Sem isso, ninguém pode ser totalmente feliz, ilustre ou seguro).*

4.2. *Philippica nona*

Desligado das circunstâncias políticas da sua produção, o discurso pode ser lido apenas como pura arte de persuasão. Simultaneamente, funciona como elogio fúnebre. Cícero demonstra que Sulpício Rufo, falecido no cumprimento duma missão atribuída pelo Senado, merece uma estátua no fórum. Cabia-lhe o papel de fazer vencer a proposta do cônsul Vibius Pansa, seu amigo, refutando a argumentação em contrário de um outro senador. Como escreve P. Wuilleumier, "L´avocat sut réunir et présenter tous les arguments, plus ou moins valables"[33]. Alguns exemplos poderão ajudar a confirmar esse juízo de valor do filólogo francês.

4.2.1. Ao argumento de que às honras propostas só tinha direito quem morresse em combate - não sendo o caso de Rufo -, Cícero contrapõe:

> Ego autem, patres conscripti, sic interpretor sensisse maiores nostros ut causam mortis censuerint, non genus esse quaerendum. Etenim cui legatio ipsa morti fuisset, eius monumentum exstare uoluerunt, ut in bellis periculosis obirent homines legationis munus audacius. (*Eu, porém,*

---

31 A *sylva* traz *carum ciuibus*: "querido dos cidadãos".

32 Cícero era bem explícito: os assassinos de César, em vez de castigados com justiça, passavam por heróis.

senadores, interpreto o pensamento dos nossos antepassados no sentido de que importa ater-se à causa da morte e não ao seu tipo. Eles quiseram levantar um monumento a quem a missão [atribuída] tivesse bastado para provocar a morte[34]*, a fim de encorajar os homens a enfrentar com maior audácia o encargo duma missão em guerras perigosas).*

4.2.1.1. Foi o cumprimento do dever que lhe causou a morte:

Nunc autem quis dubitat quin ei uitam abstulerit ipsa legatio? Secum enim ille mortem extulit, quam, si nobiscum remansisset, sua cura, optimi filii fidelissimaeque coniugis diligentia uitare potuisset. (*Mas alguém duvida de que foi a própria missão que lhe roubou a vida? Com efeito, levou ele consigo a morte, a qual, se tivesse ficado entre nós, os seus próprios cuidados e a diligência de um filho óptimo e de uma esposa tão dedicada lhe teriam podido evitar).*

4.2.1.2. A razão de uma estátua:

Reddite, igitur, patres conscripti, ei uitam cui ademistis. Vita enim mortuorum in memoria est posita uiuorum. Perficite ut is quem uos inscii ad mortem misistis immortalitatem habeat a uobis. Cui si statuam in rostris decreto uestro statueritis, nulla eius legationem posteritatis obscurabit obliuio. (*Restituí, pois, senadores, a vida a quem a tirastes. Com efeito, a vida dos mortos está presente na memória dos vivos. Procedei de modo a que de vós receba a imortalidade aquele que vós, involuntariamente, enviastes à morte. Se determinardes mandar erguer-lhe uma estátua no rostro [do fórum], de modo algum a posteridade poderá esquecer a sua missão).*

4.2.1.3. A estátua servirá apenas para recordar a sua morte honrosa, já que os méritos da sua vida, esses falam por si mesmos:

Ergo hoc statuae monumento non eget, habet alia maiora. Haec enim statua mortis honestae testis erit, illa memoria uitae gloriosae, ut hoc magis monumentum grati senatus quam clari viri futurum sit. (*Portanto, a estátua não é para ele um monumento necessário; tem outros maiores: de facto, esta estátua testemunhará uma morte honrosa; aqueles [outros monumentos] [testemunharão] uma vida gloriosa, a tal ponto que este monumento representará mais a prova da gratidão do senado do que o valor do cidadão).*

---

33 Ver Bibl. B) Cicéron, 1973, p. 115.

34 Sulpício Rufo, apesar de muito enfraquecido, não se recusou ao cumprimento da missão imposta pelo Senado, por sentido de dever para com o bem público. O seu empenhamento resultava ainda do facto de ter sido ele próprio o autor da iniciativa - o envio de uma delegação a Marco António.

5. *In L. Catilinam ou Catilinárias*

Das quatro "Catilinárias" a *sylva* reproduz integralmente as duas primeiras. A primeira foi pronunciada no Senado; a segunda perante o povo (*ad Quirites)* no Fórum. Sebastião Tavares de Pinho, na sua "Introdução" à tradução das "Catilinárias", incluídas no volume da Editorial Verbo[35], faz uma afirmação que certamente corresponderia ao pensamento do antologista do século XVI:

"Ao leitor interessa muito mais apreciar a lição de beleza literária destes modelos de oratória parlamentar (...) do que recolher as informações (...) que elas possam conter sobre a história da época em que foram elaborados". Este juízo é significativo de uma longa tradição do interesse pelos textos desligados do seu contexto sócio-cultural.

Não pensam ainda hoje o mesmo muitos organizadores de antologias literárias? Para confronto com o original de Cícero e a tradução socorro-me ainda da edição das *Belles Lettres*[36].

5.1. *Primeiro discurso*

Enfrentando Catilina em pleno Senado, Cícero demonstra que estão descobertos os planos da conjura do conspirador.

5.1.1. A paciência dos senadores deve ter limites:

> Quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra? Quandiu etiam furor iste tuus nos eludet? Quem ad finem sese effrenata iactabit audacia? (*Até quando abusarás, ó Catilina, da nossa paciência? Por quanto tempo ainda zombará de nós essa tua loucura? A que extremos se vangloriará essa audácia desenfreada?).*

5.1.2. Os projectos da sedição estão à vista de todos:

> Patere tua consilia non sentis? Constrictam iam omnium horum conscientia teneri coniurationem tuam non uides? (*Não percebes que os teus planos estão descobertos? Não vês que a tua conjuração é já do rigoroso conhecimento de todos estes?).*

---

35 Ver Bibl. B) Cícero, 1974.
36 Ver Bibl. B) Cicéron, 1996.

5.1.3. Pergunta o orador como é possível não agir :

O tempora, o mores! Senatus haec intellegit; consul uidet, hic tamen uiuit. Viuit? Immo uero: etiam in senatum uenit. (*Oh tempos, oh costumes! O Senado tem conhecimento disto tudo, o cônsul presencia e, todavia, este continua vivo. Vivo? Mais do que isso: até vem ao Senado).*

5.1.4. Cícero convida Catilina a sair de Roma:

Quae cum ita sint, Catilina, perge quo coepisti: egredere aliquando ex Vrbe. Patent portae; proficiscere. (*Sendo as coisas como são, continua o caminho traçado: abandona, finalmente, a cidade. As portas estão abertas; parte).*

5.1.5. O orador dá graças aos deuses pela protecção recebida:

Magna diis immortalibus habenda est gratia, atque huic ipsi Ioui Statori, antiquissimo custodi huius urbis, quod hanc tam tetram, tam horribile, tamque infestam reipublicae pestem toties iam effugimus. (*Grande deve ser a nossa gratidão para com os deuses imortais, em especial para com o próprio Júpiter Estátor, o mais antigo protector desta cidade, por tantas vezes termos escapado a esta peste tão abominável, tão horrorosa e tão hostil à república).*

5.1.6. E o discurso termina em diálogo com o mesmo Júpiter:

Tum tu, Iuppiter, qui iisdem, quibus haec urbs, auspiciis a Romulo es constitutus, quem Statorem huius urbis atque imperii uere nominamus, hunc et huius socios a tuis aris ceterisque templis, a tectis urbis ac moenibus, a uita fortunisque ciuium omnium arcebis, et omnes bonorum inimicos, hostes patriae, latrones Italiae (...) aeternis suppliciis uiuos mortuosque mactabis. (*Tu então, Júpiter, que, conjuntamente com esta cidade, foste investido [no culto] por Rómulo sob os mesmos auspícios, hás-de afastar este e seus satélites dos altares e restantes templos, das casas e das muralhas de Roma, da vida e dos bens de todos os cidadãos; e a todos os inimigos dos homens bons, aos inimigos da Pátria, aos salteadores de Itália (...) a esses, vivos e mortos, castigarás com eternos suplícios).*

5.2. *Segundo discurso*

Tendo consequido que Catilina abandonasse Roma, o cônsul procura agora Justificar os procedimentos adoptados, para aplacar os seus próprios adversários. Para isso fornece um perfil hediondo de Catilina.

5.2.1. O "monstro" foi-se embora:

Tandem aliquando, Quirites, L. Catilinam, furentem audacia, scelus anhelantem, pestem patriae nefarie molientem, uobis atque huic urbi ferrum flammamque minitantem ex urbe uel eiecimus uel emisimus uel ipsum egredientem uerbis prosecuti sumus. Abiit, excessit, euasit, erupit. (*Finalmente, ó Romanos, expulsámos de vez desta cidade, ou deixámos sair, ou acompanhámo-lo na saída com as nossas palavras, Lúcio Catilina, louco de temeridade, respirando crime, urdindo perfidamente a ruína da Pátria, e a vós e a esta cidade ameaçando com ferro e fogo. Saiu, retirou-se, evadiu-se, desapareceu).*

5.2.2. Traçando um negríssimo retrato de Catilina, pergunta Cícero:

Iam uero quae tanta in ullo unquam homine iuuentutis illecebra fuit quanta in illo? Qui alios amabat turpissime, aliorum amori flagitiosissime seruiebat, aliis fructum libidinum, aliis mortem parentum, non modo impellendo, uerum etiam adiuuando pollicebatur. (*Na verdade, em quem houve algum dia tanta habilidade para seduzir a juventude como nele? Ele [era]o mesmo [que] amava uns por vício torpe, correspondia vergonhosamente ao amor de outros, a uns prometia a satisfação das paixões, a outros a morte dos pais, não apenas lhes incutindo ânimo, mas mesmo colaborando).*

5.2.3. Pesado é o fardo de quem tem de tomar decisões em circunstâncias difíceis:

O conditionem miseram, non modo administrandae, uerum etiam conseruandae reipublicae! (*Oh triste condição a de ter não apenas de governar um Estado mas ainda de o salvar!).*

5.2.4. O discurso termina por uma invocação aos deuses romanos:

Quos uos, Quirites, precari, uenerari atque implorare debetis, ut, quam urbem pulcherrimam, florentissimam, potentissimamque esse uoluerunt hanc, omnibus hostium copiis terra marique superatis, a perditissimorum ciuium nefario scelere defendant (*A estes deuses, ó Romanos, deveis pedir, suplicar e implorar para que esta cidade, que eles quiseram que fosse a mais bela, a mais florescente e a mais poderosa, [uma vez] vencidas todas as tropas dos inimigos na terra e no mar, a defendam do crime sacrílego de cidadãos tresloucados).*

6. Discurso aos Romanos após o regresso do exílio (*Ad Quirites post reditum*)

Em 6 de Setembro de 57 a.C., Cícero pronuncia, perante o povo (*Quirites*), um discurso de agradecimento pelo regresso do exílio. Assim se intitula no original: *Oratio ad Quirites post reditum*. No dia anterior, Cícero havia discursado no Senado.

O texto consta todo na *sylva*. Verifiquei o original pela edição das *Belles Lettres*[37].

6.1. O geral acolhimento recebido confirma - segundo o orador - o reconhecimento das suas boas intenções e da justeza dos seus procedimentos em defesa dos interesses do Estado aquando do seu mandato consular (ano de 63), os quais estiveram na origem do seu exílio:

> (...) eius deuotionis me esse conuictum iudicio deorum immortalium, testimonio senatus, consensu Italiae, confessione inimicorum, beneficio diuino immortalique uestro, maxime laetor, Quirites. (*Alegro-me profundamente, cidadãos romanos, com o facto de essa minha dedicação à causa pública ter sido confirmada pelo julgamento dos deuses imortais, pelo testemunho do Senado, pelo consenso da Itália, pela confissão dos meus inimigos, pelo vosso benefício divino e imortal).*

6.2. A alegria do reconhecimento compensa bem os sacrifícios suportados:

> Quare, etsi nihil est homini magis optandum, quam prospera, aequabilis perpetuaque fortuna secundo uitae sine ulla offensione cursu, tamen, si mihi tranquilla et placata omnia fuisssent, incredibili quadam et paene diuina, qua nunc uestro beneficio fruor, laetitiae uoluptate caruisssem. (Assim, *embora nada deva ser mais cobiçado pelo homem do que uma felicidade sempre igual e constante, num percurso favorável sem qualquer contrariedade, todavia, se tudo me tivesse corrido em tranquila placidez, não teria eu experimentado o prazer duma alegria inacreditável e quase divina, de que agora desfruto graças a vós).*

6.2.1. A privação ou ausência faz dar maior valor a pessoas e coisas:

> Amicitiae, consuetudines, uicinitates, clientelae, ludi denique et dies festi, quid haberent uoluptatis, carendo magis intelexi, quam fruendo. (*As amizades, os hábitos societários, as relações de vizinhança, o contacto com os clientes, finalmente, os espectáculos desportivos e as celebrações festivas - percebi melhor o seu encanto na privação do que quando os desfrutava).*

6.3. Destaca Pompeu, de entre o conjunto dos seus defensores:

Quorum princeps ad cohortandos uos et ad rogandos fuit Cn. Pompeius, uir omnium, qui sunt, fuerunt, erunt, uirtute, sapientia ac gloria princeps; qui mihi unus uni priuato amico eadem omnia dedit, quae uniuersae reipublicae, salutem, otium, dignitatem. (*O principal de todos a encorajar-vos a interceder por mim junto de vós foi Cneu Pompeu, o varão mais notável em valentia, em sabedoria e glória de quantos há, houve e haverá. Ele sozinho fez a este amigo particular as mesmas benesses que concedeu a todo o Estado: a vida, o repouso e a honra).*

6.3.1. A sua gratidão para com Pompeu não tem limites:

Huic ego homini, Quirites, tantum debeo, quantum hominem homini debere uix fas est. (*Romanos, devo a este homem tudo o que dificilmente um homem pode dever a outro homem).*

6.4. Eterno será o seu reconhecimento ao povo romano:

Quapropter memoriam uestri beneficii colam beneuolentia sempiterna (...). (*Por isso, guardarei a memória do vosso benefício com eterno afecto).*

---

37 Ver Bibl. B) Cicéron, 1952.

C. Ensaios filosóficos

1. *As "Tusculanas" de Cícero*

Tusculanae disputationes

O antologista escolheu todo o II livro - *De tolerando dolore (Como suportar a dor)* - e cerca de metade do III livro - *De aegritudine lenienda (Como aliviar a angústia)*. O livro III termina na *sylva*, de acordo com a numeração adoptada pelas *Belles Lettres*, em XV, 31, na expressão "nulla fieret mutatio", surgindo o texto rematado pelo seguinte itálico: "caetera consulto omissa sunt" (*O resto foi intencionalmente omitido*). Confrontei os originais pelas edições das *Belles Lettres*[38].

1.1. *De tolerando dolore*

1.1.1. A razão primeira da escolha da obra surge logo no início:

> Ego, autem, Brute, necesse mihi quidem esse arbitror philosophari. (*Eu, porém, Bruto, considero que não posso passar sem a filosofia).*

1.1.2. É possível que um dos atractivos da obra para os mestres jesuítas fosse a refutação por Cícero das teses de Epicuro:

> Primum igitur de imbecillitate multorum et de uariis disciplinis philosophorum loquar (...). Deinde ad hanc eneruatam muliebremque sententiam satis docilem se Epicurus praebuit. (*Começarei, pois, a falar da fraqueza de muitos filósofos e de escolas diversas (...). Depois, a esta opinião [a de Aristipo, que considerava a dor como o mal supremo] tão cobarde e feminil mostrou-se Epicuro receptivo).*

1.1.3. É com coragem que a dor deve ser suportada:

> Appelata est enim ex uiro uirtus; uiri autem propria maxime est fortitudo, cuius munera duo sunt maxima, mortis dolorisque contemptio. (*Com efeito, de uir se derivou uirtus. Ora, o que caracteriza essencialmente uma alma viril é a coragem, e a coragem tem dois atributos essenciais, que são o desprezo da dor e da morte).*

1.1.3.1. E Cícero refuta de novo Epicuro, naquele seu princípio de considerar "dolorem summum malum" (*a dor como o maior dos males*).

1.2. *De aegritudine lenienda*

A justificação do livro por parte de Cícero vem logo à cabeça, podendo ter sido suficiente para a opção do antologista:

> Quidnam esse, Brute, causae putem, cur, cum constemus ex animo et corpore, corporis curandi tuendique causa quaesita sit ars atque eius utilitas deorum immortalium inuentioni consecrata, animi autem medicina nec tam desiderata sit ante quam inuenta, nec tam culta, posteaquam cognita est (...)? (*Que explicação encontrar, Bruto, para o seguinte: sendo nós constituídos por alma e corpo, para prevenir e tratar as doenças do corpo criámos uma ciência cuja utilidade reconhecemos, atribuindo aos deuses imortais a sua invenção; pelo contrário, a medicina da alma nem foi tão desejada antes de inventada nem suficientemente cultivada depois de conhecida (...)?).*

2. *Paradoxa Aliquot*

Os Paradoxa Stoicorum, de Cícero, em número de 6, foram escritos por volta de 47-46 a.C., num período crítico da vida do autor. Em momentos de crise ou de maior vagar, Cícero voltava-se para a reflexão filosófica, na qual encontrava forças para superar as dificuldades. Os "paradoxa" são dedicados a Marcus Brutus, que viria a ser, uns anos depois, um dos assassinos de Júlio César.

Na antologia constam os "Paradoxos" 2, 5 e 6. Para a tradução de algumas passagens baseio-me na edição das *Belles Lettres*[39]. Os números em romano indicam o livro respectivo, e os números em árabe remetem para as páginas das *Belles Lettres*.

---

38 Ver Bibl. B) Cicéron, 1970 e 1968a.
39 Ver Bibl. B) Cicéron, 1971a.

2.1. *I Paradoxo*

O texto é precedido de uma epígrafe servindo de sumário, que a antologia reproduz:

In quo uirtus sit ei nihil deesse ad beate uiuendum. (*De como para viver feliz nada falta àquele que possui a virtude).*

2.1.1. Cícero considera que Atilius Regulus[40], apesar das adversidades da vida, era feliz porque virtuoso - II, 103:

Non enim magnitudo animi cruciabatur eius a Poenis, non grauitas, non fides, non constantia, non ulla uirtus, non denique animus ipse (...). (*Na verdade, a sua grandeza de alma não era torturada pelos Cartagineses, nem a firmeza de carácter, nem a lealdade, nem a perseverança, nem qualquer das suas virtudes, nem, enfim, o seu próprio espírito(...)).*

2.1.2. São incalculáveis as potencialidades da virtude - II, 103:

Nescis, insane, nescis quantas uires uirtus habeat: nomen tantum uirtutis usurpas, quid ipsa ualeat ignoras. (*Desconheces, insensato, desconheces quanta força possui a virtude; enches a boca só com o nome de virtude, mas dela ignoras o real valor).*

2.1.3. Mesmo a morte não atemoriza quem busca imortalidade pela glória - II, 104:

Mors terribilis iis quorum cum uita omnia extinguuntur, non iis quorum laus emori non potest. (*É aterradora a morte para aqueles em quem com a vida tudo se extingue, não para aqueles em quem a glória não pode morrer).*

2.1.4. Concluindo - II, 105:

Quam ob rem ut improbo et stulto et inerti nemini bene esse potest, sic bonus uir et sapiens et fortis miser esse nemo potest. (*Por isso, assim como não pode haver felicidade para o mau, o ignorante e o cobarde, assim também ninguém pode ser infeliz se for um homem bom, sábio e corajoso).*

2.2. *V Paradoxo*

2.2.1. Epígrafe:

Omnes sapientes liberos esse et stultos omnes seruos. (*Todos os sábios são livres e todos os ignorantes são escravos*[41]).

2.2.2. Só é verdadeiro chefe quem consegue mandar em si mesmo - V, 117:

Imperator quo modo, aut qui tandem hic libero imperabit, qui non potest cupiditatibus suis imperare? Refrenet primum libidines, spernat uoluptates, iracundiam teneat, coerceat auaritiam, ceteras animi labes repellat, tum incipiat aliis imperare cum ipse improbissimis dominis dedecori ac turpitudini parere desierit. (*Como considerar chefe, ou a que homem livre se imporá, aquele que não consegue dominar as suas paixões? Que ele refreie primeiro os seus desejos, despreze os prazeres, contenha a cólera, modere a avidez, afaste as outras debilidades da alma - só então comece a comandar os outros, quando ele próprio tiver deixado de obedecer a amos tão perversos: a desonra e a indignidade).*

2.2.3. É livre quem segue o bem - V, 118:

Quid est enim libertas? Potestas uiuendi ut uelis. Quis igitur uiuit ut uult nisi qui recta sequitur, qui gaudet officio (...)? (*O que é, com efeito, a liberdade? A faculdade de viver como se quer. Quem, portanto, vive como deseja senão aquele que apenas segue o recto caminho, que encontra prazer no dever cumprido (...)?).*

2.2.3.1. Só o sábio reúne condições para a liberdade - V, 118:

Soli igitur hoc contingit sapienti, ut nihil faciat inuitus, nihil dolens, nihil coactus. (*Só ao sábio, portanto, cabe em sorte nada fazer contrariado, de nada se arrepender, não agir contrafeito).*

---

40 Cônsul romano em 267 a.C: modelo de cidadão romano pela sua dedicação à causa pública e pelo seu patriotismo.

41 Este elogio da sabedoria, por contraste mais com a insensatez (*stultitia*) do que com a ignorância, leva a pensar no *Livro da Sabedoria* do Antigo testamento, cuja redacção a exegese bíblica mais recente faz datar entre os anos de 125 e 50 antes de Cristo. Teria Cícero conhecimento dessa obra judaica?

2.2.4. Enumera em seguida algumas das muitas dependências - V, 119 e 120:

a) An ille mihi liber cui mulier imperat, cui leges imponit, praescribit, iubet, uetat quod uidetur, cui nihil imperanti negare potest, nihil recusare audet ? (Porventura pensarei ser livre *aquele em quem a mulher manda, a quem impõe as [suas] leis, prescreve, ordena, proíbe o que lhe bem apetece, a cujas ordens não pode furtar-se, nada ousa recusar?).*

b) An eorum seruitus dubia est qui cupiditate peculii nullam condicionem recusant durissimae seruitutis? (*Porventura haverá dúvidas sobre a escravidão daqueles que por amor dum pecúlio não recusam condição alguma da mais dura servidão ?).*

2.3. VI *Paradoxo*

2.3.1. Epígrafe:

Quod solus sapiens dives. (*Que só o sábio é rico).*

2.3.2. Conceito de "homem rico" - VI, 124:

Quem enim intellegimus diuitem aut hoc uerbum in quo homine ponimus? Opinor in eo, cui tanta possessio est ut ad liberaliter uiuendum facile contentus sit, qui nihil quaerat, nihil adpetat, nihil optet amplius. (*De facto, o que entendemos por " rico" ou a que homem aplicamos este vocábulo? Àquele, penso eu, cuja riqueza é tal que, para viver com liberdade, com essa riqueza se contenta, que mais nada procura, nada mais cobiça, nada mais deseja).*

2.3.3. A riqueza está no espírito e não nos bens - VI, 125:

Animus hominis diues, non arca appellari solet; quamuis illa sit plena, dum te inanem uidebo, diuitem non putabo. Etenim ex eo, quantum cuique satis est, metiuntur homines diuitiarum modum. (*É ao espírito de um homem e não ao seu cofre-forte que costumamos chamar rico. Mesmo que o cofre esteja cheio, enquanto te vir vazio não te julgarei rico. Com efeito, é a partir daquilo com que cada um se satisfaz que os homens medem o grau da sua riqueza).*

2.3.3.1. Iam fateris igitur non esse te diuem, cui tantum desit ut expleas id quod exoptas. (*Já confessas então que não és rico, tu a quem tantas coisas faltam para satisfazer os teus desejos).*

Segundo Jean Molager (Cf. Bibl. B) Cicéron, 1971a, p. 144) Cícero pretenderia consolar os nobres vencidos na batalha de Farsália (48 a. C). Farsália ficava na Tessália, na Grécia. César venceu aí Pompeu,

2.3.4. Reforçando quanto ficou dito - VI, 128:

Non esse cupidum pecunia est, non esse emacem uectigal est; contentum uero suis rebus esse maximae sunt certissimaeque diuitiae. (*Não ser ávido é uma riqueza, não ser comprador é um rendimento; com efeito, estar contente com o que se tem é a maior riqueza e a mais garantida).*

2.3.5. A riqueza imperecível - VI, 128-129:

Etenim si isti callidi rerum aestimatores prata et areas quasdam magno aestimant, quod ei generi possessionum minime quasi noceri potest, quanti est aestimanda uirtus, quae nec eripi nec subripi potest, neque naufragio neque incendio amittitur, nec tempestatum nec temporum perturbatione mutatur! (*Efectivamente, se estes astutos apreciadores dos bens têm em grande conta os prados e certas áreas [de terreno], porque esse género de propriedade está sujeito ao mínimo risco de danificação, em que preço não devemos avaliar a virtude, que não nos pode ser tirada, abertamente ou às ocultas, nem se perde por naufrágio ou incêndio, nem se altera no redemoinho das tempestades e dos tempos!*[42]).

Observação

O Livro III da *sylva* contém, além das *Tusculanae* de Cícero, o *De Coniuratione Catilinae*, de Salústio, e um livro do *De rebus Alexandri Magni regis Macedonis*, de Quinto Cúrcio. Os textos do III Livro da antologia jesuíta destinavam-se *mediis classibus*. Daí que, naturalmente, se prestassem mais à reflexão teórica, com ligação mais ou menos estreita à filosofia. Particularmente adequados a esse objectivo estariam os livros das Tusculanas, tendo cabido a selecção aos livros II e III (este só parcialmente). A "Conjuração de Catilina" serviria, porventura, de complemento às "Catilinárias", abordadas, como já vimos, nas classes inferiores; e não é de excluir a hipótese do interesse do antologista por Salústio. Por sua vez, Alexandre Magno (não seria o autor - Quinto Cúrcio - que interessava), vindo imediatamente a seguir ao "Catilina" de Salústio, poderia permitir o contraste entre as duas personagens históricas, com as consequentes lições

---

tornando-se senhor único do mundo romano.

[42] Vale a pena confrontar este pensamento de Cícero com o conceito de riqueza posto pelo evangelista Mateus na boca de Jesus de Nazaré: " Não entesoireis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e os ladrões arrombam e roubam" (Mt. 6, 19).

morais disponíveis. Como sabemos, a gesta de Alexandre Magno tivera grande voga na Idade Média. Não admira assim que os Jesuítas, fiéis à tradição, acolhessem na antologia um dos livros de Quinto Cúrcio. Na *sylva* vem o I livro "De rebus Alexandri Magni Historia", que pude confrontar com uma edição de 1738, assim designada: "Q. Curtii Rufi, De rebus Alexandri Magni Historia, Patavii, 1738, Ex typographia Seminarii, Apud Ioannem Manfrè", e seguida da expressão "Superiorum permissu". Faltam na *sylva* as 15 linhas finais do livro nesta edição de Pádua. Por se tratar de historiadores, Salústio e Cúrcio são tratados em capítulo próprio.

Capítulo III: Dramaturgia

Plauto, Terêncio e Séneca

Introdução

Plauto e Terêncio são dramaturgos. Séneca, sendo essencialmente filósofo, figura neste capítulo (e nas antologias estudadas) enquanto autor de tragédias.

Conhecida a importância atribuída pelo *Ratio Studiorum* ao teatro na formação dos alunos, a inclusão de dramaturgos romanos nas antologias escolares devia obedecer, entre outros propósitos, ao de familiarizar os estudantes com a linguagem coloquial característica do teatro, como, de resto, refere o prefaciador de uma das antologias em extracto adiante transcrito.

No *Sylvae variorum autorum, qui inferioribus classibus idonei sunt, tomus secundus*, de 1593, constam as peças: *Captiui* e *Stichus*, de Plauto; *Andria*, *Eunuchus* e *Heautontimorumenos*, de Terêncio. Plauto já em 1568 havia surgido numa edição coimbrã com emblema da Companhia de Jesus, onde vêm as peças: *Aululariа*, *Captiui*, *Stichus* e *Trinumus*. A *Aululariа* consta ainda da "Sylva Diversorum autorum", de 1587. Nesta antologia vêm todos os prólogos das peças de Terêncio, os quais serão abordados separadamente.

Quanto a Séneca, temos quatro peças: *Tiestes*, *Troas*, *Hércules Furioso* e *Medeia*. São edições de Coimbra e de Évora: uma, datada de 1559, contém as tragédias *Tiestes* e *Troas*, e encontra-se nos reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa; a outra, com data de 1560, traz as tragédias *Hércules Furioso* e *Medeia*, e pertence aos Reservados da Biblioteca de Évora. O monograma da Companhia de Jesus prova tratar-se de edições destinadas aos colégios dos Jesuítas.

Plauto

O texto da Sylva acima referido vem precedido da seguinte observação:

> In quo [libro] continetur, sublatis iis locis, qui in modestiam legentis possent offendere, una vel altera Plauti comoedia: cujus poetae elegantia ita olim Romanis placuit, ut dixerit quidam quem Quintilianus laudat, Musas, si latine loqui voluissent, Plautino[1] sermone fuisse locuturas. (*No qual [livro] se contém - uma vez suprimidas as passagens susceptíveis de atentar contra a modéstia do leitor - uma ou outra comédia de Plauto. A elegância deste poeta foi outrora tão do agrado dos Romanos que alguém, elogiado por Quintiliano, afirmou que as Musas, se tivessem pretendido falar em latim, ter-se-iam expressado à maneira de Plauto).*

Na edição de 1568, à enunciação das quatro comédias mencionadas segue-se esta referência:

> Ex quibus ea deleta sunt quae bonis moribus nocere possent. (*Suprimiram-se aquelas passagens que poderiam obstar aos bons costumes).*

E na concessão do alvará ao "imprimidor" João Barreira, assinado pelo Cardeal-Infante D. Henrique como Regente de Portugal, em 14 de Setembro de 1567, e transcrito na antologia sob o título "Privilégio del Rei N.S.", afirma o Regente:

> João de Barreira me enviou dizer por sua petição que os Padres do Colégio das Artes e humanidades da dita cidade [Coimbra] têm alguns livros compostos e outros emendados de erros e cousas desonestas: os quais se deixaram até [ag]ora de ler por não haver quem os quisesse imprimir e fazer a despesa para isso necessária[2].

Ao texto do "Privilégio" segue-se um prefácio com autor expresso:

> Iacobus Ferdinandus ex Societate Iesu, pietatis, ac bonarum litterarum studiosis adolescentibus. (Tiago *Fernandes, da Companhia de Jesus, aos jovens estudiosos das obras de devoção e de humanidades).*

---

1 *Platino* na sylva.

2 Respeito integralmente o texto do alvará régio, apenas o adequando à ortografia actual.

E explicita assim o objectivo da antologia por parte da Companhia de Jesus:

(...) ut non modo vos latinae linguae aliarumque disciplinarum praeceptis imbuat, sed in omni etiam genere virtutum ac bonis moribus erudiat (...). ((...) *Para que não só vos impregne dos preceitos da lingua latina e das outras disciplinas, mas ainda vos instrua em todo o género de virtudes e de bons costumes).*

Apresenta, em seguida, a razão da inclusão de Plauto:

Cumque (soli) poetae comici deessent, qui vos in quotidiano et familiari sermone non parum juuare possent (...). (*Dado que (...) só faltavam poetas cómicos, em boa medida capazes de ajudar-nos na linguagem corrente e familiar*).

Para justificar a selecção feita nas peças de Plauto, releva o critério moral:

(...) en damus vobis quator Plauti comoedias: quae quamvis elegantia non sint caeteris inferiores, argumenti tamen honestate longe illis sunt superiores. (*(...) Eis que vos oferecemos quatro comédias de Plauto. Embora elas não sejam inferiores às outras na beleza [da linguagem], todavia superam-nas na probidade do argumento).*

E conclui por uma referência aos professores:

(...) qui non minorem dant operam, ut vos litteris instituant, quam ut pietate ac religione caeterisque virtutibus informent. ((...) *os quais não se empenham menos em instruir-vos nas letras do que em educar-vos na piedade, na religião e nas restantes virtudes).*

Se tivermos presente o acolhimento de Plauto no renascimento italiano, com as influências, nomeadamente, de Ariosto e de Lourenço de Médicis[3], mais evidente ainda se torna o acolhimento de Plauto nos programas escolares jesuíticos do séc. XVI. Por outro lado, a sensibilidade do antologista para o reconhecimento da "elegantia" plautina - bem acentuada, aliás, ao longo da Idade Média - vai de conformidade com um dos objectivos assumidos pelos responsáveis do ensino dos colégios a cargo da Companhia de Jesus.

No confronto dos textos plautinos das antologias com os originais de Plauto, oriento-me pela edição francesa das *Belles Lettres*[4].

---

3 Cf. Paratore, 1962, p. 56.

4 Ver Bibl. B) Plaute, 1932 e 1943.

1. *Aulularia*

O que nesta peça mais terá despertado o interesse do antologista talvez tenha sido a personagem do avarento, que, um século depois, inspiraria Molière para o seu imortal "Avare" (1668).

O texto plautino é expurgado não apenas das piadas mais grosseiras, como as relativas à homossexualidade, mas sobretudo das referências à violação, gravidez e parto de Fedra, filha de Euclião. Em alguns casos, as supressões põem em risco, como poderei demonstrar, a inteligibilidade do texto fornecido ao leitor. O puritanismo sexual leva a omitir, na peça de Plauto, cenas de grande sensibilidade humana.

A síntese a seguir apresentada dará uma ideia aproximada do confronto entre o original de Plauto e o texto antologizado.

1.1.- O deus Lar só se decidiu a revelar a existência da marmita cheia de ouro, escondida na velha casa, em atenção à religiosidade da jovem Fedra - vv. 23-27:

> Huic filia una est; ea mihi cottidie / Aut ture aut uino aut aliqui semper supplicat. / Dat mihi coronas. Eius honoris gratia / Feci thesaurum ut hic reperiret Euclio, / Quo illam facilius nuptum, si uellet, daret. (*Tem ele uma filha única, que, todos os dias, me oferece em sacrifício incenso ou vinho ou qualquer outra dádiva. Dá-me coroas. Em homenagem a ela, fiz com que Euclião descobrisse aqui o tesouro, a fim de, mais facilmente, a poder casar, se assim bem o entender).*

1.1.1. Mas é suprimida a passagem imediata, que é o pretexto próximo para a intervenção divina. A omissão dos vv. 28 a 36 privam o leitor de uma parte essencial do argumento. Vejamos os três primeiros versos omitidos:

> Nam compressit eam de summo adulescens loco. / Is scit adulescens quae sit quam compressit; illa illum nescit neque compressam autem pater. (*Com efeito, ela foi violada por um jovem de elevada posição social. Este jovem sabe qual foi a mulher que ele violou. Mas ela desconhece-o, nem o pai dela sabe da situação).*

1.2. A obsessão de Euclião contra eventuais ladrões do tesouro achado é-nos revelada, em primeira mão, pela escrava Estáfila - vv. 72-73:

Peruigilat noctes totas; tum autem interdius / Quasi claudus sutor domi sedet totos dies. (*Passa a noite inteira em claro, e, de dia, fica parado de manhã à noite como um sapateiro coxo).*

1.2.1. Corta-se a referência da escrava à situação de Fedra - vv. 74 a 76:

Neque iam quo pacto celem erilis filiae / Probrum, propinqua partitudo cui appetit, / Queo comminisci (...). (*Nem já consigo descobrir como ocultar a desonra da filha do patrão, cujo parto se aproxima).*

1.3. A misoginia plautina passa na antologia: Eunómia aconselha o irmão Megadoro a casar, embora ambos tenham consciência de que as mulheres valem pouco - vv. 139-140:

- Nam optuma nulla [mulier] potest eligi: / alia alia peior, frater, est. / - Idem ego arbitror (...). (*Impossível escolher uma [mulher] que seja excelente: cada uma é pior que a outra, meu irmão. - Assim penso eu também).*

1.4. São exemplares, pelo menos à primeira vista, as razões da escolha por Megadoro de uma noiva pobre - v. 239:

Dum morata recte ueniat, dotata est satis. (*Desde que venha dotada de bons costumes, já tem dote bastante).*

1.5. A caricatura da avareza vem expurgada da parte mais grosseira. Transcrevo os vv. 302 a 304, faltando este último na antologia:

- Quin cum it dormitum, follem obstringit ob gulam. / - Cur? - Ne quid animae forte amittat dormiens. / - Etiamne obturat inferiorem gutturem ? (*Mais: quando vai dormir, ata uma bolsa à boca. - Para quê? - Para nada perder de si durante o sono. - Será que fecha também o orifício de baixo?).*

1.6. A distribuição das tocadoras de flauta por cada uma das casas é omitida - vv. 332-334:

At nunc tibi dabitur pinguior tibicina. / I sane cum illo, Phrugia; tu autem, Eleusium, / Huc intro abi ad nos. (*Mas agora levas a flautista mais suculenta: vai pois com ele, Frígia; e tu, Elêusia, entra aqui connosco).*

1.7. O cozinheiro Conquião, estando em casa de Euclião sem o conhecimento deste, pede à criada uma marmita maior. O equívoco resultante da polissemia da palavra gera o cómico - vv. 390-392:

> - Aulam maiorem, si potes, ex uicina / Pete; haec parua est, capere non quit . - Ei mihi / Perii hercle ! Aurum rapitur, aula quaeritur. (- *Pede à vizinha uma panela maior; esta é pequena, não comporta o suficiente. - Ai de mim! Levam-me o ouro: andam à procura da marmita).*

1.8. Afinal, a preferência de Megadoro por uma mulher pobre não resulta de generosidade pessoal, antes de atitude de precaução machista - vv. 534-535:

> Nam quae indotata est, ea in potestate est uiri. / Dotatae mactant et malo et damno uiros. (*Uma mulher sem dote, essa fica na dependência do marido. As que têm dote imolam os maridos com infortúnios e danos*[5]).

1.9. Uma alusão ao mito de Io[6] guardada por Argus é suprimido: Euclião considera que nem os cem olhos de Argus bastariam para vigiar os cozinheiros em sua própria casa, já que eles poderiam descobrir a marmita com o ouro - vv. 555-557:

> Quos si Argus seruet, qui oculeus totus fuit, / Quem quondam Ioni Iuno custodem addidit, / Is nunquam seruet. (*A esses, Argus, que todo era olhos, a quem um dia Juno confiou a guarda de Io, se receber essa tarefa, não conseguirá vigiá-los).*

1.10. A organização do texto antológico é feita de forma a omitir a paixão de Licónides por Fedra. Daí a supressão dos versos 595-600 e 603-607, da fala do escravo Estrobilo, de que transcrevo os três últimos:

> Nam erus meus amat filiam huius Euclionis pauperis: / Eam ero nunc renuntiatum est nuptum huic Megadoro dari. / Is speculatum huc misit me, ut quae fierent fieret particeps. (*Na verdade, o meu amo está apaixonado pela filha aqui deste Euclião*[7]*, um pobretana. Chegou aos ouvidos do patrão que ela está prometida em casamento ali a Megadoro. O amo mandou-me para aqui em vigilância, para ele ser informado do que se vier a passar*[8]).

---

5 A fala de Megadoro é produzida num aparte, supostamente não ouvida por Euclião.

6 O mito estava muito divulgado, graças mormente aos poemas de Ovídio, de grande acolhimento mesmo durante a Idade Média.

7 Na representação, o espectador percebia, através da expressão gestual, que se tratava de um vizinho da casa. Euclião e Megadoro, bem como o sobrinho deste, Licónides, eram todos vizinhos.

8 Esta passagem é fundamental na economia do enredo, já que da observação do criado vai resultar o seu acto de furto da marmita.

1.11. A cena de Licónides com sua mãe (Eunómia) é encantadora. Mas sai truncada pela omissão, na antologia, da referência pela mãe à violação, assim demonstrando, na peça, ser verdadeira confidente do filho. Eis parte dos versos suprimidos, que nos dão o diálogo mãe - filho, e o grito da parturiente - vv. 687 a 693:

> - Et causa iusta est, siquidem ita est ut praedicas, / Te eam compressisse uinolentum uirginem. / - Egone ut te aduorsum mentiar, mater mea? / - Perii, mea nutrix! Obsecro te, uterum dolet. / Iuno Lucina, tuam fidem! - Em, mater mea, / Tibi rem potiorem uerbo: clamat, parturit. (- *E a razão é aceitável, se é assim como dizes: ter sido sob o efeito do vinho que violaste a rapariga.- Será que eu ia mentir na tua face, minha mãe? - Eu morro, ama minha ! Olha por mim ..., dói-me a barriga! Protege-me, Juno Lucina!* [9] *- Ouve, minha mãe: a realidade mostra mais do que as palavras: ela grita, está a dar à luz).*

Licónides, ao ouvir os gritos de Euclião, pensa ter este descoberto a situação da filha, quando, afinal, ele deplora o roubo da marmita. A supressão desses versos - 728-729 - torna obscuro o texto antológico:

> - Atque hic quidem Euclio est, ut opinor. / Oppido ego interii; palamst res. / Scit peperisse iam, ut ego opinor, filiam suam (...). (*Mas este é Euclião, sem dúvida, creio eu. Estou completamente perdido: tudo está descoberto. Já sabe que a filha deu à luz, segundo penso).*

1.13. A cena em que se defrontam Euclião e Licónides é nuclear na narrativa dramática de Plauto. Mas o antologista vai manipulá-la de acordo com as omissões relativas à relação amorosa Fedra - Licónides. O dramatismo da confissão e arrependimento de Licónides da peça plautina dilui-se no simples equívoco sobre o objecto do "roubo". Vejamos o texto original - vv. 731 a 742:

> - Quis homo hic loquitur? - Ego sum [miser]. / - Immo ego sum [miser], et misere perditus, / Cui tanta mala maestitudoque optigit. - Animo bono es. / - Quo, obsecro, pacto esse possum? - Quia istuc facinus quod tuum / Sollicitat animum, id ego feci et fateor. - Quid ego ex te audio? /
> - Id quod uerumst. - Quid ego erga te commerui, adulescens, mali, / Quam ob rem ita faceres meque meosque perditum ires liberos? / - Deus mihi impulsior fuit, is me ad illam inlexit. - Quo modo? / - Fateor peccauisse et me culpam commeritum scio; / Id adeo te oratum aduenio, ut animo aequo ignoscas mihi. / - Cur id ausu's facere, ut id quod non tuum esset tangeres? / - Quid uis fieri? Factum

---

[9] Confronte-se o puritanismo que levou à omissão das dores de parto de Fedra com o realismo vicentino da longa exibição em palco dos lamentos de Rubena na comédia do mesmo nome, representada, provavelmente, em 1521, na corte portuguesa. E em Gil Vicente trata-se também de uma mulher solteira.

est illud; fieri infectum non potest. / Deos credo uoluisse: nam ni uellent, non fieret, scio. (- *Quem fala aí? - Sou eu, [um desgraçado]. - Desgraçado sou eu, e desgraçadamente perdido, atingido por tantas desgraças e tristezas. - Anima-te. - Como é isso possível, fazes o favor de me dizer? - É que a má acção que tanto te perturba fui eu que a pratiquei, confesso. - Que estou eu a ouvir da tua boca? - O que é a verdade. - Que fiz, pois, eu contra ti, jovem, para assim procederes comigo e para me perder a mim e a meus filhos? - Foi um deus que me impeliu, que me arrastou para ela . - Como ? - Confesso que errei e sei que a culpa foi minha. Por isso vim ter contigo, para que de bom grado me perdoes. - Como ousaste fazer isso: tocar no que te não pertencia? - Que lhe queres? O mal está feito. Não pode anular-se o que feito foi. Julgo que os deuses assim quiseram, pois, se não quisessem, não aconteceria, creio eu).*

1.13.1. Vejamos agora como resulta o texto na antologia: à primeira parte do v. 734 é aglutinado o início do v. 760; segue-se o resto deste verso; repesca-se a seguir o v. 759; vem depois o v. 761. Eis o "remendo":

- Quo obsecro pacto esse possum nisi refers? / - Quid tibi ego referam? - Quod surripuisti meum. / Iam quidem ad Praetorem hercle te rapiam, et tibi scribam dicam. (- *Como posso eu estar [assim, de bom ânimo], se não restituires? - Que te hei-de eu restituir? - O que é meu e me roubaste. Por Hércules, vou já levar-te à presença do Pretor e pôr-te um processo).*

1.14. O final do encontro entre Euclião e Licónides - vv. 790-807 - , de notável humanismo, é suprimido. Destaco a confissão de Licónides, com o respectivo pedido de perdão - vv. 790 a 795:

Qui homo culpam admisit in se, nullust tam parui preti, / Quin pudeat, quin purget sese. Nunc te obtestor, Euclio, ut si quid ego erga te imprudens peccaui aut gnatam tuam, / Vt mihi ignoscas eamque uxorem mihi des, ut leges iubent. / Ego me iniuriam fecisse filiae fateor tuae / Cereris uigiliis per uinum atque impulsu adulescentiae. (*Não há homem algum, por muito pouco que valha, que, ao admitir a sua culpa, se não arrependa, se não justifique. Agora, suplico-te ardentemente, Euclião: se por imprudência, atentei contra ti ou contra a tua filha, perdoa-me e dá-ma por esposa, como mandam as leis. Confesso que violentei a tua filha nas festas de Ceres, devido ao vinho e por arrebatamento juvenil).*

1.14.1. Em substituição dos versos do original, o antologista inventa um falso verso, sem qualquer respeito pela métrica adoptada por Plauto nessa cena - o septenário trocaico. Esse verso - **Vt gnatam tuam, uxorem mihi des** - é a junção de dois sintagmas dos versos 792 e 793, acima transcritos.

2. *Captiui*

Sem uma única personagem feminina e desprovida de intriga amorosa, esta peça de Plauto reunia à partida todas as condições para integrar as antologias escolares. Além do mais, predominam as personagens virtuosas. Assim, foi acolhido quase integralmente o texto original: faltam os versos 69 a 75 e 1030 a 1032.

Como escreve Alfred Ernout no prefácio da edição das *Belles Lettres*[10], a personagem principal - Hegião - é o tipo do bom velho que as desgraças não conseguiram azedar, sempre aberto ao perdão. É um pai exemplar, que tudo faz para recuperar os filhos perdidos, um roubado em criança e outro feito prisioneiro.

2.1. Do parasita Ergásilo, a primeira personagem a entrar em cena, suprime-se o início da fala, de que transcrevo os primeiros versos:

> Iuuentus nomen indidit Scorto mihi, / Eo quia inuocatus soleo esse in conuiuio. (*A malta jovem acrescentou ao meu nome o de Prostituto, pelo facto de eu me sentar à mesa sem ser convidado).*

2.1.1. Para manter o corte de toda a passagem relativa à alcunha (*Scortum*), o texto só é retomado ao meio do verso 75, ficando este verso sem a primeira parte:

> Verum hercle uero (**parte omitida**) nos parasiti planius, / Quos nunquam quisquam neque uocat neque inuocat. (*Mas, por Hércules, na verdade, com maior razão o somos nós ainda, os parasitas, que ninguém convida nem invoca*[11]*).*

2.2. É o parasita quem revela as razões por que Hegião está a fazer comércio de escravos - vv. 98 a 101:

> Nunc hic occepit quaestum hunc fili gratia / Inhonestum et maxime alienum ingenio suo: / Homines captiuos commercatur, si queat / Aliquem inuenire suum qui cum mutet filium. (*Agora entregou-se aqui, por causa do filho, a um negócio pouco honroso e completamente estranho ao seu carácter. Compra escravos para ver se consegue encontrar algum com que possa permutar o seu filho).*

---

10 Ver Bibl. B) Plaute, 1943.

2.3. A angústia da fome expressa pelo parasita - vv. 461 a 463:

> Miser homo est qui ipse sibi quod edit quaerit et id aegre inuenit, / Sed ille est miserior qui et aegre quaerit et nihil inuenit. *(Infeliz é o homem que procura comida por si mesmo e só com grande sacrifício a encontra. Mais infeliz, porém, é aquele que muito procura e nada encontra).*

2. 4. O apresentador, que, no princípio, fizera uma bem longa introdução à representação, encerra a peça com uma fala de oito versos, convidando o público a aplaudir. Transcrevo o primeiro e o último versos - 1029 e 1036:

> Spectatores, ad pudicos mores facta haec fabula est. / (...) / Qui pudicitiae esse uoltis praemium, plausum date. *(Espectadores, esta comédia foi composta para os bons costumes. (...) Vós, que gostais de premiar a virtude, aplaudi).*

2.4.1. Mas os versos 1030 a 1032 - perfeitamente inofensivos - são suprimidos:

> Neque in hac subigitationes sunt, neque ulla amatio, / Nec pueri suppositio, nec argenti circunductio. *(Nela [a comédia] não há assédios sexuais, nem namoricos, nem falsa conjectura de criança[12], nem fraude com dinheiro).*

3. *Stichus*

À semelhança dos *Captiui*, como já foi dito, o *Stichus* figura na antologia de 1568 e na *sylva* de 1593. A edição de 1568 termina no v. 640; a *sylva* leva o texto até ao fim. Ao contrário da edição de 1568, a *sylva* não respeita a autonomia dos versos.

Desta peça poderá ter impressionado o antologista particularmente a fidelidade das duas irmãs aos maridos ausentes. Mas outros aspectos haverá a destacar.

3.1. As duas irmãs, "viúvas de vivos", - Panégiris e Pânfila[13] - estimulam-se reciprocamente na sua "viuvez" forçada, resistindo ao próprio pai que, em face do prolongado silêncio dos genros emigrados, pretende recasar as filhas - vv. 1 a 4 e 7 a 8:

---

[11] A. Ernout traduz *Scortum* por "La Belle". Segundo este autor, a personagem joga com a ambiguidade do vocábulo latino *inuocatus:* 'invocado' e 'não convidado'; os parasitas seriam como as damas dos apaixonados, "invocadas" por estes no jogo de dados.

- Credo ego miseram fuisse Penelopam, / Soror, suo ex animo, quae tam uidua / Viro suo caruit; nam nos eius animum / De nostris noscimus, quarum uiri hinc absunt (...). / - Nostrum officium nos facere aequomst, / Neque id magis facimus quam nos monet pietas. (- *Penso, irmã, que Penélope teve o espírito em grande sofrimento naquela tão intensa "viuvez" que a privou do marido. Na verdade, conhecemos esse sentimento por nós mesmas, nós que temos os maridos longe daqui (...). - É justo que cumpramos o nosso dever. Nem [sequer] fazemos mais do que aquilo que nos aconselha o amor conjugal).*

3.2. Perante as hesitações da irmã mais velha (Panégiris), Pânfila mostra a sua determinação em manter-se fiel ao casamento - vv. 39 - 40:

- Quia pol meo animo omnis sapientis / Suum officium aequom est colere et facere. (*Porque, a meu ver, por Pólux, é justo que todos os espíritos sábios respeitem o seu dever e o cumpram).*

3.3. As irmãs não pensam desobedecer ao pai, mas estão convencidas de que ele cederá às suas súplicas de não rompimento dos casamentos - vv. 73 - 74[14]:

- Neque equidem id factura neque tu ut facias consilium dabo, / Verum ut exoremus. Noui ego nostros : exorabilist. (*Nem eu [Panégiris] o farei [i.e. desobedecer] nem te aconselharei a que o faças, mas supliquemos-lhe. Conheço a nossa família: ele é exorável).*

3.4. Mas o pai também não tentará forçá-las - vv. 80-81:

Si manere hic sese malint potius quam alio nubere, / Non faciam (...). (*Se preferirem ficar aqui em vez de casarem com outro, não as impedirei(...).*

3.5. Eis o conceito de mulher ideal para cada uma das duas irmãs - vv. 113-114, 117 e 123--125:

- (...) Vt, per urbem quom ambulent / Omnibus os obturent, nequis merito male dicat sibi. / - Quoi male faciundi est potestas , quae ne id faciat, temperat. / - Quae tibi mulier uidetur sapientissima? / - Quae tamen, cum res secundae sunt, se poterit noscere, / Et illa quae aequo animo patietur sibi esse

---

12 *Pueri supposítio* era um acto fraudulento que consistia em atribuir a uma mulher uma falsa gravidez ou um parto inexistente.

13 Nas antologias Pânfila vem como Pinácio, que é um jovem escravo de Panégiris; por sua vez, o Pinácio do original toma o nome de Dinácio.

peius quam fuit. (- (...) *que, quando passam na rua, façam calar a boca a toda a gente, de tal maneira que ninguém com razão possa dizer mal delas. - A que, tendo a possibilidade de fazer mal, se abstém de o fazer. - E tu [Panégiris], qual a mulher que te parece a mais sábia? - Aquela que, quando as coisas correm de feição, é capaz de se conhecer e a que é capaz de sofrer com igual ânimo quando a vida passar a correr pior do que antes).*

3.5.1. Esta conversa sobre mulheres tem o seguinte contexto: o pai pretende saber a opinião das filhas sobre como conseguir uma esposa (está viúvo e diz querer casar de novo). Nesse fragmento se inserem as falas dos vv. 121-122, entre o pai e a filha mais nova:

- Qui potest mulier uitare uitiis ? - Vt cottidie / Pridie caueat ne faciat quod pigeat postridie. (- *Como pode uma mulher evitar os [seus] defeitos ? - Evitando em cada dia fazer o que, no dia seguinte, lamentará ter feito).*

3.5.1.1. Na antologia o texto é claramente deturpado, ficando reduzido desta forma a um só interlocutor:

Qui potest mulieres uitare, uitet: ut cottidie / Pridie caueat, ne faciat quod pigeat postridie. (*Quem pode evitar as mulheres, evite-as: de modo a precaver-se a tempo para não fazer aquilo de que possa vir depois a arrepender-se*[15]*).*

3.6. Depois de muitos rodeios, o pai revela o seu mau carácter, mas as filhas sabem resistir-lhe com dignidade - vv. 137 a 142:

- Quid illos exspectatis qui abhinc iam abierunt triennium? / Quin uos capitis condicionem ex pessuma primariam? / - Stultitiast, pater, uenatum ducere inuitas canes. / Hostis est uxor inuita quae uiro nuptum datur. / - Certumne est neutram uostrarum persequi imperium patris? / - Persequimur; nam quo dedisti nuptum abire nolumus. (- *Porque continuais à espera deles [os maridos], quando já lá vão três anos decorridos sobre a sua partida? Porque não concluís um casamento de primeira categoria largando um muito inferior? - É uma insensatez, pai, mandar as cadelas caçar contra vontade. Uma mulher casada sem o seu consentimento é uma inimiga para o marido. - É certo então que nenhuma de vós acata a ordem do [vosso] pai? - Acatamos sim: com efeito não queremos renunciar àqueles que tu nos deste em casamento).*

---

14 Estes versos constam da antologia , mas estão deslocados: ao verso 83 do original seguem-se na antologia os vv. 75 a 79, vindo em seguida os vv. 70 a 79. Os versos 80 a 83 da antologia vêm logo a seguir ao v. 69 do original.

15 Em vez do texto plautino, o antologista estaria antes a guiar-se pelo Apóstolo Paulo: "Acho que é um bem se um homem não se casar" (1ª Coríntios, 7).

3.7. Os maridos regressam ricos, trazendo também consigo tocadoras de lira, flauta e harpa, mas esta referência é omitida na antologia - vv. 380-381:

> - Poste, ut occepi narrare, fidicinas, tibicinas, sambucas aduexit secum forma eximia (...). (*Além disso, como comecei a dizer, trouxe consigo tocadoras de lira, de flauta e de harpa, de notável beleza (...).*

3.8. O poder do dinheiro - vv. 408-410 e 518-522:

> - Nam iam Antiphonem conueni adfinem meum, / Cumque eo reueni ex inimicitia in gratiam. / Videte, quaeso, quid potest pecunia. / [...] Quando ita rem gessistis ut uos uelle amicosque addecet, / Pax commersque est uobis mecum. Nam hoc tu facito ut cogites: / Vt cuique homini res paratast, perinde amicis utitur. / Si res firma, item firmi amici sunt; sin res laxe labat, / Itidem amici conlabascunt. Res amicos inuenit[16]. (- *Já me encontrei com o meu sogro Ântifo, com quem me reconciliei. Atentai, por favor, no poder do dinheiro. [...] Uma vez que geristes os negócios da forma mais conveniente para vós e vossos amigos, há paz e amizade entre nós. Pois, que isto vos entre bem na cabeça: conforme as coisas correm a um homem, assim ele tem [ou não] os amigos à sua disposição. Se a fortuna é sólida, sólidos são os amigos; se ela começa a decompor-se, também os amigos se dissolvem. A prosperidade é que faz os amigos).*

3.9. Toda a cena que relata os propósitos do escravo Estico em se divertir com Estefânia - uma amante partilhada com outro escravo - é omitida. São os versos 425 a 453. Razões idênticas explicam a supressão dos versos 538 a 578: Ântifo pede para concubina uma das tocadoras (os vv. 574-578 não se referem ao velho mas ao parasita).

3.10. O parasita, desesperado de fome e perdida a esperança de reencontrar o antigo acolhimento junto dos patrões, está decidido a enforcar-se. Com esta cena termina a peça na antologia - vv. 638-640:

> - Nunquam edepol me uiuom quisquam in crastinum inspiciet diem: / Nam mihi iam intus potione iuncea onerabo gulam, / Neque ego hoc committam ut me esse omnes mortuum dicant fame. (*Por Hércules, ninguém me verá vivo até amanhã. Com efeito, vou já para dentro atar o pescoço com uma boa dose de corda. Nem arriscarei que alguém diga que morri de fome).*

---

[16] Há na antologia ligeiras alterações ao texto original, as quais, no entanto, não comprometem o sentido da fala no seu conjunto.

3.11. Como já foi dito, a *sylva* inclui cenas com os escravos Estico, Sagarino e Estefânia, ou seja, os versos 649-695, omitindo apenas as referências directas ao "ménage à trois" e aos excessos festivos (vv. 696-773). Merece relevo este progresso na benevolência censória. De facto, a antologia sai enriquecida com esta cena de amizade entre os três escravos - vv. 676-680 (fala de Estefânia):

> - (...) Nam quoniam nuntiatum est / Ipsarum uenturos uiros, ibi festinamus omnes; / lectis sternendis studuimus munditiisque apparandis. / Inter illud tamen negotium meis curaui amicis / Sticho et conseruo Sagarino meo cena cocta ut esset. (- *(...) Com efeito, à notícia de que os maridos delas iam chegar, todos nos despachámos: procurámos pôr a mesa e preparar os enfeites. Entretanto, no meio dessas ocupações, não esqueci os meus bons amigos Estico e o meu camarada Sagarino, [velando] por que a ceia estivesse pronta).*

4. *Trinummus*

Alfred Ernout põe a hipótese de que a peça se possa interpretar como obra de tese, pelo contraste entre, de um lado, o amor e o prazer, e, do outro, o sentido da utilidade e do proveito[17]. O que é certo é que os mestres jesuítas devem ter encontrado em "As três moedas" de Plauto um bom armazém de reflexões morais, como poderemos deduzir de alguns extractos. Por outro lado, o facto de nenhuma mulher entrar em cena tornava a obra mais recomendável à "pureza" de costumes dos discípulos dos colégios.

4.1. O Prólogo é confiado à personagem Deboche[18], a cujo círculo de influência pertence *Lesbonicus* (com conotação de Lesbos), uma personagem de primeiro plano na peça. O Deboche tem por filha a Miséria - vv. 12-15:

> Adulescens quidamst qui in hisce habitat aedibus; / Is rem paternam me adiutrice perdidit. / Quoniam ei qui me aleret nil uideo esse reliqui, / Dedi ei meam gnatam [Inopiam] quicum aetatem exigat. (*Há aí um jovem que mora nesta casa; graças a mim, desbaratou os bens paternos. Quando*

---

17 Ver Bibl. B) Plaute, 1943, pp.8-9.

18 Prefiro traduzir o vocábulo latino *luxuria* por deboche. Em latim pré-cristão luxuria tem o sentido genérico de 'fausto', 'sumptuosidade', 'vida de prazeres excessivos'. Aqui, até pela ligação a *Lesbonicus*, "o vencedor em Lesbos", como interpreta A. Ernout, aproxima-se do sentido dado pelo latim cristão de 'prazeres carnais'. Mas a palavra portuguesa *luxúria* é quase só usada em linguagem catequética (o catecismo de Pio X contrapõe à *luxúria* a *castidade).* Adopto, por isso, o termo *deboche*, que no dicionário da Academia tem como primeiro significado "libertinagem".

constatei que nada lhe restava para me alimentar, dei-lhe a minha filha [a Miséria] com quem poderá passar a viver).

4.2. Os bons amigos Cálicles e Megarónides, descontentes com as respectivas esposas, propõem-se uma mútua troca. As críticas às mulheres (vv. 42, 51, 53, 55) passam na antologia, mas a proposta de troca é suprimida, apesar de se tratar de uma brincadeira inofensiva, e, além disso, de a cena rematar por um conselho de bom senso deste teor - vv. 63-64:

- Habeas ut nanctu's: nota mala res optumast. / Nam ego nunc si ignotam capiam, quid agam nesciam. (- *Conserva-a como a encontraste: o mal conhecido [ainda] é o melhor. Na verdade, se eu agora pegar numa desconhecida, não saberei o que fazer*[19]).

4.3. Como bom amigo, Megarónides procura esclarecer directamente junto de Cáricles os fundamentos das más-línguas contra este. Afinal, Cáricles procedera correctamente como tutor de Lesbónicos durante a ausência do pai. Após o encontro com Cáricles, Megarónides termina assim a sua reflexão em monólogo - vv. 217-222:

Quod si exquiratur usque ab stirpe auctoritas, / Vnde quidquid auditum dicant; nisi id appareat, / Famigeratori res sit cum damno et malo, / Hoc ita si fiat, publico fiat bono. / Pauci sint faxim qui sciant quod nesciunt, / Occlusioremque habeant stultiloquentiam. (*Mas se se procurasse saber a fundo a veracidade do que se diz ter sido ouvido, e, no caso de não se confirmar, se punisse o boateiro - se assim se procedesse, seria isso para bem de todos. Poucos seriam, aposto eu, os que "sabiam" o que ignoram, e teriam a boca mais fechada para disparates).*

4.4. Lisíteles questiona-se sobre que caminho seguir. Analisa primeiro o amor - vv. 237-239:

Nunquam Amor quemquam nisi cupidum hominem / Postulat se in plagas conicere. / Eos cupit, eos consectatur, / Subdole blanditur (...). (*O Amor só estende as suas redes a homens apaixonados. A esses deseja-os, persegue-os, acarinha-os subrepticiamente (...).*

4.4.1. No original segue-se ainda um longo texto (vv. 238-254) para descrição das astúcias do amor, mas esses versos não entram na antologia. No entanto, as vozes de sereia, eloquentemente captadas por Plauto, mereciam figurar - vv. 243-246:

- Da mihi hoc, mel meum, si me amas, si audes./ Ibi ille cuculus: - Ocelle mi, fiat; / Et istuc et si amplius uis dari dabitur. (- *Dá-me isto, meu mel, se me amas, se é possível. E o patinho*[20]*: - Sem dúvida, olhinhos meus, e [ainda] aquilo e muito mais te darei, se assim quiseres).*

4.4.2. Mas a conclusão essencial de que o amor deve ser evitado vem na antologia - vv. 264-267:

Mille modis amor ignorandust. / Procul adhibendust atque abstandust. / Nam qui in amorem praecipitauit / Peius perit quasi saxo saliat. (*De mil maneiras se deve ignorar o amor, mantê-lo longe e longe dele ficar. Com efeito, quem caiu de cabeça no amor é como se morresse de uma morte pior do que lançado do alto de uma rocha).*

4.4.3. O caminho alternativo ao amor vai assim expresso pela personagem - vv. 272-273:

Boni sibi haec expetunt: rem, fidem, honorem, / Gloriam et gratiam; hoc probis pretiumst. (*Os bons [cidadãos] buscam para si as seguintes dádivas : riqueza, crédito, honras, glória e influência - aí está a recompensa dos [homens] honestos).*

4.5. Lisíteles é um exemplo de bom filho e de bom amigo (de Lesbónico). Um interessante diálogo entre pai e filho, incluindo, de seguida, um solilóquio do primeiro, ocupa os versos 276 a 401, integralmente reproduzidos na antologia.

4.5.1. O pai aconselha o filho a evitar as más companhias - vv. 281-282 e 284:

Nolo ego cum improbis te uiris, gnate mi, / Neque in uia neque in foro necullum sermonem exsequi. [...] Malus bonum malum esse uolt, ut sit sui similis. (*Não quero, meu filho, que tu, nem na rua nem no fórum, mantenhas qualquer conversa com gente desonesta. [...] O mau pretende que o bom seja mau, para lhe ser semelhante).*

4.5.2. O filho sabe que cumpriu os seus deveres filiais - vv. 301-304:

Semper ego usque ad hanc aetatem ab ineunte adulescentia / Tuis seruiui seruitutem imperiis et praeceptis, pater. / Pro ingenio ego me liberum esse ratus sum, pro imperio tuo / Meum animum tibi

---

19 Mais uma vez se impõe lembrar Gil Vicente, agora na célebre cena cómica da troca de mulheres do Auto da Feira (1528).

20 *Cuculus* significa 'cuco', mas esta palavra tem hoje conotações pejorativas alheias ao texto de Plauto. Ernout traduz por *pigeon*, equivalente ao nosso *pombinho.*

seruitutem seruire aequom censui. (*Desde o começo da adolescência até hoje, obedeci como um humilde escravo às tuas ordens e preceitos, pai. Perante a minha consciência, considerei-me como livre; em face da tua autoridade, entendi ser justo que meu coração se te submetesse como servo).*

4.5.3. O domínio sobre as próprias paixões - vv. 310-311:

Tu si animum uicisti potius quam animus te, est quod gaudeas. / Nimio satiust ut opust te ita essem quam ut animo lubet. (*Se venceste a paixão, e não ela a ti, há razão para te regozijares. É bem mais satisfatório seres como deves ser do que como agrada à paixão).*

4.5.4. O filho havia seguido os bons ensinamentos paternos - vv. 313-316:

Istaec ego mihi semper habui aetati integumentum meae. / Ne penetrarem me usquam ubi esset damni conciliabulum, / Neu noctu irem obambulatum, neu suom adimerem alteri, / Neu tibi aegritudinem, pater, parerem, parsi sedulo. (*Essas tuas lições sempre eu as adoptei como escudo protector da minha vida. Evitei cuidadosamente penetrar em locais de perdição, andar em aventuras nocturnas, retirar o alheio, ou provocar o teu desagrado, meu pai).*

4.5.5. O pai recomenda ao filho sentimentos de insatisfação pessoal - vv. 320-323 (na antologia falta o v. 321, e o 322 permuta de lugar com o 323):

Is probust quem paenitet quam probus sit et / Qui ipsus se contemnit, in eost indoles industriae. / Benefacta benefactis aliis pertegito, ne perpluant. (*Honesto é aquele que tem pesar por não ser tão honesto e de tanta virtude [quanto seria possível]. O que se acha satisfeito consigo mesmo nem é honesto nem de grande virtude. Quem se despreza a si mesmo tende a ajudar os outros. Cobre as tuas boas acções com novas boas acções, para não se dissolverem com a chuva).*

4.5.6. Lisíteles pede autorização ao pai para socorrer um amigo - vv. 326-328:

Adulescenti hinc genere summo, amico atque aequali meo, / Minus qui caute et cogitate suam rem tractauit, pater, / Bene uolo illi facere, si tu non neuis. (*A um jovem daqui, de excelente família, meu amigo e da minha idade, que não velou pela sua fazenda com o necessário cuidado e sensatez, quero, meu pai, ajudá-lo, se tu te não opuseres).*

4.5.7. Embora conceda essa autorização, o pai faz advertências - vv.339-340:

> De mendico male meretur qui ei dat quod edit aut bibat; / Nam et illud quod dat perdit et illi prodit uitam ad miseriam. (*Procede mal com um pobre quem lhe dá de comer ou de beber. Com efeito, deita fora o que lhe dá e prolonga-lhe a vida em miséria).*

4.5.8. Lisíteles pretende casar com a irmã do amigo arruinado (Lesbónico), sem que ela traga dote - vv. 374-375:

> - Soror illi est adulta uirgo grandis; eam cupio, pater, / Ducere uxorem sine dote. - Sine dote uxorem[21]? (- Tem uma irmã, já mulher feita; desejo, pai, desposá-la sem dote. - Uma esposa sem dote?).

4.5.9. O pai reflecte sozinho sobre as desvantagens de um pai contrariar um filho - vv. 395-399:

> Quia qui nil aliud nisi quod sibi soli placet / Consulit aduorsum filium, nugas agit; / Miser ex animo fit, factius nilo facit. / Suae senectuti is acriorem hiemem parat, / Quom illam importunam tempestatem conciet. (*Pois aquele pai que toma uma resolução relativamente ao filho, apenas de acordo com o que lhe apraz, perde o seu tempo. Desgraça-se por suas próprias mãos e nada acrescenta aos seus interesses. Prepara um inverno mais rigoroso para a sua velhice, quando provoca uma inoportuna tempestade*).

4.6. Numa atitude de grande dignidade e de amor fraterno, Lesbónico recusa casar a irmã sem dote - vv. 505-510:

> Quom adfinitate uestra me arbitramini / Dignum, habeo uobis, Philto, magnam gratiam. / Sed si haec res grauiter cecidit stultia mea, / Philto, est ager sub urbe hic nobis; eum dabo / Dotem sorori, nam is de stultitiis meis / Solus superfit praeter uitam relicuus. (*Pelo facto de me julgardes digno do vosso parentesco, Filton, estou-vos profundamente reconhecido. Dado, porém, que os bens se esfumaram por culpa da minha loucura, Filton, resta-nos um campo aqui perto da cidade. Dá-lo-ei a minha irmã, já que, devido às minhas asneiras, ele é a única coisa que me ficou, juntamente com a vida).*

---

[21] Na antologia, a expressão sine dote é suprimida na fala de Lisíteles, o qual só confirma querer a rapariga "sem dote" em resposta à pergunta do pai.

4.7. Estásimo, o escravo de Lesbónico, procura a todo o custo evitar que o amo dê o campo em dote à irmã. Para isso, inventa os maiores defeitos àquele terreno. Fílon apercebe-se das intenções do escravo e, ironicamente, observa que, nesse caso, seria o sítio ideal para acolher os maus na vida além-túmulo, à semelhança das Ilhas Afortunadas reservadas aos bons. São os versos 547-551, mas só o primeiro desses versos consta da antologia:

> Sed istest ager profecto, ut te audiui loqui, / Malos in quem omnis publice mitti decet. / Sicut fortunatorum memorant insulas, / Quo cuncti aetaem egerint caste suam / Conueniant (...). (*Em todo o caso, é o sítio adequado, pelo que acabo de te ouvir, para mandar para lá, oficialmente, todos os maus. Assim como dizem [que há] ilhas de bem-aventurados para onde vão os que tiverem levado uma vida limpa, (...)).*

4.7.1. O antologista suprime os vv. 448 a 591, fazendo a directa ligação do 547 com o 592, sem mesmo mudar de personagem. Dado que no v. 590 do original começa uma fala de Estásimo, o qual diz ter preservado o campo (*ager nobis saluus est*, v. 593), o remendo da antologia, até pela contaminação de falas diferentes, fica sem sentido.

4.8. Lesbónico recusa directamente a ajuda de Lisíteles - vv. 638-640:

> Nullum beneficium esse duco id quod quoi facias non placet. / Scio ego et sentio ipse quid agam neque meus officio migrat / Nec tuis depellar dictis quin rumori seruiam. (*Não se pode considerar benefício o que não agrada a quem o recebe. Sei e sinto por mim o que tenho a fazer, nem perdi o sentido do dever, nem me deixarei dissuadir, por tuas palavras, ao ponto de ceder às más-línguas.).*

4.8.1. Os três versos anteriores constam da antologia, mas o primeiro é uma fala de Lesbónico, e os restantes são fala de Lisíteles.

4.9. Lisíteles consegue ser frontal com o amigo, denunciando que ele invoque agora pergaminhos de honra - vv. 648-654 (o verso 651 - referência a amantes de Lesbónico - foi eliminado pelo antologista):

> Praeoptauisti amorem tuum uti uirtuti praeponeres; / Nunc te hoc facto credis posse optegere errata? Aha, non itast[22]. / Cape sis uirtutem animo, et corde expelle desidiam tuo. / In foro operam amicis da, ne in lecto amicae, ut solitus es. / Atque istum ego agrum tibi relinqui ob eam rem enixe expeto, / Vt tibi sit qui te corrigere possis; ne omnino inopiam / Ciues obiectare possint tibi quos tu inimicos

habes. (*Optaste por pôr a tua paixão à frente da virtude. Agora pensas tapar os erros passados com esta atitude? Ah, isso não vai assim! Vamos lá, abre o coração à virtude, expulsa a preguiça do teu peito. Presta apoio aos amigos no fórum, em vez de ficares na cama a acariciar uma amiga, como tem sido teu hábito. E se eu insisto tanto em te conservar este campo é pela seguinte razão: para que tenhas com que te endireitar; para que os cidadãos que são teus inimigos de todo não possam lançar-te à cara a tua miséria).*

4.10. Em resposta, Lesbónico confessa humildemente os seus erros - por preguiça e "ui Veneris uinctus" ("apanhado nas malhas de Vénus") -, mas o leitor da antologia desconhece as responsabilidades de Vénus já que essa parte do v. 658 foi eliminada - vv. 655-659:

Omnia ego istaec quae tu dixti scio, vel exsignauero: / Vt rem patriam et gloriam maiorum foedarim meum / Scibam ut esse me deceret, facere non quibam miser. / Ita ui Veneris uinctus, otio aptus in fraudem incidi[23]. Et tibi nunc proinde ut merere summas habeo gratias. (*Tudo isso que disseste eu o reconheço ou subscreverei: é verdade que destruí o património paterno e a glória dos meus antepassados. Sabia como me convinha proceder, mas, desgraçado, não era capaz de agir [em conformidade]. Preso assim pela violência de Vénus, caí na armadilha. E agora, consequentemente, estou-te profundamente reconhecido por quanto fazes por mim).*

4.11. Uma mulher sem dote ficava em posição de inferioridade social[24]. Assim se compreende a atitude de Lesbónico, que nada tem de caturrice, antes releva de sentimento fraterno. Mas o diálogo exemplar entre os dois amigos, que só termina no verso 718, não consta da antologia. Vejamos os vv. 681-683:

Meam uis sororem tibi dem suades sine dote. Aha, non convenit / Me, qui abusus sum tantam rem patriam, porro in ditiis / Esse agrumque habere, egere illam autem, ut me merito oderit. (*Procuras convencer-me a dar-te a minha irmã sem dote. Ah, mas isso não ! É inadmissível que eu que dei cabo de tão valioso património continue a viver bem e a possuir o campo, ao passo que ela passaria necessidade; com razão me odiaria).*

4.12. Também Cálicles, a quem o pai de Lesbónico confiara a tutela dos bens, durante a sua ausência, pretende entregar o dote à moça - vv. 731-733:

---

22 Esta exclamação é atribuída, na antologia, a Lesbónico.

23 Na antologia: *Ita ocio captus in fraudem incidi. Captus* por *aptus* resulta do apoio em manuscrito diferente.

Namque hercle honeste fieri ferme non potest / Vt eam perpetiar ire in matrimonium / Sine dote, quom eius rem penes me habeam domi. (*Com efeito, por Hércules, sem dúvida que não se pode honestamente admitir que eu consinta que ela case sem dote, quando tenho comigo, em casa, o que lhe pertence).*

4.13. Discutem os dois velhos - Megarónides e Cálicles - sobre como dotar a rapariga sem, por um lado, ferir a honra de Lesbónico, e sem, por outro lado, levar este último à descoberta do tesouro, que poderia desbaratar. Mas a simples referência ao temperamento sensual de Lesbónico (*pleno amoris ac lasciuiae*, v. 751) é cortada na antologia - vv.750--751:

Sed ut ego nunc adulescenti thensaurum indicem / Indomito, pleno amoris ac lasciuiae? (*Mas iria agora eu descobrir o tesouro a [esse] jovem desregrado, cheio de paixão e de lascívia?).*

4.14. Cármides, pai de Lesbónico, dá graças a Neptuno, deus que, tendo podido destruí-lo no mar, o fez regressar salvo a bom porto - v. 824:

Atque ego, Neptune, tibi ante alios deos gratias ago atque habeo summas. (*Mas eu, Neptuno, a ti, mais do que aos outros deuses, rendo graças, as maiores graças).*

4.15. Em face das fanfarronices do falso estrangeiro contratado pelos dois velhos para entregar pseudo-cartas de Cármides, este manda-o calar. Vejamos os dois versos omitidos na antologia - vv. 946-947:

- (...) Nam pudicum neminem / Re oportet qui aps terra ad coelum peruenerit. (*Pois, na realidade, é preciso ser muito descarado para alegar ter ido da terra ao céu).*

4.16. A gratidão de Cármides e a modéstia de Cálicles - vv. 1125-26 e 1128-29:

- Neque fuit neque erit neque esse quemquam hominem in terra arbitror, / Quoi fides fidelitasque amicum erga aequiperet tuam. / - Si quid amicum erga bene feci aut consului fideliter, / Non uideor meruisse laudem, culpa caruisse arbitror. (- *Nunca houve nem haverá nem penso que haja [ainda] algum homem cuja fidelidade e lealdade para com o amigo possa equiparar-se à tua. - Se alguma coisa de bem fiz para com um amigo ou se lealmente velei pelos seus interesses, não me parece merecer louvores: considero apenas estar isento de culpa).*

---

[24] Uma mulher casada sem dote ficaria numa situação mais próxima do concubinato do que do casamento, como a personagem afirma a seguir (vv. 690-691).

4.17. Para Lesbónico o casamento é um castigo, mas ele está disposto a casar com quantas mulheres o pai lhe proponha - vv. 1183-1185 (meio):

> - Haec tibi pacta est Calliclei filia. - Ego ducam, pater, / Et eam et siquam aliam iubebis. / - Quamquam tibi suscensui, / Miseria una uni quidem hominist adsatim. (- *É-te oferecida a filha de Cálicles. - Casarei não só com ela mas ainda com qualquer outra que tu mandares. - Embora esteja zangado contigo, um só castigo basta para um único homem).*

4.17.1. Na antologia falta o verso 1185: "Uma mulher já é castigo suficiente para um homem", diz Cármides; "Para Lesbónico é castigo demasiado pequeno", objecta Cálicles.

Terêncio

De Terêncio diz Enzo Marmorale que "a sua figura está rodeada, na recordação dos pósteros, de uma auréola de afabilidade melancólica, porque ele também foi simples na vida e amado pelos mais ilustres personagens do seu tempo"[25]. A antologia já mencionada inclui Terêncio no IV Livro, aí inserindo três peças: *Andria, Eunuchus* e *Heautontimorumenos*.

Para a tradução sigo as Belles Lettres[26].

I - Extractos de três peças de Terêncio

1. *Andria*

Na edição francesa vem à cabeça o sumário (*argumentum)* da peça, que, segundo nota de rodapé, foi redigido, como os restantes sumários das peças de Terêncio, no século II da era cristã, pelo gramático Sulpício Apolinário de Cartago. Em vez desse sumário, o antologista redigiu este outro, em prosa, com a designação de "Periocha":

> Nititur Simo, qui soliciti patris personam gerit, Pamphilum filium a vitio peccandi consuetudine, ad honestas nuptias avocare. Componuntur discordiae, quae impedimento erant, et comoedia felici exitu concluditur. (*Procura Simão, que desempenha o papel de pai solícito, desviar o filho Pânfilo de uma prática viciosa de pecado e atraí-lo a um casamento honesto. Apaziguam-se as desavenças, que constituíam obstáculo, e a comédia remata por um final feliz)*.

1.1. O pai Simão louva o procedimento do filho - confirmado por sábio comentário dum escravo liberto - vv. 62-68:

> - Sic uita erat: facile omnis perferre ac pati / Cum quibus erat cumque una, eis sese dedere, / Eorum obsequi studiis, aduersus nemini, / Nunquam praeponens se illis, ita ut facillume / Sine inuidia laudem inuenias et amicos pares. / - Sapienter uitam instituit, namque hoc tempore obsequium amicos, ueritas odium parit. (- *Tal era a sua vida: suportar e tolerar facilmente todos aqueles com*

---

25 Cf. Marmorale, 1974, I, p.74.
26 Ver Bibl. B) Térence, 1942.

quem podia encontrar-se, confiar-se a eles, antecipar-se aos seus desejos, não contrariar ninguém, nunca se pôr na dianteira, sendo este o procedimento mais apto a granjear amigos. - Orientou a vida com sabedoria, pois nestes nossos tempos a condescendência gera amigos, a verdade desperta ódios).

1.2. A chegada de Crísis, uma mulher de "vida fácil", proveniente de Andros, provoca apreensão no pai, que receia o transvio do filho. Como o antologista omite a caracterização dos costumes desonestos de Crísis (vv. 76-79 e 85-87), substitui o verbo *amar* por *conhecer* - vv. 80-81:

> Qui tum illam amabant[27] forte ita ut fit filium / Perduxere illuc secum ut una esset meum. (*Os que eram nessa altura seus amantes, um dia, como é habitual acontecer, levaram o meu filho para comer com eles).*

1.2.1. Mas o jovem afirma a sua personalidade, como o pai bem pôde concluir pelas informações obtidas. No entanto, o autodomínio (*continentia*, v. 92) de Pânfilo não se revela aos olhos do leitor da antologia por ficar privado dos versos omitidos. Eis os vv. 91-95:

> (...) Enimuero spectatum satis / Putabam et magnum exemplum continentiae. Nam qui cum ingeniis conflictatur eius modi / Neque commouetur animus in ea re tamen, / Scias posse habere iam ipsum suae uitae modum. ((...) *Na verdade, pensava tê-lo suficientemente confrontado com as provas, concluindo estar perante um bom exemplo de castidade. Com efeito, quem conflitua com pessoas dessa natureza e, nem em tais circunstâncias a [sua] personalidade se deixa quebrantar, esse seguramente já está em condições de estabelecer o seu próprio modo de vida).*

1.3. No funeral de Crísis, uma sua irmã, desconhecida até então, aproxima-se da pira, correndo perigo de vida. Precipitando-se sobre ela, Pânfilo deixa perceber a intimidade dos dois. Esta cena, fundamental para a boa compreensão do entrecho dramático, vai truncada na antologia. Dos versos 129 a 136 - a seguir transcritos - só os dois primeiros vêm na antologia:

> (...) Interea haec soror / Quam dixi ad flammam accessit imprudentius / Satis cum periclo. Ibi tum exanimatus Pamphilus / Bene dissimulatum amorem et celatum indicat: / Accurrit, mediam mulierem complectitur: / «Mea Glycerium, inquit, quid agis? Cur te is perditum?». / Tum illa, ut

---

27 Na antologia, *nouerant*: "os que a conheciam", em vez de "os que a amavam".

consuetum facile amorem cerneres, / Reiecit se in eum flens quam familiariter! ((...) *Entretanto, esta irmã de que falei aproximou-se do fogo com demasiada imprudência e bastante perigo. Então aí Pânfilo, fora de si*[28], *deixa transparecer o amor [antes] bem dissimulado e escondido: corre, abraça a mulher pela cintura, dizendo: «Ó minha Glicéria, que fazes tu? Porque te deitas a perder?». Então ela, de maneira a descobrir-se facilmente a intimidade amorosa, lançou-se sobre ele a chorar, com que familiaridade!).*

1.4. Glicéria está grávida de Pânfilo. A informação é dada pela escrava e vem na antologia: vv. 215-216:

Ad haec mala hoc mihi accedit etiam: haec Andria / Si ista uxor siue amicast, grauida e Pamphilost. (*A estas desgraças junta-se-me ainda uma outra: esta Ândria, quer ela seja sua esposa ou sua amante, está grávida de Pânfilo).*

1.4.1. Mas as referências directas ao parto, bem como a menção de que Pânfilo acolherá o filho, são omitidas na antologia (vv. 459-532).

1.5. Dividido entre a obediência ao pai, que lhe destina um outro casamento, e o amor efectivo e devido a Glicéria, Pânfilo jura fidelidade a esta, em versos omitidos na antologia: vv. 694-697:

Per omnis tibi adiuro deos nunquam eam me deserturum, / Non si capiundos mihi sciam esse inimicos omnis homines. / Hanc mihi expetiui: contigit, conueniunt mores; ualeant / Qui inter nos discidium uolunt. Hanc nisi mors mi adimet nemo. (*Juro-te por todos os deuses que jamais a abandonarei, mesmo que soubesse que ganhava a inimizade de toda a gente. Requestei-a; consegui-a; temos a mesma maneira de ser. Que passem muito bem os que apostam na nossa ruptura. A não ser a morte, ninguém há-de roubar-ma).*

---

[28] O antologista, cortando aqui a frase, deve ter subentendido a forma *est* (*exanimatus est* = ficou fora

2. *Eunuco*

Também nesta peça o *Argumentum* do original é substituído por uma *Periocha* forjada à medida da orientação do texto resultante das mutilações. Assim reza o novo sumário, em prosa:

> Phaedria adolescens taedio vitae vitiosae in agrum recedit. Eius frater, postquam pater in urbem venit, uxorem ducit. Miles iactabundus illuditur. (*O jovem Fédria por cansaço de uma vida de vícios retira-se para o campo. Um seu irmão, após a chegada do pai à cidade, casa-se. Um soldado jactancioso é escarnecido).*

Neste sumário de substituição desaparecem, além do mais, as referências do primitivo argumento aos jovens amantes (*Thaidis amator Phaedria)* e à violação (*Ephebus frater Phaedriae [...] uitiat uirginem)*. Por outro lado, o refúgio de Fédria no campo é enunciado de forma a convencer o leitor de que se trata de uma atitude de arrependimento, quando, na peça, é apenas a dolorosa concessão da amante por dois dias a um rival ((...) *ac rus ipse abit, / Thrasoni oratus biduum concederet).*

Mas a omissão mais significativa da antologia diz respeito à própria Taide, uma mulher de má reputação pública, que, no entanto, é dotada de elevados sentimentos humanos. Os cortes verificados impedem o leitor de apreender a grandeza da personagem.

2.1. As cenas iniciais, logo a seguir ao prólogo, são completamente omitidas (vv. 46 a 206). Os ecos da luta interior de Fédria, incapaz de resistir à paixão por Taide, não chegam, assim, ao conhecimento do leitor da antologia. Vejamos o remate de um expressivo monólogo do apaixonado e as sábias ponderações do seu escravo: - vv. 56-8:

> Proin tu, dum est tempus, etiam atque etiam cogita .../ - Ere, quae res in se neque consilium neque modum / Habet ullum, eam consilio regere non potes. (*Por isso, enquanto é tempo, reflecte uma e outra vez ... - Meu amo, uma coisa que em si não comporta nem razão nem medida, não podes regulá-la pela razão).*

---

de si), omissão aliás frequente em latim, sobretudo em verso.

2.1.1. A angústia de não ser capaz de obedecer à razão - vv. 70-73:

> (...) O indignum facinus! Nunc ego / Et illam scelestam esse et me miserum sentio; / Et taedet et amore ardeo, et prudens sciens / Viuos uidensque pereo, nec quid agam scio. (*Indigno procedimento [o meu]! Agora conheço que ela é uma tresloucada*[29] *e eu um desgraçado. Estou simultaneamente enjoado e abrasado de amor. E, sabendo-o de antemão, consumo-me, consciente e clarividente, sem atinar com o que fazer).*

2.1.2. Num monólogo, Taide revela a sua elevação de princípios e a lealdade de coração a Fédria - vv. 197-201 (omitidos):

> Me miseram, forsitan hic mihi paruam habeat fidem. / Atque ex aliarum ingeniis nunc me iudicet. / Ego pol, quae mihi sum conscia, hoc certo scio / Neque me finxisse falsi quicquam neque meo / Cordi esse quemquam cariorem hoc Phaedria. (*Infeliz que eu sou! Naturalmente, ele pouco acredita em mim, e julga-me agora a partir das características das outras mulheres. Mas, por Pólux, tanto quanto me conheço, isto tenho por certo: não engendrei qualquer falsidade e ninguém é mais querido ao meu coração do que aqui o Fédria).*

2.2. A cena da partida de Fédria para o campo (vv. 207 a 231) vem quase toda na antologia. Mas o leitor, manipulado pelo "argumento" e desconhecendo os versos anteriores, fica sem perceber as verdadeiras razões do afastamento de Fédria.

Na fala final da cena, o escravo descreve a rapariga dada em presente a Taide. A fala é cortada na antologia - vv. 229-231:

> (...) Ducit [parasitus militis] secum una uirginem dono huic. Papae! / Facie honesta! Mirum ni ego me turpiter hodie hic dabo / Cum meo decrepito hoc eunucho. Haec superat ipsam Thaidem. (*Ele [o parasita do soldado] traz consigo uma rapariga em presente à nossa vizinha. Irra, que estampa! Não admira que eu faça aqui triste figura com este meu decrépito eunuco*[30]*. Ela supera a própria Taide).*

2.3. O núcleo central da peça (vv. 265-538) - ocupado sobretudo pela artimanha da introdução de Quérea, disfarçado de Eunuco, em casa de Taide - é cortado, ficando assim mais difícil de decifrar o título da obra. A antologia dá-nos apenas a saída do violador da

---

29 O comportamento de Taide vai depois comprovar os seus elevados sentimentos, neste momento ainda não percebidos pelo protagonista.

30 O eunuco era o presente oferecido por Fédria a Taide, ao passo que a bela donzela era presente do soldado rival colocado em disputa amorosa dos favores da mulher cortejada.

casa de Taide (vv. 549-562). Por sua vez, a proclamação da proeza por parte do violador (vv. 563 e ss.) também é omitida.

2.4. O encontro de Fédria com o Eunuco (vv. 668 e ss.), suspeito criminoso mas inocente, transcrito na antologia, não pode ser correctamente interpretado sem as cenas anteriores. Mas, certamente, o antologista confiava na inteligência dos leitores!

2.5. Cremes, irmão da rapariga protegida por Taide, sob a influência do álcool, acha a escrava mais bonita do que o costume, mas até este galanteio inocente é anulado na antologia, substituindo-se *formosior* por *alia* - vv. 730-731:

> - Quis est? Ehem Pythias! Vah quanto nunc formosior / Videre mihi quam dudum! - Certe tu quidem pol multo hilarior! (- *Quem está aí? Ah, é Pítias! Olá ! Estás bem mais bonita*[31] *do que antes! - Por Pólux, tu é que estás bem mais alegre!).*

2.5.1. Omite-se na antologia o resto da conversa entre Taide e Cremes: ela incita-o a defender a irmã contra as pretensões do soldado (vv. 733-770). No entanto, a cena é importante não apenas para a economia dramática como para a caracterização psicológica de Taide - vv. 740-742:

> Atque si illam digito attigerit uno, oculi ilico effodientur. / Vsque adeo ego illius ferre possum ineptiam et magnifica uerba, / Verba dum sint; uerum enim si ad rem conferentur, uapulabit. (*Mas se toca nela com um só dedo que seja, vazo-lhe os olhos. Ainda lhe vou suportando a estupidez e a verborreia, enquanto são só palavras. Mas, se passa aos actos, paga-mas).*

2.6. A tentativa do soldado em apoderar-se da jovem só parcialmente consta da antologia (vv. 771-791). Assim, falta a corajosa intervenção de Cremes, irmão da rapariga, enfrentando o soldado - vv. 800-801:

> Scin tu ut tibi res se habeat? Si quicquam hodie hic turbae coeperis, / Faciam ut huius loci dieique meique semper memineris. (*Saberás, porventura, o que te espera? Se provocas aqui hoje qualquer desordem, farei com que te fiques para sempre a recordar deste sítio, do dia e da minha pessoa).*

---

[31] Com a substituição de *formosior* por *alia*, a tradução do fragmento da antologia é a seguinte: "Quanto me pareces outra relativamente a[o que eras] antes".

2.7. A reconstituição por Taide do que se passou - a violação da jovem, bem como a confissão do violador - é omitida (vv. 817-942). O texto do original é retomado no v. 943 e interrompido a meio do v. 953, de forma a evitar que o leitor saiba da violação. Para isso, o antologista não hesita em suprimir metade do v. 953 - *Eam istic uitiauit miser* ("Este miserável violou-a") - e em retirar a palavra *moechus* ("devasso"), no v. 957, deixando assim o leitor de perceber a insinuação, por parte da criada, à ameaça de castração *(euiratio)*. Eis os versos 957-958 do original, reproduzidos na antologia sem o dativo *moechis*:

> (...) Nunc minatur porro sese id quod moechis solet, / Quod ego nunquam uidi fieri neque uelim.
> *((...) Agora ele [Cremes] ameaça [fazer] o que costuma [fazer-se]aos devassos, coisa que nunca vi nem gostaria de ver).*

2.8. O pai de Fédria e de Quérea é confrontado com a situação (vv. 971 e ss.), mas o antologista omite a relação de Quérea com a jovem violada - vv. 985:

> Tum quamdam fidicinam amat hic Chaerea. *(Aqui o Quérea ama uma tal tocadora de cítara).*

2.8.1. Tendo o escravo convencido o velho pai de que o filho mais novo está amarrado em casa de Taide (o que é falso), o homem tenta entrar precipitadamente. O leitor da antologia, que desconhece os versos relativos à intrusão de Quérea disfarçado de eunuco, não apreende a razão de tanta fúria.

Igualmente omitida fica a cena do soldado diante da porta de Taide, disposto a "ajoelhar-se a seus pés" (vv. 1025-1030).

2.9. Quérea vai poder casar com a rapariga que violara. Com a reorientação do sentido da peça, graças aos cortes efectuados, é possível ao antologista transcrever a acção de graças de Quérea aos deuses - vv. 1031-1033 - sem suspeita de blasfémia:

> O populares, ecquis me uiuit hodie fortunatior? / Nemo hercle quisquam; nam in me plane di potestatem suam / Omnem ostendere, quoi tam subito tot congruerint commoda. *(Ó meus concidadãos, alguém hoje é mais feliz do que eu? Ninguém, por Hércules, pois os deuses mostraram claramente todo o seu poder para comigo, concedendo-me de repente todos os bens).*

2.10. Tendo o antologista eliminado passagens que referiam Taide como meretriz, o leitor aceita o casamento desta com Fédria - vv. 1037-1040:

> - (...) Tum autem Phaedriae / Meo fratri gaudeo esse amorem omnem in tranquillo: unast domus, / Thais patri se commendauit, in clientelam et fidem / Nobis dedit se. - Fratris igitur Thais totast?
> - Scilicet. (*E então congratulo-me com o meu irmão Fédria pelo facto de todo o seu amor estar em segurança. Fazemos habitação em comum: Taide confiou-se à protecção de nosso pai, entregou-se ao nosso patrocínio e salvaguarda. - Logo, Taide é toda de teu irmão? - Sem dúvida).*

2.11. Igualmente acessível ao leitor da antologia é a exaltação de Taide. Mas, ao passo que Terêncio pôs em cena uma meretriz de elevada estatura humana[32], o antologista dá-nos apenas uma mulher normal, embora digna de ser amada - vv. 1051-2:

> - Gaudeo. - Satis credo. Nihil est Thaide hac, frater, tua / Dignius quod ametur; ita nostrae omni est fautrix familiae. (- *Estou encantado. - Bem o creio. Não há nada, irmão, mais digno de amor do que aqui a tua Taide, tão grande benfeitora ela é para toda a [nossa] família*).

2.12. O escarnecimento do soldado já constava do sumário organizado para a antologia, não podendo, portanto, deixar de figurar.

2.12.1. Omite-se um verso - o 1053 - e o sintagma *tandem apud Thaidem* - vv. 1053-1056:

> - Perii! Quanto minus spei est, tanto magis amo. / Obsecro, Gnatho, in te spes est. - Quid uis faciam? - Perfice hoc / Precibus pretio ut haeream in parte aliqua tandem apud Thaidem ! (*Sou um homem morto! Quanto menos esperança tenho, mais a amo. Imploro-te, Gnato, em ti está a minha esperança. - Que queres que eu faça? - Obtém, por súplicas, ou a qualquer preço, que eu encontre lugar junto de Taide, seja por que lado for).*

2.12.2. O parasita, em seu próprio interesse, vai convencer Fédria a aceitar o soldado como rival (*riualem*, v. 1072, palavra omitida na antologia), de forma a explorá-lo, sem correr o risco de Taide lhe corresponder no quer que seja. Omitem-se as referências a Taide (vv. 1073-1075), mas vem o acordo quanto à chacota por proposta do parasita - vv. 1087-1088:

(...) At ego pro istoc, Phaedria, et tu, Chaerea, / Hunc comedendum uobis propino et deridendum. ((...) *E eu, em troca, Fédria, e tu, Quérea, entrego este homem à vossa ruína*[33] *e chacota).*

2.12.3. O antologista não poupou a ironia cruel do parasita: tendo combinado tudo nas costas do soldado, que acabava de pintar a traços bem negros, dirige-se-lhe assim perante os dois irmãos - vv. 1089-1091:

Isti te ignorabant; postquam eis mores ostendi tuos / Et conlaudaui secundum facta et uirtutes tuas, / Impetraui. (...). (*Aqui estes não te conheciam bem. Agora que lhes revelei o teu carácter e fiz o teu elogio, em correspondência com os teus actos e méritos, foi só pedir. (...)).*

Uma pergunta fica sem resposta: que razão específica terá levado a escolher uma peça que tem como uma das personagens centrais uma prostituta, se, afinal, tudo foi feito, ao nível da selecção dos fragmentos, para esbater os traços da meretriz?

3. *O castigador de si mesmo*

Com esta peça de Terêncio, a *sylva* encerra a selecção das *fabulae palliatae*, ou seja, as peças de argumento grego, que Plauto e Terêncio transpuseram para o palco romano.

No caso do *Heautontimorúmenos*, o título, já adoptado no original, de Menandro, aponta para uma personagem central da economia dramática: o pai arrependido - Menedemo - de ter sido excessivamente rigoroso com o filho, e que, por isso, se autopenitencia nos trabalhos duros do campo, do amanhecer à noitinha.

O *argumentum* (da autoria de Sulpício Apolinário), constituído por doze versos, dá-nos o essencial do enredo logo nos primeiros versos:

In militiam proficisci gnatum Cliniam / Amantem Antiphilam compulit durus pater / Animique sese angebat facti paenitens. (*Um pai severo empurrou para o serviço militar o seu filho Clínia, que amava Antífila. Atormentava-se a si mesmo, penitenciando-se pelo seu procedimento).*

---

[32] A perspectiva do dramaturgo - uma mulher excepcional, apesar de prostituta - é bem notória pelo contraste com os traços da meretriz da tradição - a *mala meretrix* -, veiculados por personagens como o parasita e o escravo.

[33] O plano do parasita consistiu em convencer os dois irmãos a, mantendo as esperanças do soldado nos favores amorosos de Taide, aproveitarem os muitos presentes que ele dará à cortejada, nada levando em troca.

O antologista elabora uma curta *Periocha*, em prosa, em substituição desse Argumento:

> In agro cruciatur Menedemus, quod Cliniam filium abire in militiam compulerit. Adventu filii, laetatur pater: et initis nuptiis fabula feliciter absolvitur. (*Menedemo, no campo, atormenta-se, por ter sido a causa da partida do filho Clínia para o srviço militar. Com o regresso do filho, o pai regozija-se; e, concluído o casamento, a comédia tem um remate feliz).*

Convenhamos que um tal sumário parece resumir melhor a parábola evangélica do Filho Pródigo (bastando, para isso, tomar *nuptiae* no sentido genérico de "festas"), do que o enredo dramático da peça de Terêncio.

3.1. Cremes estranha que o seu novo vizinho - Menedemo - trabalhe tão duramente no campo, parecendo não ter qualquer necessidade de o fazer. O trabalhador voluntário, reagindo à intromissão na sua vida por parte do indiscreto Cremes, ouve deste uma réplica que ecoou de geração em geração até aos nossos dias - vv. 75-77:

> - Chreme, tantumne ab re tuast oti tibi / Aliena ut cures ea quae nihil ad te attinent ? / - Homo sum: humani nihil a me alienum puto. (*Cremes, sobra-te assim tanto tempo da tua vida para te ocupares da vida alheia que em nada te diz respeito ? - Sou homem: nada do que é humano eu considero estranho à minha pessoa)* [34].

3.1.1. Perante as lágrimas de Menedemo, Cremes mostra-se solidário - vv. 84-6

> Ne lacruma, atque istuc quidquid est fac me ut sciam. / Ne retice, ne uerere, crede, inquam, mihi, / Aut consolando aut consilio aut re iuuero. (*Não chores, e, seja o que for, dá-mo a conhecer. Não te cales, não tenhas medo, confia em mim, digo-te eu. Hei-de ajudar-te com a minha compreensão, os meus conselhos ou meu auxílio material).*

3.1.2. Menedemo reconhece ter tratado o filho de modo pouco paternal em face da paixão do filho por uma rapariga pobre - vv. 99-101:

---

[34] É uma das sentenças latinas célebres compiladas pelo dicionário da Porto Editora. Convém, no entanto, reconduzir a fala à personagem (Cremes) e não ao autor (Terêncio).

Vbi rem resciui, coepi non humanitus / Neque ut animum decuit aegrotum adulescentuli / Tractare, sed ui et uia peruolgata patrum. *(Quando soube disso, comecei a tratá-lo não com humanidade e como convinha a um dolorido coração de adolescente, antes com rigor e com os habituais procedimentos dos pais).*

3.1.3. Castigando-se a si próprio - daí o título *Heautontimorúmenos* - entrega-se a um trabalho árduo enquanto aguarda o regresso do filho - vv. 147-150:

Decreui tantisper me minus iniuriae, / Chreme, meo gnato facere dum fiam miser, / Nec fas esse ulla me uoluptate hic frui / Nisi ubi ille huc saluos redierit meus particeps. (*Decidi, Cremes, que, enquanto me atormento, menos ofendo o meu filho. Nem está certo que desfrute aqui de quaisquer prazeres, enquanto ele não regressar são e salvo para os partilhar comigo).*

3.2. Uma perspectiva de jovem sobre os pais - vv. 213-216:

Quam iniqui sunt patres in omnes adulescentis iudices! / Qui aequom esse censent nos iam a pueris ilico nasci senes / Neque illarum adfinis esse rerum quas fert adulescentia / Ex sua libidine moderantur, nunc quae est, non quae olim fuit. (*Quanto os pais são injustos juízes para com todos os adolescentes! Gostariam que, ao nascermos, já nascêssemos velhos, e não estivéssemos próximos dos benefícios que a adolescência comporta. Exercem a autoridade de acordo com os seus desejos, os de hoje, não os de outrora).*

3.2.1. Mas o mesmo jovem (Clitifão), que censura o pai, é capaz de reconhecer a sua fraqueza e aprisionamento perante uma prostituta, que o explora. Feliz, segundo ele, é o seu amigo Clínia. Mas esta passagem não vem na antologia - vv. 223-226:

Magis nunc me amicae dicta stimulant: «Da mihi» atque «Adfer mihi»! / Cui quod respondeam nihil habeo; neque me quisquamst miserior. / Nam hic Clinia, etsi is quoque suarum rerum satagit, at tamen / Habet bene et pudice eductam, ignarum artis meretriciae. (*Mais me preocupam agora as palavras da minha namorada: «Dá-me ...» e «Traz-me ...», ao que nada posso responder. E ninguém é mais infeliz do que eu. Por seu lado, aqui [o meu amigo] Clínia, embora também ande com a vida embrulhada, pelo menos tem uma namorada que foi educada no bem e no pudor, longe das artimanhas da prostituição).*

3.3. O antologista também não foi sensível - ou a autocensura não lho consentiu - aos receios de Clínia sobre o poder de diversos factores na transformação das pessoas, concretamente da sua Panfília, numa fala tão rica como a dos versos 231 a 235:

(...) sed uereor ne mulier me absente hic corrupta sit. / Occasio, locus, aetas, mater cuius sub imperiost mala, / Cui nihil iam praeter pretium dulcest. (*(...) mas receio que, na minha ausência, me tenham estragado a rapariga. Concorrem muitas razões para aumentarem a minha preocupação: a ocasião, o lugar, a idade, uma má mãe que detém a sua tutela e para quem só o proveito conta).*

3.4. A confissão da miserável situação humana da prostituição, bem como a apologia do amor no casamento, pela voz de uma prostituta (Báquis), em diálogo com uma rapariga honesta (Pânfila), também são omitidas na antologia, naturalmente por virem de onde vêm - vv. 387-395:

Et uos esse istius modi et nos non esse haud mirabilest; / Nam expedit bonas esse uobis; nos, quibuscum est res, non sinunt; / Quippe forma impulsi nostra nos amatores colunt; / Haec ubi imminuta est, illi suom animum alio conferunt; / Nisi si prospectum interea aliquid est, desertae uiuimus. Vobis cum uno semel ubi aetatem agere decretumst uiro, / Cuius mos maximest consimilis uostrum, hi se ad uos adplicant; / Hoc beneficio utrique ab utrisque uero deuincimini / Vt nunquam ulla amori uestro incidere possit calamitas. (*E não admira que vós sejais desse modo [honestas] e nós não. Pois é normal que sejais boas pessoas; a nós não no-lo permitem aqueles com quem lidamos. De facto, é tocados pela nossa beleza que os nossos amantes nos cortejam. Logo que ela se esbateu, levam eles o coração a outro lado. Se, entretanto, não tomámos algumas providências, ficamos abandonadas. Quanto a vós, uma vez decididas a passar a vida com um único homem, com quem comungais de idêntica maneira de ser, tendes pessoas que se ligam a vós. Em virtude disso, estais realmente ligados uns aos outros, de tal modo que nenhuma desgraça pode desabar sobre o vosso amor).*

3.5. Uma observação perspicaz do escravo, transcrita na antologia, faz parte da sabedoria tradicional do povo - vv. 991-992:

Nunc aliud specta: matres omnes filiis / In peccato adiutrices, auxilio in paterna iniuria / Solent esse ((...). *Repara agora em outra coisa: todas as mães costumam ser benevolentes em face dos desvarios dos filhos, [indo] em socorro deles contra a severidade paterna*[35]*).*

3.6. A peça termina por uma questão aparentemente secundária, mas que releva dos sentimentos de solidariedade humana do dramaturgo - o interesse pelos mais humildes. O texto figura na antologia - vv. 1066-1067:

- (...) Pater, hoc nunc restat ... - Quid ? - Syro ignoscas uolo, / quae mea causa fecit. / - Fiat (...)

- ((...) *Pai, falta uma coisa ... - O quê ? - Quero que perdoes a Siro o que ele fez no meu interesse. - Perdoo ...).*

Epílogo: uma omissão.

Seria pedir demasiado ao antologista do século XVI, mas vale a pena formular o desejo: que tivesse incorporado na *sylva* uma peça como a *Hecyra ("A Sogra")* de Terêncio.

Digamos que, nessa peça omitida, se trata essencialmente da exaltação de mulheres: uma prostituta, uma sogra e uma esposa tão recatada quanto vítima da situação comum de mulher dada em casamento sem ter que se pronunciar...[36]

Duas funções sociais femininas, tradicionalmente vilipendiadas, embora em graus muito distintos, são postas no palco por Terêncio - a prostituta e a sogra.

Terêncio, ao adoptar um tal título para a peça (*Hecyra* = sogra), conferiu intencional destaque a esta função social, embora a sogra ocupe um lugar secundário na obra. A personagem (Sóstrata) é uma sogra solícita, atenta à nora (Filúmena), sofrendo em silêncio mesmo as acusações injustas de um marido mal informado, para salvar o legítimo casamento do filho e a honra e integridade da nora.

"Mas a peça poderia chamar-se também *A cortesã*, porque Báquis oferece o elemento resolutivo do drama, e é tão abnegada e incompreendida como Sóstrata", escreve Wálter de Medeiros[37]. O humanismo de Terêncio atinge um ponto elevado com a recriação desta personagem (o original é grego, provavelemente de Apolodoro de Caristo[38]). Báquis é uma prostituta capaz de sacrificar, não apenas a sua sensualidade mas, sobretudo, o verdadeiro amor, em defesa do homem que, pelo casamento com outra mulher, deixou de lhe pertencer. Não se trata, portanto, de exaltar uma prostituta como tal, mas de reconhecer que a dignidade humana pode estar presente mesmo numa prostituta[39].

Se se compreende que a *Hecyra* não pudesse ter lugar na antologia jesuítica, devido aos preconceitos da época, não é menos verdade que uma tal omissão empobrece a antologia.

---

35 Em face da ameaça do pai de deserdar o filho esbanjador com a prostituta, há que recorrer à protecção materna.

36 Se o original não for acessível, podemos saborear a magnífica peça de Terêncio na exemplar tradução do Professor Walter de Medeiros (Ver Bibl. B) Medeiros, 1997.

37 Cf. obra citada, p. 17.

38 Cf. obra citada, p. 21.

39 O organizador de outra *sylva* de 1587 entre os prólogos terencianos transcritos incluiu o da *Hecyra*, o que denota o seu interesse por esta peça

II - ***Prólogos*** das seis comédias de Terêncio (*Andria, Eunuchus, Heautontimoru-menos, Adelphoe, Hecyra, Phormio*)

É digno de registo o interesse do antologista de 1587 pelos "Prólogos" de Terêncio, incluindo mesmo os das peças não antologizadas (*Adelfos, Hecyra, Fórmion)*. Os prólogos são integralmente reproduzidos na antologia. Mais uma vez, me oriento pelas edições das *Belles Lettres*, coadjuvado ainda, no caso da *Hecyra,* pela tradução portuguesa de Walter de Medeiros (Ver bibliografia).

1. Prólogo da Andria

a) O autor vê-se obrigado a refutar acusações - vv. 6-7:

Non qui argumentum narret, sed qui maleuoli / Veteris poetae maledictis respondeat. (*Não para contar o argumento [da peça], mas para responder à má-língua de um poeta velho*[40] *mal-intencionado).*

b) Não nega o autor que tenha feito a contaminação de duas peças de Menandro, mas, com isso, apenas seguiu o exemplo de autores consagrados - vv. 18-19:

Qui cum hunc [Terentium] accusant, Naeuium, / Plautum, Ennium / Accusant, quos hic noster auctores habet. *(Os que acusam este [Terêncio], é a Névio, Plauto, Énio que eles acusam; é nestas autoridades que este nosso [autor] se apoia).*

c) Apela ao bom acolhimento do público - v. 24:

Fauete, adeste aequo animo et rem cognoscite. (*Acolhei-nos bem, marcai presença com benévola disposição, e tomai conhecimento da temática).*

[40] Trata-se de Lúscio de Lanúvio, velho dramaturgo, que não veria com bons olhos o crescente prestígio do jovem Terêncio (Cf. nota 3. da p. 124 do tomo I da edição das Belles Lettres).

2. Prólogo do Eunuco

Num texto de 45 versos, reproduzidos na antologia, Terêncio replica, mais uma vez, às críticas de Lúscio de Lanúvio. Não nega ter aproveitado o *Eunuco* de Menandro, mas reivindica ter sido o primeiro a transpor a peça grega para a língua do Lácio. Merecem especial registo os 6 versos iniciais, de afirmação dos propósitos de boa paz sem prejuízo do legítimo direito de defesa:

> Si quisquam est qui placere se studeat bonis / Quam plurimis et minime multos laedere, / In his poeta hic nomen profitetur suum. / Tum si quis est qui dictum in se inclementius / Existimauit esse, sic existimet / Responsum, non dictum esse, quia laesit prior. *(Se há alguém que procura agradar ao maior número possível de boa gente e ofender o mínimo de pessoas, este nosso poeta junta-lhe o seu nome. Nesse sentido, se houver alguém que tenha pensado que contra si foi proferida alguma frase mais dura, considere ter [o autor] respondido*[41] *a quem primeiro [o] o ofendeu).*

3. Prólogo do Heautontimorúmenos

É um texto de 52 versos. Mencionando o original grego e defendendo a contaminação por si praticada, como faz habitualmente nos prólogos, a maior originalidade, no caso deste prólogo, consiste em fazer do apresentador "advogado" do autor, sendo o público o juíz - vv. 11-12:

> Oratorem esse uoluit me, non prologum; / Vestrum iudicium fecit, me actorem[42] dedit. (*Quis [o autor] que eu fosse [seu] porta-voz e não um prólogo; a vós confiou o papel de juízes, a mim o de advogado).*

4. Prólogo dos Adelfos

Texto de 25 versos. Para além dos lugares-comuns dos prólogos terencianos, registe-se o acolhimento da acusação de o autor ter eminentes protectores - vv. 15-19:

---

41 À letra: "não disse, [mas] respondeu".

42 A antologia, seguindo diferente manuscrito, traz autorem (por auctorem); *actorem* nas *Belles Lettres*

Nam quod isti dicunt maleuoli, homines nobiles / Hunc adiutare adsidueque una scribere, / Quod illi maledictum uehemens esse existimant, / Eam laudem hic ducit maximam, cum illis placet / Qui uobis uniuersis et populo placent. (*Quanto ao que dizem pessoas malévolas - que homens importantes ajudam este [nosso autor] e lhe prestam assídua colaboração na escrita - isso que eles consideram uma grave imputação, ele [o autor] toma-o pelo maior elogio, dado que aqueles a quem ele agrada são os [mesmos] que agradam a toda a gente e ao povo).*

5. Prólogo da Hecyra

A antologia junta dois prólogos, sendo o primeiro de 8 versos e o segundo de 57. A edição das *Belles Lettres* dá-nos apenas o último, o qual começa no verso 9, assim pressupondo a existência dos oito versos do primeiro prólogo. A tradução de Walter de Medeiros, já citada, designa-os de "Prologo I" e "Prólogo II". O primeiro refere o desaire (segundo W. de Medeiros terão sido dois, talvez em 165 e 160 a. C.) da primeira representação da peça, desaire motivado por um espectáculo, à mesma hora, de um pugilista e de um funâmbulo[43]. As passagens a seguir transcritas são todas do segundo prólogo. Para a minha versão apoio-me ainda na citada tradução portuguesa de W. de Medeiros.

a) Também aqui o apresentador do prólogo se reveste de advogado do dramaturgo - v. 9:

Orator ad uos uenio ornatu prologi. (*Apresento-me como advogado [do autor], em vestes de Prólogo).*

b) Depois de se referir ao anterior fracasso da representação, considera que, desta vez, estão criadas boas condições para o espectáculo. Importa - acrescenta - que o teatro não seja fruído apenas por uma minoria - vv. 46-48:

Nolite sinere per uos artem musicam / Recidere ad paucos; facite ut uestra auctoritas / meae auctoritati fautrix adiutrixque sit. (*Não consintais ser os culpados de a poesia[44] atingir um pequeno número: fazei com que a vossa autoridade à minha autoridade traga inspiração e ajuda).*

c) As claques que prejudicam o espectáculo não estimulam o trabalho do dramaturgo nem do *dominus gregis* - vv. 55-57:

---

43 Cf. Bibl. B) Medeiros, 1997, p. 141.

Mea causa causam accipite ac date silentium / Vt libeat scribere aliis mihique ut discere / Nouas expediat posthac pretio emptas meo. (*Em atenção para comigo acolhei a causa [do autor] e proporcionai o silêncio, para que outros sintam gosto em escrever, e a mim suceda que, depois desta, possa montar novas [peças] adquiridas a preço por mim estipulado*[45]).

6. Prólogo do Fórmion

A um texto de 34 versos na edição francesa correspondem 35 versos na antologia, estando nesta a mais o verso nº 12, recolhido pelo antologista em manuscrito diferente. Como habitualmente, sigo a numeração da edição francesa.

Continua Terêncio a defender-se, através do Prólogo, dos ataques de Lúscio de Lanúvio, embora o nome do despeitado dramaturgo não seja expressamente mencionado.

a) Os propósitos do velho dramaturgo - vv. 1-3:

Postquam poeta uetus poetam non potest / Retrahere a studio et transdere hominem in otium, / Maledictis deterrere ne scribat parat. (*Depois que o poeta velho [concluiu que] não pode arrancar o [nosso] poeta à [sua] tarefa e reduzir o homem à inacção, tenta, pela maledicência, dissuadi-lo de escrever).*

b) O acusador obrigou o acusado a ripostar com igual dureza - vv. 18-21:

Ille ad famem hunc a studio studuit reicere; / Hic respondere uoluit, non lacessere; / Benedictis si certasset, audiuisset bene; / Quod ab illo adlatum est, sibi esse id rellatum putet. (*Aquele procurou afastar este [Terêncio] do seu trabalho e [lançá-lo] na fome. Quis este responder e não atacar. Se [o outro] tivesse combatido com boas palavras, boas palavras teria ouvido. Considere [assim] que lhe foi devolvido em ricochete o que ele lançou em primeiro lugar).*

---

44 O texto dramático era em poesia. W. de Medeiros traduz "artem musicam" por "arte das Musas".

45 Segundo W. de Medeiros (ob. cit., p. 146), o *dominus gregis* podia funcionar como intermediário dos edis, a quem competia o negócio, na compra de direitos de peças a transpor para os palcos romanos.

Séneca

Como já ficou dito, as edições quinhentistas de textos destinados ao ensino em colégios dos Jesuítas dão-nos conta de quatro tragédias de Séneca: *Tiestes*, *Troianas*, *Hércules Furioso* e *Medeia*. As duas primeiras vêm numa edição de 1559, catalogada por Joaquim Anselmo sob o n.º 827, de que há um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa; as duas últimas obras são de uma edição de 1560, catalogadas por Anselmo sob o n.º 832, de que só se conhece um exemplar na Biblioteca Pública de Évora, onde a pude consultar.

As peças são divididas em 5 actos, com a indicação dos vários metros adoptados por Séneca. Para o confronto com os originais de Séneca e orientação da tradução, sigo a edição das *Belles Lettres*, em dois volumes[46], constando do primeiro *Hércules Furioso*, *Troianas* e *Medeia*, e *Tiestes* do segundo. Para o *Tiestes* consultei ainda a tradução portuguesa de Segurado e campos na Editorial Verbo[47].

1. *Tiestes*

A antologia dos Jesuítas traz o texto integral, com ligeiras alterações resultantes da orientação por diferente manuscrito, e curtas omissões nos vv. 1100 e 1103, abaixo assinaladas. Como novidades mais significativas registam-se: o *Argumentum*, da responsabilidade do antologista, a divisão em cinco actos e a indicação dos diferentes metros[48].

1.1. Argumentum:

> Cogit, excitatque ab inferis Megaera, ex furiis una, Tantalum olim Phrygiae regem, ad odia commiscenda inter duos fratres, Thyestem et Atreum nepotes eius, qui Mycenis alternis annis regnaverant. At Atreus furiis agitatus consilio cum servo inito, deliberat quo pacto vindictam de fratre sumat, quod dolis Aeropem sibi conjugem constuprarit: quodque arietem aurei velleris surripuerit. Igitur ab Atraeo simulata reconciliatione, Thyesti revocato Micenis et inscio apponuntur

---

46 Ver Bibl. B) Sénèque, 1924 e 1967.

47 Ver Bibl. B) Séneca, 1996.

48 O cuidado em indicar os diferentes metros (*Trimetri jambici*, *Anapaestici versus*, *Choriambici Asclepiadei*, etc.) faz pressupor a atenção prestada pelos professores à métrica de cada uma das partes da tragédia. E isso não obstante as indicações em contrário do *Ratio Studiorum*, nas "Regras do professor de

in convivio sui filii epulandi. Postremo cum etiam sanguinem illorum in patera propinasset Atreus, jussit demum afferri capita. Queis visis et agnitis deflet Thyestes, sed Atreus, quod vindicta processerit oblectatur[49]. (*Megera, uma das Fúrias, obriga a vir dos infernos Tântalo, outrora rei da Frígia, a fim de misturar os ódios entre os dois irmãos, Tiestes e Atreu, seus descendentes, os quais reinaram em Micenas em anos alternados. Mas Atreu, transtornado pelas Fúrias, e depois de se ter aconselhado com um escravo[50], delibera quanto ao modo de se vingar do irmão, por este o ter atraiçoado ao cometer adultério com a sua esposa Aéropa, e por ter roubado o carneiro do velo de oiro. Por isso, tendo Atreu simulado a reconciliação com Tiestes e uma vez atraído este a Micenas, são-lhe servidos, sem ele o saber, em manjar, os seus [próprios] filhos. Por fim, depois que Atreu lhe deu a beber numa taça o sangue deles, mandou finalmente trazer as cabeças. À vista e no reconhecimento delas, Tiestes chora, mas Atreu regozija-se com o facto de a vingança ter tido êxito).*

1.2. O espectro de Tântalo[51] reconhece a maldição que pesa sobre a sua geração (i.e. a Casa dos Atridas), o que há-de fazer povoar de criminosos o reino dos infernos - vv. 18-23:

(...) iam nostra subit / E stirpe turba quae suum uincat genus / Ac me innocentem faciat et inausa audeat. / Regione quidquid impia cessat loci / Complebo: nunquam stante Pelopea domo / Minos uacabit. ((...) *já da minha raiz brota uma geração que ultrapassa a sua origem e far-me-á [parecer] inocente: ousará coisas que ultrapassam qualquer ousadia. Encherei de crimes todos os espaços vazios da região [infernal]; enquanto durar a casa de Pélops, Minos não estará ocioso).*

1.3. O conselheiro (*satelles*) adverte Atreu quanto aos limites da sua projectada vingança - vv. 215-217:

(...) Vbi non est pudor / Nec cura iuris, sanctitas, pietas, fides, / Instabile regnum est. ((...) *Onde não há pudor nem preocupação com a justiça, a pureza de costumes, o sentimento do dever, a lealdade, o trono vacila).*

Humanidades: "A métrica deverá ser percorrida rapidamente, insistindo-se apenas nos pontos de maior necessidade e mais como quem aplica do que explica" (Cf. Franca, 1952, p. 203).

[49] Aparecem neste texto as chamadas *letras ramistas* (j e v) - como em filij e vindicta , mas sem rigor nem critério uniforme. Faço a sua uniformização.

[50] Na peça vem *satelles*, que deve ser traduzido por "cortesão".

1.4. O coro vai fazendo considerações sobre os deveres dos reis - vv. 348-352:

> Rex est qui posuit metus / Et diri mala pectoris, / Quem non ambitio impotens / Et nunquam stabilis pauor / uulgi praecipitis mouet (...). ((...) *Rei é aquele que abandonou os medos e as inclinações de um coração cruel, a quem não movem nem a ambição desenfreada, nem o aplauso, sempre instável, da populaça precipitada* (...)).

1.4.1. A fala do coro termina em sabedoria epicurista - vv. 401-403:

> Illi mors grauis incubat / Qui, notus nimis omnibus, / Ignotus moritur sibi. (*A morte só cai como um fardo sobre aquele que, demasiado conhecido de toda a gente, morre desconhecendo-se a si mesmo (...)).*

1.5. O mensageiro, a quem cabe informar o público dos atrozes crimes de infanticídio, cometidos por Atreu, procede a uma longa e pormenorizada descrição que ocupa os vv. 641 a 682. Só então começa a narração, nua e crua, dos crimes. Nem os pormenores mais macabros são omitidos na antologia - vv. 728-729:

> Ceruice caesa, truncus in pronum ruit, / Querulum cucurrit murmure incerto caput. (*Cortado o pescoço, cai o tronco para a frente, [e] a cabeça rolou pelo chão soltando um lamento em apagado murmúrio).*

1.5.1. Vejam-se ainda os requintes da crueldade[52] - vv. 759-764:

> Postquam hostiae placuere, securus uacat / Iam fratris epulis: ipse diuisum secat / In membra corpus, amputat trunco tenus / Vmeros patentis et lacertorum moras, / Denudat artus durus atque ossa amputat; / Tantum ora seruat et datas fidei manus. (*Logo que as vítimas o aplacaram, já tem vagar e tranquilidade para se ocupar da refeição do irmão: ele próprio corta o corpo [das crianças], separa os membros, amputa até ao tronco os largos membros e as ligações dos antebraços, desnuda violentamente as articulações e racha os ossos; guarda apenas os rostos e as mãos que haviam sido confiadas à [sua] lealdade)*[53].

---

[51] O antologista adopta como personagem o próprio Tântalo, e não o seu espectro (*Tantali umbra*), como consta no original.

[52] Camões terá recebido influência do *Tiestes* de Sócrates para a seguinte passagem de Os Lusíadas (III, 133, 1-4): Bem puderas, ó Sol, da vista destes, / Teus raios apartar aquele dia, / Como da seva mesa de Tiestes, / Quando os filhos por mão de Atreu comia!).

[53] Causa estranheza que o antologista não tenha omitido esta cena cruel.

1.6. Atreu sente-se agora superior aos próprios deuses - vv. 885-888:

> Aequalis astris gradior et cunctos super / Altum superbo uertice attingens polum. / Nunc decora regni teneo, nunc solium patris. / Dimitto superos: summa uotorum attigi. (*Igual aos astros, caminho [entre eles] e, superior a todos, toco o alto céu com a minha fronte soberba. Agora detenho as honras reais; agora [ocupo] o trono de meu pai. Despeço os deuses: alcancei o alvo dos meus votos).*

1.7. É suprimida a referência à paternidade de Tiestes, relativamente aos filhos havidos da mulher de Atreu: no verso 1100 vem apenas a pergunta de Tiestes, sem a resposta de Atreu (vai sublinhada a parte omitida na antologia):

> - Quid liberi meruere ? - Quod fuerant tui. (- *Que culpa tiveram os filhos ? - O facto de terem sido teus).*

1.8. O verso 1103 do original (- *Quin coniugales ? - Scelere quis pensat scelus ? Porque não [os deuses protectores dos sentimentos] conjugais ? - Alguém paga um crime com outro crime* ?) - está incompleto na antologia, mas, segundo parece, por leitura de manuscrito diferente (Quid em vez de Quin) ou por erro de impressão (- Scelere quispi (sic)).

2. *As Troianas*[54]

Texto integral na antologia dos Jesuítas, precedido de um *argumentum,* da responsabilidade do antologista, divisão do texto em cinco actos e indicação dos diversos metros adoptados por Séneca.

2.1. *Argumentum*

> Excisa deletaque Troja, Graecis in patriam redire parantibus, apparuit Achillis umbra quem Paris in templo Apollinis interfecerat. Et monuit ut manes sui Polixenae puellae regiae victima placarentur, cujus enixe, dum viveret, connubium expetebat. Primum igitur Trojae saevum defletur excidium: mox ab Ulysse inquiritur Astyanax puer, Hectoris filius, ut tollatur e medio, nequid supersit

reliquiarum ad Ilium vindicandum. Reperto demum puero, abductaque puella, ut refertur a nuntio, ea quidem in Sigaeo ad tumulum Achillis inactatur; at ille praecipitatur e turri. Referuntur autem idcirco, quod horrenda minime actitantur in scena, sed tantummodo recitantur. (*Uma vez tomada e destruída Tróia, o espectro de Aquiles, que Páris matara no templo de Apolo, apareceu aos Gregos quando estes se preparavam para regressar à pátria. Recomendou que aplacassem os seus manes com o sacrifício de Polixena, donzela real, com quem, em vida, ardentemente desejara casar. Assim, pois, em primeiro lugar, chora-se a cruel destruição de Tróia. Depois, Ulisses procura descobrir o menino Astíanax, filho de Heitor, para lhe ser retirada a vida, a fim de assegurar que não reste ninguém capaz de vingar Ílion. Descoberta, finalmente, a criança, e trazida a donzela, conforme relato do mensageiro, esta é levada ao túmulo de Aquiles no Sigeu, e aquela é lançada do alto da torre abaixo. Nestas circunstâncias, tais acontecimentos são objecto de relato, já que os horrores são reduzidos ao mínimo na representação e apenas contados).*

2.2. O experiente Agamémnon aconselha o jovem Pirro a moderar o temperamento impetuoso, herdado, segundo ele, de seu pai Aquiles - vv. 250-252:

Iuuenile uitium est regere non posse impetum; / Aetatis alios feruor hic primus rapit, / Pyrrhum paternus. (*É um defeito da adolescência não conseguir controlar um arrebatamento. A outros é o entusiasmo próprio da idade que os arrebata; a Pirro, a impetuosidade [herdada] do pai).*

2.2.1. E Agamémnon procura justificar a necessidade de indulgência para com os vencidos - vv. 258-9 e 263-4:

Violenta nemo imperia continuit diu, / Moderata durant (...). [...]. (...) Magna momento obrui / Vincendo didici *(...). Ninguém conserva por muito tempo um poder violento, mas é duradoiro um poder moderado (...). [...]. (...) Aprendi na vitória que a grandeza pode ser aniquilada num instante).*

2.2.2. Agamémnon responde a Pirro que se recusa a sacrificar Polixena, já que tem o poder de impedir tal crime v. 291:

Qui non uetat peccare, cum possit, iubet. (*Quem, dispondo de poder, não impede um crime, manda-o [praticar].*

---

[54] De acordo com as diferentes edições, varia o título dado a esta peça de Séneca: *Troades* e *Troas* são os mais frequentes, sendo o último o adoptado na antologia jesuítica.

2.3. Princípios da doutrina epicurista sobre a morte, na voz do Coro, passam integralmente na antologia[55] - vv. 396-408:

> Post mortem nihil est ipsaque mors nihil / Velocis spatii meta nouissima; / Spem ponant auidi, solliciti metum: / Tempus nos auidum deuorat et chaos. / Mors indiuidua est, noxia corpori / Nec parcens animae: /Taenara et aspero / Regnum sub domino limen et obsidens / Custos non facili Cerberus ostio / Rumoris uacui uerbaque inania / Et par sollicito fabula somnio. / Quaeris quo iaceas post obitum loco ? / Quo non nata iacent. (*Nada há para além da morte, e a própria morte nada é - a última meta de uma corrida vertiginosa. Abandonem desejos os ambiciosos, e os inquietos, o medo: o tempo ávido e o caos devoram-nos [a todos]. A morte é indivisível: mal inerente ao corpo, [também] não poupa a alma. E os Infernos, reino submetido a um chefe cruel, e Cérbero, guardião do limiar no difícil acesso, são vãs quimeras e vazias invenções e uma fábula equivalente a um pesadelo. Pretendeis saber onde se fica após a morte ? No local que habitámos antes de nascer).*

2.4. A mãe Andrómaca resiste à morte para proteger o seu filho pequeno - vv. 418-421:

> Iam erepta Danais coniugem sequerer meum / Nisi hic teneret: hic meos animos domat / Morique prohibet; cogit hic aliquid deos / Adhuc rogare: - tempus aerumnae addidit. (*Já me teria subtraído aos Gregos e seguido o meu marido, se este [filho] não me retivesse. É ele quem refreia os meus desejos e me impede de morrer. Ele me força a suplicar ainda alguma coisa aos deuses: - prolongou o tempo da [minha] desventura).*

2.4.1. No diálogo com Ulisses, Andrómaca revela-se uma mãe corajosa - vv. 587-588:

> - Stulta est fides celare quod prodas statim. / - Animosa nullos mater admittit metus. (- *É confiança insensata esconderes o que brevemente entregarás. - Uma verdadeira mãe não acolhe medo algum).*

2.4.2. Mas também Ulisses pensa no seu filho Telémaco, a cuja geração um troiano sobrevivente poderia vir a fazer a guerra - vv. 391-393:

> Post arma tam longinqua, post annos decem / Minus timerem quos facit Calchas metus, / Si mihi timerem: bella Telemacho paras. (*Após guerras tão longe [da pátria], após dez anos, recearia eu menos os perigos anunciados por Calcas[56] se temesse por mim próprio: tu preparas guerras contra Telémaco).*

---

55 A fala do Coro em questão vai do verso 371 ao 408. Na antologia, ao verso 399 seguem-se os dois últimos, só depois vindo os vv. 400 a 406.

56 É o adivinho Calcas, consultado por Agamémnon, quem aconselha a matar Astíanax para impedir a vingança de Tróia, vingança que ficaria ao alcance deste filho de Heitor.

2.5. A felicidade dos outros reforça a dor dos desgraçados - diz o Coro - vv. 1018-1023:

> Tolle felices: miserum, licet sit, / Nemo se credet; remouete multo / Diuites auro, remouete centum / Rura qui scindunt opulenta bubus: / Pauperi surgent animi iacentes, / Est miser nemo nisi comparatus. (*Suprimi os que são felizes: ninguém se considerará infeliz, mesmo que o seja. Afastai os muito ricos em oiro, afastai os que rasgam campos opulentos com cem bois: erguer-se-ão as frontes abatidas dos pobres - só por comparação [com outros] se é desgraçado).*

2.6. O mensageiro traz a cruel notícia - vv. 1063-1064:

> Mactata uirgo est, missus e muris puer; / Sed uterque letum mente generosa tulit. (*A donzela foi imolada e o menino, lançado dos muros; mas ambos enfrentaram a morte com dignidade).*

2.7. O antologista não poupa o leitor no relato dos pormenores cruéis da morte de Astianax - vv. 1115-1117:

> Soluta ceruix silicis impulsu, caput / Ruptum cerebro penitus expresso; iacet / Deforme corpus. (*Quebrou-se o pescoço no choque contra o rochedo, a cabeça fendeu-se, ficando à vista os miolos - está feito num corpo disforme).*

2.8. Igualmente constam os últimos momentos de Polixena, belíssima e digna , arrebatada pelas mãos assassinas de Pirro - vv. 1143-1146:

> Stupet omne uulgus et fere cuncti magis / Peritura[57] laudant. Hos mouet formae decus, / Hos mollis aetas, hos uagae rerum uices; / Mouet animus omnes fortis et leto obuius. (*Todo o povo se espanta e quase todos [lhe] louvam [a beleza], agora que ela está prestes a morrer. A uns comove-os a beleza do [seu] corpo, a alguns a juventude, a outros as variáveis vicissitudes das coisas - a todos, a fortaleza de alma mesmo em face da morte).*

---

[57] A edição das *Belles Lettres* dá como leitura dum dos manuscritos *perituram*, mas, como acontece na antologia, adopta *peritura*, de acordo com diferente manuscrito. O acusativo do singular faria, de facto, mais sentido: louvam a que vai morrer. *Peritura* será então o predicado duma oração participial ou ablativo absoluto: peritura ea (*estando ela para morrer).*

3. *Hércules Furioso*

A tragédia consta praticamente na íntegra da edição de 1560. As diferenças de texto em confronto com a edição das *Belles-Lettres* explicam-se pelos diferentes manuscritos seguidos. Outras diferenças também não são pertinentes, como é o caso de versos colocados em local diverso. Acontece, porém, que o v. 123 das B.L. ocupa o lugar de v. 90 na edição da Companhia de Jesus, mas esta edição não inclui o 2º verso dum dístico da longa fala inicial da deusa Juno, que passo a reproduzir:

> Mouenda sunt bella: clarescit dies / Ortuque Titan lucidus croceo subit. (*Há que passar ao ataque: a madrugada vai raiando e o luminoso Titan sobe no Oriente dourado).*

3.1. Juno promete vingar-se da traição adulterina de Júpiter[58] - vv. 27-29:

> Non sic abibunt odia; uiuaces aget / Violentus iras animus et saeuus dolor / Aeterna bella pace sublata geret. (*Não desaparecerão assim os meus rancores. O meu espírito violento activará cóleras inextinguíveis, e uma dor cruel, abandonadas as tréguas, fará guerras eternas).*

3.1.1. As vinganças de Juno prepara-as a deusa para depois do regresso de Hércules dos reinos infernais - vv. 116-117:

> Me uicit: et se uincat et cupiat mori / Ab inferis reuersus (...). (*Ele venceu-me: vença-se também a si próprio, e que, após o regresso dos infernos, deseje morrer).*

3.2. O Coro descreve a beleza do despertar do dia - vv. 137-140:

> Labor exoritur durus et omnis / Agitat curas aperitque domos. / Pastor gelida cana pruina / Grege dimisso pabula carpit. (*O duro Trabalho ergue-se, sacode todos os cuidados e abre as casas. O pastor faz colher, pelo rebanho deixado em liberdade, os pastos esbranquiçados pela fria geada*).

3.2.1. E faz a apologia da vida rural, sem ambições, em contraste com a vida urbana - vv. 159-163:

---

[58] Júpiter, disfarçado de Anfitrião, marido de Alcmena, gerou desta o herói Hércules.

Haec, innocuae quibus est uitae / Tranquilla quies et laeta suo / Paruoque domus, spes et in agris./ Turbine magno spes sollicitae / Vrbibus errant trepidique metus. (*Esta é a expectativa, centrada nos [seus] campos, daqueles que desfrutam de um sereno repouso numa vida inocente e de uma casa satisfeita com o pouco que possui. Ambições perturbadoras e trepidantes receios - [esses] vagueiam, em grande turbilhão, pelas cidades).*

3.2.1.1. É o louvor da *aurea mediocritas*, longe dos átrios reais (aditus regum, v. 164), dos montes de oiro (congesto auro, v. 168), dos aplausos da multidão inconstante (fluctuque magis mobile uulgus, v. 170).

3.2.1.2. Daí, implícito, o tópico do *carpe diem* (Dum fata sinunt, / Viuite laeti, vv. 177-178).

3.3. Anfitrião, pai putativo de Hércules, procura avivar a esperança de Megara, esposa de Hércules, cujo pai fora destronado e assassinado - vv. 309-311:

O socia nostri sanguinis, casta fide / Seruans torum natosque magnanimi Herculis, / Meliora mente concipe atque animum excita. (*Ó companheira do nosso sangue, que guardas em casta fidelidade o leito e os filhos do magnânimo Hércules, concebe melhores pensamentos e reanima a [tua] coragem).*

3.4. Depois da descrição dos habitantes dos infernos (*Sapor, Fames, Metus, Luctus, Morbus,* etc., vv. 689-696), Teseu, que acompanhara Hércules na visita ao Tártaro, acrescenta - vv. 698-700:

Non prata uiridi laeta facie germinant / Nec adulta leni fluctuat Zephyro seges; / Non ulla ramos silua pomiferos habet. (*Nenhuns prados [aí] germinam com face verde e fecunda, nenhuma seara madura ondula sob um suave Zéfiro, nenhum bosque possui ramos carregados de frutos).*

3.4.1. E assim conclui a descrição - vv. 704-706:

Immotus aer haeret et pigro sedet / Nox atra mundo: cuncta maerore horrida / Ipsaque morte peior est mortis locus. (*O ar, imóvel, está suspenso, e uma noite de breu paira sobre este mundo inerte: tudo aí é de uma tristeza horrenda, e a moradia da morte é pior que a própria morte).*

3.4.2. Mas Anfitrião tem curiosidade em saber algo de mais importante sobre os infernos - vv. 727-729:

> Verane est fama inferis / tam sera reddi iura et oblitos sui / sceleris nocentes debitas poenas dare? (*Porventura confirma-se a fama de que, nos infernos, é feita justiça, mesmo tardia, e que expiam as penas devidas mesmo os criminosos que se não lembram do crime cometido?)*

3.4.2.1. Depois de referir o castigo dado aos maus governantes (uidi cruentos carcere includi duces: *vi chefes sanguinários serem encerrados num cárcere*, v. 737), deixa um conselho:

> Sanguine humano abstine / Quicumque regnas: scelera taxantur modo / Maiore vestra. (*Abstém-te de sangue humano, tu que deténs o poder: os teus crimes cobram uma taxa mais elevada).*

3.5. Cheio de orgulho e enorme ambição, Hércules quer escalar os céus - v. 97:

> Iam monte gemino limitem ad superos agam. (*Então, pondo um monte sobre outro, farei uma estrada até aos deuses).*

3.6. Atingido pela demência em alto grau, Hércules mata os próprios filhos e a esposa. Recuperada a razão, tenta suicidar-se, mas Anfitrião e Teseu lá conseguem, a muito custo, dissuadi-lo.

4. *Medeia*

Também esta peça é encabeçada, na antologia, por um *argumentum*, que apenas fornece um resumo da tragédia. Segue-se, depois, o texto de Séneca na íntegra, repartido por cinco actos, com indicação dos vários metros adoptados por Séneca.

4.1. Preterida por Jasão, que se prepara para desposar a filha do rei de Corinto - Creonte -, Medeia jura vingar-se. O longo monólogo inicial remata assim - v. 55:

> Quae scelere parta est, scelere linquenda est domus. (*Esta casa, que foi obtida por meio de um crime, por [outro] crime a hei-de abandonar).*

4.2. O Coro aprova o novo casamento - vv. 114-115:

Soluat turba iocos, - tacita eat illa tenebris, / Si qua peregrino nubit fugitiua marito. (*Que a multidão dê largas aos divertimentos - e que, sorrateiramente, desapareça nas trevas aquela [Medeia] que, fugitiva [da casa paterna*[59]*], desposa um rei estrangeiro).*

4.3. A ama de Medeia aconselha-lhe moderação - vv. 157-158:

Siste furialem impetum, / Alumna: uix te tacita defendit quies. (*Retém esse ímpeto descontrolado, ó minha pupila: só mesmo o silêncio e a calma podem defender-te).*

4.3.1. Só após a vingança Medeia se propõe fugir - v. 172 e 176:

- Profugere dubitas? - Fugiam, at ulciscar prius. / [...] / Fortuna opes auferre, non animum potest.
(*- Hesitas em fugir? - Fugirei, mas depois de me vingar. [...] A Fortuna pode roubar-me os meios, mas não tirar-me a coragem).*

4.4. Como Medeia, expulsa por Creonte, vai embarcar de regresso à Cólquida, o Coro exprime a condenação da ambição, que levou os homens a desafiar os mares perigosos - vv. 301-304:

Audax nimium qui freta primus / Rate tam fragili perfida rupit, / Terrasque suas post terga uidens, / Animam leuibus credidit auris (...). *(Por demais temerário foi o primeiro homem que, num barco frágil, rasgou as pérfidas águas e que, vendo [desaparecer] atrás de si a terra natal, confiou a vida a brisas ligeiras (...)).*

4.5. Medeia propõe-se ultrapassar todos os limites da violência - vv. 426-428:

(...) Sola est quies / Mecum omnia cuncta si uideo obruta: / Mecum omnia abeant. Trahere, cum pereas, libet. (*Só terei descanso quando vir tudo destruído, conjuntamente comigo; que tudo desapareça comigo. Sabe bem arrastar tudo na nossa perdição).*

---

[59] Medeia atraiçoara o pai, o rei da Cólquida, e fugira com Jasão, ajudando-o, graças aos seus poderes mágicos, a conquistar o Velo de Oiro.

4.5.1. A ama aconselha-lhe prudência - vv. 429-431:

> Quam multa sint timenda, si perstas, uide: / Nemo potentes aggredi tutus potest. (*Nota quanto deves recear, se te obstinas: ninguém consegue garantir a sua segurança quando ataca os poderosos).*

4.6. Jasão recusa entregar os filhos comuns a Medeia - vv. 517-519:

> Haec causa uitae est, hoc perusti pectoris / Curis leuamen. Spiritu citius queam / carere, membris, luce. (*São [os meus filhos] a minha razão de viver, são a consolação deste coração queimado pelas preocupações. Mais depressa poderia passar sem o ar que respiro, sem os membros, sem a luz do dia).*

4.7. Medeia pretende atingir Jasão nesse ponto mais vulnerável - os filhos -, assassinando-os, mas a primeira vingança cai sobre Creonte, que, dando a mão da filha a Jasão, provocara o repúdio de Medeia. Por isso, também ele morrerá.

4.8. A ama revela os preparativos de Medeia para matar a rival - vv. 737-739:

> Addit uenenis uerba non illis minus / Metuenda. Sonuit ecce vesano gradu / Canitque. Mundus uocibus primis tremuit. (*Ela junta aos venenos fórmulas não menos perniciosas do que eles. Mas eis que ela se faz ouvir pelo [seu] passo furioso e pela entoação das fórmulas mágicas. O universo treme [logo] às primeiras entoações).*

4.8.1. O autor alonga-se na descrição dos venenos e dos produtos inflamatórios (que hão-de pegar fogo ao vestido da noiva e ao palácio de Creonte), acompanhados de fórmulas mágicas recitadas por Medeia (vv. 740 a 839).

4.8.2. Medeia deslumbra-se, no seu ódio saciado, com o espectáculo do palácio a arder - vv. 893-895:

> Egone ut recedam? Si profugissem prius / Ad hoc redirem. Nuptias specto nouas. / Quid, anime, cessas? Sequere felicem impetum. (*Porventura havia eu de me afastar daqui? Se tivesse fugido antes, voltaria para este [espectáculo]. Porquê desistir, ó alma [minha]? Prossegue o teu feliz elã).*

4.8.3. Medeia experimenta uma alegria selvagem e macabra ao recordar crimes cometidos anteriormente, excitando-se assim para novos crimes - vv. 902-904 e 910:

> Incumbe in iras teque languentem excita / Penitusque ueteres pectore ex imo impetus / Violenter hauri (...) [...] / Medea nunc sum ; creuit ingenium malis. (*Reclina-te sobre os [teus] furores, não te deixes enlanguescer e faz brotar com violência, do fundo do peito, velhas fúrias. [...] Agora é que eu sou Medeia. Cresceu o meu génio com as maldades).*

4.8.4. Medeia reconhece a plena inocência das crianças, que ela se prepara para sacrificar - vv. 934 - 936:

> Medea mater: - occidant, non sunt mei; / Pereant, mei sunt. Crimine et culpa carent, / Sunt innocentes: fateor (...). (*Medeia é a mãe [deles]: - que morram, não são meus*[60]*; morram, são meus. Estão isentos de faltas e de culpas; são inocentes - eu o confesso (...)).*

4.9. A peça termina por uma curiosa fala de Jasão, que vê a criminosa Medeia erguer-se nos céus, levada por um carro puxado por duas serpentes - vv. 1026-27:

> Per alta uade spatia sublimis aetheris / Testare nullos esse, qua ueheris, deos. (*Vai através das altas regiões dos céus sublimes confirmar que não há deuses no caminho por onde te conduzem).*

---

[60] Possessa de ciúme, Medeia imagina que até os filhos nela gerados por Jasão é como se fossem filhos da rival. A contradição (*são / não são meus filhos)* mostra o grau de loucura da personagem.

Capítulo IV: Historiografia[1]

Tito Lívio, Salústio, Quinto Cúrcio (?) e Floro

[1] Tito Lívio e Salústio são os historiadores mais abundantemente representados nas antologias dos Jesuítas. Júlio César, o autor de *De bello Gallico*, expressamente mencionado no *Ratio Studiorum*, não consta das mesmas antologias. A omissão explica-se, como no caso de Virgílio, já referido, por se tratar dum autor acessível em edições correntes no mercado.

Tito Lívio

Como se impunha pelo seu destaque entre os historiadores romanos, Lívio é o mais representado nas antologias, que nos dão integralmente três livros da sua "Ab urbe condita libri" ou "História romana": o I, o XXI e o IL. O XXI aparece, aliás, em duas antologias: numa edição de 1587 (T. Livii Patavini Historiarum ab Urbe condita Decadis Tertiae Liber Primus); e noutra de 1593 (T. Livii Patavini Historiarum ab Urbe condita decadae primae liber primus), que, ao contrário do que o título indica, acrescenta ao livro I os livros XXI e IL.

Para a tradução dos passos transcritos do livro I apoio-me na edição francesa das *Belles Lettres*[2], indicando o capítulo, em romano, seguido dos subcapítulos, em árabe. Não há na antologia qualquer numeração.

1. *O livro I da "História Romana" ou "Decadae primae liber primus"*.

O antologista, com a escolha deste livro, pretendeu, certamente, fornecer aos alunos elementos histórico-culturais sobre as origens de Roma a partir da tradição escrita e oral. Passo a transcrever alguns fragmentos, privilegiando as passagens que ainda no nosso tempo figuram nas melhores selectas escolares.

1.1. Os troianos Eneias e Antenor são poupados pelos vencedores gregos[3]. Assim começa a narrativa liviana - I,1:

> Iam primum omnium satis constat Troia capta in ceteros saeuitum esse Troianos; duobus Aeneae Antenorique, et uetusti iure hospitii, et quia pacis reddendaeque Helenae semper auctores fuerant, omne ius belli Achiuos abstinuisse. (*Já sabemos bem que , após a tomada de Tróia, houve crueldade para com os Troianos. Dois [deles] - Eneias e Antenor - foram poupados pelos Gregos*

---

2 Ver Bibl. B) Tite-Live, 1995.

3 Nunca é demais acentuar o sentimento romano de dívida cultural para com a Grécia, dado que devemos a essa atitude de Roma o terem sido os Romanos um privilegiado veículo da cultura da Grécia Antiga para a civilização ocidental. Desde a expansão romana para a Magna Grécia, a sul, os romanos tiveram a humildade de aprender com os seus prisioneiros de guerra gregos os mais altos valores do espírito. Isso aconteceu desde muito cedo: lembremos, p. e., as adaptações teatrais de Plauto e de Terêncio.

Conseguida a paz no Império, Octávio Augusto pôde proteger intelectuais como Horácio, Virgílio e Tito Lívio, que deram expressão a essa "filiação" de Roma na cultura da mãe-Grécia. Daí o aproveitamento, em Virgílio com a *Eneida*, e em Tito Lívio com *Ab Urbe condita libri*, da lenda segundo a qual o troiano Eneias, de cultura grega, fora o fundador de Roma. Segundo a mesma tradição, Antenor fora o fundador da

ao direito de guerra -, não só graças ao dever antigo de hospitalidade mas ainda porque eles haviam sempre proposto fazer a paz e restituir Helena[4]*).*

1.2. Eneias é desalojado da sua morada em Tróia, para cumprir uma grandiosa missão - I, 4:

Aeneam, ab simili clade domo profugum, sed ad maiora rerum initia ducentibus fatis, primo in Macedoniam uenisse, inde in Siciliam quaerentem sedes delatum, ab Sicilia classe ad Laurentem agrum tenuisse. ([*Consta que] Eneias, exilado da sua pátria por uma desgraça semelhante, mas conduzido pelo destino a encetar uma mais alta empresa, aportou primeiro à Macedónia, depois, sempre em busca de uma morada, à Sicília. Da Sicília, por mar, chegou ao território de Larento [cidade dos Latinos*], *onde se fixou.*

1.3. Rómulo e Remo, filhos da vestal Reia Sílvia e do deus Marte, expostos para perecerem afogados nas águas do Tibre, são amamentados por uma loba e depois criados por Larência - IV, 6 e 8:

Vastae tum in his locis solitudines erant . Tenet fama, cum fluitantem alueum , quo expositi erant pueri, tenuis in sicco aqua destituisset, lupam sitientem e montibus qui circa sunt ad puerilem uagitum cursum flexisse; eam submissas infantibus adeo mitem praebuisse mammas, ut lingua lambentem pueros magister regii pecoris inuenerit (...). Ita geniti itaque educati, cum primum adoleuit aetas, nec in stabulis nec ad pecora segnes, uenando peragrare saltus. (*Esses locais eram então imensos desertos. Segundo a tradição, tendo uma ténue corrente de água deixado o cesto flutuante em terreno enxuto, uma loba sedenta, descida dos montes em volta, encaminhou-se na direcção dos vagidos das crianças e ofereceu aos meninos as tetas com tal ternura, que os lambia quando foram encontrados por um pastor do rebanho real (...). Assim nascidos e tratados, chegada a adolescência não ficavam ociosos nos estábulos ou junto dos rebanhos, mas andavam à caça pelos bosques).*

1.3.1. A Roma faltavam mulheres que garantissem o crescimento da população - IX, 1 a 5:

Iam res Romana adeo erat ualida, ut cuilibet finitimarum ciuitatum bello par esset; sed penuria mulierum hominis aetatem duratura magnitudo erat, quippe quibus nec domi spes prolis, nec cum finitimis conubia essent. Tum ex consilio patrum Romulus legatos circa uicinas gentes misit, qui societatem conubiumque nouo populo peterent (...). Nusquam benigne legatio audita est. (*Já Roma*

---

cidade de Pádua. Tito Lívio, orgulhoso dessa origem da cidade reivindicou-se sempre como nascido em Pádua, embora se admita que tenha nascido nos seus arredores (cf. Paratore, 1962, p. 440).

[4] Tito Lívio dá relevo, desde o início da longa obra, aos ideais de justiça e de paz, ou melhor, da paz inseparável da justiça. Era também uma oportunidade para encarecer a *Pax Augusta*.

era suficientemente forte para se igualar na guerra com qualquer das cidades vizinhas. Mas com a falta de mulheres a sua grandeza havia de durar [apenas] uma geração, pois nem os Romanos tinham esperança de geração entre si, nem havia casamentos com os vizinhos. Então, por conselho dos senadores, Rómulo enviou delegados aos povos vizinhos com a missão de solicitarem uma aliança e o direito de casamento para o novo povo (...). Em nenhum lado teve bom acolhimento a embaixada).

1.3.2. Em face desse malogro, Rómulo decide proceder ao rapto de mulheres sabinas, durante um espectáculo lúdico - IX, 10:

Vbi spectaculi tempus uenit, deditaeque eo mentes cum oculis erant, tum ex composito orta uis, signoque dato iuuentus Romana ad rapiendas uirgines discurrit. (*Chegado o momento do espectáculo, e estando nele centrados os espíritos e os olhares, surgiu a violência, conforme estava combinado: a um sinal dado, os jovens romanos lançam-se no rapto das donzelas [sabinas]).*

1.3.3. Rómulo procura, com boas palavras e promessas, apaziguar o ânimo das raptadas - IX, 15:

(...) mollirent modo iras, et, quibus fors corpora dedisset, darent animos. Saepe ex iniuria postmodum gratiam ortam (...). Accedebant blanditiae uirorum, factum purgantium cupiditate atque amore, quae maxime ad muliebre ingenium efficaces preces sunt. (...) [*Rogava-lhes Rómulo que] abrandassem agora a sua cólera, e àqueles a quem o destino dera os seus corpos lhes confiassem o coração. [Acrescentava que] , frequentemente, dum ultraje nasce em seguida a boa harmonia (...). [Lembrava-lhes ainda que] vinham depois as carícias dos maridos, que reparavam a [má] acção através do desejo e do amor*[5]*, o que é, para o espírito feminino, a mais eficaz das súplicas*).

1.3.4. A guerra entre Romanos e Sabinos coloca as jovens esposas entre os pais e os maridos - XIII, 1-2:

Tum sabinae mulieres, quarum ex iniuria bellum ortum erat, crinibus passis scissaque uesteuicto malis muliebri pauore, ausae se inter tela uolantia inferre, ex transuerso impetu facto dirimere infestas acies, dirimere iras, hinc patres, hinc uiros orantes, ne se sanguine nefando soceri generique respergerent (...). (*Então as mulheres sabinas, de cuja ofensa nascera a guerra, de cabelos em desalinho e com as vestes rasgadas, ultrapassando pela desgraça medo feminino, ousam lançar-se entre os dardos que esvoaçam, e, intrometendo-se de permeio, separam as linhas inimigas, retêm as cóleras. Rogam de um lado aos pais, do outro, aos maridos que sogros e genros se não banhem no sangue de um crime (...).*

---

5 O tradutor das *Belles Lettres* dá um sentido diferente a esta passagem: "Ils invoquaient comme excuse l'ardeur de leur passion". Mas uma tal tradução parece-me pouco compatível com a letra do texto.

1.3.4.1. As súplicas das mães e filhas são ouvidas - XIII, 4-5:

Mouet res cum multitudinem tum duces; silentium et repentina fit quies; inde ad foedus faciendum duces prodeunt; nec pacem modo, sed ciuitatem unam ex duabus faciunt. Regnum consociant: imperium omne conferunt Romam. (*Esta intervenção demove tanto a multidão como os chefes. Faz-se silêncio e súbita tranquilidade. Em seguida, para concluírem um tratado, avançam os chefes. Não estabelecem apenas a paz, mas ainda fazem de duas [Roma e Cures] uma só cidade. Partilham em conjunto a realeza; transferem a sede do poder para Roma).*

1.4. Os irmãos Horácios e os irmãos Curiácios, combatendo entre si, vão decidir do desfecho da guerra entre Romanos e Albanos - XXIV, 1-2:

Forte in duobus tum exercitibus erant trigemini fratres nec aetate nec uiribus dispares (...). Cum trigeminis agunt reges, ut pro sua quisque patria dimicent ferro: ibi imperium fore, unde uictoria fuerit. (*Havia, por acaso, nos dois exércitos, três irmãos gémeos, iguais em idade e em força (...). Acordam os reis com os [respectivos] trigémeos que cada um dos grupos combata pela sua pátria, cabendo a soberania a quem alcançar a vitória.).*

1.5. As crueldades de Tarquínio o Soberbo - ILIX, 1-4:

Inde L. Tarquinius regnare occepit, cui superbo cognomen facta indiderunt, quia socerum gener sepultura prohibuit, Romulum quoque insepultum periisse dictitans; primoresque patrum, quos Serui rebus fauisse credebat, interfecit; conscius deinde male quaerendi regni a se ipso aduersus se exemplum capi posse, armatis corpus circumsaepsit. Neque enim ad ius regni quicquam praeter uim habebat, ut qui neque populi iussu neque auctoribus patribus regnaret. Eo accedebat ut, in caritate ciuium nihil spei reponenti, metu regnum tutandum esset. (*Começou então o reinado de Lúcio Tarquínio, que ficou a dever o cognome de Soberbo ao seu procedimento: este genro privou o sogro de sepultura, dizendo repetidas vezes que também Rómulo ficara insepulto; matou os principais senadores, que ele julgava que haviam sido apoiantes de Sérvio [seu sogro]; além disso, consciente de que , tendo conseguido fraudulentamente o poder, o [mau] exemplo poderia [agora] ser aproveitado contra si, fez-se rodear de um corpo de homens de segurança. Com efeito, no respeitante ao poder só podia contar com a força, já que governava sem mandato do povo nem aprovação dos senadores. Por outro lado, não depositando qualquer esperança na afeição dos cidadãos, tinha de proteger o poder com o temor).*

2. *O livro XXI das "Décadas"*

Como sabemos, o Livro XXI das Décadas ocupa-se da 2ª guerra púnica. Não admira que o antologista tenha escolhido este livro entre a extensa obra do historiador romano, já que ainda hoje é frequente depararmos com extractos do célebre livro em antologias de latim no ensino secundário.

Para a minha tradução de algumas passagens oriento-me pela edição das *Belles Lettres*[6], e conferi ainda o original pela edição espanhola da responsabilidade de José Vallejo[7]. Estas edições seguem a metodologia moderna de divisão do Livro XXI em 63 capítulos em numeração romana. Na localização dos extractos indico o capítulo (em romano) seguido da página, em numeração árabe, da edição francesa.

2.1. À laia de prefácio - I, 2:

> In parte operis mei licet mihi praefari, quod in principio summae totius professi plerique sunt rerum scriptores, bellum maxime omnium memorabile quae unquam gesta sint me scripturum, quod Hannibale duce Carthaginienses cum populo Romano gessere. (*Permito-me fazer preceder esta parte da minha obra da declaração que a maioria dos historiadores fizeram no início do conjunto da sua obra: vou descrever a guerra de longe a mais memorável de todas as que aconteceram - a que, sob o comando da Aníbal, os Cartagineses conduziram contra o povo romano).*

2.2. O espírito pacifista e diplomático de Asdrúbal - II, 3:

> Is plura consilio quam ui gerens, hospitiis magis regulorum conciliandisque per amicitiam principum nouis gentibus quam bello aut armis rem carthaginiensem auxit. (*Gerindo as questões mais pelo diálogo do que pela violência, Asdrúbal aumentou o poder de Cartago mais pela oferta de hospitalidade a chefes locais e pela obtenção da aliança de novos povos através da amizade dos seus líderes, do que pela guerra ou pelas armas).*

2.3. Nomeado sucessor de seu pai (Amílcar), Aníbal reflectia os caracteres paternos, mas depressa se impôs pelos méritos próprios. Vê-se nesta como em outras passagens a admiração do historiador pelo herói inimigo figadal de Roma - IV, 5[8]:

---

6 Ver Bibl. B) Tite-Live, 1988.

7 Ver Bibl. B) Tito Lívio, 1961.

8 Transcrevo uma parte de um longo parágrafo que continua a figurar nas modernas antologias.

Missus Hannibal in Hispaniam primo statim aduentu omnem exercitum in se conuertit; Hamilcarem iuuenem redditum sibi ueteres milites credere; eundem uigorem in uoltu uimque in oculis, habitum oris lineamentaque intueri. Dein breui effecit ut pater[9] in se minimum momentum ad fauorem conciliandum esset . [...] Plurimum audaciae ad pericula capessenda, plurimum consilii inter ipsa pericula erat. Nullo labore aut corpus fatigari aut animus uinci poterat. [...] Equitum peditumque idem longe primus erat; princeps in proelium ibat, ultimus conserto proelio excedebat. (*Mandado para a Espanha, Aníbal conquistou desde o primeiro momento a simpatia de todo o exército. Aos veteranos parecia-lhes que o jovem Amílcar lhes tinha sido devolvido: viam [nele] a mesma energia do rosto, a mesma vivacidade nos olhos, a mesma expressão da boca, os mesmos traços. Em seguida, depressa conseguiu que [a semelhança com] o pai passasse a ser da menor importância para captar a simpatia. [...] Revelava a maior audácia no afrontamento dos perigos, e a máxima ponderação no meio dos mesmos perigos. Nenhum trabalho era capaz de cansar [-lhe] o corpo ou de [lhe] vencer o espírito. [...] Era de longe o primeiro dos cavaleiros e dos soldados de infantaria, o primeiro a avançar para o combate e o último a retirar-se no fim da contenda).*

2.3.1. No outro prato da balança vão os defeitos do herói púnico - IV, 6:

Has tantas uiri uirtutes ingentia uitia aequabant, inhumana crudelitas, perfidia plus quam punica, nihil ueri, nihil sancti, nullus deum metus, nullus ius iurandum, nulla religio. (*Enormes defeitos igualavam tão grandes qualidades: uma crueldade desumana, uma perfídia mais do que púnica, nenhuma preocupação com a verdade e com o sagrado, nenhum temor dos deuses, nenhum respeito pelos juramentos, nenhum escrúpulo religioso).*

2.4. Depois de Aníbal ter tomado Sagunto, na costa espanhola, cidade aliada de Roma, o senado romano toma consciência do perigo que Aníbal representa - XVI, 19:

Nam neque hostem acriorem bellicosioremque secum congressum nec rem Romanam tam desidem unquam fuisse atque imbellem[10]. (*Eles [os romanos] jamais se tinham confrontado com um inimigo tão aguerrido e tão belicoso, e nunca em Roma o governo tinha dado provas de tanta inércia e incapacidade de combater).*

2.5. Após a travessia do rio Ebro, Aníbal procura levantar o ânimo das suas tropas, falando-lhes desta maneira - XXX, 37:

---

[9] Patri, na antologia, não estando abonado por leitura de qualquer manuscrito, só pode ser confusão ou gralha.

[10] A construção infinitiva justifica-se por se tratar da expressão indirecta do pensamento dos senadores, subentendendo-se: "Os senadores consideravam que ...".

- Romam, caput orbis terrarum, petentibus quicquam adeo asperum atque arduum uideri quod inceptum moretur? *(A homens que querem atacar Roma, capital do Universo, que obstáculo parece suficientemente forte e árduo para retardar a empresa?).*

2.6. A difícil travessia dos Alpes - XXXVI, 44:

Ventum deinde ad multo angustiorem rupem atque ita rectis saxis ut aegre expeditus miles tentabundus manibusque retinens uirgulta ac stirpes circa eminentes demittere sese posset. (*Chegaram em seguida a uma passagem rochosa muito mais estreita e de pedras tão escarpadas que um soldado sem bagagem, às apalpadelas e agarrando-se com as mãos aos arbustos e às raízes que se erguiam em volta, a custo conseguia descer).*

2.7. Entretanto, do lado romano, Cipião prepara psicologicamente os seus soldados para resistir ao exército cartaginês, dirigindo-se-lhes nestes termos - XLI, 51:

- Vnusquisque se non corpus suum sed coniugem ac liberos paruos armis protegere putet. (*Que cada um pense que o que está a proteger não é o seu corpo mas a sua mulher e os filhinhos).*

2.8. Os dois exércitos enfrentam-se - XLVI, 57:

Consistit utrumque agmen et ad proelium sese expediebant. (*Os dois exércitos detiveram-se e prepararam-se para o combate).*

2.8.1. Ferido Cipião, seu filho Cipião-o-Africano salva a situação - LVI, 58:

Hic erit iuuenis penes quem perfecti huiusce belli laus est, Africanus ob egregiam uictoriam de Hannibale Poenisque appellatus. (*Este será o jovem a quem cabe a glória de acabar esta guerra e que foi denominado O Africano mercê da [sua] brilhante vitória sobre Aníbal e os cartagineses).*

2.9. Violenta tempestade colhe Aníbal nos montes Apeninos - LVIII, 73:

Transeuntem Appeninum adeo atrox adorta tempestas est, ut Alpium prope foeditatem superauerit. [...] Tum uero ingenti sono caelum strepere et inter horrendos fragores micare ignes; capti auribus et oculis metu omnes torpere; tandem effuso imbre, cum eo magis accensa uis uenti esset, ipso illo, quo deprensi erant, loco castra ponere necessarium uisum est. *(Quando ele atravessava os Apeninos, atingiu-o uma procela tão terrível que quase ultrapassou os horrores dos Alpes. [...] Então o céu retumbou num ruído enorme e brilharam relâmpagos por entre horríveis estrondos. Privados de visão e de audição, todos ficaram paralisados pelo medo. Finalmente, no meio duma chuva torrencial e como ainda crescera mais a violência do vento, pareceu necessário acampar no próprio local onde foram apanhados [pela tempestade]).*

2.10. Batalha renhida entre os dois exércitos - LIX, 74:

> Pugna raro magis ulla saeua aut utriusque partis pernicie clarior fuisset, si extendi eam dies in longum spatium siuisset; nox accensum ingentibus animis proelium diremit. (*Dificilmente batalha alguma teria sido mais terrível ou mais famosa, em virtude dos danos sofridos pelas duas partes, se a luz do dia tivesse permitido prolongar o combate por mais tempo; a noite pôs termo a um combate incendiado por ânimos vigorosos).*

2.11. Entretanto, verificaram-se prodígios em Roma e redondezas - LXII, 77-78:

> Romae aut circa urbem multa ea hieme prodigia facta aut, quod euenire solet motis semel in religionem animis, multa nuntiata et temere credita sunt [...]. (*Em Roma ou à volta da cidade muitos prodígios se deram nesse inverno, ou, como é costume suceder com pessoas uma vez movidas por sentimento religioso, muitos ["milagres"] foram propagados e facilmente acreditados).*

2.11.1. Entre os vários prodígios mencionados pelo historiador, merece relevo o do templo da Esperança - LXII, 78:

> [...] et aedem Spei, quae est in foro holitorio, fulmine ictam [...]. *([...] o templo da Esperança, que fica no fórum holitório, foi atingido por um raio [...]).*

3. *O Livro XL de "Ab Urbe condita libri"*

Também neste caso temos o texto integral na antologia quinhentista. Tito Lívio trata acontecimentos romanos dos anos 182 as 179 a.C., cabendo papel relevante às guerras macedónicas. Mas também a situação na Península Ibérica é abordada, embora ocupando menor espaço. Na Macedónia reinava então Filipe V. Assistimos à disputa de seus dois filhos - Perseu, o mais velho, e Demétrio - pela sucessão ao trono.

Na sua introdução nas *Belles-Lettres*[11], cuja edição consultei para o original e a tradução, Christian Gouillart, procurando explicar o relevo concedido por Tito Lívio aos problemas internos da casa real da Macedónia, escreve: "La Macédoine dut, à cette époque, être effectivement déchirée entre partisans de la collaboration avec Rome et opposants à cette politique; c´est ce clivage fondamental, qui se retrouvait même au sein de la famille royale, qui donne son sens profond à la rivalité entre Persée et Démétrius".

Se quisermos agora tentar decifrar as razões da escolha por parte do antologista jesuíta, não será desacertado apontar, por um lado, o interesse pela boa lição de retórica proporcionada pelos longos discursos de ataque e defesa de cada um dos dois irmãos perante o pai e rei Filipe V da Macedónia (c. 237-179 [a] C.), e, por outro lado, o intuito de fornecer dados históricos relativos às guerras peninsulares com Roma.

Da edição das *Belles-Lettres* de 1986 indico os capítulos, em romano, e subcapítulos, em árabe.

3.1. A inveja de Perseu pelo prestígio de Demétrio, impele-o ao crime - V, 2:

> Perseus, enim, cum in dies magis cerneret fauorem et dignitatem Demetrii fratris apud multitudinem Macedonum crescere et gratiam apud Romanos, sibi spem nullam regni superesse nisi in scelere ratus, ad id unum omnes cogitationes intendit. (*Com efeito, como Perseu via que a aceitação e o prestígio do seu irmão Demétrio aumentava constantemente junto do povo da Macedónia, bem como o seu crédito entre os Romanos, [e] pensando] que a sua única esperança de reinar residia no crime, concentrou aí todos os seus planos.).*

3.2. Perante a (falsa) acusação de tentativa de fratricídio, proferida por Perseu contra Demétrio, Filipe manda chamar Demétrio. Acusador e acusado estão frente a frente em presença do rei - VIII, 7:

> - Sedeo, inquit, miserrimus pater, iudex inter duos filios (...). (*Sento-me, disse, o mais desgraçado dos pais, como juiz entre os meus dois filhos (...).*

3.2.1. Perseu insinua a predilecção do pai para com Demétrio - IX, 2:

> - Non nequiquam isti unum Demetrium filium te habere, me subditum et paelice genitum appellant. (*Não é por acaso que por aí se diz que tu só tens um filho - Demétrio - , e a mim me chamam bastardo e gerado numa concubina).*

3.2.2. Acusa o irmão de pretender usurpar-lhe o direito de sucessão - IX, 8-9:

> - Regnare utique uis: huic spei tuae obstat aetas mea, obstat gentium ius, obstat uetustus Macedoniae mos, obstat uero etiam patris iudicium. Haec transcendere nisi per meum sanguinem non potes. (- *Queres a todo o custo reinar: à tua expectativa opõe-se a minha idade, opõe-se o direito das*

---

[11] Ver Bibl. B) Tite-Live, 1986.

nações, opõe-se a velha tradição da Macedónia, opõe-se sem dúvida ainda a decisão de nosso pai. Não consegues transpor estes obstáculos sem ser com o meu sangue).

3.2.4. Perseu considera suspeita e perigosa a simpatia dos Romanos por Demétrio - X, 10:

Pro isto Romani stant, pro isto omnes urbes tuo imperio liberatae, pro isto Macedones qui pace Romana gaudent. Mihi praeter te, pater, quid usquam aut spei aut praesidii est? (*A favor desse estão os Romanos, a seu favor, todas as cidades que sacudiram o teu jugo, a seu favor estão os Macedónios que se regozijam com a paz romana. Mas eu, pai, além de ti, de que esperança e de que protecção disponho no mundo*?).

3.2.4.1. Essa simpatia dos Romanos por Demétrio atenta contra o próprio Filipe - X, 3:

Qui hinc integri et sinceri Romam eunt, Philippum regem se habere credentes, imbuti illinc et infecti Romanis delenimentis redeunt. Demetrius iis unus omnia est, eum iam regem uiuo patre appellant. (*Os que partem daqui para Roma são e puros, acreditando ter Filipe por rei, regressam de lá de cabeça feita e contaminados pelas seduções romanas. Só Demétrio é tudo para eles; com o pai ainda vivo, já lhe chamam rei).*

3.2.5. Banhado em lágrimas, Demétrio denuncia choro fingido do irmão - XII, 3:

Simulatis lacrimis in alterius perniciem ueras meas lacrimas suspectas tibi fecit. *(Com lágrimas simuladas, para deitar a perder o adversário, ele tornou suspeitas perante ti as minhas lágrimas verdadeiras).*

3.2.5.1. Demétrio refuta acusações de traidor à pátria - XV, 7:

Itaque mihi cum Romanis, pater, causa amicitiae tu fuisti. Quoad tecum illis pax manebit,mecum quoque gratia erit; si bellum esse coeperit, qui obses, qui legatus pro patre non inutilis fui, idem hostis illis acerrimus ero. (*Foste, pois, tu, pai, a origem da minha amizade para com os Romanos. Enquanto a paz durar entre eles e a tua pessoa, durará também a minha amizade por eles; mas se rebentar a guerra, eu que não fui inútil a meu pai como refém e como embaixador, serei também para eles o mais encarniçado dos inimigos).*

3.2.5.2. Apanhado de surpresa - lamenta o acusado -, não teve tempo para preparar convenientemente a sua defesa - XV, 14:

Attonitus repentino atque inopinato malo, uix quid obiceretur intelligere potui, nedum satis sciam quo modo me tuear. Quid mihi spei esset, nisi patrem iudicem haberem? (*Atingido por [esta] desgraça súbita e inesperada, mal pude entender de que me acusavam, e não sei suficientemente como me defender. Que esperança teria se não tivesse meu pai por juiz?).*

3.2.6. Filipe decide examinar os comportamentos dos filhos para descobrir de que lado está a razão - XVI, 1:

Philippus submotis iis paulisper collocutus cum amicis pronuntiauit non uerbis se nec unius horae disceptatione causam eorum diiudicaturum sed inquirendo in utriusque uitam ac mores (...). (*Filipe, tendo mandado afastar os filhos, e conversado com amigos, deliberou que não julgaria aquele pleito [baseando-se] nas palavras e numa hora de debates, mas pesquisando a vida e os procedimentos de cada um deles).*

3.2.7. Perseu realizou os seus criminosos planos contra o irmão - XXIV, 5-8:

In ea cena dicitur uenenum datum (...). Ita innoxius adulescens (...) interficitur. (*Nessa ceia, segundo consta, foi-lhe administrado veneno (...). Assim foi morto o jovem inocente (...).*

3.3. Guerras de Roma em Espanha - XXXIV, 1:

Haec in citeriore Hispania eo anno gesta. In ulteriore Manlius praetor secunda aliquot proelia cum Lusitanis fecit. (*Estes foram os acontecimentos desse ano [181 a.C.] na Espanha citerior. Na Espanha ulterior, o pretor Mânlio travou alguns combates vitoriosos com os Lusitanos).*

3.3.1. O general romano vence os Celtiberos e rende graças - XL, 10:

Tunc uero Celtiberi omnes in fugam effunduntur et imperator Romanus auersos hostes contemplatus aedem Fortunae Equestri Iouique optimo maximo ludos uouit. (*Então os Celti- beros dispersam-se todos na fuga, e o general romano, verificada a debandada dos inimigos,faz promessa de um templo à Fortuna Equestre e de jogos ao óptimo e supremo Júpiter).*

3.4. Velhice e morte de Filipe V da Macedónia - LIV, 1-2:

Eodem anno, Philippus, rex Macedonum, senio et maerore consumptus post mortem filii, decessit. Demetriade hibernabat, cum desiderio anxius filii, tum paenitentia crudelitatis suae. (*No mesmo ano [179 a.C.], morreu Filipe consumido pela idade e pela tristeza com a morte do filho [Demétrio]. Passava o inverno em Demetríade [cidade da Tessália], atormentado pela saudade do filho e, sobretudo, pelo remorso da sua própria crueldade).*

3.4.1. Antes de morrer, o rei pôde comprovar a inocência de Demétrio - LV, 8:

Philippo redintegratus est luctus geminatusque et infelicitatem suam in liberis grauiorem quod alter superesset censebat. (*Renovada e reduplicada foi a dor de Filipe, que considerava que a sua infelicidade a respeito dos filhos era mais intensa ainda pelo facto de o outro [Perseu] continuar vivo).*

3.4.1.1. Filipe tenta impedir a sucessão de Perseu - LVI, 2:

Spe potiundi ad poenam corporis eius amissa, quod reliquum erat id studere, ne super impunitatem etiam praemio sceleris frueretur. (*Perdida a esperança de lhe [a Perseu] deitar a mão para o castigar, entrega-se à única possibilidade que lhe restava: impedi-lo de, além da impunidade, receber prémio [o trono] pelo crime).*

3.4.2. Mas Perseu acompanhava as manobras paternas e frustrou-as - LVII, 1:

Oppressit igitur necopinantes ignarosque omnes Perseus et regnum scelere partum inuasit. (*Perseu qpanhou, portanto, de surpresa, toda a gente desprevenida e apoderou-se do trono conseguido pelo crime).*

Salústio

De Salústio dá-nos uma das antologias jesuíticas o De Coniuratione Catilinae. O clássico romano era uma das personalidades célebres da romanidade, figurando entre os homens ilustres evocados por Suetónio em obra que se perdeu.

A "Conjuração de Catilina" foi integralmente transcrita na *Sylva*. Algumas passagens seleccionadas poderão dar uma ideia das intenções do antologista na opção por esta obra. Para cotejo com o original de Salústio e para a minha tradução sigo a edição das *Belles Lettres*[12], para aí remetendo a indicação das páginas mencionadas.

1. A superação dos instintos e a busca de glória - pp. 54-55:

> Omnis homines qui sese student praestare ceteris animalibus summa ope niti decet ne uitam silentio transeant ueluti pecora, quae natura prona atque uentri oboedientia finxit. [...]. Quo mihi rectius uidetur ingenii quam uirium opibus gloriam quaerere et, quoniam uita ipsa qua fruimur breuis est, memoriam nostri quam maxume longam efficere. Nam diuitiarum et formae gloria fluxa atque fragilis est, uirtus clara aeternaque habetur. (*Qualquer homem que procura sobressair entre os outros animais tem de se esforçar no sentido de não passar a vida em obscuro silêncio, como os animais, que a natureza modelou inclinados para a terra e obedientes ao ventre. [...] Por isso, parece-me mais acertado procurar a glória com os recursos do espírito do que com os das forças físicas*[13]*; e, como é breve a própria vida de que desfrutamos, tentar prolongar o mais possível a memória das nossas pessoas. Com efeito, o brilho das riquezas e da beleza física é fluido e frágil, [ao passo que] a virtude é tida na conta de resplandecente e eterna).*

1.1. Só quem se dá aos valores do espírito conquista glória duradoira - p. 56:

> Verum enimuero is demum mihi uiuere atque frui anima uidetur qui aliquo negotio intentus praeclari facinoris aut artis bonae famam quaerit. Sed in magna copia rerum aliud alii natura iter ostendit. (*Na verdade, parece-me, finalmente, que apenas vive e desfruta do espírito quem, votado a um determinado empreendimento, busca a glória dum feito brilhante ou de uma boa arte. Mas, no vasto campo da actividade humana, a natureza aponta um caminho a este e outro àquele*[14]*)*

---

12 Ver Bibl. B) Salluste, 1989.

13 Salústio visa a polémica, que muito viria a interessar os renascentistas, entre a glória adquirida na carreira das armas e a obtida na das letras.

14 Pretende demonstrar que a glória não é exclusiva desta ou daquela actividade humana.

2. Catilina é o exemplo - a evitar - do homem movido por más paixões - p. 58:

> Lucius Catilina, nobili genere natus, fuit magna ui et animi et corporis, sed ingenio malo prauoque. Huic ab adulescentia bella intestina, caedes, rapinae, discordia ciuilis grata fuere, ibique iuuentutem suam exercuit. (*Lúcio Catilina, nascido de uma família nobre, foi dotado de grande vigor do espírito e do corpo, mas de alma má e depravada. Desde a adolescência o seduziram as guerras civis, os massacres, as rapinas, a discórdia entre cidadãos - e nisso aplicou a sua juventude).*

2.1. Segue-se um interessante retrato de Catilina (que continua a figurar nas antologias modernas), a que não falta o enquadramento no ambiente histórico - p. 59:

> Incitabant praeterea corrupti ciuitatis mores, quos, pessuma ac diuorsa inter se mala, luxuria atque auaritia uexabant. (*Estimulavam-no ainda os corruptos costumes da cidade, agitados pelo gosto do luxo e o amor do dinheiro, vícios funestos e contrários entre si).*

3. Num relato sumário da história de Roma, evidencia o autor a decadência moral em período de bem-estar material. E, referindo-se aos soldados de Sila, p. 66:

> Quippe secundae res sapientium animos fatigant; nedum illi, corruptis moribus, uictoriae temperarent[15]. (*Na verdade, o bem-estar entedia o espírito dos sábios; muito menos esses [soldados], de costumes corrompidos, fariam uso moderado da vitória).*

3.1. Daí, a corrupção da juventude - p. 66:

> Igitur ex diuitiis iuuentutem luxuria atque auaritia cum superbia inuasere. (*Portanto, a partir da riqueza, o gosto do luxo e o amor do dinheiro, conjuntamente com o orgulho, tomaram conta da juventude).*

3.2. E conclui assim a sua análise da juventude do tempo de Catilina - p. 67:

> Animus imbutus malis artibus haud facile lubidinibus carebat; eo profusius omnibus modis quaestui atque sumptui deditus erat. (*O espírito imbuído de vícios dificilmente renunciava aos prazeres; por isso se entregava tanto mais profusamente e de qualquer maneira ao ganho e ao consumo).*

---

[15] Excepcionalmente, adopto aqui o texto da antologia. A diferença consiste, essencialmente, na palavra nedum, de manuscrito diferente, a que equivale ne nas *Belles Lettres*.

4. Esse meio corrupto era o mais favorável aos vícios de Catilina - p. 68:

In tanta tamque corrupta ciuitate, Catilina, id quod factu facillumum erat, omnium flagitiorum atque facinorum circum se tanquam stipatorum cateruas habebat. (*Numa cidade tão grande e tão corrompida, Catilina não teve dificuldade em reunir à sua volta uma espécie de grupo de satélites, treinados em todos os vícios e crimes).*

5. Cícero é eleito cônsul - pp. 78-79:

Igitur comitiis habitis, consules declarantur M. Tullius et C. Antonius; quod factum primo populares coniurationis concusserat. Neque tamen Catilinae furor minuebatur, sed in dies plura agitare, arma per Italiam locis opportunis parare [...]. (*Realizadas, pois, as eleições, M. Túlio e C. António são proclamados cônsules, acontecimento que, a princípio, abalara os cúmplices da conspiração. Mas nem por isso abrandava a fúria de Catilina: cada dia concebia novos planos, preparava, em lugares adequados, armas em toda a Itália [...]).*

6. Não é omitida na antologia a referência a uma mulher libidinosa, conquistada por Catilina para a conjura - pp. 79-80:

Sed in his erat Sempronia, quae multa saepe uirilis audaciae facinora commiserat. [...] Sed ei cariora semper omnia quam decus atque pudicitia fuit. [...] lubido sic accensa ut saepius peteret uiros quam peteretur. (*Mas entre estas [mulheres recrutadas por Catilina] estava Semprónia, que havia já cometido diversos crimes de masculina audácia. [...] Nada, porém, tinha para ela menos valor do que a honra e o pudor. [...] A sua sensualidade [era] tão arrebatada, que mais solicitava ela os homens do que eles a solicitavam a ela).*

7. Cícero ataca Catilina no Senado - pp. 84-85:

Tum M. Tullius consul, siue praesentiam eius timens, siue ira commotus, orationem habuit luculentam atque utilem rei publicae quam postea scriptam dedit. (*Então o cônsul M. Túlio, ou sob a pressão do medo causado pela sua presença [de Catilina) ou movido pela cólera, pronunciou um discurso tão brilhante quanto útil ao Estado, que posteriormente publicou por escrito).*

8. A plebe apoiava Catilina e a sua subversão - pp. 89-90:

Neque solum illis aliena mens erat qui conscii coniurationis fuerant, sed omnino cuncta plebs nouarum rerum studio Catilinae incepta probabat. (*Não andava transviado apenas o espírito dos*

cúmplices da conspiração, mas a plebe inteira que, por desejo de mudança, aprovava os preparativos de Catilina [para a revolta]).

8.1. E Salústio dá a explicação dessa adesão - p. 90:

Quo minus mirandum est homines egentis, malis moribus, maxuma spe, rei publicae iuxta ac sibi consuluisse. (*Não há a mínima razão para nos espantarmos de que pessoas na miséria, de maus costumes, cheias de ambição, confundissem os seus interesses pessoais com os do Estado).*

8.2. Mas depois a mesma plebe, perdida a esperança em Catilina, eleva Cícero até às nuvens - p. 99:

Interea plebs, coniuratione patefacta, quae primo cupida rerum nouarum nimis bello fouebat, mutata mente, Catilinae consilia exsecrari, Ciceronem ad caelum tollere [...]. (*Entretanto, descoberta a conjura, a plebe que, a princípio, desejosa de mudança do regime, apoiava inteiramente a guerra [civil], mudou de opinião: passou a abominar as maquinações de Catilina e a erguer Cícero às nuvens [...]).*

9. Tendo César e Catão assumido diferentes posições no Senado - de relativa clemência César, e de maior severidade Catão - quanto ao castigo a aplicar aos conjura- dos -, Salústio traça o célebre retrato, em paralelo, dos dois líderes - p. 115:

Igitur eis genus, aetas, eloquentia, prope aequalia fuere; magnitudo animi par, item gloria, sed alia alii. Caesaris beneficiis ac munificentia magnus habebatur, integritate uitae Cato. (*Eram, pois, quase equivalentes neles o nascimento, a idade, a eloquência; a mesma grandeza de alma, igual sentido de glória, mas de natureza diferente. César devia o seu prestígio aos benefícios [concedidos] e à sua magnanimidade; Catão, à integridade de vida).*

10. Salústio enaltece a dignidade dos vencidos em combate - p. 123:

Sed confecto proelio, tum uero cerneres quanta audacia quantaque animi uis fuisset in exercitu Catilinae. Nam fere quem quisque uiuus pugnando locum ceperat, eum amissa anima corpore tegebat. (*Terminado o combate, podia-se então observar quanta audácia e quanto vigor de alma houvera nas tropas de Catilina. Com efeito, cada um, perdida a vida, cobria com o corpo o local por si ocupado em combate enquanto vivo).*

Quinto Cúrcio (?)[16]

A *sylva* de 1588 (ver Introdução), logo a seguir á "Conjuração de Catilina", traz de Salústio, o seguinte texto, que vai do verso da folha 169 à folha 175:

Supplementi in Q. Curtium, De rebus Alexandri Magni Regis Macedonum, liber primus. (*Livro primeiro de suplemento a Quinto Cúrcio: Da gesta de Alexandre Magno, rei dos Macedónios*).

Como é sabido, os livros I e II da extensa obra de Quinto Cúrcio perderam-se. Por outro lado, os modernos historiadores da literatura latina não fazem menção de qualquer "suplemento" à obra em dez volumes. No entanto, dois "suplementos" são mencionados, por exemplo, numa edição de Pádua de 1738, com a indicação de composta na tipografia do seminário e sob licença expressa dos superiores - *Superiorum permissu*[17]. Esta edição faz anteceder os livros III a X de "suplementos" ao livro I e ao livro II, correspondendo o primeiro, com ligeiras alterações e sem as últimas 15 linhas, ao texto da *sylva* de Braga.

Relevante é a preocupação do antologista em incluir um texto atribuído a Quinto Cúrcio. Sabida a voga do historiador romano na Idade Média e, sobretudo, no século XV, mormente por ser considerado bom discípulo de Tito Lívio[18], compreende-se que o antologista não tenha esquecido Quinto Cúrcio.

Curiosamente, o antologista preferiu o primeiro "suplemento", centrado em Filipe da Macedónia, pai de Alexandre Magno, ao segundo, que se inicia com o reinado de Alexandre. Certamente, sendo pouco o espaço reservado a Cúrcio, quis ele começar pelo princípio, dando assim aos leitores a introdução a Alexandre Magno.

---

16 Provavelmente o texto da antologia jesuítica não é de Quinto Cúrcio Rufo, mas o que importa aqui é a intenção de antologizar o historiador, cuja obra a crítica actual dá como situada, com relativa certeza, nos meados do século I da nossa era.

17 Ver Bibl. B) Q. Curtii Rufi ..., 1738.

18 Ettore Paratore (1962, p. 550), após formular algumas reservas ao valor literário de Cúrcio Rufo, quase a rematar as escassas duas páginas que lhe dedica, afirma: "Ciò non toglie che tali esteriori affinità, oltre all´esaltazione di una personalità come Alessandro, abbiano fatto apprezare particolarmente Curzio nel sec. XV, l´età di maggiore entusiasmo per Livio [...]".

1. Já se anuncia neste começo o futuro grandioso de Alexandre:

> exander autem factus annorum duodecim, rebus bellicis admodum delectari, et excelsae indolis manifestissima proferre indicia coepit. (*Alexandre, porém, aos 12 anos, começou a muito se comprazer na gesta militar, e a revelar sinais claríssimos de uma excelente natureza).*

2. Tanto o pai, como, futuramente, o filho, têm o sentido da fama e da glória:

> Quocirca [...] certamina et pugnas ardebat [Philippus], et principatum, unde sibi ob uirtutem gloriam, nominisque immortalitatem (quae spes nec Alexandrum, nec quenquam alium bonum unquam fefellit) compararet, affectabat. (*Por isso, desejava [Filipe][19] ardentemente as disputas e os combates, e ambicionava o poder supremo, onde pudesse granjear para si, por mérito próprio, a glória e a imortalidade do nome (esperança que nunca faltou a Alexandre nem a qualquer outro homem bom)).*

3. E termina assim o texto da antologia:

> Vixit [Philippus] annos XLVII, regnauit XXV, fuitque uigesimus tertius Macedonum rex. (*[Filipe] viveu 47 anos, reinou 25, e foi o vigésimo terceiro rei dos Macedónios).*

---

19 Filipe II da Macedónia (382-336 a C.), pai de Alexandre Magno (356-323 a C.).

Floro

Lúcio Ânio Floro[20] é um historiador dos sécs. I-II d.C., datando a sua obra da época do imperador Adriano (117-138). A sua principal obra é vulgarmente conhecida por "Epítome de Tito Lívio", dado ser considerada como um resumo da *História Romana* do grande historiador latino. E, com efeito, uma leitura sumária de Floro , em confronto com a leitura de Tito Lívio, sugere essa interpretação. O título mais corrente entre os especialistas é Bellorum omnium annorum septingentorum libri duo. Por sua vez, a edição das *Belles Lettres* propõe como título: "Tableau de l´histoire du peuple romain, de Romulus à Auguste". A antologia jesuítica[21] intitula:"De gestis romanorum libri IIII" ver Introdução).

Floro insere-se na orientação historiográfica de Tito Lívio de exaltação dos feitos do povo romano. Paul Jal, o tradutor da edição das *Belles Lettres*[22]., vai ao ponto de dizer que, em Floro, "Chaque événement de l´histoire romaine est présenté comme un fait merveilleux".

Até ao princípio do séc. XIX os editores apresentavam a obra em 4 livros. A partir da descoberta do manuscrito designado por B, generalizou-se a apresentação da obra em 2 livros.

Sigo a distribuição das *Belles Lettres* por dois livros: o primeiro tem 47 capítulos e o segundo 34 Na antologia, a repartição pelos quatro livros é a seguinte: 26, 20, 23 e 12, respectivamente. Por outro lado, os limites de cada capítulo nem sempre são correspondentes nas *Belles Lettres* e na antologia (o primeiro capítulo da edição francesa, p. ex., abrange os sete primeiros capítulos da antologia). Na localização de passagens seleccionadas indico em primeiro lugar o capítulo das *Belles Lettres*, colocando entre parênteses o número do capítulo da antologia (nesta não há subdivisão em numeração árabe).

Para a minha tradução de passagens escolhidas sigo a edição das *Belles Lettres*, em 2 vols., de 1967, com texto estabelecido e traduzido por Paul Jal.

---

[20] Este é o nome adoptado pela edição das *Belles Lettres*, mas Ettore Paratore (1962) diz que o seu primeiro nome era Ânio ou Júlio.

[21] Ver Bibl. B) L. Flori ... 1576.

1. Do Prólogo

O Prólogo original consta integralmente na antologia, com variantes devidas à leitura de manuscrito diferente, mas insignificativas.

1.1. As balizas cronológicas:

> Populus Romanus a rege Romulo in Caesarem Augustum septingentos per annos tantum operum pace belloque gessit, ut, si quis magnitudinem imperii cum annis conferat, aetatem ultra putet. (*O povo romano realizou tantos feitos em setecentos anos, desde o reinado de Rómulo a César Augusto, na paz e na guerra, que, se alguém confrontar a grandeza do Império com o número de anos, julgá-lo-á mais idoso).*

1.2. Vai tentar uma história abreviada, mas que contribua para exaltar a glória do povo romano:

> (...) in breui quasi tabella totam eius imaginem amplectar, non nihil, ut spero, ad admirationem principis populi conlaturus, si pariter atque insemel uniuersam magnitudinem eius ostendero.
> (*Condensarei numa espécie de pequeno quadro a sua imagem total, contribuindo um pouco, como espero, para a admiração pelo principado do povo, se conseguir mostrar dignamente e de uma só assentada o conjunto da sua grandeza).*

1.3. À semelhança da vida de cada homem, assim considera quatro fases etárias na duração do Império Romano até aos seus dias: *infantia* (250 anos), *adolescentia* (250 anos), *iuuentus* (200 anos) e *senectus* (menos de 200 anos)[23]. O período áureo ou *iuuentus* foi o de Octávio Augusto:

> Hic iam ipsa iuuentus imperii et quaedam quasi robusta maturitas. (*Foi então a própria juventude do Império e como que a sua robusta maturidade).*

2. Do Livro I (integralmente reproduzido na antologia)

2.1. A origem divina de Roma - I (I), 1:

> Primus ille et urbis et imperii conditor Romulus fuit, Marte genitus et Rhea Silvia. Hoc de se sacerdos[24] grauida confessa est, nec mox Fama dubitauit, cum Amulii regis imperio abiectus

---

22 Ver Bibl. B) Florus, 1967.

23 Como Floro conta a *senectus* a partir do fim do reinado de Octávio Augusto (14 d.C), conclui-se que escreve a sua obra no século II d.C.

24 Na antologia vem *Vestae sacerdos*. As *Belles Lettres* não registam variante de qualquer dos manuscritos em que se apoiam. Sendo que *Vestae* se subentende ("sacerdotisa da deusa Vesta"), o antologista

profluentem cum Remo fratre non potuit exstingui. (*O primeiro fundador da cidade como do Império foi Rómulo, nascido de Marte e de Reia Sílvia. A sacerdotisa confessou-o, durante a gravidez, e a Fama não deixou de logo o confirmar quando, por ordem do rei Amúlio lançado [Rómulo] num curso de água conjuntamente com seu irmão Remo, não chegou a afogar-se*[25]).

2.2. O cap. II (VIII) resume os primeiros reinados de Roma - II (VIII), 2:

Nam quid Romulo ardentius? (...) Quid Numa religiosius? (...) Quid ille militiae artifex Tullus? (...) Postremo Superbi illius importuna dominatio non nihil, immo uel plurimum profuit. Sic enim effectum est, ut agitatus iniuriis populus cupiditate libertatis incenderetur. (*Quem houve, de facto, mais ardente do que Rómulo? (...) Quem mais religioso do que Numa [Pompílio]? (...) Que dizer do inventor da arte militar, Tulo [Hostílio]? (...) Finalmente, a importuna tirania do Soberbo [Tarquínio] não foi inútil, antes pelo contrário: graças a ela, um povo perturbado pelos ultrajes acendeu-se na ânsia da liberdade).*

2.3. A partir do fim da 2ª guerra púnica, alarga-se o domínio de Roma - XXIII (L. II, cap. VIII), 1:

Post Carthaginem uinci neminem puduit. Secutae sunt statim Africam gentes, Macedonia, Graecia, Syria ceteraque omnia quodam quasi aestu et torrente fortunae (...) Itaque quamuis tum Philippus regno praesideret, Romani tamen dimicare sibi cum rege Alexandro uidebantur. (*Depois de [a queda de] Cartago, ninguém teve vergonha de ser vencido. Seguiram imediatamente a sorte de Cartago outros povos: a Macedónia, a Grécia, a Síria e tudo o resto, [arrastados] como que por uma corrente e pelo curso da fortuna (...). Eis porque, embora Filipe presidisse ao poder, os Romanos tinham a impressão de estarem a lutar contra o rei Alexandre).*

2.4. As lutas com Lusitanos e Numantinos - XXXIII (L. II, c. XVII), 13:

Sed tota certaminum moles cum Lusitanis fuit et Numantinis. Nec inmerito. Quippe solis gentium Hispaniae duces contigerunt. (*Mas todo o peso dos combates deu-se com os Lusitanos e os Numantinos. E não sem razão. Com efeito, foram os únicos povos de Espanha com chefes a conduzi-los).*

2.5. O poder e o progresso geraram decadência moral - XLVII (L. III, c. XIII), 8

---

terá querido tornar explícito o determinante para evitar qualquer equivocidade do termo *sacerdos* ('sacerdote, sacerdotisa')?

[25] Quer a origem divina de Rómulo (nascido de Marte e de Reia Sílvia) quer o "milagre" de "salvo das águas" aproximam o mítico Fundador de Roma de Moisés e do futuro Jesus de Nazaré - Moisés igualmente salvo das águas, e Jesus prófugo para o Egipto por intervenção divina.

Illae opes atque diuitiae adflixere saeculi mores, mersamque uitiis suis quasi sentina rempublicam pessum dedere. (*Foram esses recursos e riquezas que arruinaram os comportamentos do século e, mergulhada a república nos seus vícios, como numa sentina, deitaram-na ao fundo).*

3. Do Livro II (na antologia começa no Livro III, capítulo XIII). A antologia reproduz integralmente o restante dessa obra de Floro.

3.1. A conjuração de Catilina - XII (L. IV, c. I), 1:

Catilinam luxuria primum, tum hinc conflata egestas rei familiaris, simul occasio (...) in nefaria consilia opprimendae patriae suae compulere. (*A Catilina arrastaram-no, primeiro o deboche*[26], *depois a consequente pobreza do património familiar e ainda as circunstâncias, para criminosos projectos de destruição da sua pátria)*

3.1.1. O papel dos cônsules Cícero e António - XII, 6:

Actum erat de pulcherrimo imperio, nisi illa coniuratio in Cicerorem et Antonium consules incidisset, quorum alter industria rem patefecit, alter manu oppressit (...) Tum consul habito senatu in praesentem reum perorauit. (*Ter-se-ia desfeito tão belo Império, se esta conjuração não tivesse esbarrado nos cônsules Cícero e António;um, pelo seu zelo, pôs a descoberto a tramóia, o outro esmagou-a pela sua própria mão (...) Então o cônsul [Cícero], em reunião do senado, fez um longo discurso contra o acusado, na presença deste).*

3.2. A causa da guerra civil entre César e Pompeu - XIII (L. IV, c. II), 8:

Causa tantae calamitatis, eadem quae omnium, nimia felicitas. (*A causa de uma tão grande calamidade, como todas as outras, foi o excesso de prosperidade [do Império].*

3.2.1. César rende-se aos encantos de Cleópatra - XIII, 56:

Cleopatra, regis soror, adfusa Caesaris genibus partem regni reposcebat. Aderat puellae forma, et quae duplicaretur ex illo quod talis passa uidebatur iniuriam (...). (*Cleópatra, irmã do rei, prostrada aos pés de César, reclamava a sua parte do reino. Sobressaía a beleza da jovem mulher, reforçada ainda pelo [sentimento de] injustiça que parecia ter sofrido (...).*

---

[26] A palavra latina *luxuria* significava em latim clássico 'excesso, fausto, sumptuosidade, luxo'. No latim cristão passou a significar 'sensualidade, pecado carnal'. Aqui em Floro, autor pagão da era cristã, já se apresenta em ligação com a sensualidade. Em linguagem mais ligada à Igreja a palavra é hoje habitualmente traduzida pelo termo português *luxúria*, pouco corrente em linguagem laica. Daí que o Dicionário da

3.2.2. O assassinato de Júlio César - XIII, 95:

Ibi in curuli sedentem eum senatus inuasit, tribusque et uiginti uolneribus ad terram datus est. Sic ille, qui terrarum orbem ciuili sanguine impleuerat, tandem ipse sanguine suo curiam impleuit. (*Aí, estando sentado na cadeira curul, os senadores lançaram-se sobre ele e abateram-no com vinte e três punhaladas. Foi assim que o homem que havia enchido o Universo com o sangue dos seus concidadãos, encheu a cúria com o seu próprio sangue).*

3.3. Cleópatra seduz Marco António - XXI (L. IV, c. XI), 1-2:

Furor Antonii quatenus per ambitione non poterat interire, luxu et libidine exstinctus est. Quippe cum post Parthos exosus arma in otio ageret, captus amore Cleopatrae quasi bene gestis rebus in regio sinu refeciebat. Hinc mulier Aegyptia ab ebrio imperatore pretium libidinum Romanum imperium petit. Et permisit Antonius (...). *(O furor de António, que não pudera até aí apagar-se pela ambição, foi extinto pelo luxo e pela libido. Com efeito, como após a questão dos Partos passara a detestar as armas e estava ocioso, apaixonou-se por Cleópatra. Repousava no seio da rainha como quem repousa de feitos guerreiros. É assim que uma mulher egípcia pede o trono romano a um general embriagado [pelo amor], em troca dos seus favores. E António prometeu-lho (...).*

3.4. Consolidado o Império, Octávio Augusto combate a devassidão moral. É glorificado como "pai da Pátria" e como que divinizado - XXXIV (L. IV, c. XII), 65-66 (final da obra):

Hinc conuersus ad pacem pronum in omnia mala et in luxuriam fluens saeculum grauibus seuerisque legibus multis coercuit. Ob haec tot facta ingentia dictator perpetuus et pater patriae. Tractatum etiam in senatu an, quia condidisset imperium, Romulus uocaretur; sed sanctius et reuerentius uisum est nomen Augusti, ut scilicet iam tum, dum colit terras, ipso nomine et titulo consecraretur. (*Depois, consagrando-se à paz, pôs um travão, através da promulgação de grande número de leis pesadas e severas, a todos os vícios e ao deboche a que o século se entregava. Em recompensa de tantas acções extraordinárias, foi designado ditador perpétuo e pai da pátria. Ponderou-se mesmo no senado se deveria chamar-se Rómulo, dado que tinha fundado o Império, mas pareceu ser mais sagrado e venerável o nome de Augusto, sem dúvida para que, desde a sua vida terrestre, ficasse consagrado [como um deus] pelo seu próprio nome e pelo título).*

Academia, da responsabilidade do Prof. Malaca Casteleiro, adopte o termo *deboche*, que me parece preferível, mau-grado o galecismo.

Capítulo V: Ciências Naturais

Plínio-o-Velho

Plínio o Velho

Da História Natural de Plínio o autor da *sylva*[1] de 1587 (ver Introdução) seleccionou o *Prefácio a Vespa- siano* e o *Livro XI.*

1. Do Prefácio

É um longo prefácio, escrito em forma de carta, a justificar a obra.

Para o confronto com o original e a tradução, sigo a edição das *Belles Lettres*[2].

1.1. Plínio tem consciência da novidade da obra[3] - p. 47:

Libros Naturalis Historiae, nouicium Camenis Quiritium tuorum opus, natum[4] apud me proxima fetura licentiore epistula narrare constitui tibi, iucundissime Imperator. (*Dos Livros da História Natural, obra nova para as Camenas dos teus Romanos, surgida na minha produção mais recente, decidi falar-te, graciosíssimo Imperador, nesta carta um tanto descontraída).*

1.2. Manifestação de modéstia - p. 49:

Humili uulgo scripta sunt, agricolarum, opificum turbae, denique studiorum otiosis. Quid te iudicem facis? (*A obra foi escrita para o povo humilde, para a multidão dos trabalhadores da terra, dos artesãos e para os ócios dos estudiosos. Por que razão tornares-te juiz dela?)*

1.3. O assunto da obra e a expressão linguística - pp. 50-51:

(...) rerum natura, hoc est uita, narratur, et haec sordidissima sui parte, ut plurimarum rerum aut rusticis uocabulis aut externis, immo barbaris etiam cum honoris praefatione ponendis. (*Trata-se da natureza das coisas, isto é, da vida, e esta na sua parte mais sórdida, exigindo para uma multidão de objectos o emprego de termos rústicos ou estrangeiros, ou mesmo nomes bárbaros, que têm de ser precedidos por um pedido de desculpas).*

---

1 Ver Bibl. B) Sylva Diversorum Autorum..., 1587.

2 Ver Bibl. B) Pline l'Ancien, 1950.

3 Para localização do texto indico a página da edição das Belles Lettres.

4 Neste caso prefiro a leitura do manuscrito seguido pelo antologista: natum concorda com o aposto opus; natos (do manuscrito seguido pelas *Belles Lettres*) concorda com libros.

1.4. Entra em domínio não explorado por outros autores - p. 51:

Praeterea iter est non trita auctoribus uia nec qua peregrinari animus expetat: nemo apud nos qui idem temptauerit, nemo apud Graecos qui unus omnia ea tractauerit. (*Além disso, este trilho é uma via não pisada pelos autores, por onde o espírito goste de peregrinar. Ninguém, entre nós, o tentou, ninguém houve entre os Gregos que, sozinho, o tenha abordado integralmente).*

1.5. Preocupação em renovar o passado - p. 51:

Res ardua uetustis nouitatem dare, nouis auctoritatem, obsoletis nitorem, obscuris lucem, fastiditis gratiam, dubiis fidem, omnibus uero naturam et naturae sua omnia. Itaque etiam non assecutis, uoluisse abunde pulchrum atque magnificum est. (*É tarefa árdua dar novidade a velharias, autoridade às novidades, brilho ao que é obsoleto, claridade ao que é obscuro, graça ao que é desprezado, crédito ao duvidoso, a tudo a sua natureza e à natureza tudo quanto lhe pertence. Por isso, mesmo que o não consigamos, é muito belo e maravilhoso ter tido essa vontade).*

1.6. Censura T. Lívio por buscar mais a glória pessoal que a glória de Roma - p. 52:

Profecto enim populi gentium uictoris et Romani nominis gloriae, non suae, composuisse illa decuit; maius meritum esset operis amore, non animi causa, perseuerasse et hoc populo Romano praestitisse, non sibi. (*Sem dúvida teria feito melhor em escrever as suas obras para glória do nome romano e do povo vencedor de povos e não para sua glória. Teria sido mais meritório ter perseverado por amor da obra, do que por satisfação pessoal, e ter feito isto pelo povo romano e não por si).*

1.7. A obrigatória citação das fontes - p. 53:

Est enim benignum, ut arbitror, et plenum ingenui pudoris fateri per quos profeceris, non ut plerique ex iis, quos attigi, fecerunt [...]. (*Na minha opinião, é um gesto generoso e pleno de inato pudor declarar a quem se deve o sucesso, ao contrário do procedimento da maior parte daqueles que folheei*[5]*).*

1.8. Os sumários dos vários livros - pp. 56-57:

Quia occupationibus tuis publico bono parcendum erat, quid singulis contineretur libris, huic epistulae subiunxi summaque cura, ne legendos eos haberes, operam dedi. Tu per hoc et aliis

praestabis ne perlegant, sed, ut quisque desiderabit aliquid, id tantum quaerat et sciat quo loco inueniat. (*Como, em defesa do interesse público, se impunha ter em conta as tuas ocupações, juntei a esta carta a súmula de cada um dos livros, e pus todo o cuidado em evitar que tivesses de os ler. Assim prestarás um serviço também a outros [leitores] no sentido de que não percorram toda a obra: cada um procurará só o que lhe interessar e saberá onde o encontrar).*

2. Do Livro XI

Como explica Alfed Ernout na introdução à edição das *Belles Lettres*[6], Plínio seguiu muito de perto, nalguns casos limitando-se a traduzir e a resumir, dois livros de Aristóteles: História dos Animais e Tratado das Partes dos Animais. Daí, duas partes distintas neste Livro XI: uma sobre os insectos e outra sobre as partes do corpo.

A edição das *Belles Lettres* adopta duas divisões em capítulos, uma em numeração romana e outra em numeração árabe. Esta última coincide com a divisão única seguida na antologia, onde é adoptada numeração em romano.

Na transcrição de passagens remeto para a edição francesa, indicando o capítulo em árabe, seguido do número da página.

Plínio, diz ainda Ernout, atém-se à descrição dos fenómenos sem se preocupar com questões metafísicas; por outro lado, "o espírito romano transparece na sua obra, com os seus lados práticos, suas crenças e tradições religiosas, suas superstições, sua moral um pouco espessa, *crassa Minerva*".

Limitar-me-ei à transcrição de algumas passagens mais significativas.

2.1. As perfeições da natureza nos animais muito pequenos e a sua descrição merecem a admiração dos leitores - 2, 30:

> In his tam paruis atque tam nullis, quae ratio, quanta uis, quam inextricabilis perfectio! [...] Quapropter, quaeso ne legentes, quoniam ex his spernunt multa, etiam relata fastidio damnent, cum in contemplatione naturae nihil possit uideri superuacuum. (*Nestes [animais] tão pequenos e tão nulos, que organização, que misteriosa perfeição! Por isso, peço aos leitores, já que nutrem desprezo por muitos destes, que não tratem com igual desdém as [minhas] descrições: na observação da natureza fiquei sempre convencido de que nada nela pode parecer supérfluo).*

---

[5] Plínio termina o parágrafo classificando de roubo o plágio: deprehendi in furto (*ser apanhado em roubo*).

[6] Ver Bibl. B) Pline L'Ancien, 1947.

2.2. Espírito aberto aos fenómenos da natureza - 3, 31:

> Nam mihi contuenti semper suasit rerum natura nihil incredibile existimare de ea. (*Na minha contemplação da natureza fiquei sempre convencido a nada nela considerar incrível)*

2.3. O imperativo da atenção aos fenómenos - 3, 31-32:

> Denique existimatio sua cuique sit; nobis propositum est naturas rerum manisfestas indicare, non causas indagare dubias. *(Finalmente, deixemos a cada um o seu próprio juízo; por outro lado, importa-nos apontar a natureza evidente das coisas e não perscrutar razões ocultas).*

2.4. À semelhança de muitos outros autores (como Virgílio), Plínio dedica grande atenção às abelhas, como afirma logo no início da longa dissertação sobre elas - 5, 32:

> Sed inter omnia ea principatus apibus et iure praecipua admiratio, solis ex eo genere hominum causa genitis. (*Mas entre todos [os insectos] o principado cabe às abelhas e, com razão, a nossa primeira admiração, sendo elas os únicos insectos do seu género criados para o homem*).

2.5. As descrições de Plínio perdem frequentemente o tom neutro da observação para darem lugar à expressão emotiva do autor, como na descrição das teias de aranha - 24, 53--54:

> Quanta arte celat pedicas a scrutulato rete grassantes! [...] Quam laxus ad flatus ac non respuenda quae ueniant sinus! (*Com quanta arte ela [a aranha] oculta as armadilhas dissimuladas pela malha da rede ! [...] Que flexível é a bolsa [da teia] para [resistir a] os ventos e para não deixar escapar [os insectos] que lhe caem dentro!).*

2.6. O que pensam os povos dos gafanhotos - 29, 61:

> Deorum irae pestis ea intelligitur. (*São tomados por um flagelo da ira dos deuses).*

2.7. A admiração do autor pelas formigas - 30, 63:

> Iam in opere qui labor, quae sedulitas! Et quoniam ex diuerso conuehunt altera alterius ignara, certi dies ad recognitionem mutuam nundinis dantur. Quae tunc earum concursatio, quam diligens cum obuiis quaedam conlocutio atque percunctatio! *(No trabalho, quanto esforço, quanta diligência! E, dado que arrastam [as provisões] de sítios diferentes, ignorando-se entre si, marcam dias fixos para o reconhecimento mútuo, [numa espécie de] feiras. Então, que afluência delas! Com que solicitude se relacionam, quando se encontram, que questões se pôem umas às outras!)*

2.8. O cérebro no homem 37, 71:

Hanc habent sensus arcem, huc uenarum omnis a corde uis tendit, hic desinit; hoc columen altissimum, hic mentis est regimen. (*Todos os sentidos convergem nesta cidadela; para aí se dirige e aí pára toda a energia dos vasos vindos do coração. Este é o ponto mais elevado, é o órgão director do pensamento).*

2.9. O poder expressivo dos olhos nos homens - 37, 74:

Neque ulla ex parte maiora animi indicia cunctis animalibus, sed homini maxime, id est moderationis, clementiae, misericordiae, odii, amoris, tristitiae, laetitiae. Contuitu quoque multiformes, truces, torui, flagrantes, graues, transuersi, limi, summissi, blandi: profecto in oculis animus habitat. (*Nenhum outro órgão indica melhor os sinais do espírito do que os olhos, em todos os animais, mas sobretudo no homem: a moderação, a clemência, a compaixão, o ódio, o amor, a tristeza, a alegria. Também, pelo [modo de] olhar, são multiformes, ferozes, turvos, brilhantes, graves, oblíquos, [voltados] de esguelha, submissos, ternos: sem dúvida que a alma habita nos olhos).*

2.10. O papel do coração - 37, 86:

Prima domicilia intra se animo et sanguini praebet sinuoso specu et in magnis animalibus triplici, in nullo non gemino. Ibi mens habitat. (*Ele [o coração] oferece em si ao espírito e ao sangue a primeira morada, numa cavidade sinuosa e tríplice nos grandes animais, dupla em todos os outros. É aí que reside o pensamento).*

2.11. Citando expressamente Aristóteles - 51, 113:

Vocem non habere nisi quae pulmonem et arterias habeant, hoc est nisi quae spirent, Aristoteles putat. (*Aristóteles considera que só são dotados de voz os animais que possuem um pulmão e artérias, isto é, que respiram).*

2.12. As condições acústicas no teatro - 51, 114-115:

Mira praeterea sunt de uoce digna dictu: theatrorum in orchestris scobe aut harena superiacta deuoratur, et in rudi parietum circumiectu, doliis etiam inanibus. (*Outros aspectos da voz são dignos de registo: ela é absorvida pelo serrim ou pelo saibro espalhados nas orquestras do teatro, e por uma cintura de paredes rugosas e ainda de tonéis vazios).*

2.12.1. A singularidade de cada uma das vozes - 51, 115:

Vox in homine magnam uoltus habet partem. Adgnoscimus ea prius quam cernamus non aliter quam oculis, totidemque sunt hae, quot in rerum natura mortales, et sua cuique sicut facies. Hinc illa gentium totque linguarum toto orbe diuersitas, hinc tot cantus et moduli flexionesque. (*A voz humana constitui uma parte importante da fisionomia. Através dela conhecemos [uma pessoa] antes de a vermos, com a mesma exactidão dos nossos olhos. E há na natureza tantas vozes quantos os mortais, e cada um tem a sua como tem o seu rosto. Daí essa diversidade de povos e de línguas espalhados por todo o universo; daí tantas entoações, modulações e variações).*

2.13. Plínio põe abertamente em causa afirmações de Aristóteles, referindo-as, no entanto, em nome do respeito que lhe merece esse "tantus uir in doctrinis" (*varão tão ilustre nos seus ensinamentos*) - 52, 115:

Miror equidem Aristotelem non modo credidisse praescita uitae esse aliqua in corporibus ipsis, uerum etiam prodidisse. (*Na verdade, espanta-me que Aristóteles não só tenha crido mas ainda tenha publicado que há no próprio corpo alguns indícios que prenunciam a duração da vida*[7]*).*

2.14. Sobre a alimentação humana - 53, 118:

Homini cibus utilissimus simplex, aceruatio saporum pestifera et condimento perniciosior. (*A alimentação mais útil ao homem é a simples, sendo funesta a acumulação de paladares e mais perniciosa [ainda] com temperos).*

2.15. Cuidados a ter com o tempo da digestão - 53, 119:

Somno concoquere corpulentiae quam firmitati utilius. (*Fazer a digestão a dormir beneficia mais a corpulência do que o vigor).*

2.16. Condenação dos excessos - 54, 119:

Perniciosissimum autem et in omni quidem uita quod nimium, praecipue tamen corpori, minuique quod grauet quolibet modo utilius. Verum ad reliqua naturae transeamus. (*Aliás, em tudo o excesso é o que há de mais pernicioso na vida, mas principalmente para o corpo. E é de qualquer modo mais vantajoso reduzir o supérfluo. Mas passemos aos outros aspectos da natureza*[8]*).*

---

[7] Plínio refere, recusando-os, os seguintes traços indicativos de vida curta: dentes raros, dedos longos, rosto sombrio e, na palma da mão, numerosas linhas interrompidas; pelo contrário, uma ou duas linhas apenas e longas nas mãos seriam, com outros indicadores, sinais de vida longa.

[8] Com o capítulo 54 (LIV na antologia) e com este parágrafo termina o Livro XI de Plínio.

II Parte: Os textos em contexto

Introdução

Ao longo da I Parte ocupei-me dos textos seleccionados para alunos dos colégios jesuítas no século XVI. De um modo geral, esses textos foram quase considerados em si mesmos, como se significassem só por si, autonomamente, sem ligação intrínseca às circunstâncias históricas da produção e da recepção. É como se tivesse trabalhado *co-textos* e não textos semioticamente considerados[1].

Acontece, porém, que à correcta interpretação dos textos das antologias jesuítas não são alheias as circunstâncias da produção - abrangendo um período que vai, aproximadamente, do século II a.C., com Plauto e Terêncio, ao século II d.C., com Floro - nem as da recepção na sua dupla historicidade: o século XVI, para a organização das colectâneas, e a transição do século XX para o século XXI, o tempo da minha própria leitura dos textos e da minha escrita sobre eles. Assim, em vez de "textos em contexto" melhor diríamos "textos em contextos", já que são tidas em conta várias épocas. Em primeiro lugar, a situação histórica da produção de cada texto: Plauto, Terêncio, Cícero, Tito Lívio, Ovídio, Séneca, etc, escreveram em determinados tempos e condicionalismos. Em segundo lugar, o tempo histórico dos organizadores das antologias e dos seus destinatários. Finalmente, o meu próprio tempo de receptor desses textos, incluindo os meus próprios horizontes de leitura[2].

Quanto ao tempo da produção, algumas referências mínimas foram fornecidas na I parte, partindo do pressuposto de que os docentes jesuítas, pelo menos relativamente a alguns dos autores, teriam o cuidado de os situar historicamente. As circunstâncias históricas da produção e interpretação dos textos das antologias - segunda metade do século XVI - é que constituem o centro da análise desta segunda parte. O meu próprio horizonte de leitor do séc. XX/XXI fica, normalmente, implícito; mas, por vezes, como já aconteceu na primeira parte, vai mesmo explicitado. O que pretendo desde já assinalar é,

---

1 Aguiar e Silva define *co-texto* como "módulo textual (...) configurado pelo conjunto coerente dos constituintes verbais e transversais supra-ordenados por uma estrutura profunda de natureza semântica". Por outro lado, - considera o mesmo autor - um texto está indissoluvelmente ligado ao seu contexto ou "conjunto de factores externos ao texto, mas projectados na co-textualidade, atinentes à produção, à recepção e à interpretação do texto" (Cf. Aguiar e Silva, 1988, pp. 295-6).

2 Os modernos hermeneutas acentuam a intervenção do leitor ou receptor dum texto na interpretação do seu sentido, tornando-o em parte dependente do contexto epocal e da idiossincrasia do leitor. Assim se exprime, por exemplo Hans-Georg Gadamer: "Le véritable sens d'un texte, tel qu'il s'adresse à l'interprète, ne dépend pas de ces facteurs occasionnels que représentent l'auteur et son premier public. Du moins, il ne

por um lado, o esforço de objectividade da interpretação dos textos históricos e das intenções que terão presidido à selecção; por outro lado, o não-distanciamento relativamente às matérias tratadas. Não abordo estas questões na atitude de quem visita os objectos dum museu. Creio, no entanto, que a paixão do cidadão comprometido com o seu próprio tempo e problemática respectiva não conseguiu obnubilar a interpretação quanto possível objectiva do passado. Não se trata de ler o outrora e circunstâncias-outras com as lentes de hoje. A questão põe-se de modo diferente: a intensidade das nossas vivências ilumina os arcanos da História. Um racista e um humanista não fazem a mesma leitura do texto-sermão de Gil Vicente, transformado em carta endereçada a D. João III, em 1531, a propósito dum terramoto ocorrido em Santarém[3].

Tenho consciência do perigo de avaliar os factos do passado com critérios do presente. Mas uma coisa é visar a objectividade, outra a pretensa neutralidade. É frequente tentar o "branqueamento" de crimes da História com o estafado lugar-comum de que eram os critérios desse tempo, que outras eram as circunstâncias. Importa contrapor aos que cometeram crimes "absolvidos"em nome dum pensamento dominante em determinada época os homens desse mesmo tempo que levantaram a voz - e os actos! - em defesa dos valores que a humanidade viria posteriormente a consagrar. Damião de Góis e André de Resende comungaram dos ideais humanistas de Erasmo de Roterdão, e fizeram a sua pública defesa quando em Portugal crescia o repúdio obscurantista pela obra do grande reformador católico. Bartolomeu de Las Casas e António Vieira souberam bater-se intransigentemente pelos Índios americanos em tempos de colonização selvagem praticada por muitos colonos europeus.

Não posso deixar de fazer uma tentativa de justificar a minha "parcialidade" em matérias tão controversas. Vou fazê-lo abrigando-me com a autoridade de eminentes testemunhos, que passo a referir.

Marguerite Yourcenar, após ter reconstituído ficcionalmente a personalidade do imperador Adriano e a sua época, justifica assim o seu subjectivismo: "Faça-se o que se fizer, reconstrói-se sempre o monumento à nossa maneira. Mas já é muito empregar somente pedras autênticas"[4].

---

s'y épuise pas. Car la situation historique de l'interprète et par conséquent la totalité du cours objectif de l'histoire contribuent sans cesse à le déterminer" (Cf. Gadamer, s/d, p. 136).

[3] O dramaturgo insurge-se contra os frades que provocaram uma perseguição aos cristãos-novos por os terem acusado de serem a causa do terramoto, interpretado como castigo divino. (Cf. Marques Braga, Gil Vicente, Obras Completas, vol. VI, pp. 251 ss., Editora Sá da Costa, 1944).

[4] Marguerite Yourcenar, Memórias de Adriano (tradução de Maria Lamas, Lisboa, Editora Ulisseia, 4ª edição, 1974, p. 265).

Em obra recente, Boris Cyrulnik, neurologista e investigador na área da etologia humana na Faculdade de Medicina de Marselha analisa bem o problema da neutralidade em investigação. Mesmo tratando-se de domínio científico específico, considero pertinentes as suas observações na aplicação ao "julgamento" da História. Escreve o etnólogo humanista: "Portanto, o objecto observado não é neutro. O observador, de acordo com o seu estado sensorial ou neurológico, de acordo com a estrutura do seu inconsciente, selecciona determinadas informações, a partir das quais cria uma representação a que chama «evidência». Porém, a evidência não é evidente". E mais adiante: "O objecto observado, o objecto científico nunca é neutro, em termos fantasmáticos. Assim que são percebidas, as coisas ganham sentido , no fulgor da nossa compreensão[5]" (sublinhado meu).

E a terminar, em ano de comemoração do 1.º centenário do nascimento de Vitorino Nemésio (1901-2001), salvaguardada a imensa distância intelectual que me separa dessa gigantesca figura das letras portuguesas do século findo, permita-se-me a ousadia de fazer minhas palavras suas no prefácio (datado de Dezembro de 1933) da sua tese de doutoramento "A Mocidade de Herculano..."[6].

> (...) sou rebelde a fazer-me o historiador de obras e nomes que não tenham para mim um sentido capaz de me abalar (...). Essa afinidade que exijo entre a matéria histórica e eu mesmo não passa de uma certa maneira de se estabelecer a relação entre o sujeito que estuda e o objecto a estudar. E assim, se sou susceptível de atacar melhor um tema que me seduz do que um tema que me repele, isso só quer dizer que nas ciências do espírito a objectividade pura é um mito. O melhor da interpretação faz-se através do eu, coa pelo sendal íntimo.

---

5 Boris Cyrulnik, Sous le signe du lien, Paris, Hachette, 1995 (tradução portuguesa de Ana Maria Rabaça com o título "Sob o signo do afecto", Lisboa, Divisão Editorial do Instituto Piaget, 1995, pp. 15 e 17).

6 Ver Nemésio, 1934, 1º vol., prefácio.

Capítulo I - A Companhia de Jesus e o ensino dos Jesuítas

1. O "julgamento" do ensino da Companhia e a campanha ant-jesuítica

Na sua "Arte Poética" aconselha Horácio a começar uma narrativa pelo meio dos acontecimentos, visando despertar o interesse do ouvinte/leitor[7]. Bem pode o método horaciano aplicar-se a uma breve dissertação sobre o ensino jesuítico em Portugal. É certo que não precisa o destinatário, neste caso, que se lhe suscite a atenção. Mas atraí-*lo* in medias res, ou seja, para o ponto intermédio entre o outrora - segunda metade do séc. XVI - e o hoje, equivale a começar por focar o momento do eclipse das escolas dos Jesuítas em Portugal com a expulsão da Ordem pelo Marquês de Pombal em 1759.

Não se trata de debater a situação do ensino dos Jesuítas no século XVIII, mas apenas de registar a opinião pública então formada e que perdurou pelo menos até às primeiras décadas do século XX. Isso ajudará a responder à questão da validade da educação jesuítica nos tempos da alvorada da Companhia em Portugal.

Tão intensa foi a campanha de descrédito lançada contra o ensino dos Jesuítas fora[8] e dentro do País, com uma duração de mais de dois séculos, que se impõe uma referência, embora sucinta, a essa questão no âmbito nacional. Algumas obras, devidamente datadas, ou pela corrente de opinião que veiculam, ou pelo prestígio académico e social dos seus autores, permitirão formar uma ideia do problema, pelo menos aproximada:

a) Dedução Cronológica e Analítica. Publicada pela primeira vez em 1767-68, atribui aos Jesuítas a decadência do ensino em Portugal. Segundo Jorge Borges de Macedo, esta obra, não sendo provavelmente da autoria do Marquês de Pombal, como por alguns foi

---

[7] Horácio apresenta como exemplo de bom narrador não aquele que conta pormenorizadamente os acontecimentos por ordem cronológica, mas o que, pelo contrário, "semper ad euentum festinat et in medias res / (...) auditorem rapit: *sempre se apressa para o desenlace e arrebata o ouvinte para o meio da acção"* (Horácio, Arte Poética, em tradução de Rosado Fernandes, Lisboa, Editorial Inquérito L.da, 1984, 2ª edição, vv. 148-149).

[8] Umberto Eco refere-se ao papel que tiveram na opinião pública europeia romances de Eugène de Süe, mormente "Le Juif Errant" e "Mystères du Peuple", no séc. XIX, na divulgação de calúnias contra os Jesuítas (Cf. Seis Passeios nos Bosques da Ficção, em tradução portuguesa de Wanda Ramos, Lisboa, Difel, 1995, p. 141). Esse «complot» contra os Jesuítas mencionam-no Adrien Demoustier e Dominique Julia no prefácio à edição do *Ratio Studiorum* das edições Bélin (Cf. *Ratio Studiorum*, 1977).

aventado, é certamente "expressão dos seus pontos de vista"[9]. Boa parte da opinião pública anti-jesuítica em Portugal alimentou-se da sementeira de ideias contra a Companhia de Jesus difundidas nessa obra.

b) A Formação intelectual do Jesuíta, de Francisco Rodrigues, S.J., de 1917. Obra publicada na vigência da I República, não terá sido alheia à elaboração da defesa dos Jesuítas a circunstância de a Constituição de 1911 ter consagrado no seu artigo 12º: "É mantida a legislação em vigor que extinguiu e dissolveu a Companhia de Jesus (...), e todas as congregações religiosas e ordens monásticas, que jamais serão admitidas em território português". Embora se não possa prescindir do grau de suspeição da argumentação em causa própria, sempre se há-de ter presente esta afirmação do historiador da Companhia quase a terminar a obra (p. 598):

> Com este empenho, com este resultado e crédito trabalharam em Portugal os Jesuítas durante mais de dois séculos desde 1540 a 1759 e depois pelo espaço de cinquenta e dois anos desde 1858 até 1910.

c) Clenardo, o Humanismo e a Reforma, II vol. da tese de doutoramento do futuro cardeal Cerejeira, defendida em 1918[10]. Cerejeira não recusa em definitivo a tese de atribuição aos Jesuítas da culpa da decadência do ensino em Portugal. Atentemos nestas linhas:

> Tem-se em Portugal atribuído a eles [Jesuítas] (ou juntamente com a Inquisição) toda a responsabilidade da decadência literária do país. O processo, porém, precisa de ser novamente revisto, pois que em quase toda a Europa eles dirigiram a educação da mocidade e não se produziram lá fora esses funestos resultados. Pode isolar-se este problema da decadência geral do país ?[11].

d) História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal, de Francisco Rodrigues, S. J., de 1931. Vindo a lume já na vigência do Estado Novo, esta obra encarece

---

9 J. B. de Macedo, entrada "Dedução Cronológica e Analítica" in Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, Porto, Livraria Figueirinhas, 1989. Um dos autores que atribui a "Dedução" ao próprio Marquês de Pombal é Artur Anselmo (Cf. Anselmo, 1981, p. 523).

10 Como vai assinalado na bibliografia, a obra consta de dois volumes, sendo o primeiro a dissertação de doutoramento, e o segundo destinado ao concurso para preenchimento de vaga docente na Faculdade de Letras de Coimbra. A obra foi revista pelo autor para a sua reedição em 1975, o qual, no prefácio, afirma: "Não tendo sido discutido, o segundo volume de "O Renascimento em Portugal", isto, é, "Clenardo, o Humanismo e a Reforma" ficou esquecido na gaveta. Fui lê-lo agora. Livro da juventude no estilo e nos atrevimentos (...), o livro está novo. Sai como foi escrito, com algumas correcções e notas".

11 Cf. Cerejeira, 1975, II, p. 131.

a acção dos Jesuítas como "parte relevante da nossa história nacional", conforme o autor se exprime na introdução. E é no mesmo prefácio que se alonga em defesa da sua dama:

> Em nenhuma nação, cuidamos nós, se deturpou mais propositadamente do que em Portugal a história desta perseguida corporação; em nenhuma se deu à publicidade talvez maior soma de libelos infames contra a Ordem fundada por Inácio de Loyola; em nenhuma se procurou desde os séculos XVIII e XIX escurecer e conspurcar com mais negras e horríveis calúnias o nome e fama de seus religiosos[12].

e) Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa, de Aguiar e Silva, tese de doutoramento, de 1971. Aguiar e Silva, procurando discernir as causas da decadência da poesia lírica no século XVII, passa em revista as acusações feitas ao ensino dos Jesuítas, dada a identificação que se estabeleceu entre a decadência da poesia e a decadência do ensino. Daí que o autor mencione juízos de valor - favoráveis uns, desfavoráveis outros - sobre o ensino jesuítico. Entre os desfavoráveis, refere o do cardeal Saraiva, figura relevante da Igreja Católica portuguesa e da Política no tempo da Monarquia Constitucional:

> Podemos, sem receio de errar, attribuir huma das primeiras e não menos principaes causas daquella decadencia ao inconsiderado arbitrio de se confiar a huma só corporação o importante cargo da educação em Portugal[13].

f) História Geral dos Jesuítas, de Tomás Lino de Assumpção, obra do início do séc. XX, reeditada pela Moraes Editora, Lisboa, 1982. É um grosso volume de 677 páginas, que um leitor isento não precisa de ler com especial atenção para logo concluir estar perante um ataque premeditado contra a Companhia de Jesus. Pela falta de rigor histórico e pela escolha de obras apropriadas à confirmação das teses pré-concebidas (e mesmo essas mal referenciadas), a obra não mereceria a mínima atenção se não tivesse sido reeditada nos nossos dias pela Moraes Editora. Acontece que na reedição não há sequer uma nota prévia a esclarecer que, nos oitenta anos entretanto decorridos, muita justiça foi feita aos seguidores de Inácio de Loyola. Teria bastado, por exemplo, que a editora se tivesse socorrido da tese de doutoramento de Aguiar e Silva, acima mencionada. Limita-se, pelo

---

12 Cf. Rodrigues, 1931, pp. VIII e IX.

13 Cf. Aguiar e Silva, 1971, em nota da p. 167, citando do Cardeal Saraiva: Obras Completas. Lisboa, Imprensa Nacional, 1883, t. X, p. 274.

contrário, a dizer que "é obra obviamente datada", para logo acrescentar, na mesma nota introdutória, em estímulo à leitura:

> O núcleo informativo, a vivacidade da linguagem, o dramatismo da narrativa e o pitoresco de muitos passos e capítulos propõem, no entanto, uma leitura renovadamente oportuna e repleta de interesse.

g) História de Portugal, de Oliveira Marques. Este conhecido historiador actual é desfavorável aos Jesuítas, pelo menos reportados ao tempo do Marquês de Pombal:

> É provável que os Jesuítas não houvessem tido intervenção directa no atentado [contra D. José), mas está fora de dúvida a sua acção em criar uma atmosfera geral de medo e de ódio contra o poderoso primeiro-ministro até ao ponto de interpretar o terramoto como castigo de Deus pelos seus crimes (...). Em Portugal, a maior parte das pessoas cultas acusavam-nos de responsáveis pelo sistema retrógrado de ensino vigente e pela oposição a quaisquer actualizações[14]".

h) "Os 450 anos da fundação da primeira Província Administrativa da Companhia de Jesus" in Brotéria, Jan. 97, e "Olivais e Jesuítas" in Studium Dilectum, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1999 - artigos da autoria de António Lopes, S.I.

Ocorre lembrar o rifão popular: *Quem não se sente não é filho de boa gente*. Este investigador jesuíta, no segundo dos artigos mencionados, refere-se às múltiplas calúnias de que os Jesuítas foram e em parte ainda continuam a ser alvo junto dos menos bem informados ou dos mal intencionados. Todavia, no primeiro desses artigos, após enaltecer o brilho do ensino dos Jesuítas nos primeiros tempos, reconhece a decadência posterior:

> Mas (...) a partir de determinada altura, a erosão do tempo e da rotina enfraqueceram a profundidade da experiência inicial (...). Agora, porém, perante os novos movimentos de século XVIII (...), foram-se escudando cada vez mais numa atitude de defesa e de imobilidade[15].

i) Os franceses Adrien Demoustier e Dominique Julia no prefácio da edição bilingue do *Ratio Studiorum* de 1997 denunciam a campanha anti-jesuítica: "Le «complot» jésuite appartient désormais á une histoire de l´ imaginaire du XIX.e siècle". E, pondo

---

[14] Oliveira Marques, 1972, I, p. 571. Em idêntico sentido se pronuncia o Senhor Prof. Francisco Ribeiro da Silva: "Entre os institutos religiosos deve, todavia distinguir-se a Companhia de Jesus - rica, poderosa e influente, com grandes interesses no Brasil, defensora de doutrinas ultramontanas e teorias políticas nem sempre condizentes com os princípios jusnaturalistas, constituindo como que um «estado dentro do estado»" - citando Oliveira Marques (Ribeiro da Silva, 1990, pp. 22-23).

[15] Cf. António Lopes, 1997, p. 88.

claramente em relevo o alcance da acção pedagógica intuída por Inácio de Loiola, escrevem os dois investigadores:

> Ignace de Loyola mit en valeur l'appel à un engagement au service vécu comme service de l'humanité. Dieu peut et il «doit être cherché et trouvé en toutes réalités», dit-il, et d'abord dans la relation entre les hommes[16].

j) Aires Nascimento, na sua comunicação ao Congresso internacional sobre Anchieta, em 1998, pronuncia-se nestes termos:

> A importância do sistema de ensino jesuitico (...) residia sobretudo na consciência do valor social da educação generalizada, conceito que apenas mais tarde haveria de ganhar adesão e aparecer consignado nos direitos do cidadão[17].

Merece realce o testemunho - citado por António Lopes - de Francis Bacon (1561--1626), na sua obra "De dignitate et augmento scientiarum": "Em questão de pedagogia basta uma palavra: consulta as escolas dos Jesuítas; não encontrarás melhor[18]".

Os juízos críticos apresentados são suficientes para termos uma ideia da opinião dominante sobre o ensino dos Jesuítas, entre o século XVI e o século XVIII.

2. Das «Constituições» da Companhia de Jesus ao «Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu»: objectivos, métodos e conteúdos.

O ensino dos Jesuítas entre o meio do séc. XVI e a expulsão da Ordem em 1759 regulava-se pelas orientações do "Ratio atque Institutio Studiorum Societais Jesu", abreviadamente designado "Ratio Studiorum", elaborado a partir das linhas gerais traçadas nas «Constituições» inacianas, testadas e confrontadas no terreno (os Colégios da Companhia) com a experiência didáctico-pedagógica[19].

---

16 Ver *Ratio Studiorum*, 1997, pp. 8 e 28.

17 Ver *Actas do Congresso Internacional* ... 2000, p. 49.

18 Cf. António Lopes, 1997, p. 87.

19 Pedro Perpinhão que, conjuntamente com os padres Manuel Álvares e Cipriano Soarez, foi professor do Colégio das Artes, fornece, em carta de 1565, um relato da experiência sobre o plano de formação em Humanidades no Colégio conimbricense a cargo da Companhia. Dele se deduz que a elaboração do *Ratio Studiorum* foi recolhendo as experiências docentes enquanto resultados de concepções pedagógicas

À relação do "Ratio Studiorum" com a sua matriz - as «Constituições» - tem sido dado o devido relevo por diversos autores[20].

Quer as «Constituições» quer o "Ratio" condicionaram a selecção de autores das "sylvae" jesuíticas. À luz da análise a que procedi dos autores e dos textos seleccionados, uma releitura das «Constituições» e do "Ratio" permite ajuizar da adequação entre os princípios teóricos e a sua concretização nas antologias. Adiante-se desde já que, por exemplo, a rigidez da ortodoxia sai atenuada pela mão dos organizadores dos textos.

2.1. As «Constituições» e o ensino

À morte de Inácio de Loiola em 1556, as «Constituições» da Companhia de Jesus, objecto de aturada elaboração desde, pelo menos, 1539, estavam concluídas, embora o Fundador as tenha considerado inacabadas, dada a sua humildade e a exigência de permanente actualização dos princípios e normas no confronto com as vivências dos companheiros[21]. Por outro lado, nesse texto fundador remetem-se para um tratado à parte as normas de organização do ensino em Colégios e Universidades[22].

Assim, as «Constituições» e, indirectamente, o "Ratio Studiorum" estão umbilicalmente ligados a Inácio de Loiola. Por isso se impõem algumas linhas de referência à sua personalidade e às circunstâncias históricas da sua acção.

---

devidamente testadas. Quem o afirma é Aires Nascimento na sua comunicação ao Congrsso sobre Anchieta intitulada "Laudes Studiorum: O humanismo jesuítico dos primórdios (No cenário de Anchieta e da Ratio Studiorum)", acresentando: "Se este era o testemunho que Pedro Perpinhão podia prestar do ensino jesuítico nos primórdios da instalação da Companhia de Jesus em Portugal e, em particular, na cidade do Mondego, temos boas razões para considerar que a Ratio Studiorum foi experimentada nos nossos meios, por personalidades de primeiro plano intelectual e pedagógico, num ambiente de excelente colabora- ção entre os diversos participantes no processo educativo em que se encontravam empenhados". (Cf. *Actas do Congresso Internacional* ... 2000, p. 59).

[20] Vejam-se, entre outros, J. Ferreira Gomes (1991), António Lopes (1997), Pereira Gomes (1996), Margarida Miranda (1996).

[21] Diz António Lopes, S.J.: "E morre, dando as Constituições por inacabadas, como que para sublinhar a nota de maleabilidade e de flexibilidade, à luz da qual deve ser interpretada cada palavra dessas Constituições, por mais rígida que pareça" (Cf. Lopes, 1997, p.84).

[22] No capítulo XIII, nº 455, das *Constituciones*, lê-se: "De las horas de las lecciones y orden y modo, y de los ejercicios, así de composiciones, que deberán ser enmendadas por los maestros (...), en particular se

2.1.1. Inácio de Loiola: de fidalgo e militar a fundador da Companhia de Jesus

O fidalgo e cavaleiro basco, que durante a sua longa convalescença dos ferimentos em combate (contra os franceses em Pamplona), pede para leituras de distracção novelas de cavalaria, e, entediado à falta destas, se resigna a ler livros piedosos , como a "Imitação de Cristo" e o "Flos Sanctorum", inicia com cerca de 30 anos a caminhada intelectual e espiritual[23].

Quando Inácio de Loiola, homem feito (nascera em 1491), nessa terceira década do século XVI, regressa aos bancos da escola, em terras de Espanha (Alcalá, Barcelona, Salamanca), já o Humanismo havia triunfado nos países europeus mais expostos aos ventos do Renascimento. Mesmo em Espanha e em Portugal, Erasmo de Roterdão, o maior humanista católico, estava já consagrado, entre os seus grandes admiradores, como teólogo e filólogo humanista, e era encarado pela própria Sede Apostólica como o mais capaz de enfrentar os desvios doutrinários de Martinho Lutero e seus prosélitos.

Uma vez convertido a um exigente projecto de espiritualidade, concebe Inácio a fundação de um Instituto religioso com fins apostólicos. Os tempos são de "combate" ideológico e doutrinário, numa frente de batalha desencadeada, estruturalmente, pela decadência e corrupção dos dirigentes da Igreja Católica, e, imediatamente, pela revolta de Martinho Lutero contra a venda de indulgências destinada á construção da Basílica de S. Pedro em Roma[24].

Abalada a autoridade espiritual de Roma e surgindo por toda a Europa focos nacionalistas de emancipação religiosa, que se apoiam em divergências doutrinárias, a criação de um Instituto religioso de defesa da ortodoxia católica e de total obediência ao Papa impõe-se no espírito de Inácio de Loiola. Por sua vez, a condição de militar orienta-o para a obediência sem discussão. Por outro lado, a sua incultura no momento da conversão não lhe facilitava o espírito crítico relativamente à história dos papas do seu próprio tempo.

---

dirá en un tratado de por sí, al cual se remite esta Constitución, con decir que debe aquello acomodarse a los lugares y tiempos e personas (...)".

[23] A tardia descoberta por Inácio de Loiola da necessidade de formação académica, que o levará até à obtenção do grau de mestre em Artes pela Sorbonne, é consequência directa e inseparável da sua conversão cristã - esta no sentido de adesão profunda ao projecto evangélico de aperfeiçoamento individual e de interesse pelo próximo. Sem esquecer essa dependência da formação intelectual relativamente à vivência cristã, só aquela cabe agora evidenciar.

[24] Lucien Febvre defende a tese de que a revolta de Lutero contra Roma, em 1517, não passou de um pretexto, já que ele era um homem "acima de tudo preocupado com a vida interior e a religiosidade profunda" (Cf. Febvre, 1994, pp. 81 ss.). Idêntica interpretação do comportamento de Lutero dá-nos Jean Delumeau: será a doutrina da justificação pela fé que está na base da dissidência de Lutero (Cf. Delumeau, 1994, p. 135)

Se tivesse lido, por exemplo, "O Elogio da Loucura" de Erasmo de Roterdão, de 1511, talvez não tivesse instituído um voto de obediência ao Papa[25].

Ao zelo do apostolado, no âmbito de rigorosa ortodoxia católica romana, se subordina a formação intelectual dos Jesuítas. E, quando surge no grupo de fundadores a ideia de estender o ensino a não candidatos à Companhia de Jesus, os mesmos objectivos são-lhes adaptados.

Não admira, por isso, que a Companhia de Jesus seja considerada um notável instrumento de que a Igreja lançou mão para restabelecer a autoridade doutrinária numa Europa religiosamente fragmentada pela Reforma protestante. O Concílio de Trento, reunido entre 1545 e 1563, encontrou na Ordem de Inácio condições excelentes e obreiros aptos para fazer aplicar os seus decretos, tanto no que respeita à reforma dos costumes como à reposição da ortodoxia católica[26].

2.1.2. Princípios educativos enunciados nas «Constituições»

Quando Inácio é preso pela Inquisição espanhola por andar a pregar sem ter para isso as credenciais académicas, deve ter-se arreigado no seu espírito o propósito de obter os graus imprescindíveis ao exercício da sua nova missão de divulgação e defesa da Fé católica.

Os analistas da pedagogia dos Jesuítas têm acentuado mais a organização dos estudos do que esta intuição inaciana - cronologicamente datada da sua passagem pelas prisões inquisitoriais das duas cidades espanholas (Alcalá e Salamanca) - da necessidade de uma cultura de grau superior para corresponder às exigências do apostolado num século a fervilhar no debate de ideias. Assim se explica que o fidalgo militar quase ignorante do cerco de Pamplona (1521), apesar de iniciar estudos a sério com mais de 30 anos de idade, venha a traçar um quadro exigente de formação intelectual dos homens da Companhia. Residirá aí porventura o segredo do rápido sucesso dos primeiros jesuítas em vários países: Itália, França, Espanha, Portugal ... É que estes homens eram todos no mínimo licenciados,

---

[25] Nessa obra dedicada a Tomás More, Erasmo não poupa os vigários de Cristo: "Fundada pelo sangue, aumentada pelo sangue, a Igreja cristã continua a ter papas que a governam pela espada como se Cristo não a defendesse de outra maneira" (Cf. Erasmo. Elogio da Loucura, em tradução de Álvaro Ribeiro, 1976, p. 44)

[26] Daniel-Rops, historiador católico, estabelecendo alguma ligação entre a formação militar de Inácio de Loiola e a disponibilidade para a obediência sem limites às ordens do papa, acentua o seguinte: "Para as lutas que se preparavam, a Igreja podia desde agora contar com essa milícia selecta" (Cf. Daniel-Rops, 1969, t. 2.º, p. 67).

alguns, como o próprio Inácio, mestres, e outros, mesmo doutores. O nosso D. João III logo se apercebeu dessa mais-valia dos novos religiosos.

Antes de destacar alguns dos princípios enunciados nas «Constituições», importa referir a tese humanista em que assentam. Os humanistas católicos, com Erasmo à cabeça, acreditavam nas capacidades inatas do homem para agir correctamente, ao contrário dos luteranos, eivados de radical pessimismo quanto à natureza humana, que eles consideravam irremediavelmente corrompida pelo pecado original.

Inácio de Loiola, quando, em 1539, apresenta ao Papa a primeira "Fórmula do (novo) Instituto", tinha convicções profundas nessa matéria. Os ministros europeus da Educação reconheceram recentemente a importância desse factor na educação a cargo dos Jesuítas[27]. Como vamos ver, o sentido humanista é bem patente em alguns dos artigos redigidos por Inácio e seus companheiros[28]. Outra linha de força é a intrínseca ligação da formação moral à formação intelectual, traduzida quer no recrutamento dos jovens, quer na selecção de autores e livros para o ensino.

Vejamos alguns desses artigos ou fragmentos deles, na sua redacção original da IV Parte das «Constituciones»[29]:

2.1.2.1. Do art.° 308: "(...) nos ha parecido ser necesario o mucho conveniente que los que han de entrar en ella [Companhia de Jesus] sean personas de buena vida y de letras suficientes para el oficio dicho".

E, assim, decidem "admitir mancebos que con sus buenas costumbres e ingenio diesen esperanza de ser juntamente virtuosos y doctos para trabajar en la viña de Cristo nuestro Señor".

"Virtuosos e doutos" é o binómio típico da linguagem inaciana, como lembra a nota de rodapé da edição castelhana.

---

[27] Esse reconhecimento foi expresso na 15.ª sessão da Conferência Permanente em Helsínquia, em 1987, nos seguintes termos: "A elaboração dos métodos de ensino [dos Jesuítas] rege-se pelo interesse dado às capacidades do aluno e ao processo de aprendizagem" (Cit. por Pereira Gomes, 1996, p. 38).

[28] Tal crença nas capacidades humanas é apanágio dos humanistas católicos e outros, mas exclui os protestantes. Por isso, não é exacto falar, neste caso, de humanismo cristão, como muitas vezes se escreve.

[29] Vale a pena seguir o texto no original castelhano, com a ortografia actualizada pela edição do Mensajero / Sal Terrae, indicada na bibliografia em «Constituciones, etc.".

2.1.2.2. Do art.° 340: Que o excesso de mortificações, orações e meditações não prejudique o estudo:

"Pues el atender a las letras que con pura intención del divino servicio se aprenden, y piden en cierto modo el hombre entero, será no menos antes más grato a Dios nuestro Señor por el tiempo del estudio".

É comummente reconhecido que Inácio de Loiola inovou, relativamente a outros institutos religiosos, ao considerar o estudo como uma forma de oração, fazendo nele envolver o "homem inteiro". Daí decorre o projecto de disponibilizar mais tempo para o estudo, retirando-o a devoções mais ou menos estéreis.

2.1.2.3. Do art.° 351: Aparece aqui enunciado um princípio inaciano, repetido em muitos outros lugares das "Constituições», que não só se aplicará no "Ratio Studiorum" à personalização do ensino, como ainda terá consequências em toda a actuação dos Jesuítas nos mais diversificados países e culturas. Diz ele respeito à maleabilidade necessária na adequação dos princípios às circunstâncias concretas, e que vai assim expresso:

"Atentas las circunstancias de tiempos y lugares y personas".

2.1.2.4. Dos art.°s 359, 465, 468 e 469: abordam a questão da selecção dos autores pagãos [*étnicos*, no original] e cristãos, bem como da selecção de textos: "En los libros de humanidad étnicos no se lea cosa desonhesta (...). En los cristianos, aunque la obra fuese buena, no se lea cuando el autor fuese malo, porque no se le tome afición[30] (...)"(art.° 359).

---

[30] Em nota de rodapé da edição espanhola lê-se: "Estas prescripciones fueron aplicadas por Ignacio mismo concretamente respecto de Erasmo de Rotterdam". E o facto é significativo da obediência de Inácio de Loiola às prescrições que iam saindo do Concílio de Trento, proibindo obras de Erasmo, cuja ortodoxia os católicos mais esclarecidos, como, entre nós, André de Resende e Damião de Góis, não punham então em causa. Idêntico sinal de total docilidade aos decretos conciliares está no artigo 367, que aponta como um dos objectivos da aprendizagem das línguas, não a exegese dos textos antigos, como preconizaram, entre muitos outros humanistas, Lourenço Valla e Erasmo de Roterdão, mas antes o de "defender la traducción que tiene aprobada la Iglesia", apontando uma tal referência para a *Vulgata* de S. Jerónimo, que Erasmo "ousara" reexaminar com métodos de crítica filológica para o "Novum Instrumentum". O Concílio de Trento impôs a Vulgata como texto único aceite pela Igreja.

De resto, Erasmo de Roterdão parece ser "persona non grata" no articulado das «Constituições», dada essa preocupação inaciana de absoluta fidelidade à ortodoxia romana. É mesmo de supor que, entre os "autores suspeitos" que o artigo 464 manda *nomear* nas Universidades, haverá alusão implícita a Erasmo de Roterdão, cujas obras vinham constando dos sucessivos róis de índices de livros proibidos decorrentes de decretos tridentinos, a partir de 1547 (Cf. Moreira de Sá, 1977, pp. 301 ss.).

Esta atitude preventiva de Inácio de Loiola contra a "impureza" de autores e obras não deve confundir-se com o respeito pessoal do Fundador da Companhia para com aqueles que podia considerar desviantes da ortodoxia católica. O exemplo mais famoso deste comportamento bem humano (e santo, se quisermos) de Inácio de Loiola tem por protagonistas dois portugueses - Damião de Góis e Simão Rodrigues, co-fundador este da Companhia de Jesus -, e consta, no essencial, do processo da Inquisição contra Damião de Góis. Simão Rodrigues, ao que parece, muito mais fundamentalista do que Inácio, terá ofendido Damião de Góis, em azeda discussão teológica. Uma senhora especialista americana, Elisabeth Feist Hirsch , refere-se-lhe nestes termos: "O episódio deve ter sido extremamente ofensivo e causou grande aborrecimento a

O artigo 465 é bem claro quanto à censura a autores e livros: "Aunque el libro sea sin sospecha de mala doctrina, cuando el autor es sospechoso, no conviene que se lea. Porque se toma afición por la obra al autor, y del crédito que se le da en lo que dice bien, se le podría dar algo después en lo que dice mal".

No artigo 468 proibe a leitura de livros que ofendam os bons costumes, a não ser que sejam antecipadamente "limpiados de las cosas y palavras deshonestas". E no 469 adverte que, quando essa "limpieza" não for possível, como no caso de Terêncio, é preferível não os ler: "Porque la cualidad de las cosas no ofenda la puridad de los ánimos".

2.1.2.5. Artigos 366 e 381: "Guardese orden en las ciencias, y antes se funden bien en el latín que oigan las Artes. Y en estas, antes que pasen a la Teologia escolástica" (n.º 366).

"Ciências" são as matérias objecto do currículo escolar. Atente-se na insistência em assegurar as competências no fim de cada ciclo de estudos, tomando o domínio do latim como aquisição básica para o prosseguimento de estudos. Numa introdução á IV Parte das «Constituciones» Simón Decloux, SJ, chama a atenção para o facto de que este cuidado em respeitar a ordem na sequência das matérias veio a Inácio do chamado "modus parisiensis" - o método de estudos seguido no Colégio de Santa Barbara, integrado na Sorbonne - e que consistia, neste caso, em "fixar com clareza as etapas sucessivas de um processo na assimilação do saber". A "assimilação activa" das matérias, já aqui esboçada, será objecto de desenvolvimento no "Ratio Studiorum".

O n.º 381 articula-se com o 366, não só na insistência quanto ao domínio do latim ("Todos y especialmente los humanistas hablen latín comúnmente"), como ainda na assimilação activa das matérias: "y ejerciten mucho el estilo en composiciones, habiendo quien los corrija".

2.1.2.6. O espírito de competição, traduzido por "santa emulação", é objecto do artigo 383: "para que más se ayuden los estudiantes, será bien poner algunos iguales, que con santa emulación se inciten".

Esta questão será objecto de amplo desenvolvimento no "Ratio Studiorum".

Outros artigos das «Constituições» dizem respeito ao ensino dos Colégios dos Jesuítas, mas estes são os mais directamente relacionados.

Inácio de Loiola, que foi de Veneza a Pádua para se desculpar do comportamento desrespeitoso de Simão, ficando ele e os companheiros hospedados em casa de Góis" (Cf. Hirsch, 1987, p. 122). Um notável romance português dos nossos dias imprimiu ao acontecimento a força da *verdade* própria da ficção. Refiro-me a "A Sala das Perguntas" de Fernando Campos, 3.ª edição, 1999, pp. 261-262.

2.2. O "Ratio Studiorum" e o ensino dos Colégios jesuítas

As "Constituições", no seu artigo 455 (IV Parte), remetem a organização das lições, a ordem, o modo, os exercícios, as composições, as disputas sobre as várias matérias, a pronunciação de discursos e a declamação em público, para um tratado à parte, o qual deverá "acomodar-se aos lugares, tempos e pessoas".

Essa é a trave "constitucional"[31] do "Ratio atque institutio studiorum Societatis Jesu", que se começou a elaborar logo a partir da experiência dos primeiros colégios jesuítas, sob a superior orientação de Inácio de Loiola, e que teve sua versão final e publicação no início do ano de 1599. A história da sua elaboração, ao longo de quase meio século, é exemplar da preocupação em conseguir um instrumento pedagógico de princípios universais, mas suficientemente abertos às "circunstâncias de pessoas, tempos e lugares"[32].

As congregações gerais da Companhia reunidas em 1565 e 1573 aludem já a um corpo de regras gerais em fase de aplicação nos Colégios[33]. Ora a análise dum "código"[34] de 466 regras, que o "Ratio" é, não cabe no âmbito deste trabalho. Interessa aqui apenas referir os enunciados, directa ou indirectamente projectados nos textos das "sylvae", tanto ao nível da selecção antológica como na pressuposta exploração ou comentário desses mesmos textos nas aulas.

A) A língua instrumental, que servia de veículo da transmissão de conhecimentos nas aulas, era o Latim[35], sem prejuízo do lugar ocupado pelo Grego no ensino destoutra

---

31 Francisco Rodrigues, SJ, em A Formação Intelectual do Jesuíta, considera a IV Parte das "Constituições" como "um verdadeiro programa escolar", donde se desenvolveu, "como de germe pequenino, o *Ratio Studiorum* (Ver Rodrigues, 1917, pp. 5-6). Este historiador da Companhia de Jesus presta detalhadas informações sobre a organização das aulas nos Colégios jesuítas, a partir de dados recolhidos nos "Monumenta Historica Societatis Jesu".

32 Esta adequação inaciana das normas às circunstâncias específicas do terreno não deve fazer-nos perder de vista a intransigência relativamente à aplicação de muitas delas em conformidade com o autoritarismo da Igreja na época, como é o caso da "limpeza" de autores e de textos, já acima mencionada. Acentuar demasiado essa maleabilidade de Inácio de Loiola é correr o risco de distorcer a interpretação dos textos com objectivos de panegírico. Tal é o que parece fazer António Lopes, SJ, numa passagem como esta: "As normas, por mais «intocáveis» que pareçam, para o «peregrino do bem mais universal e do serviço mais urgente e eficaz» [Inácio de Loiola], só têm sentido, **«em conformidade com as circunstâncias de pessoas, tempo, lugares e mentalidades»**, inciso que aparece, a cada passo, ao longo das Constituições" (Ver Lopes, 1997, p. 84).

33 Ver Franca, 1952, vol. X, pp 17-18. Sigo este investigador jesuíta brasileiro na sua versão portuguesa do original latino.

34 "Código pedagógico" e "lei orgânica" lhe chama o Prof. Joaquim Ferreira Gomes: "Este código pedagógico, esta lei orgânica dos estudos, amadurecida na reflexão e na experiência de 50 anos, foi, durante quase dois séculos, a *formula studiorum* de centenas e centenas de colégios (...) (Ver Gomes, 1991, p. 142).

35 Diz Leonel Franca (1952, p. 80): "Estudar o latim no século XVI era um corolário inevitável de toda a evolução da história nos séculos precedentes. Mas era também de vantagens tantas e tão manifestas que

língua. Por sua vez, a língua materna pressupunha-se basicamente adquirida à entrada no colégio. Só excepcionalmente se ministrava o programa da "primária" ou escola elementar. Assim, o Português não era directamente ensinado, mas estava presente nas orientações do "Ratio" e na prática das aulas, como afirma Leonel Franca:

> O Ratio recomenda mais de uma vez a diligência no uso da língua materna. Traduções, versões, ditados, exposição do argumento obrigam a um estudo ocasional, mas nem por isso menos eficiente do vernáculo. Ao professor de humanidades em particular lembra que poderá, não só usar a língua nacional, quando nisso houver vantagens, senão que também poderá no fim da explicação do autor dar do trecho estudado uma tradução, feita com todo o primor"[36].

B) O "Ratio" assinala três níveis na carreira escolar: Letras ou Línguas, Filosofia ou Artes e Teologia[37]. Os textos das "sylvae" literárias destinavam-se ao primeiro desses níveis, o qual se subdividia em Gramática, Humanidades e Retórica. A Gramática, por sua vez, subdividida em Inferior, Média e Superior, ocupava entre três e cinco anos lectivos. As Humanidades e a Retórica gastavam um ano cada uma. Integravam este primeiro nível de estudos as chamadas "classes inferiores", que, no total, somavam sete, percorridas pelos alunos em cinco, seis ou sete anos[38]. Só a satisfação dos objectivos de cada "classe" garantia a passagem à classe seguinte. E, como o mesmo se passava com a transição de níveis ou ciclos de estudos, as "classes inferiores" também genericamente designadas, abreviadamente, por "Humanidades", adquiriam assim uma certa autonomia relativamente à Filosofia e à Teologia. É isso que permite ao Prof. Ferreira Gomes afirmar que, de certa forma, os jesuítas criaram o ensino secundário, "ao torná-lo autónomo relativamente ao «ensino de ler e escrever» e ao ensino superior"[39] .

C) Os autores clássicos latinos são expressamente referidos e aconselhados, com indicação da "classe" a que alguns deles ou suas obras se mostram mais adequados: Cícero,

---

orçavam quase por uma necessidade imperiosa. O latim constituía o vínculo de unidade da civilização europeia e também o vínculo de transmissão de toda a cultura superior". Em nota de rodapé Leonel Franca atribui a última frase a Justo Lipsio e transcreve-a parcialmente: "Vinculum gentium in Europa et thesaurus ac conditorium scientiarum". Ora "thesaurus ac conditiorium" significa "tesouro e depósito", sendo de admirar que Leonel Franca tenha traduzido por "vínculo de trasnmissão". Estará "vínculo" por "veículo"?

[36] Ver Franca, 1952, p. 52. Este autor colhe abundantes informações em Francisco Rodrigues, A Formação..., 1917.

[37] Esta tripartição é feita por Domingos Maurício, SJ, na Enc. Verbo, reproduzindo Francisco Rodrigues (Ver Rodrigues, 1917, p. 41).

[38] Ver Leonel Franca, 1952, pp. 48-49. Franca diz ser esse o modelo seguido no Colégio Romano, e cita como fonte documental os "Monumenta Paedagogica Societatis Jesu".

[39] Ver Ferreira Gomes, 1991, p. 139.

César, Salústio, Virgílio, Tito Lívio, Ovídio, Horácio, Plauto, Terêncio, etc. Esses autores são devidamente expurgados , de modo a salvaguardar a "pureza de costumes", tal como esta era entendida nesses tempos do Concílio de Trento. Para a formação do estilo pessoal de cada aluno, o modelo aconselhado era Cícero[40].

D) Na metodologia das aulas, o *Ratio* confere especial relevância à *praelectio*, sempre adequada à "classe" respectiva. Assim, aos alunos de gramática o professor começava por resolver as dificuldades relativas ao vocabulário, à propriedade dos termos, ao sentido das metáforas, à ordem e conexão das palavras. Nas "classes" mais adiantadas já o professor se ocupava de noções de história, geografia, etnologia, etc., de forma a elucidar sobre o contexto das mesmas obras ou dos extractos[41].

E) Uma das chaves do sucesso da pedagogia jesuítica está no seu carácter activo. As lições eram orientadas no sentido de fornecer elementos aos alunos, para que estes elaborassem composições ou textos pessoais em que iam paulatinamente construindo o seu próprio estilo, à base dos bons modelos clássicos. O professor corrigia esses trabalhos pessoais e ia incentivando o progressivo melhoramento do discípulo. Escreve Pedro Maia:

> Imitação um tanto servil nos primeiros tempos, a composição ganhará em originalidade e cunho pessoal à medida que o aluno for enriquecendo o seu património de ideias e os seus recursos de expressão. Insistindo na importância deste fim prático, o *Ratio* oferece-lhe continuamente a oportunidade de assimilar melhor e realizar a síntese viva de tudo o que aprende: regras de gramática, normas de estilística, conhecimentos positivos. A lição de preceitos (*praecepta*) e a leitura do autor (a *eruditio*) convergem no trabalho pessoal da composição[42].

F) Uma outra chave explicativa do sucesso do ensino - aprendizagem jesuítico reside na constante emulação ou competição dos alunos cada um consigo mesmo e com os

---

40 Os autores do *Ratio* mostram assim terem feito tábua rasa da polémica das primeiras décadas do século XVI entre "Ciceroniani" e "Christiani" (para usar a terminologia do próprio Erasmo, reportando-se ao célebre sonho de S. Jerónimo), ou seja, entre os fanáticos de Cícero e os que defendiam um estilo mais abrangente, que não tivesse Cícero como único modelo de latinidade. Em defesa dum alargamento de modelos, publicava Erasmo em 1528 o seu "Dialogus Ciceronianus", em que se pronunciava contra "os macacos de Cícero" (Ver Erasme, 1992, p. 426).

41 Ver Pedro Maia, 1986, pp. 17-18. Este sacerdote jesuíta decalca, por vezes resumindo, Leonel Franca. As suas observações sobre a *praelectio*, colhidas mormente nos "Monumenta Paedagogica Societatis Jesu", são do maior interesse para descobrirmos as possíveis abordagens dos textos das "sylvae". Sobre as noções relativas ao contexto, que o docente explicaria na *paelectio*, e que, segundo o mesmo autor, o *Ratio* designava por *eruditio*, diz Pedro Maia: "A razão de ser, porém, da *eruditio* não é tanto aumentar a soma de conhecimentos quanto introduzir o aluno numa compreensão perfeita do autor".

42 Ver Pedro Maia, 1986, p. 18.

colegas. As "Constituições", como vimos, chamavam-lhe "sancta aemulatio", o "Ratio" designa-a por "honesta aemulatio". O Prof. Joaquim Ferreira Gomes considera que a "emulação" era uma componente fundamental da pedagogia dos Jesuítas, levando os alunos a participarem, "empenhadamente, no processo ensino - aprendizagem"[43]. É a regra nº 31 das "Regras comuns aos professores das classes inferiores".

G) Subjaz ao "Ratio Studiorum" uma concepção optimista[44] do ser humano, no sentido de que todo o homem é educável, qualquer que seja a sua origem social. Esta visão positiva do homem, já bem assinalada nas "Constituições", é enformada pela linha dominante da ortodoxia católica, que teve em Erasmo de Roterdão um dos seus mais sólidos defensores[45].

H) Uma das grandes linhas de força do pensamento de Inácio de Loiola, bem presente nas "Constituições" e no "Ratio", é a valorização do estudo. O grande lema inaciano expresso na máxima latina "Ad maiorem Dei gloriam" - *Para a maior glória de Deus* - parece, à primeira vista, alienante da condição humana; enquadrado, porém, na filosofia da acção do Fundador da Companhia de Jesus, ele implica tomar o conjunto das acções humanas como um projecto de realização, pessoal e social, de sentido transcendente. Daí que Inácio tenha rejeitado a compartimentação-estanque entre oração e trabalho. Os Jesuítas foram, no século XVI, pioneiros da pedagogia moderna da valorização do trabalho. Agora que o Ministério da Educação português acaba de consagrar em diplomas legais (decretos-leis n.ºs 6 e 7 de 2001) a "Dimensão humana do trabalho" como disciplina transdisciplinar, mais sobressai a visão vanguardista de Inácio de Loiola.

I) Centro de todo o ensino-aprendizagem dos Jesuítas era o aluno. Podemos falar de verdadeira personalização do processo educativo. Margarida Miranda, debruçando-se sobre a pedagogia jesuítica e alargando a investigação a muita documentação da época, escreve:

> O educando permanece num processo contínuo de interacção de comunicação com o educador. Este é um dos aspectos mais notáveis do ensino jesuítico, tendo em conta a época em que nasceu: centrar-

---

43 Ver Ferreira Gomes, 1991, p. 149.

44 Ver Ferreira Gomes, 1991, pp. 146-7. Este autor contrapõe ao "Ratio Studiorum" a concepção pessimista do jansenismo, do puritanismo e do pietismo.

45 A tese católica *versus* tese luterana está bem expressa no "De libero arbitrio" de Erasmo de Roterdão em contraposição com o "De servo arbitrio" de Martinho Lutero. O nosso Gil Vicente, contemporâneo de

se totalmente no educando (...). A adaptação do mestre às disposições e capacidades do estudante é objecto constante das recomendações da Ratio. Sobre ele recaía todo o empenho no progresso do discípulo[46].

J) Não podemos olhar para a pedagogia jesuítica só do lado da luz, que, sem dúvida, a ilumina ainda aos nossos olhos de europeus do séc. XXI. Ela tem também as suas sombras, que se projectam pelos séculos seguintes, até à emancipação da sociedade civil. Refiro-me ao apertado controlo das opiniões, sempre aferidas pela cartilha da hierarquia católica.

Nas "Regras comuns a todos os professores das faculdades superiores", que por maioria de razão se aplicavam aos estudos inferiores, o Ratio Studiorum prescreve:

> Ainda em assuntos que não apresentem perigo algum para a fé e a piedade, ninguém introduza questões novas em matérias de certa importância, nem opiniões não abonadas por nenhum autor idóneo, sem consultar os superiores; nem ensine cousa alguma contra os princípios fundamentais dos doutores e o sentir comum das escolas. Sigam [os professores] todos de preferência os mestres aprovados e as doutrinas que, pela experiência dos anos, são mais adoptados nas escolas católicas[47].

Vale a pena confrontar esta vigilância sobre o espírito crítico com um extracto de Montaigne, contemporâneo da redacção do "Ratio", no capítulo XXVI do I vol dos Essais, que tem por título "De l'Institution des Enfants". Ao orientador ["conducteur"] da aprendizagem aconselha o humanista francês:

> Qu'il lui fasse tout passer par l'étamine et ne loge rien en sa tête par simple authorité et à crédit; les principes d'Aristote ne lui soient principes, non plus que ceux des Stoïciens ou Epicuriens. Qu'on lui propose cette diversité de jugements: il choisira s'il peut, sinon il en demeurera en doute. Il n'y a que les fous certains et résolus[48].

A entrega do ensino "secundário" aos Jesuítas, quando, em 1555, são convidados a assumir a direcção do Colégio das Artes, deveu-se exactamente à confiança que mereciam pela defesa intransigente da ortodoxia católica, concomitantemente com o prestígio intelectual e moral de que já gozavam. Não é, portanto, exagerado afirmar-se que os Jesuítas foram um valioso suporte na aplicação das normas saídas do Concílio de Trento.

Desidério Erasmo, no "Auto da Alma", de 1518, coloca na boca da personagem Anjo a garantia dada à Alma de que ela possui "livre alvidrio" (v. 99), "livre entendimento / e vontade libertada" (vv. 106-107).

46 Ver Miranda, 1996, p. 238.

47 Cf. Franca, 1952, p. 145.

48 Cf. Butor, 1964, p. 191. Michel Butor apresenta o texto em francês antigo. Para maior facilidade de leitura, dou a sua actualização em francês actual, o que implicou alterações de ortografia.

Capítulo II - Sociedade e cultura no século XVI português

1. *O estado cultural da nação: a experiência da vida e o saber escolar; espírito crítico e erasmismo; algumas personalidades relevantes da cultura portuguesa da época.*

Resulta em simplificação redutora qualquer tentativa de visão panorâmica da sociedade portuguesa do século XVI, dada a complexidade do fenómeno cultural nesse século. Antes de mais, porque as balizas culturais não coincidem com as demarcações centenárias, ou seja, a cultura desconhece os limites cronológicos.

Há, no entanto, algumas datas que são marcos delimitativos e ajudam a situar no tempo significativos eventos culturais. Escolhamos algumas:

1501: a 6 de Janeiro, inicia-se a construção do Mosteiro dos Jerónimos, em Belém (Lisboa), o maior símbolo arquitectónico dos Descobrimentos portugueses e "jóia da arte manuelina", como se lhe chama em texto elaborado no âmbito da celebração do meio milénio da sua história[1].

1502: nasce o futuro D. João III; Gil Vicente inaugura o teatro nacional.

1509: representação do Auto-da-Índia, "eterno contraste entre o ideal e o real"[2], de Gil Vicente;

1516: publicação do Cancioneiro - Geral de Garcia de Resende, onde se manifesta já a consciência nacional do pioneirismo português das Descobertas[3], a que Camões havia de conferir grandeza épica, meio século depois, na voz do Gigante Adamastor, que classifica o povo português de "gente ousada", por se atrever a "ver os segredos escondidos da natureza e do húmido elemento" (Lus., V, 41-42);

---

1 Cf. Nair Alexandra no semanário «Expresso-revista», p. 22, de 19 de Maio de 2001.

2 A expressiva síntese é de Stephen Reckert, de quem vale a pena ainda transcrever: "A Índia exemplifica a fatal dificuldade com que se tem defrontado desde sempre uma certa crítica patrioteira apostada em erigir o grande dramaturgo nacional em paladino do Império" (Reckert, 1983, pp. 21 e 93).

Para além do realismo da personagem Constança, em quem, na primavera, "o sangue novo atiça" (v. 93), por contraste com o pseudo-platonismo dos pretendentes adulterinos, há que assinalar a desmistificação do cruzadismo imperial português: "Fomos ao rio de Meca, / Pelejámos e roubámos" (vv. 476-77).

1528[4]: representação do Auto da Feira, de Gil Vicente, obra em que ecoam os trágicos e escandalosos acontecimentos do Saque de Roma de 1527. Com ou sem influência de Erasmo - cujas proposições teológicas são examinadas à lupa por destacados teólogos peninsulares expressamente reunidos na célebre "Assembleia de Valhadolid", iniciada logo no mês seguinte ao Saque de Roma -, o nosso maior dramaturgo não poupa a Cabeça da Igreja:

"Ó Roma, sempre vi lá / Que matas pecados cá / E deixas viver os teus" (vv. 474-76)[5];

1536: estabelecimento oficial da Inquisição em Portugal, por reiterada insistência de D. João III junto da Santa Sé[6]. Neste mesmo ano morre Erasmo de Roterdão, tão admirado pelos humanistas portugueses André de Resende[7] e Damião de Góis (amigo e

---

3 "Gentes novas, escondidas, / Que nunca foram sabidas /, São a nós tão conhecidas / Como qualquer natural" (Das trovas de Diogo Velho, in Ema Ferreira Tarracha, 1994, p. 278).

4 Embora o Auto da Feira traga a data de 1527, na edição de 1562, Lindley Cintra demonstra que a representação deve ter ocorrido no Natal de 1528 (Ver Gil Vicente, Auto da Feira, 1989, pp. 18-19).

5 Uns anos mais tarde, Garcia de Resende na sua Miscelânea, dedicou também trovas ao Saque de Roma, de que transcrevo a última estrofe, na versão de Lindley Cintra na obra citada na nota anterior:

"Desventurada cidade / mal aventurada terra / teendo tanta sanctidade / te perdeste per maldade / em poucas horas de guerra; / maldito ho povo cristão / que sem causa pôs ha mão / em tanta cousa sagrada / hos que matam com espada / com espada hos mataram."

6 Entre os historiadores actuais parece não subsistirem dúvidas de que o Vaticano resistiu quanto pôde à instituição da Inquisição portuguesa. Provavelmente, essa resistência não se deveu a virtude cristã da Sede de Pedro, mas, porventura, à consciência dolorosa das muitas crueldades praticadas pelo "santo" Tribunal romano desde a sua fundação no século XIII.

O Prof. Amadeu Torres, na sua tese de doutoramento sobre Damião de Góis, não hesita em afirmar que D. João III, cioso de poderes semelhantes aos dos reis de Espanha sobre a Inquisição espanhola, nomeadamente o de nomear o inquisidor-geral, tudo fez para conseguir da Cúria romana a instituição da Inquisição (Ver Amadeu Torres, 1982, II, p. 44).

Artur Anselmo é de opinião de que D. João III teve como principal objectivo, com a criação da Inquisição, pôr termo às vinganças populares contra os cristãos - novos: "Ao contrário do que aconteceu noutros países europeus, a criação do Tribunal do Santo Ofício em Portugal não foi tanto uma arma contra a difusão das ideias reformistas luteranas, mas principalmente uma iniciativa da Coroa destinada a «legalizar» a devassa contra os Judeus e, subsidiariamente, a impedir que as lutas religiosas entre Cristãos viessem a enfraquecer o Poder Real, à semelhança do que se passava na Europa Central." (Cf. Anselmo, 1981, pp. 514-515).

Francisco Bethencourt, na "História Religiosa de Portugal", escreve: " O estabelecimento da Inquisição é *consentido* pelo papa, perante a pressão constante do rei português". E mais adiante: " Na balança da decisão papal encontrava-se, por um lado, a reticência perante a alienação de um poder espiritual significativo (...); por outro, a necessidade de satisfazer um aliado constante, sólido, que prometia um processo de missionação em larga escala de outros continentes (...)" (Ver Bethencourt, 2000, pp. 96-97). O mesmo autor já em 1994 editara pelo Círculo de Leitores a História das Inquisições - Portugal, Espanha e Itália.

Se acreditarmos nas intenções expressas por D. João III na "Patente concessa à Santa Inquisição", datada de 20 de Novembro de 1536, o seu propósito era combater a heresia em Portugal e seus domínios:

" (...) faço saber que, desejando eu que nos ditos meus reinos e senhorios a nossa santa fé seja exalçada, aumentada e não diminuída, enviei pedir ao santo padre que quisesse conceder Inquisição nos ditos meus reinos e senhorios contra os hereges e culpados no dito crime de heresia" (Documento transcrito por Révah em *Etudes Portugaises*, 1975, pp. 136-137).

7 Em 1531, em posição bem contrastante com a delegação portuguesa à "Assembleia de Valhadolid", de 1527 (Ver Moreira de Sá, 1977, pp. 13 ss.), André de Resende publicara o "Erasmi Encomium" (*Elogio de*

antigo hóspede de Erasmo, e chorado por Nicolau Clenardo[8], o insigne humanista flamengo, preceptor dos infantes e futuros cardeais D. Afonso e D. Henrique, irmãos de D. João III).

No mesmo ano de 1536, encerra Gil Vicente a sua produção dramática, levando à cena a "Floresta de Enganos". O dramaturgo larga o palco e a cena pública, nada se sabendo dele para além dessa data, incluindo o falecimento. Não custa admitir que ventos repressivos , que começavam a soprar com a Inquisição, então a lançar as fundações do sinistro edifício, tenham arrefecido a voz do corajoso crítico da sociedade portuguesa das primeiras décadas do século XVI. O "cárcere tenebroso" das palavras da personagem "Filósofo" logo na 2ª estrofe da peça poderão ser uma metáfora da nova situação do País: "Y porque la reprehensión / A todos es enojosa, / Me vi en grande passión, / En cárcel muy tenebrosa"[9].

1548: abertura, em Coimbra, do Colégio das Artes, criado por D. João III com o propósito de reforçar os estudos secundários, enquanto preparação adequada para a renovação dos estudos superiores. No juízo de Mário Brandão, "A fundação do Colégio (...) visava transformar a velha universidade medieval numa vasta e aperfeiçoada oficina de estudos (...)[10]

Erasmo) onde se insurge contra os detractores do grande humanista roterdamês: " Oh tristes fados ! Oh fé dos deuses e dos homens ! Onde maior vileza ? Para onde, fera barbárie, te precipitas ? Para que hás-de maldosamente denegrir as boas acções ? (Em tradução portuguesa de Walter Medeiros e Pereira da Costa - Ver Medeiros, 1961, vv. 95-98).

8 Ver Moreira de Sá, 1977, p. 187. O facto de André de Resende e Nicolau Clenardo, humanista da confiança de D. João III, exprimirem publicamente a sua incondicional admiração por Erasmo, que, uns anos antes, tinha recebido convite real, por intermédio de Damião de Góis, (conforme declarações de Góis no Processo inquisitorial) para vir ensinar em Portugal, demonstra a simpatia do Rei pelo líder do humanismo cristão. A indelicadeza de D. João III para com Erasmo, ao não acusar e agradecer a dedicatória das "Lucubrationes Aliquot" (1527) terá, porventura, outra explicação. De qualquer forma, D. João III não seria tão "pio" , entenda-se "devoto" ou mesmo"beato", como ficou para a História. A criação da Inquisição portuguesa, que se lhe deve, não seria mais ambição de poder do que proselitismo religioso, como parecem querer significar Amadeu Torres e Francisco Bethencourt ? (ver nota nº 45). Ou seria por manifesta incapacidade intelectual ? Moreira de Sá exprime assim as suas dúvidas: "Analisando e conjugando estes factos, temos de concordar que neles não imperava a lógica" (1977, p. 188). Por sua vez, Silva Dias vai no mesmo sentido: "O que tudo isto parece indicar é que D. João III, até ao fim da primeira fase do concílio de Trento, não foi alheio às tendências do irenismo, na medida em que este significava um apego deliberado à tese da reforma da Igreja e uma abertura de ideias de fundo mais ou menos erasmiano" (1960, I, p. 426).

9 Dada a resistência da Santa Sé à instituição da Inquisição portuguesa, que só entra em pleno funcionamento em 1547, poderá pensar-se ser de menor importância a data oficial de 1536. Mas até no aspecto cultural - que aqui particularmente nos interessa - a Inquisição produziu logo os seus frutos amargos. É desse mesmo ano a interdição de possuir a Bíblia em vernáculo ("em linguagem", assinada pelo primeiro nquisidor-geral D. Diogo da Silva (Ver Révah, 1975, p. 130).

10 Ver Brandão, 1924, I, p. 61.

D. João III entregou a direcção da nova escola a André de Gouveia, mencionado por Montaigne como "le plus grand principal de France"[11], até então a presidir ao colégio progressista de Bordéus. Sendo bem conhecidas nesse tempo as diferentes orientações dos colégios rivais franceses de Santa Bárbara (Paris), conservador, e Guiana (Bordéus), progressista, a opção de D. João III não é de fácil entendimento.

André de Gouveia trouxe consigo outros professores eminentes do colégio de Guiana, uns estrangeiros, outros portugueses, ex-bolseiros estes do rei de Portugal: Grouchy, Buchanan, Diogo de Teive, João da Costa, entre outros[12].

As suspeitas de heresia lançadas sobre os bordaleses conduziram à prisão pela Inquisição de vários professores (André de Gouveia havia morrido no próprio ano da inauguração). O processo culminou com a entrega do Colégio aos Jesuítas em 1555. Embora de criação recente (1540), a Companhia de Jesus, pela sua própria matriz "constitucional" - voto de obediência ao Papa - e pelo comportamento dos seus membros, dava garantias de fiel guardiã da ortodoxia em fase de reelaboração pelo Concílio de Trento, iniciado em 1545[13].

1554: publicação em Ferrara (Itália) de *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro, novela sentimental de notável valor literário. Segundo António José Saraiva e Óscar Lopes, "tende a exprimir uma filosofia segundo a qual o que confere à vida humana o seu mais alto valor é o comportamento amoroso"[14]. Elevada expressão do lirismo nacional, a *Menina e Moça* situa-se no reverso do puritanismo tridentino das questões amorosas. Não admira assim que tenha sido, também por isso, objecto de profundo expurgo por parte da censura inquisitorial. Hélder Macedo, que há muito se ocupa da famosa novela, em estudo recente para uma edição das Publicações D. Quixote mantém a sua interpretação de que Bernardim Ribeiro seria um cristão-novo posteriormente reconvertido ao judaísmo. Parece-me convincente a sua argumentação da identificação da personagem Aquelísia como uma espécie de anagrama de "Ecclesia" - a Igreja Católica, abandonada em favor dum

---

11 Citado por Mário Brandão , 1924, I, p. 64.

12 Ver Mário Brandão.1924, I, p. 85. A frequência do colégio foi enorme: "Amplas se franquearam as portas do colégio . Nas aulas, a abarrotar , sobre uma multidão de sequiosos de saber, caiu como chuva benéfica, no sábio latim renascentista e no heleno harmonioso , o verbo de ouro dos Humanistas" (Ib., p. 87).

13 O eminente jesuíta espanhol e depois missionário no Brasil, Padre José de Anchieta frequentou o Colégio das Artes entre 1548 e 1553, tendo aí ingressado aos 17 anos de idade. Figura notável do humanismo português, como veio a revelar-se, confirma por si o bom nível das humanidades no Colégio das Artes no período anterior à direcção dos Jesuítas. Na celebração dos 450 anos da criação do Colégio das Artes, coincidente com o ingresso no mesmo Colégio do Padre José de Anchieta, reuniu em Coimbra um Congresso Internacional centrado na personalidade de Anchieta (Ver *Actas do Congresso Internacional* ... 2000).

14 Ver Saraiva, 1992, p. 237.

verdadeiro amor, que a personagem Aónia representa. Mas o mais importante é o juízo estético-literário que Hélder Macedo faz da novela, que ele considera uma obra-prima:

> E todas as grandes obras poéticas são um espelho em que cada nova época se pode reconhecer. Através do seu quadro referencial específico, Bernardim lidou com os problemas fundamentais da consciência humana: a vida, o amor, a morte, o desejo da parte pelo todo, a reconciliação da vida e da morte através do amor[15].

1563: publicação, em Goa, dos Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia, de Garcia da Orta. Uma referência especial merecem esta obra e o seu autor, por várias razões:

1° - Garcia da Orta, sem desprezar a sabedoria humanística aprendida em Salamanca e Alcalá, nem, muito menos ainda, a autoridade dos filólogos, defende, todavia, a observação como método basilar da aquisição do conhecimento.

2° - Faz chacota das discussões académicas da escolástica quando contrariam os factos carreados pela rigorosa observação e pela experiência. Esta independência moral do médico português é um alto exemplo nos difíceis tempos tridentinos.

3° - Garcia da Orta nem depois da morte escapou à sanha da Inquisição: foi exumado e os seus ossos queimados em auto-de-fé.

4° - Em contraste com o escasso acolhimento da obra em Portugal, verifica-se a sua divulgação imediatamente na Europa: só em Antuérpia os "Colóquios" foram impressos em 1567; 1574, 1582, 1584 e 1593[16].

1572: publicação de Os Lusíadas. Nesta abordagem do simbolismo de algumas datas, impõe-se destacar o ano do aparecimento público da Epopeia nacional, cabendo pôr em relevo alguns aspectos:

a) Apesar da apertada malha dos índices expurgatórios, directa ou indirectamente inspirados pelos decretos tridentinos[17], Os Lusíadas, graças á benevolência de momento do

---

15 Ver Macedo, 1999, pp. 70-71. Hélder Macedo já toma em consideração neste estudo as críticas de Eugénio Asensio, que opinara não haver fundamento documental ou textual para considerar Bernardim um hebreu converso, embora se refira com simpatia à "revolucionaria interpretación de *Menina e Moça* propuesta por el poeta e crítico Hélder Macedo" (Asensio, 1978, p, 41).

16 Ver Silva Dias, 1988, p. 108. O Prof. Silva Dias nesta obra dá grande relevo a Garcia da Orta e aos "Colóquios", em termos como estes: " Não se apela ali de um sistema de autoridades medievais para um sistema de autoridades antigas - mas, antes e mais profundamente, de um sistema de autoridades para um sistema de observações" (ibid., p. 96)

censor oficial do Santo Ofício - Frei Bartolomeu Ferreira -, conseguiram exprimir a mensagem humanista da valorização do homem como ser terreno e a alegria dos sentidos. O Canto IX do Poema é um verdadeiro hino à Natureza física e humana, só possível num génio cristão que soube colher a visão optimista da Antiguidade clássica sem se deixar assombrar pelo peso da tradição escolástica. Neste, como noutros aspectos, Camões é um escritor moderno[18].

b) Seria difícil exprimir melhor do que Camões a harmonização do saber teórico com o saber prático. Bom conhecedor dos clássicos e, ao mesmo tempo, experimentado nas agruras do terreno, aquém e além-mar, tem consciência da sua singularidade, como o mostra ao dirigir-se ao rei (D. Sebastião) no final do Poema:

> Nem me falta na vida honesto estudo,
> Com longa experiência misturado,
> Nem engenho, que aqui mesmo vereis presente,
> Cousas que juntas se acham raramente.

c) A quem estiver menos familiarizado com Os Lusíadas pode passar despercebido o lado satírico do Poema. Plasmar a sátira no reverso da epopeia só a um génio como Camões foi possível. A estrofe 145 do Canto X condensa as fundas críticas feitas aos seus contemporâneos ao longo do discurso poético, nomeadamente nos finais dos cantos V, VI, VII e VIII, e nos cantos IX e X:

> Não mais, Musa, não mais, que a Lira tenho
> Destemperada e a voz enrouquecida,

---

[17] O primeiro rol dos livros proibidos data de 1547, por ordem do cardeal D. Henrique, inquisidor-geral, seguindo-se os róis de 1551, 1559, 1561, 1564, etc (Ver: Révah, 1960, pp. 22 ss.; Sá, 1977, pp. 301 ss.; Rodrigues, 1980, pp. 22 ss. ; Rego, 1982, pp. 31 ss.) Révah põe em relevo o facto de o primeiro Índice censório português fazer a aplicação ao nosso país do determinado no 50º concílio de Latrão, onde ficara assente que "nenhuma pessoa imprima nenhuns livros nem outra qualquer escritura sem primeiro serem examinados por quem for deputado para isso, e, fazendo o contrário, que se percam os livros que se imprimirem e se queimem publicamente, e incorram os impressores em excomunhão *ipso factu* e em outras penas declaradas" (Révah, 1960, pp. 22-23).

[18] Rómulo de Carvalho (o poeta António Gedeão da Literatura) exprime bem o novo tipo de homem e a nova concepção de natureza que os renascentistas fizeram ressurgir: "A leitura das obras descobertas fez acordar, de um sono antigo e esquecido, um tipo de homem que sentira e gozara a alegria da vida terrena, que soubera surpreender o poder criador e excitante da Natureza, que se namorara de si mesmo, da sua beleza, da sua inteligência, da sua força. O homem medieval era totalmente diferente desse (Rómulo de Carvalho, 1986, p. 123).

E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
D´ ua austera, apagada e vil tristeza[19].

Neste mesmo ano de 1572 é lida a sentença do processo inquisitorial de Damião de Góis, condenando-o a cárcere perpétuo[20].

1580: é o ano da perda da independência nacional e, por coincidência, também o ano da morte de Camões - o poeta-profeta da decadência da Pátria. Portugal esgotara-se dois anos antes nos areais de Alcácer-Quivir, arrastado por um jovem rei insensato. A "voz enrouquecida" do Poeta a cantar para "gente surda" poderia ter servido de aviso oportuno. Mas D. Sebastião, mentalmente moldado pelo idealismo cruzadista e pelos ideais de castidade, qual D. Quixote, só quis ouvir os conselheiros que lhe alimentavam a loucura[21].

---

19 A crítica mais recente tem dado a maior importância à denúncia do Poeta da decadência nacional, como se o vate adivinhasse o próximo "funeral" da Pátria. Assim comenta Maria Idalina de Matos a estrofe transcrita: "A ignorância, a incultura e a preocupação exclusiva da cobiça embruteceram os portugueses. Tornaram-nos impenetráveis aos dois grandes valores que salvam: a arte e o amor. A «rudeza» dessa «austera, apagada e vil tristeza» é a expressão de um mundo feroz e estúpido, exclusivamente atento ao lucro e ao egoísmo, sem lugar para aquilo que não rende, que não se traduz em ganho. Porque a arte e o amor têm a sua essência na contemplação, no abandono, no prazer, na alegria, na entrega. São dons gratuitos." E classifica este tipo de poesia como "uma poesia comprometida». (Cf. Matos, 1981, p. 199).

20 Raul Rego publicou em 1971, com ortografia e pontuação actualizadas, o processo de Damião de Góis na Inquisição, iniciado em 1545, a partir da denúncia do padre jesuíta Simão Rodrigues, processo suspenso por ordem do cardeal D. Henrique, Inquisidor - Geral e amigo de Góis, retomado em 1571, com encarceramento do ilustre réu, e concluído a 16 de Outubro de 1572 com a condenação a cárcere perpétuo.

21 Para preceptor de D. Sebastião foi escolhido o padre jesuíta Luís Gonçalves da Câmara. Francisco Rodrigues SJ, historiador da Companhia de Jesus, na sua "História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal", publicada em 1931, traça assim o perfil do jovem príncipe: "Era naturalmente pudibundo e casto, e não sofria o mais pequeno desaire que se opusesse ao pudor e honestidade (...)", e transcreve uma significativa súplica do real pupilo aos padres jesuítas do Colégio de Santo Antão.: "Padres, rogai a Deus que me faça muito casto e muito zeloso de dilatar a Fé por todas as partes do mundo" (Ob. cit., tomo 2º, pp. 258-259). Segundo o mesmo autor, a rainha-regente D. Catarina acusaria o padre Gonçalves da Câmara de desviar o jovem do casamento, ao mesmo tempo que crescia uma opinião pública hostil ao mesmo preceptor jesuíta. Refuta depois Francisco Rodrigues as insinuações de que em *Os Lusíadas*, nomeadamente em VII, 85; VIII, 55; IX, 28 e X, 119, houvesse alusão aos Jesuítas, responsabilizados na opinião pública da época pela fobia de D. Sebastião ao casamento (ob. cit., tomo 2º, pp. 378-379).

Assim, o Actéon de IX, 26 (não referido pelo historiador da Companhia), que "foge da gente e bela forma humana" e que, "por castigo", corre o risco de ser "comido / Desses cães que agora ama, e consumido", poderia ser o próprio D. Sebastião. Nunca se saberá se Camões identificava a figura mitológica de Actéon com o casto príncipe, e muito menos, os jesuítas com os cães "que agora ama". Já não custa, porém, aceitar que uma sobrevalorização da castidade por parte da orientação jesuítica tenha contribuído para exacerbar o temperamento misógino do futuro rei.

1599: em 8 de Janeiro de 1599 foi promulgada a versão definitiva do "Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Jesu". Sobre o "Método Pedagógico dos Jesuítas" já ficou dito o essencial no capítulo anterior. Que justificação para assinalar agora a data da promulgação dessa "lei orgânica", como lhe chama o Prof. Ferreira Gomes ? É que só em finais de 1598 ficou concluído o processo de experimentação de todo esse conjunto de 466 regras devidamente aferidas na prática dos diversos colégios criados ao longo de 50 anos de ensino.

Inácio de Loiola instituiu uma Ordem religiosa com um quarto voto original: o da obediência ao Papa, em tempos de crescente centralismo e autoritarismo da Sede Apostólica. Em contrapartida, abriu algum espaço ao espírito crítico dos membros da Companhia na formulação do célebre princípio de permanente adequação às "circunstâncias de pessoas, tempo e lugar". Esta norma salutar, conjugada com a exigência de sólida formação intelectual e moral dos professores, deve ter facilitado alguns desvios fecundos à rígida ortodoxia emanada dos decretos tridentinos. Nada mais natural que homens santos e inteligentes, perante tão vasto material disponível nos manuais escolares adoptados, aproveitassem alguma coisa da boa heterodoxia humanística, como o havia feito, em tempos de maior liberdade, o Sábio de Roterdão. Isso é o que se poderá deduzir da necessidade da advertência do Geral da Companhia em 1593, citada por Silva Dias em "Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI":

> Entendam também que, se houver mestres inclinados à novidade ou de engenho demasiado livre, devem ser removidos sem falta do ofício de ensinar[22].

Acrescenta Silva Dias que, 50 anos depois, o provincial português se queixava de verificar incumprimentos nessa orientação. Registemos hoje esta observação como um "louvor" aos prevaricadores ! ...

A campanha de Erasmo de Roterdão a favor do casamento e em desabono do celibato, em textos de fundo humanismo cristão, como, por exemplo, "A mulher que se queixa do marido ou o Casamento" nos Colóquios (Ver Erasme, 1992, pp. 214 ss.) e no De Conscribendis Epistolis (Ver Bainton, 1988, pp. 57 ss.) estava agora abafada pelo autoritarismo tridentino. É certo que se impunha arrefecer o fervoroso culto de Vénus de que fala Clenardo em carta a Látomo de 1535: "Diga-se de passagem, Vénus, em toda a Espanha, tem culto público, não menos que outrora em Tebas, e mormente em Portugal (...) - carta traduzida por Gonçalves Cerejeira e publicada em O Renascimento em Portugal, I, p. 169. No entanto, uma das primeiras obrigações dos reis era gerar sucessor.

[22] Silva Dias, 1988, pp. 267 ss.

As viagens das Descobertas e da Colonização proporcionaram a muitos portugueses um contacto directo com realidades desconhecidas. Ao saber livresco passava a contrapor-se um saber colhido na experiência da vida. Costumam citar-se os maiores expoentes desse novo saber - como Duarte Pacheco Pereira, D. João de Castro e Garcia da Orta. Mas muitos outros que ficaram no anonimato ou que não tinham o dom da escrita prestaram o seu contributo á cultura nacional. Nunca será demais enaltecer o papel dos "marinheiros" não apenas na descoberta de novos mundos e novas realidades, mas sobretudo no abalo que provocaram na "autoridade" escolástica[23]. Entre os viajantes merece uma referência especial Fernão mendes Pinto, de que me ocupo mais adiante.

No século XVI, Lisboa era uma capital cosmopolita, por força do mercado de especiarias vindas do Oriente. A escola da vida social, no dinamismo nascido da nova realidade, abria outros horizontes culturais. Gil Vicente é máximo expoente de um saber talvez construído mais na praça pública do que nos bancos da escola. Muitas das suas personagens são a transposição dramática de micro-realidades sociais. Basta referir a Constança (já citada) do Auto da Índia, a Inês Pereira da farsa do mesmo nome, os casais do Auto da Feira, a Pastorinha do Auto da Barca do Purgatório, o Fidalgo, a Alcoviteira e o Parvo do Auto da Barca do Inferno, etc., etc.

O espírito crítico suscitado pelos Descobrimentos beneficiou Mestre Gil. Mas condição imprescindível à sua criação e expressão dramática foi o ambiente de liberdade de que desfrutou, graças sobretudo à protecção da Rainha-Velha, D. Leonor. Curiosamente, uma outra rainha viria a proteger-lhe a obra, em tempos de repressão tridentina e inquisitorial[24]. D. Catarina, viúva de D. João III, enquanto regente do reino,

---

[23] "O piloto, o marinheiro, o navegador ilustrado ou o homem de ciência, para além do hábito da observação, passava a sentir-se também no direito de exercer uma crítica, e de emitir uma opinião contrária à tradicional. Isso resultava de uma série de observações directas, ou de uma experiência que com elas se confundia, e conduzia igualmente à imperiosa necessidade de rever ideias antigas e em geral aceites pelo peso da autoridade de quem as sustentara ou divulgara." (Ver Luís de Albuquerque, 1983, pp. 79-80).

O contributo dos Descobrimentos e da Colonização para o espírito crítico nacional é hoje largamente reconhecido: "De facto, a valoração e até a sobrevaloração do saber experimental como a fonte primordial ninguém o negará ser um vector destacado do Renascimento, em oposição ao saber fantasiado ou puramente livresco, repetitivo" (Amadeu Torres, 1982, II, p. 23).

[24] Com a melhor das intenções, muitos investigadores vão acentuando os aspectos positivos do Concílio de Trento. No que respeita à participação portuguesa ergue-se - e bem - a bandeira do arcebispo bracarense D. Frei Bartolomeu dos Mártires, cujo perfil ficou traçado nas páginas memoráveis da biografia que dele fez o grande prosador do século XVII Frei Luís de Sousa, e exaltado num bom romance recente - "A Casa do Pó", de Fernando Campos. Mas a história da Igreja não coincide sempre com a história das ideias e da cultura. Penso que, do ponto de vista cultural, o Concílio de Trento, foi altamente nefasto ao País. Antero de Quental tinha razão no essencial da sua crítica em 1871, na sua conferência do Casino Lisbonense, embora se viesse a retractar posteriormente em carta a Wilhelm Storck, datada de 14 de Maio de 1887. Gonçalves Cerejeira, em quem colhi a informação sobre a retractação de Antero, prefere identificar as causas da decadência de Portugal no século XVI e seguintes nos defeitos intrínsecos do povo português apontados pelo

provavelmente pelo apreço e afecto para com a filha de Gil Vicente, Paula Vicente, moça da Corte, terá tido decisiva influência na passagem da esmagadora maioria das peças vicentinas na edição de 1562, as quais escaparam ao índice expurgatório do ano anterior, saído, portanto, num momento em que Luís Vicente e Paula Vicente tinham quase ultimada a sua "Compilaçam de todalas obras...".

É um lugar-comum afirmar que o humanismo português do século XVI possui a singularidade de se alimentar simultaneamente de um duplo conhecimento: o que provém, do contacto com outras terras, outros povos, outros costumes; e o que resulta da assimilação da cultura greco-romana, proporcionada pelo Renascimento. É a ultrapassagem da estreiteza do rectângulo lusitano que abre novos horizontes mentais aos portugueses. O exemplo dos marinheiros do século XV, aventurando-se nas rotas desconhecidas do mar imenso, tem o seu paralelo nos intelectuais e nos governantes do século XVI, que se abrem a outras culturas. O envio de bolseiros para as universidades europeias, onde se iam impondo, ou já estavam claramente triunfantes, as humanidades greco-latinas, é um claro sinal de que os nossos reis pretendiam acertar o relógio nacional pelo da Europa culta. Os frutos dessa sementeira só começam a ter expressão significativa, decorridas mais de três décadas. Exactamente quando a hidra repressiva deita a cabeça de fora, e isso não por mera coincidência, antes como consequência directa.

O senhor Professor Costa Ramalho, notável investigador do humanismo em Portugal, tem demonstrado que a influência do renascimento literário europeu cedo se fez sentir em Portugal[25]. Trata-se, porém, de cultores isolados, por muito brilhantes que sejam, e de mestres humanistas de reduzida repercussão social.

É significativo que Gil Vicente, o nosso génio poético e dramático, seja o único grande vulto das letras portuguesas da primeira metade do século XVI, e haja dúvidas sobre o seu domínio do latim clássico[26]. Ora, como sabemos, o latim era a língua dos

---

humanista Nicolau Clenardo, então a ensinar em Portugal: falta de hábitos de trabalho, gosto de ostentação e grandeza e facilidade de costumes (Cerejeira, 1974, pp. 173 ss.).

(Pude ler a carta de Antero de Quental ao célebre camonianista no 2º volume de Cartas (1881-90) de Antero, editadas pela Universidade dos Açores, em 1989, com organização, introdução e notas de Ana Maria de Almeida Martins)

[25] Costa Ramalho, em "Estudos sobre o século XVI", data o início do Humanismo em Portugal de 1485.

[26] D. Carolina Michaelis de Vasconcelos demonstrou que Gil Vicente tinha escassos rudimentos de latim. O Prof. Costa Ramalho refuta essa tese, sendo de opinião de que "Gil Vicente conhecia a língua latina" (Ver Costa Ramalho, 1980, pp. 175-177). Não me parecem de todo convincentes os argumentos de Costa Ramalho, isto é, não convencem contra as provas de Carolina Michaelis, apoiadas na obra vicentina. A cultura de Mestre Gil deve mais à seiva abundante que jorra da tradição popular.

humanistas, a língua veicular da cultura da Roma antiga. Porque bem compreenderam essa condição dos humanistas, os Jesuítas vão dar ao latim a primazia nos seus estudos. Daí que Mestre Gil seja um humanista em sentido lato, mas não no rigoroso sentido do termo.

Todavia, não pode menosprezar-se o esforço dos humanistas portugueses das primeiras décadas do século XVI. Lançaram sementes à terra, a uma terra inculta e pedregosa. Muitos deles não viram logo ou não chegaram a ver nunca o fruto do seu esforço. Outros, mais talentosos, ou apenas mais afortunados, vieram beneficiar dessa semente de ideias e de saberes.

De qualquer forma, a atmosfera dos reinados de D. Manuel e de D. João III (pelo menos até à plena entrada da Inquisição em funções[27]) é de grande curiosidade pela cultura humanística. Interessa ter presente que, num país de arreigada tradição católica como Portugal, os intelectuais portugueses procuraram, de um modo geral, compatibilizar os valores das humanidades clássicas com a mensagem cristã. Não admira, assim, que um ou outro espírito mais lúcido logo se tenha tornado discípulo de Erasmo de Roterdão - o expoente máximo do Humanismo europeu, que soube explorar todas as virtualidades da cultura grega e romana da Antiguidade susceptíveis de contribuírem para a formação de uma mundividência cultural compatível com a lição evangélica. Erasmo entregou-se não apenas á exegese dos manuscritos dos autores gregos e latinos, mas igualmente ao estudo da Bíblia e dos textos da Patrística[28].

André de Resende (1500? - 1573) e Damião de Góis (1502 - 1574) são as duas figuras maiores dos humanistas portugueses "discípulos" de Erasmo de Roterdão. Sacerdote o primeiro, leigo o segundo, até daí se conclui que o humanismo ia abrangendo sectores diversificados da sociedade portuguesa.

Quando, em 1517, Martinho Lutero se revolta contra a Igreja[29], já Erasmo estava consagrado nos meios intelectuais europeus. Mas as atitudes radicais de Lutero, no seu

---

27 Só em 1547, por bula papal, se conclui o edifício jurídico da Inquisição portuguesa, reconhecendo a jurisdição privativa do tribunal e abrindo caminho à prática do processo sigiloso (Bethencourt, 2000, p. 95). A obrigatoriedade do sigilo nos processos inquisitoriais, ao arrepio do procedimento habitual nos processos civis, abriu caminho às maiores monstruosidades da Inquisição portuguesa. A Santa Sé ainda tentou resistir mas acabou por ceder (Ver Révah, 1975, pp. 126 ss.)

28 No estudo dos Padres da Igreja, Erasmo revalorizou, por exemplo, a figura de S. Jerónimo (m. 420), pelo esforço de aproveitamento dos escritos dos autores pagãos, particularmente dos pré-cristãos como Cícero. Discordando embora pontualmente da *Vulgata*, isto é, contestando aspectos da tradução do grego para latim executada por S. Jerónimo, Erasmo exprime grande admiração pelo seu infatigável labor intelectual e pela sua abertura aos autores não cristãos.

29 A tese hoje dominante sobre Lutero vai no sentido seguinte: a dissidência de Lutero relativamente à Igreja Católica tem muito mais a ver com questões de doutrina do que com o problema das indulgências. Oiçamos um grande estudioso do pensamento de Lutero, Lucien Febvre:

rompimento com Roma, reforçaram as posições de defesa do conservadorismo católico. Erasmo foi vítima maior dessas reacções, não tendo faltado quem, particularmente em Portugal, com boas ou más intenções, o confundisse com o ideário do monge alemão. No entanto, antes do cerco montado pela supervigilância inquisitorial, Erasmo foi sendo respeitado e mesmo amado por alguns - André de Resende, Damião de Góis, o próprio D. João III - e tolerado pela maioria.

Em 1531, André de Resende publica o Erasmi Encomium (*Elogio de Erasmo*), exaltando o humanista em termos entusiastas. E perpassa no texto laudatório a crítica aos detractores de Erasmo, acusando-os de o atacarem por inveja e falta de capacidade para o compreenderem. É de reter a seguinte afirmação:

> Ínclito Erasmo, os Portugueses não são teus inimigos. Rendem-te homenagem o nosso excelso João [D. João III] e seu irmão Afonso [o cardeal D. Afonso][30].

Damião de Góis é figura cimeira da história da cultura portuguesa. Sendo ele objecto de estudos de investigação por parte de nacionais e de estrangeiros, duas obras do fim do século e milénio vieram colocar em alto relevo esta personalidade singular. Refiro-me à monumental tese de doutoramento do senhor Prof. Amadeu Torres, e ao romance "A Sala das Perguntas" de Fernando Campos.

Pertence Damião de Góis ao escol de intelectuais portugueses que souberam ler o seu tempo. O contacto com a vida, na sua carreira de alto funcionário do Estado português na Europa, e o convívio com grandes humanistas rasgaram-lhe horizontes culturais. O acolhimento que lhe fez Erasmo, de quem foi hóspede durante vários meses, demonstra a alta qualidade da sua pessoa. A comprová-lo estão as suas obras, a começar pela "Fides,

---

"Não foi de uma bula que concedia indulgências, entre dezenas de outras em tudo semelhantes; foi da actividade interior de Martinho Lutero sobre Martinho Lutero que saiu, completamente armado, o protesto de 31 de Outubro ..." (Lucien Febvre, 1994, p. 94).

Não menos categórico é Jean Delumeau em "A Civilização do Renascimento", pondo a tónica na grande questão teológica de Martinho Lutero, ou seja, na tese da justificação pela fé, que o teólogo dissidente deduziu da sua interpretação da epístola de S. Paulo aos Romanos :

"Mas não foi o espectáculo da «venda» das indulgências perto de Wittenberg que levou Lutero à doutrina da justificação pela fé. Foi, pelo contrário, a silenciosa descoberta (cerca de 1515) desta grande tese teológica, no recolhimento conventual e graças à leitura das epístolas de S. Paulo, que o levou a protestar em 1517 contra uma prática em que ele reprovava o dar aos fiéis uma «falsa segurança» religiosa." (1994, p. 135)

[30] Do original latino de André de Resende sigo a tradução de Walter de Medeiros e Pereira da Costa, na edição de 1961 - as passagens aludidas e as citadas constituem, respectivamente, os versos 95-98 e 223-225. Virgínia Soares Pereira, na sua tese de doutoramento, afirma que, posteriormente, o entusiasmo de André de Resende por Erasmo "foi esfriando" (Cf. Pereira, 2000, pp. 33-34). É bem possível que André de Resende se tenha sentido obrigado a maior prudência perante o sistema doutrinário e repressivo saído do Concílio de Trento.

religio, moresque Aethiopum" (*Fé, religião e costumes dos Etíopes*), de 1541, onde dá provas de grande capacidade e sensibilidade perante povos, religiões e costumes diferentes[31]. Desgraçadamente para ele, teve razão antes do tempo, isto é, foi um ecumenista com antecipação de quatro séculos[32].

O processo de Damião de Góis na Inquisição mostra claramente que à sua condenação - no termo de penoso encarceramento nas masmorras do sinistro Tribunal - não foi alheio, muito pelo contrário, o convívio com Erasmo, Martinho Lutero, Melanchthon e outros teólogos apologistas de reformas na Igreja. Nenhum docente de História de Portugal, de qualquer nível de ensino, deveria desconhecer esse processo iníquo. Ele patenteia os métodos da Inquisição, ao mesmo tempo que faz ressaltar a grande dignidade do nosso humanista.

Também bom discípulo dos arejados ensinamentos de Erasmo de Roterdão é João de Barros, o autor das "Décadas da Ásia". Não é, porém, nesta obra (que o celebrizou como cronista oficial do Reino), que ele revela influência erasmista, mas na "Rópica Pnefma" ou "Mercadoria Espiritual", de 1532. Sobre esta obra escreveu Veríssimo Serrão:

> Seguindo os princípios erasmistas da tolerância e da largueza de espírito, o autor utiliza um simbolismo próprio para se insurgir contra o formalismo da Igreja Católica e contra a perseguição dos cristãos-novos. Barros parece inclinar-se para uma religião cada vez mais interior, fundada na Bíblia e nos Doutores da Igreja mais que em práticas rituais que entendia não se adaptarem às condições do novo Tempo (...). Ao idealismo do historiador que canta a glória oriental de um Povo, junta-se o realismo do homem prático que pretende compreender a Religião e a Sociedade do seu tempo a uma nova luz [33].

---

31 A carta do cardeal D. Henrique, na qualidade de Inquisidor-Geral, datada de 28 de Julho de 1541, para Damião de Góis, em tom muito amistoso, a justificar a proibição de venda da "Fides..." antes de serem introduzidas emendas, é um documento do maior interesse, até porque estabelece o contraste, na sua brandura, com a sanha inquisitorial dos anos de conclusão do processo em 1571-72 (Ver Rêgo, 1971, pp. 98-99).

32 Amadeu Torres, que, além de brilhante académico, integra o Cabido da Sé de Braga, não esconde o seu entusiasmo para com Damião de Góis, classificando-o assim no termo da sua exaustiva investigação: "um nobre cavaleiro português de ideais universalistas; um cristão dotado daquela visão apostólica e ecuménica que lhe pretextaria o cárcere, mas que quatro séculos após se concretizaria com o Vaticano II e o agir dos Pontífices (...); enfim, um símbolo eloquente do Portugal de Ourique e das Sete Partidas, e o discípulo português das «litterae humaniores» mais cosmopolita e plurivocamente empático na complexa mundividência do Renascimento" (Amadeu Torres, 1982, II, p. 319).

33 Ver Serrão, 1977, pp. 649-651.

A historiografia tem procurado enquadrar a *Rópica Pnefma* na ortodoxia católica. Jorge de Sena exalta a obra como reflexão crítica, considerando-a mesmo como "Obra fundamental" da "ideologia «alumbrada»"[34].

Pela mesma altura em que Camões redigia *Os Lusíadas* (cerca de 1570), Fernão Mendes Pinto alinhavava a célebre "Peregrinação"[35]. Obra mista de autobiografia e de imaginação do autor, tem enorme interesse por nos dar uma reflexão crítica apoiada nas andanças pessoais por terras do Oriente, em tempos de colonização e conquista.

A *Peregrinação* prolonga, em tempos vigiados pelas censuras da Inquisição e do Paço, a visão sadia e realista de Gil Vicente nas primeiras décadas do século. Por outro lado, contrapõe-se à perspectiva épica de *Os Lusíadas* e faz coro com a Epopeia na denúncia dos erros e defeitos dos contemporâneos - os portugueses da 2.ª metade do século XVI.

Fernão Mendes Pinto é um bom exemplo do português quinhentista que, ao percorrer o mundo, foi capaz de se auto-analisar e de confrontar o sistema de valores da civilização cristã com a perspectiva de outros povos. Quando estava generalizado o preconceito de superioridade sobre os povos descobertos, conquistados ou colonizados, só espíritos superiores como Damião de Góis e Mendes Pinto ergueram o rosto acima da estreiteza de espírito característica da época. Vale a pena ouvir Rodrigues Lapa:

> O contacto com as civilizações estrangeiras revelou a Pinto que os homens são no fundo substancialmente idênticos, e que a chamada civilização cristã, digamos portuguesa, era em muitos pontos inferior ao que vira pelo Oriente, sobretudo na velha China. É para notar o louvor e o entusiasmo com que ele nos descreve a assistência aos pobres e a alta ideia de justiça dos magistrados chineses, justiça incorruptível, que se não deixava levar pelo empenho pessoal, a *aderência*, como sucedia em Portugal[36].

Em texto publicado em 1978 escrevia Eugenio Asensio que "La simpatia por los heréticos y disidentes se ha contagiado a los historiadores de las ideas y las letras

---

34 Jorge de Sena adopta o termo castelhano em correspondência com o termo português "iluminados" (Ver Sena, 1977).

35 Rebecca Catz demonstra, a partir de dados coligidos da obra, que Mendes Pinto a escreveu entre 1569 e 1583 (Ver Catz, 1981, pp. 24 e 119).

36 Rodrigues Lapa, 1963, p. XIX. O sentimento de admiração de Mendes Pinto pela administração da justiça na China nascia-lhe certamente, como lembra Rodrigues Lapa, do confronto com situações correntes em Portugal, tanto metropolitano como ultramarino, sendo que além-mar as injustiças eram mais clamorosas. Não faltaram, porém, vozes humanistas a bradarem aos céus por maior justiça para os humilhados e ofendidos: Sá de Miranda, Gaspar Correia, Lopes de Castanheda, Camões, Diogo do Couto, etc.

suscitando pesquisas y revisiones apasionadas. La busca de heterodoxias, tensiones y rebeldías (...) ha dado ya algunos frutos excelentes, renovando la valoración y enfoque de ciertos escritores mal comprendidos o marginados"[37]. Bem poderá Asensio ter pensado, além de Bernardim Ribeiro, a que se refere expressamente, em Fernão Mendes Pinto, que vinha sendo então cada vez mais valorizado na sua visão universalista. Jorge de Sena, que avalia Camões e Fernão Mendes Pinto como "as duas personalidades máximas do século XVI", exalta a heterodoxia de Mendes Pinto dizendo mesmo que nele "nitidamente aflora o sentido de uma Revelação universal"[38].

A Modernidade veio pôr em relevo personalidades da época da colonização dotadas de uma sensibilidade pouco habitual nesses tempos e com um apurado sentimento de justiça e isenção. Se hoje é possível falar da capacidade dos portugueses espalhados pelo mundo para se adaptarem a povos e costumes diferentes, tais personalidades são os genuínos herdeiros culturais desses homens de excepção do século XVI. Mencionarei só mais dois exemplos.

Fernão (ou Fernando) de Oliveira é quase só conhecido como um ilustre gramático do século XVI. Quase despercebida tem passado a sua posição crítica contra as guerras ofensivas. Egresso da Ordem Dominicana - que em Espanha teve no seu seio a grande figura anti-colonialista de Bartolomeu de Las Casas -, Fernão de Oliveira, em "A Arte da Guerra do Mar", de 1551, apoia-se na doutrina da Igreja para se insurgir contra as guerras injustas:

> Mal feito é fazer guerra sem justiça, e os cristãos a não podemos fazer a nenhuns homens que sejam,de qualquer condição nem estado. Esta é comum doutrina de teólogos e canonistas, porque assim quer a razão, que os discípulos e imitadores de Cristo sejamos santos como ele é santo, que doutra feição seria falso nosso nome, e poder-nos-iam culpar de hipócritas (...)[39].

Charles Boxer, que encarece as tomadas de posição de Fernão de Oliveira, refere que ele "era manifestamente uma voz que clamava no deserto"[40].

---

37 Ver Asensio, 1978, p. 41.

38 Ver Sena, 1977, p. 184.

39 Cf. Padre Fernando de Oliveira, A Arte da Guerra do Mar, 1983, p. 23 (transcrevo na ortografia actual). A edição da Marinha reproduz a 3ª edição (de 1963) e inclui no fim o fac-simile do original (da edição de 1555).

40 Cf. Boxer, 1989, pp. 47-48. A obra que consagrou Charles Boxer entre os historiadores da Expansão lusa foi "O Império Colonial Português". O semanário Expresso-Revista, de 28/Abril/2001, dedica-lhe várias páginas (34 a 39), donde podemos destacar: "Entre os grandes historiadores do século XX, Charles Boxer

Diogo do Couto, amigo e companheiro de infortúnio de Camões (embora bastante mais novo) por terras do Oriente, é outra personagem de relevo da história nacional do século XVI. É autor das várias "Décadas da Ásia", que António José Saraiva e Óscar Lopes na "História da Literatura Portuguesa" qualificam de "Documentos preciosos pela sua objectividade corajosa". Mas a sua evocação neste lugar deve-se à obra "O Soldado Prático", escrita pelos mesmos anos de *Os Lusíadas*, mas publicada postumamente. O "Soldado Prático", segundo Rodrigues Lapa, "mostra-nos o país e o Império afundados num tremedal de infâmias: por toda a parte a ambição das riquezas, o amor do luxo, a concussão e o roubo"[41].

2. *Reforma e Contra-Reforma*

Reforma (protestante) e Contra-Reforma (católica) referem-se a mudanças no interior da Igreja cristã no século XVI, com prolongamentos para os séculos seguintes. São fenómenos inseparáveis do Renascimento e do Humanismo, surgidos estes no século XIV em Itália e tendo o seu apogeu nos séculos XV e XVI - apogeu diversificado no tempo e em qualidade de país para país.

Os dois termos ficaram consagrados na terminologia histórica[42]. No entanto, são legítimas as dúvidas quanto ao sentido que lhes é atribuído. A Reforma aparece conotada com uma espécie de revolução dentro da Igreja cristã, e à Contra-Reforma anda, por sua vez, associada a ideia de contra-revolução, de movimento puramente reaccionário.

Dado que a ruptura protestante teve pouca ou nula repercussão em Portugal, não cabe aqui alongar-me demasiado sobre o assunto. Importa, porém, referir que não foi a revolta de Martinho Lutero contra Roma, nesse célebre 31 de Outubro de 1517, que gerou "reformas" no seio da Igreja. Pelo contrário, por um natural movimento defensivo, a Igreja

---

conta como um dos maiores. Especialista da história da expansão portuguesa, viajou pelo mundo lusófono inteiro. (...) Boxer foi um dos primeiros a fazer comparações sistemáticas com a história das outras potências marítimas como a Inglaterra e a Holanda e não hesitou em atacar frontalmente a historiografia oficial do Estado Novo, por discordar da utilização ideológica do passado dos Descobrimentos".

41 Cf. Diogo do Couto, O Soldado Prático, pp. 10-11.

42 Os vocábulos "Reforma" e "Contra-Reforma", mal ou bem aplicados, fazem já parte integrante da nomenclatura histórica consagrada. Isso não implica, contudo, que não possa fazer-se um juízo crítico sobre a adequação dos signos linguísticos à realidade histórica, de forma a conferir às palavras maior conteúdo de verdade. Julgo poder hoje concluir-se pela impropriedade dos termos "Reforma" e "Contra-Reforma". Mais adequado será falar, genericamente, de **Reforma Protestante** e **Reforma Católica**. No que respeita à vertente católica o papel dos Jesuítas, nomeadamente no ensino, foi determinante.

susteve o processo de renovação que se vinha operando desde o século XV. Se não fossem as ondas levantadas pelo sismo luterano, provavelmente as obras de Erasmo de Roterdão não teriam sido proibidas, como o foram na quase totalidade pelos índices expurgatórios directa ou indirectamente emanados do concílio de Trento. Ora, a difusão do pensamento de Erasmo, ancorado no método filológico e no apego ao rigor dos fundamentos neo-testamentários, ia ganhando progressivamente adeptos nessas primeiras décadas do século XVI.

Que trouxe então de positivo a "reforma" protestante? Antes de mais, fez tremer o abusivo poder da Igreja Católica, assim abrindo maior espaço à sociedade civil. Posta em causa a autoridade da Igreja e do seu sistema de ensino (a Escolástica), aumentaram-se as condições de exercício do espírito crítico. Lutero conseguiu por uma atitude violenta o que Erasmo vinha conquistando através de um labor intenso, uma paciência sem limites e uma apropriação da liberdade pessoal (obteve a dispensa dos votos regulares para, como sacerdote secular, agir mais livremente). A Igreja Católica, com o concílio de Trento, tentou reconduzir os cristãos à docilidade[43], mas só lhe obedeceram, e em percentagens diversas, os países da área católica[44]. O "livre exame" imperou na maior parte da Europa.

Grande mérito do monge agostinho foi a liberdade concedida aos fiéis na leitura da Bíblia, que ele próprio tornou mais acessível traduzindo-a para língua vulgar (alemão). Pelo contrário, a Igreja Católica, através do Concílio de Trento, dificultou o contacto com a Sagrada Escritura, chegando mesmo os índices expurgatórios a proibirem a posse de livros da Bíblia em vernáculo[45]. A difusão da Bíblia em "linguagem" (designação, corrente na

---

[43] Lutero e seus discípulos, como Calvino, usaram ainda métodos piores para obterem a obediência dos seus fiéis. A aliança com os príncipes dos Estados da Reforma foi o preço a pagar para impor as suas divergências e teses doutrinárias. O esmagamento dos camponeses alemães chefiados por Münzer , massacre que teve o beneplácito de Lutero, ficou como um dos paradigmas da prepotência e crueldade do belicoso monge agostinho. : " Que sejam estrangulados; o cão raivoso que se nos atira tem de ser morto, senão mata-nos a nós" (Cf. Delumeau, 1983, p. 133)

[44] O total acatamento por Portugal dos decretos tridentinos - ao contrário dos demais países católicos europeus, que só parcialmente aplicaram a legislação conciliar -, teve consequências nefastas para o nosso progresso social e cultural. Salvador Révah é bem explícito quanto a esse nefasto pioneirismo português: "Entre 1547 et 1597, le Portugal a été, et de loin, le pays catholique le plus strictement protégé contre l' hérésie et l' «immoralité» littéraire; en matière de censure des livres, le Portugal a occupé, à partir de 1551, une position d' avant-garde parmi les pays catholiques" (Révah, 1960, p. 8).

[45] Silva Dias, em "As Correntes de sentimento religioso em Portugal", esclarece as razões dessa proibição nas circunstâncias específicas do País no século XVI: "A leitura dos livros santos pela gente comum oferecia os seus perigos, do ponto de vista da ortodoxia, numa época trabalhada pela diversidade de interpretação dos textos sagrados e num país em que o grosso dos cristãos-novos se mantinha fiel à crença moisaica. A Inquisição resolveu por isso arrancar o trigo com o joio - travando uma luta renhida para que a leitura da Bíblia e o debate dos problemas teológicos ficassem circunscritos ao círculo dos entendidos" (Cf. Dias, 1960, II, p. 507). Semelhantes eram as reservas da Igreja sobre a Bíblia em vernáculo nos restantes países europeus, como assinala Jean Delumeau: "Depois da revolta protestante, a Igreja Romana desconfiou durante muito tempo das traduções em língua vulgar dos textos sagrados. Recusou, portanto, aos fiéis o

época, dos textos em língua vulgar) teve grande influência na alfabetização dos povos europeus, com maior impacto nos países da Reforma, dada a liberdade de leitura pessoal e não mediatizada dos textos bíblicos preconizada pelos Protestantes.

Questão controversa é a da relação da Reforma com o progresso dos países que aderiram às suas teses e se separaram da Igreja Católica. A concepção luterana e calvinista da natureza humana, em consonância com a doutrina do pecado original, numa perspectiva radical das teses de Santo Agostinho, está eivada de pessimismo humano sobre as capacidades do homem. É, portanto, incompatível com o optimismo renascentista a que a ortodoxia católica aderiu, tendo esta procurado compatibilizar os valores da cultura greco-romana com os princípios evangélicos. Não há dúvida de que a teoria da "justificação pela fé", que enforma a reforma protestante é anti-humanista. No entanto, é do lado dos cristãos reformados que vai impor-se o conceito de que o lucro e a riqueza são "uma bênção de Deus". Por coincidência com essa mentalidade, ou então como simples consequência dela, foi nos países que aderiram à Reforma que houve maior progresso económico, assente numa burguesia esclarecida. Daniel-Rops, ilustre membro da Academia francesa, falecido em 1965, aborda a questão nestes termos:

> Não é talvez exacto que entre a Reforma e as formas novas da economia e da política, haja relação de causa a efeito; mas é certo que houve entre elas um encontro, como se os protestantes, sentindo profundamente certas correntes do seu tempo, tivessem entrado nelas em cheio, por instinto[46].

Vejamos agora as coisas do ponto de vista português. Se a Reforma não foi tão revolucionária como pareceu, menos ainda se poderá reduzir a acção da Contra-Reforma em Portugal a atitudes meramente reaccionárias. Ninguém de boa fé põe hoje em causa a afirmação de que a Inquisição, instrumento fundamental da Contra-Reforma, foi a expressão do autoritarismo mais refinado e sinistro da Igreja Católica. Mas a Inquisição é apenas uma parte da Igreja e do seu poder. Por sua vez, o Concílio de Trento reforçou o dogmatismo e o autoritarismo da Igreja; não foi, porém, apenas isso. Do ponto de vista cultural, a manifestação mais visível dessa autoridade prepotente talvez seja a censura dos livros, a manipulação dos textos, o controlo do pensamento. Mas o Concílio de Trento

---

contacto directo com a Bíblia, pensando que o povo cristão ainda não era capaz de ler a Escritura". (Delumeau, 1983, p. 146).

[46] Ver Daniel-Rops, 1969, IV, tomo 2, p. 289.

valeu por algo mais, mesmo em Portugal - que acolheu integralmente, juntamente com a Espanha, os decretos tridentinos, dada a perfeita aliança entre o Trono e o Altar[47].

A convocação do Concílio de Trento persegue um duplo objectivo: repor a ortodoxia católica abalada, essencialmente, pelas dissensões dos pensadores reformados; reformar a própria Igreja Católica, a começar no clero e a terminar no comum dos fiéis. O primeiro objectivo desembocou no autoritarismo, já referido, e que tem sido o lado mais explorado pela história moderna e pelas correntes de pensamento crítico. O segundo vai conseguindo cada dia a adesão de novos investigadores, numa tentativa de colocar no prato da balança dos benefícios muitos materiais esquecidos ou não suficientemente explorados em tempos de maior fervor iluminista.

Empenhados na reformação da Igreja Católica continuavam muitos Institutos e Ordens religiosas vindos do passado, a que se juntou a Ordem de Inácio de Loiola, criada em momento de preparativos da magna assembleia tridentina. Os Jesuítas depressa se estabeleceram em Portugal, abrindo vários colégios, num objectivo educacional adequado aos ideais humanistas, como ficou já assinalado no capítulo anterior. Das orientações didácticas do ensino humanista, a partir do estudo dos clássicos latinos, tratarei no capítulo seguinte.

Duas grandes figuras da Igreja portuguesa do século XVI, membros de ordens religiosas distintas, cabe aqui mencionar: Frei Bartolomeu dos Mártires, dominicano, e Frei Heitor Pinto, dos frades jerónimos.

Frei Bartolomeu dos Mártires

Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga, prestigiou-se a si próprio e ao nosso País, com a sua boa participação no Concílio de Trento. Mas é a sua acção pastoral, na aplicação das reformas do Concílio à sua diocese de Braga, que importa pôr em relevo.

Frei Luís de Sousa, consagrado prosador da língua portuguesa seiscentista, também ele dominicano, recolheu para a sua célebre biografia do Venerável Arcebispo muitos testemunhos escritos e orais, com a vantagem de estar ainda fresca a memória dos povos do Minho e de Trás-os-Montes relativamente à acção de Frei Bartolomeu dos Mártires. E

[47] Po-Chia Hsia, em obra recente, sublinha a ligação dos dois poderes em Portugal, nos tempos da vigência da Contra-Reforma, até pelo estreito parentesco de sangue entre algumas das figuras políticas e

se é certo que a muitos historiadores interessam quase só os documentos escritos, há que, colhendo o paradigmático exemplo de Fernão Lopes, conceder neste caso a maior confiança à memória das populações, que "canonizaram" o seu Pastor. Confesso que a leitura (por altura das comemorações centenárias da morte do Prelado, em 1990) da "Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires", de Frei Luís de Sousa, que o autor oferece à "Câmara e Governo da notável vila de Viana e a toda e mais nobreza e povo dela", com data de 7 de Maio de 1619, me causou viva impressão. O cronista dominicano começou a elaborar a obra poucos anos após a morte do Prelado (m. 1590).

É bom exemplo do zelo apostólico de Frei Bartolomeu esta referência às tentativas de "gente grada"" da cidade de Braga para travar os impulsos reformistas do impulsivo e determinado Prelado:

> Afirmam-lhe que se mata com tanto e tão aturado trabalho, estando sempre entendendo em puro negócio, sem ter vaga uma hora do dia para descansar; que se mata a si e a todos os que naquela cidade tem já obrigado com suas obras santas a lhe terem afeição de filhos; que tenha dó de si e deles e saiba que por mais diligências que faça e reformações que intente, será impossível tirar abusos e arrancar vícios arreigados com anos, confirmados com posse e feitos quase naturais com o costume, e enfim era tempo perdido cuidar de melhorar o mundo à custa de sua vida. (...) e quanto ao mais bastava deixar-se ir pelo fio de seus antecessores de próximo: despender mais consigo e menos com filhos alheios e com tantas obras como empreendia; e viver e descansar[48].

A acção reformadora do Arcebispo teve como alvo principal os párocos da sua diocese, enquanto mais directos responsáveis pelas necessárias transformações a operar. Acontece que, na sua maioria, se tratava de sacerdotes pouco instruídos e desprovidos de zelo. Visando a preparação dos párocos para o exercício do seu múnus pastoral, publica Bartolomeu dos Mártires, em 1564, o Catecismo ou Doutrina Cristã, em cujo Proémio podemos ler:

> Poderá ser que alguns curas não letrados me responderão: " - Como nos obrigais a dar mais doutrina a nossos fregueses que ensinar-lhes os Mandamentos singelamente, pois não somos letrados ? " Aos tais, clara e desenganadamente respondo: Que a culpa de não ensinarem seus fregueses não procede de ignorância ou falta de letras, mas de negligência e preguiça de estudar, e de falta de virtude e zelo da salvação das almas que estão a seu cargo.

---

eclesiásticas dos dois poderes: "This combination of ecclesastical and royal authority was continued during the union of the spanish and Portugal crowns" (1998, p. 32).

[48] Ver Sousa, 1946, I, p. 115. Em introdução à reproduzida mensagem das pessoas influentes da cidade de Braga, Frei Luís de Sousa adverte que esses conselheiros "faziam a causa de Satanás". Parece ouvir-se aí

De notar que o Prelado admite que alguns dos seus párocos possam não saber latim, sendo-lhes assim inacessíveis obras importantes para a sua formação. Compreende-se, pois, a aposta na instrução do seu clero, a quem fornece textos de homilias, como auxiliares da pregação dominical:

> Esta é uma das coisas que se muito deve chorar na igreja de Deus, maiormente nas igrejas de montes e lugares, onde nunca ou mui poucas vezes há pregação. Os fregueses das quais nunca ouvem outra palavra de Deus, nunca ouvem outra doutrina senão a que lhes diz seu cura ao Domingo.

A preocupação de Frei Bartolomeu dos Mártires com a ilustração dos bracarenses levou-o a entregar o colégio de S. Paulo, em Braga, à orientação dos Jesuítas. O insuspeito Frei Luís de Sousa avança as razões dessa transferência do colégio para a tutela dos Jesuítas:

> Floresciam por este tempo [1560] na cidade e Universidade de Coimbra os estudos de Gramática, Retórica e Filosofia, entre os padres da Companhia de Jesus (...). Era de muita consideração o crédito de virtude e prudência, com que esta Religião os exercitava, porque tendo entre si mestres abalizados nestas letras, que por mais aprazíveis e dignas de serem sabidas de todo homem, lhes chamaram os antigos humanas, traziam também mestres de todo género de virtudes criados no leite daqueles seus primeiros fundadores, varões célebres e dignos de grande louvor[49].

Frei Heitor Pinto

Frei Heitor Pinto merece aqui uma referência especial pela sua obra "Imagem da vida cristã", publicada entre 1563 (1ª parte) e 1572 (2ª parte). Contemporâneo de António Ferreira, poeta e dramaturgo, e de Camões, aluno da Universidade de Coimbra, frade da Ordem de S. Jerónimo, e sobrevivendo à perda da independência nacional em 1580, a que se opôs - tendo, por isso, sido exilado para Castela -, Frei Heitor Pinto é uma personalidade marcante da 2ª metade do século XVI sobretudo pela singular "Imagem da vida cristã".

---

um eco de falas do Diabo no "Auto da Alma" de Gil Vicente, representado cem anos antes: "- Para que é essa pressa tanta ? / Tende vida / (...) Tudo vos mui bem está. / Descansai." - vv. 218-19 e 245-46.

[49] Sousa, 1946, I, p. 117. Silva Dias, comentando o Proémio do "Catecismo" de Frei Bartolomeu dos Mártires, converge nesse juízo favorável ao ensino dos jesuítas: "o sucesso dos inacianos explica-se de facto, em nosso entender, pela conjunção da fama de santidade com a modernidade de cultura e a integração dinâmica da Ordem no movimento da restauração católica (...). Explica-se também pela espiritualidade adequada aos novos tempos de que eles se faziam arautos" (Dias, 1960, vol. II, p. 412).

A "Imagem" é hoje uma obra de leitura especializada, até porque o seu ascetismo perdeu actualidade. Foi, porém, uma obra muito procurada e lida logo após a sua publicação: em 32 anos saíram 10 edições, segundo afirmam António J. Saraiva e Óscar Lopes na sua "História da Literatura Portuguesa". Mas ainda há cerca de 50 anos encontrou no democrata Padre Manuel Alves Correia um leitor fervoroso, como o mesmo escreve no excelente prefácio que elaborou para a edição da Sá da Costa:

> Desde há muito que leio e releio, admiro e torno a admirar esta obra, por muitos títulos singularíssima, que exerce em meu espírito uma espécie de sortilégio ou sorte de fascinação (...)[50].

Eduardo Lourenço, apontando analogias e divergências entre Camões e Heitor Pinto, encarece a Imagem da vida cristã", em termos como estes:

> Heitor Pinto, humanista de formação e de reflexos estilísticos, se se avalia pelo seu gosto rapsódico de convocar para o seu texto inumeráveis referências aos textos antigos, pagãos ou cristãos, sem ter a preocupação de estabelecer entre eles hierarquia alguma, escreve numa das mais fluentes prosas portuguesas de todos os tempos, a sua bucólica, serena, grave, às vezes melancólica apologia da vida monacal (...)[51]

Também lhe não poupa elogios o consagrado manual escolar da "História da Literatura Portuguesa", de A. J. Saraiva e Óscar Lopes:

> O aspecto mais saliente da forma literária deste livro é a profusão, variedade e interesse das imagens (...). A própria cultura humanística variada e profunda, derramada ao fio das considerações por um processo de associação que lembra alguns dos ensaios de Montaigne, torna Heitor Pinto inconfundível e dá-lhe uma atitude mental bem diversa da que possibilitará a Vieira a sua erudição[52].

Da minha própria leitura do longo texto da "Imagem da vida cristã" - são 11 "diálogos" (às vezes quase monólogos) que preenchem cerca de 1100 páginas nos 4 volumes da edição da Sá da Costa - extraio, em síntese, as seguintes conclusões:

1) O nível literário da prosa de Heitor Pinto está mais próximo da desenvoltura dos vernáculos seiscentistas (com António Vieira à cabeça) do que dos quinhentistas, como o

---

50 Cf. Pinto, vol. I, p. XXI.
51 Lourenço, 1981, p. 363
52 Cf. Saraiva, 1992, pp. 427-429.

João de Barros das Décadas da Ásia", cujo ritmo frásico se sente muito preso ainda à sintaxe latina. O vigor e a originalidade das imagens, metáforas e comparações, associados a um vocabulário rico, entre outros aspectos, fazem desta obra um dos títulos notáveis da fase clássica da língua portuguesa. Se a épica e a lírica de Camões consagraram a língua portuguesa em verso nesse final do século XVI, a "Imagem da vida cristã", por sua vez, consagra a prosa portuguesa antecipando-se aos grandes mestres da língua vernácula do século seguinte - Vieira, Bernardes, Luís de Sousa, Rodrigues Lobo, Francisco Manuel de Melo.

Importa evidenciar esta valia literária da "Imagem da vida cristã" porque isso traduz o desenvolvimento da língua portuguesa num tempo em que o latim era a língua da cultura humanística. Mas não terá sido exactamente do empenhamento no uso rigoroso do latim humanístico que a prosa nacional beneficiou? Podemos dizer que a língua nacional atingiu a sua maturidade no século XVII[53]. O grau de desenvolvimento então revelado, concomitantemente com a sua emancipação relativamente ao latim, foi atingido apesar da adopção da língua do Lácio como língua de cultura, ou, antes, em consequência dessa predominância do latim? Eis uma resposta possível: a língua portuguesa seguiu o seu curso normal de evolução, graças aos seus cultores, contando, entre eles, com alguns de excepcional talento, sem conhecida dívida para com o latim, como Fernão Lopes e Gil Vicente; por outro lado, ao nível erudito, a influência do latim foi determinante no seu enriquecimento. Nunca será, portanto, excessivo acentuar o papel dos pedagogos humanistas, sobretudo com magistério organizado, como o foi o dos Jesuítas.

2) Embora perpassem em muitas páginas da obra críticas veladas aos métodos do ensino escolástico[54], a Escolástica mantém-se no que lhe é mais essencial: a Teologia como

---

53 O Professor Pina Martins, com a sua autoridade académica incontestável, no prefácio que redigiu para o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, da Academia de Ciências de Lisboa, escreve: "A Língua de Camões e de Vieira atinge a sua maturidade em finais do século XV e inícios do século XVI". O insigne Presidente da Academia terá como balizas subjacentes a esta afirmação Fernão Lopes e o P.e A. Vieira. Mas não é por acaso que surge a menção do seiscentista Vieira: é que, de facto, uma língua emancipada e instrumento verdadeiramente capaz da expressão das subtilezas do pensamento só a temos com os prosadores do século XVII. Claro que daí à sua perfeição com Eça de Queirós, nos finais do século XIX, há ainda um longo caminho a percorrer, tendo recebido, no seu percurso ascendente, um decisivo impulso do contributo de Almeida Garrett.

54 António J. Saraiva e Óscar Lopes lêem na "Imagem da vida cristã" um "discreto mas inequívoco ataque à Escolástica" (Ob. cit., p. 426). De facto, é frequente na "Imagem" a denúncia das "cavilações", como esta passagem do "Diálogo da discreta ignorância": "(...) o bom é aprender ciências proveitosas para a salvação, e não gastar o tempo em superfluidades, e muito menos em urdir cavilações" (Cf. Heitor Pinto, ob. cit., vol. II, p. 53). Não encontro, porém, na "Imagem da vida cristã" uma denúncia explícita da Escolástica.

cúpula do restante saber[55]. Assim, é normalmente um teólogo quem tem a última palavra sobre os temas mais diversos, ou melhor, a sua "sabedoria" completa ou corrige outras opiniões. Acontece que as várias personagens que encarnam os teólogos dos diversos diálogos são, no todo ou em parte, confundíveis com o próprio autor[56].

3) A "Imagem da vida cristã" é obra de verdadeiro empenhamento na restauração católica em curso. Se tivermos presente a situação de ignorância referida por Frei Bartolomeu dos Mártires, a qual naturalmente não era exclusiva do Minho e Trás-os-Montes, mas certamente do todo nacional, deparamos aqui com um valioso instrumento ao serviço do desenvolvimento cultural e religioso do País. Embora tudo aí se subordine à pedagogia cristã (nesses tempos era de difícil demarcação a esfera profana e a esfera religiosa), a diversidade dos temas abordados atingia muitos aspectos da vida concreta dos portugueses do século XVI: justiça e caridade, ambição e despojamento, vida activa e vida contemplativa, exercício do poder, sentido da amizade, etc., etc.

Escrevendo a sua obra logo a seguir ao Concílio de Trento, que censurou extensa e profundamente o pensamento de Erasmo, Heitor Pinto aproxima-se das exigências erasmianas do regresso a uma prática cristã de sentido evangélico, cuja essência é o amor de Deus inseparável do amor do próximo. De influência erasmiana é ainda, porventura, a apologia do saber. António J. Saraiva e Óscar Lopes salientam essas linhas dominantes da obra:

> Heitor Pinto como humanista é o representante de uma elite clerical que não anda muito longe do ideal proposto por Erasmo (...). Para ele a religião consiste na caridade, e o primeiro passo para o imprescindível conhecimento de Deus está no conhecimento socrático de nós próprios. O saber é por ele considerado imprescindível a um verdadeiro cristão[57].

---

55 Camões, em "Os Lusíadas", apesar da sua formação de homem leigo, exprime a mesma hierarquia do saber, no Canto X, estrofe 76. Aí a "Sapiência suprema" - Deus ou a Teologia - torna possível a Vasco da Gama descortinar "o que não pode a vã ciência dos errados e míseros mortais".

56 De qualquer forma, impõe-se algum cuidado em evitar a confusão entre autor, narrador e personagens, mesmo em obras como esta, que se não enquadra inteiramente na ficção. É abusivo atribuir o pensamento de uma personagem ou mesmo do narrador ao autor empírico. Nesse erro cai o padre Alves Correia quando escreve no mencionado prefácio , na p. XVII: "O teólogo (que é Heitor Pinto em pessoa, claro está) tem voz dominante, vizinha do despotismo falador (...)".

57 Ob. cit., p. 430. Será, porventura, um pouco forçado ver aqui directa influência de Erasmo. Eduardo Lourenço, ao mesmo tempo que exalta o valor da "Imagem", salienta a sua distância relativamente à influência do Sábio de Roterdão: "É impossível, na época, descobrir livro mais *não-erasmista* - e não anti-erasmista, como por certos lados o fora a *Rópica Pnefma* - que a *Imagem da Vida Cristã*" (Lourenço, 1981, p. 363)

4) O autor da "Imagem da vida cristã" insere-se na linhagem daqueles Padres da Igreja, como o paradigmático S. Jerónimo, que souberam recolher a sabedoria dos clássicos gregos e romanos, e conciliá-la com o Cristianismo. Se essa tradição vinha dos primeiros séculos, embora pouco cultivada ou deturpada na Idade Média, Heitor Pinto tinha em Erasmo de Roterdão e, no seu próprio tempo, no ensino dos Jesuítas, bons modelos de acolhimento dos autores "étnicos" ou pagãos, gregos e romanos. Mas Heitor Pinto está já marcado pelo sentimento de desengano e de desencanto , que caracteriza os maneiristas, como bem demonstrou o Prof. Aguiar e Silva, considerando a sua obra "bem representativa a muitos títulos da mundividência maneirista"[58]. O contacto com as antologias de autores latinos organizadas pelos Jesuítas deixa uma impressão de maior optimismo perante as manifestações humanas dos escritores pagãos. De comum com os Jesuítas, encontramos em Heitor Pinto uma clara defesa da preterição de textos contrários à fé e aos bons costumes. Mas Heitor Pinto mostra-se mais radical do que a prática evidenciada (que não a teoria) pelos organizadores das antologias jesuítas. No "Diálogo da discreta ignorância" e num capítulo que tem por elucidativo sumário "Dos vícios de alguns letrados: e como se podem ler os livros dos gentios", encontramos uma passagem como esta:

> Livros há aí, de que se deve fugir como de peste, porque contam eles cousas, delas tão lascivas e desonestas, delas tão frívolas e vãs, delas tão falsas e enganosas e feias, delas tão perniciosas e prejudiciais, que é bom não as ler, nem as saber, nem as imaginar.

A fala transcrita é dum florentino. Complementarmente, responde-lhe um português, que bem poderia identificar-se com um Jesuíta responsável pela selecção de obras clássicas, como o da manipulação da "Arte de Amar" ou dos "Remédios do Amor", de Ovídio:

> Assim como os que buscam ouro nalguma mina, fazem uma cova profunda, e, cavando com diligência, vão lançando a terra fora, e buscam tanto até que acham o ouro: assim os que buscam proveito na lição dos gentios devem fazer uma cova de profunda humildade, em que se metam, e lançar fora o peso da terra das cousas inúteis e danosas: e, assim cavando, irão descobrindo o ouro da excelente doutrina. Mas quando os livros são tais que neles não há proveito, de que serve lê-los?[59]

---

58 Cf. Aguiar e Silva, 1971, p. 278.

59 Cf. Heitor Pinto, ob. cit., vol. III, pp. 58-60.

A abundância de citações de textos clássicos, gregos e latinos, tirados da historiografia, da mitologia ou da oratória, revelam-nos uma profunda e extensa erudição humanística por parte de Frei Heitor Pinto. A sua "Imagem da vida cristã" é um exemplo característico do humanismo cristão na linha da Contra-Reforma.

Retenhamos, em conclusão sobre o autor e o cidadão, que a harmonização entre a vida contemplativa e a vida activa, preconizada na "Imagem da vida cristã (embora às vezes pareça privilegiar a fuga ao mundo e seus compromissos), está bem expressa, por um lado, na escrita dessa obra de comprometimento católico reformador, e, por outro, na atitude corajosa -e rara entre os eclesiásticos dos anos oitenta do século XVI - de resistência à subjugação de Portugal a Castela. Este exemplar comportamento cívico do frade jerónimo demonstra a sua atenção aos problemas do seu tempo[60].

Camões poeta humanista cristão

Incluir Camões neste capítulo implica dois esclarecimentos. Em primeiro lugar: Camões não é um homem da Reforma nem da Contra-Reforma; é antes um humanista católico, apesar da censura inquisitorial[61]. Em segundo lugar: um génio artístico, como o é Camões, transcende sempre o pensamento da própria época; equivale isto a dizer que são arriscadas quaisquer ilações a retirar da sua poesia para confirmar ou infirmar certas teses; mas os génios, na medida em que são também homens do seu tempo, são em parte produto das correntes de pensamento dominante[62].

---

60 Posição diferente tomou Frei Bartolomeu dos Mártires, mas as suas responsabilidades eram outras e decorriam do cargo de "Arcebispo e Senhor de Braga". Frei Luís de Sousa justifica a atitude de prudência do Arcebispo em situação tão embaraçosa para quem tinha grande autoridade moral sobre uma população ansiosa por uma adesão à causa do Prior do Crato: "Assim todo seu cuidado era sustentar a terra em uma quieta paz até haver sentença ou declaração, procurando conservar uma limpidíssima e desinteressada inteireza, sem respeito ao poder do mais poderoso [Filipe I de Castela], nem ao amor do mais amigo [o Prior do Crato, antigo aluno dilecto de Frei Bartolomeu dos Mártires] (Cf. Sousa, ob. cit., vol. II, p. 268).

61 Não se sabe - e talvez nunca se chegue a saber - até que ponto Camões, por um lado, se autocensurou para que a sua obra, nomeadamente *Os Lusíadas*, passassem na Censura, e por outro, que emendas, se as houve, foram introduzidas pelos censores, incluindo o próprio Frei Bartolomeu Ferreira. Artur Anselmo não exclui a hipótese de interferência directa do dominicano frade censor na Epopeia: "Em teoria, as licenças de 1572 mostram que o censor nada alterou, embora ressalvando, como lhe cumpria, certos pontos de conflito com a ortodoxia vigente. Mas convém lembrar que algumas incongruências de fundo, como o sentido latente das oitavas 82, 83 e 84 do canto X, têm sido consideradas, mais de uma vez, prova da interferência abusiva do censor no corpo textual do poema (...)" (Anselmo, 1981, p. 529).

62 Essa relação entre o que é devido à época e o que resulta do génio assinala-a, entre outros estudiosos, o Prof. Pina Martins, particularizando assim no que respeita ao lirismo camoniano: "A poesia lírica de Camões é igualmente filha da sua época, ainda que ultrapassando-a pela própria verdade do génio

Não há dados objectivos sobre a formação académica de Luís Vaz de Camões. Tudo quanto sabemos deduz-se da sua obra. E nesta colhe-se a certeza - isso sim - de uma profunda cultura humanística, por vezes em contraste com a visão católica da vida. Tem-se acentuado a conformidade de Camões com a fé católica. É essa a posição do Prof. Pina Martins:

> É impossível classificar Camões fora de uma categoria histórica definida como Renascimento. Camões é, portanto, um poeta renascentista, formado pelo Humanismo, atento a todos os interesses culturais e intelectuais de uma época em que, já na segunda fase - a naturalista - do Humanismo do Renascimento, o poeta se debruça sobre a realidade concreta do Mundo (...).
> Ninguém, por outro lado, duvida do espiritualismo de Camões, pelo qual, homem do Renascimento, ele procurou pôr de acordo as exigências do homem terreno com a sua vocação espiritual (acordar com os direitos da *Humanitas* a ascensão intrínseca da alma para o seu destino transcendente)[63].

Importa, porém, verificar se a adesão de Camões à fé católica é espontânea ou se parece mais ou menos forçada. Do que não há dúvida é que Camões conferiu a mais elevada expressão poética a uma cultura recebida dos textos humanistas e da mundividência cristã. E essa aliança está bem estudada; aqui resta apenas espaço para uma referência a alguns desses aspectos.

Como sabemos, uma das características do humanismo renascentista foi a redescoberta da natureza, física e humana. Ao *contemptus mundi*[64] medieval contrapõe-se agora o deslumbramento perante o homem e a natureza[65].

Os primeiros humanistas, incluindo alguns papas, ao descobrirem o Mundo e as capacidades do Homem, paganizaram-se, deixando a mensagem cristã esquecida ou entre parênteses. Não faltaram, porém, cristãos lúcidos, como Erasmo de Roterdão, que tudo fizeram para acolher a nova mensagem, conciliando o Renascimento com o Cristianismo.

---

que soube exprimi-la numa linguagem que é única, por ser afeiçoada pelo sopro da criação artística original" (Pina Martins, 1981, p. XXVIII).

63 Cf. Martins, 1981, p. XXIII.

64 Segundo Robert Curtius, a expressão latina (em português: *Acerca do menosprezo pelo mundo)* surge em 1140 como título de uma obra do frade cluniacense Bernardo de Morlas. Sobre o conteúdo da obra escreve Curtius: "Su espíritu monástico, concentrado en el pensamiento del más allá, contempla con profunda tristeza la corrupción del mundo. No sólo censura la impiedad, la sodomía y otros vicios de la época; reprueba también el amor y maldice a la mujer. (Curtius, 1955, I, p. 181).

65 Devemos ao Renascimento esta valorização da natureza e da vida. A Igreja resistiu a levantar o véu sagrado que ocultava as maravilhas do Universo, e a reconhecer as leis da sua regência. Só a partir do Concílio Vaticano II a Igreja Católica consagrou as teses renascentistas, harmonizando-as com a fé.

Um eminente cientista e teólogo português actual - o jesuíta Prof. Luís Archer - é bem claro quando exprime o triunfo da ciência renascentista sobre a visão medieval: " a ciência renascentista teve a coragem e a ousadia de cortar o cordão umbilical que a unia ao sagrado. E iniciou, com todo o fôlego dos seus tenros pulmões, uma escalada penosa" (Cf. artigo "Fé e Ciência" na rev. «Brotéria», de Abril de 2001, p. 353).

Paradigmática é a grande máxima de Erasmo: "Christianus sum, non ciceronianus"", assim marcando a superioridade do discurso cristão sem prejuízo do seu entusiasmo pela língua do Lácio enquanto expressão de uma cultura antiga que se impunha fazer renascer e incorporar na mensagem cristã.

Em Portugal, essa síntese só a alcançaram espíritos de elite, como André de Resende, Damião de Góis e poucos mais. E Camões ?

Em Camões não se dá, a meu ver, a aliança erasmiana do Humansimo com o Cristianismo[66]. Pelo menos em muitos poemas, o génio poético de Camões exprime estética e espontaneamente os valores renascentistas. Depois, em momentos cruciais da sua vivência pessoal (como penosas situações no Oriente e outras) submete-os à visão cristã - proveniente esta, umas vezes da sua formação de base; outras vezes imposta pela ortodoxia tridentina, que se respirava por toda a parte.

Fundamento a minha afirmação num tema central e em dois extensos e magníficos textos poéticos camonianos. O tema é o do Destino, e os textos são o episódio da "Ilha dos Amores" do Canto IX de Os Lusíadas[67] e as célebres redondilhas "Sobre os Rios", embora neste último poema já deparemos com uma expressão mais espontânea de sentimentos ao gosto da ortodoxia católica.

A problemática do Destino em Camões tem merecido particular atenção da Prof.ª Maria Vitalina Leal de Matos, da Universidade Clássica de Lisboa[68]. Num dos seus artigos escreve esta camonianista:

> O mundo assim concebido [como « escuro caos de confusão»] está dominado pelo arbítrio do destino, entidade mal definida, mas que representa bem mais do que o acaso; força orientada, malévola, oposta à justiça e ao bem (...)Com o papel predominante do destino ligam-se as referências às influências astrológicas, consideradas um determinismo fatal, ao qual o homem não se pode subtrair[69].

---

66 Harmoniosa conciliação das teses humanistas com os valores evangélicos consegue-a um outro poeta, embora menor, antecessor de Camões: António Ferreira (1528-1569). Num interessante estudo que dedica a este nosso humanista, o Prof. Earle demonstra que António Ferreira foi capaz de se inspirar em poemas de Horácio e outros clássicos sem se deixar contaminar por conceitos, que o Cristianismo não viria a acolher, tais como: a fatalidade, a ausência de vida para além da morte, a fama enquanto valor em si mesma, etc. Confrontando A. Ferreira com Camões, o insigne professor de Oxford diz que "Camões era muito mais pagão que Ferreira" (Ver T. F. Earle, Musa Renascida. A poesia de António Ferreira. Lisboa, Editorial Caminho, 1991, p. 84).

67 Aqui analiso apenas a expressão renascentista camoniana. No entanto, segundo o Prof. Aguiar e Silva, Camões lírico é essencialmente maneirista.

68 Destaco dois artigos seus: "O homem perante o destino na obra de Camões" (1980, pp. 29-37), e "O tempo na poesia camoniana" (1981, pp. 127-142).

69 Cf. Matos, 1981, p. 139.

Sem pretender retirar nada à capacidade de intuição do poeta, Camões vai buscar a visão trágica da vida aos trágicos gregos, com que contactava sobretudo por via das antologias escolares. Isto sem pormos de lado, enquanto contributo para a expressão poética do fatalismo em Camões, o sentimento popular tradicional arreigado em certos estratos populacionais. Mas é de extracção erudita a influência dominante[70].

O que importa registar, por um lado, é o alto valor poético de poemas camonianos inspirados nessa temática ou em que ela aflora - como a *Canção IX*[71], a *Canção X*[72], a *Oitava I*[73], o soneto *Verdade, Amor, Razão, Merecimento*[74], etc. - e, por outro lado, quanto aí Camões entra em colisão com a ortodoxa doutrina do livre arbítrio, desde sempre defendido pela Igreja Católica. Note-se, no entanto, que estamos a abordar um poeta e não um filósofo: o sujeito poético dá livre curso aos seus sentimentos do momento em que se exprime. Curiosamente, no soneto citado acima temos um fecho - último terceto - que parece ditado pela preocupação de sujeição à ortodoxia (ou será mesmo uma confissão de pura fé cristã?):

> Cousas há aí que passam sem ser cridas,
> E cousas cridas há sem ser passadas.
> Mas o melhor de tudo é crer em Cristo[75].

A "Ilha dos Amores" do Canto IX de Os Lusíadas é uma das mais genuínas expressões renascentistas de Camões. O poeta esqueceu por um momento toda a doutrina

---

70 "As suas leituras eram imensas, no domínio das literaturas greco-latinas, já que, no seu poema, (...), palpita, ao lado de uma vida modernissima e autêntica, toda uma cultura que, no seu tempo, voltava a alcançar um grande esplendor. Mas Camões foi sobretudo um leitor de florilégios (...). Antologias, *flores* ou *uiridaria*, manuais adoptados nas escolas, sínteses da história antiga, da mitologia antiga, do pensamento antigo (...) (Ver Pina Martins, 1981, p. XXII).

71 "Somente o Céu severo, / As estrelas e o Fado sempre fero, / Com meu perpétuo dano se recreiam, / Mostrando-se potentes e indignados / Contra um corpo terreno, / Bicho da terra vil e tão pequeno" (vv. 70-75).

72 "Foi minha ama uma fera; que o destino / Não quis que mulher fosse a que tivesse / Tal nome para mim; nem a haveria". (vv. 61-63).

73 O tema desta oitava, endereçada a seu amigo D. António de Noronha, é o desconcerto do mundo, desconcerto que resultava, em boa medida, do império do destino:
"Vedes aqui, Senhor, mui claramente / Como Fortuna em todos tem poder, / Senão só no que menos sabe e sente, / Em quem nenhum desejo pode haver" (vv. 81-84).

74 "Verdade, Amor, Razão, Merecimento / Qualquer alma farão segura e forte. / Porém, Fortuna, Caso, Tempo e Sorte / Têm do confuso mundo o regimento" (vv. 1-4).

75 Vitalina de Matos atribui a este soneto especial importância no âmbito desta temática: "Se quiséssemos sintetizar toda a poesia camoniana - o antagonismo que está na sua origem, o movimento dialéctico em que se processa, bem como o esforço para compreender este paradoxo entre o que se passa, o que realmente acontece, e a sede de verdade, de justiça que nada pode amordaçar no homem - não encontraríamos melhor exemplo do que este soneto" (1980, p.31).

do pecado associado ao sexo, para exprimir, qual poeta helénico da Arcádia, o deslumbramento do encontro de sentidos entre homem e mulher, em atracção e generosa dádiva recíproca[76].

David Mourão-Ferreira, dotado de uma especial sensibilidade para a análise estética de textos eróticos, atribui o maior significado ao micro-episódio dos "amores" no conjunto do macro-episódio:

> Ora aqui nos aparece justamente a grande singularidade do micro-episódio da Ilha dos Amores - do episódio dos «amores» na Ilha dos Amores - em que, uma vez por todas na obra de Camões, o «peso» do desejo deixa finalmente de ser «peso», em que a «fome» do desejo se vê finalmente saciada em plenitude dos sentidos. Este último traço bastaria para atribuir ao referido episódio um significado incalculável (...)[77].

Se aqui o poeta depôs o «peso» da consciência cristã de pecado[78] - remorso ou arrependimento, que exprime em tantos outros poemas - só vejo para isso uma explicação: Camões tinha assimilado bem a lição dos poetas greco-romanos, com quem estava familiarizado[79].

Tivemos a sorte de um tal poema passar nas malhas da Censura, na edição de 1572. Valeu a habilidade do poeta (ou do censor?) em declarar "fingidos" tanto os deuses como as ninfas do Oceano, na estrofe 82 do Canto X, e, sobretudo, o facto de atribuir, na estrofe 83, do mesmo Canto X, catolicamente, à divina Providência cristã o governo do Mundo[80]:

---

76 O valor simbólico das núpcias dos nautas portugueses com as belas ninfas do Oceano não retira nada ao primeiro nível de sentido carregado de erotismo. A literatura oficial portuguesa vai ter de esperar pelo Garrett das "Folhas Caídas" para saborear de novo o deleite dos sentidos na sexualidade.

77 Mourão-Ferreira, 1980, p.4.

78 Claude-Gilbert Dubois aborda a questão do tratamento da natureza por parte dos Renascentistas em termos tais que me parece terem plena aplicação às descrições do Canto IX de «Os Lusíadas»:

"Cette nature qui fait l'objet d'une contemplation et d'un culte de la part des artistes et des moralistes, la Renaissance l'a vue surtout sous la forme d'un avant-péché, une pureté qui s'exprime spatialement et mathématiquement sous la forme d'une harmonie géométrique ou musicale" (1985, p. 21).

79 Uma tal expressão poética "sem sombra de pecado" (é a natureza "sous la forme d'un avant-péché", de que fala Dubois na nota anterior) num poeta católico português só nos nossos dias encontrará a plenitude com a cristianíssima poesia de Sophia de Mello Breyner. Eduardo Lourenço, no prefácio à Antologia de Sophia de Mello Breyner Andresen da Moraes Editores (transcrevo da 4ª edição, 1975), com penetrante argúcia, assinala esse "*milagre*" da "Sophia", sem registar, porém, que, de algum modo, Camões se lhe antecipou no Canto IX de *Os Lusíadas*: "Uma espécie de milagre, de raro e quase incrível privilégio, deve ter preservado cedo a jovem Sophia, católica e portuguesa, daquela obsessão culpabilizante que encharca por dentro a lírica nacional. Talvez apenas a precoce e inaudita leitura de Homero em que, mais fascinada ainda que Nausica com a presença de Ulisses, terá absorvido a claridade grega que um dia arrancará à sua musa alguns dos mais altos poemas da língua portuguesa".

80 Pessoalmente inclino-me mais para a auto-censura de Camões, que assim se antecipa à severa censura vigente. O teor da declaração de Fr. Bartolomeu Ferreira, que salvou de cortes talvez para sempre irremediáveis a edição de *Os Lusíadas* de 1572, com referência mais directa às estrofes 82-84 do canto X, parece-me apontar nesse sentido: "(...) e o Autor [Camões] não pretendia mais que ornar o estilo poético, não

E também porque a Santa Providência
- Que em Júpiter aqui se representa - ,
Por espíritos mil que têm paciência,
Governa o Mundo todo que sustenta
(Ensina-o a profética ciência,
Em muitos dos exemplos que apresenta:
Os que são bons, guiando, favorecem;
Os maus, em quanto podem, nos empecem).

Por sua vez, as redondilhas "Sobre os rios" revelam o ponto mais alto da expressão poética do Catolicismo de Camões, que soube fundir a sua complexa sabedoria humanística, recebida da cultura greco-romana, com a visão cristã da vida. Harmonizando a Bíblia, por via do salmo 137 (136) e dos textos neo-testamentários, com as concepções platónicas e a teologia católica, o Poeta remata assim o longo poema, simbolicamente constituído por 365 versos - tantos quantos os dias do ano -:

Ó tu, divino aposento,
Minha pátria singular,
Se só com te imaginar
Tanto sobe o entendimento,
Que fará, se em ti se achar ?

Ditoso quem se partir
Para ti, terra excelente,
Tão justo e tão penitente,
Que, depois de a ti subir,
Lá descanse eternamente!

A Prof.ª Vitalina de Matos, na sua dissertação de doutoramento, dedicou largo espaço à análise das redondilhas "Sobre os rios". Transcrevo um dos seus parágrafos finais, que em parte sintetizam o seu pensamento:

> Assim se concilia o eterno retorno dos antigos (e do platonismo) com o sentido da história que o Cristianismo (com a Encarnação) faz aparecer[81].

---

tivemos por inconveniente ir esta fábula dos deuses na obra, conhecendo-a por tal, e ficando sempre salva a verdade de nossa santa fé, que todos os deuses dos gentios são demónios" Cf. Révah, 1960, p. 31).

[81] Cf. Matos, 1981a, p. 465.

Capítulo III - Autores latinos clássicos[1] e géneros literários no ensino "secundário" dos Jesuítas

A) Manuais escolares

1. *Os manuais escolares: objectivos da selecção de autores e textos*

Se analisarmos a organização dum qualquer manual de textos literários para o ensino actual do Português da área de humanidades do ciclo de estudos do ensino secundário, encontramos, explicitados ou tácitos, os critérios essenciais que presidem à selecção de autores e de textos de acordo com um programa oficial de estudos, para determinado tempo e lugar. O sistema ideológico dominante condiciona significativamente a escolha, independentemente do seleccionador[2]. Mas é sobretudo em situações sócio-culturais repressivas que a selecção tende a ser determinada por critérios do sistema. A margem, maior ou menor, de liberdade depende então sobretudo das características dos organizadores das antologias. Variável importante é a sensibilidade estética do seleccionador dos textos.

Maria Andresen de Sousa Tavares, na sua tese de mestrado, abordou a questão nos seus vários aspectos. Escreve a autora:

> A escolha e selecção do excerto obedece genericamente a duas ordens de razões: representatividade literária (de autores, obras, etc.) e interesse educativo (técnicas, tipo de discurso, etc.)[3].

Essas "ordens de razões" certamente já orientaram os critérios dos Gregos, que a partir do séc. VI a. C. seleccionaram excertos de Homero para a educação dos cidadãos helenos. Se então o "clássico" por excelência era Homero, e os macrotextos modelares a *Ilíada* e a *Odisseia*, nos séculos seguintes foram-no Sófocles, Ésquilo e Eurípedes para a tragédia e Aristófanes para a comédia - a partir das suas obras elaborou Aristóteles as normas da sua "Arte Poética". Os Romanos, tendo bem cedo tomado consciência do valor

---

1 "Clássicos" tem aqui o sentido de *autores consagrados* ou modelos de latinidade, reconhecidos pela tradição, e seleccionados entre os prosadores e poetas do paganismo, indo desde Plauto (ca de 200 a.C) a Floro (sécs. I-II d. C).

2 Paradigmático é o caso da peça teatral de Bernardo Santareno "O Judeu": terminantemente proibida durante a vigência do Estado Novo, foi obra de estudo obrigatório no pós-25 de Abril, enquanto se impunha o exercício pedagógico contra a repressão e a exaltação da Liberdade, e tornou-se recentemente leitura facultativa.

intelectual dos Gregos, seguiram as suas pisadas: tomaram por modelos os melhores de entre eles. Naturalmente, o acesso aos autores fazia-se a partir de antologias, sem prejuízo do conhecimento integral de algumas obras. Plauto e Terêncio, por exemplo, os mais antigos autores latinos das antologias jesuíticas do século XVI, revelam plena familiaridade com autores gregos, como Menandro, ao ponto de concentrarem, por vezes, numa só peça o enredo de várias obras originais, num processo designado por "contaminação".

A cultura europeia está assente nessa linha de continuidade que vem desde Homero (sécs. IX-VIII a. C.) até aos nossos dias. Ernest Robert Curtius demonstrou o carácter de transmissão ininterrupta desse património europeu numa obra dos anos 50 e que já é um marco histórico nos estudos de latinidade. O título é bem expressivo da orientação dos dois valiosos volumes: "Literatura europeia e Idade Média latina".

Inácio de Loiola e os seus companheiros fundadores da Companhia de Jesus, quando se convenceram da importância do ensino para a satisfação dos seus objectivos apostólicos, conheciam por experiência estudantil pessoal o valor dos clássicos na formação intelectual e humana. Cabia-lhes a tarefa de, com bom senso, discernir e escolher entre o que de melhor estava à sua disposição. No caso de autores muito estudados, como Virgílio e Horácio, as coisas estavam facilitadas, já que existiam certamente edições acessíveis no mercado. Para a maioria dos autores impunha-se fazer a selecção de textos de acordo com o espírito do tempo e normas adequadas.

Os objectivos genéricos do ensino foram formulados, como vimos, na IV Parte das «Constituições», e traduzidos em regras precisas no "Ratio Studiorum". Por sua vez, as "circunstâncias de pessoas, tempo e lugar" - argutamente intuídas e formuladas por Inácio de Loiola - haviam de ser determinantes na organização das antologias. Daí, a minha preocupação em fornecer, nos capítulos anteriores, elementos que ajudarão a decifrar os critérios da selecção de autores e de textos nas *sylvae*. Mas mais do que os critérios, importa medir a representatividade dos grandes escritores romanos no ensino dos Jesuítas no séc. XVI.

Quanto mais mergulhamos no conhecimento das épocas transactas, mais nos apercebemos da imutabilidade dos grandes princípios que regem uma determinada civilização. Fascinante mesmo é constatar que interrogações essenciais sobre o homem

---

[3] Cf. Tavares, 1987, p. 9.

foram formuladas em épocas bem diversas, por autores distintos, com crenças e valores diversificados.

No caso específico dos manuais jesuítas do século XVI para estudo da língua e cultura romana, permito-me invocar a minha experiência pessoal de aluno dos Jesuítas na década de 50. Tive o privilégio de ser aluno de um consagrado autor de antologias para o ensino do Português. Refiro-me ao saudoso Padre Abel Guerra e às suas obras, citadas na bibliografia: "Selecta Portuguesa Explicada" e "Elementos de Composição Literária". Abel Guerra combinava nessas obras os textos com as orientações didácticas. Até certo ponto, é porventura o que fariam os seus antepassados jesuítas com o ensino do Latim, servindo-se simultaneamente das antologias e da gramática do Padre Manuel Álvares. A subordinação a critérios estéticos e éticos é a mesma, apenas variando em grau. Enquanto os antologistas do séc. XVI davam preponderância à moral, o jesuíta do século XX realça o critério estético:

> O meio, a nosso ver, mais eficaz, para despertar e desenvolver nos alunos o gosto artístico, é a leitura comentada e saboreada dos modelos. Para esse efeito, escolhemos os trechos que, sem quebra alguma de moral, fossem dos mais belos e, quanto possível também, dos mais característicos de cada autor[4].

Critério estético, normas morais, representatividade de autores e textos - tudo isso encontramos nas *sylvae* do século XVI. Por outro lado, a prática adoptada por Abel Guerra nas suas aulas - aí aplicando as teorias literárias e comentando os textos do seu livrinho "Elementos de Composição Literária" - seguia na linha da tradição dos antecessores jesuítas dos tempos da fundação da Ordem. E obedecia aos melhores princípios da pedagogia activa, também ela praticada já no século XVI, como demonstrei em capítulo anterior.

---

4 Do Prefácio de "Selecta Portuguesa Explicada".

2. *Orientações contidas em prefácios, num posfácio e em outras anotações*

Alguns dos prefácios das antologias são muito esclarecedores quanto aos métodos e objectivos da selecção de textos, obras e autores. Transcrevo alguns deles, no seu todo ou em parte, com tradução e comentário da minha exclusiva responsabilidade.

Uma "Sylva" editada em 1588 e reeditada em 1593, em dois tomos, traz um prefácio em cada tomo; transcrevo passagens do primeiro e integralmente o segundo.

2.1. **Praefatio** do tomo primeiro.

2.1.1. Começa o prefácio por assinalar o pesado trabalho da organização da antologia:

> Quanto studio viri alta mente praediti in eam curam evigilarent, ut adolescentes in doctrina pariter, & virtute quam aptissime instituerentur; Academiae, & minora alia gymnasia per Europam, incredibili principium[5] liberalitate fundata, non obscure declarant. (*Foi com imenso esforço que homens de alta craveira se entregaram a esta tarefa com o objectivo de que os jovens se instruíssem, no máximo das suas aptidões, igualmente na ciência e na virtude. As Academias e outros colégios menores disseminados pela Europa, fundados graças à inacreditável generosidade dos governantes, assim eles o confessam publicamente).*

2.1.2. A preocupação em formar cidadãos exemplares:

> Caeterum cum regendae juventutis provincia societatis IESU, religiosis hominibus, paucis ab hinc annis, magna ex parte in Lusitania demandata sit, stauerunt illi, postquam laboriosam hanc functionem recusare nequierunt, commisso sibi muneri non solum non deesse, sed commodis etiam publicis ita consulere, ut adolescentes ex hac disciplina profecti possent in maturiori[6] aetate florentissimae Reipub. cives esse quam dignissimi. (*Aliás, tendo sido a província da Companhia de Jesus, com os seus religiosos, encarregada, há alguns anos, em grande parte do território português, de orientar a juventude, decidiram aqueles, uma vez que não puderam recusar tal função, não só não se furtar à tarefa a si confiada, mas ainda zelar pelo bem público com empenho tal, que os adolescentes saídos desta instrução pudessem em idade mais madura tornar-se cidadãos da florentíssima República o mais dignos possível).*

---

5 Trata-se, sem duvida, do genitivo do plural do adjectivo *princeps, -pis*; a forma correcta, segundo os gramáticos, é *principum*.

6 Por *maturiore*.

2.1.3. A selecção de autores para a filosofia e a teologia[7] foi fácil, mas *humaniorum vero literarum gymnasijs, difficilimum*: muito difícil a selecção das humanidades para os colégios. E explica porquê:

> Quare in Ciceronis, Virgilij[8], & quorundam historiarum libris, in quibus nihil impurum reperiretur, hactenus quaesita est Latini sermonis elegantia. A poetis lascivis tanquam a pestilenti scelerum omnium officina pueros deterruimus. (*Por isso, nas obras de Cícero, de Virgílio e de certos historiadores, nos quais nada de impuro se encontraria, deparou-se apenas com a elegância do texto latino. Dos poetas lascivos arredámos os rapazes como de uma pestilente forja de todos os crimes*).

2.1.4. Fazendo votos por que o trabalho tenha valido a pena:

> Quae cum ita sint sperandum est fore, ut noster hic labor, ijs magnopere placeat, qui magni faciunt laudabilem puerorum institutionem: ijs vero, qui novitatem omnem invisam habent, vel ob eam causam non displicebit, quod illustres locos librorum, qui aut raro, aut cum detrimento virtutis vaenum[9] exponuntur, facile et sine vitio parabiles reddiderimus. (*Tendo isso presente, cabe esperar que este nosso trabalho agrade sobretudo àqueles que têm em grande apreço a louvável educação dos jovens. No entanto, àqueles que consideram odiosa qualquer novidade, não lhes desagradará [também] até por esta razão: passagens célebres de obras que raramente ou então [só] com atentado à virtude são postas à venda, nós tornámo-las facilmente acessíveis [no mercado] e expurgadas de vício*[10]).

2.1.5. Os que preferem a glória de Deus às flores de retórica (*verborum flosculis)* poderão ficar tranquilos:

> Quia videbunt Veneri, & Baccho, quibus antiqua poesis foedissime sordescit, nihil loci in Chistianis scholis relinqui; solamque ab Ethnicis scriptoribus elegantiam (...). (*Pois verão que nenhum espaço resta nas escolas cristãs para Vénus e Baco, com os quais a antiga poesia hediondamente se conspurca; dos escritores pagãos [ficou] só a elegância*[11] *(...)).*

---

7 A palavra "teologia" vem grafada com inicial maiúscula; "filosofia", com minúscula.

8 A menção de Virgílio - que não consta da antologia - ocorre como mera hipótese, como o exprime o conjuntivo "reperiretur".

9 Está por *venum*.

10 Como neste primeiro tomo da *sylva* não há autores "impuros", a referência só pode ser extensiva quer ao segundo tomo quer a outras antologias.

11 No primeiro tomo só há de facto autores "puros"; mas o segundo integra Ovídio, Plauto, Terêncio, Tibulo e Propércio. Eram autores como estes, para já não falar em Marçal - objecto de outra antologia - que poriam à prova a "virtude" de quem tinha de os ler integralmente para proceder à selecção. Convenhamos que homens a viverem o voto de castidade teriam sérias dificuldades na leitura de textos eróticos e - muitos deles - até pornográficos.

2. 2. **Ad Lectorem** *in* "Sylvae Variorum Autorum (...) tomus secundus", de *1593*

Pelo seu magno interesse, reproduzo o texto integral:

Quoniam prudenter admodum Academiae princeps Plato in secundo libro de Rep. posteritatem admonuit, ne fabulae, quae adolescentibus traderentur legendae, aliquid vitij continerent, quod in mores redundare posset: operae pretium visum est, ut in hanc Sylvam, quae non minus ad commoditatem librorum, quam ad mores tenerae aetatis exemplo antiquae virtutis pie & caste informandos instituta est, ea potissimum carmina conferrentur, quae non eruditioni , & latinitati prodessent solum, sed vitae etiam puritati aliquam afferre possent accessionem. Et quidem adeo difficilis, & periculosa hucusque visa est doctis, & religiosis hominibus ratio commitendi adolescentium manibus Plauti & Terentij comoedias, aliorumq. poetarum iocos, ut satius iudicarint a lectione horum autorum omnino abstinere, quam ob spem formandi stylum, & eloquentiam comparandi lucem illis publicam dare. Caeterum nos difficultatibus, quae obijciebantur Syluae methodo utcumq. mitigatis, eam rationem in deligendis autorum carminibus (quae quam contaminata sint & impura nemo nescit) deinceps inituri sumus, ut non illustriora modo, sed etiam puriora quaeque veterum poetarum opera in manus veniant studiosae juventutis. Fiet enim hoc labore nostro, quae Dei est in promovendis bonis conatibus benignitas, ut & praeceptores vel religiosi iam sine rubore poetas elegantissimos detersa omni impuritate discipulis explicent, & discipuli cultioris literaturae avidi cum puritate sermonis morum copulent puritatem. Quia vero laus poetarum voluptatem afferre potest, ijs qui poematum varietate delectantur, Ouidij versus ex primo elegiarum libro subijciam, in quibus praeclara inest, & elegans illustrium quorundam autorum commendatio[12]. (*Platão, príncipe da Academia, no segundo livro da República, com a devida prudência, preveniu as gerações vindoiras do seguinte: as estórias a oferecer à leitura dos jovens não deverão conter qualquer imperfeição moral susceptível de atentar contra os bons costumes. Por isso, pareceu conveniente incluir nesta antologia - que foi elaborada atendendo tanto ao mérito das obras quanto ao objectivo de, mediante o exemplo da antiga virtude, formar na piedade e na castidade os costumes da juventude - sobretudo aqueles poemas que, por um lado, se prestam a [ministrar] erudição e a servir] o ensino do Latim, e, por outro lado, podem ainda trazer algum complemento à pureza da vida. Assim, aos homens doutos e religiosos, a tal ponto lhes pareceu difícil e mesmo perigosa a tarefa de colocar nas mãos de adolescentes comédias de Plauto e Terêncio e obras de outros poetas, que acharam preferível privar [os alunos] totalmente da leitura desses autores a publicá-los , [mesmo sacrificando] a esperança de contribuir para formar o estilo [dos alunos] e de lhes preparar a eloquência. Aliás, nós, atenuadas de algum modo, pelo método seguido na antologia, as dificuldades surgidas, procurámos em seguida, na selecção de autores e de obras (ninguém ignora nestas o seu grau de contaminação e de impureza) adoptar um procedimento*

---

12 Adopto, como habitualmente, as letras ramistas *j* e *v*. A terminação final *-ae* aparece no texto transcrita por *e* com indicação de vogal aberta: uniformizo para *ae*. Mantenho o sinal *&* quando surge. Igualmente respeito faltas de consoantes como em *autor* e *literatura (*por *auctor* e *litteratura).* Também a pontuação do original vai na íntegra, embora se torne necessário adaptá-la na tradução, como se verá.

que visa depor nas mãos da juventude estudiosa algumas obras de antigos poetas, mais ilustres e mais puras. Resultará, pois, deste nosso trabalho - tal é a benevolência de Deus em promover os bons empreendimentos - que os professores ou religiosos já poderão explicar aos alunos sem corarem poetas elegantíssimos limpos de qualquer impureza; e os alunos, ávidos de uma literatura mais culta, poderão conjugar a pureza do discurso com a pureza dos costumes. O louvor dos poetas pode proporcionar prazer aos que se deliciam com a variedade de poemas. Por isso, transcreverei a seguir versos do primeiro livro das elegias, nos quais se faz uma notável e elegante recomendação de autores ilustres).

Segue-se na *sylva* a transcrição dos versos da 15ª elegia do Livro I dos "Amores", cuja tradução e comentário constam da 1ª parte, pp. 39-40.

Comentário

Vários são os aspectos destes prefácios que merecem relevo:

a) A articulação da formação intelectual com a formação moral decorre dos imperativos das "Constituições" inacianas e do "Ratio Studiorum", cujos preceitos aplicáveis foram acima explicitados. Os antologistas estavam assim sujeitos a normas previamente enunciadas. No entanto, aqui e ali há alguma flexibilidade e tolerância, como se pode verificar percorrendo a análise da selecção efectuada. Para além do gosto e dos critérios pessoais do antologista, este poderia, porventura, refugiar-se no princípio da adequação às "circunstâncias de pessoas, tempo e lugar". Em capítulo dedicado à sexualidade apresento honrosas excepções ao rigor na salvaguarda dos " mores et puritas". De qualquer forma, o prefaciador do primeiro tomo é muito mais rigorista que o do segundo[13].

b) Note-se a invocação da autoridade de Platão (2º prefácio) em questões de moral. É o reconhecimento de que os autores pagãos eram portadores de alguma boa doutrina. Se a Igreja não teve de esperar pelos humanistas do Renascimento para acolher muita dessa

[13] Apesar de Ovídio fazer parte dos poetas "lascivos", o rigoroso antologista inclui-o logo a seguir enquanto autor de "sentenças" - num total de 24 -, com esta epígrafe:"Ex Ovidio collectae, quas pueri, ut gustum aliquem virtutis et elegantiae percipiant, memoriae commendabunt: *coligidas de Ovídio, as quais os rapazes hão-de decorar para [aí] captarem algum sabor da virtude e da elegância"*. De salientar o "aproveitamento" do poeta das *Metamorfoses* para incitamento à virtude, e, sobretudo, a importância dada ao exercício da memória em tenra idade.

sabedoria exterior à Bíblia, a verdade é que houve então uma revalorização e aprofundamento das lições humanas dos bons autores não cristãos. Acresce ainda o acolhimento de Platão, que os Humanistas preferiram a Aristóteles consagrado pela Escolástica. E os termos da citação patenteiam bom conhecimento da "República" de Platão[14]. De resto, o "príncipe da Academia" apresenta-se bem mais selectivo do que os antologistas jesuítas na escolha dos poemas de Ovídio e de outros poetas. Os Jesuítas, no cotejo com Platão, são modelos de tolerância no acolhimento das "fábulas" dos poetas...

c) No 1° prefácio, põe-se em relevo a preocupação em contribuir para a formação da cidadania dos educandos. Vem desde a instituição da Companhia esse objectivo. Não admira, pois, que os Jesuítas se tenham tornado logo conselheiros reais, com lugar destacado na educação da Corte.

No século XVI assiste-se a um grande esforço no sentido de promover a boa relação entre as pessoas. Obras paradigmáticas nesse domínio são *Il Galetéo* de Giovani Las Casa, e *Il Cortegiano* de Baldassare Castiglione. Os Jesuítas deviam conhecer bem essas obras, embora não se vislumbrem directas influências delas nas orientações das antologias. As boas maneiras facilitavam, sem dúvida, o bom relacionamento entre as pessoas. Mas, certamente, os homens da Companhia não considerariam menos importante a boa preparação intelectual de acordo com a cultura do tempo. Para que os alunos saídos das suas escolas viessem a tornar-se activos e eficazes "cidadãos da florentíssima República" haviam de dispor dos meios necessários a um bom convívio humano.

d) O primeiro prefaciador, não obstante o seu rigorismo na selecção dos autores, manda um recado aos que reagem às novidades. Por outro lado, atente-se na vontade de tornar acessível a leitura dos clássicos.

e) Nos objectivos da selecção de autores, obras e trechos, presidiam, dum lado, a eruditio e latinitas, ou seja, a cultura romana e o estudo do Latim, e, do outro, a vitae puritas ou integridade de costumes dos alunos. Convém lembrar que esta subjugação da

---

[14] Platão coloca na boca de Sócrates a condenação das "mentiras" ensinadas às crianças através das histórias de ficção, daí concluindo:

"Logo, devemos começar por vigiar os autores de fábulas, e seleccionar as que forem boas, e proscrever as más. As que forem escolhidas, persuadiremos as amas e as mães a contá-las às crianças, e a moldar as suas almas por meio das fábulas, com muito mais cuidado do que os corpos com as mãos. Das que agora se contam, a maioria deve rejeitar-se".

cultura e da própria expressão artística à moral aplica-se a toda a época clássica - no seu âmbito genérico de período que se estende até ao Romantismo. Os códigos morais é que eram mais ou menos apertados. Quanto ao papel da "erudição" e ao lugar central do Latim no ensino dos Colégios jesuítas, a sua regulamentação já vinha das "Constituições" e do "Ratio".

Ficam-me algumas dúvidas sobre o verdadeiro alcance do "afferre aliquam accessionem vitae etiam puritati: *trazer algum complemento ainda à pureza da vida*", do 2º prefácio. Não haverá aqui o sentimento, bem próprio dos Humanistas, de que nos autores pagãos se podem colher muitos ensinamentos? Se for legítima tal interpretação desse passo do prefácio, teremos na expressão "vitae puritas" um conceito alargado: a vida na sua integridade não se circunscreverá à mundividência cristã. Será ir longe demais? Talvez não. Aliás, não foi uma intuição semelhante que levou alguns dos primeiros Padres da Igreja a assimilarem autores gregos e latinos pré-cristãos? E Dante, o poeta cristão que fecha com chave de oiro a Idade Média, não ousou tomar o pagão Virgílio por guia na sua viagem ao Além da "Divina Comédia"? À luz dos códigos da época, o "acrescentamento à pureza da vida" buscado em autores pagãos é digno de aplauso.

f) A referência a Plauto e a Terêncio, do 2º prefácio, prova que o autor não visava exclusivamente a selecção de poemas de Ovídio. Que se tratava de observação extensiva a outros autores comprova-o ainda a alusão à necessidade de omitir totalmente - *omnino abstinere* - bons autores por razões de natureza moral, não sendo o caso de Plauto e Terêncio, que figuram na mesma antologia.

Os dois dramaturgos são expressamente mencionados no "Ratio Studiorum", onde se aponta Plauto como modelo de linguagem coloquial. Agora o autor do prefácio refere-os como aptos à "spem formandi stylum et eloquentiam comparandi"[15], o que remete claramente para grandes objectivos do estudo dos dois autores romanos. Era nos exercícios de composição que o aluno ia paulatinamente construindo o seu próprio estilo pela assimilação do vocabulário, da sintaxe e do ritmo frásico dos autores-modelos, assim elaborando a sua eloquência[16].

(A tradução é da Prof.ª Maria Helena da Rocha Pereira, *in* A República. Platão, 3ª edição, p. 87, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980).

[15] Assinale-se o sábio manejo da língua latina por parte do prefaciador. Constrói aqui um quiasmo muito expressivo, dado que assim aproxima *stylum* e *eloquentiam*, duas componentes essenciais ao bom orador, ao mesmo tempo que realça a disposição simétrica dos dois genitivos do gerúndio.

g) Há no 2° prefácio um parênteses digno de registo. Refere-se expressamente às obras "contaminata et impura", as tais que fariam corar, não já os alunos - porque essas obras ou não as viam eles ou lhes chegavam já "detersa omni impuritate" -, mas os seleccionadores, que eram obrigados a lê-las para procederem à selecção e expurgo. Na análise a que procedi ao longo da 1ª parte, pude verificar, na maior parte dos casos, o rigoroso conhecimento dos antologistas relativamente aos textos objecto de selecção. Muitas vezes esse rigor estende-se à métrica, a qual, como nos lugares próprios explicitei, merece normalmente mais respeito que o conteúdo - por vezes desviado do sentido original e reorientado com intuitos moralizantes.

h) Não falta, no 2° prefácio, a menção dos destinatários dos textos seleccionados: "discipuli cultioris litteraturae avidi".

Está demonstrado o interesse suscitado pelos alunos que acorriam em grande número aos colégios dos Jesuítas. Iam em busca de uma "literatura mais culta". E os Jesuítas tinham o cuidado de corresponder a esse interesse, fornecendo-lhes "obras mais ilustres e mais puras de velhos poetas". Não admira, por isso, que D. Frei Bartolomeu dos Mártires, ciente desse prestígio e conhecendo bem a ignorância do próprio clero secular, os tenha chamado a Braga, como ficou referido.

i) A melhor maneira de satisfazer a ânsia de conhecimento dos jovens da época era "juntar ao útil o agradável" ou o prazer (*voluptas"*) proporcionado pelos textos (2° prefácio). Herdeiros da boa tradição retórica, que mandava "movere delectando: *impulsionar [os espíritos] recreando*", os Jesuítas tinham a preocupação pedagógica de tornar o estudo atractivo, o que se fazia tanto pela natureza e variedade de textos, como pelo estímulo de busca de fama e de glória. Daí a transcrição do poema de Ovídio, em que se destaca o "mihi fama perennis quaeritur, ut toto semper in orbe canar: *busco fama perene, para ser para sempre celebrado no universo inteiro"*. O autor não terá presente a lição dos humanistas italianos, como Lorenzo Valla (1407-1457), que preconizava um ensino associado ao prazer (*voluptas*[17]) ?

---

16 Veja-se o que ficou dito sobre a *praelectio* e os exercícios de composição.

17 A *voluptas* que, segundo o prefaciador, os alunos poderão haurir nos bons textos latinos, será porventura um eco do De voluptate, de 1431, de Lorenzo Valla, em que o humanista procura conciliar uma ética hedonista com o Cristianismo (Para este aspecto da obra, ver Luís da Silva Rebelo, 1976). Mas, mais perto no tempo estava idêntico testemunho de Erasmo de Roterdão, que faz dizer a uma das personagens de

Subjaz ao enunciado nas várias alíneas a consciência, por parte dos antologizadores, de que o professor é um educador. Também aí os Jesuítas estavam em plena consonância com o sentimento dos humanistas católicos de que o homem é educável. Sem essa funda convicção não insistiriam tanto, como insistem, na formação moral dos alunos.

2.3. **Um Posfácio**

Um outro texto notável como justificação dos critérios de selecção é o "posfácio" às elegias de Propércio, por mim transcrito e traduzido na 1ª parte deste trabalho, a páginas 90. Algumas das suas linhas de força merecem atenção:

a) Os Jesuítas tiveram a preocupação de acolher textos dos autores mais representativos da literatura latina. Para conseguirem essa representatividade sem sacrificarem os bons costumes e a moral, impunha-se-lhes um grande esforço: "is cogitet apud se quam difficile sit (...): *pense lá com os seus botões quão difícil será (...)*. Claro que havia para isso remédio à mão, não apenas sancionado mas até prescrito pelo poder da época: ad virtutis laudem (...) conformare: *conformar os textos com o elogio da virtude*, ou seja, "obrigá-los, sempre que for preciso, a fazer o discurso da virtude, mesmo indo contra o original.

Quão longe já estamos dos escrúpulos dos filólogos humanistas dos séculos XIV, XV e princípios do século XVI no seu respeito sagrado pelos textos! Neste aspecto, as orientações do Concílio de Trento foram altamente nefastas à cultura. A decadência do século XVII encontra aqui uma parte da sua explicação. No entanto, mesmo obedecendo aos cânones do Concílio, os Jesuítas tiveram relativa elasticidade mental.

b) O censor dos textos não se limita a justificar a censura feita; cumprindo orientações superiores, apela aos professores no sentido de que não reconstituam os textos primitivos ou os originais "desonestos". Esta vigilância sobre os professores havia de servir de (mau) exemplo pelos séculos fora[18].

"O Epicurista", de 1533: "Enganam-se, pois, os que gritam que Cristo era triste e melancólico e que nos incitou a uma vida sem atractivos" (Ver Erasme, 1992, "L'Épicurien").

[18] Os estudantes da minha geração não tinham acesso à integridade do canto IX de "Os Lusíadas". Como consequência directa dessa repressão sobre o "fruto proibido", muitos jovens curiosos eram surpreendidos na consulta clandestina das bibliotecas escolares em verdadeiro deleite com as estrofes mais

c) Há, finalmente, neste posfácio, a manifestação de uma intenção didáctica: fornecer aos alunos o máximo de textos para os exercícios escolares. Em vez de procurar moldar o estilo dos alunos exclusivamente pelo de Cícero, segue-se aqui o pedagógico conselho de Erasmo de Roterdão: a variedade de autores e textos abre melhor caminho à elaboração do estilo pessoal de acordo com a personalidade de cada educando.

2.4. **Um prefácio do P.e Manuel Álvares**

Manuel Álvares, o célebre autor da gramática de Latim, que havia de vigorar até ao tempo do Marquês de Pombal, faz uma introdução à sua própria selecção dos Epigramas de Marcial. É um prefácio de duas páginas e meia, já por mim referido na 1ª parte, de que vale a pena destacar algumas passagens mais significativas:

2.4.1 Há que defender o educando cristão de leituras perniciosas:

> Quantum scelus existimandi sunt committere, qui puero Christiano CHRISTI OPT. MAX. divinis mysterijs imbuto, quem non solum literis, sed etiam optimis moribus informandum susceperunt, ea explicant, ediscendaq. proponunt, quae vel Prisci illi Romani a Chistiana religione alienissimi vehementer sunt execrati ? (*Os jovens cristãos, impregnados dos divinos mistérios de Cristo, Supremo Bem, foram confiados [aos mestres] para os formarem não apenas nas letras mas ainda nos melhores costumes. Que enorme crime não deve pensar-se que cometem os que lhes expõem e recomendam a aprendizagem de matérias que até aqueles Antigos Romanos desconhecedores da religião Cristã tantoabominaram ?*[19]).

2.4.2. Necessidade da educação desde tenra idade

> Quis non intelligit quanta vitiorum monstra concipiat adolescentia, nisi bene pieque ab ipsis instituatur incunabulis ? (*Quem não compreende quantos vícios monstruosos engendra a adolescência, se não for bem orientada pela religião desde o próprio berço ?).*

O autor lembra a seguir o remédio adoptado pelo Concílio de Trento - *Sacrosancta Tridentina Synodus* - com a criação dos seminários: "seminaria Reip. Christianae

---

eróticas do Canto, assim perdendo o significado profundo só captável a partir da interpretação do macro-episódio.

conservandae atque propagandae singulare remedium excogitavit - *concebeu os seminários como singular remédio para preservar e propagar a República Cristã*".

Em contraposição à atitude dos reformadores protestantes de desconfiança na natureza humana, deparamos aqui com o relevo concedido à educação. Esta confiança no ser humano como educável "desde o berço" foi a mola impulsionadora da expansão dos colégios jesuítas.

A satisfação do objectivo de ilustrar a juventude pelas letras - diz Manuel Álvares - não é possível "nisi in authoribus [sic] explicandis summus habeatur delectus: *se na exposição dos autores não houver a máxima selecção*".

2.4.3 Finalmente, justifica a sua escolha dos epigramas de Marcial:

> Quae cum ita sint Christiane lector mihi a praepositis Societatis Jesu cura data est Val. Martialem ita perlegendi, ut ei, verborum turpitudinem, rerumque obscoenitate deposita, ad nostra deinceps gymnasia aditus pateret: quod feci ut potui, ijs tantum praetermissis, quae tuae dignitati, tum saluti essent alienissima. Extremae profecto dementiae est Latinae linguae ornatum, et elegantiam, cum animi labe, ac vitae impuritate velle comparare. (*Sendo assim as coisas como são, Cristão leitor, fui encarregado pelos meus superiores da Companhia de Jesus de percorrer [a obra de] Valério Marcial, visando abrir-lhe em seguida as portas dos nossos colégios, após ter eliminado as palavras torpes e as acções obscenas. Essa missão cumpri como pude, omitindo apenas tudo quanto desrespeitasse a tua dignidade e a tua salvação. Na verdade, extrema loucura é querer confrontar a beleza e elegância da Língua latina com as manchas e a impureza da vida).*

Basta ler os extractos da obra de Marcial, na primeira parte, para concluir que só um bom conhecedor do valor literário de Marcial era capaz de o incluir na antologia, dada a abundância na sua obra de poemas obscenos. É essa consciência do real interesse da obra do poeta - *Latinae linguae ornatum et elegantiam* - que leva Manuel Álvares à inclusão do poeta, removendo, porém, do caminho do aluno os escolhos ou "perigos" para sua alma, que os trechos e epigramas omitidos representavam - *animi labes ac vitae impuritates*.

---

[19] Na minha tradução, subverto por completo a pontuação do original, sem prejudicar o sentido do

2.5. **Outras anotações**

2.5.1. A antologia das cartas de Cícero, no exemplar da Biblioteca Pública de Braga, mencionado na 1ª parte, a páginas 105, contém uma breve introdução ao terceiro livro, em que o antologista explica as intenções da selecção: "ut adolescentes (...) eloquentiam simul et pietatem hauriant: *para que [desses textos] extraiam os adolescentes eloquência e edificação religiosa")*.

Uma outra antologia de cartas de Cícero, essa da Biblioteca Nacional de Lisboa, datada de 1566, mencionada também na página 105 da 1ª parte, assinala as razões da escolha logo no frontispício da obra:

> Quae ob perspicuitatim [sic] sententiarum et rerum varietatem literarijs ludis congestae sunt [...] : *Foram reunidas em atenção à clareza das proposições e à variedade dos temas, para exercícios escolares.*

Mais uma vez, a insistência na inseparabilidade da formação intelectual e moral dos futuros oradores, unindo a *eloquentia* e a *pietas*. Os Jesuítas continuavam assim a longa tradição que, formulada por Catão-O-Velho, foi preceituada por Cícero e pedagógica e definitivamente teorizada por Quintiliano na *Institutio Oratoria*: "Vir bonus, dicendi peritus: *O homem bom, adestrado na arte da palavra*.

No segundo dos textos mencionados - o da p. 110 da 1ª parte -, a tónica é posta nos exercícios escolares ou composições literárias dos alunos, a que as cartas de Cícero serviriam de bons pontos de partida pela clareza do pensamento e pelos temas tratados. Realce-se tanto a boa escolha do autor e dos textos quanto o carácter activo do ensino preconizado.

2.5.2. Na justificação da selecção de Plauto e suas peças acentua-se, por um lado, a elegância de Plauto *(poetae elegantiae)* e, por outro, a necessidade de não atentar contra a modéstia do leitor *(in modestiam legentis)* nem prejudicar os bons costumes *(bonis moribus [non] nocere)*.

E o jesuíta Tiago Fernandes dirige-se directamente a adolescentes estudiosos da piedade e das boas letras *(pietatis ac bonarum litterarum studiosis adolescentibus)*,

---

texto. O respeito pela pontuação latina daria um bom português ... do século XVI.

convidando-os a instruirem-se nos preceitos da língua latina e das outras disciplinas simultaneamente com todo o género de virtudes e de bons costumes. Acrescenta que os poetas cómicos podem prestar bom contributo na linguagem corrente e familiar (*qui vos in quotidiano et familiari sermone non parum juvare possent*).

A visão de conjunto dos autores e dos géneros literários escolhidos pelos jesuítas encarregados da organização das antologias confirma o acerto das "justificações" apresentadas. Disso se trata a seguir.

B) Géneros literários e autores escolhidos

I - Os géneros e os autores

Nas antologias dos Jesuítas publicadas no séc. XVI, é notável a representatividade de poetas e prosadores latinos da época clássica (genericamente considerada), bem como a sua distribuição pelos diversos géneros literários. Assim, tanto no que diz respeito aos chamados géneros literários maiores - Lírico, Narrativo ou Épico e Dramático -, como nos géneros literários menores - Didáctico, Epistolar, Satírico[20], etc. -, a cobertura é significativa. O mesmo se diga dos modos de expressão literária: narração, descrição, monólogo e diálogo, reflexão, efusão lírica.

Os prefácios, mais atrás já comentados, são bastante elucidativos da sólida preparação intelectual dos autores das antologias. Estes homens revelam-se na posse da sabedoria que já provinha da Idade Média, sem dúvida; mas que fora sobretudo estimulada pelo humanismo renascentista. A Retórica e a Poética, mais autónomas ou mais complementares entre si, remontam, no mínimo, a Aristóteles. Com a paixão pelos textos clássicos por parte dos filólogos renascentistas, os professores de humanidades dispunham de um crescente número de textos para exemplificação das teorias retóricas e poéticas[21]. Obra de fôlego, que vai perdurar até à expulsão dos Jesuítas, é a *Retórica* do jesuíta espanhol Cipriano Soarez[22].

Obra militante, como já vimos, a Companhia de Jesus apostava na formação de bons oradores para os seus objectivos apostólicos. Por outro lado, abertas as portas dos seus colégios a alunos externos, preocupava-se com a formação de bons cidadãos para a Nação, como ficou bem expresso num dos prefácios das antologias.

---

[20] Esta arrumação tradicional é aqui adoptada por ser a mais cómoda. Não se ignora, porém, o seu grau de arbitrariedade, como o demonstram consagrados teóricos da teoria literária, como Wolfgang Kayser (1976) e Aguiar e Silva (1988).

[21] Segundo o Prof. Pinto de Castro, "só em 1504 temos notícia da inclusão efectiva da Retórica nos *curricula* universitários (...). O movimento humanístico que se afirma, com pujança crescente, ao longo do segundo quartel do século XVI, vai consagrar à Retórica uma atenção mais solícita e tornar premente a sua inclusão no plano de estudos oficial, de modo a obter um lugar independente e basilar" (1973, pp. 16-17).

[22] "O seu [de Cipriano Soarez] De Arte Rhetorica teve por assim dizer a exclusividade na preparação retórica de toda a população culta do país (...)" (Ver Salgado Júnior, 1976). E Rosado Fernandes (1966) diz dele e da obra: "Tendo ensinado no colégio de S. Antão em Lisboa, e nas Universidades de Coimbra e Évora, conseguiu impor o seu trabalho a todo o ensino da retórica em Portugal, praticamente até á reforma pombalina".

No "De Rhetorica libri tres" do padre Cipriano Soarez encontramos elementos interessantes que projectam alguma luz sobre a organização das antologias. Merece, pois, que lhe dedique aqui alguma atenção.

A primeira edição do "De Rhetorica" é de 1562. Consultei a edição de 1575, num exemplar, em bom estado de conservação, na Biblioteca Pública de Braga. A edição traz o emblema da Companhia de Jesus, sendo o título completo da obra o seguinte:

"D. Cypriani Soarez Societatis Iesu De Arte Rhetorica libri tres ex Aristotele, Cicerone, et Quintiliano praecipue deprompti Nunc ab eodem autore recogniti et multis in locis locupletati".

Dignos de registo são a menção de que os livros são extraídos (*deprompti*) de célebres teóricos na matéria - Aristóteles, Cícero e Quintiliano -, e a referência à edição revista e acrescentada. Embora Soarez tenha naturalmente em vista a selecção de autores e textos para a cadeira de Retórica, as suas observações abrangiam certamente as Humanidades, que serviam de sólido patamar para os estudos seguintes - Retórica, Filosofia e Teologia.

Na introdução, o padre Soarez defende a necessidade de ler os bons autores , dando a impressão de a mensagem ser endereçada aos organizadores da antologia:

> Longe profecto melius, atque prudentius studiis suis consulunt, qui optimos authores in omni disciplinarum genere legendos atque imitandos proponunt, quam qui his neglectis, delectu omni ac discrimine remoto, quosuis cupidissime sequuntur. (*Orientam muito melhor e com maior prudência os seus estudos aqueles que propõem para leitura e como modelos os melhores autores em qualquer género de matérias. Pelo contrário, quem negligencia os melhores e rejeita uma boa escolha, segue com o maior entusiasmo quaisquer autores*).

Temos aqui a chave explicativa da abundância e variedade de textos das antologias. Além disso, vislumbro a explicação para o aproveitamento de textos cuja antologização exigia muitos cortes ou alterações. A opção que naturalmente se colocava aos antologistas era entre a omissão pura e simples e a adequação do original, em certos casos, aos critérios morais. Exemplos típicos serão, porventura, a "Ars Amatoria" e os "Remedia Amoris", de Ovídio.

Cipriano Soarez refere-se depois ao método seguido pelos docentes jesuítas:

> Tanti refert, quem imiteris, quem legas, quem admireris. Hoc intelligentes nostrae societatis praeceptores, ex eo tempore quo iuuentutem, uirtute et literis informant, eos authores discipulis

exponunt, qui praeter caeteros in suo genere floruerunt. (*Tem muita importância quem imitas, quem lês, quem admiras. Compreendendo isto, os professores da nossa Companhia, desde o tempo em que instruem a juventude na virtude e nas letras, expõem aos alunos aqueles autores que sobressaíram mais do que os outros no seu género).*

Dirigindo-se em seguida ao leitor cristão (*Christiane lector*), lembra-lhe a superior orientação dos estudos a cargo dos Jesuítas:

Illud etiam tibi persuadeas uelim, nos nihil magis cupere, quam ut uirtute et literis maxime sis ornatus (...). (*Gostaria que também disto te persuadisses: nada nós tomamos mais a peito do que tu ficares preparado o melhor possível na virtude e nas letras*).

Muito a ver com a retórica tinha a selecção de textos para as antologias. Não era só no respeitante aos melhores autores; também os modos de expressão literária eram fundamentais na formação do bom orador. Se por exemplo, as *narrações* eram imprescindíveis no chamado *genus deliberativum*[23], para fundamentar a decisão a tomar, as *descrições* ocupavam lugar de destaque no *epidictum*, o género retórico dos panegíricos ou elogios, sagrados ou profanos. Daí a abundância de textos narrativos e de descrições nas antologias. E o discurso argumentativo não exigia bons textos modelos? Pois nada melhor do que os grandes discursos de Cícero, ou os discursos incluídos em textos dos historiadores romanos. Como vimos, as antologias incluem peças oratórias completas de Cícero, como é o caso do "Pro Archia". Outro exemplo é o género epistolar, para o qual os antologistas dispunham em Cícero de um óptimo modelo. O primeiro fruto genial desse ensino foi o Padre António Vieira, cujas cartas são um modelo nacional do género epistolar.

Com a "Retórica", a Gramática de Latim, publicada por outro jesuíta - o Padre Manuel Álvares -, em 1572, e as antologias de textos, os Jesuítas dispunham de bons instrumentos para o seu ensino dos autores da romanidade.

Na organização das antologias, os Jesuítas tiveram certamente em atenção a representatividade dos autores e dos géneros literários. Tal é a conclusão que se retira de uma visão de conjunto das *sylvae*. A maioria dos autores incluídos vinha da tradição medieval. Segundo Robert Curtius, na primeira metade do século XII Conrado de Hirsau

---

23 Kibédi Varga, na destrinça dos géneros oratórios, pronuncia-se assim sobre o género deliberativo: "Le délibératif est le genre persuasif par excellence: l'auteur essaie d'amener son public à prendre une décision, à penser ou à agir comme lui. C'est le cas des grands discours idéologiques, qu'ils soient de nature politique ou religieuse" (1989, p. 222).

menciona, entre os autores latinos estudados nas escolas, Cícero, Salústio, Horácio, Ovídio, Juvenal e Virgílio. No caso de Ovídio - continua Curtius - "toleram-se" os *Fastos* e as *Epistulae ex Ponto*, mas são rejeitadas as *Metamorfoses*. Cícero, Salústio, Horácio e Virgílio não têm qualquer lugar de destaque na lista , e são apreciados quase só pelo seu aspecto moral, embora Cícero seja exaltado como "nobilissimus auctor". Já, porém, no final do século XII - continuo a seguir Curtius - , as *Metamorfoses* de Ovídio fazem parte de programas escolares e "recomendam-se muito especialmente - como antídoto - os *Remédios do amor"*. Quanto a Cícero, citam-se o *De Oratore*, as *Tusculanae*, os *Paradoxa Stoicorum* e o *De Officiis*. Aparecem ainda, entre outros, Séneca e Tito Lívio[24].

Na *Divina Comédia* de Dante, Ovídio figura no círculo dos grandes poetas e sábios, logo a seguir a Homero e Horácio[25]. Isso prova que o Sulmonense chegou bem "vivo" ao século XIV. No nosso *Cancioneiro Geral* (1516) de Garcia de Resende, há vestígios da leitura da Divina Comédia, a começar pelas "Trovas à morte de D. Inês de Castro" do próprio autor da Colectânea. Mas com o Concílio de Trento Dante tornou-se suspeito de heresia[26], não sendo por isso provável que os autores romanos exaltados no Poema aumentassem por aí os seus créditos junto dos antologistas jesuítas. Estes receberam, isso sim, influência da atmosfera favorável à descoberta da cultura e dos autores latinos nascida com o individualismo no século XV.

Não podemos olhar para os Jesuítas das primeiras décadas da segunda metade do século XVI como confinados à estreiteza da mentalidade nacional. Como vimos, Inácio e os seus companheiros formam-se em Paris. Apesar do conservadorismo da universidade parisiense, foram permeáveis aos ventos da cultura renascentista. Empenhados em transformar o mundo, lançam-se na busca dos instrumentos de formação de um novo homem de acordo com os modelos humanistas já cristianizados. Para a acção ser eficaz, impunha-se preparar verdadeiros cidadãos e mesmo perfeitos cortesãos. Os Jesuítas souberam, desde início, adaptar-se às circunstâncias epocais, com o objectivo de fazerem passar a sua mensagem. Daí a necessidade de apreendermos bem as linhas dominantes de pensamento da Europa nos anos 50 do século XVI a respeito da língua e da literatura clássica para percebermos a organização das *sylvae*. Embora o essencial sobre esse assunto tenha já sido dito em capítulo anterior, cabe aqui recordar, pela pena insigne de Jacob

---

25 Cf. Curtius, 1955, pp. 79 ss.

25 Virgílio, o guia de Dante no Além, apresenta assim os grandes poetas: « - Mira colui con quella spada in mano, / che vien dinanzi ai tre sí come sire: / quelli è Omero poeta sovrano; / l´altro è Orazio satiro che viene; / Ovídio è ´l terzo, e l´ultimo Lucano» (*Inferno*, c. IV, vv. 86-90).

Burckhardt, a moldura de um homem novo por influência da cultura greco-romana no século XV:

> À descoberta do mundo, a cultura da Renascença acrescenta ainda outra mais importante: é a primeira que descobre o homem e o mostra à luz do dia em corpo inteiro. Antes de mais e como vimos, esta época desenvolve o individualismo no mais alto grau; em seguida leva a estudar com paixão, a conhecer a fundo o individual em todos os seus motivos. O desenvolvimento da personalidade está intimamente ligado à faculdade de conhecimento de si próprio e do conhecimento dos outros[27].

A singularidade de cada homem, descoberta pelo Renascimento, vai ter directa expressão no ensino personalizado, que é uma marca da educação jesuíta desde os seus primórdios no século XVI.

O modelo do perfeito cavalheiro traçado por Las Casa no *Galetéo* e por Castiglione no *Cortegiano*[28] e as normas de civilidade ou boas maneiras explanadas por Erasmo no "De civilitate morum puerilium[29]" (1530), a par de muitos outras obras do humanismo europeu, não eram estranhas à cultura dos primeiros jesuítas.

É neste quadro sucintamente delineado que se impõe perspectivar os autores e os géneros latinos nas antologias jesuíticas do século XVI.

---

[26] O índice inquisitorial de 1581 manda expressamente riscar passagens da Divina Comédia (Cf Vasco Graça Moura, A Divina Comédia de Dante Alighieri, Lisboa, Bertrand Editora, 1997, p. 23)

[27] Cf. Burckhardt, 1983, p. 236.

[28] Dois professores universitários americanos - John K. Clemens e Douglas F. Mayer - demonstram a actualidade desta obra de Baldassare Castiglione: "Este livro contém mais do que cultura do século XVI - algo mais do que instruções sobre vénias, genuflexões e maneiras de andar. Tal como na corte renascentista, muitas organizações modernas precisam, para sobreviver, do máximo de argúcia que conseguirem arranjar" (Ver O Toque Clássico, Lisboa, Difusão Cultural, 1993, p. 110).

[29] Nos seminários menores dos Jesuítas continuava, em pleno século XX, a haver uma atenção especial à educação das boas maneiras. As regras de civilidade e de cidadania faziam parte integrante da pedagogia dos Jesuítas. Para quem recebeu uma tal educação não deixa de ser curioso encontrar no livrinho de Erasmo de Roterdão, à distância de quatro séculos, essa componente da formação humanística.

Os poetas Ovídio, Tibulo, Propércio, Estácio, Juvenal e Marcial.

- Lírica, narrativo-épica e sátira.

Ovídio

Ovídio é um dos mais célebres poetas latinos. Nasceu em Sulmona, na Itália, em 43 a.C - no mesmo ano em que Cícero foi assassinado - e morreu no exílio em Tomes, no Mar Negro, no ano 17 ou 18 da era cristã. Pertencia à classe média abastada, oriundo de uma família equestre. Para fazer a vontade ao pai, cursou estudos de jurisprudência, que concluiu. Mas depressa abandonou a carreira jurídica para se dar inteiramente à poesia, pela qual sentia uma atracção irresistível.

Distinguem-se três períodos bem demarcados na produção literária de Ovídio: o da juventude, com os poemas *Amores* e *Heroides,* tendo começado a escrever poesia pelos 20 anos de idade; o da maturidade, com *Metamorphosis* e *Fasti*; e o do exílio, decretado pelo imperador Augusto no ano nove[30]d.C., com os poemas *Tristia* e *Epistulae ex* Ponto.

A popularidade de Ovídio perpetuada, com altos e baixos, ao longo de dois mil anos da era cristã deve-se sobretudo às *Metamorfoses*. Foi considerável o seu sucesso no Renascimento, que interpretou as *Metamorfoses* como um poema de exaltação do homem[31].

Ruiz de Elvira, na sua introdução à edição das *Metamorfoses* pelo Conselho Superior de Investigações Científicas de Madrid, diz que as *Metamorfoses* foram "para os séculos do Ocidente o mais esplêndido e popular manual de mitologia[32]". Fonte de erudição e de inspiração poética, essa obra de Ovídio foi lida em todos os tempos. Mesmo tendo de a expurgar de passagens julgadas obscenas, segundo o juízo moralista de cada época, os apaixonados das letras clássicas foram sempre divulgando as *Metamorfoses*, com maior ou menor censura. Ainda há cerca de 50 anos um jesuíta espanhol, dando

---

30 Ruiz Elvira considera que o ano oito apontado normalmente pelos especialistas está errado, dado que o exílio teve lugar no ano nove (Ver Elvira, 1992, Introdução).

31 Cf. Pina Martins, 1970, p. 206: "Aliás, este poema teve uma fortuna enorme durante os séculos XV e XVI e em parte devido à sua definição exaltadora do valor do homem no conjunto da criação, que muito acentua, tanto ou mais do que o *Génesis*, o valor universal da humanitas". E, mais adiante, o Prof. Pina Martins lembra que remonta ao século XIV a "cristianização do texto ovidiano" por intermédio de Thomas Waleys com a sua obra *La Metamorphose d'Ovide moralisée*, em edições de 1484 e 1493.

32 Cf. Elvira, 1992.

orientações para a leitura de Ovídio, em artigo na rev. "Humanidades" de Comillas (Santander), escrevia que os Santos Padres

> enseñabam a la juventud la manera de libar en las flores de la literatura pagana la miel del arte sin emponzoñarse con el veneno del corrompido paganismo (...). Mas no solo recomendaban los SS. PP. la lectura de los autores paganos, sino que afirmaban que en ellos se encontraban preceptos de la más alta moral[33].

O mesmo autor, na linha de muitos pensadores cristãos dos primeiros séculos, admite existir inspiração divina em certos passos das *Metamorfoses*: "Con todo en la creación del hombre parece haberle iluminado un rayo de fe[34]".

As grandes obras de Ovídio estão bem representadas pelos excertos de duas antologias: uma organizada pelos Jesuítas; a outra, por eles adoptada. Isso demonstra, por um lado, o peso de Ovídio na tradição cultural europeia, e, por outro, o bom conhecimento dos jesuítas relativamente ao exilado de Tomes.

1. As *Metamorfoses*

Dos 15 livros das *Metamorfoses* há, nas antologias, extractos de nove - livros I a IV, VIII, XI a XIII e XV.

1.1. Como ficou já referido na primeira parte, o antologista privilegiou as descrições. A indicação de "descriptio" ou "descriptiones" é frequente em epígrafes dos vários extractos: "Descriptio nascentis mundi", "d. aetatum mundi", "d. regiae solis et lapsus Phaetontis", "d. Invidiae", "d. congressus Cadmi cum serpente", "d. Inferorum", "d. volatus Daedali et Icari", d. Famis", "d. mortis Orphei", "d. somni", "d. navigationis Ceycis", "d. contentionis Aiacis et Ulyssis", etc.

A importância atribuída á descrição por teorizadores modernos, como Gérard Genette e outros, fazem pensar na actualidade do ensino dos Jesuítas também neste aspecto específico dos modos literários. A descrição é encarada como complementar da narração, como se vê pelos simples enunciados transcritos . Mais não é aí a descrição do que a

---

33 Cf. Fernandez, 1950, p. 224.
34 Id. Ib., p. 225.

ancilla narrationis de Genette[35]. Mas, na altura, os modos literários não tinham ainda uma discriminação tão rigorosa. Se tivermos em conta o carácter activo do ensino dos Jesuítas conforme é preconizado no "Ratio Studiorum", veremos quanto a escolha dos extractos das *Metamorfoses* se orientavam também para a formação do estilo dos alunos. Em primeiro lugar, estilo em latim; mas também, indirectamente, estilo em português, já que pelo menos as retroversões implicavam a língua materna. Quanto não enriqueceriam o seu vocabulário os alunos em contacto com descrições tão expressivas! Aliás, o salto que a língua portuguesa deu na transição do século XVI para o XVII muito deverá ao rigor da aprendizagem dos bons textos latinos, como já tive ocasião de afirmar.

1.2. As orientações da advertência "Ad Lectorem" da antologia, já analisada, não deixam dúvidas quanto à importância atribuída aos conteúdos, às ideias veiculadas pelos textos. Nos comentários pontuais da primeira parte, fui aludindo às possíveis intenções da selecção de extractos. Cabe agora aqui fazer alguma síntese.

1.3. A criação do mundo a partir do caos, suscitaria, porventura, o confronto com o *Génesis*. A essa aproximação não será alheia a grafia de *deus* com maiúscula . Mas outros episódios eram comuns à *Bíblia* e às *Metamorfoses*: a escalada do céu pelos Titãs, a Torre de Babel, o Dilúvio, o par Deucalião e Pirra[36], no repovoamento do mundo após o Dilúvio, etc.

1.4. Mitos célebres como o de Dédalo, Ícaro, Faetonte e Orfeu valiam pela sua carga poética, mas certamente na *praelectio* o professor abordaria, por exemplo, o tema da ambição. E que partido não tirariam desses materiais os docentes, para os temas das composições, elaborados a partir das descrições da Inveja, da Fome, dos Infernos e outros ?

1.5. Nos textos não incluídos há que distinguir as omissões propriamente ditas e os cortes ou expurgos. No primeiro caso, é sempre arriscado conjecturar acerca das razões da

---

35 "La description pourrait se concevoir indépendamment de la narration, mais en fait on ne la trouve pour ainsi dire jamais à l'état libre; la narration, elle, ne peut exister sans description, mais cette dépendance ne l'empêche pas de jouer constamment le premier rôle . La description est tout naturellement *ancilla narrationis*, esclave toujours nécessaire, mais toujours soumise, jamais émancipée" (1966, p. 157).

36 Só há poucos anos teólogos católicos ousam falar de mitos na Bíblia, quando desde há muito se impôs a evidência das semelhanças entre narrativas bíblicas e narrativas greco-romanas, como é o caso de

omissão, podendo a perspectiva do antologista ser apenas positiva, isto é, tratar-se da escolha de um texto, uma passagem ou um livro de preferência a qualquer outro. Alguma objectividade de conjectura se torna, porém, aceitável nos casos de cortes ou de manipulação de textos. A maioria dos expurgos diz respeito à sexualidade. Exemplo disso é o mito de Júpiter, disfarçado em touro na sua paixão por Europa, que Ovídio descreve nos vv. 833 a 875 do Liv. II, e de que reproduzi dois versos expressivos (862-863) na primeira parte. Mas, contrastando com cortes de idêntica referência amorosa, o casal Deucalião e Pirra é bem acolhido, dando-se relevo quer à ternura do casal, que jura não se separar, mesmo na morte, quer à comunhão nas hesitações quando se impõe, após o dilúvio, repovoar o mundo.

1.6. Com os extractos das *Metamorfoses*, em hexâmetros dactílicos, metro que os antologistas sabem respeitar, fica bem representado o género narrativo - épico.

2. As *Heróides*

Das 21 cartas das *Heróides*, a antologia traz extractos de 7. Os pares de heróis escolhidos são: Penépole-Ulisses, Hipsípile-Jasão (com Medeia a perfazer, neste caso, uma espécie de "triangulação"), Dido-Eneias, Dejanira-Hércules (cabendo a Ecária fechar o "triângulo"), Ariadne-Teseu, Laodamia-Protesilau, Hipermnestra-Linceu.

Embora fique de fora muito material mitológico, os alunos dos colégios jesuítas dispunham aqui de muitas histórias e de muitas personagens bem representativas.

2.1. O antologista teve a preocupação de incluir algumas passagens de amor mulher-homem, com variantes de sentimentos como a fidelidade (Penépole), que inspirou uma bela carta de ficção a Albino Luciani, futuro papa João Paulo I, a resignação (Hipsípile), o ciúme (Hipsípile e Dejanira), as juras de amor (Dido), a humildade no amor (Dido), o amor defraudado (Ariadne), a solidão (Dido e Ariadne), os direitos do amor em conflito com a acção guerreira ((Laodamia), o amor conjugal em conflito com o amor filial (Hipermnestra), o amor-dedicação (Hipermnestra), etc., etc.

Adão e Eva / Deucalião e Pirra, Eva / Pandora, Expulsão do Éden / Mito das Quatro Idades, Torre de Babel /Titãs, etc.

Esta amostra das cambiantes do amor nos excertos já permitirá fazer uma ideia da riqueza de textos antologizados. É uma selecção de grande mérito, é a abertura de uma espécie de clareira no rico bosque de histórias de amor "conjugal" (com ou sem aspas) no bosque ovidiano, que são as *Heróides*.

2.2. No caso dos cortes ou expurgos, merece referência especial a omissão das passagens alusivas ao leito de amor conjugal (Penépole, Hipsípile e Ariadne), a paixão avassaladora (Dido), e os beijos de despedida (Laodamia); mas passa uma referência ao leito de amor em 2.1.2. Mais surpreendentes, porém, são os cortes que deixam os respectivos textos sem sentido ou equívocos, como em 2.2.2. em confronto com 2.2.3. (1ª parte).

Às vezes, onde seria de esperar um corte, pela lógica adoptada nas supressões, ele não surge. É o caso de uma passagem da carta de Dejanira a Hércules, transcrita em 4.1.4.: Dejanira lembra ao valente marido (Hércules) que afinal foi vencido por uma mulher rival da esposa. A tradição católica, na linha de S. Paulo, S. Jerónimo, Sto Agostinho e tantos "bons " discípulos destes, fazia a apologia do celibato contra o casamento. Por sua vez, a defesa do matrimónio por parte de Erasmo de Roterdão e outros não arrastou número suficiente de adeptos entre os teólogos. E aqui surge uma interrogação: a transcrição dos versos 25-26 da carta de Dejanira a Hércules foi benevolência do antologista ou intencional prevenção dos alunos contra as "sujeições" no casamento[37] ?

2.3. Mesmo com as lacunas e o puritanismo apontados, convenhamos que, para a mentalidade da época, o antologista foi bem ousado ao apresentar tantas heroínas amorosas.

3. Os *Amores*

Tratei com relativo desenvolvimento na 1ª parte os *Amores* de Ovídio na *sylva* jesuítica. Cinjo-me agora a algumas conclusões:

---

[37] Só no Concílio Vaticano II se deixou de apresentar oficialmente a supremacia do celibato sobre o casamento. Um teólogo católico alemão - Herbert Haag - com projecção internacional, incluindo Portugal, denunciou essa mentalidade retrógrada no seio da Igreja Católica. Segundo ele, uma demonstração da desvalorização do amor entre homem e mulher está na interpretação errónea que a Igreja fez do *Cântico dos Cânticos* do Antigo Testamento: "Uma atitude incorrecta perante o corpo e a sexualidade resultou numa incorrecta interpretação do Cântico dos Cânticos, que por sua vez se reflectiu numa postura errada perante a

3.1. Perante poemas centrados na temática amorosa, seria normal a omissão pura e simples desta obra na antologia. O relevo que, pelo contrário, lhe é dado mostra o interesse pelo poeta. Os alunos ficavam assim a conhecer mais uma obra importante de Ovídio.

3.2. É perfeitamente compreensível a omissão de poemas de acentuada obscenidade, como é o caso da 7ª elegia do Livro III, a que faço referência explícita no ponto 3.8 da 1ª p.

3.2.1. De estranhar, isso sim, são as omissões que põem em causa a correcta interpretação das passagens transcritas, o que acontece frequentemente.

3.2.2. Mais grave, porém, é a deturpação do texto, baralhando o original para o fazer dizer outra coisa bem diferente do que era a intenção do autor - vejam-se, entre outros, os pontos 1.2., 3.2. e 3.7. da 1ª parte.

3.3. O antologista salienta o sentimento ovidiano da superioridade da poesia épica e trágica pela elevação dos temas e do ritmo - pontos 1.1. e 3.1. da 1ª parte.

3.4. O louvável interesse pelas descrições vai ao ponto de manter as comparações mesmo quando, na óptica do antologista, se imporia suprimir o primeiro termo da comparação, como se exemplifica em 1.2.2. da 1ª parte.

3.5. O cuidado em fornecer aos alunos conhecimentos técnicos específicos, como no caso do material da escrita, está bem patente no aproveitamento antológico da 12ª elegia do livro I (ponto 1.4. da 1ª parte).

4. *Ars Amatoria* e *Remedia Amoris*

A formação retórica de Ovídio que, nas intenções paternas, deveria revelar os seus méritos no Forum, aproveita-a o poeta para a arte da sedução amorosa. O antologista jesuíta, por sua vez, captou o travejamento retórico dos dois macropoemas para os colocar ao serviço da preparação retórica dos alunos dos colégios.

---

sexualidade. Essa interpretação alegórica [amor entre Cristo e a Igreja] tem vindo a ser abandonada "(Herbert Haag, Liberdade aos Cristãos, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, p. 85).

Não há, portanto, na *sylva* o respeito por duas obras fundamentais do Sulmonense. Os alunos ficariam a desconhecer inclusivamente os títulos das obras originais. Pensariam estar perante um tratado sobre a arte - *De arte* - e um outro talvez sobre medicamentos - *De Remedio*. E, num e noutro caso, os textos convergiam, aos olhos do leitor, sobre a arte retórica. É que até se prestavam bem a exemplificar os preceitos explanados pelo padre Cipriano Soarez...

Redundante seria retomar aqui a exposição da primeira parte. Deixo apenas agora uma breve síntese:

a) Difícil é tomar uma posição de equilíbrio entre a censura de uma manifesta manipulação das duas obras, e o louvor a conferir ao interesse do antologista pela *ars suasoria* de que estão impregnadas.

b) O interesse pela arte retórica não justifica a meu ver, só por si, a inclusão na antologia de extractos de duas obras tão "perigosas", mesmo sujeitando-as a todas as entorses. O prestígio do autor com o apreço por todas as suas obras na opinião das elites intelectuais europeias deverá ser a parte complementar da explicação.

c) São bem aproveitadas descrições muito originais de Ovídio, não faltando menções explícitas de que se trata do modo literário da descrição - caso de 2. 2. da primeira parte.

d) Na parte final dos extractos de *Remedia Amoris* dá-se destaque à resistência ao sentimento da inveja. Já haveria, por parte do antologista, a consciência desse mal tão genuinamente português?[38]

---

[38] O Padre António Vieira, que tão bem soube aproveitar os *exempla* clássicos, deplora frequentemente os malefícios da inveja. Numa carta de 1655 a D. Rodrigo de Meneses aponta já para aquilo que se considera ser um dos males nacionais: "Agora desejaria muito saber o triunfo com que S. Excia foi recebido em Lisboa, posto que me lembra ser lei da inveja romana que nenhum general triunfasse três vezes, e *não tenho melhor conceito da nossa* [itálico meu]; os inimigos da campanha podem-se vencer uma e muitas vezes, os da nossa corte são invencíveis; aqueles com as vitórias vão-se diminuindo, estes com elas crescem mais" (Ver Azevedo, 1997, II, p. 199).

5. *Fasti, Tristia* e *Epistulae ex Ponto*

A antologia de *Fasti, Tristia* e *Ex Ponto* (*De Ponto*, na antologia) levanta alguns problemas que importa esclarecer.

É uma edição de 1575, de Lisboa, que menciona as referidas três obras de Ovídio, e acrescenta o seguinte: "Ad Fastorum explicationem, adiectae sunt inerrantium stellarum singularum significationes, ex Cl. Ptolomaeo". No final dos extractos de *Ex Ponto,* e a anteceder o texto de Ptolomeu, há uma nota dirigida ao leitor (*Lectori S.* : Saudação ao leitor) a justificar o acrescento de Ptolomeu, que começa assim: "Non abs te, Lector, Ptolomaei libellum de stellis inerrantibus ad hunc extremum Ovidij tomum adiunxi.", que traduzo: "Não me afastei dos teus interesses, Leitor, ao juntar a este último tomo de Ovídio um opúsculo de Ptolomeu sobre as estrelas fixas.". E explica depois a relação do texto ptolomaico com os *Fastos* de Ovídio. A nota não traz indicação de autor, podendo fazer crer, à primeira vista, que o autor é o mesmo do prefácio - João Hispano. Acontece que vem datada de Lião (*Lugduni*) e de 1534.

Salvo melhor opinião, esta edição lisboeta será reedição de uma antologia organizada em França, nos anos trinta. Esta interpretação ajuda a explicar a menor rigidez verificada nos expurgos. Mesmo assim, a edição lisboeta terá contado com particular benevolência de Frei Bartolomeu Ferreira em 1561 e 1575.

Sendo certo que a antologia pertenceu ao colégio jesuíta de Angra do Heroísmo, foi, portanto, adoptada nos colégios da Companhia. Mas ficam por responder algumas questões:

Como foi possível obter aprovação eclesiástica com passagens "obscenas" como a dos versos 343-348 do Livro II dos Fastos (transcritos na 1ª parte em 8.1.) ?

Os professores jesuítas omitiriam ou não essas passagens ?

De qualquer forma, graças a esta antologia alargava-se um pouco o horizonte cultural dos alunos, pela menção, por exemplo, da paternidade de Rómulo e Remo atribuída pela lenda ao deus Marte (ver ponto 19. da p. p.). Não haveria alunos que poderiam estabelecer o confronto com a concepção de Jesus por Maria ?

Quanto aos *Tristes* e às *Cartas do Ponto*, tratando-se de puro lirismo autobiográfico, embora não seja considerada poesia de primeiro quilate, os Jesuítas certamente encontravam aí bom material didáctico. Alguns aspectos mereceriam o devido relevo nas aulas: a feitura do livro em papiro (ponto 1.1.1.2.), o sentimento de saudade da pátria, muitas vezes expresso, de que se destacam os famosos versos "Cum subit illius

tristissima noctis imago, / Qua mihi supremum tempus in Vrbe fuit (ponto 1.1.3.1. da p.p.), o abandono na adversidade por parte dos amigos, particularmente expresso em 1.1.9.2. da p.p., as referências autobiográficas às causas do exílio e a justificação do seu procedimento (ponto 1.2. da p.p.). Por outro lado, a argumentação, à laia de advogado de defesa, em causa própria, como em 2.9. da p.p., teria o seu interesse na formação retórica dos alunos.

Tibulo

Álbio Tibulo terá nascido na região Pedana, entre Tívoli e Preneste, por volta do ano 55 a.C., duma família equestre, e terá morrido no mesmo ano que Virgílio - 19 a.C.

Como Ovídio, seu discípulo e admirador, exalta o amor por oposição à guerra e a qualquer ambição. Segundo Ettore Paratore, Tibulo foi integralmente divulgado na Idade Média[39]. Traço da sua biografia sempre mencionado é a amizade de Tibulo com o seu protector, o general Valério Messala Corvino. Chegaram até nós vários livros de elegias.

Na antologia, temos extractos das 1ª, 3ª, 7ª e 10ª elegia do Livro I; das 1ª e 5ª do Livro II; das 4ª e 5ª do Livro III; e da 1ª do Livro IV. Está, assim, bem representado na antologia.

1. Registe-se o realce concedido pelo antologista à personalidade de Tibulo, salientando a afabilidade do seu carácter: "Hic auctor cum ingenio et genio facili foret nobilissimos sibi uiros conciliauit. (*Este autor, sendo dotado de talento e de bom feitio, conseguiu a simpatia de homens muito distintos*"). Não transparecia aí um dos objectivos da educação dos Jesuítas - formar homens capazes de conquistarem a simpatia de outros homens para os conduzir aos seus ideais? E não se impunha conquistar em primeiro lugar os dirigentes pelo seu papel preponderante na sociedade? Este prefácio parece confirmar a estratégia adoptada pela Companhia de Jesus de influenciar o poder. Um tal objectivo decorre da própria militância apostólica de Inácio de Loiola. Por outro lado, a nota introdutória comprova a importância atribuída à ligação dos textos com a biografia dos seus autores.

O sumário que antecede a 1ª elegia vai no mesmo sentido : neste caso, o elogio de uma vida tranquila, ideal muito recorrente na poesia de Tibulo. E o antologista dá bom

espaço à expressão de uma certa *aurea mediocritas* tibuliana, suprimindo, porém, as presenças femininas. Acontece que a supressão da menção das companheiras (poéticas ou reais, pouco importa para o caso) altera radicalmente o quadro da felicidade descrito por Tibulo, assim definido por Max Ponchont na edição das Belles Lettres, quanto à 1ª elegia do Livro I:

> Le théme dominant est que ce bonheur suprême est la vie simple et tranquille à la campagne avec une amie tendre[40].

Mesmo cumprindo a obrigação de omitir as referências directas aos amores de Marte com Reia Sílvia, o antologista não privou os alunos dos dados essenciais à informação sobre a atracção exercida pela vestal sobre o deus da guerra (vv. 51-52, transcritos na p. p.). Também uma referência a Vénus, que, no caso de o poeta morrer, o levaria aos Campos Elísios, da 3ª elegia do Livro I, surpreendentemente vem na antologia.

2. O que o antologista não perde são as boas descrições da natureza, como é o caso dos vv. 13-14 da 7ª elegia do Livro I.

3. Verdadeiro relevo é concedido pelo antologista à exaltação da paz, ao ponto de encabeçar os extractos da 10ª elegia do Livro I com um sumário a expor o tema (p. da p.p.). Influência da militância dos irenistas e do próprio Erasmo de Roterdão, que tanto se empenhou nesse ideal?

4. Com habilidade, separam-se as referências amorosas relativamente à exaltação da vida rústica, para não perder esta última temática. E com que entusiasmo não terá o antologista recolhido deste poeta erótico o elogio da castidade na 1ª elegia do Livro II, vv. 13-14: *Casta placent superis*! *A castidade agrada aos deuses*!

---

39 "(...) Tibullo ha lasciato traccia di sé in tutte le letterature moderne, ma particolarmente in quella Francia, che già del sec. XIII aveva dato segno di conoscerlo integralmente" (Paratore, 1962, p. 472).

Propércio

Sexto Propércio nasceu na Úmbria, por volta do ano 50 e terá morrido talvez no ano 14 a.C. A sua família, originariamente abastada, sofreu um golpe com a espoliação de parte das suas terras a favor dos veteranos da batalha de Filipos, após o ano de 41.

Propércio deixou-nos 4 livros de elegias. À semelhança de Tibulo e de Ovídio, foi bem conhecido na Idade Média e no Renascimento.

A *sylva* apenas recolhe extractos do Livro IV, o qual se distingue dos anteriores pelo tom laudatório, aproximando-se do estilo épico.

Num breve comentário aos extractos da antologia, destaco:

1. A menção da história de Tarpeia, sua traição e castigo. Satisfazia-se assim o objectivo da *eruditio* (o acontecimento é relatado pelo historiador Tito Lívio) e o aproveitamento do exemplo moral.

2. A importância dada à batalha de Actium e ao seu protagonista - Octávio Augusto. Além da personalidade de Augusto interessaria a narração-descrição: *Describitur insignis victoria* ... - lembra o sumário.

3. A figura matriarcal de Cornélia, um exemplo de boa esposa e mãe, tem tratamento adequado.

4. Como habitualmente, observa-se a supressão de amores (confissão de Tarpeia) ou mesmo da simples referência a um castigo de um herói (Hércules), que é obrigado a passar por mulher e a fazer trabalhos considerados femininos.

---

40 Ver Tibulo, 1950, p. 7.

Estácio

Papínio Estácio nasceu em Nápoles, por volta do ano 40 e morreu em 96 da era cristã. Mudado para Roma, a sorte aí não o bafejou. Vivendo na pobreza, viu-se obrigado a adular o imperador Domiciano, sem contudo perder a dignidade que uma boa educação lhe proporcionara.

Chegaram até nós uma obra épica - *Tebaida* - e cinco volumes de poesia lírica com o nome de "Silvae"[41]. É da poesia lírica que a antologia jesuítica fornece extractos.

É certo que o antologista recolheu apenas algumas passagens de duas "silvae" de Estácio. Mas, tratando-se de um poeta menor, revela preocupação em fornecer variedade de autores e de textos. A escolha de versos relativos a Domiciano (52-96 d. C) relevará da intenção não só de situar o poeta no seu tempo histórico, como ainda de fornecer um dado biográfico: a adulação ao imperador para captar-lhe os benefícios. O antologista mostra ainda alguma abertura na selecção dos textos, deixando passar o elogio da vida terrena por oposição à celeste (Ver ponto 1.7. da p.p).

Juvenal

Júnio Juvenal nasceu em Aquino, por volta do ano 60 e morreu depois do ano 127 da nossa era. Entre os seus amigos contam-se Estácio e Marcial. Tinha cerca de 35 anos quando começou a escrever as suas sátiras[42].

O antologista transcreveu na íntegra a sátira VII. Como demonstrei na p.p, a escolha deveu-se certamente ao tema da sátira: a situação dos intelectuais, vincadamente

---

41 "Nous trouvons, pourtant, plus d'intérêt dans ses Silves (ou «Impromptus»). Ce sont, en cinq livres, 32 pièces, la plupart écrites en hexamètres dactyliques, à propos d'«événements du jour» de tout ordre: inauguration d'une statue équestre de Domitien, d'une nouvelle route; description d'oeuvres d'art ou de villes appartenant à de riches protecturs (...)" (Bayet, 1958, p. 550).

42 "Juvenal é, na verdade, uma figura notável daquela época. É o homem sem pressa, que investiga detidamente em si próprio, mas, quando encontra a sua expressão, sabe bem o que quer (...). A observação, levada ao extremo, descobre em Juvenal o seu verdadeiro temperamento, que é o de um observador atormentado, aos olhos do qual a vida, em todas as suas manifestações, não é senão vício" (Marmorale, 1974, II, p.25).

dependentes do poder para poderem sobreviver. O género literário, ou melhor, o subgénero sátira não terá sido alheio à inclusão de Juvenal, autor bem representativo do satírico[43].

Marcial

Valério Marcial, espanhol, nasceu cerca de 40 e deve ter morrido por volta do ano 104 da era cristã. Ficou consagrado para a posteridade pelos seus 15 volumes de epigramas. Era amigo de todos os escritores do seu tempo. Os críticos literários acentuam em Marcial sobretudo a capacidade de observação e de descrição da sociedade, dos homens, dos costumes, dos pormenores significativos[44].

Vimos acima como o P.e Manuel Álvares diz ter cumprido a ordem da Companhia no sentido de preparar um antologia de epigramas de Marcial, tendo vencido a dificuldade de o expurgar dos poemas lascivos. Há extractos apenas dos primeiros cinco livros, mas ficavam prontos para publicação mais nove.

Da análise da antologia jesuítica feita na p.p., destaco agora alguns aspectos.

1. Mostra-se grande interesse pelos epigramas de Marcial.

2. Confirmando o interesse dos antologistas pelas descrições, no caso de Marcial acresce a atenção aos epigramas que se referem à terra natal do poeta - Bílbilis, na Espanha Tarragonesa. Mas mais original é o epitalâmio referido em 5.4 da p.p. Veja-se ainda o interesse pela culinária em 6.8.

3. Igual atenção merecem aspectos técnicos da feitura dos livros (ver os pontos 5.3. e 6. 2. Da p.p.).

4. O P.e Manuel Álvares não se limitou a omitir epigramas obscenos, mas todos os epigramas ou versos que justificavam a licenciosidade, como vem expresso em 2.1. da p.p.

---

43 A célebre máxima *Corrigendo castigat mores* tinha plena aplicação a Juvenal. É natural que os Jesuítas tivessem o maior interesse num autor satírico que se impusera como modelo romano da correcção de costumes através das suas sátiras.

Marco Túlio Cícero

Marco Túlio Cícero, nascido em Arpino em 106 e assassinado a mando de Marco António em 43 a. C, é a grande personalidade literária do primeiro período áureo da literatura latina. Os manuais de história literária tendem a designar a primeira metade do século I a. C. por "Época de Cícero", de tal modo o maior orador romano se destaca no seu tempo como figura cimeira de Roma.

Logo que os Cristãos tiveram de confrontar a mensagem evangélica com as culturas helenística e romana, procuraram descobrir nos autores pagãos valores compatíveis com o Cristianismo. Ora Cícero, tanto pelas suas ideias como pelo seu comportamento cívico, apresentava-se quase como um modelo. Não admira, pois, que S. Jerónimo (sécs. IV-V) se tenha entusiasmado com Cícero ao ponto de o considerar como paradigma do bom latim, tendo ficado célebre o seu pesadelo de se ver acusado no tribunal divino de ser mais ciceroniano do que cristão (- *ciceronianus es, non christianus!)*. Os humanistas cristãos dos séculos XIV-XV adoptaram idêntica atitude, preconizando a modelação do estilo pelo de Cícero. E não se ficavam só pelo estilo, assimilavam muitos dos ideais ciceronianos. Contra um tal exagero se insurgiu Erasmo de Roterdão no diálogo Ciceronianus (1528) aí defendendo a formação do estilo pessoal à base do estudo e da imitação de autores variados, e apresentando Jesus Cristo como modelo dos verdadeiros cristãos.

Mas, para Erasmo, uma coisa era a imitação do estilo de Cícero; outra, o apreço que lhe merecia o autor romano. Uns anos antes do Ciceronianus, em carta de 1523, escreve o Sábio holandês:

> Que efeito tem nos outros, não sei; pela minha parte, quando leio Cícero, especialmente quando ele trata de bem viver, sinto em mim tal impressão que não posso duvidar de que o coração de onde tudo isto brotou recebia inspiração divina. E este meu juízo mais me satisfaz quando reflicto na vastidão, na infinitude da bondade de Deus, que, segundo me parece, alguns tentam encerrar em limites estreitos, simplesmente de acordo com as suas próprias ideias[45].

---

44 "Le maître-don de Marcial est la justesse de l'observation: la vue, l'ouie, l'odorat sont chez lui d'une égale finesse; et il sait rendre ses impressions, d'un mot, avec toute leur force ou leur fraîcheur" (Bayet, 1958, p. 556).

45 Citado e traduzido do latim por Américo da Costa Ramalho no "Prefácio" a Cícero. As Catilinárias, Defesa de Murena, Defesa de Árquias e Defesa de Milão, Editorial Verbo, Lisboa. S. Paulo, 1974, p. 36.

Neste quadro se insere a inclusão de Cícero nas antologias jesuíticas do século XVI.

Como sabemos, Cícero sobressai em vários domínios literários. É o advogado brilhante, a avaliar pelos processos em que se envolveu e que conhecemos pelos textos chegados até nós; é o epistológrafo exímio, de um latim sempre adequado aos temas, às circunstâncias e aos interlocutores; é o ensaísta de valiosos tratados de retórica, de filosofia e de profundas e variadas reflexões sobre a vida nas suas diversas cambiantes.

Estes méritos de Cícero continuam hoje reconhecidos. Mas no séc. XVI, como ainda nos dois seguintes, acrescia uma razão maior para apreciar Cícero: o facto de o Latim ser a língua da Europa culta. Ora Cícero era um modelo de latinidade.

Pelo que conhecemos das orientações do ensino dos Jesuítas, não é difícil perceber a selecção de textos de Cícero para as suas antologias. Por um lado, tratava-se de apresentar textos que fossem ponto de partida para o necessário enquadramento numa biografia do homem comprometido com o seu tempo. Por outro, a escolha deveria exemplificar os vários géneros literários em que Cícero pontificou - epistolografia, oratória, ensaísmo. E tudo isso subordinado a um objectivo pedagógico-didáctico sempre presente: tomar Cícero como um modelo de latinidade para os alunos católicos. Aliás, isso vem explicitado na antologia: *unde eloquentiam simul et pietatem hauriant*, como referi na primeira parte. Numa obra tão rica e complexa como a de Cícero, não era fácil optar por este ou aquele extracto. Tentemos vislumbrar as razões das escolhas.

1. Na epistolografia privilegiou-se a relação familiar: cartas à esposa Terência e ao irmão Quinto. Ao mesmo tempo, muitas dessas cartas apontam para circunstâncias biográficas - *v. g.* o exílio de Cícero em consequência do seu duro exercício do consulado -, para a defesa dos valores no exercício do poder - caso dos conselhos dados ao irmão enquanto procônsul numa província romana -, etc. Mas uma razão mais comezinha presidia à selecção das cartas: servirem de bons modelos epistolares. Não terão sido a leitura dessas cartas e os exercícios de composição a partir delas determinantes no estilo epistolar do Padre António Vieira, formado nos seminários da Companhia nos princípios do século XVII ?

2. Os extractos de Discursos de Cícero prestavam-se a satisfazer os vários objectivos expostos. Assim:

2.1. Enquadramento biográfico: as "Catilinárias" apontavam para o exercício consular. Os discursos *Pro Marcello* e *Pro Ligario* levavam a referir as melindrosas relações de Cícero com César[46], nos tempos do triunfo do Ditador, que não havia contado com o apoio de Cícero; as "Filípicas" permitiam ver renascido o velho lutador, que retomava o combate ao serviço da Pátria contra Marco António. Naturalmente, abria-se ao professor a oportunidade de anunciar o desfecho deste empenhamento cívico: Cícero é vilmente assassinado pelos homens-de-mão de Marco António, depois do pacto deste com Octaviano Augusto, cuja causa Cícero havia defendido.

2.2. A apologia de valores intemporais, como os da arte. O melhor exemplo disso é a transcrição integral do *Pro Archia*, onde Cícero exalta a poesia.

2.3. Na carta ao irmão Quinto (ver ponto 2. da p. p.) encontravam os alunos princípios do exercício do poder em conformidade com a ética política tradicional portuguesa, e em contraponto com as teorias de Maquiavel[47].

2.4. Os Jesuítas visavam preparar bons juristas e oradores, tanto para o apostolado católico como para a vida civil. Os discursos ofereciam óptimos exemplos de inventariação (*Inventio*) dos materiais, da ordenação (*Dispositio*) de ideias e argumentos, e da sua expressão (*Elocutio*), ensinando (*docendo*), recreando (*delectando*) e sensibilizando (*movendo*). De que tesouro não dispunham para tais objectivos os alunos nos discursos imortais do Arpinata como as "Catilinárias", "Em defesa de Árquia", nas "Filípicas", etc. ?

3. Nas *Tusculanas* e nos *Paradoxos* encontravam professores e alunos bons textos para reflexão. O aluno podia aperceber-se das posições de Cícero quanto às escolas filosóficas do tempo, captando noções sumárias nomeadamente sobre o epicurismo e o estoicismo.

---

[46] O *Ratio Studiorum*, ao preconizar a introdução de discursos de Cícero em humanidades, refere expressamente. "algumas orações como (...) *Pro Marcello* ou outras pronunciadas diante de César" (Cf. Franca, 1952, pp. 49-50). Por aí se vê a tenção prestada ao contexto político-cultural dos discursos.

[47] Confrontem-se os ensinamentos de Cícero com a recomendação de Maquiavel aos príncipes de que mais valia serem temidos do que amados (Cf. Maquiavel, O Príncipe, 1976, p. 89).

Plínio o Jovem

Plínio O Jovem, sobrinho e filho adoptivo de Plínio-O-Velho (naturalista), nasceu em 62 e morreu por volta de 113 da era cristã. Impôs-se mais pela sua vida exemplar do que pela qualidade literária da sua obra, sendo um escritor de segunda ordem[48]. À semelhança de Cícero, seguiu o *cursus honorum:* questor, pretor, cônsul e procônsul. Aliás, considerava Cícero, a par do grego Demóstenes, seu modelo retórico. Mas é no género epistolar que a crítica literária lhe atribui maior valor.

O lugar ocupado na *sylva* jesuítica pelo único extracto de Plínio O Jovem - no fim das cartas de Cícero -, faz pensar que o antologista não só terá pretendido aproximar Plínio do seu mestre e modelo, como ainda atender ao género e ao modo literário, dando relevo à carta e a uma original descrição. Fosse, porém, qual fosse o propósito, a *sylva* sai enriquecida com um texto interessante e com a referência a mais um autor.

---

[48] Cf. Bayet, 1958, p. 596.

Plauto, Terêncio e Séneca

- Comédia e tragédia

Francis Bacon (1561-1626), elogiando as "Declamações Teatrais" das escolas dos Jesuítas, encarece assim as suas virtudes pedagógicas: "fortalecem a memória, educam a voz, apuram a dicção, aprimoram os gestos e as atitudes, inspiram a confiança e o domínio de si, habituam os jovens a enfrentar o olhar das assembleias"[49].

O jesuíta brasileiro Leonel Franca recolhe este testemunho do autor do Novum Organon, contemporâneo da expansão do ensino dos Jesuítas na Europa, para exaltar o papel dos Jesuítas nas representações teatrais do século XVI e seguintes, como referirei mais abaixo. Convém, porém, não esquecer que as peças do teatro clássico não subiam ao palco jesuíta. A atestá-lo aí está a regra n.º 13 das "Regras do Provincial" do Ratio Studiorum:

> O assunto das tragédias e comédias, que convém sejam raras e só em língua latina, deve ser sagrado e piedoso; nada deve haver nos entreactos que não seja em latim e conveniente; personagens e hábitos femininos são proibidos[50].

Desta forma se excluíam não só peças em português ou castelhano, como as de Gil Vicente, mas ainda as peças teatrais de Plauto, Terêncio e Séneca, mesmo as estudadas nas aulas, dado o facto de os temas destes três dramaturgos serem profanos e, normalmente, incluírem personagens femininas.

A avaliar pelos prefácios a esses dramaturgos nas antologias e à semelhança do preconizado para os restantes autores, a tónica estaria no estudo da língua latina, e, no caso dos textos dramáticos, na atenção ao diálogo enquanto modo literário. Importa, no entanto, atentar no sentido do elogio de Francis Bacon, acima referido. Apesar dos atentados á coerência dos textos e da supressão ou truncagem de personagens femininas por razões de "impureza", muitas das virtualidades dramáticas eram certamente assimiladas pelos alunos. A comprová-lo está, por exemplo, o teatro dum dos mais notáveis professores jesuítas de Humanidades de Coimbra nessa 2ª metade do séc. XVI. Refiro-me ao Padre Luís da Cruz.

---

49 Citado de "De dignitate et argumentis scientiarum" por Leonel Franca, 1952, p. 72.

50 Cf. Franca, 1952, p. 135.

A sua extensa peça de teatro (mais de 4000 versos) *O Pródigo*, exibida em representações escolares públicas, demonstra boa assimilação do teatro de Plauto, Terêncio e Séneca[51].

O "Ratio" apresenta Plauto como modelo de linguagem coloquial. E no prefácio da antologia, já comentado na p. p., os poetas cómicos são recomendados como modelos de linguagem quotidiana e familiar (*qui vos in quotidiano et familiari sermone non parum iuvare possent*). Em segundo lugar viria a "erudição" ou informações de carácter histórico, mitológico ou outras. É o que se deduz das orientações gerais da "prelecção" nas "Regras do professor de Humanidades" do "Ratio Studiorum":

> A prelecção poderá ser às vezes levemente salpicada com ornamentos de erudição quanto exigir a explicação do trecho; concentre, porém, o professor o seu trabalho nas observações relativas à língua latina, na força e etimologia das palavras baseadas nos autores mais abalizados, principalmente antigos; no emprego e variedade das expressões; na imitação do autor (...)[52].

Os Jesuítas apreenderam bem a importância do diálogo na aprendizagem. A sua sólida formação intelectual permitia-lhes conhecer a destrinça, já feita por Platão, entre a voz do narrador e a voz da personagem[53]. E conheciam a força das representações teatrais, derivada em boa medida dessa imitação do real ou *mimese* na terminologia de Platão. Por isso fizeram do teatro um instrumento essencial dos seus objectivos pedagógicos, como diz Leonel Franca:

> Ao lado destas incontestáveis vantagens [as enunciadas por Francis Bacon], e além da própria finalidade recreativa inerente ao teatro, visavam também os padres a formação cívica, moral e religiosa da juventude. [54]

Se é certo que, por limitações doutrinais, não tiraram todo o partido dos textos dramáticos, não há dúvida que souberam aproveitar os dramaturgos pondo-os ao serviço da construção da língua, ou melhor, das línguas - a latina, directamente, e a portuguesa, esta não apenas pelo enriquecimento proporcionado pelo latim, mas ainda como língua de

---

51 Ver artigo de António Martins Melo intitulado "Luís da Cruz (1534-1604), contemporâneo de José de Anchieta (1534-1597)" *in Actas do Congresso Internacional* ... 2000; e ainda o prefácio de J. Mendes de Castro, e a introdução de R. M. Rosado Fernandes a *P.e Luís da Cruz S.J., O Pródigo,* II vol., 1989.

52 Cf. Franca, 1952, p. 202.

53 Platão, na *República*, distingue a simples narrativa, restrita à voz do narrador, a imitação ou mimese - voz da personagem - e a narrativa mista, em que se misturam a voz do narrador com a voz da personagem. (Ver Aguiar e Silva, 1988, p. 340).

54 Cf. Franca, 1952, p. 72.

versão e de exercícios de aplicação. A prova desse interesse está no grande número de extractos dramáticos.

Também a informação sobre os dramaturgos e o contexto cultural esteve no centro das preocupações dos antologistas. Prova-o, por exemplo, a atenção prestada aos prefácios de Terêncio, tão ricos de ensinamentos sobre os problemas do dramaturgo, na representação das suas peças.

Plauto

A história da literatura latina, em termos de autores com valioso legado para a posteridade, pode dizer-se que começa em Plauto. Com efeito, o dramaturgo não só escreveu e fez representar dezenas de peças de teatro, como teve um papel preponderante na cultura romana ao enxertar nela muito da cultura helenística. Se o papel pioneiro da helenização de Roma coubera, entre outros, a Lívio Andronico e a Névio, foi muito mais extensa e, sobretudo, mais duradoira a acção exercida pelo teatro de Plauto. Assim o compreenderam a Idade Média e o Renascimento.

Quando André de Gouveia e outros "bordaleses", em 1548, tomaram conta do Colégio das Artes de Coimbra, havia representações na cidade, em festas escolares, de peças dos dramaturgos romanos, na língua do Lácio. Aliás, essas representações já vinham de trás. Os Jesuítas, ao excluírem das suas exibições teatrais os temas profanos, vão pôr cobro à directa representação dos autores pagãos.

Não deixa de ser curioso que o padre Luís da Cruz no "Prólogo" ao *Pródigo*, referindo-se à representação duma peça de Plauto perante D. João III em 1550, escreve: "Mas as pessoas importantes e os especialistas de todas as literaturas registaram que para nós, jovens, o assunto não teve graça e foi grotesco". Depois acrescenta que, posteriormente, o público aderiu em cheio ao teatro feito "por gente nossa". É um testemunho suspeito, até porque Luís da Cruz em 1550 tinha 7 anos de idade e, de duas uma: ou não assistiu à peça (mas como dizer então "nós, jovens"?) ou, fosse qual fosse a peça de Plauto, nunca ela estaria ao alcance da sua compreensão[55].

---

55 Ver artigo "Teatro jesuítico e teatro de Anchieta: nas origens", de Maria Margarida Miranda, *in Actas do Congresso Internacional* ... 2000, e "Prólogo", em tradução de R. M. Rosado Fernandes *in P.e Luís da Cruz S.J., O Pródigo*, II vol., 1989.

Plauto nasceu na Úmbria por volta do ano 250 e morreu em 184 a. C. O dramaturgo adapta peças gregas à língua e ao cenário romanos. Obras como *Aulularia, Trinummus, Amphitruo* e *Miles Gloriosus,* entre outras, são tão célebres hoje como o eram no século XVI.

As antologias da Companhia fornecem extractos de quatro comédias de Plauto: *Aulularia, Captivi, Stichus* e *Trinummus*. Os antologizadores são bem claros na justificação dos critérios da selecção: sendo equivalentes às outras em elegância, superam as restantes pela probidade do argumento (*argumenti honestate*). E lembram as preocupações dos docentes jesuítas no duplo objectivo de instruir nas letras e de formar na piedade, religião e em todas as virtudes (*litteris instituant* (...), *pietate ac religione caeterisque virtutibus informent*).

A *Aulularia* está centrada na figura dum velho avarento, a quem é roubada a panela com o oiro pelo criado do apaixonado da filha do velho, a qual termina por receber o tesouro em merecido dote. Nos *Captivi*, de dois prisioneiros de guerra se conclui que são irmãos, e reencontram o pai, que tudo fez para os recuperar. *Stichus* põe em cena duas irmãs, mulheres casadas, exemplares na fidelidade com que aguardam o regresso dos maridos. Finalmente, em *Trinummus* é difícil de saber que mais admirar: se as virtudes dum pai ou as qualidades dum bom filho e bom irmão.

Duma apreciação genérica dos extractos antológicos de Plauto, podemos concluir:

a) A selecção de extractos deve ter visado sobretudo proporcionar boas reflexões morais. a avareza (*Aulularia*), o pai exemplar (*Captivi*), a fidelidade feminina no casamento (*Stichus*) e um filho pródigo que, regenerado, se revela bom irmão (*Trinummus*).

b) Não custa a admitir que na escolha de duas (*Captivi* e *Trinummus*) das quatro peças tenha pesado o facto de não haver personagens femininas. Numa terceira (*Aulularia*) é desvirtuada a personagem feminina central da peça (Fedra). Na única peça (*Stichus*) em que sobressaem duas mulheres, há cortes que impedem o leitor de apreender a real dimensão das duas protagonistas.

Nas peças de Plauto perpassa uma visão pessimista sobre as mulheres. O dramaturgo está em consonância com a mentalidade tradicional romana. Mas o que não espanta em Plauto, já é de estranhar nos antologistas jesuítas, que vão ao ponto de deturpar

os textos para prevenir contra o casamento, como demonstrei em 3. 5. 1. 1. da primeira parte[56]

c) Numa peça como *Trinummus* encontrariam os antologistas confirmada a tese de que os autores pagãos eram portadores de muita sabedoria, apropriável pelos cristãos.

d) Prova de que os Jesuítas, mesmo quando reproduziam as peças praticamente na íntegra, de forma alguma visavam a sua representação, está nos cortes introduzidos que deixam certas cenas sem sentido, como expliquei em 4. 7. 1. da primeira parte.

e) Até numa peça como *Trinummus*, cujo tema central é a dissipação do património e a ruína pessoal em consequência de devassidão amorosa, o antologista suprime, no reconhecimento do protagonista arrependido, a referência ao poder de Vénus sobre si (*Vi Venere uinctus)*.

f) Não abundam nas antologias jesuítas passagens relevantes de amor fraterno. É o caso da omissão de 4. 11. da primeira parte.

---

56 Um juízo de valor condenatório sobre o tratamento dado às mulheres nas antologias, como neste caso concreto de Plauto, não tem de ceder perante a crítica fácil de que se tratava de mentalidade da época, a menos que se pretenda reduzir o pensamento do tempo ao domínio da Igreja Católica. Percorra-se atentamente a obra vicentina e logo aí se descobrem verdadeiros valores femininos. Nem, por outro lado, a Igreja podia desconhecer a mensagem valorativa das mulheres no Novo Testamento. Também não tinham faltado no seio da Igreja grandes teólogos, como Erasmo de Roterdão, que reconheceram à mulher o estatuto patenteado nos comportamentos, atitudes e palavras de Jesus de Nazaré. É certo que alguns textos das epístolas paulinas eram claramente misóginos, e estava então por demonstrar a falsa atribuição a S. Paulo de passos das suas cartas em que particularmente se apoiavam os que subalternizavam as mulheres: primeira carta aos Coríntios, 14, 33-35, e primeira carta a Timóteo, 2, 11-15. Herbert Haag, sacerdote católico e teólogo jubilado da Universidade de Tubinga (Alemanha), voz internacionalmente ouvida e reconhecida, em obra acabada de publicar, dá por cientificamente demonstrado que essas passagens resultaram de interpolação pós-paulina, no final do século I (Ver Herbert Haag, A Igreja Católica ainda tem futuro ?, Lisboa, Editorial Notícias, 2001, p. 89).

Terêncio

Terêncio nasceu no Norte de África, provavelmente em Cartago, por volta do ano 190 e morreu em 159 a. C. As suas seis peças que chegaram até nós foram representadas entre 166 e 160 a C. Se, como Plauto, adapta as comédias gregas á cena romana, Terêncio consegue trazer ao público boa parte da subtileza psicológica da Comédia - Nova helenística. O seu principal modelo é Menandro.

Plauto está mais próximo da plebe romana, cuja simpatia soube captar; Terêncio, apesar de escravo (depois liberto), conviveu desde tenra idade com gente da boa aristocracia romana, o que o tornou mais distante das massas populares. Isso, acrescentado a uma boa índole, deve explicar a sua fina sensibilidade, de cunho surpreendentemente aristocratizante naquele antigo escravo[57].

Das seis comédias de Terêncio, as antologias recolhem extractos de três: Andria, Eunuchus e Heautontimorumenos. Em "Ândria" é a protagonista - uma rapariga de Andros - que dá o nome à peça. É uma história de amores com remate feliz. Pelo contrário, "Eunuco" vai buscar o título ao enredo - o violador disfarça-se de eunuco para lograr os seus intentos. Em o "Castigador de si mesmo" (tradução da palavra grega), a designação escolhida releva da própria intenção moralizadora do dramaturgo: um pai que se castiga a si próprio por ter sido excessivamente severo com seu filho.

Especial atenção prestaram os Jesuítas aos prólogos de Terêncio, cuja novidade consiste essencialmente na autodefesa do dramaturgo relativamente às críticas malévolas e caluniosas. Enquanto os prólogos de Plauto eram textos de apresentação das peças e de motivação do público, em Terêncio são discursos argumentativos. Aos alunos do século XVI serviriam de modelos de argumentação, para além de realçarem o direito de um autor repor o seu bom nome e o reconhecimento do próprio mérito. Acresce ainda o facto de os alunos ficarem com a noção das peças de que não recebiam extractos.

Tiremos agora algumas conclusões sobre a análise dos extractos das três peças mencionadas:

---

[57] Terêncio consegue ultrapassar os traços genéricos dos tipos importados da Comédia-Nova helenística, abrindo caminho à análise psicológica. É o que acentua um crítico literário como Jean Bayet: "(...) la délicatesse et le réalisme de l'analyse psychologique nous donnent l'impression non plus de fantoches, mais d'êtres humains (...). D'autre part, l' atténuation des types les plus hors-nature (qui étaient aussi les plus immoraux), d'après le principe, juste en soi, qu'aucun homme n'est tout à fait bon ni tout à fait méchant, fait disparaître de ses comédies le scandale éclatant de certaines scènes plautiniciennes: le progrès est notable surtout dans la moralité des pères et la conscience des fils, dans la conduite des esclaves" (Bayet, 1958, p. 135).

a) O propósito educativo de retirar uma lição de moral de cada uma das peças sobressai pela apresentação, à cabeça, de sumários redigidos, caso a caso, pelos antologistas. Esses sumários são elaborados de acordo com os cortes e as alterações nos textos. Naturalmente por isso é que substituem os de Sulpício Apolinário.

b) Já no *Ratio* se referia a dificuldade em seleccionar textos de Terêncio expurgados de "impurezas, as quais - note-se - no geral não passam de cenas edificantes de amor. Os antologistas venceram o obstáculo manipulando o original, como ficou demonstrado com os extractos de "Ândria" e "Eunuco".

c) "O Castigador de si mesmo" é bem tratado na antologia, o que demonstra o interesse por uma peça centrada nas relações familiares.

Séneca

Séneca, nascido em Córdova (Espanha), deve ser mais ou menos do ano de Jesus de Nazaré. Morreu, por suicídio imposto, no ano 65 da era cristã. Foi preceptor de Nero e depois seu ministro.

Séneca é conhecido, sobretudo, como filósofo estóico[58]. Mas para as "classes inferiores" dos colégios jesuítas interessou apenas Séneca dramaturgo[59]. No entanto, os Jesuítas parece terem compreendido a estreita ligação entre o filósofo e o dramaturgo. Residirá aí a razão da inclusão nas antologias de relatos de pormenores macabros ou de crueldade requintada ? De facto, é difícil encontrar uma explicação plausível para isso, dado o choque evidente com a sensibilidade dos adolescentes. Pretenderão acentuar os paroxismos das paixões escapadas ao controlo da razão estóico-epicurista ? Seja como for,

---

[58] São os conceitos do estoicismo, nomeadamente no que respeita à participação da razão individual na organização racional do Universo, que mais afloram nas tragédias de Séneca. Mas Séneca é ecléctico, não se circunscreve a um único sistema filosófico (Ver Bayet, 1958, p. 472).

[59] Rosado Fernandes considera que *O Pródigo* do P.e Luís da Cruz acusa influência do teatro romano, particularmente das tragédias de Séneca (Ver "Poética clássica e poética jesuítica" *in P.e Luís da Cruz, O Pródigo, vol. II, 1989).*

há que tentar justificar os relatos de violências como as descritas quer nos "argumentos" redigidos para o "Tiestes" e "As Troianas", quer nos mencionados em 1.5., 2.7. e 4.8.2.[60].

Algumas conclusões da análise da primeira parte:

a) As paixões cegas conduzem a actos de autêntica loucura. O horror causado por atitudes tresloucadas seria, provavelmente, tomado em conta na selecção das peças.

b) Grande atenção é prestada às descrições, mesmo quando rondam a centena de versos, como em 4.8.1.

c) O eclectismo filosófico de Séneca revela-se, por exemplo, em falas manifestamente epicuristas, como é o caso de 2.3. Certamente os docentes jesuítas saberiam tirar bom partido do contraste de opiniões.

---

60 Séneca não faz representar no palco cenas cruéis, antes as faz reproduzir através de mensageiros. Seguia nisso as orientações das *Poéticas* de Aristóteles e de Horácio. Este refere-se concretamente ao tratamento dramático dos mitos de Atreu e Medeia: "Não faças, no entanto, representar na cena o que deva passar-se nos bastidores, retira muitas coisas da vista, essas que melhor descreve a facúndia de uma testemunha. Que Medeia não trucide os filhos diante do público, nem o nefando Atreu cozinhe publicamente entranhas humanas" (Cf. Horácio. Arte Poética, 1984, p. 83). Causa, assim, estranheza que os antologistas da Companhia de Jesus não evitassem, por seu lado, mesmo os relatos dos episódios sangrentos e sádicos.

Tito Lívio, Salústio, Quinto Cúrcio e Floro.

- A historiografia

A historiografia romana atinge o seu apogeu na época de Augusto, com Tito Lívio, graças ao qual o género fica definitivamente consagrado para a posteridade. Salústio, que pertence ao período anterior - época de Cícero ou de Júlio César - apenas lhe abre o caminho; Quinto Cúrcio e Floro, por sua vez, são autores menores.

Tito Lívio

Tito Lívio nasceu em Itália, na cidade de Pádua ou arredores, no ano 59 a C. e morreu no ano 17 d. C. O cognome *Patavinus* foi-lhe atribuído por S. Jerónimo e é a confirmação da sua terra natal.

Tito Lívio é um verdadeiro modelo de intelectual probo. Conservador como bom paduano que é e fiel às tradições antigas, de convicções republicanas (partidário de Pompeu), granjeou a simpatia e o respeito de Octaviano Augusto. Admirador do novo imperador, pelos méritos que as elites da época a este reconheciam, não precisou de ocultar as suas convicções anti-monárquicas nem de adular o poder. Impôs-se pelo seu próprio valor.

As circunstâncias históricas proporcionaram a Tito Lívio boas condições para elaborar a sua volumosa obra. Com efeito, a pacificação do Império após a batalha de Áccio (31 a C.) e a protecção de Octaviano aos artistas favoreciam o labor intelectual. Não menos importante era o sentimento romano de orgulho pelo passado de Roma e pela grandeza atingida. A esta consciência colectiva do valor do povo romano acrescia nas elites o reconhecimento pela herança cultural grega.

Pudemos já verificar em Plauto e Terêncio momentos cruciais desse percurso de helenização da cultura romana. Na época de Augusto temos, particularmente com Horácio, Virgílio e Tito Lívio, a expressão da consciência de que Roma foi culturalmente "vencida" pela Grécia. Horácio exprimiu poeticamente essa subjugação de Roma à Grécia conquistada pelas armas: "Graecia capta ferum uictorem cepit et artes / Intulit agresti Latio - *A Grécia conquistada capturou o vencedor e introduziu as artes no rústico Lácio*".

Apesar de se terem perdido muitos livros dos "Annales" ou "Ab Vrbe condita libri" (*Livros desde a fundação de Roma)*, os volumes que se foram transmitindo de geração em geração são suficientes para ajuizar do alto valor de Tito Lívio, e para medir o seu contributo para a cultura europeia[61]. Ettore Paratore remata assim a dezena de páginas que consagra a Tito Lívio na "Literatura Latina":

> Ma anche la consistenza degli'ideali e della potenza artistica di Livio há dovuto soffrire assalti di tutti gli odiatori della romanità, anche in recentissimi tempi. Tuttavia la coscienza critica contemporanea non há potuto no inchinarsi di fronte alla grande arte liviana negli episodi di più profonda risonanza epica e dramatica[62].

Os Jesuítas reproduziram integralmente três livros: o I, o XXI e o IL. Tito Lívio oferecia a oportunidade de, por um lado, fornecer boas informações sobre a história romana, colher exemplos de descrições primorosas e de eloquentes discursos de efeito psicológico, etc., etc.; e, por outro lado, de dar lugar a reflexões morais, nomeadamente:

a) sobre o exercício do poder (ver ponto 1.5. e 2.2. da p. p.), em contraposição com os preceitos de Maquiavel[63];

b) a apologia do mérito pessoal[64] (ponto 2.3. da primeira parte).

---

61 Entre nós, a primeira influência significativa de Tito Lívio temo-la em João de Barros o autor das "Décadas da Ásia", denominado o "Tito Lívio português".

62 Paratore, 1962, p. 458.

63 Como demonstra Martim de Albuquerque, o Príncipe de Maquiavel (1532) era bem conhecido em Portugal. Mesmo que não tenha tido influência no pensamento político português, é natural que os Jesuítas aproveitassem as oportunidades oferecidas para reforçarem os princípios políticos consagrados na teoria e na prática portuguesas.

64 O Renascimento exaltou o mérito pessoal por contraposição com os benefícios recebidos em herança, nomeadamente a de sangue. A Epopeia nacional dá alto relevo ao novo conceito glorificando o herói

Salústio

Salústio Crispo nasceu na Sabina, em 86 (20 anos depois de Cícero) e morreu em 35 a C.

Fez carreira política, tendo por patrono Júlio César. No processo de defesa de Milão, que assassinara Clódio, protegido de César, Salústio toma o partido de Clódio. Sendo Cícero advogado de defesa de Milão, este processo mais terá afastado os dois escritores, politicamente divergentes.

Os contemporâneos de Salústio acusaram-no de incoerência entre os princípios que defendia - moralista intransigente - e a vida pouco ou nada exemplar. Mas isso não invalida o valor das suas duas grandes obras: Bellum Catilinae ou De Coniuratione Catilinae e Bellum Iugurthinum. O facto de dar lugar, nas suas obras, ao que pensam as suas personagens históricas, às vezes em detrimento da própria acção, poderá até interpretar-se como a consciência dessa disparidade pessoal. O seu modelo grego é Tucídides (século V a C), a quem imita sobretudo no gosto de dissertar, mas ultrapassando-o na penetração psicológica das personagens, como escreve Jean Bayet:

> Par le sens psychologique, Salluste surpasse son maître. Surtout en fait de psychologie individuelle. Mais, en analysant le caractère d'hommes de premier plan, il suggère la psychologie collective de groupes sociaux ou même de races (...). Salluste a conscience de cette force; il se plaît aux portraits; il a le don, d'une part, de créer la vie rien que par des détails abstraits; de l'autre, de suggérer par les mots les sentiments intimes de ceux qu'il fait parler[65].

Os ideais professados por Salústio inscrevem-se nos valores da romanidade. A isso atenderam certamente os antologistas da Companhia ao transcreverem integralmente o "De Coniuratione Catilinae". Para os discípulos de Inácio de Loyola, a quem o mestre recomendara atenção à singularidade de cada pessoa, dando o exemplo de bom observador da alma humana, que interesse não lhes despertariam os retratos contrastivos de Catão e César ? E a clemência de César vitorioso, também louvada pelo insuspeito Cícero, não se inscrevia entre os altos valores cristãos e reversos de Nicolau Maquiavel ? Tudo isto e muito mais - sem perder de vista o interesse linguístico e literário dos textos salustianos - motivaria os Jesuítas.

---

que, em vez de se acomodar "nos antigos troncos nobres de seus antecessores", vai "buscar, com seu forçoso braço, as honras que ele chame próprias suas" (Lusíadas, VI, 95-97).

[65] Bayet, 1958, p. 266. Para os dados biográficos sobre Salústio apoiei-me ainda em Marmorale, 1974.

Quinto Cúrcio Rufo

Sem se saber a que época pertence Quinto Cúrcio (séculos I ou IV d. C. ?), o que importa reter é que ficou na história da literatura latina como o historiador romano de Alexandre Magno: De rebus gestis Alexandri Magni libri X.

Como demonstrei na p. p., deve ter sido intenção dos antologistas jesuítas apresentar textos que servissem de introdução à figura de Alexandre Magno, o qual tanto alimentou a literatura medieval europeia. O cronista e o herói constituíam matéria importante para a erudição humanística dos estudantes dos colégios da Companhia.

Que estava certa a intuição dos antologizadores confirma-se no nosso tempo com o espaço que Quinto Cúrcio ocupa na antologia "Latini Auctores, Segundo Livro", de Nunes de Figueiredo e Maria Ana Almendra", aprovada como livro único para o 7° ano dos liceus em 1968[66].

Lúcio Ânio Floro

Com Floro incluído nas antologias jesuíticas fica aí devidamente assinalado o período de decadência da literatura latina não cristã.

A obra histórica de Floro, produzida no tempo do imperador Adriano (117-138 d. C.), rende homenagem à grandeza de Roma e a um dos escritores maiores da romanidade - Tito Lívio. Com efeito, os dois livros "Bellorum omnium septingentorum" são um resumo da magna obra de Tito Lívio.

Os Jesuítas reproduziram quase integralmente a obra de Floro. Prestava-se ela a balizar os principais acontecimentos da história de Roma.

Dois extractos transcritos na *sylva* merecem, a meu ver, especial atenção: o poder de sedução exercido por Cleópatra sobre Júlio César e sobre Marco António (Ver pontos

---

66 As razões da inclusão de Quinto Cúrcio nos programas de Latim em pleno século XX não devem ter sido muito diferentes das motivações dos Jesuítas no século XVI. Os autores de "Latini Auctores", à laia de justificação deste historiador pouco rigoroso, escrevem:

"Distingue-se, porém, como escritor, dotado de intuição psicológica e de capacidade para utilizar, em belos discursos ou reflexões de carácter moral, uma língua, não já de clássica latinidade, mas agradável e pura.

A penetração da história pela oratória, característica da literatura latina, persiste neste escritor, em que se combina o romanesco grego com a retórica romana".

3.2.1. e 3.3. da p. p.) e o empenho de Octávio Augusto no combate à devassidão moral (Ver ponto 3.4. da p. p.). Em situações idênticas de referência à beleza feminina (*aderat puellae forma*) houve supressões, o que aqui se não verificou. Por outro lado, o papel moralizador de Augusto (*grauibus seuerisque legibus multis coercuit*) era um bom exemplo a colher na educação para a cidadania, preconizada no "Ratio Studiorum".

As Ciências da Natureza

Plínio -o -Velho

O célebre princípio terenciano de que tudo quanto é humano nos diz respeito (*humani nihil a me alienum puto*) bem pode aplicar-se aos antologistas jesuítas dos autores altinos, com directa implicação em Plínio O Velho. Se os outros autores romanos justificam a sua inclusão pela razão dominante do nível literário dos textos, neste caso parece impor-se mais claramente a temática. Com efeito, deve tratar-se sobretudo de incluir algumas noções do domínio da biologia e outras matérias.

Há que saudar este interesse por textos de ciências naturais. Alargava-se assim a erudição dos alunos, quase exclusivamente centrada nas humanidades.

Importa, no entanto, frisar que este pequeno esforço dos Jesuítas, por um lado, apenas prolonga a tradição medieval pelos textos da área da "fisica". Por outro lado, está longe de compensar o corte com o despertar, sob o impulso das Descobertas, do espírito científico no mesmo século XVI português, em autores como Duarte Pacheco Pereira, Pedro Nunes, D. João de Castro e Garcia da Orta. E este último tem de ser aqui particularmente invocado como o grande iniciador entre nós do estudo sem preconceitos doutrinários das Ciências Naturais, com os célebres "Colóquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia", publicado em Goa em 1563. Orta desafiava o ensino magistral e as autoridades canónicas com base nos dados da observação. Ora a natureza trazia ao observador atento novidades que conflituavam com saberes estabelecidos. Por isso, Garcia da Orta e a sua obra atentavam contra a ortodoxia. E o "Ratio Studiorum" era bem claro nas suas regras:

> Ainda em assuntos que não apresentem perigo algum para a fé e a piedade, ninguém introduza questões novas em matéria de certa importância, nem opiniões não abonadas por nenhum autor idóneo, sem consultar os superiores; nem ensine cousa alguma contra os princípios fundamentais dos doutores e o sentir comum das escolas[67].

Daqui se pode concluir que aos docentes jesuítas estava vedada, certamente, qualquer alusão aos "Colóquios", por muito a propósito que viessem na abordagem dos textos de Plínio.

O Prof. Sebastião da Silva Dias, que pesquisou a influência dos alvores do espírito científico, nascido com as Descobertas, no ensino da época de D. João III e no período subsequente sob orientação dos Jesuítas, não tem dúvidas em demonstrar que foi sol de pouca dura. Na sua obra "Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI" é bem conclusivo quanto ao papel omisso do ensino dos Jesuítas relativamente às matérias do âmbito das ciências:

> A ânsia experimentalista que emanava da empresa ultramarina foi, juntamente com a busca metodológica e a demanda do conhecimento positivo, um dos grandes excluídos da sistematização inaciana. E isso distanciou-nos, alheou-nos mesmo, de um caminho principal do pensamento europeu evoluído[68].

Mas vejamos agora o autor latino e os extractos antologizados.

---

67 Cf. Leonel Franca, 1952, p. 145.
68 Silva Dias, 1988, p. 271.

Plínio-o-Velho

Plínio Secundo, denominado "O Velho" para se distinguir de seu sobrinho e filho adoptivo Plínio "O Jovem", nasceu em Como, em território italiano, no ano 23 e morreu em 79 da era cristã. Os testemunhos sobre a sua vida, avaliada como exemplar, são, fundamentalmente, de Suetónio e do sobrinho. Morreu vítima, simultaneamente, da sua curiosidade científica e da dedicação solidária, ao procurar observar de perto as emanações do Vesúvio e ao socorrer, como almirante, as populações expostas ao vulcão. Ettore Paratore sintetiza assim as circunstâncias da sua morte:

> Così egli confermò col sacrificio di sé la massima da lui expressa nella Naturalis historia, che è un dio colui che aiuta i propri simili, quel principio che illumina e muove l'immensa enciclopedia che ci è pervenuta di lui, cioè il proposito di guidare nelle tenebre della sua ignoranza l'uomo bisognoso di consiglio e di aiuto nell' immensità della natura[69].

A Historia naturalis de Plínio é uma volumosa obra em 37 livros. Para a sua elaboração consultou ele mais de dois mil volumes, fazendo questão de honra de citar devidamente as fontes, como expressamente declara no prefácio a Vespasiano. Daí que, para além do registo das suas próprias experiências, a obra seja uma espécie de enciclopédia à medida do seu tempo, englobando a astronomia, a física, a geografia, a antropologia, a zoologia, a botânica, a mineralogia e a medicina[70]. Antecede o conjunto um longo prefácio dirigido ao imperador Vespasiano.

Os Jesuítas transcreveram o prefácio a Vespasiano e o Livro XI.

A importância do prefácio vem do facto de fazer a justificação da obra, do encarecimento do seu carácter inovador e do seu objectivo patriótico. Quanto ao Livro XI, podemos conjecturar sobre as intenções que terão presidido à escolha, a avaliar pelo seu conteúdo:

a) tratar-se da fusão de dois livros de Aristóteles: "História dos animais" e "Tratado das partes dos animais";

---

69 Paratore, 1962, p. 660.

70 Ver Enzo Marmorale, 1974, p. 63.

b) conceder grande destaque à descrição dos sentidos, com observações muito pertinentes, nomeadamente sobre o olhar e a voz;

c) a abundância de descrições pormenorizadas, com grande variedade e propriedade vocabular, de objectos e situações singulares;

d) a manifestação de estados de alma do autor-narrador, dando origem a diversos registos de fala ou do discurso: emotivo, figurativo, concreto, etc.[71].

Após esta "peregrinação" pelos autores seleccionados nas *sylvae* jesuíticas do século XVI, passo a lançar um olhar de conjunto sobre temáticas relevantes na pedagogia dos Jesuítas, com destaque para a ambição pessoal e a sexualidade. A primeira tem nota positiva, isto é, os Jesuítas, por manifesta inspiração de Santo Inácio, souberam compreender o seu alcance na formação da adolescência. Quanto à segunda, procurarei extrair algumas conclusões da maneira como os Jesuítas tratam os textos dos autores clássicos que abordam as questões amorosas. Mas abordarei ainda outros tópicos e outras "lições" proporcionadas pelos textos seleccionados pelos Jesuítas.

---

[71] Tzvetan Todorov, entre outros, teorizou com rigor a problemática do que chama "Registos da fala". Os Jesuítas, na atenção que prestam às modalidades de descrições, mostram intuir a importância das variedades estilísticas, sempre em ordem à construção de um estilo idóneo de cada aluno. (Cf. Todorov, Poétique, Paris, Editions du Seuil, 1968, pp. 39 a 48).

II - Temas e *exempla* nos clássicos latinos

Os Jesuítas encarregados da organização de antologias de autores clássicos para o ensino "secundário" têm atrás de si toda a tradição medieval de aproveitamento dos textos para extrair "lições" de vida e de costumes. É certo que já ficava distante a Idade Média com o seu estrito apego aos autores enquanto "autoridades científicas", de que fala Robert Curtius[72], mas a preocupação moralizante com modelos ou paradigmas não desaparece com o Renascimento. Manifestações de arte pura ou autónoma da vida, na arte renascente, foram fenómenos relativamente isolados. Aliás, toda a literatura clássica está impregnada de objectivos moralistas, como realça o Prof. Aguiar e Silva:

> A literatura clássica é profundamente moral, porque o homem, com as suas paixões e os seussentimentos, é o fulcro dos seus interesses, e porque os problemas do equilíbrio das paixões, da verdade dos sentimentos, da lucidez que recusa o engano, etc., constituem algumas das suas preocupações fundamentais[73].

No início do presente capítulo pus em realce as orientações pedagógicas contidas em vários prefácios das antologias jesuítas. Retenhamos algumas passagens essenciais.

1. "Foi com imenso esforço que homens de alta craveira se entregaram a esta tarefa com o objectivo de que os jovens se instruíssem, no máximo das suas aptidões, igualmente na ciência e na virtude".

2. Os organizadores "(...) decidiram (...) zelar pelo bem público com empenho tal, que os adolescentes saídos desta instrução pudessem em idade mais madura tornar-se cidadãos da florentíssima República o mais dignos possível".

3. Num outro prefácio chama-se a atenção para o facto de que a antologia foi elaborada tendo em atenção "a antiga virtude", que o mesmo é dizer, os "exemplos" de virtudes apresentados por autores clássicos, o quais "podem ainda trazer algum complemento à pureza da vida" .

---

72 Cf. Curtius, 1955, I, p. 91. A comprovar a persistência dessa tradição de *exempla* e *sententiae* colhidos nos autores antigos, ao modo medieval, temos na *sylva* de 1593 "sentenças" de Ovídio destinadas à memorização dos alunos.

73 Cf. Silva, 1988, p. 528.

Todo esse material dos prefácios e posfácios das antologias foi já devida e oportunamente por mim comentado. Importa, porém, ter presentes os trechos que servem de confirmação à intencionalidade das selecções de autores e textos. Por outro lado, eles permitem vislumbrar o seu aproveitamento por parte dos docentes, tanto na *praelectio* ou explicação do início da aula como nos exercícios de composição.

Atente-se, além disso, nos cuidados postos na formação dos alunos, tanto numa perspectiva individual quanto no âmbito do exercício da cidadania, de modo a torná-los "cidadãos da florentíssima República".

Por merecer especial atenção no "Ratio Studiorum" tratarei em maior extensão o tema da emulação/competição, a que anda associado o tópico da fama e glória. Idêntico relevo será concedido à "pureza" dos textos, também decorrente das imposições do "Ratio". Um conjunto de outros temas ou tópicos será tratado de forma mais sucinta.

1. Competitividade ou emulação: do "Ratio" aos extractos das "Sylvae"[74]

> " A emulação foi, é e será sempre um dos estímulos mais activos ao aperfeiçoamento e progresso do homem. Os jesuítas o compreenderam e, com rara felicidade, o aplicaram à educação da juventude."[75]
>
> "A emulação é um dos motores da pedagogia dos jesuítas"[76].
>
> "A vida humana em sociedade é uma infinidade de concorrências entrecruzadas."[77].

A Companhia de Jesus surge no rescaldo do sismo provocado internamente por Martinho Lutero e seus discípulos. Às vozes críticas dos luteranos corresponderam no seio da Igreja Católica, ao lado de aspectos negativos, atitudes reformistas tendentes a reconduzir os responsáveis católicos a comportamentos mais compatíveis com o espírito evangélico. O expoente máximo dessa corrente foi Erasmo de Roterdão, falecido em 1536. Como escreve Jorge Osório: "(...) o amor das letras, que tão fundas raízes medievais e

---

74 Uma primeira redacção da temática aqui tratada - agora de forma mais desenvolvida - saiu sob o título "Competitividade e emulação na teoria e na prática do *Ratio Studiorum* em Prof. Dr. José Ribeiro Dias. Homenagem, com organização de Manuel Alte da Veiga e Justino Magalhães, pelo Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2000, pp. 435-455. Tendo sido essa primeira redacção condicionada por objectivos diferentes dos que presidem a esta dissertação, ela vai agora bastante alterada.

75 Franca, 1952.

76 Gomes, 1991.

monásticas trazia consigo, envolvia-se de uma sensibilidade pessoalizada, em tom confessional, de um Erasmo que procura mostrar-se como naturalmente atraído pelo apelo das letras e do prazer literário, seduzido pela capacidade comunicativa dos textos antigos." (sublinhado meu)[78]. Entre nós, o poeta e dramaturgo Gil Vicente, falecido por volta de 1540, na sua genial espontaneidade, exprime idêntica ânsia de reforma de costumes, criticando, através das suas personagens dramáticas, os mais altos dignitários da Igreja[79].

Quando Inácio de Loyola (1491-1556), no seu encaminhamento progressivo de reconversão cristã (a partir de 1521), inicia os estudos como homem adulto, reforçavam-se, no seio das universidades europeias, as exigências de formação intelectual, determinadas, em grande parte, pelos benéficos ventos da Renascença. O espírito crítico - proporcionado pelo confronto do imobilismo católico com os valores da cultura greco-romana, veiculados pelo Renascimento, e reforçado pelas Descobertas, que mostraram a falsidade de muitos saberes magistrais - criou o ambiente propício à contestação no seio do Cristianismo. As dissidências doutrinais de Lutero e seus mais imediatos discípulos, eivadas de pessimismo, surgem ao arrepio da confiança humanista dos homens do Renascimento, mas despertam nessa atmosfera de liberdade de pensamento.

Inácio de Loyola e restantes fundadores da Companhia de Jesus (1540) são todos diplomados universitários:: a Companhia de Jesus foi fundada por licenciados.

Será o grau de formação académica que depressa fará compreender a Inácio e seus companheiros as potencialidades do grupo para o seu empenhamento num "catolicismo militante" imposto pelos condicionalismos religiosos e culturais do tempo. E é assim que, embora ausente dos propósitos iniciais do fundador, desde cedo se impõe no espírito de todos a ideia da dedicação dos jesuítas ao ensino.

Nos colégios jesuítas que iam surgindo em vários países europeus (o primeiro foi o de Messines, na Sicília, em 1548) foram ensaiadas as orientações pedagógicas contidas no rascunho, do punho de Inácio de Loyola, da IV Parte das "Constituições" da nova Ordem. Quando, em 1555, os jesuítas portugueses tomaram conta do Real Colégio das Artes, em Coimbra, já dispunham de relatos da experiência pedagógica dos seus confrades europeus,

---

77 Mário Sottomayor Cardia, Socialismo sem Dogma, Lisboa, Publicações Europa-América, 1981.

78 Osório, 1998, p. 236.

79 No "Auto da Feira", de 1527 ou 1528, o Anjo Serafim profere esta fala espantosa, convidando a adquirir na feira os bens de que os responsáveis da Igreja andavam carecidos:

- «À feira, à feira, igrejas, mosteiros, / pastores das almas, Papas adormidos, / comprai aqui panos, mudai os vestidos, / buscai as samarras dos outros primeiros, / os antecessores. / Feirai o carão que trazeis dourado, / ó presidentes do Crucificado. / Lembrai-vos da vida dos santos pastores / do tempo passado».

com destaque para Jerónimo Nadal, que, por incumbência do próprio Inácio de Loyola, coordenava a análise e discussão das aplicações no terreno.

Os grandes princípios pedagógicos contidos na versão final do *Ratio atque Institutio Studiorum*, de 1599, presidiram já à orientação do ensino dos colégios dos jesuítas em toda a 2ª metade do século XVI. Mas não foram só as linhas gerais. Desde muito cedo, graças sobretudo a Jerónimo Nadal, regras minuciosas de carácter didáctico constavam do texto escrito e eram aplicadas na prática dos colégios. Tal é o caso das sugestões para estimular a emulação dos alunos e despertar neles legítima ambição ou brioso sentimento de progresso pessoal.

Atenção prioritária na organização do ensino tinha de ser concedida à escolha dos conteúdos, e, no caso das humanidades, à selecção dos temas e dos autores da Antiguidade clássica.

A *aemulatio*, mediatizada pela *concertatio* (desafio ou disputa), entre os alunos, individualmente ou por grupos ou turmas, e preconizada no *Ratio*, assentava no pressuposto de que o ser humano é educável e susceptível de estímulo para o progresso, mormente quando as condições são favoráveis.

A competitividade é erigida em método pedagógico no ensino dos Jesuítas. Nas *Constituições* vem expressa como *"sancta aemulatio"*, e no *Ratio* como "honesta aemulatio". A emulação como método é particularmente explicitada nas regras 31, 34 e 35 das "Regras comuns aos professores das classes inferiores" do "Ratio Studiorum". A primeira identifica o processo:

> Concertatio, quae vel magistro interrogante, aemulisque corrigentibus fieri solet, magni facienda; et quoties tempus permittit, usurpanda, ut honesta aemulatio, quae magnum ad studia incitamentum est, foveatur. Poterunt autem vel singuli, vel plures ex utraque parte committi, praecipue ex magistratibus; vel unus etiam plures lacessere. Privatus fere privatum petet, magistratus magistratum, eiusque dignitatem, si vicerit, sive aliud praemium aut victoriae signum consequi poterit, prout scholae dignitas et locorum ratio postulabit. (*Deve ter-se em grande apreço a disputa, que costuma organizar-se do modo seguinte: ou o professor pergunta e os émulos corrigem [as respostas erradas] ou os émulos interrogam-se entre si. À disputa há-de recorrer-se sempre que o tempo [disponível] o permitir, a fim de proporcionar uma digna emulação, que é um grande incentivo para os estudos. Poderão confrontar-se os alunos um a um ou vários de cada grupo, sobretudo de entre os oficiais, ou ainda um só poderá desafiar vários. Por regra, um não graduado desafiará um seu igual; mas um não graduado poderá também desafiar um oficial, e, se o vencer,*

conquistará o seu posto ou outra recompensa como símbolo de vitória, conforme o aconselharem a dignidade da escola e os costumes locais)[80].

Importa distinguir claramente dois objectivos pedagógicos visados por esta prática: por um lado, tornar a aula activa mediante o recurso aos interrogatórios personalizados professor-aluno e aluno-aluno; por outro, estimular a competição entre os alunos. Conjugados os dois objectivos - viva participação dos alunos na aula e incitamento à emulação - estavam garantidas as melhores condições para o ensino-aprendizagem[81].

Na regra nº 34 regula-se a *concertatio* entre classes, e na 35 aborda-se o processo de atribuição dos vários graus, referindo-se o acesso ao grau máximo (*summo magistratui*) e a graus intermédios (*aliis honorum gradibus*). Nesta última regra preconiza-se a divisão da classe em dois grupos, cada um deles com os seus oficiais (*magistratus*) e a distribuição dos émulos ou adversários (*adversarii*).

Prestemos agora alguma atenção aos termos do original latino: *aemulatio*, *concertatio*, *privatus*, *magistratus*, *adversarius*, *committere*, *vincere*, *victoria*. Estes vocábulos são do léxico militar. O intrépido resistente do cerco de Pamplona tem aqui as impressões do seu gládio, voltado agora para a conversão dos homens a Cristo. Não devemos, portanto, estranhar tal marca na redacção do "Ratio", aliás em conformidade com o espírito da época, como é manifesto, por exemplo, em *Os Lusíadas*. No entanto, por esse lado, o método está hoje desactualizado, dado que, felizmente, a linguagem militar tem escassa aceitação na sociedade civil, assente em valores pacifistas. E a emulação em si mesma ?

Essa revela-se de plena actualidade, como bem demonstrou o Senhor Prof. Joaquim Ferreira Gomes na "Revista Portuguesa de Pedagogia"[82]. Pela sua importância, impõe-se aqui alguma dilucidação dos termos *aemulatio* e *concertatio*.

Aemulatio significava em latim: 'emulação, rivalidade, desejo de igualar alguém; imitação, inveja'; logo, a emulação também podia ser um sentimento negativo (*inveja*, *ciúme*). Assim se compreende que tanto as *Constituições* como o *Ratio Studiorum* defendam apenas o recurso a uma emulação "sancta" ou, pelo menos, "honesta". Ao adjectivá-la deste modo os Jesuítas estavam a conferir-lhe o sentido que ainda hoje

---

80 Tradução da minha responsabilidade, apoiada em Joaquim Ferreira Gomes (1991, pp. 149-50) e na tradução francesa de Léone Albrieux e Dolorès Pralon-Julia (in Ratio Studiorum, 1997, regra 355).

81 "O facto de a emulação ser uma componente fundamental da pedagogia dos jesuítas levou a que os alunos dos seus colégios estivessem constantemente *activos* e, desse modo, participassem, empenhadamente, no processo ensino-aprendizagem" (Ferreira Gomes, 1991, p. 149).

82 Cf. Gomes, 1991, pp. 131 a 154.

conserva. Com efeito, o Dicionário da Academia de Ciências regista como primeiro significado de emulação: "sentimento ou virtude que incita ou estimula alguém a querer igualar ou a suplantar outrem em mérito, em saber ou em trabalho"; e dá como termos equivalentes *brio, estímulo, incentivo.*

A *concertatio* tinha em latim como primeiro significado: 'combate'. No "Ratio" traduz-se por "desafio" ou "disputa". A *concertatio* era um meio ou instrumento ao serviço da emulação.

Não podem confundir-se na *aemulatio* as práticas escolares aplicadas directamente na sala de aula[83] com os estímulos ao progresso através da atribuição de prémios, ou então por via dos exemplos ou modelos a seguir, nomeadamente os veiculados pelos textos das antologias escolares. É este último aspecto que pretendo desenvolver um pouco mais.

Na educação jesuítica da juventude estimulava-se fortemente o empenhamento individual e de grupo, por meio de prémios. Ouçamos o jesuíta Leonel Franca:

> Os prémios eram outro incentivo poderoso à emulação fecunda. Não os inventaram os jesuítas; mas à sua distribuição deram tal realce e esplendor que a elevaram à altura de um dos actos mais importantes e ansiosamente desejados da vida escolar[84].

O lugar cimeiro concedido à emulação pelos prémios no *Ratio Studiorum* deve ser também perspectivado como contraponto da educação pelo castigo, ainda predominante no tempo (e hoje não de todo erradicado) com todo o peso da tradição medieval.[85] O *Ratio*

---

83 Leonel Franca (1952, p. 64) sintetiza assim as disputas na sala de aula:
"A aula era dividida em dois campos, romanos e cartagineses, cada qual com o seu estandarte; em cada campo dispunham-se por ordem de merecimento os diferentes graus da hierarquia militar; todo o aluno tinha no campo adverso um émulo, rival ou oponente sempre pronto a advertir-lhe os erros e contar, corrigindo-os, uma vitória para a sua bandeira [...]. Não raro ainda emulação e luta mais solene entre uma aula toda e a imediatamente superior."
Joaquim Ferreira Gomes (199, p. 151), reconhecendo, ainda hoje, vantagens da *aemulatio* na pedagogia actual, apenas formula a seguinte reserva:
"O que se impõe é que a emulação tenha as suas regras, os seus limites, que ela seja, como quer o *Ratio*, «honesta» ou até, como querem as *Constituições*, «sancta»".
Por sua vez Vergílio Ferreira (1980, pp. 49-51), em *Manhã Submersa*, romance de fundo autobiográfico, exprime o sarcasmo do narrador pelos "partidos" constituídos nas aulas de latim do seminário: "Aqui estamos todos, desajeitados, lôbregos, trespassados de um medo antigo. Uma força surda irrompe-nos ainda até aos braços recurvos, até às mãos medonhas de ossatura ancestral [...]. Lembro-me de que um voto desgarrado que me coube desatou uma trovoada de risos. Até o P.e Lino mostrou a serrilha dos dentes. Só tu, Gaudêncio, não riste. O voto era teu."

84 Franca, 1952, p. 64.

85 Já Santo Agostinho nas Confissões, redigidas por volta do ano 400, deplorava a aplicação de castigos corporais no ensino das primeiras letras. Assim rememora, em diálogo com Deus, a escola elementar: "Todavia, batiam-me se no estudo me deixava levar pela preguiça. As pessoas grandes louvavam esta severidade. Muitos dos nossos predecessores na vida tinham traçado estas vias dolorosas, por onde éramos obrigados a caminhar, multiplicando os trabalhos e as dores aos filhos de Adão. Embora criança, mas com ardente fervor, pedia -Vos que na escola não fosse açoitado." (Ver *Confissões* ... 1990, p. 38).

Studiorum advoga com insistência, seguindo recomendações explícitas do próprio Inácio de Loyola, a brandura e o respeito no tratamento dos alunos. É um aspecto interessante e inovador do *Ratio*, que não cabe agora desenvolver.

Acordar o sentimento da honra era método mais eficaz do que o castigo. A emulação sobressaía, de facto, como uma das forças psicológicas mais activas e eficientes, cujos efeitos se faziam sentir nos educandos. O sentimento de honra fazia parte da atmosfera social da classe dominante da época (a Nobreza). Mas não deixou de receber um impulso relevante da personalidade de Inácio, ele próprio um fidalgo identificado com esse sentimento da sua classe social[86]. Por outro lado, o sentido pragmático de Inácio de Loiola e o seu conhecimento da psicologia humana levaram-no a tirar partido desse desejo inato de cada indivíduo em promover-se. A busca de honrarias e o desejo de fama eram os móbeis da acção dos cavaleiros. Esse era o espírito da cavalaria e como tal abençoado pela Igreja. Inácio de Loiola, fidalgo e cavaleiro, tinha assimilado esses mesmos ideais. Convertido agora em cavaleiro de Cristo, conhecia bem o espírito do tempo e estava nas melhores condições para adequar a sua pedagogia a essas exigências humanas[87].

Outra via privilegiada de incentivo ao esforço pessoal e ao progresso encontravam-no os pedagogos jesuítas nos *exempla* fornecidos por textos das antologias ou manuais escolares seguidos nas aulas dos colégios. Para além dos modelos cristãos, contavam os professores com textos da Antiguidade greco-romana, ricos em estímulos à busca de fama e de glória. Mais abaixo, farei referência a alguns desses textos impressos nas chamadas "Sylvae" dos Jesuítas. Antes, porém, convirá avançar uma questão: como conciliar a humildade e o despojamento preconizados nos Evangelhos com a ambição e a apetência de fama, tão presentes em textos clássicos veiculados pelos manuais escolares ou "Sylvae"?

A resposta já tinha sido dada[88] pelos pensadores cristãos dos primeiros séculos, à medida que estes se iam familiarizando com a sabedoria da cultura grega e romana. Muitos

---

86 Se compararmos o fundador da Companhia de Jesus com S. Francisco de Assis, o fundador dos Franciscanos, deparamos com o contraste não de duas épocas, séculos XIII e XVI, ambas marcadas pelo espírito cavalheiresco, mas pela diferença de duas personalidades. Francisco de Assis fundara uma Ordem mais próxima da radicalidade evangélica da "simplicidade dos lírios dos campos"; Inácio vai ao encontro do homem dominante do seu tempo, moldado pelo sentimento da honra e da ambição, que, segundo Inácio, importa orientar "ad maiorem Dei gloriam".

87 Gil Vicente, na tragicomédia *Amadis de Gaula,* escrita na língua de Inácio de Loiola mais ou menos pela mesma altura da "conversão" do fundador da Companhia de Jesus (a peça terá sido representada, segundo Paul Teyssier, em 1523 ou 1524), coloca na boca da personagem Amadis estas palavras bem significativas do sentimento da fama pessoal: "porque hallo / que en la fama está el vivir. // Y pues vemos de que suerte, / la honra tanto se ama, / sigamos tan claro nuerte, / no estimando la muerte / por ganar vida à la fama ." Ao que outro cavaleiro, Galaor, dá a sua concordância, justificando: "porque un pequeño honor / de fama y su resplandor / es mejor / que todo el oro del mundo" (vv. 9-15 e 18-21).

88 O artigo de Jorge Osório, já mencionado, é bem elucidativo a esse propósito.

deles logo perceberam que os Evangelhos (e a Bíblia em geral) não só não continham a verdade toda, como lhes faltavam os conhecimentos posteriormente acumulados pelos progressos da humanidade. Na 2ª metade do séc. XVI, os Jesuítas colhiam também os frutos do esforço de muitos humanistas, que sobretudo a partir do séc. XIV, aprofundavam o diálogo entre os ideais cristãos e a cultura renascentista. Como sabemos, o espírito "pagão" da Antiguidade clássica deslumbrou mesmo alguns papas do Renascimento, que esqueceram por completo o sentido evangélico da humildade.

Inácio de Loyola funda uma Ordem religiosa de "combate" no interior da Igreja. Mas o Fundador da Companhia de Jesus situa-se a meio termo entre os apologistas do regresso à estrita pureza evangélica, e os fundamentalistas dos valores da cultura greco-romana. É esse equilíbrio que enforma o *Ratio Studiorum*: uma pedagogia assente nos valores cristãos iluminados pelo espírito renascentista.

Um exame atento das "Sylvae" adoptadas nos colégios jesuítas da 2ª metade do século XVI permite concluir que Inácio de Loiola e restantes fundadores da nova Ordem eram sensíveis ao contributo dos grandes autores gregos e latinos para a formação integral do homem[89]. Pode confirmar-se esta afirmação com textos[90] de vários autores representados nas "Sylvae", e centrados na temática da fama e da glória

Em Plauto

Na peça *Trinummus*, a honra e glória surgem, a dado passo, como alternativa ao amor:

> Os bons cidadãos buscam para si as seguintes dádivas: riqueza, crédito, honras, glória e influência, como recompensa dos homens honestos.

---

89 Mesmo a censura dos textos clássicos, amplamente praticada nas "Sylvae" em autores clássicos como Ovídio, Plauto e Terêncio, acautelava a formação dos estudantes, concebida de acordo com os valores da época. É legítimo reprovar essa censura por confronto com o respeito aos textos por parte dos filólogos humanistas dos séculos XIV a XVI, mas deve sublinhar-se a intenção pedagógica dos Jesuítas.

90 Transcrevo passagens já registadas na I Parte, onde constam as indicações das antologias e dos textos em que apoio a minha tradução. Por parecer desnecessário reescrever os textos latinos, dou apenas os textos em português. As passagens transcritas vão referidas à I Parte através da menção do número que aí lhes é atribuído; por recurso ao índice é fácil localizá-las.

Em Cícero

É conhecido o entusiasmo dos humanistas cristãos para com a personalidade, a obra e o pensamento de Marco Túlio Cícero (106 - 43 a.C.). Entre os admiradores quinhentistas avulta Erasmo de Roterdão, como ficou acima assinalado.

Certamente, os responsáveis pela organização dos manuais escolares destinados aos colégios da Companhia de Jesus não iam tão longe na admiração pelo maior orador romano. De qualquer forma, Cícero está largamente representado nessas antologias.

No *Pro Archia* Cícero confere grande ênfase ao sentimento de honra e de glória enquanto motivador do progresso individual intrinsecamente articulado com o interesse colectivo[91]. Os alunos dos Jesuítas podiam descobrir estímulos para o seu progresso pessoal nos exemplos do arguido Árquias , ou nas reflexões do defensor judicioso.

Cícero responde aos que porventura se admiram de tanta dedicação da sua parte aos estudos literários e à defesa de quantos recorrem aos seus serviços de advogado:

"É que se os ensinamentos de tantos mestres e se tantos escritos me não tivessem persuadido, desde a juventude, de que na vida nada se deve desejar tão vivamente como a glória e o prestígio, e que, para alcançá-los, todos os tormentos físicos, todos os perigos de morte e exílios devem ser tidos em menos preço, jamais eu me teria exposto, pela vossa salvação, a tantas e tão duras provas, e a estas investidas diárias de homens depravados" (B, 3.4.).

Os bons exemplos dos antigos, colhidos nas letras, são estimulantes.

"Quantas figuras de homens valorosos nos deixaram gravadas escritores gregos como romanos, não apenas para as contemplarmos mas ainda para as imitarmos! Tendo eu presentes esses modelos no exercício das minhas funções públicas, moldava o meu sentir e pensar pelo pensamento de homens excelentes" (B, 3.5.).

É próprio dos seres humanos buscar a honra e a glória:

---

91 Ver I Parte, cap. II, pp.

"O valor não deseja outra recompensa para os perigos e trabalhos além da do louvor e da glória" B, 3.10.).

Mas a máxima glória, segundo Cícero, é a que perdura para além da morte, projectando-nos na memória das gerações vindoiras, graças a acções dignas de imortalidade. Tal é o que Cícero exprime dirigindo-se a Júlio César, no Senado, no ano de 46 ª C., num discurso em defesa de Marcelo.

"Nem, de facto, hás - de considerar tua verdadeira vida a que está limitada pelo corpo e pelo sopro vital: a tua verdadeira vida, digo-to eu, é aquela que há-de vigorar na memória de todos os séculos, aquela que a posteridade alimentará, que a própria eternidade terá sempre presente (...)" (B, 1.5.).

Em discurso contra Marco António, na *I Filípica*, esclarece Cícero que a verdadeira glória nasce apenas de actos dignos do homem, como são aqueles que nos tornam amados em vez de odiados. Se Marco António pensa, porventura, o contrário, muito se engana:

"Se pensas assim, ignoras em absoluto o caminho da glória. Ser um cidadão amado, servir bem o Estado, ser louvado, honrado, amado - isso é glorioso; mas ser temido e estar exposto ao ódio é abominável, pusilânime, efémero" (B, 4.1.7.).

Em Salústio

Na sua introdução à *Conjuração de Catilina*, Salústio refere como característica dos homens insatisfeitos o seu permanente desejo de superação. E justifica o seu próprio trabalho de historiador como busca de fama e glória, que lhe garantam a imortalidade. A fama duradoira vem apenas do cultivo dos bens do espírito:

"Todo o homem que procura sobressair entre os outros animais tem de se esforçar no sentido de não passar a vida em silêncio, como os animais, os quais a natureza modelou inclinados para a terra e obedientes ao ventre. (...) Por isso, parece-me mais acertado

procurar a glória com os recursos do espírito do que com os das forças físicas; e, como é breve a própria vida de que desfrutamos, tentar prolongar o mais possível a memória das nossas pessoas. Com efeito, o brilho das riquezas e da beleza é fluido e frágil, ao passo que a virtude é tida na conta de resplandecente e eterna" (1.).

Confrontando as personalidades de Júlio César e de Catão, prestigiados senadores, considera Salústio que, apesar de profundamente diferentes, comungavam da mesma ânsia de projecção social:

"Tinham a mesma grandeza de alma, igual sentido de glória (sublinhado meu), mas cada um com as suas especificidades" (9.).

Em Tito Lívio

Bom exemplo de emulação vem no Livro XXI das *Décadas* de T. Lívio, na pessoa de Aníbal, que procurou e conseguiu superar os méritos de seu pai Amílcar:

"Depressa conseguiu que a semelhança com o pai passasse a ser da menor importância para captar a simpatia. (...) Era de longe o primeiro dos cavaleiros e dos soldados de infantaria, o primeiro a avançar para o combate e o último a retirar-se no fim da contenda" (2.3.).

O caso de Aníbal, o célebre general cartaginês, prestava-se a uma boa reflexão sobre a "honesta emulação", preconizada no *Ratio Studiorum.* Com efeito, nada há nesta emulação de espírito de inveja ou de amesquinhamento de terceiros - quer se trate do pai, quer dos companheiros de Aníbal.

Em Propércio

Na 10ª elegia do Livro IV das *Elegias*, Propércio confessa que o desejo de glória lhe dá forças para continuar o seu canto:

"Escalo um caminho difícil, mas a glória dá-me forças: não há prazer em ganhar uma coroa numa encosta fácil" (4.2.).

Em Ovídio

No Livro XII das *Metamorfoses* (vv. 39-40 e 43), Ovídio dá grande relevo à descrição do palácio da Fama:

"Há um lugar no meio do mundo, entre a terra, o mar e as regiões celestes, fronteira do tríplice universo (...) . Ocupa-o a Fama; estabeleceu ela a sua morada no cimo duma cidadela" (2.7.).

Um texto célebre vem na 15ª elegia do livro I dos *Amores*. O antologista inclui-o no prefácio "Ad Lectorem" como texto paradigmático que satisfaz os critérios de escolha de poemas de autores latinos:

"Passageira é a obra que persegues. Eu busco fama imperecível: ser para sempre celebrado no mundo inteiro" (1.6.2.).

Dos *Remedia Amoris* veja-se este passo:

"Estoira de despeito, inveja mordaz: já tenho um grande nome [...]. Com efeito, o desejo de fama dá-me satisfação e cresceu em mim com a glória" (2.3.5.).

Num poema dedicado à esposa, escrito no exílio de Tomes, consola a companheira com a imortalidade do seu nome cantado nos versos do poeta:

"De qualquer forma, seja qual for o valor dos meus pregões, viverás eternamente

pelos meus versos" (1.1.6.1.).

Consola-se o exilado com a imortalidade que lhe vão proporcionar os seus versos junto de futuras gerações:

"Pode pôr-se fim à minha vida com um golpe cruel, mas, após a minha extinção, o meu renome permanecerá, e, enquanto, vitoriosa, a Roma de Marte contemplar, do alto das suas colinas, o universo inteiro a seus pés, eu serei lido" (1.2.10).

Quase perdida de todo a esperança de regresso à pátria, o exilado do Mar Negro mitiga o seu sofrimento com a futura glória proporcionada pela arte da poesia:

"Os corpos exangues são devidos à triste fogueira, mas o nome e a glória escapam à lenha empilhada" (2.8.).

Também a glória dos heróis celebrados pelos poetas fica garantida para a posteridade - assim lembra Ovídio ao imperador Tibério, que acabava de suceder a Octávio Augusto:

"No entanto, nada é mais digno dos príncipes do que a homenagem prestada pelos poetas nos seus versos. Os versos são os arautos da vossa glória e impedem que pereça a fama das vossas façanhas. Pela poesia, o mérito revigora-se, livra-se do túmulo e prolonga-se para a posteridade. A velhice destruidora consome o ferro e a pedra, e nada tem mais força do que o tempo. Os escritos triunfam dos anos" (2.16.2.).

Num texto atribuído na antologia a Quinto Cúrcio

"Tanto Filipe da Macedónia como seu filho Alexandre Magno nortearam suas vidas pelo desejo de fama e de glória. Por isso, desejava Filipe ardentemente as disputas e os combates, e ambicionava o poder supremo, visando granjear, por mérito próprio, a glória e a imortalidade do nome (esperança que nunca faltou a Alexandre nem a qualquer outro homem bom" (2.).

Uma mensagem pedagógica actual?

Os fundadores da Companhia de Jesus, bons conhecedores da psicologia humana, concederam à competitividade papel relevante na educação. A emulação, nos seus objectivos e nas regras práticas de aplicação, é rigorosamente enunciada no *Ratio Studiorum*. É uma questão polémica na pedagogia actual, não admirando, também por isso, que muitos se tenham ocupado do assunto.

Procurei confrontar a apologia da emulação no *Ratio* com alguns textos de clássicos latinos, transcritos nas antologias escolares dos Jesuítas da 2ª metade do século XVI, onde o tema é documentado. Poderá
sempre perguntar-se até que ponto é que haveria lugar nas aulas para dissertar sobre os conteúdos dos textos. Sem esquecer que esses extractos visavam sobretudo a aprendizagem da língua latina, a partir dos melhores modelos de latinidade, eles eram também aproveitados, pelos seus ensinamentos, para a formação humana dos alunos. Algumas normas didácticas enunciadas no *Ratio Studiorum* permitem concluir nesse sentido, como o demonstra, entre outros investigadores, o P.e Francisco Rodrigues[92].

A ambição não é um valor evangélico. Mas é um motor de progresso individual e colectivo. Camões, contemporâneo da fundação da Companhia de Jesus e da sua sólida implantação em Portugal[93], celebra n' *Os Lusíadas* a busca de fama e de glória como o grande móbil da acção lusitana ao longo dos tempos e, particularmente, da expansão ultramarina: "aqueles que por obras valorosas / se vão da lei da morte libertando" são exactamente os que ficam na memória do povo graças a feitos meritórios. Mas, como outros humanistas, Camões sabia espreitar o reverso da medalha. É o que faz com a figura do *Velho do Restelo* e a evocação, nesse episódio, da ambição punida em heróis míticos como Adão, Prometeu, Dédalo e Ícaro[94]. Também nas antologias dos Jesuítas da época encontramos bons documentos do castigo da ambição, mas não passavam de ecos apagados da filosofia epicurista com pouco acolhimento na mentalidade católica, pelo menos entre nós[95].

---

92 Ver Rodrigues, 1931.

93 Admite-se que em *Os Lusíadas* haja críticas veladas aos Jesuítas portugueses enquanto conselheiros da Corte, mormente por contribuírem para o inconveniente celibato do jovem rei D. Sebastião, o qual poderá ser o *Actéon* da estrofe 26 do *canto IX*.

94 *Lusíadas*, IV, 94-104.

95 A *Utopia* de Tomás More, de 1516, faz a apologia da sabedoria epicurista, colocando na boca dum marinheiro português a descrição duma república regida por princípios da filosofia de Epicuro.

Os Jesuítas souberam captar os sinais dos tempos. Ao incorporarem na sua pedagogia valores não evangélicos como o desejo de fama e de glória ou, em linguagem de hoje, a ânsia de projecção, mostravam conhecer bem por dentro a alma humana de todos os tempos.

Joaquim Ferreira Gomes defende que a emulação enquanto estímulo da aprendizagem não está ultrapassada nos nossos dias. Lembrando que a nossa cultura plurimilenária está marcada pelo espírito competitivo expresso nos poemas homéricos, e que a emulação está presente no comércio, na indústria, no desporto, na moda, etc., conclui não haver razão "para que ela seja excluída da escola e da educação em geral"[96].

Concordando, no essencial, com o insigne Professor apenas me permito reforçar as suas cautelas:

> O que se impõe é que a emulação tenha as suas regras, os seus limites, que ela seja, como quer o *Ratio,* «honesta», ou até, como querem as *Constituições*, «sancta»[97].

Precisamente porque o mundo de hoje é selvaticamente competitivo, sem descurar a natural emulação entre os seres humanos, importa, a meu ver, fomentar sobretudo a emulação de cada um consigo mesmo. A ambição legítima é necessária à formação da pessoa enquanto ser social, mas cabe aos pedagogos a ingente tarefa de ajudar o educando a superar-se permanentemente a si próprio em generosa entreajuda com o progresso dos colegas.

Conferido o justo elogio à educação dos Jesuítas pelos estímulos que souberam propor à promoção pessoal dos seus educandos, não posso deixar de apontar um dos lados sombrios dessa pedagogia, como aspecto complementar que era, no *Ratio Studiorum*, da emulação. Refiro-me ao carácter repetitivo das matérias. Nas disputas escolares, as respostas dos alunos às perguntas dos professores ou dos colegas eram avaliadas pela exactidão da repetição. Não havia, assim, qualquer margem para exercitar o espírito crítico. Culpa dos pedagogos jesuítas ? Indirectamente, sim: a Ordem fora fundada para servir a ortodoxia abalada pela Reforma. Agora, mesmo que alguns desses pedagogos (e alguns haveria, certamente) fossem mais flexíveis, a disciplina da Companhia impunha-lhes

---

96 Ferreira Gomes, 1991, p. 151.
97 Id., ib.

obediência sem limites à doutrina consagrada pelo Concílio de Trento. Aqui se aplicava bem o adágio de que "a ciência é filha da repetição", mas esta ciência no seu dogmatismo albergava já os germes da sua estagnação a curto prazo.

Nem se invoque em defesa dessa barreira ao exercício do espírito crítico o anacronismo do juízo de valor, já que, quer antes quer durante essas mesmas décadas do séc. XVI, os espíritos mais livres e ousados defendiam o espírito crítico como objectivo duma educação autêntica. Montaigne, no capítulo XXVI do Livro I dos *Ensaios*, que se ocupa da instrução das crianças, insurge-se contra as repetições mecânicas ("redire ce qu'on nous a dit") e exige do mestre que garanta à criança que ela possa "goûter les choses, les choisir et discerner d'elle même", e conclui: "je veux qu'il écoute son disciple parler à son tour", invocando, nesse sentido, o método socrático, e citando a propósito uma passagem elucidativa de Cícero, extraída do *De natura deorum, I, 5:*

> Obest plerumque iis qui discere uolunt auctoritas eorum qui docent (*Geralmente, a autoridade dos que ensinam é nociva aos que desejam aprender)*[98].

98 Cf. Michel Butor, 1964, p. 189.

2. A Sexualidade

A "limpeza" aplicada aos textos clássicos latinos das antologias

Quando as *Constituições* e o *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus mandam proceder à "limpeza" dos textos clássicos na organização das antologias destinadas ao ensino, limitam-se tais normas a seguir as determinações da Igreja na matéria. Inácio de Loiola e seus companheiros partilham das reservas e dos preconceitos professados pela hierarquia católica da época. No entanto, como fui expondo anteriormente, no seio da mesma Igreja ao longo do século XV e primeiras décadas do século XVI, mormente por influência do Renascimento, assistira-se a uma maior valorização do amor e do sexo.

As posições da Igreja Católica relativamente às questões sexuais são bem conhecidas. Ainda hoje, apesar de alguma abertura operada pelo Concílio Vaticano II, o conservadorismo da Igreja nesse domínio é uma das razões fundamentais do progressivo abandono por parte dos crentes, bem como factor importante de impedimento de novas adesões[99]. Convém ter isso presente na análise do pensamento ortodoxo do século XVI, que presidiu às orientações pedagógicas dos Jesuítas.

Os expurgos dos textos clássicos nas *sylvae* constituem, por vezes, como ficou patente na primeira parte deste trabalho, verdadeiros atentados á autenticidade dos originais. Uma tal violência, em contraste com a fidelidade dos filólogos humanistas à integridade dos manuscritos das obras clássicas, só encontra explicação nas concepções da Igreja sobre o amor e o sexo. Mas, ao mesmo tempo que a Igreja impunha a abstenção sexual, mesmo em certos dias e épocas da vida do casal, a sociedade civil produzia valiosas obras sobretudo no domínio das artes plásticas e da literatura - obras que exprimiam uma boa relação corpo-espírito e, não raro, um são equilíbrio no antagonismo da personalidade humana. Impõe-se, por isso, alguma reflexão prévia sobre as origens da "maldição" do sexo, por um lado, e, por outro, das expressões estéticas do amor,

---

[99] Marc Leboucher, director literário das edições francesas Desclée Brower, pergunta a René Rémond: - "Comment une religion qui parle de l'amour peut-elle laisser au second plan la vie affective, et donc la sexualité?"

Do interpelado, prestigiado historiador cristão, da Academia francesa, saliento esta parte da resposta: - "Il va de soi que cette insistance sur la crainte de l'enfer, l'idée de sexualité liée nécessairement au thème de la chute et de la faute, ne pouvaient guère favoriser l'épanouissement de l'individu" (Cf. René Rémond, Le christianisme en accusation, Paris, Desclée de Brower , 2000, pp. 133-134. Só agora, nestes tempos pós-Vaticano II, a Igreja oficial vai descobrindo, pouco a pouco, o verdadeiro lugar da sexualidade no desenvolvimento da personalidade).

particularmente na história da literatura portuguesa, em manifestações discordantes da doutrina oficial da Igreja, a qual na Idade Média englobava quase toda a gente.

No que respeita à Idade Média, dado o peso da Igreja, facilmente se cai no erro de atribuir excessiva influência à incidência do seu pensamento sobre a sociedade civil. Ora em muitos domínios, a começar pelo político, é notória a autonomia do ideário laico[100]. Na questão da moral sexual, uma leitura atenta dos textos profanos, tanto literários como não-literários, permite verificar uma grande distância entre as concepções da Igreja e as práticas amorosas.

A menção de algumas expressões literárias significativas na nossa literatura entre os séculos XIII e XVI, por contraste com o rigorismo da Igreja, obedece aqui a um objectivo bem preciso: mostrar como a aplicação das normas tridentinas à leitura dos textos clássicos, por parte dos antologizadores jesuítas, estabeleceu a ruptura com a tradição nacional. A Inquisição portuguesa encarregar-se-ia de velar atentamente, até 1820, pela "pureza" dos textos, rasurando e manipulando muitos deles, mas sobretudo impedindo que tantos outros vissem a luz do dia, quer por força da censura prévia quer pela demissão dos autores em face da tesoura que os aguardava.

Amor e sexo na história do Cristianismo - uma breve retrospectiva

A Igreja cristã vai demorar ainda algum tempo a reencontrar a perspectiva de Jesus de Nazaré sobre as relações harmoniosas entre homem e mulher. Nos textos dos Evangelhos - fonte quase única, embora limitada, do conhecimento histórico de Jesus Cristo, que daí nos chega filtrado pelos testemunhos dos evangelistas - predomina uma relação homem / mulher de naturalidade e harmonia. Basta ter presentes, a comprová-lo, as várias mulheres com que Jesus espontaneamente se relaciona na sua vida pública: a Samaritana (João, 4), Maria de Magdala (Lucas, 8), Maria e Marta, irmãs de Lázaro (Lucas, 10, e João, 11), a sogra de Pedro (Mateus, 8), e muitas outras que O seguiam "por cidades e aldeias", como relata Lucas em 8, 1-3. Aliás, é enquanto participante numa festa de casamento que, segundo o evangelista João, Jesus opera o seu primeiro milagre,

---

[100] Gonçalves Cerejeira, em 1918, provavelmente para desculpar a Igreja pelo seu excessivo comprometimento com o regime monárquico, recentemente derrubado mas ainda então resistente e conspirativo, chama bem a atenção para este aspecto: "Efectivamente, em Portugal exagera-se facilmente, para bem e para mal, o papel da religião (...) (Cf. Cerejeira, 1974, I, p. 225). Até ao momento da vigilância da

transformando água em vinho para que não fique limitado o prazer dos noivos e seus convidados (João, 2); e é a várias mulheres (só a Maria de Magdala, segundo João 20) que Jesus Se revela em primeiro lugar depois de ressuscitado (Mateus, 28).

Não se pretende atribuir veracidade histórica aos testemunhos dos evangelistas. Mas não há dúvida de que transparece nos seus relatos um convívio espontâneo de Jesus com as mulheres. Os relatores (Marcos, Mateus, Lucas e João) não podiam ter inventado essa teia de relações, estando estas como estão em contradição com os costumes da sociedade judaica. É o caso de S. Paulo, genuíno judeu, que, embora tenha apreendido a mensagem de Jesus de plena igualdade de dignidade de cada um dos sexos, deixa transparecer a perspectiva da sua cultura ao omitir a aparição de Jesus ressuscitado a Maria de Magdala (*I Coríntios*, 15), em contraponto com o testemunho dos evangelistas - tal era a mentalidade judaica de escassa credibilidade do testemunho feminino.

Não é, pois, nos Evangelhos, que se encontra fundamentação teológica ou simplesmente histórica para a barreira interposta entre homens e mulheres. Não é tampouco nos *Actos dos Apóstolos*, redigidos por Lucas, que pode apoiar-se uma doutrina de ostracismo das mulheres: o convívio entre cristãos e cristãs parece bem espontâneo, como se deduz, por exemplo, de *Actos, 9, 36-41.* Por outro lado, apesar do lugar subalterno da mulher na sociedade judaica e da interpretação literal do *Génesis*, que atribuía à mulher o papel de primeira responsável pela desobediência a Deus e, consequentemente, da introdução do pecado no mundo[101], também não é na herança cultural judaica que podemos encontrar explicação para a dicotomia homem/mulher ou, mais genericamente, para a desvalorização do corpo. De facto, no Antigo Testamento não se cava qualquer fosso entre corpo e alma, tão característico da mentalidade cristã. Um dos livros veterotestamentários - o *Cântico dos Cânticos* - sublima mesmo a relação amorosa entre homem e mulher[102].

---

censura inquisitorial, a liberdade da sociedade civil, relativamente à tutela da Igreja, é digna de registo e honra os nossos antepassados.

[101] Nos finais do século e milénio anterior, um sacerdote carmelita - Armindo dos Santos Vaz - numa tese de doutoramento apresentada na Universidade Gregoriana, em Roma, e publicada em 1996 (A visão das origens em Génesis 2, 4b - 3,24, Lisboa, Ed. Didaskalia - Ed. Carmelo, 1996), reinterpretando o *Génesis* por recurso aos métodos da Linguística moderna , mormente pelo confronto com textos coevos do Médio Oriente, conclui, além do muito mais, pela atitude de dignificação da mulher, que, a seu ver, preside à escrita do texto genesíaco. Por sua vez, num longo artigo na revista *Brotéria,* nos números de Nov. e Dez. de 1996, Jesús Herrero afirma que Armindo Vaz elimina "do 'mito adâmico' toda a sombra de pecado no sentido tradicional cristão", e conclui formulando votos por que a Igreja retire da investigação do ilustre carmelita todas as consequências para a reformulação do magistério pastoral, acrescentando logo: "Se assim não for, de pouco terá valido desvelar a verdade dentro duma instituição que não se serve no seu ensino oficial das conquistas dos seus investigadores" (Cf. Jesús Herrero, "O Mito Adâmico", in *Brotéria,* Dezembro de *1996, p. 603).*

[102] Um grande exegeta e teólogo suíço - Herbert Haag - em obra recente, demonstra que o *Cântico dos Cânticos é* a exaltação do amor entre homem e mulher, conferindo ao erotismo o seu verdadeiro lugar no

Tem-se atribuído, frequentemente, a Sto Agostinho a responsabilidade maior por esta visão negativa do sexo no seio do Cristianismo. De acordo com os defensores dessa tese, o Bispo de Hipona só parcialmente terá ultrapassado a doutrina maniqueísta de radical oposição entre espírito e matéria, por um lado, e o conceito neoplatónico da superioridade do espírito, por outro. O esforço pessoal de Agostinho para se desprender da prática sexual anterior e viver o celibato auto-imposto ter-se-ia apoiado, embora um tanto subliminarmente, nas doutrinas maniqueístas e neoplatónicas[103].

Julgo, porém, que entre os pensadores católicos, mesmo os menos condicionados pela ortodoxia das opiniões, não tem sido devidamente assinalado o peso das concepções e da experiência pessoal do apóstolo Paulo na sobrevalorização da castidade[104]. Como os seus textos são canónicos, isto é, considerados *inspirados*, é sempre mais ousado culpar Paulo do que qualquer dos chamados "Padres da Igreja". A reinterpretação da Sagrada Escritura, na linha da hermenêutica actual, vem facilitar aos Católicos uma análise mais aprofundada e fecunda desses textos.

S. Paulo, a avaliar pelas suas cartas, contava, entre os seus directos colaboradores da pastoral cristã, com muitas mulheres. A misoginia que, por vezes, se lhe atribui, inclusivamente a partir da leitura de certas passagens das suas epístolas, não resiste hoje a uma crítica séria[105].No entanto, salvo melhor opinião, de S. Paulo parte a sobrevalorização

---

plano da criação divina, de acordo com a visão judaica então dominante: "Não há qualquer dúvida de que o *Cântico dos Cânticos* pertencia aos escritos sagrados e normativos de Israel. E tudo indica que devemos interpretá-lo no seu sentido próprio - uma expressão do amor erótico entre homem e mulher. Esta interpretação, aliás, corresponde inteiramente à forma de sentir do povo bíblico, que considera o mundo tal como é, com alegria e tristeza, com esperança e medo, com amor e sofrimento, com pecado e graça, com vida e morte, como fruto da vontade de Deus. Cabe aos homens formular essa realidade. Assim sendo, a principal força da criação, a força do amor, teria também que ter o seu lugar; o erotismo, com todo o seu fascínio, não poderia faltar nesta formulação". (Cf. Herbert Haag, *Liberdade aos cristãos*, em tradução de Maria de Fátima Andrade, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, p. 84).

103 Agora que as mulheres vão fruindo da necessária e feliz emancipação para nos transmitirem a perspectiva feminina sobre estas matérias, até há pouco quase exclusivamente reservadas ao olhar masculino, importa cada vez mais perscrutar os seus pontos de vista sobre temas até há bem pouco reservados à expressão masculina. Sob o título "Um olhar Claro", Clara Menéres, escultora e directora do Curso de Artes Plásticas da Universidade de Évora, na revista *Brotéria*, no número de Julho de 2001, escreve: "Não hesito em expressar uma opinião pessoal: Sto Agostinho nunca esqueceu os ensinamentos da sua juventude maniqueia, desenvolvendo uma teologia baseada na relação da alma com Deus e repudiando uma sã relação com o corpo, o mundo e a mulher. Esta teologia percorreu todo o pensamento da Igreja Ocidental e é para nós [mulheres] um escolho que temos de ultrapassar" (p. 593).

104 A aspiração humana à superação dos instintos sexuais ou, antes, a apologia da castidade está bem documentada em textos pré-cristãos. Os Jesuítas tirariam certtamente o máximo partido de textos insuspeitos nesse sentido como o de Tibulo citado na 1ª parte, em 5.1.: "A castidadeagrada aos deuses".

105 Na *Carta aos Gálatas*, S. Paulo mostra ter assimilado a doutrina revolucionária de Jesus Cristo de não destrinça "entre judeus e não-judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homens e mulheres" (*Gálatas*, 3, 28). Mas esta posição assumida por Paulo estava em contradição com outros textos de carácter misógino como *I Coríntios, 14, 33-35*, e *I Timóteo, 2, 11-15*. Segundo Herbert Haag, já mencionado em nota anterior, a exegese bíblica demonstrou com rigor científico tratar-se , nestes casos concretos, de interpolações pós-paulinas, do final do séc. I, para satisfazer uma crescente atitude social de subalternização das mulheres (Cf.

da castidade. É sobretudo na primeira Carta aos Coríntios que aborda a questão da sexualidade, como que reservando aí o conceito de *imoralidade* para os chamados "pecados da carne":

> Evitem a imoralidade. Os outros pecados que o homem comete ficam fora do corpo. Mas o que pratica a imoralidade ofende a dignidade do seu próprio corpo[106].

E, depois de referências directas à vida conjugal dos esposos, não faltando mesmo o conselho de que "não se privem um do outro, a não ser de comum acordo", acrescenta:

> O que eu queria era que todos fossem como eu. Mas cada um procede conforme os dons que Deus lhe concedeu, uns duma maneira, outros doutra[107].

O autor da *Primeira Carta aos Coríntios* não só se revela bom conhecedor da sexualidade humana, como se ergue perante o leitor como um homem de forte personalidade, deixando transparecer o seu carácter bem viril:

> Aos solteiros e às viúvas tenho a dizer que era melhor para eles continuarem a viver como estão, tal como eu. Mas, se não sentem forças para isso, casem-se. É melhor casar-se do que arder em desejos[108].

Como vemos, não há aqui a condenação do casamento mas antes o aconselhamento da castidade enquanto via espiritual superior[109]. A formulação da doutrina nestes termos em conjugação simultânea com o exemplo de vida do convertido da estrada de Damasco, transformado de perseguidor em arrebatado e apaixonado por Jesus Cristo, marcou certamente a história da Igreja. A comprová-lo está, por exemplo, um testemunho de S. Jerónimo (c. 346-420), doutor da Igreja, que invoca os textos paulinos como autoridade para as suas teses de apologia da virgindade[110].

Herbert Haag, A Igreja Católica ainda tem futuro ?, em tradução do alemão por José Sousa Monteiro, Lisboa, Editorial Notícias, 2001).

106 Cf. *I Coríntios, 6, 18.*

107 Cf. I Coríntios, 7, 5 e 7.

108 Cf. *I Coríntios, 7, 8.*

109 Em S. Paulo se podem buscar, portanto, argumentos sólidos para o celibato como opção voluntária de empenhamento cristão. Mas a transposição que daí foi feita pela Igreja para o celibato obrigatório dos sacerdotes é um abuso de autoridade, cada vez mais denunciado sem que, apesar da tomada de posição de eminentes teólogos, se vislumbre a revogação dessa medida disciplinar sem fundamento teológico.

110 S. Jerónimo levou ao exagero a apologia da virgindade e da castidade. Curioso é verificar que a comunidade cristã do final do século IV reagia à desvalorização do casamento. É isso que claramente se deduz duma carta de S. Jerónimo datada de finais do ano de 393, em que ele se defende das reacções

Não se nega o peso de Sto Agostinho, mormente por força das suas teses de conciliação do platonismo com o Cristianismo, na doutrina da Igreja sobre o sexo. Mas - repito - é em S. Paulo que deve procurar-se o fundamento para a visão da Igreja sobre a moral sexual, já bem retrógrada no século XVI, quando os Jesuítas procediam à selecção dos textos clássicos para as suas antologias de ensino.

Veremos em seguida como as tentativas de controlo das consciências na Idade Média, por parte da Igreja, não obstou à expressão original do amor em manifestações espontâneas de bons artistas, desde os primórdios da nacionalidade.

As relações amorosas na literatura portuguesa dos séculos XIII a XVI - algumas manifestações relevantes

Como é unanimemente reconhecido pela crítica, as "Cantigas de Amigo" da lírica trovadoresca portuguesa, embora só documentadas em textos escritos datados provavelmente a partir do século XIII, remontam a uma época peninsular anterior ao nascimento de Portugal. Essa antiguidade já é só por si significativa para avaliar a importância de manifestações de certo realismo amoroso contrastantes com as normas do Cristianismo. Mas não menos importante é o facto de, nesses poemas de amor, *fingidamente* se revelarem estados de alma da mulher medieval enamorada, embora escritos por homens, que, de qualquer forma, procuravam exprimir a alma feminina como eles a imaginavam ou a captavam nas confidências das suas companheiras.

Sem pôr em causa o pudor como atitude largamente predominante na nossa lírica trovadoresca, em conformidade com as normas e as convenções da época, importa sublinhar as "infracções", que só serão excepções à regra na literatura; na vida, seriam bem mais comuns, ou não fosse a prática amorosa muito semelhante em todos os tempos.

---

provocadas na comunidade cristã pelas suas teses expostas num texto anterior - "Contra Jovinianum". Criticavam-no os cristãos, entre eles se incluindo monges celibatários, pelo facto de exaltar a castidade em termos tais que "parecia não poder subsistir qualquer termo de comparação entre uma esposa e uma virgem" (*nulla posse videatur inter uxorem et virginem comparatio relinqui*). E S. Jerónimo é categórico: Joviniano considerava o casamento igual à virgindade; ele julga-o inferior. Para aclarar o seu pensamento recorre à linguagem metafórica: a virgindade é ouro, prata o casamento. E manifesta o seu espanto pelo facto de entre os seus críticos haver celibatários, que, segundo Jerónimo, deveriam ser os primeiros a defender a superioridade do celibato. E o polémico Jerónimo defende-se com os textos paulinos: " - Lê, peço-te - diz ele a Pammachius - e medita com cuidado nas plavras do Apóstolo. Verás então que, para evitar a calúnia, fui indulgente para com os maridos, muito para além do que paulo terá pretendido". E aduz em defesa da sua interpretação da Carta de S. Paulo aos Coríntios os testemunhos de Orígenes e Eusébio de Cesareia, entreoutros (Cf. S. Jérôme, Lettres, Tome II: XLVIII, Paris, Société d'Edition Les Belles Lettres, 1951).

Não faltam alusões à sensualidade em muitas cantigas de amigo, como demonstram muitos autores[111]. É, todavia, sobretudo num subgénero trovadoresco - *cantigas de alba* ou *alvorada* - que deparamos com referências ao amor de solteiros partilhado sem acatamento das restrições eclesiais. Vejamos as duas primeiras estrofes dum poema de Juião Bolseiro, trovador do terceiro quartel do século XIII:

> Sen meu amigo manh'eu senlheira / e sol non dormen estes olhos meus, / e quant'eu posso, peç'a luz a Deus / e non mi-a dá per nulha maneira. / Mais, se masesse con meu amigo, / a luz agora seria migo. // Quand'eu con meu amigo dormia, a noite non durava nulha ren; / e ora dur'a noite e vai e ven, / non ven (a) luz, nen pareç' o dia. / Mais, se masesse con meu amigo, a luz agora seria migo.[112]

Afinal, a coabitação amorosa do par de namorados é bem mais antiga na Península Ibérica (Juião Bolseiro será galego ou português) do que poderia pensar-se. Ora a doutrina oficial da Igreja ainda se recusa hoje a sancionar tais vivências do amor entre namorados, ou seja, proíbe quaisquer relações sexuais pré-matrimoniais.

Na literatura portuguesa medieval, a mais bela expressão do amor sexualmente realizado entre homem e mulher, temo-la no *Amadis de Gaula*[113]. Aí a mulher - Oriana - toma a iniciativa da realização amorosa. E não há sombra de pecado a escurecer o acto amoroso. O mais espantoso para a mentalidade da época é que Oriana e Amadis, longe de esmorecerem no seu amor após a mútua entrega sexual, sentem-se revigorados na sua paixão. Vejamos um extracto da narrativa, em português actualizado por Rodrigues Lapa, talvez o nosso maior estudioso desta obra-prima:

> Pode por isso dizer-se que naquela verde erva, e em cima daquele manto, mais por graça e comedimento de Oriana que por desenvoltura e ousadia de Amadis, foi feita dona a mais formosa donzela do mundo. E, crendo com isso resfriar as suas ardentes chamas, ficaram, ao contrário, muito mais acrescidas, fortes e incendiadas, como acontece nos sãos e verdadeiros amores[114].

---

111 Stephen Reckert e Helder Macedo vêem referências sexuais em muitos dos símbolos a que recorrem os trovadores, como bem exemplificam em comentários originais da sua obra *Cancioneiro de Amigo*, 2ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, s/d.

112 Cf. *Antologia da poesia trovadoresca galego-portuguesa*, organizada por Alexandre Pinheiro Torres, Porto, Lello e Irmão - Editores, 2ª edição, 1987, pp. 83-84.

113 Depois de prolongada disputa entre célebres investigadores como Menéndez Pelayo e Rodrigues Lapa, hoje a crítica literária dá como mais ou menos assente que o *Amadis de Gaula* é de autoria portuguesa, tendo sido redigido entre os séculos XIII - os primeiros livros - e o século XIV, provavelmente por João Lobeira e Vasco de Lobeira.

114 Cf. Rodrigues Lapa, *Amadis de Gaula*, Lisboa, Seara Nova, 5ª edição, 1968, p. 39.

A argumentação de R. Lapa em defesa da autoria portuguesa consta deste mesmo pequeno volume dos "Textos Literários" da *Seara Nova*, e ainda do seu artigo "Amadis de Gaula" no Grande Dicionário da Literatura Portuguesa, dirigido por João José Cochofel, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1977.

Jaime Cortesão exalta a novidade da realização carnal dos amores de Amadis e Oriana, e considera que a naturalidade do amor na novela comunga do espírito franciscano, de profunda influência - segundo Cortesão - nos costumes portugueses. Escreve Jaime Cortesão:

> Assim o Amadis surgiu como um puro e ardente Prometeu do Amor. Liberta os amorosos de todas as cadeias de dever, que não sejam a íntima atitude perante Deus. (...)
>
> E, assim como nos *Fioretti* S. Francisco e os seus companheiros buscam, a cada passo, o refúgio das selvas e a solidão das brenhas para entregar-se à contemplação divina, assim os cavaleiros e as donzelas do *Amadis* se comprazem em embrenhar-se nos bosques, por onde discorrem, à busca de aventuras, ou para celebrar as suas livres núpcias[115].

A partir do século XV são já menos surpreendentes as manifestações de sensualidade no amor, dado que vão chegando cá as influências do Renascimento. No *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (1516), há muitos poemas que exprimem o desejo sexual. A referência expressa à "sensualidade", aparece, por exemplo, neste poema de Duarte de Resende, em que a vontade disputa com a razão:

> S´obedecera à razão, / e resistira à vontade, / eu vivera em liberdade, / e não tivera paixão. //
> Mas quando já quis olhar / s´em algum erro caíra, / achei ser tudo mentira, / s´a isto chamam errar.
> Que seguir sempre razão, / e não mil vezes vontade, / é negar sensualidade, cujo é o coração[116].

Com o Renascimento, a valorização do corpo e dos sentidos ultrapassou por momentos a rigidez das normas da Igreja. Por momentos, porque a Contra-Reforma, nesse como em outros domínios, restabeleceu e até reforçou a antiga disciplina. Assim se explica que em Gil Vicente deparemos com a naturalidade do olhar feminino sobre o amor, em magníficas personagens como *Inês* da "Farsa de Inês Pereira", e *Constança* do "Auto da Índia", e oiçamos frequentemente em Camões a palinódia das suas cedências carnais, como nas redondilhas "Sôbolos rios que vão":

> E tu, ó carne que encantas, / Filha de Babel tão feia, / Toda de misérias cheia, / Que mil vezes te levantas / Contra quem te senhoreia, // Beato só pode ser / Quem com a ajuda celeste / Contra ti prevalecer, / E te vier a fazer / O mal que lhe tu fizeste[117].

---

115 Cf. Jaime Cortesão, O Humanismo Universalista dos Portugueses, Lisboa, Portugália Editora, 1965, p. 90.

116 A actualização do texto é de Ema Tarracha Ferreira *in* Antologia do Cancioneiro Geral, Lisboa, Editora Ulisseia, 1994, p. 161.

117 Cf. Hernâni Cidade, Luís de Camões, Obras Completas, Livraria Sá da Costa, 1971, vol. I, p. 116

Já ficaram suficientemente explicitados os objectivos que presidiram à selecção de autores e textos por parte dos Jesuítas.

O amor foi o grande censurado na selecção de textos clássicos a cargo dos homens da Companhia e destinados aos seus colégios. E entre os autores o mais atingido é Ovídio. Recordemos aquele prefácio da *sylva* acima parcialmente transcrito: "Dos poetas lascivos arredámos os rapazes como de forja pestilente de todos os crimes". Felizmente, como tivemos oportunidade de ver na exposição de textos e autores da primeira parte, a intolerância do prefácio não tem correspondência absoluta na organização das antologias.

O problema é que não são apenas os textos sexualmente mais marcados que sofrem cortes ou alterações. Às vezes, uma relação amorosa que hoje consideramos edificante também é omitida. Mesmo cenas de ternura entre cônjuges são, frequentemente, passadas adiante. Em contrapartida, deparamos com textos enquadráveis nos critérios de censura que, no entanto, passam nas antologias. Algumas dessas omissões são explicáveis por objectivos de natureza pedagógico-didáctica.

Ao longo da primeira parte e à medida que se procedia à transcrição de autores e de textos foram expostos materiais que agora permitem uma perspectiva panorâmica do tratamento da sexualidade nas antologias.

No domínio da sexualidade humana, no âmbito da civilização ocidental, há textos chocantes que ferem a sensibilidade e o pudor, independentemente da época e das crenças religiosas. A "Arte de amar" e os "Remédios do amor", de Ovídio, escandalizaram os seus contemporâneos. O imperador Octávio Augusto, ao punir o poeta com o exílio, não terá, porventura, exercido uma mera vingança pessoal; certamente actuou em consonância com um sentimento de comum reacção dos cidadãos romanos dos finais do século I ª C. e princípios da era cristã. O mesmo se poderá dizer de muitos epigramas de Marcial.

Que interesse tem então a omissão de textos obscenos ou controversos nas antologias dos jesuítas, se um antologista actual com responsabilidades pedagógicas procederia provavelmente de modo idêntico? Nesses casos, não são as omissões em si mesmas que estão em causa. O problema reside nas distorções dos textos. A lição de respeito dos filólogos humanistas pela integridade dos textos fica longe de ser seguida pelos antologizadores jesuítas. Estes poderiam ter omitido simplesmente certas obras ou textos. Mas devia ser tal o peso da tradição cultural desses autores, que os Jesuítas sentiram

a necessidade de os transcrever. Não hesitaram, porém, em os adaptar aos seus objectivos, reorientando os textos noutro sentido.

A manipulação de textos choca particularmente a nossa sensibilidade moderna. Todavia, há que destacar o mérito dos Jesuítas ao enriquecerem culturalmente os seus alunos, mesmo à custa de extractos deturpados. Ora isso não constituía apenas uma concessão à *eruditio*; também a formação moral dos alunos, objectivo sempre presente, como vimos pela análise dos prefácios, era visada com esses textos. É o que acontece num caso extremo como o das duas obras do Sulmonense atrás citadas: os alunos não ficavam com ideia alguma (nem os títulos escaparam!) da "Arte de amar" e dos "Remédios do amor", mas dispunham aí de boas sentenças para reflexão pessoal.

Há uma segunda ordem de textos censurados, obedecendo a censura, a meu ver, a intuitos não confessados de formação de celibatários. Temos - é certo - que fazer um esforço para não analisar essa censura com critérios actuais. Mas há que contrapor não apenas com a tradição cultural de épocas anteriores, como ainda com a própria abertura de que deram provas muitos humanistas no interior da Igreja. Nesse aspecto, os Jesuítas do século XVI não parecem ter acolhido a velha herança do tratamento do amor.

Se a censura jesuíta dos textos eróticos clássicos foi, nuns casos, excessivamente severa, em alguns - poucos - surpreende pela benevolência. Estão nesta última situação dois tipos de extractos: uns demonstram uma sensibilidade que os prefácios, no seu rigor, não deixavam prever; outros, por demasiado ousados, levam a admitir, no mínimo, não ter havido o devido cuidado na sua selecção.

a) Textos omitidos ou alterados para novas significações

Nesta secção faço referência a textos de dois géneros: textos cuja omissão ainda hoje se preconizaria, e textos deturpados ou reorientados de modo a produzirem uma significação diferente da do original. Ficam de fora as omissões que, em princípio, se explicam por simples economia de espaço, dado que a organização duma antologia implica sempre selecção, de acordo com os critérios dos organizadores. Os comentários às várias situações constam da primeira parte. Importa agora dar uma visão geral a partir de alguma exemplificação.

1. Exemplos de textos cuja exclusão é plenamente aceitável temo-los nos *Amores*, na *Ars Amatoria* e nos *Remedia Amoris*, de Ovídio, bem como em vários epigramas de Marcial,

entre outros. Para se ter uma ideia mais realista de tais textos, revejam-se os versos 23-26 e 69-72 da 7ª elegia do livro III dos *Amores,* de Ovídio, (ponto 3.8.) e o epigrama nº 58 do livro I de Marcial (ponto 2.8.1.).

2. Quanto às omissões que acarretam obscuridade ou mesmo incompreensão do conjunto do texto, fica a impressão de que, nesses casos, os antologizadores se preocupavam apenas com a língua latina independentemente dos conteúdos. Exemplos disso são: uma passagem da "Carta de Dido a Eneias" - vv. 133-134 - nas *Heroides* (ponto 3.2.3.), a *Aulularia* de Plauto, e a *Andria* de Terêncio.

3. Muitos são os exemplos de textos desvirtuados. Nos casos da *Ars Amatoria* e dos *Remedia Amoris*, a razão da reorientação das obras residirá, como foi explicitado na primeira parte, na valorização dos seus méritos retóricos. Noutros casos, os autores terão pretendido salvaguardar o interesse da informação erudita, visar outros aspectos da formação humana dos alunos, fornecer bons exemplos de descrições, não perder uma história célebre, privilegiar certas figuras de retórica, etc. A confirmação temo-la no tratamento dado às 2ª, 3ª e 5ª elegias do livro I dos *Amores*, às 2ª e 3ª elegias do livro III dos *Amores* (ver pontos 3.2. e 3.7.), à 1ª elegia do livro II de Tibulo, ao *Stichus* de Plauto (ver ponto 3.5.1.1.) e ao *Eunuchus* de Terêncio.

b) Textos que tendem a evitar ou reduzir a presença feminina ou que aconselham a castidade

A preocupação "divina" do *Génesis* com a solidão do varão recém-criado[118] não encontra o devido acolhimento nos seleccionadores dos textos clássicos. Pelo contrário, a escolha dos textos deixa por vezes a impressão de estimular ao celibato, tal é o "despovoamento" de mulheres ou de cenas de amores operado nos textos. É o que pode comprovar-se com muitas passagens referidas na primeira parte, das quais destaco as seguintes, exemplificativamente:

---

118 "O Senhor Deus disse ainda: - Não é bom que o homem fique sozinho. Vou-lhe arranjar uma companhia apropriada para ele" (Génesis 2, 18).

1. Nas "cartas" das heroínas das *Heroides* de Ovídio há muitos exemplos dos melhores sentimentos de vida conjugal. Justificava-se, por isso, uma maior e melhor selecção de textos, mas só um terço das cartas foi objecto de atenção[119].

1.1. À supressão dos vv. 7-8 da "Carta de Penépole a Ulisses" (ponto 1.2.1.) podemos contrapor, na tradição amorosa peninsular, uma bela cantiga de alba de Juião Bolseiro:

> Da noite d'eire poderan fazer / grandes tres noites, segundo meu sem; / mais na d'oje mi veo muito bem: / ca veo meu amigo / e ante que lh'enviasse dizer ren, / veo a luz e foi logo comigo. // E, pois m'eu eire senlheira deitei, / a noite foi, e veo, e durou; / mais a d'oje pouco a semelhou; ca veo meu amigo, / e tanto que mi a falar começou, / veo a luz e foi logo comigo. // E comecei eu eire de cuidar, / e começou a noite de crecer; / mai-la d'oje non quis assi fazer: / ca veo meu amigo, / e faland'eu com el a gran prazer, / veo a luz e foi logo comigo.

1.2. Só um zelo excessivo explica a omissão dos vv. 9-14 da "Carta de Ariadne a Teseu" (ponto 5.2.1): Ariadne em vão tacteia, às escuras, o leito conjugal em busca do marido, que a surpreendeu com a sua fuga.

1.3. Até os ternos beijos do casal Laodamia e Protesilau se evaporaram (ponto 6.2.1.), embora antes tenha ficado mencionado o abraço de despedida do casal (ponto 6.1.).

2. O carácter obsessivo da paixão amorosa, que leva o enamorado a alhear-se de tudo o que não seja o objecto amado, não interessou os antologistas dos epigramas de Marcial (ver ponto 2.10.).

3. A singela narrativa dum acto de violação, na *Aulularia* de Plauto, é omitida, mesmo comprometendo a inteligibilidade do enredo. Esse trecho (ver ponto 1.1.1.) era imprescindível para a correcta interpretação do argumento do dramaturgo. Além disso, a boa formação humana dos adolescentes não pressupunha o conhecimento desse como doutros crimes, infelizmente verificáveis em todas as épocas?

---

119 O "Cancioneiro Geral" de Garcia de Resende, publicado em 1516, inclui várias composições que são traduções poéticas aproximadas de "cartas" das *Heroides* de Ovídio, o que demonstra o interesse dos nossos primeiros humanistas por essa obra. Nem faltam nessas versões poéticas do "Cancioneiro Geral" alusões a intimidades amorosas, como nestes versos da "Carta de Enone a Páris, trasladada do Ovídio em coplas por João Roiz de Lucena": "Bem sabes tu que folgamos / muitas vezes entr'o gado, / cobertos com verdes ramos, / e que juntos nos deitamos por aquele verde prado. // E quantas vezes jazendo / em alta cama de feno, / em

4. As reservas formuladas no "Ratio Studiorum" quanto à "pureza" das obras de Terêncio causa espanto ao leitor moderno. Por isso, a humaníssima personagem da sogra, da peça do mesmo nome, não encontrou espaço na antologia, muito menos sendo de espantar, nessa ordem de ideias, que a grandeza duma prostituta seja omitida. No entanto, que lição moral não dá a prostituta Báquis da peça *O Castigador de si mesmo* (ver ponto 3.4.) !

5. Um certo menosprezo das mulheres, por parte dos antologizadores, explica que uma anedota de mau gosto do epigrama nº 24 de Marcial tenha acolhimento (ver ponto 5.6.), igual interesse lhes merecendo a misoginia de Plauto (ver ponto 1.3. da peça *Aulularia).*

6. A directa apologia da castidade vem em Tibulo: "A castidade agrada aos deuses: vinde com veste pura e colhei a água da fonte com mãos puras" (ponto 5.1.).

c) Textos cujo acolhimento nas antologias pode causar surpresa

As antologias dos Jesuítas não excluem as mulheres, mas limitam as manifestações de amor. A sobrevalorização da castidade é a causa desse rigor no tratamento dos textos. Há, porém, excepções ao rigorismo censório do amor, que vale a pena ponderar.

1. A excepção menos explicável é a dos vv. 343-348 do II livro dos *Fastos* de Ovídio (ver ponto 8.1.). Essa cena da erecção do Fauno escapa por inadvertência? Porque a situação é cómica? Esta passagem dos *Fastos*, na sua inclusão antológica, reforça a hipótese de a selecção não ter sido da responsabilidade da Companhia. De qualquer forma, os Jesuítas adoptaram a antologia. E como explicar ainda que a censura externa, nomeadamente a do Santo Ofício, sempre implacável, tenha deixado passar?

2. Os juramentos de amor eterno de Deucalião e Pirra no livro I das *Metamorfoses* de Ovídio não sofreram corte (ver ponto 2.1.1.), apesar da insinuação de suicídio.

3. Nos amores de Ceix e Alcíone, do livro XI das *Metamorfoses* (ver ponto 2.6.1.2.), a expressão da dor da separação, por parte de Alcíone, não é omitida, mesmo com

---

baixa casa vivendo /, nos cobriu a neve. (...)". (Cf. Ema Tarracha Ferreira, Antologia do Cancioneiro Geral, Lisboa, Editora Ulisseia, 1994, pp. 169-170).

referências ao leito conjugal. Do mesmo teor, embora centrado no ciúme, é o texto dos vv. 19-20 da "Carta de Hipsípile a Jasão" dos *Amores* (ver ponto 2.1.2.). Lembremos que, normalmente, os textos em que há referência ao leito conjugal são omitidos.

4. O acolhimento dos amores de Dido e Eneias, da "carta de Dido a Eneias", poderá explicar-se pelo prestígio da epopeia de Virgílio. Mesmo omitindo a cena da auto-entrega de Dido a Eneias (ver ponto 3.2.2.), passa toda a veemência amorosa da rainha de Cartago.

4. 1. Mais surpreendente ainda é o extracto de Tácito (ponto 2.3.):

> "(...) semelhante à tempestade que desencadeou a filha de Saturno sobre a Líbia, enquanto a rica Elisa se entregava ao companheiro troiano, e as ninfas, como testemunhas, ululavam por aqueles lugares solitários".

5. Os direitos do coração a sobreporem-se a deveres cívicos como o do serviço militar, da "Carta de Laodamia a Protesilau", encontraram a adesão dos antologizadores.

Camões que, nos *Lusíadas*, exalta a aventura guerreira e marítima, soube genialmente exprimir, em contraponto, esse sentimento de mútua pertença dos cônjuges no belo episódio da "Despedida das Naus": "Qual em cabelo: - Ó doce e amado esposo, / Sem quem não quis Amor que viver possa, / Porque i[de]s aventurar ao mar iroso / Essa vida que é minha e não é vossa?" (*Lus., IV, 91).*

A intencional atitude de Laodamia de descuidar o aspecto físico durante a ausência do marido - vv. 41-42 - tiveram igual acolhimento. Os autores da antologia podiam, eventualmente, ter presente a personagem Constança do *Auto da Índia* de Gil Vicente, a qual, hipocritamente, declara ao ingénuo marido: "Esta camisa que trago / em vossa dita a vesti, / porque vinha bom mandado. / Onde não há marido / cuidai que tudo é tristura, / não há prazer nem folgura; / sabei que é viver perdido" (vv. 478-484).

6. A menção expressa das saudades de Ovídio no exílio de Tomes, lembrando à esposa o leito de amor conjugal, é uma boa surpresa (ponto 1.2.13.): "Assaltam-te os cuidados, quando te comove a visão do nosso leito e do meu lugar nele, e isso não te permite esquecer-me? Sentes a agitação do espírito, e a noite parece não ter fim, e doem-te os ossos cansados num corpo agitado?"

7. Em Propércio (ver ponto 5.5. da 1ª parte), passa uma referência a um novo casamento dum viúvo com menção do leito conjugal. É o espectro da falecida que assim recomenda

aos seus órfãos compreensão para um eventual novo casamento do pai: "Se (...) uma prudente madrasta ocupar a minha cama, ó filhos, aprovai e aceitai o casamento de vosso pai: cativada pelas vossas atitudes, ela entregar-se-vos-á".

8. Num extracto do Livro I da I Década de Tito Lívio temos um bom exemplo de alusões amorosas que escaparam à censura. Rómulo, para acalmar a cólera das mulheres sabinas forçadas ao casamento com romanos, procura convencê-las a darem livremente os corações àqueles a quem haviam sido obrigadas a dar os corpos: "(...) vinham depois as carícias dos maridos, que reparavam a má acção pelo desejo e pelo amor, o que é, para o espírito feminino, a mais eficaz das súplicas" (cf. Tito Lívio, ponto 1.3.3. da 1ª parte)

9. De Salústio passa um extracto curioso: Catilina recruta, entre os cúmplices da sua conspiração, uma mulher de tão intensa sensualidade que "mais solicitava ela os homens do que eles a solicitavam a ela" (cf. Salústio, ponto 6. da 1ª parte).

10. A menção da origem "divina" de Rómulo, com expressa referência à gravidez de Reia Sílvia por cópula com o deus Marte, num texto de Floro (cf. ponto 2.1. da 1ª p.), pode causar surpresa. Não haveria o risco de confronto com a concepção da Virgem Maria?

11. Fecha bem esta série de textos antologizados ilustrativos da abertura à problemática do amor um epitalâmio do epigrama nº 13 do livro IV de Marcial (ponto 3.4. da primeira parte:

"(...) Bela Concórdia, habita para sempre no seu leito, e que Vénus seja sempre favorável a uma união tão perfeita. Que ela o ame mesmo quando ele já for velho, e que ela, quando for igualmente idosa, assim não o pareça ao marido".

Ao acolherem assim um texto que celebra o amor conjugal, em termos tão expressivos, os Jesuítas compensam-nos da censura ilegítima a muitos outros textos.

Em síntese: da maneira como são tratados os textos clássicos que abordam os problemas da relação entre homem e mulher, podemos concluir que os Jesuítas, apesar do esforço feito para acolherem as "lições" de obras e autores clássicos consagrados, contrariam a tradição portuguesa anterior e o melhor espírito do Renascimento. Mas - valha-nos isso - foram menos rigorosos do que o impunham as "Regras" do *Ratio Studiorum*.

3. Outros temas e "lições"[120]

Da variedade de autores e textos latinos incluídos nas antologias jesuíticas conclui-se que a motivação dominante das escolhas era o ensino do Latim. No entanto, como o demonstram os prefácios, os conteúdos dos textos eram importantes para a formação dos alunos. Nunca poderá, portanto, deixar de se acentuar que os organizadores das antologias não andaram à busca de lições de moral. Estas surgem espontaneamnete dos próprios textos seleccionados. Tal não invalida, porém, que, em certos casos, seja possível aventar a hipótese, como muitas vezes fiz ao longo da primeira parte, da intencionalidade da escolha.

Importa recordar aqui o propósito do antologista das cartas de Cícero: "Quae ob perspicuitatem sententiarum et rerum varietatem, litterariis ludis, congestae sunt: *Foram reunidas em atenção à clareza dos pensamentos e à variedade dos temas, para exercícios escolares".* Por outro lado, tudo leva a crer que, sobretudo ao nível da *praelectio*, os docentes fariam o aproveitamento pedagógico dos ensinamentos proporcionados pelos textos.

Uns autores prestam-se mais do que outros à exploração de temas morais, como é o caso de Cícero. Vejamos algumas dessas "lições" de autores latinos seleccionados.

3.1. *A apologia das letras e da eloquência*

O *Pro Archia* de Cícero, integralmente transcrito numa *sylva*, como já vimos, é a obra onde, certamente, os docentes jesuítas colhiam melhores exemplos de encarecimento do saber. Na rubrica "Competitividade e emulação" ficaram registadas passagens significativas. Juntemos agora alguns extractos.

Em Cícero:

"Seja, pois, sagrado para vós, juízes, homens de cultura tão humana, este nome de poeta, que jamais qualquer barbárie profanou. Os rochedos e os ermos respondem à sua voz; os animais selvagens impressionam-se com o canto e imobilizam-se[121]. E nós, instruídos nas melhores disciplinas, não nos comoveremos com a voz dos poetas?" (ponto 3.6.).

---

[120] Todos os extractos mencionados se reportam à primeira parte, fazendo-se a indicação do autor e da obra, sempre que necessário; por vezes, basta assinalar o autor com a respectiva pontuação. No caso de Cícero, assinala-se a secção: A, B ou C.

[121] Cícero alude conjuntamente aos mitos de Orfeu e de Anfion.

Em Ovídio:

Merece destaque o título dado pelo antologista à 2ª parte da 9ª elegia dos *Tristia*:

"Felicita um amigo por ter granjeado grande glória graças ao empenhamento na instrução" (ponto 1.1.9.3).

Em Marcial:

"Que demência te levou, [Marco António], a puxar da espada contra a eloquência de Roma? Nem Catilina teria admitido um tal crime (...). De que te aproveita, por tal preço, o silêncio duma língua sagrada?" (ponto 6.8.).

3.2. *O elogio da virtude e da coragem*

Em Cícero:

"Àquele que possui a virtude nada falta para ser feliz" (C, 2.1.).

"Desconheces, insensato, desconheces quanta força possui a virtude; enches a boca só com o nome da virtude, mas dela ignoras o real valor" (C, 2.1.2).

"Por isso, como não pode haver felicidade para o mau, o ignorante e o cobarde, também ninguém pode ser infeliz se for um homem bom, sábio e corajoso" (C, 2.1.4.).

"Com efeito, de *uir* se derivou *uirtus*. Ora o que caracteriza uma alma viril é a coragem (...)" (C, 1.1.3.).

3.3. *Os modelos antigos e a recriação do passado*

Em Cícero:

"Quantas figuras de homens valorosos nos deixaram gravadas escritores tanto gregos como romanos, não apenas para as contemplarmos mas ainda para as imitarmos! Tendo eu presentes esses modelos no exercício das minhas funções públicas, moldava o meu sentir e pensar pelo pensamento de homens excelentes" (B, 3.5.).

Em Plínio-o-Velho

"É tarefa árdua dar novidade a velharias, autoridade às novidades, brilho ao que é obsoleto, graça ao que é desprezado, crédito ao duvidoso, a tudo a sua natureza, e á natureza tudo quanto lhe pertence. Por isso, mesmo que o não consigamos, é muito belo e maravilhoso ter tido essa vontade" (1.5.).

3.4. *O autodomínio*

Em Cícero:

"A natureza de tal maneira te [irmão Quinto] dotou que, mesmo sem uma educação adequada - creio eu - serias capaz de te controlar; ora tu recebeste uma educação capaz de suprir a natureza mais defeituosa" (A, 2.1.3.).

"É um defeito [a cólera] que nesta vida particular e quotidiana passa por um sinal de ligeireza e de fraqueza; mas, quando se exerce o poder supremo, nada há tão disforme como juntar [à dureza inerente à autoridade] a acidez do temperamento" (A, 2.1.12.)

"Já antes tinhas superado [Júlio César] todos os vencedores das guerras civis, graças à tua justiça e perdão; hoje venceste-te a ti mesmo" (B, 1.3.).

3.5. *A gratidão*

Em Cícero:

"Não tenho vergonha de dizer (...) que aquilo que conseguimos [nós os Romanos] o obtivemos por esses estudos, ciências e artes, que nos foram transmitidos pelas obras e ensinamentos da Grécia. Por isso, para além da protecção geral devida a todos, temos um dever específico para com esta raça de homens, que foram os nossos preceptores: devemos espelhar, nas nossas relações com eles, o que com eles aprendemos" (A, 2.1.10.1.).

"Grande deve ser a nossa gratidão para com os deuses imortais, em especial para com o próprio Júpiter Estátor, o mais antigo protector desta cidade, por tantas vezes termos escapado a esta peste tão abominável, tão horrorosa e tão hostil à república" (B, 5.1.5.).

"Romanos, devo a este homem [Pompeu] tudo o que dificilmente um homem pode dever a outro homem" (B, 6.3.1.).

"Por isso, guardarei a memória do vosso benefício [do povo] com eterno afecto" (B, 6.4.).

3.6. *Zelo, dedicação e coerência de princípios no exercício do poder*

Em Cícero:

"Importa estar activamente vigilante, a fim de que, na custódia da província, apareçam, não só tu [irmão Quinto] mas todos os subalternos às tuas ordens, como defensores dos aliados e dos cidadãos romanos da república" (A, 2.1.5.).

"Com efeito, ser desinteressado, dominar todas as paixões próprias, ter na mão os subordinados, fazer com que a justiça seja igual para todos, mostrar-se disponível para o estudo das questões, para as recepções e as audiências, é mais maravilhoso do que difícil" (A, 2.1.11.).

"Envergonhem-se aqueles que se embrenham nas letras sem nada delas extraírem para o benefício geral, e sem nada apresentarem à opinião pública" (B, 3.3.).

"Pensais vós, senadores, que eu teria votado o decreto que vós, contrariados, subscrevestes (...)? (B, 4,1.4.1.).

"Oh, triste condição a de ter não só de governar um Estado, mas ainda de o salvar!" (B, 5.2.3.)[122].

3.6.1. *O reverso do maquiavelismo*

Em Cícero:

"Aliás, tens contigo [irmão Quinto] homens a quem facilmente podes dedicar afeição se se portarem bem, ou, se forem negligentes, reconduzir a bom caminho" (A, 2.1.5.2.).

"Finalmente, deve ser sabido da província inteira que nada te [irmão Quinto] é mais querido do que a vida dos teus administrados, que os seus filhos, a sua reputação, os seus bens" (A, 2.1.6.).

---

122 Um texto tão expressivo como esta passagem do célebre discurso de Cícero (*Ad Quirites ou 2ª Catilinária)* bem pode ter inspirado o nosso quinhentista António Ferreira para a construção da personagem de D. Afonso IV na tragédia *Castro*:

" - Senhor, que estás nos Céus, e vês as almas / Que cuidam, que propõem, que determinam, / Alumia minh´alma, não sei que siga. Entre medo e conselho fico agora. / Matar injustamente é grã crueza; / Socorrer a mal público é piedade. / D´ ua parte receio, mas d´outra ouso" (Acto II, 2ª cena).

"Na minha opinião, é num só objectivo que devem convergir todos os actos dos que governam pessoas: que sejam o mais felizes possível os que estão sob a sua alçada" (A, 2.1.10.).

"Ó clemência admirável [de Júlio César], digna da estima e do louvor de todos, que as letras e as artes deviam ilustrar!" (B, 2.2.).

"O meu maior receio é o de que, desconhecendo tu [Marco António] o verdadeiro caminho da glória consideres honroso ter sozinho mais poder do que toda a gente, e prefiras ser temido em vez de amado pelos teus concidadãos. (...). Por isso, retrocede - peço-te - e põe os olhos nos teus antepassados, e governa o Estado de maneira que os teus concidadãos se felicitem por teres nascido. Sem isso, ninguém pode ser totalmente feliz, ilustre ou seguro" (B, 4.1.7. e 4.1.7.1.).

Em Tito Lívio:

"Com efeito, [Tarquínio o Soberbo], no respeitante ao poder, só podia contar com a força, já que governava sem mandato do povo nem aprovação do senado. Por outro lado, sem qualquer esperança na afeição dos cidadãos, tinha de proteger o poder com o temor" (1.5.).

Em Séneca:

"Onde não há pudor nem preocupação com a justiça, a pureza de costumes, o sentimento do dever e a lealdade, o trono vacila" (1.3.).

"Ninguém conserva por muito tempo um poder violento, mas é duradoiro um poder moderado" (2.2.1.).

3.7. *A simpatia humana*

Em Terêncio:

"Tal era a sua vida [do jovem, filho do velho Simão]: suportar e tolerar facilmente todos aqueles com quem podia encontrar-se, confiar-se a eles, antecipar-se aos seus desejos, não contrariar ninguém, nunca se pôr na dianteira - sendo este o procedimento mais apto a granjear amigos" (*Ândria*, 1.1.).

" - Cremes, sobra-te assim tanto tempo para te imiscuíres na vida alheia, a qual em nada te diz respeito? - Sou homem: nada do que é humano eu considero estranho à minha pessoa.. - (...) - Não chores, e, seja o que for, dá-mo a conhecer. Não te cales, não tenhas medo, confia em mim, digo-to eu. Hei-de ajudar-te com a minha compreensão, os meus conselhos ou o meu auxílio material" (*O castigador de si mesmo*, 3.1. e 3.1.1.).

"Se há alguém que procura agradar ao maior número possível de boa gente e ofender o mínimo de pessoas, este nosso poeta [Terêncio] junta-lhe o seu nome" (Do "Prólogo" do *Eunuco*).

3.8. *O pacifismo*

Em Tito Lívio:

"Eneias e Antenor foram poupados pelos Gregos ao direito de guerra, graças ao dever antigo de hospitalidade, e porque eles haviam sempre proposto fazer a paz e restituir Helena" (1.1.).

Em Tibulo:

"Que, entretanto, a Paz fecunde os nossos campos: a branca Paz começou por levar os bois, sob o jugo recurvo, a lavrar os campos" (ponto 4.2.).

"Mas vem a nós, Paz benfazeja, vem e traz uma espiga e que a branca prega da frente do teu vestido se derrame em frutos" (ponto 4.3.).

Em Ovídio:

"E procura [Protesilau, marido de Laodamia] dizer, de cada vez que te preparares para combater: - Laodamia recomendou-me que me poupasse para ela" (*Heroides*, 6.1.).

"Comece o meu poema por versos de seis pés e fixe-se em cinco! Adeus, guerras cruéis, juntamente com vossos ritmos" (*Amores*, 1.1.).

"Vem, ó deusa da Paz, com a fronte ornada pelas ramagens de Actium, e conserva-te com a tua doçura no universo inteiro (...). Que o soldado só pegue em armas para repelir outras armas, e a trombeta bélica apenas celebre a festa" (*Fastos*, 5.).

Em Séneca:

"Abstém-te de derramar sangue humano, tu que deténs o poder: os teus crimes cobram uma taxa mais elevada" (*Hércules Furioso*, 3.4.2.1.).

3.9. *Atitudes afectivas*

Em Plauto:

"Entretanto, nomeio dessas ocupações, não esqueci os meus bons amigos Estico e o meu camarada Sagarino (...)" (3.11.).

"Pelo facto de me julgardes digno do vosso parentesco, Fílton, estou-vos profundamente reconhecido. Dado, porém, que os bens se esfumaram por culpa da minha loucura, Fílton, resta-nos um campo aqui perto da cidade. Dá-lo-ei a minha irmã, já que, devido às minhas asneiras, ele é a única coisa que me ficou, juntamente com a vida" (*Trinummus*, 4.6.).

" - Penso, irmã, que Penélope teve o espírito em grande sofrimento naquela tão intensa "viuvez" que a privou do marido. Na verdade, conhecemos esse sentimento por nós mesmas, nós que temos os maridos longe daqui. (...) É justo que cumpramos o nosso dever. Até nem fazemos mais do que aquilo que nos aconselha o amor conjugal" (*Stichus*, 3.1.).

Em Terêncio:

" - Decidi, Cremes, que, enquanto estiver infeliz, menos ofendo o meu filho. Nem está certo que desfrute aqui de quaisquer prazeres, enquanto ele não regressar são e salvo para os partilhar comigo" (*O Castigador de si mesmo*, 3.1.3.).

Em Cícero:

"Gostaria que cuidasses [esposa] da tua saúde o mais possível, pois escreveram-me a informar que tiveste um súbito acesso de febre" (A, 1,1.)

"No meio das minha aflições atormenta-me a saúde da nossa filha [Túlia] (A, 1.2.).

"Isso conseguirás muito facilmente, se pensares que o teu irmão, a quem sempre quiseste agradar mais do que a qualquer outra pessoa, está sempre a teu lado e é parte interessada em tudo quanto disseres e fizeres" (A, 2.1.13.).

Em Ovídio:

"Encoraja-o a segui-lo, ensina-lhe a ousada arte [de voar], e, agitando as próprias asas, lança para trás os olhos sobre as asas do filho [Ícaro]" (Met., 2.5.1.1.).

"Assim, não verei, ao morrer, as lágrimas duma mãe, nem haverá uns dedos para me fechar os olhos" (*Heroides*, 5.1.5.).

Em Séneca:

" - É confiança insensata esconderes o [filho] que brevemente entregarás. - Uma verdadeira mãe [Andrómaca] não acolhe medo algum. - Após guerras tão longe da pátria, após dez anos, recearia eu menos os perigos anunciados por Calcas se temesse por mim próprio [Ulisses]: é que tu [Andrómaca] preparas guerras contra Telémaco" (*As Troianas,* 2.4.1. e 2.4.2.).

3.10. *O domínio da razão*

Em Plauto:

"Se venceste a paixão, e não ela a ti, há razão para te regozijares" (Trinummus, 4.5.3.).

Em Séneca:

"É um defeito da adolescência não conseguir controlar um arrebatamento" (As Troianas, 2.2.).

"Retém esse ímpeto descontrolado, ó minha pupila: só mesmo o silêncio e a calma podem defender-te" (Medeia, 4.3.).

3.11. *A simplicidade duma vida sem ambições; o carpe diem*

Em Tibulo:

"Uma pequena terra arável me basta, desde que me seja consentido repousar num leito familiar e relaxar os membros no colchão habitual" (ponto 1.2.).

Em Ovídio:

"Para que ninguém voltasse a agitar com os remos os extensos mares, era preferível que Argos, afundada, tivesse bebido as águas funestas" (*Amores*, 2.2.).

"Mas, quando o velho Saturno reinava nos céus, todas as riquezas o solo profundo as retinha comprimidas nas trevas (...). Que tinhas a ver com o mar? A terra devia ter-te bastado. Porque não assaltas também o céu como um terceiro reino? (*Amores*, 3.3.).

"Os nossos bens desaparecem sem o nosso consentimento. Colhei a flor; se não for colhida, ela própria cairá sem proveito" (*Ars Amatoria*, 1.18.).

Em Séneca:

"Esta é a expectativa, centrada nos campos, daqueles que desfrutam de um sereno repouso numa vida inocente e de uma casa satisfeita com o pouco que possui. Ambições perturbadoras e trepidantes receios, esses vagueiam em grande turbilhão pelas cidades". (Hércules Furioso, 3.2.1.).

Em Plínio-o-Velho:

"A alimentação mais útil ao homem é a simples, sendo funesta a acumulação de paladares e mais perniciosa ainda com temperos" (2.14).

"Aliás, em tudo o excesso é o que há de mais pernicioso na vida, mas principalmente para o corpo. E é de qualquer modo mais vantajoso reduzir o supérfluo" (ponto 2.16.).

Em Marcial:

" - «Amanhã, quero viver amanhã», repetes tu constantemente, Póstumo. Mas dize-me: - Esse amanhã quando chega? (...) Viverás amanhã? Viver hoje, Póstumo, já é tarde. Sábio só é, Póstumo, aquele que vive desde ontem" (ponto 6.6.).

3.12. *A inveja*

Em Ovídio:

"Desconhece o sorriso, excepto o provocado pela dor alheia; não desfruta do sono, agitada por vivos cuidados (...). Mas olha com desagrado os êxitos humanos e fica mirrada ao vê-los" (Met., 2.2.1.2.).

"A inveja deita abaixo o génio do grande Homero (...). E os teus poemas línguas sacrílegas os criticaram, os teus, Virgílio, por cuja mão Tróia trouxe até nós os deuses vencidos" (*Remedia Amoris,* 2.3.2.).

"Normalmente, é depois da morte que as obras agradam, já que a inveja costuma prejudicar os vivos e dar-lhes injustas dentadas" (*Ex Ponto*, 2.10).

Em Tito Lívio:

"Com efeito, como Perseu via que a aceitação e o prestígio do irmão Demétrio aumentava constantemente junto do povo da Macedónia, bem como o seu crédito entre os Romanos, e, pensando que a sua única esperança de reinar residia no crime [o assassínio do irmão], concentrou aí todos os seus planos" (3.1.).

Em Marcial :

"Como explicar que a glória seja recusada aos vivos e que poucos leitores apreciem o seu tempo? Sem dúvida, Régulo, são os comportamentos da inveja: ela prefere sempre os antigos aos modernos" (ponto 6.3.).

3.13. *A arte persuasória ou O poder da eloquência*[123]

Em Ovídio:

"Ficou impressionada a assembleia dos chefes, e o resultado patenteou o poder da eloquência, e as armas do valente varão [Aquiles] levou-as o orador [Ulisses]" (Met., 2.8.1.).

Em Tito Lívio:

"Com lágrimas simuladas, derramadas para deitar a perder o adversário, ele tornou suspeitas perante ti as minhas lágrimas verdadeiras" (3.2.5.).

"Atingido por esta desgraça súbita e inesperada, mal pude entender de que me acusavam, e não sei suficientemente como me defender. Que esperança teria se não tivesse meu pai por juiz?" (3.2.5.2.).

3.14. *As «lições» dos animais*

Em Plínio-o-Velho

"Com quanta arte a aranha oculta as armadilhas dissimuladas pela malha da rede! Que flexível é a bolsa da teia para resistir aos ventos e não deixar escapar os insectos que lhe caem dentro!" (2.5.).

"No trabalho, quanto esforço [das formigas], quanta diligência! E, dado que arrastam provisões de sítios diferentes, ignorando-se entre si, marcam dias fixos para o reconhecimento mútuo, numa espécie de feiras. Então, que afluência delas! Com que solicitude se relacionam, quando se encontram, que questões se põem umas às outras!" (2.7.).

---

123 As "lições" avulsas a seguir transcritas são de menor importância quando comparadas com os discursos de Cícero, onde avulta a arte de persuadir.

3.15. *A miséria é má conselheira*

Em Salústio:

"Não há a mínima razão para nos espantarmos de que pessoas na miséria, de maus costumes, cheias de ambição, confundissem os seus interesses pessoais com os do Estado" (8.1.).

3.16. *A instabilidade do vulgo*

Em Salústio:

"Entretanto, descoberta a conjura, a plebe que, a princípio, desejosa da mudança do regímen, apoiava inteiramente a guerra civil, mudou de opinião: passou a abominar as maquinações de Catilina e a erguer Cícero até ás nuvens" (8.2.).

Em Ovídio:

"Assim como a sombra acompanha os nossos passos aos raios do sol, e desaparece logo que ele fica retido pelas nuvens, assim o vulgo inconstante segue as luzes da fortuna, desaparecendo quando elas ficam eclipsadas pela cobertura duma nuvem" (*Tristia*, 1.1.9.1.)

3.17. *A temeridade*

Em Ovídio:

"Quando o jovem [Ícaro] entrou em delírio com o voo audacioso, largou o guia [o pai Dédalo], e, arrastado pelo prazer do céu, voou mais alto" (Met., 2.5.1.1.).

Em Séneca:

"Por demais temerário foi o primeiro homem que, num barco frágil, rasgou as pérfidas águas, e que, vendo desaparecer atrás de si a terra natal, confiou a vida a brisas ligeiras" (4.4.2.).

3.18. *Riqueza e decadência moral*

Em Floro:

"Foram esses recursos e riquezas que arruinaram os comportamentos do século, e, mergulhada a república nos seus vícios, como numa sentina, deitaram-na ao fundo" (2.5.).

"A causa duma tão grande calamidade, como todas as outras, foi o excesso de prosperidade do Império" (3.2.).

3.19. *Os direitos da mulher*

Em Plauto:

" - É uma insensatez, pai, mandar as cadelas caçar contra vontade. Uma mulher casada sem o seu consentimento é uma inimiga para o marido[124]" (Stichus, 3.6.).

3.20. *Contra o plágio e os plagiadores*[125]

Em Plínio-o-Velho:

"Na minha opinião, é um gesto generoso e pleno de inato pudor declarar a quem se deve o sucesso, ao contrário do procedimento da maior parte daqueles que folheei" (1.7.).

Em Marcial:

"E, quando ele se intitular dono dos versos, dirás que são meus e mandados de minha mão. Se gritares isto várias vezes, incutirás vergonha ao plagiador" (2.7.).

---

124 Certamente os docentes jesuítas não comentariam esta admirável lição do texto plautino. Mas só o facto de o antologizarem já é digno de mérito. De qualquer forma, os alunos recebiam um conhecimento que lhes suscitaria a necessária reflexão.

125 A "lição" de Plínio, que na Idade Média podia não ter grande acolhimento, fazia todo o sentido no Renascimento, que conferiu a maior importância ao individualismo; neste se incluíam, naturalmente, os direitos de autoria pessoal. No nosso terceiro milénio da era cristã não faltam, infelizmente, razões - algumas decorrentes do acesso às novas tecnologias - para "pregar" o respeito pela propriedade dos textos e das obras!

3.21. *A crítica a Aristóteles*

Em Plínio-o-Velho:

"Na verdade, espanta-me que Aristóteles não só tenha crido mas ainda tenha publicado que há no próprio corpo alguns indícios que prenunciam a duração da vida" (2.13.).

3.22. *Visão pessimista da evolução da humanidade*

Em Tibulo:

"Que bem se vivia no reinado de saturno, antes de a terra ter sido rasgada em extensas vias! (...). Agora, sob o domínio de Júpiter, aí estão sempre os assassinatos e os ferimentos, aí está o mar, aí estão, abertos de repente, mil caminhos mortais! "(ponto 2.2.).

Em Ovídio:

"Surgiu primeiro a idade do ouro, a qual, sem qualquer repressão, espontaneamente, sem leis, guardava a lealdade e praticava o bem" (Met., 2.1.1.).

3.22.1. *Elogio do passado por contraste com o presente*

Em Ovídio:

"Mas aquela idade antiga, a que chamamos doirada, era feliz com os frutos das árvores e com as ervas que a terra cria, e não manchava a boca com sangue" (Met., 2.9.1.1.).

"Quem agora faz caso das artes liberais ou pensa em atribuir valor a um poema lírico? O talento outrora era mais preciso do que o oiro; mas, agora, sinal de grande barbárie é ser pobre" (*Amores*, 3.3.).

3.23. *A perseverança no esforço*

Em Cícero:

"Por isso te [meu irmão] peço em primeiro lugar que não te voltes sobre ti próprio, abandonando-te ao desânimo, nem te deixes submergir como que por uma onda e pela grandeza da tarefa; mas que te levantes e resistas, e que mesmo te antecipes às dificuldades" (A, 2.1.2.)

Em Ovídio:

"Enquanto as forças ou os anos o permitirem, enfrentai [jovens] os trabalhos. Em breve chegará a velhice recurvada no seu passo silencioso" (*Ars Amatoria*, 1.16.).

3.24. *Atalhar o mal à nascença*

Em Ovídio:

"Enquanto é possível, e impulsos moderados te sacodem o coração, detém o passo no primeiro degrau. Abafa à nascença as más sementes da doença súbita, e que o teu cavalo se detenha no começo da pista" (*Remedia Amoris*, 2.1.7.).

3.25. *O castigo dos traidores*

Em Propércio:

"Assim falou Tácio [rei dos Sabinos] e esmagou-a [Tarpeia] com as armas dos companheiros introduzidas no interior. Ó donzela, este era o dote apropriado aos teus serviços!" (1.3.).

3.26. *A paixão da escrita*

Em Juvenal:

"Nós [os escritores], porém, procedemos assim: abrimos sulcos numa leve poeira e com a nossa estéril charrua lavramos a praia. De facto, se se é tentado a fugir, o laço do hábito duma paixão ambiciosa segura-nos. A incurável paixão da escrita domina a muitos e envelhece o seu coração doente" (3.).

3.27. *O preceptor como oleiro e pai*

Em Juvenal:

"Exigi vós que o preceptor modele, como se fosse com o polegar, os tenros caracteres, como alguém que esculpe um rosto na cera. Exigi que seja também um pai da própria turma" (6.3).

3.28. *Prudência*

Em Cícero:

Pompeu promete-me tudo, e César igualmente. Mas a minha confiança neles não me leva a descurar as minhas defesas" (A, 2.2.5.1.).

3.29. *A verdadeira liberdade*

Em Cícero:

"O que é afinal a liberdade? A faculdade de viver como se quer. Quem, portanto, vive como deseja senão aquele que apenas segue o recto caminho, que encontra o prazer no dever cumprido?" (C, 2.2.3.).

"Só ao sábio, portanto, cabe em sorte nada fazer contrariado, de nada se arrepender, não agir contrafeito" (C, 2.2.3.1.).

3.30. *Revalorização de pessoas e coisas na sua privação*

Em Cícero:

"As amizades, os hábitos societários, as relações de vizinhança, o contacto com os clientes, finalmente, os espectáculos desportivos e as celebrações festivas - percebi melhor o seu encanto na sua privação do que quando os desfrutava" (B, 6.2.1.).

3.31. *O poder do dinheiro*

Em Plauto:

"Se a fortuna é sólida, sólidos são os amigos; se ela começa a decompor-se, também os amigos se dissolvem. A prosperidade é que faz os amigos" (3.8.).

3.32. *Contra os boatos e os boateiros*

Em Plauto:

"Mas se se procurasse saber a fundo a veracidade do que se diz ter sido ouvido, e, no caso de não se confirmar, se punisse o boateiro - se assim se procedesse seria para bem de todos. Poucos seriam então os que «sabiam» o que ignoram, e teriam a boca mais fechada para disparates" (4.3.).

3.33. *As más companhias*

Em Plauto:

"Não quero, meu filho, que tu, nem na rua nem no fórum, mantenhas qualquer conversa com gente desonesta (...). O mau pretende que o bom seja mau para lhe ser semelhante" (4.5.1.).

3.34. *Auto-reconhecimento do erro*

Esta temática está particularmente presente na peça de Terêncio *Heautontimorúmenos* ou "O Castigador de si mesmo", na personagem Menedemo. Recordemos uma das suas falas:

"Quando soube disso [a paixão do filho por uma rapariga pobre], comecei a tratá-lo não com humanidade e como convinha a um dolorido coração de adolescente, antes com rigor e com os habituais procedimentos dos pais" (3.1.2.).

3.35. *O conflito de gerações*

Em Terêncio:

"Quanto os pais são injustos juízes para com todos os adolescentes! Gostariam que ao nascermos já nascêssemos velhos, e não estivéssemos próximos dos benefícios que a adolescência comporta. Exercem a autoridade de acordo com os seus desejos, os de hoje, não os de outrora" (3.2.).

3.36. *Condescendência das mães, severidade dos pais*

Em Terêncio:

"Repara agora noutra coisa: todas as mães costuma ser benevolentes em face dos desvarios dos filhos indo em se socorro contra a severidade paterna" (3.5.).

3.37. *Julgar pelos comportamentos, não pelas palavras*

Em Tito Lívio:

"Filipe, tendo mandado afastar os filhos, depois de ouvir conselheiros deliberou que não julgaria aquele pleito apoiando-se nas palavras e numa hora de debates, mas informando-se sobre a vida e os procedimentos de cada um dos dois irmãos[126]" (3.2.6.).

Sá de Miranda, na *Carta a D. João III*, aconselha o Rei a idêntico procedimento na administração da justiça: "Querei-los conhecer bem? / No fruto os conhecereis. // Obras, que palavras não!" (vv. 144-146).

3. 38. *Os olhos como expressão da alma*

Em Plínio-o-Velho

"Nenhum outro órgão indica melhor os sinais do espírito do que os olhos, em todos os animais, mas sobretudo no homem: a moderação, a clemência, a compaixão, o ódio, o amor, a tristeza, a alegria" (2.9.)

Mesmo por esta amostra de "lições" dos clássicos latinos, já podemos avaliar que imenso tesouro colocavam os Jesuítas ao alcance dos alunos.

Sendo os *Evangelhos* a fonte mais directa em que, neste caso, bebeu o Poeta do Neiva, não é, todavia, de excluir influência desta passagem liviana na epístola de Sá de Miranda.

Conclusão

Concluir é sempre sintetizar, ou seja, fixar em poucas linhas, parágrafos ou páginas, enunciados produzidos ao longo dum macrotexto, sem que isso implique rematar todos os fios da teia urdida ao longo do discurso. Mas é ainda trazer a primeiro plano algum aspecto importante que tenha, porventura, sido menos perceptível na densidade da análise e que importe reter.

No caso presente, as conclusões não podem deixar de responder a duas perguntas, que descem ao cerne da dissertação:

a) Como trataram os Jesuítas do século XVI os autores clássicos latinos e os diversos géneros literários por estes cultivados?

b) Em que medida o ensino dos clássicos latinos pelos Jesuítas se enquadrou no espírito da época, continuando um esforço que vinha de trás e contribuindo para a formação intelectual, cristã e cívica da juventude portuguesa?

Sintetizarei em poucos pontos a resposta a essas questões.

1. A Companhia de Jesus, no início da 2ª metade do século XVI, estava em fase de elaboração das suas «Constituições» e do sistema de ensino "Ratio Studiorum", em ambos os textos enunciando as orientações básicas no âmbito do ensino e da aprendizagem.

2. Os Jesuítas tomaram conta do ensino público em Portugal em circunstâncias históricas e culturais muito específicas, que convém ter bem presentes:

- O Renascimento, durante os séculos XIV, XV e 1ª metade do século XVI, na Europa redescobrira, estudara, assimilara e divulgara os escritores do paganismo clássico, harmonizando muitos dos seus valores com os ideários cristãos;
- Portugal, no século XV e 1ª metade do século XVI, abriu-se a novos horizontes sulcando os mares; alargou os conhecimentos e moldou a sua sensibilidade a novas gentes e novas culturas; frequentando, através de inúmeros bolseiros régios,

universidades estrangeiras, e promovendo a vinda de consagrados professores humanistas, criou um pequeno escol de intelectuais de espírito cosmopolita;

- a margem de independência dos monarcas portugueses, desde os primórdios da nacionalidade, relativamente às orientações e ao poder da Igreja, tornara possível a expressão em língua vulgar de valores humanos libertos de normas eclesiais restritivas, nomeadamente em matérias concernentes à sexualidade;

- a língua portuguesa, então já com provas dadas em verso e em prosa, perfazia o seu percurso de enriquecimento pelo contacto com outras línguas vivas (incluindo as autóctones dos povos descobertos) e com os textos de autores clássicos gregos e latinos, embora nessa altura já fosse possível exortá-la, como faz António Ferreira, a que "senhora vá de si, soberba e altiva[127]", em sua gloriosa autonomia;

- D. João III, o principal obreiro da nova política cultural orientada para o humanismo europeu, empenha-se, em notória contradição com essa atitude europeísta, em estabelecer a Inquisição em Portugal, a qual entra em plenitude de funções na 2ª metade do século XVI;

- a Igreja Católica, estimulada no seu interior pela necessidade de auto-reforma e sacudida pela dissensão de Martinho Lutero e seus discípulos, reúne o Concílio de Trento, donde sai reforçado o autoritarismo, o dogmatismo e a censura de ideias e de comportamentos.

3. As antologias dos Jesuítas para o ensino dos clássicos latinos são organizadas de forma a incluir o máximo de autores e de obras, com louvável atenção à representatividade dos diversos géneros literários e à dicotomia prosa/verso[128].

Tendo em conta, por um lado, a selecção de autores e obras patenteada pelas antologias, e, por outro, as orientações do ensino-aprendizagem contidas no "Ratio Studiorum", pode concluir-se que os Jesuítas deram o devido relevo, no seu ensino, aos clássicos latinos.

4. Língua oficial da Igreja, mas igualmente das elites intelectuais europeias, o Latim, à base dos melhores modelos, com predominância para Cícero, é cultivado com o

---

127 Da "Carta a Pêro de Andrade Caminha" (Cf. Benedito, 1989, p. 118).

128 Como, em devido tempo e lugar, ficou referido, a não inclusão nas antologias dos dois maiores poetas romanos - Horácio e Virgílio - dever-se-á, provavelmente, ao facto de os mesmos autores estarem bem divulgados em edições correntes no mercado, tendo assim os professores acesso fácil a muitos dos seus textos para os alunos dos Colégios.

maior esmero, sendo os alunos preparados não apenas para interpretarem com rigor os textos clássicos, como ainda para se exprimirem fluentemente na língua do Lácio.

5. Embora a língua portuguesa não fizesse parte dos programas escolares, não era descurada, uma vez que a ela se recorria em frequentes exercícios de tradução e de retroversão. Por outro lado, o desenvolvimento dos alunos proporcionado pela riqueza do latim clássico, a partir de bons textos dos mais diversificados géneros e subgéneros literários, contribuía indirectamente para o progresso dos alunos, também na língua materna[129].

6. Em tempo de apertada vigilância inquisitorial e condicionado pelas severas normas tridentinas, docilmente acatadas por inteiro em Portugal, o ensino dos Jesuítas correspondeu, no essencial, às exigências do País na 2ª metade do século XVI. A esses mesmos condicionalismos se deve, em parte, que a educação dos jovens não contemplasse devidamente a dimensão sexual do homem.

7. Um estudo demorado das antologias jesuítas, numa análise crítica de todo o material aí exposto, não pode deixar de conduzir a expressar um sentimento de profunda admiração pelo singular conhecimento dos Jesuítas relativamente á literatura latina. Conjugando essa sabedoria com a total entrega dos docentes jesuítas às tarefas do ensino-aprendizagem, orientada pelas regras do *Ratio Studiorum*, o resultado verificado é o seguinte: um assinalável contributo da Companhia de Jesus para o conhecimento e a assimilação dos clássicos latinos.

8. Do prefácio ao primeiro tomo da *sylva* de 1588, reeditada em 1593, relembremos aqui o objectivo pedagógico de informar e formar os jovens (ut *in doctrina pariter et virtute instituerentur*), sem esquecer o alcance patriótico duma tal aprendizagem: "Para que os adolescentes saídos desta instrução pudessem em idade mais madura tornar-se cidadãos da florentíssima República o mais dignos possível".

---

129 O Padre António Vieira, que fez os seus estudos exclusivamente no seio dos Jesuítas, é um exemplo eloquentíssimo de como o ensino do latim pelos Jesuítas não só não prejudicava a língua pátria, como, pelo contrário, era um instrumento precioso ao serviço da língua portuguesa. O alto nível de expressão literária revelado por Vieira no manejo da língua portuguesa, muito devendo embora a excepcionais qualidades do génio pessoal, foi progressivamente construído no contacto com as obras clássicas.

O Padre António Vieira é um excelente exemplo da concretização dos objectivos preconizados pelo ensino dos Jesuítas. A sua aprendizagem é feita exclusivamente com os Jesuítas nas primeiras décadas do século XVII, logo a seguir, portanto, à promulgação definitiva do "Ratio Studiorum" (1599). Poderá objectar-se que Vieira é um caso singular, de mais a mais dotado dum talento excepcional. No entanto, nem os génios dispensam os meios e as condições para o desenvolvimento das suas potencialidades inatas. Sabendo-se que António Vieira realizou todos os seus estudos na Companhia de Jesus, é legítimo estabelecer alguma relação de causalidade entre o ensino dos jesuítas e a personalidade intelectual, moral e cívica do insigne orador. O que a sua obra literária nos revela - particularmente os *Sermões* e as *Cartas* - de erudição clássica e de mestria da língua portuguesa seria impensável sem uma grande familiaridade com os melhores textos clássicos latinos.

O seu primeiro texto exemplar é a *Charta Annua*[130], de finais de 1626 (tinha Vieira, portanto, 18 anos!). São várias dezenas de páginas, que não revelam apenas a capacidade intelectual do jovem jesuíta. Impressionam ainda pela sensibilidade aos problemas do mundo, às circunstâncias concretas vividas em S. Salvador da Baía, ocupado em 1624 pelos Holandeses. Como escreve Hernâni Cidade, "é o primeiro documento da sua solícita atenção às coisas da terra, por demais perturbante para que o jesuíta exclusivamente pudesse circunscrever ao Céu os seus cuidados"[131]. Esta é também a primeira manifestação conhecida do patriotismo de Vieira, que irá acentuar-se nos anos seguintes e traduzir-se em atitudes de pró-independência nacional e em sequente empenhamento na causa da Restauração. Afinal, António Vieira nem sequer esperou pela "idade madura" para se tornar cidadão activo da "florentíssima República". E essa atenção aos problemas concretos dos homens vai muito para além do empenhamento meramente político.

Os seus combates mais notáveis são em defesa dos Cristãos-Novos e dos Índios do Brasil. Mas importa recordar a defesa dos escravos negros (africanos) no trabalho

---

O encómio de Fernando Pessoa ao Padre António Vieira, indelevelmente gravado na Mensagem, de "Imperador da Língua Portuguesa", ao mesmo tempo que exalta o grande prosador do século XVII, rende indirectamente homenagem ao ensino da Companhia de Jesus.

130 Relatório interno da Companhia, dirigido ao Provincial, relativo à acção dos Jesuítas no Brasil no biénio de 1623-24, cuja redacção, em latim, foi confiada ao jovem jesuíta António Vieira, acabado de sair do noviciado.

Segundo Lúcio de Azevedo, a versão portuguesa, da autoria do mesmo Vieira, é posterior: "a que mais tarde o autor aditou reminiscências e poliu a linguagem" (Cf. Azevedo, 1997, I, p. 2). Hernâni Cidade data, erradamente, a *Charta Annua* de 1624, ano integrante do biénio descrito (Cf. Cidade, 1985, p. 17).

131 Ver Cidade, 1985, p. 17.

desumano dos engenhos de açúcar, assumida no *Sermão do Rosário*, em que, dirigindo-se aos martirizados trabalhadores, desfere um violento ataque aos colonos portugueses desprovidos de compaixão humana:

> Eles mandam e vós servis; eles dormem e vós velais; eles descansam e vós trabalhais; eles gozam o fruto dos vossos trabalhos, e o que vós colheis é um trabalho sobre outro[132].

Será que a grande simpatia humana, de que Vieira dará provas ao longo da sua extensa vida, não deve muito às "lições" dos grandes humanistas latinos, como Terêncio, Cícero, Virgílio, Ovídio, etc.? E não terá aprendido com eles, sobretudo com Cícero, a devoção pela *res publica*[133]? Espírito arguto e inquieto, não passou decerto indiferente e passivamente por tantos desses textos admiráveis dos autores romanos.

O rigor da preparação intelectual dos Jesuítas, inseparavelmente aliado a uma sólida formação moral e ao aprofundamento da piedade cristã, apetrechou António Vieira para o pleno exercício da cidadania, tendo demonstrado saber conjugar o zelo apostólico, preconizado nas «Constituições» inacianas, com a acção concreta. E Vieira tinha bem consciência da importância da boa formação intelectual dos Jesuítas para assumir responsabilidades colectivas. Assim o demonstra, por exemplo, numa carta ao Provincial do Brasil, datada de 22 de Maio de 1653, em que refere que "nestas partes [Maranhão e Pará] há poucos eclesiásticos em cujas letras [sublinhado meu] e consciências possa desencarregar seguramente a sua quem quer dar boa conta de si a Deus"; e, igualmente, numa outra dirigida ao rei D. João IV e datada de 6 de Abril de 1654, em que defende que o instituto religioso que deve tomar os Índios a seu encargo seja de religiosos com "letras mui bem fundadas"[134].

9. Responsáveis pelo ensino oficial das Humanidades na segunda metade do século XVI, os Jesuítas fizeram a sua própria leitura dos clássicos latinos, condicionada, naturalmente, pelo espírito da época, pelas circunstâncias sócio-culturais do País e pela

---

132 Citado por Hernâni Cidade (Cf. Cidade, 1985, p. 24).

133 A dimensão patriótica de António Vieira pode avaliar-se por exemplo no modo como nos anos sessenta do século XVII acompanha os acontecimentos políticos do País, em luta com Castela pela consolidação da Restauração, apesar das circunstâncias pessoais em que se encontra: em prisão domiciliária em Coimbra enfrentando o tenebroso processo inquisitorial, e doentíssimo. Em correspondência com altas figuras nacionais da altura, Vieira mostra estar ao corrente dos sucessos do exército português na resistência a Castela. Veja-se, por exemplo, uma carta a D. Rodrigo de Meneses datada de 6 de Julho de 1665, onde escreve: "As utilidades do parecer de V. Sª, dos progressos do exército, opressão e clamores de Castela, e consequências da paz eram manifestas: mas sem meios não se podem conseguir fins (...) (Ver Azevedo, 1997, II, pp. 190-191).

ortodoxia católica, de cujo "templo" os homens de Inácio de Loiola eram dos principais guardiães[135].

10. Um esclarecido leitor português deste limiar do século XXI poderá sintetizar as suas linhas de leitura do ensino jesuítico das Humanidades entre 1555 e o final do século, nos termos seguintes:

a) Os Jesuítas incrementaram o estudo dos autores clássicos latinos, tendo contribuído significativamente para a sua divulgação e para o aprofundamento de muitas das suas temáticas;

b) O empenhamento e a total entrega por parte dos docentes jesuítas à educação da juventude portuguesa, num tempo de grande atraso cultural e de generalizada ignorância da população, foram importantes para a consolidação do esforço encetado pelas elites intelectuais da Nação a partir dos primórdios da Dinastia de Avis;

c) O Humanismo enquanto herança cultural da vasta sabedoria greco-romana foi filtrado pela ortodoxia católica. A auto-censura dos textos e, em muitos casos, a sua manipulação, ao nível das antologias jesuíticas, atentaram contra a integridade de obras e textos legados por grandes vultos do pensamento e da arte literária ocidentais. O puritanismo da moral sexual explica a omissão ou a alteração de muitas obras e textos, traduzindo-se, muitas vezes, em autênticas amputações da inteireza humana expressa nas obras originais;

d) A análise das antologias jesuíticas insere-se também na história da Censura em Portugal, reforçada a partir do estabelecimento da Inquisição e da aplicação dos decretos censórios do Concílio de Trento. As normas vigentes quanto à vigilância a exercer sobre quaisquer obras a publicar condicionavam a selecção de autores e textos. A partir de 1541 - escreve Salvador Révah - a maior parte dos livros publicados em Portugal, na vigência do

---

134 Ver Azevedo, 1997, I, pp. 320 e 422.

135 O *Ratio Studiorum* proibia aos docentes da Companhia a manifestação de qualquer opinião que pudesse implicar desvio relativamente ao pensamento oficial da Igreja: "Ainda em assuntos que não apresentem perigo algum para a fé e a piedade, ninguém introduza questões novas em matéria de certa importância, nem opiniões não abonadas por nenhum autor idóneo, sem consultar os superiores; nem ensine cousa alguma contra os princípios fundamentais dos doutores e o sentir comum das escolas. Sigam todos de

tribunal do Santo Ofício, traz a indicação de terem sido aprovados pela Inquisição[136]. No caso dos antologizadores jesuítas, eles próprios bem identificados com a ortodoxia dominante, não terão necessitado de especial esforço para prepararem obras e textos capazes de passar na Censura prévia. No entanto, como ficou oportunamente assinalado, há honrosas excepções, que demonstram capacidade intelectual e flexibilidade mental de alguns dos responsáveis pela organização das *sylvae*.

Se, como preconiza Gadamer, a interpretação das obras do passado não prescinde da "situação histórica do intérprete" nem da "totalidade do curso objectivo da história"[137], o leitor actual avalia positivamente o contributo dos pedagogos jesuítas do século XVI.

Não deixará, porém, o mesmo leitor de saudar o progresso do pensamento humano e a evolução das mentalidades que lhe proporcionam hoje um olhar crítico sobre a estreiteza de horizontes e o autoritarismo doutrinal, característicos de épocas passadas mas, infelizmente, bem arreigados na cultura portuguesa e sempre prontos a aflorar ou mesmo a impor-se, como aconteceu entre 1926 e 1974.

---

preferência os mestres aprovados e as doutrinas que, pela experiência dos anos, são mais adoptadas nas escolas católicas" (Ver Franca, 1952, X, p. 145).

136 Révah, 1960, p. 22.

137 Ver texto transcrito na segunda nota da introdução à II parte.

Bibliografia

A) Geral

- Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra - Colégio das Artes da Universidade (1548-1998), 3 vols., Organização de Sebastião Tavares de Pinho e Luísa de Nazaré Ferreira, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2000.

- Albuquerque, Luís de (1983) , Ciência e experiência nos Descobrimentos portugueses, «Biblioteca Breve», Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

- Idem (1984), "Science et humanisme dans la Renaissance Portugaise" in L´Humanisme Portugais et l´Europe, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.

- Albuquerque, Martim de (1974), A Sombra de Maquiavel e a Ética Tradicional Portuguesa, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Instituto Histórico Infante D. Henrique.

- Álvares, P.e Manuel (1974), Gramática latina (fac-símile da edição de 1572) - Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal - Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

- Anselmo, António Joaquim (1926), Bibliografia das Obras Impressas em Portugal no Século XVI, Lisboa, Oficinas gráficas da Biblioteca Nacional.

- Anselmo, Artur (1981), "Camões e a Censura Inquisitorial" *in* Camões, Paris, Arquivos do Centro Cultural Português, vol. XVI, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Bainton, Roland H. (1988), Erasmo da Cristandade, (tradução do original inglês de 1961 por Regina da Costa Ramalho), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Bataillon, Marcel (1974), Portugal au temps de l´Humanisme, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Bayet, Jean (1958), Littérature Latine, Paris, Librairie Armand Colin.

- Bethencourt, Francisco (2000), " A Inquisição" in História Religiosa de Portugal, Lisboa, Centro de estudos de história religiosa da Universidade católica Portuguesa, Círculo de Leitores.

- Boxer, Charles R. (1989), A Igreja e a Expansão Ibérica, Lisboa, Edições 70.

- Braga, Marques (1944), Gil Vicente, Obras Completas, 6 vols, Lisboa, Editora Sá da Costa.

- Brandão, Mário (I - 1924; II - 1933), O Colégio das Artes; Coimbra, Imprensa da Universidade.

- Buescu, Maria Leonor Carvalhão (1984), Copilaçam de Todalas Obras de Gil Vicente, 2 vols, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- Burckardt, Jacob (1983), A Civilização do Renascimento Italiano, (tradução portuguesa de António Borges Coelho), Lisboa, Editorial Presença,

- Butor, Michel (1964), Montaigne: Essais (I), Paris, Union Générale d'Éditions.

- Campos, Fernando (1999), A Sala das Perguntas (romance), Lisboa, Difel.

- Carvalho, Joaquim de (1947/8), Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XVI, 2 vols, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis.

- Carvalho, Joaquim Barradas de (1984), "Sur la spécificité de la renaissance portugaise" in L'Humanisme Portugais et l'Europe, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.

- Carvalho, Margarida Barradas de (1984), "Nature et Naturalisme dans l'*Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco Pereira" in L'Humanisme Portugais et l'Europe, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.

- Carvalho, Rómulo (1986), História do Ensino em Portugal, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Casa, Giovani Las, Le Galatee (1609) (premièrement composé en Italien par I. de La Case, et depuis mis en Français, Latin, Allemand et Espagnol par Jean de Tournes), Lion, MDCIX.

- Castiglione, Baldassare, Il libro del cortegiano (1976), Milão, Grande Universale Mursia. 1ª edição: 1528).

- Castro, Aníbal Pinto de (1973), Retórica e teorização literária em Portugal : do humanismo ao neoclassicismo, Coimbra, Centro de Estudos Românicos.

- Idem (1984), "La poétique et la rhétorique dans la pédagogie et dans la littérature de l'humanisme portugais" in L'Humanisme Portugais et l'Europe, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.

- Catálogos dos Impressos de Tipografia Portuguesa do Século XVI. A Colecção da Biblioteca Nacional (Introdução, organização e índices por Maria Alzira Proença Simões), Lisboa, Biblioteca Nacional, 1990.

- Catz, Rebecca (1981), Fernão Mendes Pinto - Sátira e anti-cruzada na Peregrinação, «Biblioteca Breve», Lisboa, Instituto de Língua e Cultura Portuguesa.

- Cerejeira, Manuel Gonçalves (I- 1974; II-1975), O Renascimento em Portugal: I - Clenardo e a Sociedade portuguesa; II- Clenardo, o Humanismo, a Reforma, Coimbra, Coimbra Editora (1ª edição: 1926).

- Cidade, Hernâni (1971), Luís de Camões, Obras Completas, 5 vols, 4ª edição, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

- Chacon, Vamireh (1999), "Erasmismo e *Ratio Studiorum" in* Fraternidade e Abnegação (Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão), Lisboa, Academia Portuguesa de História.

- Cintra, Luís F. Lindley (1989), Gil Vicente, Auto da Feira, Lisboa, Publicações D. Quixote.

- Colomer, E. / Giacon, C. , "A Escolástica" in Enciclopédia Verbo.

- Compère, Marie-Madeleine, Les Collèges Français - 16.e-18.e siècles, 2 vols., Paris, Institut National de recherche pédagogique, 1984.

- Constituciones de la Compañia de Jesus, Bilbao, Ediciones Mensajero da Editorial Sal Terrae, 1993.

- Curtius, Ernst Robert (1955), Literatura europea y Edad Media latina, 2 vols, México, Fondo de Cultura Economica.

- Dainville, François de (1940), Les Jésuites et l´éducation française. La naissance de l´humanisme moderne , Paris, Beauchesne et ses Fils.

- Daniel-Rops (IV,1: 1962; IV,2: 1969), A História da Igreja de Cristo (em 10 vols.) - vol. IV, em dois tomos: "A Igreja do Renascimento e da Reforma", Porto, Livraria Tavares Martins (tradução portuguesa de Eduardo Pinheiro).

- Delumeau, Jean (1983), A Civilização do Renascimento, Lisboa, Editorial Estampa.

- Dias, J. Sebastião da Silva (1960), Correntes do sentimento religioso em Portugal, 2 vols. Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos.

- Idem (1969), A política cultural da época de D. João III, 2 tomos, Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- Idem (1988), Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI, Lisboa, Editorial Presença.

- Diogo do Couto, O Soldado Prático (texto restituído, prefácio e notas de Rodrigues Lapa), Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 3ª edição, 1980.

- Dubois, Claude-Gilbert (1985), L´imaginaire de la renaissance, Paris, Presses Universitaires de France.

- Earle, T. F. (1991), Musa Renascida. A poesia de António Ferreira, Lisboa, Editorial Caminho.

- Elvira, Ruiz (1992), "Introdução" a P. Ovídio Nasón, Metamorfosis, 5ª edição, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

- Idem, "Ovidio y Ariosto" *in* «Siculorum Gymnasium», Julho a Dezembro de 1978, Universitá di Catania.

- Erasme , Paris, Editions Robert Laffont, 1992.

- Erasmo. O Elogio da Loucura (tradução portuguesa de Álvaro Ribeiro), Lisboa, Guimarães Editores, 1976.

- Erasmo, A civilidade pueril (Titulo original: De civilitate morum puerilium, de 1530), em tradução portuguesa do francês por Fernando Guerreiro, Lisboa, col. «Clássicos de Bolso» da Editorial Estampa, 1978).

- Febvre, Lucien (1994), Martinho Lutero, Um Destino (tradução portuguesa de Fernando Tomaz), Porto, Edições Asa (1ª edição no original em francês: 1928).

- Fernandes, José Marques (1999), "Paradigma científico-pedagógico verneiano - génese e estrutura" in revista Quatro Ventos, 1° número da III Série.

- Fernandes, Raul Rosado (1966), "Breve introdução aos estudos retóricos em Portugal" na sua versão portuguesa dos Elementos de Retórica Literária de Heinrich Lausberg, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Fernandez, J. M. (1950), "Paganismo y Cristianismo en los poetas grecorromanos: Ovídio" *in* Rev Humanidades, vol. II, n° 2, Universidade Pontificia de Comillas (Santander).

- Fernando de Oliveira, A Arte da Guerra do Mar, (1° edição: 1555), Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 1983.

- Ferreira, Ema Tarracha (1994), Antologia do Cancioneiro Geral, Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses.

- Ficalho, Conde de (1983), Garcia da Orta e o seu tempo (Reprodução fac-similada da 1ª edição, com introdução de Nuno Sampaio), Lisboa, Edição sob os auspícios do Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura.

- Flasche, Hans (1981), "A Teologia em Camões" *in* Camões, Paris, Arquivos do Centro Cultural Português, vol. XVI, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Franca, Leonel (1952), Obras Completas, vol. X - "O método pedagógico dos Jesuítas", Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora.

- Gadamer, Hans-Georg (s/d), Vérité et Méthode. Les grandes lignes d'une herméneutique philosophique, Paris, Editions du Seuil.

- Genette, Gérard (1966), "Frontières du récit" in Communications 8, Paris, Editions du Seuil.

- Gil Vicente, Auto da Feira, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1989.

- Gomes, Joaquim Ferreira (1991), "O «Ratio Studiorum» da Companhia de Jesus in Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XXV, nº 2.

- Gomes, Manuel Pereira (1996), Sto Inácio e a fundação de colégios, Instituto Nun'Álvares, Edições Gracos.

- Guerra, Abel (1934), Selecta Portuguesa Explicada, Porto, Empresa Editora.

- Idem (1966), Elementos de composição literária, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa.

- Hirsch, Elisabeth Feist (1987), Damião de Góis, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (tradução portuguesa do original inglês de 1967 por Lia Correia Raitt).

- Hoek; L. H. (1981), La Marque du Titre, Dispositifs Sémiotiques d'une Pratique Textuelle, Paris, Mouton, La Haye, New York.

- Hooykaas, R. (1983), Os Descobrimentos e o Humanismo (tradução portuguesa de José Bragança de Miranda), Lisboa, Gradiva-Publicações.

- Horácio, Arte Poética (1984) (Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes), Lisboa, Editorial Inquérito Limitada.

- Hsia, R. Po-Chia (1998), The world of catholic renewal 1540-1770, Cambridge University Press.

- Indices dos livros proibidos em Portugal no século XVI. Apresentação, estudo introdutório e reprodução fac-similada dos índices, por Artur Moreira de Sá. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983.

- Júnior, Salgado (1976), artigo "Retóricas" *in* Dicionário de Literatura, dirigido por J. do Prado Coelho, Porto, Editora Figueirinhas.

- Kayser, Wolfgang (1976), Análise e interpretação da obra literária, 6ª edição, Coimbra, Arménio Amado, Editor.

- Lapa, Rodrigues (1963), Fernão Mendes Pinto, Peregrinação, Lisboa, col. «Textos Literários» da Seara Nova.

- Lavajo, Joaquim Chorão (1999), "Resende e Erasmo ante o humanismo e a reforma da Igreja" *in* Fraternidade e Abnegação, 2 vols, Lisboa, Academia Portuguesa de História.

- Leite, Serafim (1963), Estatutos da Universidade de Coimbra (1559), Coimbra, Por ordem da Universidade.

- Lopes, António (1997), "Os 450 anos da fundação da primeira Província Administrativa da Companhia de Jesus", in Brotéria, Janeiro de 1997.

- Idem (1999), "Olivais e Jesuítas", in Studium Dilectum, Lisboa, Academia Portuguesa de História.

- Lourenço, Eduardo (1981), "Camões e Frei Heitor Pinto" *in* Camões, Paris, Arquivos do Centro Cultural Português, vol. XVI, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Lucrecio, De rerum natura (De la naturaleza), edição bilingue latim/espanhol, Barcelona, Bosch Casa Editorial, 1976.

- Macedo, Jorge Borges de (1982), Damião de Góis et L'Historiographie Portugaise, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais.

- Idem, "Dedução Cronológica e Analítica" *in* Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, Livraria Figueirinhas, 1989.

- Maia, Pedro (1986), Ratio Studiorum, Método pedagógico dos Jesuítas, S. Paulo, Edições Loyola.

- Maquiavel, O Príncipe (1976), Lisboa, Publicações Europa-América, 2ª edição (1ª edição original: 1532).

- Marmorale, Enzo (1974), História da Literatura Latina, 2 vols., Lisboa, Estúdios Cor.

- Marques, A. H. de Oliveira (1972-73), História de Portugal, 2 vols., Lisboa, Edições Ágora.

- Martin, P. M., e Ternes, Ch. M., La Mythologie clef de lecture du monde classique. Tours, Centre de recherches A. Piganiol, 1986.

- Martins, Fausto Sanches (1986), O Colégio de S. Lourenço (1560-1574) (texto computorizado), Porto, Faculdade de Letras do Porto.

- Martins, V. de Pina (1977), Au Portugal dans le sillage d'Erasme, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.

- Idem, "Curtius (Ernest-Robert)" *in* Enc. luso-brasileira de cultura, Lisboa, Editorial Verbo.

- Idem (1970), "Sobre o conceito de humanismo e alguns aspectos histórico-doutrinários da cultura renascentista" in Arquivos do Centro Cultural Português de Paris, vol. II, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Idem (1981), "O Humanismo na Obra de Camões" *in* Camões, Paris, Arquivo do Centro Cultural Português, vol. XVI, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Idem (1984), "Humanisme Chrétien au Portugal (XVI.e siècle" in L'Humanisme Portugais et l'Europe, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.

- Mártires, Frei Bartolomeu dos, Catecismo ou Doutrina Cristã e Práticas Espirituais, Vol. I, 15ª edição, Fátima, Edição do Movimento Bartolomeano, 1962 (1ª edição: 1564).

- Matos, Luís de (1989), "Humanismo Português", in Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel serrão, vol III.

- Matos, Maria Vitalina Leal de (1980), "O homem perante o destino na obra de Camões" *in* Cadernos de Literatura , n.o 7, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica.

- Idem (1981), "O tempo na poesia camoniana" *in* Camões, Paris, Arquivos do Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Idem (1981a), O Canto na Poesia Épica e Lírica de Camões, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português.

- Maurício, Domingos, "Ratio Studiorum" in Enciclopédia Verbo.

- Medeiros, Walter de Sousa de / Costa, José Pereira da (1961), André de Resende, Elogio da Loucura, Lisboa, Instituto de Alta Cultura.

- Miranda, Margarida (1996), "Uma `Paideia` humanística: a importância dos estudos literários na pedagogia jesuítica do séc. XVI", in rev. Humanitas, vol. XLVIII.

- Moura, Vasco Graça (1997), A Divina Comédia de Dante Alighieri, Lisboa, Bertrand Editora.

- Mourão-Ferreira, David (1980), Luiz de Camões, A Ilha dos Amores, Lisboa, Edições Ática.

- Oliveira, Padre Fernando, A Arte da Guerra do Mar, Lisboa, Edições Culturais da Marinha, 1983.

- Osório, Jorge (1998), "Christiana persuasio Erasmi Opinione", in Revista da Faculdade de Letras do Porto, vol. XV.

- Paratore, Ettore (1962), Storia della Letteratura latina, Firenze, Sansoni Editore

- Pereira, Maria Helena da Rocha (1990), Estudos de História da Cultura Clássica - Cultura Romana, vol II, 2ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Pereira, Virgínia Soares (2000), André de Resende. Aegidius Scallabitanus - Um diálogo sobre Fr. Gil de Santarém. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia.

- Pinto, Frei Heitor, Imagem da Vida Cristã, 4 vols, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1940-41 (1ª edição: 1ª parte - 1563; 2ª parte - 1572).

- Ramalho, Américo da Costa (1980), Estudos sobre o século XVI, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português.

- Idem (1984), "Quelques aspects de l´introduction de l´humanisme au Portugal" in L´Humanisme Portugais et l´Europe, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.

- Idem (1987), Para a história do humanismo em Portugal - II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

- Ratio Studiorum - Plan raisonné et institution des études dans la Compagnie de Jésus (1997), Paris, Éditions Belin. (Edição do texto latino e tradução para francês, apresentado por Adrien Demoustier e Dominique Julia, em tradução de Déone Albrieux e Dolorès Pralon-Julia, e anotações e comentários de Marie-Madeleine Compère),

- Rebelo, Luís da Silva (1976), "Humanismo" in Dicionário de Literatura, dirigido por J. do Prado Coelho, 3ª edição, Porto, Editora Figueirinha.

- Reckert, Stephen (1983), Espírito e Letra de Gil Vicente, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- Rêgo, Raul (1971), O Processo de Damião de Goes na Inquisição, Lisboa, Edições Excelsior.

- Idem (1982), Os índices expurgatórios e a cultura portuguesa, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, «Biblioteca Breve».

- Reis, Carlos, e Lopes, Ana Cristina M. (1978), Dicionário de Narratologia, Coimbra, Livraria Almedina.

- Révah, Israel Salvador (1960), La Censure Inquisitoriale Portugaise au XVI.e siècle, Lisboa, Instituto de Alta Cultura.

- Idem (1975), Études Portugaises, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português.

- Rolo, Raúl de Almeida, artigo "Mártires, Frei Bartolomeu dos" in Dicionário de História de Portugal, sob a direcção de Joel Serrão, Porto, Livraria Figueirinhas

- Rodrigues, Francisco (1917), A Formação Intelectual do Jesuíta, Porto, Livraria Magalhães e Moniz Editora.

- Idem (1931), História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal, Porto, Apostolado da Imprensa, Empresa Editora.

- Rodrigues, Graça Almeida (1980), Breve história da censura literária em Portugal, «Biblioteca Breve», Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

- Rodrigues, Manuel Augusto (1984), "Les études hébraiques à l'université de Coimbra (XVI.e siècle) in L'Humanisme Portugais et l'Europe; Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.

- Saraiva, António José (1980-82), Para a História da Cultura em Portugal, 2 vols, 5ª edição, Lisboa, Livraria Bertrand.

- Idem (1989), artigo "Contra-Reforma" in Dicionário de História de Portugal, vol. V, sob a direcção de Joel Serrão, Porto, Livraria Figueirinhas.

- Saraiva, A. José, e Lopes, Óscar (1992), História da Literatura Portuguesa, 16ª edição, Porto, Porto Editora.

- Sá, Artur Moreira de (1977), De Re Erasmiana. Aspectos do Erasmismo na Cultura portuguesa do século XVI, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia.

- Sena, Jorge de (1977), artigo "Alumbrados" *in* Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária, dirigido por J. J. Cochofel, Lisboa, Iniciativas Editoriais.

- Sérgio, António (1977), Ensaios, tomo II, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 2ª edição (1ª edição: 1929).

- Serrão, Joaquim Veríssimo (1977), Artigo "João de Barros" in Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária, dirigido por João José Cochofel, Lisboa, Iniciativas Editoriais.

- Silva, Francisco Ribeiro da (1990), Absolutismo esclarecido e intervenção popular, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- Silva, Vítor M. P. de Aguiar e (1971), Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa, Coimbra, Livraria Atlântida Editora.

- Idem (1988), Teoria da Literatura, 8ª edição, Coimbra, Livraria Almedina.

- Soarez, Cipriano (1575), De Arte Rhetorica, Conimbricae, Apud Ioannem Barrerium.

- Sousa, Frei Luís de, Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, 3 vols, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1946-48 (1ª edição: 1619).

- Tarracha, Ema Ferreira (1994), Antologia do Cancioneiro Geral Garcia de Resende, Lisboa, Editora Ulisseia.

- Tavares, Maria Andresen de Sousa (1987), A antologia escolar no ensino do Português (texto computorizado da tese de mestrado apresentada à Universidade do Minho).

- Teyssier, Paul (1984), "L´humanisme portugais et l´Europe" in L´ Humanisme Portugais et l´Europe, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais.

- Torres, Amadeu (1982), Noese e crise na epistolografia latina goisiana (2 vols.; o 2° volume tem por título "Damião de Góis na mundividência do Renascimento"), Paris, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Varga, Aron Kibédi (1989), "Rhétorique et production du texte" in Théorie littéraire. Problèmes et perspectives, Paris, Presses Universitaires de France.

- Zweig, Stefan (1979), Triunfo e infortúnio de Erasmo de Roterdão (tradução portuguesa de Alice Ogando; 1ª edição original: 1934), Porto, Livraria Civilização Editora

B) Edições de textos latinos ou suas traduções expressamente consultadas

- As Metamorfoses de Públio Ovídio Nasão. Poema em 15 livros, vertido em português por António Feliciano de Castilho. Lisboa, Imprensa Nacional, 1841.

- Cícero (1974) (As Catilinárias, Defesa de Murena, Defesa de Árquias, Defesa de Milão), Vol. I, Lisboa. São Paulo, Editorial Verbo.

- Cícero, Em defesa do poeta Árquias(1986) (Intr., trad. e notas de Maria Isabel Rebelo Gonçalves), Lisboa, Editorial Inquérito Lda.

- Cicéron, Discours (Au Sénat - Au Peuple - Sur sa maison) (1952), Tome XIII, Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier, Paris, Les Belles Lettres.

- Cicéron, Discours (1968), Tome XVIII, Pour Marcellus - Pour Ligarius - Pour le roi Déjotarius. Texte établi et traduit par Marcel Lob. Paris, Les Belles Lettres.

- Cicéron, Oeuvres philosophiques, Tusculanes (1968a), Tome II, texte établi par Georges Fohlen et traduit par Jules Humbert, Paris, Les Belles Lettres.

- Cicéron, Correspondance (1969), Tome I, Texté établi et tarduit par L. A. Constans , Paris, Les Belles Lettres.

- Cicéron, Oeuvres philosophiques, Tusculanes (1970), Tome I, Texte établi par Georges Fohlen et traduit par Jules Humbert, Paris, Les Belles Lettres.

- Cicéron, Correspondance (1971), Tome III, Texte établi et traduit par L. ª Constans, Paris, Les Belles Lettres.

- Cicéron, Les Paradoxes des Stoïciens (1971a), Texte établi et traduit par Jean Molager, Paris, les Belles Lettres.

- Cicéron, Discours, Philipiques V à XIV (1973), Tome XX, Texte établi et traduit par Pierre Willeumier, Paris, Les Belles Lettres.

- Cicéron, Discours, Catilinaires (1996), Texte établi par Henri Bornecque et traduit par Édouard Bailly, Paris, Les Belles Lettres.

- Cicéron, Discours, Philippiques I à IV (1998), Tome XIX, Texte établi et traduit par Pierre Willeumier, Paris, Les Belles Lettres.

- Epistolarum Selectarum Ciceronis, Libri 3. Excudebat Marcus Borgius. Ulisiponae, 1569

- Florus, Oeuvres (1967), 2 vols., texte établi et traduit par Paul Jal, Paris, Les Belles Lettres

- Juvénal, Satires (1951), texte établi et traduit par Pierre de Labriolle et François Villeneuve, 5.e édition revue et corrigée, Paris, Les Belles Lettres.

- L. Flori De gestis romanorum libri IIII. Conimbricae, Apud Joannem Barrerium, 1576.

- Martial, Épigrammes (1969), tome I, texte établi et traduit par H. Izaac, 3.e édition, Paris, Les Belles Lettres.

- Martialis Epigrammaton Selectorum, Libri XIIII. Conimbricae, Apud Ioannem Barrerium, M. D. LXVI.

- M. T. Ciceronis Tusculanae Quaestiones, [Liber primus],Olysippone, Apud Simonem Lopezium, 1595.

- M. T. C. Tusculanarum Quaestionum Liber secundus. Olysippone, Apud Simonem Lopezium, 1593.

- Ordenações Filipinas, 3 vols., Lisboa , Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

- Ovide, Heroides (1965), texte établi par Henri Bornecque et trad. par Marcel Prévost. - Paris, soc. D'Éd. "Les Belles Lettres".

- Ovide, L'art d'aimer (1967) texte établi et trad. Par Henri Bornecque. - 5.e tirage. Paris, Soc. D'Éd. "Les Belles Lettres".

- Ovide, Les Amours (1968), texte établi et trad par Henri Bornecque, Paris, Les Belles Lettres.

- Ovide, Les Fastes (1990), texte établi et trad. par Henri Bornecque. - Paris, Les Belles Lettres.

- Ovide, Les métamorphoses(1980), 3 vols, texte établi et traduit par Georges Lafaye- Paris: Les Belles Lettres.

- Ovide, Les remèdes à l'amour (1961), texte établi et trad. par Henri Bornecque. 2.e ed. - Paris, Les Belles Lettres.

- Ovide, Pontiques (1977), texte établi et trad. par Jacques André. - Paris: Les Belles Lettres.

- Ovide, Tristes (1968a), texte établi et trad. par Jacques André. - Paris, Les Belles Lettres.

- Ovidii Nasonis Fastorum Lib. VI, Tristium Lb. V, De Ponto Lib. IIII. Olysippone, Excudebat Antonius Riberius, expensis Ioannis Hispani, 1575.

- P. Ovidio, Metamorfosis (1992) (texto e tradução de António Ruiz de Elvira), 5ª edição, Madrid, Consejo Superior de investigaciones cientificas.

- Publio Ovidio Nasone, L'arte d'amare. Illustrata da Aristide Maillol com un saggio di Scevola Mariotti premessa al texto, traduzione e note di Ettore Barelli. 8ª edição, Milão, Biblioteca Universale Rizzoli, 1989

- Plaute, Comédies (t. I, 1932; t. II, 1943), texte établi et trad. par Alfred Ernout, Paris, Les Belles Lettres.

- Plauti, M. Accii, Comoediae Quatuor, Conimbricae, Apud Ioannem Barrerium, M.D.LXVIII

- Pline l'Ancien, Histoire Naturelle (1947), Livre XI, texte établi, traduit et commenté par Alfred Ernout et R. Pépin, Paris, Les Belles Lettres.

- Pline l'Ancien, Histoire Naturelle (1950), Texte établi, traduit et commenté par J. Beaujeu; introduction de Alfred Ernout. Paris, Les Belles Lettres.

- Pline Le Jeune, Lettres (1967) (Á Domitius Apollinaris, t. II, liv. V), Paris, Les Belles Lettres.

- Properce, Élégies (1929), texte établi et trad. par D. Paganelli, Paris, Les Belles Lettres.

- Q. Curtii Rufi, De rebus Alexandri Magni Historia, Patavii, Apud Ioannem Manfrè, 1738.

- Ratio Studiorum (1997). Plan raisonné et institution des études dans la Compagnie de Jésus. (Edição bilingue (latim e francês), apresentada por Adrien Demoustier e Dominique Julias, com tradução para francês de Léone Albrieux e Dolorès Pralon-Julia, anotada e comentada por Marie Madeleine Compère). Paris, Éditions Belin.

- Salluste: Catilina, Jugurtha, Fragments des histoires (1989), texte établi et trad. par Alfred Ernout, Paris, Les Belles Lettres.

- Séneca, Tiestes (1996) (Introdução, tradução do latim e notas de J. A. Segurado e Campos). Lisboa, Editorial Verbo

- Senecae Cordubensis, L. Annei, Tragoediae duae, Conimbricae, Apud Antonium de Maris, 1559.

- Sénèque, Tragédies (t. I, 1924; t. II, 1967), texte établi et traduit par Léon Herrmann, Paris, Soc. d'édition Les Belles Lettres.

- Stace, Silves (1961), texte établi par Henri Frère et trad. par H. G. Izaac, Paris, Soc. d'édition Les Belles Lettres.

- Sylva Diversorum autorum, qui ad usum scholarum selecti sunt. Excudebat Emanuel de Lyra Typogr., 1587.

- Sylvae Diversorum Autorum Solutae orationis, qui ad usum inferiorum classium selecti sunt. Liber primus (Exemplar da Biblioteca Pública de Braga, sem outras indicações de edição, por falta da folha inicial).

- Sylvae Illustrium Autorum, qui ad usum Collegiorum Societatis Iesu, selecti sunt. Volumen primum. Olyssipone, Excudebat Antonius Riberius typog., 1588.

- Sylvae Variorum Autorum, qui inferioribus classibus idonei sunt. Tomus secundus. Apud Simonem Lopezium, 1593.

- Terêncio, A Sogra (1997), tradução de Walter de Sousa de Medeiros, 2ª edição revista e actualizada, Lisboa,, Fundação Calouste Gulbenkian.

- Térence, Comédies (1942), tome I, texte établi et traduit par J. Marouzeau, Paris, Soc. d' édition Les Belles Lettres.

- Tibulle et les auteurs du corpus Tibullanum (1950),texte établi et trad. par Max Ponchont, 3.e édition, Paris, Les Belles Lettres.

- Tite-Live, Histoire Romaine (1986), Tome XXX; Livre XL, texte établi et traduit par Christian Gouillart, Paris, Les Belles Lettres.

- Tite-Live, Histoire Romaine (1988), tome XI, Livre XXI, texte établi et trad. par Paul Jal, Paris, Les Belles Lettres.

- Tite-Live, Histoire Romaine (1995), Tome I, Livre I, Texte établi par Jean Bayet et traduit par Gaston Baillet. Paris, Les Belles Lettres.

- T. Livii Patavini Historiarum ab urbe condita decadae primae liber primus. Olysippone, Apud Simonem Lopezium, 1593.

- Tito Lívio, Libro XXI (1961), segunda edicion, con estudio preliminar y comentario por José Vallejo, Madrid, Instituto «Antonio Nebrija».

C) Outras obras, mencionadas em notas de fundo de página

- Archer, Luís, "Fé e Ciência" *in* rev. Brotéria, Abril de 2001.

- Asensio, Eugenio (1978), "Bernardim Ribeiro y los problemas de Menina e Moça" *in* Arquivos do Centro Cultural Português, vol. XIII, Centro Cultural Português de Paris da Fundação Calouste Gulbenkian.

- Azevedo, J. Lúcio de (1997), António Vieira, Cartas, 3 vols., Lisboa, Biblioteca de Autores Portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- Benedito, Silvério Augusto (1989), Poemas Lusitanos; Castro, de António Ferreira, Lisboa, Biblioteca Ulisséia de Autores Portugueses.

- Cardia, Mário Sottomayor (1981), Socialismo sem Dogma, Lisboa, Publicações Europa-América.

- Cidade, Hernâni (1985), Padre António Vieira, Lisboa, Editorial Presença.

- Cochofel, João José, Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1977.

- Confissões de Santo Agostinho, 12ª edição, em tradução do original latino por Oliveira Santos e Ambrósio de Pina, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

- Cyrulnik, Boris, Sob o signo do afecto, trad. de Ana Maria Rabaça, Paris, Hachette, 1995.

- Eco, Umberto, Seis passeios nos bosques da ficção, trad. de Wanda Ramos, Lisboa, Difel, 1995.

- Ferreira, Vergílio (1980), Manhã Submersa, 9ª edição, Lisboa, Livraria Bertrand.

- Figueiredo, José Nunes de, e Almendra, Maria Ana, Latini Auctores. Segundo Livro de Latim, aprovado como livro único para o 7º ano. Coimbra. Depositária Livraria Arnado, L.da, 1967.

- Gil Vicente, Auto da Alma, edição escolar organizada por Júlio Martins e Jaime da Mota, 3ª edição, Lisboa, Didáctica Editora, 1967.

- Haag, Herbert, Liberdade aos Cristãos, trad. de Anselmo Borges, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998.

- Idem (2001), A Igreja Católica ainda tem futuro?, em tradução de José Sousa Monteiro, Lisboa, Editorial Notícias.

- Herrero, Jesús, "O Mito Adâmico" *in* rev. Brotéria, Nov. e Dez. de 1996.

- Lapa, Rodrigues (1968), Amadis de Gaula, 5ª edição, Lisboa, Textos Literários da "Seara Nova".

- Luciani, Albino (1978), Ilustríssimos Senhores, Lisboa, Editora Cidade Nova.

- Macedo, Hélder (1999), "Introdução" a Bernardim Ribeiro, Menina e Moça, Lisboa, Publicações D. Quixote.

- Martins, Ana Maria de Almeida (1989), Antero de Quental- Cartas II (1881-91), Lisboa, Editorial Comunicação.

- More, Thomas, Utopia, Lisboa, Col Livros de Bolso, nº 49, de Publicações Europa-América, 1973.

- Nemésio, Vitorino (1934), A Mocidade de Herculano até à volta do exílio (1810-1832), 2 vols., Lisboa, Livraria Bertrand.

- P.e Luís da Cruz, O Pródigo (tragicomédia), 2 vols., prefácio, treslado e notas por J. Mendes de Castro; introdução e tradução do «Prólogo» por R. M. Rosado Fernandes. Lisboa, INIC, Centro de Estudos Clássicos, 1989.

- Reckert, Stephen, e Macedo, Helder, Cancioneiro de Amigo, 2ª edição, Lisboa, Assírio & Alvim, s/d.

- Rémond, René (2000), Le christianisme en accusation (Entretiens avec Marc Leboucher), Paris, Desclée de Brower.

- República. Platão - Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, 3ª edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

- Santareno, Bernardo (1978), O Judeu, 4ª edição, Lisboa, edições Ática.

- S. Jerôme, Lettres (XLVIII: A Pamachius), Paris, Société d'Édition Les Belles Lettres, 1951.

- Torga, Miguel, Diário IX, 2ª edição (edição do autor), Coimbra, 1977.

- Torres, Alexandre Pinheiro (1987), Antologia da poesia trovadoresca galego-portuguesa, 2ª edição, Porto, Lello e Irmão-Editores.

- Veiga, Alte da , e Magalhães, Justino (2000), Prof. Dr. José Ribeiro Dias, Homenagem. Braga, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

- Yourcenar, Marguerite, Memórias de Adriano, 4ª edição, trad. de Maria Lamas, Lisboa, Editora Ulisseia, 1974.

ANEXO A

VARIORVM AVTORVM, QVI INFE-RIORIBVS CLASSIBVS IDONEI SVNT.

TOMVS SECVNDVS.

In quo poemata selecta continentur.



Cum facultate Inquisitorum, & Ordinarij.
Apud Simonem Lopezium.
1593.

ANEXO B

PVB. OVIDII NASONIS

FASTORVM LIB. VI.
TRISTIVM LIB. V.
DE PONTO LIB. IIII.

Ad Fastorum explicationem, adiectæ sunt inerrantium Stellarum singularum significationes, ex Cl. Ptolemæo.



Cum facultate Reuerendissimorum patrum supremo S. Inquisitionis consilio Præfectorum.

OLYSIPPONE,
Excudebat Antonius Riberius,
expensis Ioannis Hispani
Bibliopolæ.
1575.

ANEXO C

SYLVÆ
ILLVSTRIVM
AVTORVM, QVI AD VSVM
COLLEGIORVM SOCIETA-
TIS IESV, SELECTI SVNT.

VOLVMEN PRIMVM.

In duos diuisum tomos: quorum alter soluta, alter ligata orationis autores continet, eruditionis & elegantiæ laude commendatissimos.



Tua est Societas.

Te sine, nil magnum mens inchoat.

OLYSSIPONE
Cum facultate Inquisitorum, & priuilegio.
Excudebat Antonius Riberius typog.
1588.

ANEXO D

M. VAL. Coimbra

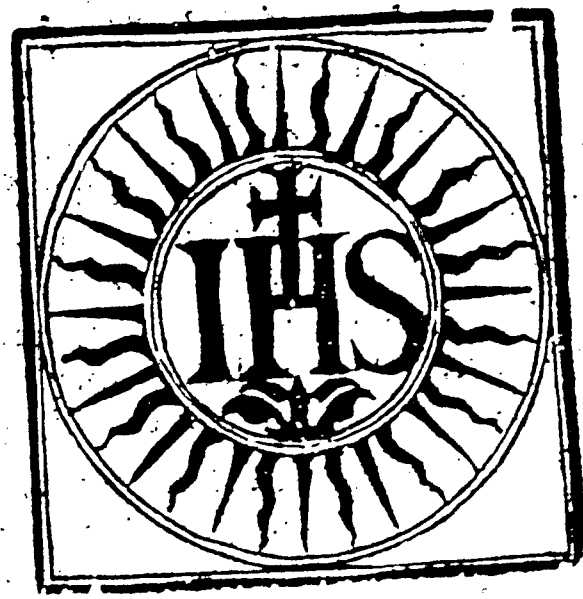
MARTIALIS EPI-GRAMMATON SE-LECTORVM, LIBRI XIIII.



CONIMBRICÆ.
APVD IOANNEM BARRERIVM.
ANNO. 1600.
Cum facultate Inquisitorum.

ANEXO E

Epistolarum Selectarum Ciceronis, Libri. 3.



L
1
13

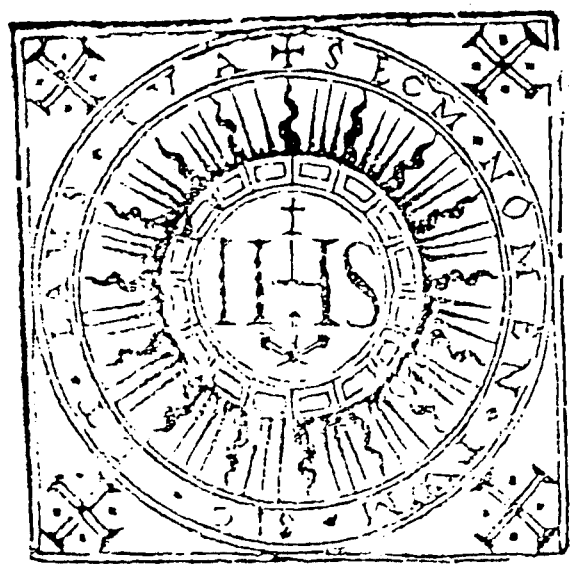
Quæ obperspicuitatim sentẽtiarum & rerũ varietatẽ, literarijs, ludis congestæsunt, & distinctæ.

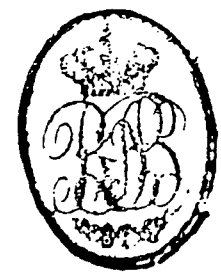
Excudebat Marcus Borgius
Cum licentia, Impræsę sunt.
Vlisponæ M. D. LXXI.

ANEXO F

M. ACCII
PLAVTI,
COMOEDIÆ QVATVOR.

AVLVLARIA.
CAPTIVI DVO.
STICHVS.
TRINVMMVS.





Ex quibus ea deleta sunt, quæ bonis moribus nocere possent.

CONIMBRICÆ.
Apud Ioannem Barrerium.
M. D. LXVIII.

Anexo 6

L. ANNEI.

SENECÆ

CORDVBENSIS

TRAGOEDIÆ

DVAE.



CONIMBRICAE.

APVD ANTONIVM

DE MARIS.

1559.

ANEXO H

SENECÆ

CORDVBENSIS

TRAGOEDIAE

DVAE.

HERCVLES FVRENS, ET MEDEA.



BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

Cum facultate Ordinarij & Inquisitorij.

Conymbricæ ex Officina Antonij de Mariz. Anno.

P. 8 - A - 11

ANEXO 3

RESERVADO

2 Clase

L. FLORI DE GESTIS ROMANORVM LIBRI. IIII.





CONIMBRICÆ.

Apud Ioannem Barrerium Typographum Regium.

M. D. LXXXI.

Cum facultate Inquisitorum.

ANEXO 7

SYLVA DIVERSORVM AVTORVM, QVI AD VSVM SCHOLARVM SELECTI SVNT.



DIVO ANTONIO

BSIT C

Olyſsippone excudebat Emanuel de Lyra Typogr.
Cum facultate Inquiſitorum, 1587.